



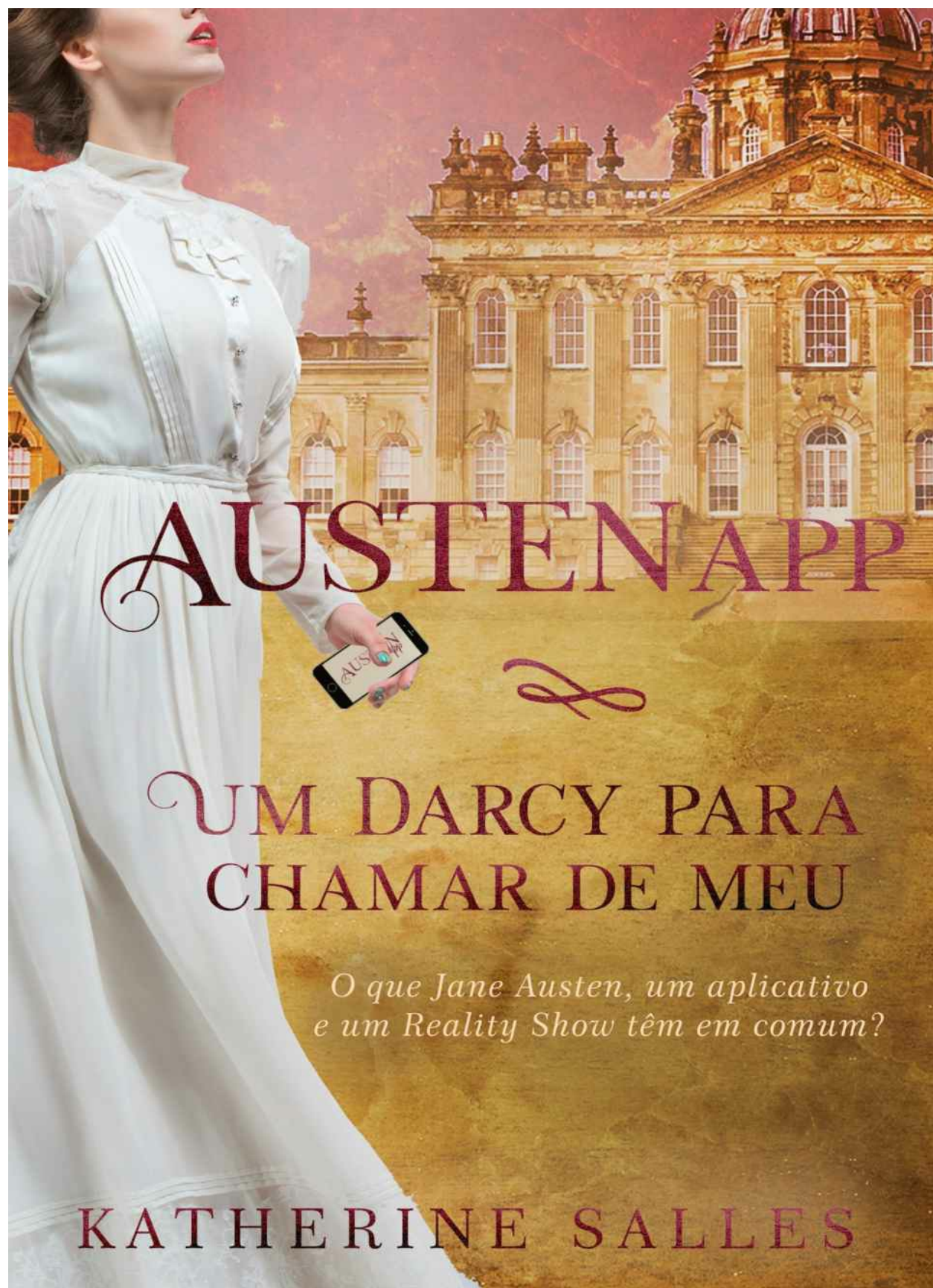
AUSTEN APP

UM DARCY PARA CHAMAR DE MEU

*O que Jane Austen, um aplicativo
e um Reality Show têm em comum?*

KATHERINE SALLES





AUSTEN APP



UM DARCY PARA CHAMAR DE MEU

*O que Jane Austen, um aplicativo
e um Reality Show têm em comum?*

KATHERINE SALLES

Copyright @2019 Katherine Salles

1º edição

Título: “Austenapp – Um Darcy para chamar de meu”

Capa: Laura Machado

Revisão: Aisha Andris

Diagramação: April Kroes

Todos os direitos reservados a Katherine Salles.

Proibida a reprodução de todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo Extra 1](#)

[Capítulo Extra 2](#)

[Receita de Conish Pasty À Brasileira](#)

[Referência Biográficas](#)

[Agradecimentos](#)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Jane, que carrega o mesmo nome da autora que inspirou essa história.

PRIMEIRA PARTE

O AUSTENAPP, A CONTAGEM REGRESSIVA PARA A VIAGEM A
BATH E PARA O TCC

(APOSTO QUE ESSE É O MAIOR TÍTULO DE UMA PARTE
DE LIVRO QUE VOCÊ JÁ VIU)

*“Os homens tomaram para si todas as vantagens sobre nós
ao poder escrever sua própria história.”*

- Jane Austen



BEL

Se eu gostava de homens mais velhos? Mas é claro que sim! De preferência uns duzentos anos. Se fosse solteiro e em posse de boa fortuna, então... Entretanto, essa última parte era dispensável, afinal moças do século XXI fazem suas próprias fortunas.

Bem, é isso que dá viver rodeada de cavalheiros bem educados e bonitos: quando você conhece um cara real – leia-se de carne e osso e não de papel, tinta e imaginação – que no meio de uma conversa te pergunta sobre as novidades e pede uma foto “de agora” (imagine aqui um emoticon revirando os olhos), simplesmente não parece valer a pena trocar uma série debaixo das cobertas por um cinema ou fast food na praça de alimentação de um shopping em companhia duvidosa, que dirá por uma balada. Foi por esse e por outros motivos que me tornei uma solteira convicta muito cedo. Eu concordava que ainda era precipitado me dar esse rótulo, mas gostava dele, por isso o assumi como uma espécie de título de nobreza, algo como “Princesa Convicta” ou “Condessa Convicta”. Observação: eu sou uma plebeia.

Entre um capítulo e outro de Orgulho e Preconceito (que estava relendo pela milésima vez para me inspirar uma história nova), enviei uma mensagem para Ana Catarina, melhor amiga e também cunhada. Se você pesquisar Rainha Elizabeth no Google, verá que a versão brasileira do nome dela é Izabel, o meu nome. Ou seja, se eu fosse Elizabeth Bennet, Catá (apelido de Catarina) seria, sem dúvidas, a minha Jane.

– Tenho um baile amanhã à noite, quer dizer, uma balada.

Aniversário de uma garota da faculdade.

***Ela vai fazer na própria casa, que dizem ser enorme,
e contratou até um DJ.***

***Vou só para não fazer desfeita,
mas já estou prevendo o sono que vou sentir.***

– Pensa no lado bom...

se é aniversário, vai ter coxinha.

– Isso me conforta!

– Conforta a todos nós.

*Aproveita pra esfriar um pouco a cabeça,
quem sabe lá, no meio da batida da música,
você não tem a grande ideia pro seu TCC?*

*Jane Austen teve a ideia para escrever
Razão e Sensibilidade durante um baile.*

*– Nunca li nada disso nas biografias dela,
você acabou de inventar, não é?!*

Minha Internet caiu antes que minha amiga pudesse responder que sim, ela tinha inventado aquela afirmação, e eu larguei o celular em cima da cama bagunçada pelos livros de pesquisa que eu abria e fechava sem que nenhuma informação relevante penetrasse meu cérebro. Ah, a difícil vida dos universitários!

Fora Jane Austen quem me unira a Ana Catarina e a transformara em minha cunhada dois anos antes, desta forma a considerava nossa fada madrinha. Catá era fanática como eu, mas ao contrário de mim, ela dera a sorte de encontrar um cavalheiro digno de livros. Falando nisso, meu irmão, Henrique, entrou em meu quarto enquanto eu pensava em voltar aqueles tijolos para a escrivania para, no dia seguinte, devolvê-los à biblioteca da faculdade. Toda vez que eu saía de lá, me sentia como Matilda, a protagonista do meu filme preferido da Sessão da Tarde, quando ela enchia seu carrinho de livros e percorria o caminho de volta para casa. Bibliotecas eram meu lugar favorito no mundo.

– Estou com tantas saudades da Catá – disse meu irmão se sentando no único espaço vazio da cama. Rique costumava repetir isso com frequência, e depois ficava enaltecendo as qualidades da namorada, qualidades essas com as quais eu concordava.

Ele sim daria um ótimo Príncipe, embora eu jamais tenha tido coragem de falar isso, afinal meu papel de irmã era sempre dizer o contrário e

implicar o máximo possível, alegando que ele tinha sido encontrado em uma caçamba de lixo – quem nunca fez isso com o próprio irmão que atire a primeira pedra. Minha amiga tirou a sorte grande ao encontrá-lo, eles formavam o tipo de casal irretocável, pelo menos aos meus olhos, e não seria a distância física que os afastaria.

– Você vai trabalhar amanhã? – Rique perguntou com um pacote de biscoito na mão, que logo fechou por ser contra se alimentar no quarto devido aos eventuais farelos.

– Amanhã é sábado! – exclamei ajeitando os óculos no rosto. Só a possibilidade de ter mais um dia útil para enfrentar naquela semana, já me deixava atordoada.

– É mesmo! – ele jogou os pés para o outro lado e esbarrou em um par de sandálias que eu havia experimentado há pouco, cogitando calçá-lo na festa do dia seguinte. – Você precisa dar uma arrumada nesse quarto aqui, está meio... bagunçado.

Rique era o organizado da casa, suas gavetas eram arrumadas por cores, da mais escura à mais clara, e não era sem irritação que eu o assistia observar as nuances do meu quarto com um certo olhar crítico. Minha organização passava longe do modo dégradé.

– Ei, tá tudo bem? – perguntei ao perceber que ele parecia ensaiar algo, como se tivesse medo da minha reação às suas palavras pretendidas, e eu sabia que não tinha ido até ali para criticar meu modo desorganizado de ser, até porque, convivíamos há mais de duas décadas, ou seja, tempo o bastante para estarmos acostumados um com o outro.

– Estava pensando em te apresentar um amigo meu.

Eu sabia bem onde ele queria chegar, e isso me irritou. Rique sempre foi um irmão intrometido, mas nunca em relação à minha vida amorosa, quer dizer, à minha *não vida* amorosa.

– Como assim?

– Apresentar, ué! Aí quando a Catá vier nos visitar, podemos sair em casais. Sabe como é, não existem mesas com três cadeiras em restaurantes, apenas com números pares. Eu namoro à distância, vai que você também namora e ainda não sabe... você aqui no presente e seu namorado no futuro.

Estava mais para *no passado*.

Ele, assim como eu, utilizava o sarcasmo com frequência.

– Eu pareço desesperada?

Rique fez uma expressão de dúvida, como se não tivesse compreendido minha pergunta.

– Hein?! – questionei novamente. – Responda! Pareço desesperada por um namorado? – apontei para meu próprio rosto para que ele procurasse em minha expressão facial o menor traço de desespero.

– Não! É claro que não. Também não precisa se ofender – ele arqueou as sobrancelhas.

– Olha, Henrique – falei o nome inteiro para dar o tom grave necessário. – eu não preciso de ninguém ao meu lado. Fico contente que você esteja feliz com o seu relacionamento, mas isso não é regra, beleza? – agora fiz o sinal clássico com os dois dedos para ilustrar a pergunta.

– Fala isso pra mãe, porque foi ela quem me pediu pra te “oferecer” – ele fez o sinal das aspas com os dedos, gesticular demais era uma característica familiar – um amigo meu.

Isso não me surpreendeu. Minha mãe, assim como as moças das antigas, se casou assim que completou dezoito anos, e alguns anos depois teve meu irmão, seu primeiro filho. Eu havia passado um pouco dessa idade, e não era isso que a assustava, mas a minha falta de animação em mudar meu status de relacionamento nunca antes alterado. Já a mim, o que assustava era que em pleno século XXI as pessoas ainda se preocupassem com isso. Depois eu, leitora voraz de Austen, é que era retrógrada.

– Ela já subiu do restaurante?

– Não! – Rique respondeu.

O negócio da família pertencia ao meu falecido avô, pai do meu pai. A casa do norte e restaurante “Norte & Angi” era uma homenagem à minha falecida avó paterna, que se chamava Ângela. Não, eles não eram fãs de Jane Austen e de seu romance satírico/gótico, foi apenas uma coincidência que faria facilmente um trocadilho com Northanger. Meus avôs vieram do Norte para o bairro de Santa Teresa na década de sessenta, e na zona central do Rio

de Janeiro estabeleceram um pedacinho do Norte do país. Tanto meu pai quanto minha mãe trabalhavam lá, assim como eu até ingressar na faculdade de Letras e conseguir um estágio na área.

Mas não era só isso, nossa família também morava na parte assobradada (e não assombrada) do local, o que era uma dádiva nas manhãs em que um de nós dormia um pouco mais do que o previsto.

– Não vai brigar com ela! – meu irmão pediu. – Ela não faz por mal.

– Ah, claro! – respondi irônica.

Desde que eu me conhecia por gente, havia ao meu redor a busca incessante para que eu me tornasse uma princesa, mas o máximo conseguido foi que eu me apaixonasse por bibliotecas como a Bela. Agora, a procura de minha mãe era pelo meu príncipe. Porém, ela não levava em consideração que eu não estava nem um pouco a fim de ser mantida em cárcere privado por um homem com rosto de animal, mesmo que fosse em um castelo.

– É só o jeito dela. Muitas mães são assim – ele sempre tentava apaziguar todas as discussões familiares e, eu, com pena, cedi, embora estivesse chateada.

– Fica tranquilo!

Rique se encaminhou para a porta.

– Bel! – disse se virando e lançando sobre mim os olhos negros iguais aos meus.

– Oi!

– Tem toda razão. Você não precisa de ninguém!



ANA CATARINA

*– Estou com saudades.
Não me disseram que
namoro à distância era algo tão difícil.*

*– Se tivessem te dito,
você desistiria?*

*– Se tivessem me dito,
eu teria me preparado melhor
pra me mudar para sua cidade.*

Minha chefe se aproximou e eu escondi o celular debaixo do balcão. É bem politicamente incorreto ficar trocando mensagens românticas na hora do expediente, e eu sabia disso, mas a vida também é feita de pequenos gestos de rebeldia. Lydia Bennet que o diga.

“Tô deixando de te seguir, você não posta mais fotos.”

Era esse tipo de mensagem que eu, uma Instagramer (pessoa que possui um perfil popular no Instagram) falida, recebia todos os dias. Ah, os tortuosos caminhos da Internet. Uma hora você está por cima, outra você está por baixo, ou em palavras mais literais: uma hora você tem curtidas, em outra simplesmente não tem. Semanas antes, eu havia marcado um encontro de seguidores do @EuJaneite em um shopping. Se arrependimento matasse, essa seria uma história psicografada, pois quando cheguei ao local combinado, não havia ninguém lá, e essa era a gota que faltava para que eu me considerasse oficialmente uma influenciadora digital decadente.

Trabalhava em um pet shop durante a manhã e à tarde, mas não dava banho e nem tosava os animais, ficava mesmo é na recepção, preenchendo cadastros e marcando horário para os cachorrinhos peludos das madames da cidade. De lá eu ia para a faculdade de Jornalismo – estava terminando o

quarto semestre, ou tentando terminar.

A correria da vida não estava deixando que eu me dedicasse ao @EuJaneite (o nome veio por causa de uma série que eu assistia na adolescência, onde uma garota decidia produzir um programa e postar na Internet, só que ao invés de vídeos, eu fazia fotos trajando roupas do século XIX. ^[1]) como eu me dedicava antes.

Na casa da minha madrinha havia um cômodo que eu fazia de estúdio, e com a ajuda do Photoshop regido por um amigo meu, Will, as fotos tiradas lá me faziam parecer estar em Pemberley. Era esse meu diferencial entre as tantas celebridades virtuais: enquanto elas tiravam fotos trajando jeans, eu tirava vestindo anáguas e vestidos de manga bufante. E era por isso que, apesar de eu não ser como elas, também tinha meus seguidores.

Eu definitivamente não era o padrão de beleza das top models (me faltava pelo menos 20 cm na vertical), só que nada que uma produção não resolvesse, até porque, esse era justamente meu charme.

Talvez minha decadência virtual tenha acontecido porque os tutoriais de “como fazer uma maquiagem à la século XIX” ou “como fazer uma decoração vintage no seu quarto gastando pouco” tivessem começado a parecer fúteis com a vida real que passara a viver desde que começara a trabalhar e a fazer faculdade.

Mesmo assim, achei que meu futuro estivesse na comunicação, pois gostava de falar, de ser ouvida e também de ouvir, o que não era possível com fotografias. Minha mãe costumava dizer que desde criança eu não fechava a matraca, e sempre repetia, para minha desgraça social, que aos quatro anos de idade resolvi contar para os nossos parentes que havia lavado as mãos na água do vaso sanitário. Mas, justiça seja feita, também sempre a escutei quando ela queria chorar as pitangas, e isso acontecia com bastante frequência. Principalmente depois que cresci.

– A senhora marcou hora? – perguntei a uma mulher com um dálmata que passou direto pela recepção para a sala de espera. Ela não era a Cruella, nem tinha metade do seu glamour. Isso era vida real!

– Não! – respondeu. E tive que interromper meus pensamentos para explicar que era preciso agendar o tratamento para seu cãozinho que, diga-se

de passagem, parecia muito mais civilizado do que a dona, e me lançou um olhar que parecia dizer “desculpe por não ter adestrado minha mãe direito”.

Eu estava na fase de me perguntar como as pessoas conseguem trabalhar, estudar e ainda namorar. Porque, naquele momento, não estava conseguindo me dedicar nem um pouco a Rique, e o fato dele morar a cerca de 450 km, não ajudava muito. A última vez que a gente se vira, fora quando ele viera passar um mês de férias comigo. Logo depois ele conseguira trabalho como arquiteto. Modéstia à parte, mesmo recém-formado, ele arrasava nos projetos de residências, e até eu que tenho alma de Lizzie Bennet, queria me casar com ele (não só) pelo fato de que seria o máximo morar numa propriedade estilo regencial.

Mas esse era um sonho distante, por enquanto eu era só uma personalidade da web frustrada (a cada semana perdendo alguns seguidores – os duzentos e cinquenta mil agora eram cento e cinquenta) com problemas no relacionamento, que detestava o seu emprego e queria simplesmente sumir.

Eu estava reclamando de barriga cheia, eu sei. O desemprego lá fora era crescente e quem tinha seu trabalho que agarrasse o velho ditado “ruim com ele, pior sem ele”.

Mas, você pode estar se perguntando como começou minha paixão por Jane Austen? Bem... eu sempre gostei de coisas antigas. Lembro de quando tinha dez anos e minha mãe me levou ao Museu do Ipiranga. Achei o máximo que Dom Pedro, cara sobre quem eu estudava na escola na época, tivesse morado ali. Fiquei maravilhada com os quadros, os móveis, os cabelos da Marquesa de Santos cuidadosamente guardados por tanto tempo, a estrutura da casa, a aura misteriosa de um passado resguardado com tanto cuidado. Tudo me fascinou. Depois disso foi só "velharia atrás de velharia", como dizia meu padasto. Os trajes de época me deixavam fascinada, tal como seus penteados.

No final do expediente, minha chefe me chamou para conversar. Eu entrei em sua sala, me sentei na cadeira oposta a ela e apenas aguardei a bomba enquanto olhava para a decoração em preto e branco.

– Ana Catarina, quando te contratei havia mais duas candidatas que queriam MUITO essa vaga – começou ela, colocando ênfase na palavra “muito”, embora eu soubesse que era puro exagero, pois uma dessas

candidatas sequer havia ficado para fazer a entrevista. – Mas eu escolhi você!

Ela falava como se tivesse me feito um favor ao me contratar para trabalhar em seu ilustre estabelecimento.

– Sim – concordei para que ela prosseguisse.

– Só que acho que desde o início você não está entregando tudo de si.

"Será que é porque não gosto do meu trabalho?", perguntei a mim mesma.

– Na entrevista você disse que era simpática e desinibida, mas aqui não demonstra isso. Tem faltado carisma com os clientes, aquele contato humano, persuasivo. Aqui nós atendemos pessoas de alta classe, pessoas que estão acostumadas a receber um bom tratamento, a receber atenção.

"Anda, vai! Eu sei que você quer me demitir.". Apesar de não gostar totalmente de lá, me deu um nó na garganta pensar em todos os boletos que aguardavam ansiosos para serem pagos. Eu não queria ser demitida, eu não podia me dar ao luxo de ser demitida.

– Compreendo – respondi juntando toda a dignidade disponível em meu pouco mais de um metro e meio.

– Eu espero que daqui pra frente você seja como me prometeu, e nada menos do que isso.

“Ufa”, pensei ao perceber que toda aquela conversa tinha a única intenção de me assustar, mas tudo o que disse foi:

– Tudo bem!

E depois fui para casa, repleta de gratidão por ainda ter um emprego. Talvez, talvez não, com certeza, ela havia me chamado para ter essa conversa por causa da cliente de mais cedo, aquela que queria ser atendida sem marcar. Depois de ter dito a ela as regras de atendimento, a mulher se enfezou comigo, e eu acabei rebatendo, de forma que havia virado um jogo de pingue-pongue de grosserias. Além disso, como diria Bel (eu havia pegado muito de seu jeito sarcástico através da convivência), também estava andando muito distraída, impaciente e indecisa. Brincadeira, só distraída mesmo, me pegando sempre pensando em como voltar a fazer o sucesso de antes com o que eu realmente gostava. Tomei nota mental de que deveria aprender a levar

desaforo para casa se realmente quisesse manter meu emprego, mas utilizei a função “deletar nota”.

– O mundo não gira em torno do rabo do cachorro da senhora – eu dissera à cliente folgada.

Fora o suficiente para ela chamar a gerente/dona do Pet Shop, a minha chefe.

Quando coloquei os pés para fora de lá e senti o vento fresco do fim de tarde, nem pensei mais nisso.

Tia Rubia, a quem todos chamavam de Rubi, retirando a última letra de seu nome, era minha madrinha de consideração. Toda semana, sem falta, eu dava uma passada na casa dela. Era uma mulher baixinha, roliça e espalhafatosa, com grandes olhos azuis e cabelos longos e vermelhos.

– O nome da cor é marsala – corrigia ela.

Rubi não é nome de personagem de novela mexicana? Se não me engano é alguma mulher avassaladora que faz os homens ficarem aos seus pés. Tudo a ver com minha tia, que continuava trabalhando como manicure no seu próprio salão, mesmo que ele tivesse se tornado um dos mais procurados da região. Foi lá que eu fizera as luzes nas pontas dos meus cabelos no mês anterior.

– É *ombre hair* – ela corrigiu mais uma vez.

Tia Rubi era modelo plus size, e vez ou outra estampava alguma campanha de moda. No começo do meu Instagram, eu a acompanhei em uma dessas sessões, e as fotos que tiramos juntas receberam muitas curtidas. Eu havia herdado dela a fotogenia, embora não tivéssemos laços sanguíneos.

– Me irrita que nesses livros que você lê não tenha mulheres gordinhas. Será mesmo que há duzentos anos todos eram magros mesmo comendo bacon no café da manhã?

Eu concordava com ela.

Aliás, a vida de tia Rubi era interessante em vários sentidos, lembro de uma vez, quando eu era pré-adolescente e ela foi fazer um cruzeiro. Na época seu salão era pequeno e ela parcelou em sei lá quantas prestações. Foi sua primeira e única viagem internacional. Voltou cheia de histórias sobre um

tal capitão charmoso que conhecera em alto mar. Desde sempre, me apoiou em tudo, até mesmo quando fiz uma tatuagem, embora ninguém entendesse que contorno preto era aquele, eu sempre tinha que explicar que era o busto de Jane Austen desenhado no meu braço. Ou mesmo quando minha mãe apontava os perigos de uma menor de idade se expor em fotos na Internet.

Essa tatuagem era um registro da minha amizade com Bel. Nós a fizemos juntas quando nos conhecemos. Eu parei naquela enquanto minha amiga continuou rabiscando os braços.

Tia Rubi morava num apartamento no quinto andar de um prédio. Apesar de eu preferir casas, o apê era muito fofo e aconchegante. Mesmo sendo pequeno, tinha um quarto para mim, onde eu dormia quando ia até lá para ficar, e inclusive guardava algumas roupas no armário comprado exclusivamente para mim (minha mãe sentia ciúmes e dizia que isso era uma armadilha para que eu fosse morar lá de vez, o que era uma vontade minha). Sempre que ia visitá-la, tia Rubi insistia em fazer as minhas unhas. Naquela noite, entre uma esmaltada e outra, ela perguntou:

– E o namoro?

Eu respondi que estava tudo bem e ela fez uma cara de surpresa. Desde que começara a namorar, ela vinha com esse papo, mesmo que tivesse gostado de Rique quando o conhecera. Ninguém em sã consciência diria que não combinávamos, pois ele também era o maior admirador de Jane Austen, contrariando a ideia machista de que só mulheres leem seus livros. Rique era um cavalheiro deliciosamente fora dos padrões.

– Não achei que um namoro à distância fosse durar tanto – disse ela. – Já te contei sobre a vez em que namorei um cara que conheci no falecido Orkut?

Não, ela não tinha contado, mas eu já sabia que tia Rubi era dada a essas aventuras na web, tanto que ela foi minha primeira apoiadora no @EuJaneite. O que minha mãe não tinha de moderna, ela tinha, mas ao contrário do previsto, minha mãe era quem apoiava e incentivava cem por cento meu namoro enquanto tia Rubi torcia o nariz para ele.

– Então, a Internet ainda era mato, fiz meu cadastro e no mesmo dia conheci um cara. Ele era lindo, começamos a conversar e a nos falar todos os

dias.

Ela fez uma pausa dramática, esperando que eu estivesse super curiosa pela sua história, e eu realmente estava, apesar de já saber que ela acabaria mal.

– Depois de um tempo escrevendo *scraps* e depoimentos um para o outro, nós marcamos de nos encontrar pessoalmente, e ele veio para cá. Isso foi na época em que tinha aquelas bonequinhas virtuais que faziam atividades como andar de bicicleta e dançar. Sinto falta disso nas redes sociais, mas... vida que segue! Hoje temos os memes para nos alegrar. As pessoas eram realmente felizes antes dos memes?

Esperei que ela dissesse que ele era feio e estranho, risco que eu não corria com Rique, já que o conhecera pessoalmente antes de tudo e por isso sabia o quanto era lindo e cheiroso e como sua barba era sexy.

– Ele era um *gentleman*– continuou. – Nunca me senti tão bem tratada na vida, paparicada mesmo. Isso alimentou meu ego, é claro!

Torci pra que ela encurtasse a história – minha tia era uma pessoa faladeira, e talvez eu tivesse puxado para ela – e pulasse diretamente para o final. Para minha sorte foi exatamente isso que fez.

– Durou alguns meses, até que tirei férias e fui fazer uma surpresa a ele, indo para sua cidade sem avisar. Resultado: ele estava namorando outra, que inclusive estava com ele quando apareci na portaria do seu prédio. Disse que não era fácil namorar à distância, que o ser humano é carente, etc. O pior é que ele tinha razão.

“O pior é que ele tinha razão.”, essa frase ecoou na minha cabeça.

– Está falando de sexo? – perguntei.

– Estou falando de química – ela concluiu. – Átomos e elétrons não podem agir virtualmente.

– Isso não é estudado em física?

Ela deu de ombros.

– O que quero dizer é que bocas não podem se beijar pelo computador.

A história mexeu comigo. Rique não era o tipo de cara que fazia o que

o estelionatoário de corações do Orkut fez, mas de fato, fiquei insegura, afinal não é fácil estar a quilômetros e quilômetros de distância de quem se ama. Voltei para casa pensativa e com vontade de pegar um avião para a cidade maravilhosa, ou que ele pudesse vir até mim para matarmos aquela maldita saudade. Mas nem sempre a vida real nos proporciona majestosos bailes onde podemos trocar olhares com o ser amado entre uma dança e outra, e sim contas e mais contas para pagar e provas da faculdade.



BEL

Era sábado, meu dia de folga. A manhã estava ensolarada, porém ainda assim fiz hora extra na cama. Eu merecia, vai?!

Mas levantar se tornou inadiável com a chegada da tarde, e eu fui direto para o banho, onde hidratei meus cabelos ressecados com um produto caro que minha mãe havia comprado, afinal tinha uma festa mais tarde, e não era aniversário de nenhum dos meus primos com menos de doze anos.

Logo depois, ainda com os cabelos molhados, chamei um Uber para me levar até a casa da minha avó (me dei a esse luxo com os últimos reais que tinha em minha carteira com estampa de bolinhas), que não era tão longe dali. Pedi que o motorista parasse no caminho, onde havia uma padaria que vendia frango assado. Eu poderia ter pedido para minha mãe preparar uma comida especial para que eu levasse para minha avó, mas desde a minha infância ela era fanática pelo frango daquela padaria, e, o tempo, apesar de ter tirado muitas coisas dela, não havia lhe tirado esse gosto.

– Vovó! – eu disse quando entrei.

– Izabel, querida! Não ouvi o trote dos cavalos lá fora. Não veio de cabriolé?

A mãe de minha mãe sorriu com seus trajes da Era regencial. Minha avó era o alicerce da família, mas o mal de Alzheimer ceifou uma parte dela de nós. Isso não nos impediu de continuar amando a parte que restava, e prometemos que assim continuaria até que aquela pessoa alegre, divertida e inteligente, desaparecesse por completo.

Lady Olga, como ela gostava de ser chamada, vivera a juventude lendo a obra de Jane Austen, e repassou essa paixão aos netos. Ao invés de ler contos de fadas e fábulas para nós antes de dormirmos, ela lia versões infantis de Orgulho e Preconceito e dos outros romances, transformando Pemberley e as demais propriedades em universos lúdicos para onde desejávamos ir.

Quando a doença começou a se manifestar, minha avó passou a viver

gradativamente no século XIX, e seu cérebro realmente acreditava nisso. Ela não aceitava nenhum tipo de modernidade.

Sua casa era uma propriedade pequena, mas decorada ao estilo regencial. Os móveis, as escadas, a parede onde quadros estavam pendurados, tudo era feito para que quem ali entrasse se sentisse no passado. Apesar de parecer algo interessante e divertido, eu não conseguia pensar assim, e era com tristeza e aperto no coração que eu olhava para tudo ali.

– Seu irmão está bem?

– Sim!

– E por que não está junto a nós?

– Ele está trabalhando, vó.

Rique sempre me acompanhava nas visitas.

– O trabalho dignifica o homem. Não apenas pelos rendimentos anuais que ele alcança com sua ocupação, mas pela mudança que proporciona à sociedade.

– Concordo com a senhora.

– Henrique é, decerto, um verdadeiro cavalheiro. E você, minha neta, é uma dama e tanto.

Sorri em agradecimento.

– Seus pais não erraram em sua criação.

– A senhora também tem o seu mérito nisso, não é mesmo?!

Almoçamos sozinhas à mesa, e após alguns minutos de conversa, me despedi e retornei ao século XXI.

– Como foi o almoço? – meu pai perguntou na volta, quando passei pelo restaurante.

– Bom! – respondi.

Já em casa, me arrumei para a festa e percebi que os produtos que estavam no armário do banheiro eram realmente bons, pois meus fios de cabelo estavam mais brilhantes e vivos.

– Oi! – minha mãe disse.

Ela havia subido logo depois de mim. O almoço na casa do Norte costumava ser animado aos sábados.

– Trouxe isso pra você.

Peguei a sacola que ela me estendeu e de lá tirei um vestido preto um tanto quanto justo. Minha avó, se me visse vestida assim, teria ficado escandalizada.

– Soube que você ia sair hoje, e dei uma fugidinha para passar em uma loja e comprar isso aqui.

– É lindo, mas eu pretendia esperar o ônibus na esquina, se é que você me entende.

– Não, eu não entendo.

Então eu expliquei:

– Vão me confundir com uma garota de programa.

– Não seja machista, Izabel. Eu não te criei assim.

“Criou, sim.”, pensei. Mas ela estava certa, tinha sido um comentário estúpido. Respondi:

– Não se trata de machismo, mãe. Infelizmente é a realidade da vida.

– O vestido fica três dedos acima do joelho.

Mais uma vez ela tinha razão, não era tão justo assim, nem vulgar como eu imaginava.

– Não seja antiquada como a sua avó.

– Ela não tem culpa – defendi. Às vezes, minha mãe parecia insensível à situação de Lady Olga, que era sua mãe.

– Está certo. Desculpa, fui infeliz no que disse – ela parecia realmente arrependida.

– É, realmente foi.

– Vai experimentar.

No corpo, o vestido ficou até que bem decente e bonito, embora não fosse meu estilo. Mas, para ser sincera, nem eu mesma sabia qual era o meu estilo, pois geralmente eu usava jeans rasgado e camiseta, ousando apenas em

algumas bijuterias de camafeu que ficavam penduradas em meu pescoço e orelhas. Me senti constrangida quando saí do banheiro vestida com ele e percebi que minha mãe estava me esperando no quarto para ver o resultado de sua armadilha benigna, ou nem tanto.

– Você está linda!

– Obrigada!

Sozinha, terminei de me arrumar, e quando estava na porta de casa, ela me disse:

– Vê se fica com alguém!

Me perguntei se eu realmente tinha escutado aquilo. Era a segunda vez em menos de vinte e quatro horas que me cobravam algum tipo de relacionamento. Repeti as palavras dela de pouco antes:

– Não seja machista, mãe. Você não me criou assim.

– Como assim, o que eu falei demais?

– Essa sua cobrança para que eu tenha um relacionamento. Isso é... – minha voz ficou áspera – irritante.

– Não é cobrança, Izabel. Eu só não quero que você fique...

– Fala. Continua!

Ela ficou em silêncio.

– Você não quer que eu fique...

– Sozinha para sempre.

– E qual problema de ficar? Por acaso cabem duas pessoas em um caixão?

– Não há problema nenhum, eu só... ah, você está me deixando maluca.

Quando o ônibus chegou, eu dei o sinal, lamentando que não tivesse dado para terminar a discussão. Odiava deixar as coisas pela metade, e odiava ainda mais me sentir pressionada a fazer algo. Antes, quando Catarina e eu éramos solteiras juntas, eu me sentia totalmente confiante, mas depois que ela começou a namorar Rique, passei a me sentir insegura com minha própria solteirice, apesar de amá-la. Talvez eu sentisse uma pontinha de inveja da

minha amiga, ou ainda, talvez eu estivesse sendo levada a acreditar nisso. Pedi ao cobrador que me avisasse quando chegasse a determinado ponto, pois eu não conhecia a região, e por isso fiquei próxima à porta.

– A sociedade é um saco – eu disse a ele em uma das curvas.

– Falou comigo, moça?

– Eu disse que acho a sociedade um saco, você não acha?

– Acho, sim. Você quer uma bala? – ela perguntou tirando uma do bolso.

Me lembrei das recomendações de infância sobre não aceitar nada de estranhos.

A casa de Lidianne, a aniversariante, ficava em Botafogo e era enorme, uma verdadeira mansão. Meus olhos pararam nas luzes piscantes que ilustravam o ambiente através das janelas. Uma muralha de pessoas cercava a porta, e não foi sem dificuldade que adentrei o local e a procurei.

– Você veio! – exclamou ela com um copo enorme na mão. Seus cílios postiços pareciam aranhas em seus olhos. – E está linda!

Eu a abracei e lhe dei o presente, um perfume comprado em um shopping, dois dias antes. E a partir dali começou minha saga contra a vontade de ir embora antes de quarenta minutos de festa, praticamente uma prova de resistência.

– Fique à vontade, viu?!

– Obrigada!

Me sentei no sofá da sala ampla e observei os jovens (ops, eles tinham a mesma idade que eu) dançando em cima do tapete fofinho que os pais dela provavelmente haviam pagado muito caro, assim como em tudo ali. Lidianne fazia parte de uma classe de adultos estreantes resguardados pela estabilidade de adultos nem tão estreantes assim. A Internet do meu celular estava boa, e isso já era uma ajuda e tanto.

– Ei! – ela me disse meia hora depois. – Larga esse celular e vem dançar.

– Não! Obrigada.

Mas ela me puxou pelo braço até a pista de dança improvisada antes que eu pudesse resistir mais.

“Merda”, eu pensei. “Merda, merda, merda. Por que eu vim? Eu só queria estar no meu quarto, assistindo um filme, lendo ou sei lá.”

Me resignei e tentei juntar minhas forças para dar alguns passos,. Não é que funcionou?! Eis que a dona da casa disse:

– Você dança?

Fiquei com vergonha de confessar que sim, eu dançava. Havia aprendido no salão do restaurante dos meus pais.

– Bel! Você arrasa.

– Ah, para! – fiz um gesto com o braço, aquele que denota modéstia.

Voltei a sentir vergonha, mas continuei na pista, pois estava contagiada pela música que agora não era mais eletrônica, e sim um hit do pop: “Girls just wanna have fun”, da Cindy Lauper. Eu adorava os anos 80 quase tanto quanto a Era Regencial; admirava suas luzes neon, suas roupas coloridas e cortes assimétricos de cabelo.

Senti a música entrar no meu corpo durante todos os acordes, e só no final dela caí em mim e me dei conta de que estava em público. Alguns metros à frente, ouvi a voz de Lidianie falando disfarçadamente com um rapaz alto:

– Achou ela bonita, é?! Quer que eu te apresente?

– Eu?

– Sim. Não parava de olhar enquanto ela dançava. O que achou?

– Tolerável – ele respondeu. – Não perde tempo comigo, Ari! Não sou muito de dançar se puder evitar.

Ele disse “tolerável?”, pensei. Sinceramente, na hora não soube se me sentia ofendida, lisonjeada, ou ainda, se me perguntava se tinha escutado certo. Foi exatamente essa a palavra que Darcy usou para se referir a Lizzie Bennet. E as circunstâncias também eram bem parecidas. Porém, eu já havia vivido o bastante para saber que a vida não era um romance de Jane Austen. Estava mais para a história da Cinderela, pois à meia-noite a carruagem viraria abóbora, quer dizer, o último ônibus para Santa Teresa passaria.



ANA CATARINA

A segunda-feira chegou e eu passei esse dia remoendo as palavras da minha madrinha.

Esperei dar a hora de Rique chegar do trabalho. Minha aula tinha sido suspensa por causa de um temporal que havia causado trânsito na cidade inteira impedindo o professor de chegar a tempo. Eu estava na terra da garoa ou da tempestade? Não tinha mesmo cabeça pra estudar, e por isso podia sem sacrifícios ficar em casa numa boa com os pés para cima.

Ao entrar, me deparei com a cena clássica de minha mãe sentada à máquina de costura que ficava no canto esquerdo da nossa sala pequena; de resto, ali só cabia um sofá, a poltrona exclusiva do meu padrasto, e um rack com a televisão. Ela trabalhava em uma fábrica de confecção de roupas, e nas horas vagas pegava todos os consertos (pregar botões, arrumar bainhas, etc) possíveis para fazer um dinheiro extra. Isso aumentava a pressão sobre mim, que precisava ajudar em casa para não sobrecarregá-la ainda mais.

– Mãe? – eu perguntei.

– O que foi? – só então ela notou que eu havia entrado, tão absorta estava no trabalho. Manoela desviou os olhos da máquina e me fitou por inteiro como se me perscrutasse.

Pensei se devia tocar no assunto com ela ou simplesmente ignorar as caraminholas que minha madrinha havia colocado na minha cabeça.

– Fala, Catá!

– Você acha que relacionamento à distância dá certo?

– Pra você tem dado, não tem?

– Tem, sim.

– Então... – ela ligou a máquina mais uma vez, e o barulho me impediu de continuar o assunto.

Eu ia para o quarto quando ela disse levantando os olhos do tecido fino:

– Na hora do jantar, tenho algo importante pra te dizer.

– O que é?

– Na hora do jantar. Quando o Marcelo chegar nós falamos.

Ela ligou novamente a máquina, e o tilintar sobre o tecido acabou o assunto ali, me deixando curiosa sobre o conteúdo dessa tal conversa. Torci para que não fosse o anúncio de uma gravidez, e sabia que possivelmente não era, o que me tranquilizava. Minha mãe não era a melhor pessoa com quem discutir sobre um relacionamento, definitivamente não.

Em outros tempos, eu estaria vestida nos meus trajes de época, me preparando para tirar fotos, mas naquele momento não havia inspiração para isso. Minha madrinha fazia os penteados da Era Georgiana como ninguém, e eu sentia falta de ver meus cabelos sem aquele coque solto nada elegante que eu mesma fazia pela manhã.

Ao sentar na minha cama, pensei no último dia que passara no Rio de Janeiro com Rique, quando andamos de Barca, como no conto de Lygia Fagundes Telles que eu havia estudado para o ENEM anos antes.

Olhei para a parede lilás e planejei mudar de cor, pois já havia enjoado daquela.

Pinguei algumas gotas de um remédio para dor. Uma das coisas que me dissuadia de desejar viver em outros séculos, era imaginar como eram terríveis "*aqueles dias*" naquela época. Mas pelo menos aquilo colocava um fim na minha tensão pré-menstrual, não que tivesse a ver com a confusão da minha mente. Ou será que tinha?

Enquanto o remédio fazia efeito, chamei Bel para conversar e, papo vai, papo vem, ela disse:

– ***Parei de pintar o cabelo de preto.***

– ***Ah, é?! Quando?***

– ***Hoje.***

– Você pintou o cabelo hoje e diz que parou de pintar?

– Não. Aí é que está. Eu não pinte.

Fiquei contente por ela estar assumindo os fios acobreados que eu tanto adorava (Bel pintava os cabelos de preto religiosamente há alguns anos, mas quando eu a conhecera, eles eram completamente naturais), já o irmão era naturalmente moreno, a não ser pela barba (minha perdição) que era um pouquinho mais clara. Apesar disso, Bel e Rique tinham semelhanças nas feições: o nariz com a pontinha quadrada era o mesmo em seus rostos, assim como os olhos negros e acolhedores.

Passou um pouco das oito. Rique costumava chegar às sete e meia, hora em que eu estava entrando na faculdade. Quando chegou (ufa, finalmente), ficou online e me disse “Oi”. Eu respondi pensando na história de amor da minha madrinha nos tempos do Orkut. Pulei a parte de “como foi seu dia?” e fui direto ao assunto.

– Você demorou!

Na mesma hora me arrependi do que disse.

– É porque fizemos uma reunião para discutir algumas coisas. Você não teve aula?

Eu disse secamente (e sem emojis) que não.

– Temporal na cidade de São Paulo. Nada de novo debaixo do sol.

Ignorei minhas paranoias e continuei conversando com ele até a hora do jantar, que era quando meu padrasto (cuja presença me causava náuseas) chegava em casa. Estava curiosa para saber o que minha mãe tinha para contar de tão importante que exigia uma reunião em família.

Assim como a sala, o restante da nossa casa não era grande, embora houvesse um quintal na frente. Mas graças à reforma que havíamos feito dois anos antes, eu não precisava mais dividir o quarto com meus irmãos como dividia antes. Era duro ter que passar horas tentando tirar uma foto decente porque os pestinhas passavam de propósito na frente da câmera, balançando o tripé. Agora, um pouco mais crescidos, os gêmeos Júlio e César continuavam a pentelhar minha vida.

– Não foi à igreja? – perguntei à minha mãe. Só agora me dava conta de que era segunda-feira.

– Não! – Manoela respondeu. E eu estranhei, pois ela nunca faltava às reuniões de segunda-feira. – Sente aí!

Mesmo frequentando desde que nasci, minha relação com Deus sempre ultrapassou os limites das colunas com tijolos e reboco. Eu acreditava muito em missão, no poder que temos de compartilhar o que é bom. O problema é que a nossa geração mais curte do que compartilha.

Eu me sentei à mesa e me servi. Era sempre Manoela quem cozinhava, e eu era a dona da louça, a parte mais fácil nos dias quentes, e mais difícil nos dias frios.

– Fala, mãe! Tô curiosa – joguei meu corpo pra frente, demonstrando interesse.

Ela parecia animada após a chegada de Marcelo, meu padrasto, apesar de desgrenhada e cansada (essas duas últimas coisas justificáveis pelo trabalho + buscar meus irmãos na escola e aturá-los em casa, mas eu sabia que seu maior suplício era o casamento).

– Você se lembra da sua avó paterna? – perguntou ela enquanto eu mastigava a carne temperada a molho madeira.

A resposta era não.

Meus pais tiveram uma história meio conturbada. Meus avós de ambos os lados eram contra o casamento do meu pai, que estava quase se formando na faculdade, com uma menina que tinha acabado de terminar o ensino médio. Mas eles se rebelaram e se casaram mesmo assim. Me tiveram apenas alguns anos depois e, quando eu tinha quatro anos meu pai morreu. Eu achava que minha avó nunca tinha perdoado minha mãe por ter levado seu filho caçula de casa, pois ela nunca procurou me conhecer, assim como meu avô.

– Não! Eu não me lembro dela.

– Você só a viu uma vez, e era um pedacinho de gente ainda. Realmente não tinha como lembrar.

– O que tem minha avó? – perguntei, mas tudo o que ouvi foi o som da mastigação da minha família. – Mãe! Fala logo – disse impaciente pelo suspense que ela estava fazendo.



ANA CATARINA

– *Você nunca teve curiosidade de conhecer a família do seu pai?*

– *Curiosidade eu sempre tive, mas sei lá, coloquei na cabeça que se eles quisessem me conhecer, me procurariam, afinal eu era só uma criança quando meu pai morreu.*

– *Agora você é uma adulta linda.*

– *Linda e apaixonada por você. Mas tenho que ir. Estão me esperando!*

Sobre esse diálogo, Bel diria: “Quanta melação.”.



Ainda bem que calcei o par de tênis mais velho que tinha, pois meus pés afundaram em uma lama molenga assim que os coloquei para fora do carro. Era essa a grande novidade que minha mãe tinha para mim, e sem nenhuma ironia, era realmente grande.

O sábado estava ensolarado, diferente da segunda-feira, e Marcelo, meu padrasto, nos levou até ali percorrendo cerca de trezentos quilômetros de carro. Me espantei com sua boa vontade de dirigir tanto por uma causa que nem era dele e por sujar as rodas de seu queridinho (pago em sei lá quantas vezes sem juro), pois, acredite, isso era raro.

Metaforicamente, a casa se situava no ponto geográfico que era a metade do caminho para o Rio de Janeiro, ou seja, era o centro entre mim e Rique. Ponto de equilíbrio. Eu estava romântica demais!

– Que lugar estranho! – disse um dos meus irmãos.

– Por que não tem wi-fi aqui, mãe? – falou o outro, manhoso, copiando seu gêmeo.

Às vezes eles me lembravam aquelas menininhas das cenas clássicas de O iluminado. Eu deveria me sentir culpada por pensar assim em relação aos meus próprios irmãos?

Minha avó paterna morrera dois anos antes, e como nós nunca havíamos tido contato, eu não fui avisada. Só agora, com a notícia de que havia recebido essa propriedade como herança, é que soube que a mãe de meu pai também deixara o mundo sem eu tê-la conhecido de verdade. Não vou ser hipócrita e dizer que me debulhei em lágrimas como fiz quando o meu avô materno morreu (ele sim era muito presente na minha vida), mas a notícia me deixou meio cinzenta, principalmente depois que cheguei à casa que ela deixara para mim.

Um dos meus tios, que eu também não conhecia, mas que tinha um senso de justiça admirável, havia procurado pela minha mãe uma semana antes. Ele deixara com ela alguns documentos. Manoela, por sua vez, não queria nada dessa família, como costumava dizer (havia certo ressentimento em seu tom de voz), mas meu padrasto a convenceu de que era um direito meu, e pela primeira vez na vida concordei um pouco com ele, embora não me sentisse merecedora do que estava recebendo.

E então, dias depois de receber a notícia, eu me sentia uma mocinha de livro clássico, uma Helena do Machado de Assis ou uma Senhora do José de Alencar, descobrindo uma herança surpresa e muito, muito providencial.

Entrando na casa, um forte cheiro de mofo invadiu minhas narinas. Devia fazer muito tempo que ninguém ia até ali. Não sei se é porque gostava de coisas antigas e seu ar nostálgico, mas o fato é que logo de cara gostei do lugar. As paredes estavam tão descascadas que quando passei por elas arranquei o último naco da tintura grossa e antiga, cuja cor era difícil definir.

Era o estilo de casa perfeita para esses programas de obras que

passavam na TV a cabo.

– Talvez uma reforma planejada pelo Rique fosse o bastante para deixar isso aqui habitável, mas haja dinheiro para fazer isso, e dinheiro é uma coisa que eu não tenho – pensei. Foi então que minha mãe deixou escapar que:

– O seu tio também vai depositar um dinheiro na sua conta, referente à venda de uma outra propriedade da sua avó. O dinheiro foi dividido entre os filhos, e como seu pai morreu, você herdou a parte dele.

Depositar um dinheiro? Ok, eu sabia que nessa crise o valor que minha mãe anunciou depois, não era quase nada, mas com o salário que recebia versus as despesas que tinha, levaria uns dois anos para, com sofreguidão, guardar essa quantia. Era nisso que pensava quando percebi a cara que meu padrasto fez pra minha mãe ao ver que ela tinha contado. Algo passou pela minha cabeça, mas eu ignorei na esperança de estar errada.

Os quartos eram três, todos retangulares e amplos. Fotografei cada detalhe para mostrar a Rique e Bel. A casa em si não era tão grande, mas o terreno ao redor dela era enorme, enorme e meu. Apesar das condições precárias em que estava, me senti acolhida ali e imaginei como o lado externo ficaria lindo quando carpíssemos a grama.

– Esses tios aí escolheram a casa mais acabada para a Catarina – disse Marcelo.

– Tem fantasma aqui? – um dos meus irmãos perguntou.

– Mas e aí, vamos vender por quanto? – continuou meu padrasto ignorando o filho.

Olhei pra ele esperando que estivesse brincando. Não que eu fosse uma espécie de idiota egoísta, mas poxa, havia acabado de receber uma herança e o cara já estava de olho nela.

– Nós não vamos vender coisa alguma – respondi corajosamente.

Minha mãe, percebendo que o inevitável embate que estava pra acontecer há bastante tempo era iminente, tentou acalmar os nossos ânimos através da mudança de foco do assunto, uma técnica bastante utilizada por ela:

– Claro que não tem fantasma, Júlio. Eu já te expliquei que fantasmas não existem.

– Mas parece uma casa mal-assombrada, mãe! Igual às aquelas dos filmes.

– Você anda vendo filmes de terror?

Meu padrasto e minha mãe tinham se casado doze anos antes, mas apesar disso nunca o vi como pai. Ele era o tipo de homem folgado, que deixava as contas de casa nas costas da esposa e depois, quando eu comecei a trabalhar, nas minhas, enquanto ele usava seu salário todo com a mensalidade do maior clube da região, onde nadava e jogava golfe (universalmente conhecido como esporte de rico, coisa que nenhum de nós era). Eu já estava *por aqui* com ele, e queria jogar todas essas coisas em sua cara, mas pela minha mãe me contive. Se fosse associá-lo a alguém do universo Austen, seria o fanfarrão Wickham. Porém, se ele fosse apenas folgado, eu estaria feliz; Marcelo, quando contrariado, se tornava também violento.

Teríamos percorrido os trezentos quilômetros de volta pra casa em silêncio se os gêmeos não tagarelassem ao meu redor. Eu havia entendido que a boa vontade de Marcelo era cheia de interesse na minha herança. Me perguntei como não tinha pensado nisso antes. Quanta inocência a minha! Eu merecia o troféu Harriet Smith de tolice.

Assim que entrei em casa, fui direto para o quarto e minha mãe veio atrás para conversar comigo. Sabia que ela pediria que eu fosse mais paciente com o marido, essa era uma cena clássica lá em casa, mas diferente das outras vezes, ela também parecia querer convencer a si mesma a ter paciência. Em seus olhos vi o quanto estava cansada e isso me causou uma dor no coração. Apesar de achar que seria mais nobre poupá-la dessa discussão, aproveitei o calor do momento para ser sincera:

– Vocês iam esconder de mim esse valor, mesmo eu sendo maior de idade, né, mãe?!

– Não é bem assim, Ana Catarina – ela só me chamava pelos meus dois nomes quando estava nervosa ou com raiva. Não necessariamente de mim.

Pelo seu jeito de falar, sabia que eu tinha razão, e que ela queria

admitir, mas não o fez, até eu apertá-la (não literalmente, é claro).

– Ele queria fazer uma segunda lua de mel, você sabe que o nosso casamento não está indo tão bem. O Marcelo tinha ido me buscar quando seu tio apareceu na porta da confecção, e como nós não temos segredos... conversamos nós três.

– Hum! Então ele decidiu que ia ficar com o meu dinheiro e você aceitou? Legal!

– Não foi bem assim...

– Mãe! Foi exatamente assim, SIM! – coloquei ênfase na última palavra. – E o salário dele, vai pra onde? Clube, roupas caras, o que mais? Você paga tudo sozinha, todas as contas, as despesas dos meninos. Ele nunca ajudou em nada. Nunca!

Ela apenas baixou o olhar e eu soube que havia concordado com cada palavra minha, mas não tinha coragem de tomar uma atitude para mudar a situação.

– Ele não vai pegar nada meu – anunciei. – ainda não tenho planos pra esse dinheiro, mas já sei que ele será muito bem usado.

Mesmo que eu o usasse para comprar centenas de pacotes de bala, estava resoluta de que não deixaria meu padrasto encostar um dedo no que era meu.

– Sei que você é ajuizada e vai dar um bom destino a ele.

Minha mãe saiu do quarto sem dizer mais nada.

Peguei o celular e chamei Rique, afinal agora eu tinha sinal. Ele estava curioso para saber como era a casa que minha avó tinha deixado pra mim, e enviei todas as fotos que tirei dela (da casa, não da avó, pois essa segunda coisa seria muito paranormal para mim). O clima entre nós estava bem melhor. Ligamos a webcam e fizemos palhaçadas um pro outro, e então me dei conta do quanto estava com saudades e do quanto estive “perto” dele naquele dia. Metade do caminho.

Depois foi a vez de dar um pouco de atenção a Bel, e enquanto conversava com ela vi os anúncios do Jane Austen Festival, que aconteceria em Bath dali a alguns meses, como acontecia anualmente.

– Você nem me falou como foi a festa da semana passada.

*– Ah! Foi normal.
Um cara me chamou de tolerável.*

– O quê? E você fala isso assim.

*– Tolerável só é elogio no livro.
Na vida real é só mais uma palavra no dicionário,
palavra que significa “mediocre”,
o que não é muito lisonjeiro.
Você sabe, eu sou oito ou oitenta,
prefiro que me achem feia do que mais ou menos.*

*– Para o restante do mundo pode ser,
mas para nós,
tolerável é quase um “eu te amo”,
ou se preferir no original “I love you”. Ele era bonito?*

– Bastante.

*– Deve ser lindo,
então, pra você reconhecer isso.*

– Não vou mentir. Era atraente mesmo.

– Bonito e conhece Jane Austen?

– Não acho que conheça.

*Foi só uma coincidência.
Eu estava dançando e percebi que a Lidianne
(a aniversariante) queria me enturmar.
Estava tocando Cindy Lauper e
quando acabou a música,
a vi falando com esse rapaz enquanto me olhava discretamente,
quer dizer, nem tão discretamente assim, porque eu percebi.*

– Isso significa que ele se interessou por você.

– Ah, não, você também?

– Eu também o quê?

– Quer fazer a Emma casamenteira?

– Você está bem? Parece irritada.

– Não.

– Não está bem ou não está irritada?

*– Muita pressão social para
arrumar um namorado.*

*– Calma!
Eu não quis te pressionar.*

– É bom mesmo!

– De repente você entendeu errado por tanto ler Jane Austen.

Ele pode ter dito "maravilhável."

Se essa palavra não existe, deveria. Ela se aplica muito a você. Você é maravilhável, Bel.

Aliás, você é uma beldade, entendeu? BELdade.

*– Eu ouvi muito bem. Ele foi estúpido mesmo.
Você que acredita demais na bondade das pessoas.*

*– Não é questão de acreditar.
Eu só não deixo os julgamentos me impedirem de ver o que elas
podem mostrar depois de um primeiro momento.
Se não fosse assim, nós não seríamos amigas.*

– Não precisa jogar isso na minha cara, queridinha.

– Quero uma fanfic nova.

FANFIC: abreviação de fanfiction, termo usado para designar a ficção produzida por fãs, sem caráter comercial ou lucrativo, feita a partir de uma determinada história criada por terceiros.

A última frase que eu disse a Bel, foi dita para desviar o foco do assunto, pois eu sabia bem quando ela estava ficando irritada. Desde que ela começara a escrever, eu era sua primeira leitora, aquela que opinava sobre o destino das personagens das fanfics da @Belfanfics, sucesso em uma plataforma literária da Internet.

*– Não tive nenhuma ideia nova.
O TCC tem acabado comigo,
quer dizer, pensar no TCC tem acabado comigo.
Nem tempo estou tendo.*

– Mas eu sei que logo a

criatividade baterá à sua porta.

– *Não quero escrever nada fútil ou superficial, sei lá.
Eu quero dizer algo importante,
quebrar essa imagem de que fanfic (e Jane Austen) são coisas de
gente burguesa que não tem o que fazer.
Quero arrancar o rótulo de mim e
escrever algo como se fosse totalmente novo e que pode mudar o
mundo, mesmo que não seja e não possa.*

– *Você é boa em desafios.
E é a pessoa mais talentosa que já conheci.*

– *Queria tanto terminar isso logo e me formar.
Tanto! Então eu poderia voltar a escrever.
Já pensou numa história minha nas prateleiras de uma livraria?*

– *Você não quer mais escrever fanfics?*

– *Eu quero escrever uma coisa minha, totalmente minha.
Quero não, preciso! As fanfics foram e
continuarão sendo uma parte muito importante na minha vida, mas
preciso amadurecer, sabe? Viver por mim.*

Não contestei, apenas apoiei apesar de saber que sentiria falta das histórias dela no universo Jane Austen.

Em nossa primeira conversa da vida, Bel havia me contado que o termo *Janeite* tinha sido criado pelo (provavelmente) primeiro autor de fanfics de Jane Austen. O nome do pioneiro era Rudyard Kipling, a história se chamava “The Janeites”, e contava o drama de alguns soldados que durante a Primeira Guerra Mundial encontravam conforto lendo os romances de Austen. Eu sabia que muitas outras pessoas haviam encontrado esse tipo de sentimento ao ler os mesmos livros durante guerras pessoais.

*– Não precisa sentir falta, não vou parar de escrever,
só vou testar novos horizontes.
Mas isso só depois, você sabe...
de terminar o bendito TCC.*

Fiquei nostálgica, afinal a @Belfanfics foi a Izabel que conheci primeiro. Para matar a saudade, abri a página dela e escolhi uma pra reler.

"Lizzie Darcy, a sereia".

Tratava-se de uma versão fantasiosa de Orgulho e Preconceito que fez o maior sucesso na Internet. Nela, a personagem principal, durante sua lua de mel com Darcy, vai fazer um passeio romântico num barco. Porém um acidente acontece, o barco vira e, ao se ver em alto mar, Lizzie descobre em si uma anomalia: possui uma cauda. Ela tem alguns segundos para aprender a usá-la e salvar seu marido, e se não conseguir, se tornará a viúva mais instantânea de Pemberley.

"Lizzie Bennet, agora recém Elizabeth Darcy, desfrutava do que a vida tinha de melhor para oferecer. Com um jovem esposo que a amava, havia embarcado em uma viagem por mares nunca antes navegados por ela. Seu espírito livre apreciava tais aventuras, e seu marido alegrava-se por estar agradando a amada."

Como foi que você imaginou a lua de mel de Lizzie e Darcy? Algo com nuances leve e elegantemente eróticas (nada que fizesse os olhos de Jane Austen saltarem, é claro)? Antes de ler essa fanfic da Bel, eu sequer tinha ousado pensar nisso.

"Mesmo não sendo um velejador profissional, Fitzwilliam Darcy aprendera a manejar um barco para surpreender a esposa, e agora os dois jovens, que tinham um futuro inteiro pela frente, tinham também o mar para si."

Para mim, era tão fácil de imaginar a cena de Darcy e Lizzie vendo a infinitude do oceano como uma metáfora para o amor que sentiam um pelo outro.

"Mas assim como a vida, o mar prega peças, e de um momento para o

outro, Elizabeth estava com a responsabilidade de seu próprio destino e também do cônjuge. A força das ondas era quem carregava Darcy para longe dela, tal como Lady Catherine tentara fazer tempos antes, e mesmo não sendo uma exímia nadadora, a cauda que descobrira naquele minuto, lhe proporcionava a chance de salvá-lo. A religião que aprendera a seguir desde cedo, nunca havia tocado no assunto sereias como algo viável, o que a fez temer que aquilo fosse obra do maligno. Por falta de instrução, não fazia a menor ideia de como faria para usar aquela cauda sobrenatural que fazia parte de seu corpo Porém, foi obrigada pelas circunstâncias a aprender. (...)”

A próxima da lista foi “Emma, Emma, cada dama com seus dilemas”. Nessa fanfic, Izabel escreveu sobre Emma vinte e cinco anos depois do final do livro original, escolhendo (ou tentando) escolher o pretendente certo para a filha. Que homem gostaria de ter uma sogra como ela?

“Emma Knightley, antiga Emma Woodhouse, agora viúva, ocupava-se do destino da única filha para aliviar as saudades de seu querido marido que há pouco tempo se fora. A companhia de sua grande amiga, Harriet, com quem dividia seus pensamentos mais íntimos, também era um bálsamo para ela.

Naquela tarde, Harriet tinha ido visitá-la, e o assunto mais recorrente em suas conversas logo veio à tona: os dois pretendentes da jovem Amy. A mãe sabia que a filha não tinha predileção por nenhum, e usava isso como pretexto para assumir as rédeas da escolha e pôr para fora seu lado casamenteira que há anos estava guardado no armário.”

Mal sabia ela que mais uma vez estava criando confusão; um dos supostos pretendentes da filha, inclusive o da preferência de Emma, estava mesmo era interessado na mãe viúva. A sorte de Amy é que sua tia por consideração, Harriet, que já havia sido vítima dos maus entendidos da casamenteira, estava por perto para salvá-la do caos.

Outra fanfic muito lida da Bel, se chamava "De Repente Jane Bingley". A essência era a mesma do meu filme contemporâneo preferido "De Repente Trinta", e foi presente do meu primeiro aniversário como amiga dela.

Na trama, Jane Bennet dormia na casa dos pais, mas acordava em

Netherfield Park, a propriedade de Bingley, melhor amigo de Darcy. Para sua surpresa, ao despertar, ela se encontrava em uma cama diferente de onde havia dormido.

" – Com licença! – disse Jane ao se dar conta de que estava em um ambiente não desconhecido, mas menos familiar do que o próprio quarto.

Levantou-se de súbito e desceu as escadas.

A mesa do café ainda estava vazia, e não havia ninguém no cômodo para respondê-la ou ajudá-la a compreender o que estava havendo.

– Mamãe! – disse uma criança se jogando em seus braços. O pequeno garoto havia surgido no recinto naquele mesmo instante.

Ela segurou o peso leve firmemente em seus braços, os instintos maternos tinham sido despertados.

– Desculpe, criança! – disse olhando ternamente para o garotinho por quem sentiu uma simpatia instantânea. – Deve estar me confundindo com alguém. – Meu nome é Jane Bennet, por acaso você se lembra da noite passada?

A criaturinha a fitou com os olhos semicerrados, como se estivesse tão confusa com a pergunta como ela estava com a situação, e Jane notou que aquela não era a luz necessária para lhe elucidar.

– Querida! – disse Bingley surgindo na cena. Ele deu um beijo na bochecha gorda da criança e outro na de Jane.

Foi quando ele se afastou alguns centímetros que ela notou o quão diferente estava. Alguns fios grisalhos despontavam no topo de sua testa. Bingley continuava bonito como dias antes, mas carregava um chame a mais, charme este que tão pouco tempo não poderia ter lhe trazido. Jane passou a mão no próprio rosto, com a intenção de verificar se a situação era real. Em seguida, beliscou disfarçadamente o braço e estranhou ao constatar que sentia dor, portanto não estava sonhando.

– Querida? – ela perguntou a ele e também a si mesma. – Me chamou de querida?

– Saí da cama antes de você – continuou ele. – hoje temos a casa só para nós quatro.

Jane estava ficando impaciente. Queria Elizabeth ou mesmo qualquer uma das irmãs para ajudá-la a compreender o que estava havendo

e porque o Sr. Bingley, vizinho recém-chegado, a estava tratando com tanta intimidade, e o motivo daquela criança chamá-la de mãe. Tudo parecia uma brincadeira de muito mau gosto. Será que aquela febre que ela tivera ao tomar chuva no caminho de Netherfield havia deixado sequelas tão graves? Estava ela tendo uma amnésia? Como viera parar ali? Eram essas as coisas que ela se perguntava enquanto caminhava em direção ao espelho.

Foi quando viu seu rosto que mais uma voz a chamou de:

– Mamãe!

E dessa vez, ao se virar, ela viu um rapazote de cerca de quatorze anos.”

Não foi fácil para ela se acostumar com a nova realidade. Outras histórias figuravam na lista, mas eu escolhi "A herdeira de Pemberley" para releitura.

Nessa fanfic, que era a mais trágica de Bel, uma epidemia havia matado quase todos os personagens de Orgulho e Preconceito, exceto a Senhora Bennet que também fora morta, mas por causa de seus pobres nervos, e Lady Catherine de Bourgh, a tia chata do Darcy que permanecia viva, o que confirma o ditado que temos por aqui de que vaso ruim não quebra.

Lizzie e ele estavam casados e tinham uma filha recém-nascida quando a epidemia matou todos os seus parentes, e a pequena ficou sob os cuidados da última parente viva.

A megera transmitiu à pequena todo o desprezo que nutria por sua mãe em vida.

“Era em seu sótão, um espaço amplo e vazio, com decoração antiquada contrastando com o restante da casa, que Georgiana Darcy se deitava para refletir sobre o mundo lá fora, mundo este com o qual ela tinha contato através de sua janela. O problema – ou talvez não o fosse – é que algumas árvores se desenhavam à frente, cobrindo toda e qualquer visão dos arredores. A menina gostava quando as cotovias pousavam nos galhos que quase entravam em seu quarto. Invejava os pássaros e sua liberdade.

Seu nome era uma singela homenagem à tia que havia falecido meses antes de seu nascimento. A primeira Georgiana Darcy era irmã de seu

também falecido pai, FitzWilliam Darcy, que expirou de desgosto algum tempo após perder a esposa Elizabeth, a quem não apenas tolerava, mas amava ardentemente."

Eu lia admirada como se fosse a primeira vez. Gostava do modo como Bel recriava aquele universo que tanto me deslumbrava, mas de uma forma tão original.

"Lady Catherine, já viúva, havia perdido sua única filha, Anne, pouco antes de também perder o sobrinho. A contragosto, havia ganhado uma nova filha, pela qual não nutria nem um décimo do mesmo amor. Catherine não aceitou a compensação que a vida lhe oferecera, mas a recusara, se enfurecendo contra ela.

A malvada queria transformar a sobrinha numa reclusa inculta, e apesar de todo o dinheiro que a menina herdara do pai, continuava trancada como uma prisioneira. A Lady, por sua vez, embarcava em diversas viagens de navio e frequentava bailes da alta sociedade. Quando questionada por alguém sobre a sobrinha, sempre dizia que a moça sofria de uma espécie de timidez crônica e que tinha aversão às pessoas. De tanto repetir essa mesma história, ela própria passara a acreditar nela.

Da mãe, Georgiana guardava apenas um medalhão que nunca tirava de seu pescoço; tratava-se de uma joia que seu pai dera à esposa durante o início das núpcias, o objeto símbolo do amor pelo qual fora concebida.

Já da figura paterna, na parede da mansão havia um enorme retrato como lembrete. Ela sempre olhava para ele encantada por poder saber como era seu rosto. Os olhos do pai, quer dizer, do retrato, pareçam fitá-la com amor, como se o objeto fosse uma metáfora que dizia que havia sempre alguém olhando por ela. Georgiana não sabia, mas aquele mesmo retrato havia encantado sua mãe antes mesmo deles terem firmado o compromisso que permitira que ela fosse concebida.

A despeito do que a tia fazia com ela, a menina com o sangue dos Bennet era curiosa e inteligente. Mesmo que as oportunidades de obter novos conhecimentos fossem limitadas, ela se desvencilhava das garras da tia avó para abrigar-se na biblioteca e colher o máximo de conhecimento possível e se tornar uma mulher inteligente, como imaginava que a mãe que não conhecera, devia ter sido.

Eis que, em uma tarde fria, a tia fugitiva, Lydia, ovelha desgarrada da família Bennet na juventude e também última sobrevivente de sua geração, chegou a Pemberley. A Lady de Brough não imaginava que a inteligência da irmã de Elizabeth tivesse ficado mais aguçada com o tempo – Lydia Wickham havia aprendido com o sofrimento pelo casamento fracassado, a estimular suas qualidades, deixando por necessidade e instinto de sobrevivência, de ser tola como fora na juventude – e que ela não voltara até ali sem um bom motivo; esse motivo era retirar a pobre Georgiana das garras da megera e se redimir assim pelos erros do passado.”

Vou parar por aqui para não dar spoiler sobre o destino de Miss Darcy. Voltemos à nossa própria história.



BEL

Cheguei ao trabalho um pouco atrasada e passei pelas primeiras mesas apressadamente até chegar à minha. Odiava que ficassem me olhando, e essa era uma das ocasiões em que isso acontecia, ou talvez fosse a única. No curto caminho, porém, vi que havia um rosto novo entre nós; novo, mas não desconhecido.

– Izabel! – disse meu chefe. – Você chegou alguns minutinhos depois do horário – havia uma censura velada em sua voz. – Esse é o novo funcionário, o Darcy.

Ok, essa última palavra eu inventei. O rapaz era o novo funcionário, sim, mas ele não era o Darcy. Quer dizer, ele era o Darcy da festa de Lidianne, aquele que me chamou de tolerável na pista de dança. Olhei para ele, não pouco, mas muito surpresa.

– Bem-vindo! – eu disse ao rapaz que na verdade se chamava Jorge.

– Obrigado!

Ele não pareceu me reconhecer, ou ao menos não deu nenhum sinal disso, embora eu achasse que seria natural se lembrar da garota que dançou Cindy Lauper na sua frente (não era o tipo de coisa que esquecível), e que Lidianne fizera questão de jogar para cima dele, em vão. Naquela noite, na festa, após o diálogo deles, me senti um tanto intimidada, e por isso me sentei ao sofá e esperei os parabéns ali mesmo. Já em casa, lamentei que um idiota tivesse atrapalhado minha noite, ou melhor (leia-se pior), que eu tivesse deixado um idiota atrapalhar minha noite. Eu era do tipo de garota que achava isso inadmissível.

Agora, continuei meu caminho para os armários e guardei minhas coisas. Quando retornei, meu chefe pediu que eu ajudasse o novato no que fosse necessário.

– Meu nome é Izabel – me apresentei ignorando o acontecimento anterior, eu seria o mais profissional possível. – Fui encarregada de tirar suas dúvidas. Você já sabe acessar o portal da empresa?

– Ainda não – ele respondeu.

Só então percebi o quão estranho era um cara com aparência de mauricinho estar trabalhando em um jornal de bairro como aquele. Tudo bem que tínhamos uma amiga em comum, o que nos colocava, de certa forma, num mesmo grupo social, mas ainda assim eu sabia que ele vinha de uma família com dinheiro, ou “bons rendimentos” como diriam os antigos. Na festa, eu o havia visto ir embora em um carro de luxo quase tão brilhante quanto as estrelas que iluminavam o céu.

– Você é estudante de Letras? – perguntei por curiosidade. Essa era uma das minhas maiores qualidades e também um dos piores defeitos. Se eu fosse uma felina, essa seria a causa da minha partida para o além.

– Publicidade.

– Ah, sim– concluí sem jeito.

Eu sabia que meu chefe estava procurando novos estagiários, e fiquei incomodada que aquele garoto rico estivesse tirando o lugar de alguém que realmente precisava trabalhar.

“Que injustiça.”, pensei.

Puxei uma cadeira para perto dele e o ensinei passo a passo como abrir o portal do jornal.

– Agora é só logar.

– Valeu – foi tudo o que ele disse no final da lição.

Peguei a cadeira e a voltei ao meu lugar.

– Qualquer coisa, pode me chamar – me prontifiquei.

Ele não respondeu.

Da minha mesa, onde figuravam um porta retrato com uma foto da minha família e um porta lápis vintage que eu mesma fizera (vendo tutorial no Instagram de Ana Catarina), além do computador que era minha ferramenta principal de trabalho, eu podia vê-lo, e ele parecia um pouco desconcertado por estar ali, talvez por ser seu primeiro dia. Porém, mantinha uma altivez quase arrogante junto a um ar de superioridade que me irritou.

– O Almeida conhece o pai dele – disse um dos meus colegas de

escritório. – por isso ofereceu a vaga.

– Ah, sim! Me manda a matéria para eu revisar – cortei o assunto.

Eu não tinha interesse em nada que se referisse àquele mauricinho – ou talvez tivesse apenas a título de curiosidade – e prometi a mim mesma que só falaria com ele o extremamente necessário, afinal tinha que ser profissional, pois diferente da Lizzie Bennet do livro, eu precisava trabalhar para pagar minha faculdade.



ANA CATARINA

Passei a manhã de domingo na igreja, mas não me concentrei na pregação e nem no coral. Minha família mantinha essa tradição de forma muito parecida com os ingleses do século XIX. Os bancos cor de marfim faziam parte das memórias da minha infância, tal como o púlpito de mesmo tom.

As coisas ali estavam diferentes do que costumavam ser. Os jovens tinham ido todos embora, só havíamos sobrado William e eu com menos de trinta anos (exceto as crianças) em meio às pessoas de meia idade que consistiam em nossos pais, tios ou avós. Era ele quem me ajudava com a produção das minhas fotos e transformava o *chroma key* do cômodo da minha tia em jardins de propriedades da Era Georgiana, dando ao meu álbum virtual o tom de magia que os seguidores adoravam.

Eu o conhecia desde os nove anos, quando os pais dele, que eram missionários, vieram da Inglaterra para o Brasil em uma missão. Sua mãe era brasileira e conhecera o marido no Rock in Rio de 1985. Dá pra acreditar que eles assistiram àquele show histórico do Queen? Desde que voltaram para cá frequentavam nossa igreja com o filho mais novo. A filha mais velha também viera com eles, mas alguns anos depois de completar a maioridade, voltou para a Terra da Rainha.

Os pais de Will eram pessoas da melhor índole possível, e estavam sempre nos levando a sermos melhores seres humanos. Quando eles chegaram, nós não brincávamos muito. Ele era um garoto tímido que queria voltar para o país onde fora criado, mas com o passar dos meses nos tornamos amigos de brincadeiras, até que crescemos e brincar se tornou algo do passado.

Ele é um cara negro com um charmoso black power e uma barba quase tão bem-feita quanto a de Rique. Seu sotaque inglês já não se manifestava mais em nenhuma mísera palavra. Will estudava Análise de Desenvolvimento de Sistemas (o curso universitário com o maior número de palavras no nome que eu conhecia), e havia se formado um ano antes em

Ciência da Computação, ou seja, era um crânio humano no que se referia à tecnologia, e sempre dava um jeito no meu computador quando ele estava sobrecarregado de arquivos.

O culto terminou, e nós saímos pela rua com a perspectiva de um dia inteiro pela frente.

– Terminei de ler aquele livro que você me emprestou – disse ele se referindo a *Orgulho e Preconceito*, que eu o emprestara há umas duas semanas.

– Que espécie de inglês é você que nunca tinha lido Jane Austen? Uma vergonha para a sua pátria.

– Achava que era livro de mulherzinha, mas vi que não é. É tão divertido, engraçado. Quando vi já estava nos últimos capítulos.

– Então você gostou?

– Achei incrível, me empresta os outros?

Parei de caminhar e olhei para ele para demonstrar a importância do momento: eu tinha transformado meu amigo em um *janeite*. Depois disse:

– Bem-vindo ao clube!

O próximo da lista era Razão e Sensibilidade.

– Estava vendo as fotos antigas do seu Instagram, quem é aquela menina tatuada nas fotos de viagem ao Rio de Janeiro?

– É a Bel, minha melhor amiga. Já te falei dela várias vezes. Por quê?

– Não me lembrava; informação demais para o meu HD. Nada não! Vi que ela é escritora. Achei legal, só isso!

– Hum...

– Só curiosidade – disse ele, e depois mudou de assunto. – Falando em fotos, faz tempo que você não me manda nenhuma para editar.

Mas eu soube, naquela hora, que Bel tinha ganhado um fã. Ela não achava, mas seu jeito despojado, misturado à sua elegância pessoal, a tornava mais charmosa. Bel era linda, e sabia que era para si mesma. Quanto a Will, era raro alguma garota chamar sua atenção.

– Você já escolheu em quem vai votar para líder? – perguntou ele

irônico.

Na igreja nós estávamos em eleições para presidente, e estávamos entre dois concorrentes. Em quem você votaria?

1- No Marcelo, meu padrasto;

2- Na minha madrinha.

Não, eu não estou perguntando por perguntar. Eles realmente eram os dois candidatos. Assim como na maioria dos concorrentes à eleição de alguma coisa, eram o extremo oposto um do outro.

Tia Rubi frequentava nossa igreja há cinco anos e desde então era um de seus membros mais ativos, ajudando, inclusive, os pais de Will nos trabalhos filantrópicos, isso justificava sua candidatura. Já o Marcelo, bem... ele gostava de aparecer dizendo palavras bonitas e por isso tinha seus admiradores no templo (e eu ousaria dizer que eles simpatizam com ele por sua aparência calma e tranquila, digna de um homem de bem, coisa que eu não compreendia, afinal conhecia um lado do meu padrasto que eles sequer imaginavam que existia). A eleição seria na semana seguinte.

À tarde o clima lá em casa não estava bom, e por isso resolvi almoçar na casa da candidata para quem iria o meu voto. Apesar de ser uma das pessoas mais alegres que conhecia, tia Rubi sempre passava esse dia sozinha, mas não solitária. Ela não se casou e nem teve filhos, e eu queria ser como ela até conhecer alguém que mudou um pouquinho meu jeito de pensar sobre o futuro.

– Pronta para vencer? – perguntei a ela, mesmo não tendo tanta convicção do juízo dos eleitores.

Havia dois meses que ela estava me ensinando a dirigir, mas como estava um tempo chuvoso, optamos por pular uma aula para ficarmos numa boa no sofá da sala.

Na mesa havia uma lasanha de berinjela, minha preferida; devorei dois pedaços. Como ela já conhecia meu jeito, nem se espantou com minha voracidade. Entre uma garfada e outra contei a novidade. Primeiro tia Rubi vibrou com a notícia da herança, mas depois que comentei sobre a briga que tive com meu padrasto por causa disso, ela se enfureceu com ele.

– Esse Marcelo não vale nem o prato que come. Além de não ajudar

em nada dentro de casa, quer pegar seu dinheiro para se divertir. Estou desapontada, mas não surpresa – constatou balançando a cabeça como aquelas americanas invocadas de filmes de comédia, e eu concordei, suspeitando que ela soubesse de algo que eu não sabia, e que preferia não saber. – Sua mãe sofre tanto com isso, você deveria é focar nos seus estudos, guardar dinheiro para conhecer o mundo e deixar esse namoro virtual de lado.

Essas palavras pesavam em mim. Na faculdade, quando contava sobre Rique, me olhavam estranho, duvidando que um namoro assim pudesse dar certo, mas ouvir minha madrinha falar tão explicitamente era diferente, a opinião dela sempre importou muito pra mim, afinal ela era meu exemplo. Quando viajei pro Rio para conhecer a Bel sem nem imaginar que um amor me esperava por lá, foi ela quem me incentivou e ajudou a driblar minha mãe, afinal até então eu nunca tinha viajado sozinha.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra. O Rique é um cara muito legal, tia – garanti.

– Todos os caras são legais até deixarem de ser. Essa frase deveria estar nos livros também.

Percebi que sua frase de filósofa contemporânea não era mera redundância, e que carregava um triste significado. Seu prelúdio entrou na minha mente e eu voltei para casa pensativa. O clima pesado de lá não ajudou em nada e eu senti uma vontade absurda de Rique, não só de falar com ele, mas de abraçá-lo também, e ficar horas e horas em seus braços quentinhos. Me senti tola por isso, tola e apaixonada a ponto de querer quebrar a tela que nos separava em pedacinhos (mas não deveria fazê-lo, pois depois teria que gastar com a assistência técnica). Logo eu que nunca tinha me apaixonado de verdade antes e que duvidava que houvesse alguém no mundo real capaz de me encantar.

Nós havíamos combinado de estar online às 18h na Webcam, pois ele passaria a tarde inteira com a avó. Liguei o computador às 17:54, e esperei seis minutos, depois sete, oito. Já era 19h quando desisti de esperar e desliguei o computador com mais violência do que o coitado merecia.

Mesmo estando no meu quarto, ouvi minha mãe e meu padrasto discutirem, e quis entrar no meio para bater nos dois para que parassem. Não havia um dia da semana em que eles não brigassem, e os motivos variavam

em todas as ocasiões.

De repente uma insegurança me veio, e constatei com uma certeza crua e dolorosa que minha madrinha talvez tivesse razão, e que a distância poderia esfriar o relacionamento e desgastá-lo, como o casamento da minha mãe estava desgastado agora, apesar do motivo não ser esse.

Então meu celular vibrou.

– Cheguei!

Ele pediu desculpas pelo atraso.

**– Hum! Vou sair da Internet um pouco.
Dor de cabeça.**

Minha cabeça estava um turbilhão. De certa forma eu tinha medo de ficar como minha mãe, embora Rique e Marcelo não tivessem absolutamente nada a ver. A impotência de Manoela me assustava tanto quanto sua submissão. Eu estava sendo insegura, imatura e grudenta, mas não é assim que as pessoas costumam ser em seus primeiros relacionamentos? (Isso me justificava?) Se eu soubesse que o conheceria quando o conheci, teria namorado caras aleatórios para ganhar experiência, se bem que... isso não teria sido muito maduro da minha parte. Além do mais, minha mãe estava no segundo casamento, e continuava imatura, não que a erva daninha da relação fosse ela, mas quando um não quer, dois não brigam. Literalmente!

Tentei me imaginar daqui a vinte anos na beira da máquina de costura, esperando meu marido chegar em casa, e essa imagem mental pareceu um filme de terror desses que fazem as pessoas passarem mal no cinema. Não! Esperar por homem não combinava comigo, definitivamente não. Se bem que... sessenta minutos contava como espera? Esse pensamento me fez perceber que os dilemas das mulheres do século XIX e XXI, apesar de diferentes, seguiam na mesma direção.

Disse a mim mesma que deveria estar feliz, já que aquela quantia

inesperada estava prestes a estar em meu bolso.

Só voltei a ficar online no final da noite. A minha vontade era de ficar off para sempre, mas não resisti ao ímpeto de procrastinar na Internet. Quando deitei e liguei o celular, pela linha do tempo do meu Facebook surgiu mais uma vez o banner do Jane Austen Festival. Parecia perseguição!

E então descobri onde eu iria esfriar minha cabeça, e o destino do dinheiro que cairia na minha conta.



BEL

O fim de tarde trouxe consigo um vento chuvoso, mas ainda assim fui à aula, afinal, como dizia minha mãe, eu não era de açúcar. Pensar que em breve estaria formada me deixava feliz e aliviada. Eu podia me imaginar trabalhando em uma grande editora, lendo originais de jovens talentosos e até mesmo publicando meu próprio livro. Uma mulher de sucesso. Independente. Do tipo que segura um copo da Starbucks em uma mão e o celular na outra, enquanto, trajando um sobretudo, entra em um táxi na cidade de Nova Iorque, sempre atrasada para os compromissos profissionais. Era esse o futuro que eu queria para mim.

Havia chegado um pouco adiantada, e decidi passar o tempo na biblioteca, meu lugar favorito no mundo. Porém, nenhum dos livros presentes nas prateleiras me interessou, por isso me sentei a uma das mesinhas de estudo e peguei meu celular que há alguns dias estava travando com muita frequência. Eu sabia que precisava apagar algumas fotos e arquivos, e aproveitei o momento para fazer isso. Durante a tarefa, encontrei a fanfic que escrevi em homenagem a Charlotte Collins.

“Simplesmente Charlotte” era uma história apenas dela. Eu achava a amiga de Elizabeth Bennet uma personagem negligenciada, e que tinha muito mais a oferecer. Ela não era descrita como bonita e, ao se casar com o tedioso Sr. Collins, no meu ponto de vista, jogou fora as chances de viver uma vida interessante. Quando li Orgulho e Preconceito pela primeira vez, senti um aperto no peito ao vê-la desperdiçando a vida se casando com um homem tão chato por achar que não havia nada melhor para ela. Sobre Charlotte, Jane Austen escreveu:

“Toda a família, em suma, se sentia profundamente feliz. As filhas mais novas alimentaram a esperança de ser apresentadas à sociedade um ou dois anos mais cedo do que esperavam; e os rapazes afastaram a ansiedade de que Charlotte morresse solteira. A própria Charlotte estava razoavelmente tranquila. Conseguira o que almejava e tinha tempo para pensar no assunto. Suas reflexões foram, em geral, satisfatórias. (...) Sem ter

grandes ilusões a respeito dos homens ou da vida conjugal, o casamento sempre fora o seu objetivo; era a única segurança para uma moça bem-sucedida e de pouca fortuna.”

Escreveu também, através de uma fala de Elizabeth Bennet:

“Minha amiga é bastante sábia, embora eu não saiba ao certo se considero seu casamento com o Sr. Collins a coisa mais inteligente que já fez. Ela parece perfeitamente contente, entretanto, e, vendo pelo ângulo mais prudente, de fato ela fez um bom enlace.”

Eu sentira falta de protagonismo em Charlotte, pois achava que, de certa forma, ela vivera à sombra da amiga. Pus-me a ler o início da história que escrevi exclusivamente para ela:

“Uma fuga. Ninguém que tivesse visto Charlotte Collins caminhando ao lado de seu pacato esposo, um pároco respeitável, diria que aquela mulher de aparência simples estava planejando uma fuga. Seus motivos não eram exatamente fundados pela infelicidade conjugal, mas pela ausência da felicidade, e as duas coisas não são necessariamente a mesma.”

O relógio já estava se adiantando, e por isso tive que deixar a leitura da aventura da Sra. Collins para outra hora.

– Preciso aprender a gostar de Jane Austen – disse Lidiane, que já estava na sala quando cheguei. – Vão cair muitas questões sobre os livros dela na prova de Literatura, não posso reprovar nessa matéria, meu pai me mataria. Você vai tirar dez, podia me ajudar.

Eu não sabia se ela queria livros emprestados ou uma cola com as respostas da prova, mas acreditava que a tendência era maior para a segunda opção.

– Depois que começar, você não vai querer parar.

– Não consigo me entusiasmar por essas coisas antigas.

– Seu amigo agora trabalha comigo – eu contei abruptamente ao me lembrar do fato.

– Amigo?

“O que me esnobou porque você me ofereceu a ele como se eu fosse carne no açougue.”, pensei em dizer, mas disse apenas:

– Um que estava na festa.

– Qual deles? – havia muitos, muitos amigos dela na festa, e por muito tempo me perguntei como consegui a proeza de achar um lugar no sofá da casa dela.

– O Jorge.

– É sério?

– Sim!

– Ele não me disse que estava procurando trabalho.

Nós estávamos sentadas nas carteiras de madeira antiga dentro da sala, esperando que o professor chegasse para uma aula de Tópicos Avançados em Literatura Estrangeira.

– Achei que ele fosse rico – deixei escapar. Mas no mesmo momento me arrependi, afinal de contas em que mundo eu estava vivendo onde ricos e pobres viviam separados por um muro? Não era mais assim, ou era? Eu não sabia, pois não me considerava rica, tampouco pobre, estava naquele limite confortável chamado Classe Média, o que me causava certo número de benefícios que eu reconhecia.

– Ele é! – Lidianne disse. – Ou melhor, os pais dele são, mas os filhos dos ricos também trabalham, sabia? Não é como antigamente que viviam de rendimentos. Era assim que chamavam, né?!

Eu sabia que poderia tê-la ofendido com o comentário, pois Lidianne também era rica e, ao contrário de Darcy, quer dizer, de Jorge, ela não trabalhava, e parecia que só estava fazendo a faculdade para passar o tempo e não ficar entediada em casa. Lidianne não era o estereótipo da patricinha perfeita, mas havia certa futilidade nela, coisa que me irritava. O convívio com ela era uma espécie de ensinamento; eu estava aprendendo a ter paciência com o diferente.

– É verdade! – concordei.

– Tomara que dê tudo certo lá. A gente se conhece desde pequeno. O pai dele é empreiteiro e tem uma construtora que está envolvida em um desses escândalos de corrupção.

– Sério?

– Sim! Deve ser por isso que ele está trabalhando agora. Acho que bloquearam alguns dos bens da família, essas coisas que passam no jornal toda hora.

– Que barra! – exclamei. Mas queria mesmo era dizer “bem feito”, afinal não era justo o mauricinho viver a pão de ló enquanto o país estava na miséria.

– Ah... – ela fez que se lembrou de algo. – o Jorge gostou de você na festa.

– O quê?

Mas antes que Lidianne pudesse responder, o professor adentrou a sala pedindo por silêncio.



ANA CATARINA

“De quais documentos eu preciso para entrar na Inglaterra?”, perguntei ao Google.

Nunca antes, um conjunto de burocracias me pareceu tão agradável como aquele, e eu sabia que era algo necessário para provar que eu não era uma terrorista, embora isso não provasse nada, acho.

Na segunda-feira de manhã, antes de ir para o trabalho, recebi um "Bom dia!" de Rique por mensagem. Para responder, tirei apenas o coração que costumava enviar depois da frase. Era assim que eu demonstrava minha insatisfação, algo muito maduro da minha parte.

Ele respondeu, e entre uma madame e um cachorro e outro, foi como se eu não tivesse sido grossa com ele, e como se estivéssemos bem. A gente esqueceu a torta de climão do dia anterior e eu pedi desculpas infinitas por ter descontado nele a revolta que estava sentindo com meu padrasto e com o cara que enganou minha madrinha em meados de 2008. Já ele se desculpou novamente por ter se atrasado para o nosso encontro virtual. Naquele momento, compreendi que precisava amadurecer e me tornar menos insegura se realmente quisesse levar meu relacionamento adiante. E eu queria!

– *Sério! As brigas da minha mãe com o Marcelo estão acabando comigo. Tem passado muitas coisas pela minha cabeça.*

– *Terminar comigo é uma delas?*

– *Não, não é isso...*

– *Hum!*

– *É sério!*

– *Então quais são essas coisas?*

– *Sair de casa. Me mudar. Ir embora.*

Mudei de assunto e contei a ele sobre o festival. Rique me surpreendeu ao oferecer sua companhia. Agradei a Deus por ser tão bom comigo sempre, pois a simples perspectiva de me imaginar caminhando de mãos dadas com Rique por aquela cidade linda, fazia valer a pena todos os sapos que eu engolia ao longo do dia e também a distância que nos separava, e que era tão indigesta quanto os anfíbios.

Queria que Bel fosse conosco, afinal por muitas vezes havíamos sonhado com aquilo juntas, mas eu sabia que para ela seria inviável diante do caos do seu último ano de faculdade.

A última vez que eu a vi pessoalmente, fora quando ela viera conhecer São Paulo alguns dias antes de começar no emprego novo como estagiária em jornal de bairro. Bel é um ano mais velha do que eu, e uma das pessoas mais inteligentes que conheço. Ah, que genética boa! Digo isso porque ela também é linda, apesar das vezes em que parecia não acreditar nisso.

Minha madrinha gostou de conhecê-la. Já estava cansada de me ouvir falar dela. Na última noite de Bel na minha cidade, a gente foi dormir no apartamento, e tia Rubi achou minha amiga virtual/ agora física/ cunhada, uma boa companhia para mim.

– Uma garota empoderada – dissera ela.

“Empoderada”, uma palavra que eu acredito que deveria existir desde os tempos remotos. Elizabeth teria sido chamada de empoderada, e até mesmo sua irmã Lydia Bennet, pois fugir com seu amado é uma atitude que requer muita coragem; já se o amado é boa coisa, aí é outra história.

Na ocasião, fizemos todos os passeios clássicos para um turista na terra da garoa: fomos ao MASP, ao Parque do Ibirapuera, a Rua 25 de Março para comprar maquiagens baratas, ao Bairro da Liberdade para comer pastel.

– Frango com catupiry – Bel disse. E eu já sabia que aquele era seu sabor preferido de pastel, de croissant e de pizza.

De volta ao presente, o dia terminou bem, as próximas duas semanas também, a não ser por um detalhe: finalmente as eleições para a presidência da igreja aconteceram. Não vou me prolongar falando sobre ela. Marcelo, o exemplar marido, venceu Rubi, a mulher solteira e dona da própria vida.

– Estava torcendo por você – disse Marília, a mãe de Will. — Realmente, o povo não sabe votar.

Uma decepção já esperada, mas não tive energia para pedir impeachment. Pelo menos não por enquanto. O “Fora Marcelo!” teria que ficar para depois.

Por passar a maior parte do tempo fora de casa, não vi nem minha mãe nem meu padrasto direito nos últimos dias, e isso foi bom porque não fui contaminada pela aura pesada do relacionamento abusivo deles. Eu precisava mesmo de um detox. Essa outra expressão moderna me faz rir ao pensar nos tempos de Jane Austen: e se a senhora Bennet fosse acusada de ser abusiva por tentar sempre anular a opinião do marido?

No final da semana meu salário caiu e eu fui ao centro de São Paulo, onde comprei algumas roupas novas: duas jaquetas bem quentinhas e alguns cachecóis, pensando no frio inglês, porque na minha cidade, embora não fosse mais verão, ainda fazia um calor desgraçado.

No metrô, pensei nos dias em que Rique e eu fizemos esse mesmo caminho nas férias passadas para irmos a Galeria do Rock, aos museus e às bibliotecas. Aproveitei para ir a um sebo garimpar uns livros velhos para folhear no percurso de volta para casa.

Mas não fui ao centro da cidade só para isso. O principal motivo da minha ida era a minha avó. Não, não aquela que me deixou uma herança, mas a mãe da minha mãe que, diga-se de passagem, estava mais do que viva, estava vivíssima.

Ela morava num apartamento no bairro da República, e esse apartamento era literalmente uma república. Minha avó era universitária e dona desse cantinho que dividia com alguns outros estudantes em troca de um pequeno aluguel. Eles dividiam entre si, além das despesas, as tarefas domésticas.

Quem me visse em um vestido de época antes de tirar fotos, e a visse

ao meu lado, trajando suas camisetas de banda que deixavam suas duas tatuagens à mostra, talvez se perguntasse como duas gerações trocaram de essência uma com a outra. Era como se nós duas tivéssemos vivido a experiência de “Sexta-feira muito louca”, aquele filme com a Lindsay Lohan e a Jamie Lee Curtis, e nunca mais tivéssemos destrocado de corpo.

Eu não conhecia, e ainda não conheço ninguém mais moderna do que a Sol, que na verdade se chamava Marisol. O apelido combina muito mais com sua personalidade ensolarada.

Era irônico que uma pessoa tão nostálgica e saudosista com aquilo que sequer viveu, como eu, fosse neta dela, uma mulher sempre de olho no futuro, à frente de seu tempo. Apesar das diferenças, havia muitas coisas em que concordávamos.

– Entra mês, sai mês, e sua mãe continua casada com aquele babaca – ela disse quando contei tudo que estava acontecendo lá em casa. – Quer saber de uma coisa? A culpa é toda minha. – Sol colocou o pé sobre a mesinha baixa que ficava no centro da sala quase organizada, eu disse quase, mas ainda assim era mais do que eu poderia esperar de um local arrumado por universitários de diversos tipos de personalidade.

Mas ela não era totalmente oposta ao padrão clássico de avó, pois assim que cheguei se pôs a fritar alguns bolinhos de chuva.

– Como assim?

– Se eu não fosse tão desprendida de tudo, talvez a sua mãe não tivesse essa necessidade de se manter na zona de conforto por pior que esteja a situação.

O que ela disse me fez refletir, porque era profundo e parecia fazer sentido (ela estava estudando psicologia e ficava analisando as pessoas, o que em algumas vezes era bom, mas em outras profundamente irritante).

– Freud deve explicar! – respondi.

– Por que não me contou isso nas nossas mensagens? Você sabe que pode vir morar aqui a hora que quiser, não sabe?!

Apesar do seu jeito, Sol sempre foi uma avó muito presente, e eu sabia que tinha sido uma ótima mãe também, mas eu não conseguia me imaginar morando num apartamento, por maior que ele fosse, com cinco

universitários semidesconhecidos.

– Eu sei, sim! Mas tá tudo bem comigo, fica tranquila. Eu acabei me acostumando com eles. É só entrar no meu quarto e fingir que não escuto, até as brigas passarem. Fones de ouvido ajudam!

– Ninguém deve se acostumar com o que é ruim.

Eu concordava com ela. Sol mudou de assunto:

– Tô pensando em ir pro Rio de Janeiro para passar um fim de semana. Você trabalha de segunda a sexta, vai entrar de férias na faculdade mês que vem, né?!

Eu sabia que isso era um convite, e aceitei prontamente embora não tivesse dinheiro para planejar tantas viagens assim. Viajar pelos livros saía mais barato, e através deles eu havia conhecido o mundo. Inclusive Bath, cidade para onde eu logo estaria embarcando com meu passaporte e meu visto.

– Para com isso! O Rio é aqui do lado. E vó é pra essas coisas.

– Vamos! – isso me animou, pois setembro, o mês que me traria Bath, ainda demoraria a chegar, e a perspectiva de ver Rique antes disso me deixava animada.

Billy Jo disse para acordá-lo quando setembro acabasse, mas eu queria acordar é quando esse mês começasse.

Após dar cabo ao último bolinho de chuva, me despedi dela e peguei o metrô de volta pra casa, feliz com a ideia de passar uns dias na cidade que de tão maravilhosa, me deu um namorado de presente.



BEL

Já havia passado da hora de escolher um tema digno para o meu TCC. Era nisso que eu pensava quando Jorge retirou sua marmita do micro-ondas e eu pude finalmente esquentar a minha. Parecia que ele não sabia que só tínhamos alguns minutos para isso, pois fazia tudo tão lentamente que me deixava irritada, e essa irritação aliada à fome, não era algo muito seguro para quem estava ao meu redor.

“Mauricinho”, pensei. “Acha que o mundo é dele. Deve estar vendo tudo isso aqui como uma lobotomia.”

Antes da chegada dele ao escritório, eu era a única funcionária que trazia marmita, e ela era feita pela minha mãe com a comida do restaurante, tudo com o tempero que eu amava. Me perguntei por que um cara rico não saía para comer fora em algum lugar da região, talvez fosse alguma mania excêntrica da classe A, mas aí lembrei do que a Lidianie dissera sobre os bens bloqueados pela justiça por causa da corrupção de seu pai.

Ele mal olhou para mim enquanto se sentava na outra ponta da mesa, e após alguns minutos, fiz o mesmo, ignorando-o.

Mas antes, notei o quão faminto ele parecia, pois as garfadas eram exaustivamente rápidas, e eu não podia deixar de reconhecer que isso não o deixava deselegante como, por exemplo, eu sabia que ficava quando comia rápido demais. “Quem dera ele fosse rápido assim para esquentar a comida também.”, pensei.

– Você revisou a matéria da propaganda da empresa de encanamento?
– ele perguntou olhando nos meus olhos.

– Revisei – respondi rapidamente.

E logo me arrependi ao constatar que o recém-chegado estava me cobrando. “É isso mesmo que entendi?”, me questionei quando caiu a ficha.

– Fiz como sempre faço. Afinal sou paga para isso. Paga pelo meu chefe!

Por um momento achei que havia exagerado, mas ignorei.

– Nós somos! – ele disse por fim.

Mandeí um áudio para Lidiane, que estava me perguntando sobre o trabalho de conclusão de curso.

– *Não, ainda não comecei o TCC, na verdade sequer escolhi o tema.*

Por ser uma garota educada, para mim era difícil ignorar a presença de alguém que estava no mesmo ambiente fechado que eu, mas o mesmo não poderia ser dito sobre ele (constatei que os pais estavam ocupados demais roubando o país para educarem o filho), então para me distrair, voltei a ler a fanfic de Charlotte:

"A Sra. Collins, que era considerada um exemplo de bom senso, carregava, a despeito da imagem que passava, segredos que não confirmariam a opinião que os outros tinham dela. Não se preocupava em manter as aparências, pois tudo era tão natural que não exigia o mínimo esforço.

Por isso, quando o Sr. Collins chegou de sua paróquia naquela tarde e não encontrou a esposa em casa, sentiu um estranhamento lhe perpassar todo o corpo. Embora Charlotte não fosse dada a saídas sem um prévio aviso, a primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi ir à propriedade de Pemberley para verificar se Charlotte estava com sua amiga Elizabeth, a prima que recusara seu pedido de casamento. Mas ele não guardava mágoas, até mesmo porque venerava a família Darcy. Se sua Lottie estivesse mesmo lá, ele ficaria contente e até esperançoso de ser convidado para se sentar à mesa com eles, o que seria uma honra. Ele estava com o chapéu na mão, se preparando para percorrer a distância entre as duas residências, quando se deparou com um envelope timbrado. Era uma carta de Charlotte. (...)"

O horário do meu almoço acabou bem na parte mais interessante da história, interrompendo minha leitura.

Mesmo estando cansada no final do dia, arrumei energia para terminar de reler a fanfic e depois navegar um pouquinho na Internet.

O Facebook estava cheio de posts engraçados e memes novos, mas eu passei por todos sem parar para dar alguma atenção ou uma curtida. Até que meus olhos pararam, estupefatos, em um artigo:

Jane Austen pode ter morrido envenenada por arsênico, segundo cientistas.



ANA CATARINA

– *Você viu isso?*

Bel me perguntou. Cliquei no link da manchete que dizia:

Jane Austen pode ter morrido envenenada por arsênico, segundo cientistas.

– *Mas Jane, uma pessoa tão pacata?*

E só depois da pergunta, li as informações que revelavam como os pesquisadores da British Library chegaram a tal conclusão.

– *Ah, teria sido por acidente.*

Segundo esses mesmos pesquisadores, o veneno teria sido ingerido pela escritora de forma acidental, o que fazia um pouco mais de sentido, apesar de ser quase igualmente bizarro. Esse negócio de arsênico me lembrava outra autora britânica: Agatha Christie. Jane Austen e arsênico na mesma frase, soavam como uma fanfic da Bel.

– *Será mesmo que foi acidental?*

Há uma outra matéria que contesta isso.

– *É muita especulação com o nome dela.*

Mídia sensacionalista.

Vergonha da classe.

– *Você acha?*

– *É claro.*

***Jane era uma pessoa pacata,
apesar de brilhante, quer dizer,
talvez ela fosse tão brilhante justamente por ser pacata. Se ela
usasse seu tempo para viver aventuras por aí,
não sobraria nada para sua escrita.***

Que interesse alguém teria em matar uma escritora sem envolvimento amorosos ou grana?

– A gente não pode ter tanta certeza assim.

***– As biografias estão aí pra isso.
Fake News é um mal do nosso século.
Aliás, não só do nosso século, a Catherine Morland,
da Abadia de Northanger,
foi vítima de uma “notícia falsa” criada
pela própria imaginação dela.***

– E você também já passou por algo assim, né?!

– É... mas vamos esquecer disso.

***– De qualquer forma,
verdadeira ou não,
essa matéria me deu uma ideia.***

***– Também tive uma ideia hoje.
Na verdade, foi uma decisão.***

Mas Bel ficou offline antes de visualizar minha revelação que terminava com “Eu decidi tirar o @EuJaneite do ar”, e soube que ela iria aprontar alguma coisa. Senti saudades da época em que ela produzia uma fanfic atrás da outra, mas concordava que a minha melhor amiga era genial demais para viver em torno do brilho dos outros, mesmo que esses “outros” fossem Jane Austen. E eu me sentia exatamente como ela.

Na faculdade, as disciplinas estavam exigindo bastante de mim, por isso por muitos dias ia para lá direto do trabalho e ficava na biblioteca estudando com o pessoal que também chegava mais cedo para revisar as matérias. Nós nos organizávamos em uma grande mesa, e cada um sacava

seu resumo da mochila para debater as questões propostas. O dia seguinte era um desses dias.

É uma verdade universalmente conhecida que as xerox são a munição que os universitários utilizam na guerra que é a semana de provas.

– Sigo você no Instagram – disse uma das meninas da roda de estudos. Ela era da outra classe, por isso eu a conhecia apenas de vista, dos corredores e do pátio.

– Sério?!

– Eu gosto das suas fotos! – concluiu ela. – Mas faz tempo que não vejo nada seu no meu *feed*.

– Dei uma parada. Não proposital, mas dei.

– Hum, por quê?

Não que eu estivesse precisando desabafar, mas quando percebi, havia revelado a ela algo que nem eu mesma reconhecia até então.

– Fotos são tão... superficiais.

– Como assim?

– São apenas imagens. Não dizem nada. E acho que tenho muitas coisas a dizer, sabe?

Aquilo era profundo demais para ser discutido com uma estranha dentro da faculdade. Eu reconhecia a importância da fotografia para a história da humanidade, mas isso não se aplicava ao meu caso. Eu não fotografava nada realmente relevante.

– Acho que sei, sim – ela respondeu parecendo confusa. – Mas às vezes você posta alguns vídeos curtos e dá pra ver que é engraçada e espontânea.

Agradei sem jeito, me sentindo lisonjeada. Meu Instagram andava tão esquecido, que nem sabia mais como era receber um elogio desses, e se pouco antes eu me sentia segura de deletar minha conta, agora eu tinha dúvidas se isso era o certo a fazer.

– Você parou mesmo de fotografar?

– Ah, você sabe, a vida real chamou. Tem o trabalho, os estudos.

– Entendo! Mas não para, não. A Internet é o futuro.

Na minha sala quase ninguém sabia do meu lado modelo, não que eu me envergonhasse dele, nada disso, mas é que não era narcisista a ponto de ficar espalhando minhas pequenas conquistas. Não queria soar pretensiosa.

– *Desculpa, eu dormi!*

Disse Bel.

– *O que você ia me dizer ontem?*

– *Nada, não!*

Foi o que respondi. Depois da conversa com a garota da faculdade, eu já não tinha certeza de que queria dar um fim ao @eujaneite.

– *Fala, Catarina!*

– *É sério. Não era nada.*

Mas e você, começou uma nova fanfic, não é?!

E ela envolve Jane Austen e veneno, tô certa?

Já faz 84 anos que não leio nada seu.

– *É, você me conhece mesmo!*



BEL

Anexo enviado.

Remetente: Bel@belfanfics.com

Destinatário: AnaCatarina@eujaneite.com



“Amargo chá” – Os últimos dias de Jane Austen (e minha última fanfic)

Como suas protagonistas, Jane Austen nasceu no interior da Inglaterra. O ano era 1775, e a região abastada e cercada pela religiosidade. A cidade de Steventon era conhecida pelos caminhos sinuosos e pelas sebes bem-cuidadas. Seu pai era clérigo, além de tutor; os alunos moravam na casa da família Austen, onde havia uma ampla biblioteca, lugar de muita serventia à menina que desde cedo demonstrara a fertilidade de sua imaginação. Em 1801, a família se mudou, a contragosto de Jane, para a famosa Bath, cidade presente em toda sua obra. Tendo que aprender a viver em um novo local, lá passou quatro felizes e inspiradores anos, até o falecimento de seu pai, que deixou a esposa e as filhas em condições precárias. As três foram abrigadas por um dos irmãos. O último lugar onde Jane esteve na terra foi a cidade de Winchester, e antes de falecer, ela legou quase tudo à irmã mais velha, Cassandra. É sabido que esse quase “tudo” se referia aos poucos bens materiais de Jane. Porém, sabe-se também, que seu verdadeiro tesouro foi a obra que ela deixou como presente aos que permaneciam no mundo e, ainda, aos que nasceriam séculos após sua partida.

“Perdi um tesouro, uma irmã. Uma amiga assim nunca poderia ter nos deixado. Ela foi o sol da minha vida, abrilhantava todos os prazeres, era

o consolo para todo tipo de sofrimento, não sei se conseguirei viver sem ela, é como se tivesse perdido um pedaço de mim...”, foram as palavras de Cassandra Austen.

A fanfic a seguir mistura fatos reais sobre os derradeiros dias da autora, com fatos ficcionais.

Apesar das especulações de que tenha falecido vítima da doença de Addison, a verdadeira causa de sua morte permanece em mistério...



– Se sente melhor hoje, Jane? – perguntou Cassandra à mesa do chá.

Ela havia passado a manhã e o começo da tarde em visita à casa de um dos irmãos, contando a ele e à cunhada sua preocupação com o estado de saúde de Jane. Era preciso fazer isso sempre longe da presença da outra, pois sua tenacidade não permitia que falassem sobre sua saúde (ou sobre a falta dela) na sua frente.

– Sim, era apenas uma leve e passageira indisposição – respondeu.

Ela havia mandado fazer uma sela para o burrico que puxava a carroça de seus pequenos sobrinhos, a fim de se manter ativa nos passeios do lado externo da casa, já que caminhar a pé tinha se tornado uma tarefa complicada e aceitar a debilidade estava fora de cogitação para Jane.

De fato, as faces estavam um pouco – não muito – mais coradas do que nos dias anteriores. A única coisa que ainda a incomodava era a visão embaçada, mal que havia chegado juntamente com os outros. Desde então, usava para ler e escrever, duas lentes envoltas em um arame grosso. Tinha sido recomendada a usar o par de óculos não só para essas, mas para todas as atividades do seu dia, porém, por teimosia, o deixava guardado dentro da gaveta de sua escrivaninha. “A gaveta deve estar enxergando muito bem, ao contrário de mim.”, dissera ela uma vez, utilizando seu bom humor costumeiro.

– Ainda que tenha melhorado do mal-estar – insistiu Cassandra. – É

mais prudente que chamemos o médico.

– Há verdadeiros doentes no mundo, e garanto-lhe que não são poucos. Seria até um crime pelas leis de Deus, ocupar um médico sem necessidade. Isso é o equivalente a tirar a oportunidade de alguém realmente necessitado de ter sua presença. Deixe de ser hipocondríaca, minha irmã!

Elas haviam ido viver em Winchester após uma temporada de fraqueza na saúde de Jane, justamente por causa da melhor assistência médica oferecida pela cidade. Na College Street, número 8, elas estavam bem instaladas, embora os aposentos não fossem nada luxuosos.

Entretanto, deste mal ela já estava curada, e esse novo que lhe acometia parecia ter uma natureza diferente do anterior. Mas Jane era resiliente, e não dava a si mesma o direito de ser chamada de enferma. Em uma carta a familiares, dissera: “estou mais forte do que há seis meses.”. Em outra correspondência, Jane afirmara: “estou recuperando um pouco a minha aparência, que estava bastante ruim.”

Ela odiava ser tratada como inválida. Se estivesse cansada, juntava três poltronas e deitava-se na sala, deixando o sofá maior para sua mãe. A Sra. Austen apreciava cochilar nele.

Mas a irmã mais velha estava amedrontada, já havia perdido pessoas demais de sua família, por isso exagerava nos cuidados. Essas perdas não a haviam deixado mais forte, e sim mais assustada com a perspectiva de uma nova.

Jane e Cassandra nutriam uma relação de muita cumplicidade, tendo isso inspirado relações fraternas tão belas quanto, nos livros escritos por Jane, e assim explicava-se seu excesso de zelo. Quando crianças, Jane e a irmã, a quem chamava carinhosamente de Cassy, haviam estudado juntas em um internato, e uma não podia viver sem a outra. O período na casa da Sra. Cawley, em [Southampton](#), com o objetivo de prosseguir a educação sob sua tutela, terminou quando as irmãs tiveram que regressar ao próprio lar devido a uma enfermidade infecciosa; a higiene do local não era exemplar. Tempos depois, novamente juntas, foram alunas de um internato em [Reading](#), lugar que inspirou Jane a descrever o internato da Sra. Goddard, do romance Emma. Ambas as experiências foram mal sucedidas, legando à educação familiar a formação intelectual de ambas.

Talvez o destino tenha percebido essa proximidade e não permitido que nenhuma das duas se casasse para que permanecessem juntas, e talvez isso tenha acontecido por motivos diversos, mas que as levaram a um mesmo caminho que agora percorriam lado a lado. Todas as noites, antes de deitarem-se, escovavam os cabelos uma da outra.

Continuaram com a conversa, uma defendendo a opinião de dar trabalho ao doutor, e a outra negando estar suficientemente indisposta para tal necessidade, quando o jovem lacaios veio com destreza lhes servir o chá.

– Obrigada, James! – disseram elas ao mesmo tempo. O rapaz alto, com porte de soldado e cabelos lisos e castanhos, saiu com uma reverência. Já fazia um pouco mais de um semestre que ele estava trabalhando na casa.

– Fizemos uma ótima contratação – continuou Jane à irmã. – Ele é muito eficiente, apesar de jovem e do sexo masculino. Devido a essa segunda característica, é realmente admirável sua eficiência – ela gracejou, e Cassandra se congratulou pelo fato da irmã ter dado uma demonstração de que seu jeito espirituoso do qual ela tanto gostava, permanecia intacto apesar dos pesares.

– Fomos muito criticadas por termos colocado um rapaz no lugar da velha Nellie, mas ela foi para um lugar melhor – concluiu se referindo ao casamento da antiga criada com um cavalheiro, fato ainda mais polêmico do que a contratação de um empregado do sexo masculino por três senhoras sozinhas.

Fora Jane quem defendera essa contratação, escusando-se de que como escritora, merecia se dar ao luxo de ao menos uma excentricidade, já que na vida sempre tivera todo o bom senso esperado de uma dama, bem... ou quase sempre.

O fato é que James, o criado que carregava o mesmo nome de um dos irmãos Austen, se sobressaía às demais candidatas (todas mulheres). Ele carregava uma experiência vasta para sua idade. Além disso, havia algo de muito elegante nele, o que quase o tornava um lorde.

Assim que terminasse suas demais histórias, quem sabe a Srta. Jane Austen não quebrasse seus próprios limites inspirando nele uma nova e original personagem?

Porém, nos últimos tempos, ela não tinha forças nem para terminar o que havia começado. A despeito disto, naquele dia se sentia apta a trabalhar nos livros, conversar com a irmã e fazer todas as coisas que costumava quando estava com a saúde fortalecida.

Ela não era de se deixar abater por uma indisposição qualquer. Possuía uma animosidade de espírito invejável, que costumava reinar sobre qualquer mal físico, e isso aumentava a preocupação da irmã e da mãe quando a viam desanimada.

– Em Londres, trabalhou na casa de uma duquesa, não é, James?! – perguntou ao jovem. – O que tem a me contar sobre a nobreza que os livros não poderão me dizer?

Jane viu o olhar do jovem se iluminar pelo interesse da patroa em ouvi-lo, pois isso era algo raro em patrões.

– De fato, só quem viveu em seus bastidores poderá saber de certos acontecimentos dos quais o sangue azul não se orgulharia. Mas não seria eu indiscreto fazendo o que me pede, senhorita?

Sim, seria, e era por isso que a curiosidade dela estava desperta, por ele e pelo que ele tivesse a dizer. Ela sabia que esse seu interesse pelos outros a mantinha viva por dentro e por fora. Jane era uma curiosa nata.

– Já lhe contei a anedota real? – perguntou ela. – Sobre quando o Príncipe dedicou a si mesmo um de meus livros? Nada pretensioso, não acha?! Emma ria se soubesse que sua história foi dedicada a um nobre beerrão e adúltero.

O Príncipe Regente não era propriamente um nobre digno e exemplo de moral. Ao contrário disso: ele era viciado em jogos e apostas, um beerrão e, se fosse exemplo em algum sentido para seus súditos, seria exemplo a não ser seguido.

Durante uma consulta médica em Hans Place, o Dr. Baillie mencionou a Jane que o Príncipe era grande admirador de seus livros e que possuía uma coleção deles em cada aposento. Talvez ser leitor fosse sua única qualidade.

O bibliotecário do Príncipe, James Stanier Clarke, foi visitar o irmão da escritora, e nessa visita ele a convidou para ir a Carlton House,

residência Real.

Ela realizara essa visita no ano anterior, e foi ali que surgira o convite.

Após relutar, Jane por fim dedicara o romance Emma ao Príncipe ébrio. O livro estava impresso quando ela escrevera a dedicatória, mas esta fora adicionada ao corpo do romance.

‘Para a Sua Alteza Real, o Príncipe Regente, esse trabalho é, com a permissão de Sua Alteza Real, respeitosamente dedicado, por sua mais atenciosa, obediente e humilde serva,

A Autora.’

– A senhorita não dedicou com sinceridade? – perguntou James.

– Mas é claro que não! Jamais o faria. Tenho outra coisa escandalosa para contar.

Ele a olhou com curiosidade, esperando que ela prosseguisse.

– Uma tia minha, de boa condição, foi presa ao roubar um tecido rendado em uma loja. Ela ficou encarcerada por oito meses, mas terminou por ser absolvida. O interessante é que anos depois, foi vista tentando roubar uma planta em uma floricultura. O ser humano...

Nos últimos tempos, desde que o lacaio chegara à casa, a patroa criava assuntos e ele respondia com comentários que estimulavam a imaginação sarcástica dela. Como dito, apesar de jovem, ele havia tido experiências que poderiam ser facilmente interessantes não só a uma boa conversa, mas à literatura. Estavam, a contragosto do que a sociedade achava conveniente e também do pouco tempo em que se conheciam, tornando-se bons amigos.

A senhora Austen tinha ido passar o dia na casa de conhecidos, mas as filhas não a quiseram acompanhar. Os anfitriões tratavam-se de pessoas enfadonhas das quais as duas mais jovens não gostavam, e ambas preferiram ficar no próprio lar, desfrutando da companhia uma da outra.

Diante da melhora de Jane, teriam se arriscado numa caminhada se não fosse a chuva caindo lá fora. Após se deliciarem com uma receita de sobremesa da querida amiga Martha Lloyd^[2]:

– O que nos resta fazer? – perguntou Cassandra.

– Ora, jogar – respondeu Jane. – Não é isso que todos fazem quando se está chovendo?

Cassandra não apreciava jogos a duas, e a outra também achava mais interessante quando havia mais componentes presentes para animar o jogo.

– James! – chamou ela.

O rapaz se aproximou com prontidão.

– Gostaria de jogar comigo e minha irmã? Adorariamos tê-lo em nosso círculo.

Ele pareceu surpreso e indeciso por um momento, e Cassandra também ficou a primeira das duas coisas. Não que fosse preconceituosa e mesquinha, mas nunca havia jogado com um empregado, e nem mesmo se sentado à mesa com um, embora a situação financeira de sua família não fosse das melhores, principalmente após o falecimento do pai. Ela sabia que havia dois tipos de pobres na Inglaterra: os que tinham empregados, e os que eram empregados. Sabia também que, se a vida estava sendo dura com ela, a mãe e a irmã, era ainda mais com aqueles que estavam abaixo delas.

O rapaz cedeu e sentou-se. Os três jogaram twenty one com dinheiro improvisado, feito com botões, enquanto a chuva escorria lá fora. James foi o escolhido para ser o carteador.

O jogo se repetiu por outras tardes chuvosas ou não chuvosas.

– Um tanto inapropriado – dizia sua mãe sobre essa amizade. Mas ela acreditava ter problemas demais para se preocupar com algo que não fazia mal, desde que ninguém soubesse, é claro.

O fato é que James, a partir do momento em que chegara, trouxera consigo uma motivação a mais de vida para a patroa escritora, que contava quarenta e um anos.

– E sua família? – perguntou a Sra. Austen a ele. Mães costumam ser desconfiadas por natureza, e isso aumentava muitos graus em determinadas situações.

James respondeu que os pais haviam falecido quando ele tinha menos

de quinze anos, e que por ser de família pobre, seguira o rumo mais convencional e também inevitável.

– Não pense nisso, mamãe – disse Cassandra quando a mãe lhe segredou suas tantas desconfianças. Porém ela própria concordava, em seu íntimo, com elas.

– Ele poderia ter procurado outras funções para sobreviver. Tem porte de soldado e até mesmo de capitão. Na última das hipóteses, poderia ter se casado com uma mulher rica. Belo como é, encontraria sem dificuldades alguma viúva com interesse em recomeçar a vida.

– James deve ser um jovem orgulhoso, mamãe, do tipo que somente aceita viver de seu próprio trabalho. E se não conseguiu outra profissão, é porque não deve ter havido oportunidade. A vida é dura para os pobres.

– Esse orgulho não deixa de ser louvável – concluiu a Sra. Austen admitindo a qualidade do jovem.

Não que ela acreditasse que houvesse interesse amoroso entre James e Jane, nada disso, mas sua presença visivelmente entregava a Srta. Jane Austen uma nova visão sobre a sociedade que tanto a interessava ao mesmo tempo em que lhe causava o sentimento de desprezo. Era como se uma nova janela tivesse sido aberta, e uma inspiração nova surgido, trazendo consigo novas possibilidades em um momento em que elas pareciam estar cessando.

Como boa parte dos artistas, ela amava sua arte, mas tinha lá os momentos em que enjoava dela e sentia a necessidade de se renovar, ainda que essa renovação costumasse acontecer enquanto bebia na mesma fonte, e essa fonte inesgotável era a sociedade em que vivia.

Aos vinte e sete anos, Jane fora pedida em casamento por um amigo da família; ela havia aceitado, mas voltara atrás e nunca se casou. Harris era educado, bem relacionado, e significava a possibilidade de segurança em sua vida. Jane o conhecia desde a infância, e fora com muita coragem que ela, na manhã seguinte ao pedido e à aceitação, voltara a Manydown Park e desfizera o compromisso. Um ato de coragem.

Entretanto, ninguém pode dizer que Jane não entendia dos sentimentos do coração, afinal falava dele brilhantemente em suas histórias.

Por uma triste coincidência, passou a adoecer na sequência da

chegada do novo amigo, James, mas se fixava na ideia de que se tratava apenas de um mal passageiro causado pela instabilidade do clima.

– James – disse Jane Austen enquanto ele a servia de seu chá preferido.

– Sim, senhorita!

– Você já se apaixonou?

O rapaz pareceu surpreso com a pergunta, que não havia, porém, soado indelicada a ponto de deixá-lo intimidado.

– Não! – ele respondeu. – Nunca me apaixonei.

– Uma pena!

– E a senhorita?

– Eu já! Por pessoas feitas de carne e osso e também por outras feitas de papel, tinta e imaginação.

– E porque não se casou?

– Não creio que haja paixão maior do que a que sinto pela minha liberdade. O mesmo aconteceu com minha irmã, Cassy. Há muitos anos, quando éramos mais jovens, seu noivo assumiu o posto de capelão do exército com o intuito de receber um salário decente para se casar mais rapidamente com ela. Cassy esperava por seu retorno na primavera, mas ao invés disso, recebeu a notícia de que ele havia morrido de uma doença campestre. Cassandra se comportou com inabalável determinação que nenhuma mente comum demonstraria em uma situação tão difícil. A partir de então minha querida irmã abandonou completamente a ideia de casamento, e passou a adornar sua cabeça com toucas de tecido e a trajar roupas com decotes mais altos até do que nossa mãe usaria. Como vê, nós não somos exatamente exemplos de pessoas bem vestidas.

– Que triste história! – exclamou ele. – Mas se me permite dizer, as acho muito elegantes.

– Obrigada!

– E a senhorita abandonou a ideia de se casar sem ter passado por algo semelhante?

– Sim! – concluiu Jane. – Quero dizer... não. O fato é que acredito que qualquer coisa seja suportável ou preferível ao casamento sem afeição.

– Até mesmo a pobreza?

Ela ficou surpresa com a pergunta, e apreciou o modo como James a surpreendeu, pois mostrava que ele era alguém que possuía audácia, característica que muito admirava.

– Até mesmo a pobreza – respondeu por fim.

Mais tarde, Jane teve o ímpeto de relembrar sua história com Tom Lefroy, que não fora o homem que a pedira em casamento, mas aquele por quem sentira o coração palpitar.

Austen e Lefroy conheceram-se em um baile na ocasião em que ele visitava a cidade natal dela no saudoso dezembro de 1795. Ele tinha acabado de terminar um curso universitário e estava prestes a se mudar para Londres para exercer a carreira de advogado. Os dois se encantaram um pelo outro, mas no mês seguinte, a família de Tom interveio e levou-o da cidade temendo que a aproximação dos dois jovens pobres atrapalhasse a carreira do advogado iniciante.

Agora, Jane abriu o baú onde a irmã Cassandra guardava suas cartas sistematicamente por datas. Queria relembrar o que ela própria havia dito sobre Tom:

“...estou quase com medo de dizer como eu e meu amigo irlandês nos comportamos. Imagine tudo de libertino e chocante na maneira de dançar e sentar juntos.”, escrevera ela na época.

Jane riu de si mesma com um carinho especial ao apreciar sua caligrafia que em nada havia mudado.

Nesse outro trecho, datado de 1796, ela escreveu:

"Finalmente chegou o dia em que flertarei pela última vez com Tom Lefroy, e quando você receber esta carta, tudo terá acabado. Minhas lágrimas correm enquanto escrevo diante da ideia de melancolia.", essa passagem poderia ter lhe trazido tristeza, afinal remetia aos momentos finais de seu curto romance, mas na realidade Jane sentiu alegria ao olhar para trás e ver que a vida lhe reservara pequenos divertimentos.

Nos três dias seguintes, Jane manteve o ritmo em considerável melhora. Voltou a trabalhar em seu novo romance, fez passeios com Cassandra e a mãe, e continuou a ter conversas profundas sobre a sociedade com James.

No quarto dia, a Sra. Austen e Cassandra^[3] foram à igreja sem ela.

– Parece indisposta! É mesmo melhor que fique por aqui – disse a primeira à filha mais jovem.

Mas o fato é que ela não estava se sentindo cansada ou nada que o valha. Sentia-se, na verdade, farta do excesso de zelo a que estava cercada ultimamente, e via na oportunidade de ficar sozinha, um momento de descanso e liberdade.

– Por que não quis ir à igreja, Srta. Jane?

Ela explicou com sinceridade o motivo ao amigo.

– Não que tenha mentido para minha mãe, apenas omiti meu bom ânimo. Falando em bom ânimo, não gostaria de fazer uma caminhada, James?

– Não seria inapropriado, senhorita?

– Inapropriado seria deixar de aproveitar essa linda manhã de sol e deixar os cavalos sem ocupação alguma por mais um dia. Os animais são como nós, e mesmo que não possam jogar cartas ou praticar ao piano, sentem falta de exercitar a mente ou o corpo. Nossa casa é muito pequena, nosso estábulo então, não creio que seja confortável para os bichos.

Eram dois os cavalos criados na modesta moradia das três mulheres. Jane montou em um e James em outro, e cavalgaram por cerca de vinte minutos. Ela sabia dos riscos de algum vizinho ver tal cena e o que isso significaria para sua reputação, mas não se importava tanto com as convenções sociais como a maioria das pessoas, desde a juventude era assim e a cada ano se importava menos. Ela pensava que, se chegasse à marca louvável dos oitenta anos, seria uma senhora um tanto despudorada.

Dias depois, porém, um súbito mal-estar se apoderou de Jane e não permitiu que ela saísse da cama. A irmã, preocupada e com a aprovação da mãe, finalmente realizou seu desejo de procurar o médico.

– Minha mãe e minha irmã são duas exageradas, Doutor. Peço perdão por elas, pelo incômodo causado. Como vê, era tudo excesso de zelo, me encontro muito bem – Jane foi traída pelo próprio pigarrear.

A Sra. Austen tivera durante toda a vida, mais proximidade emocional com os filhos homens do que com as moças, principalmente no que se referia a Jane. Porém, agora que viviam apenas as três, que os rapazes tinham se casado e que a casa não era mais cheia dos alunos do falecido Sr. Austen, ela não podia conceber a ideia de que as mulheres de sua época davam os filhos aos quatro meses de idade para serem cuidados por outras pessoas até que não fossem mais um estorvo para sua família e conseguissem se alimentar sozinhos. Ela desejava ter ignorado esse costume, os visto dar os primeiros passos e dizer as primeiras palavras. Para compensar isso, não mais se opunha à arte da filha, e nem se importava que a sociedade soubesse que “A Lady”, pseudônimo usado por ela no início, era Jane Austen, a filha do pároco. Com a idade, algumas coisas deixaram de lhe importar, e outras antes negligenciadas, passaram a ter a devida importância.

Outra coisa que atormentava a Sra. Austen, era o tratamento que havia dado ao filho que não nascera saudável como os outros; logo nos primeiros anos, George se mostrara uma criança especial, e que precisava de cuidados especiais, cuidados esses que ela não lhe dera. Não que ela o houvesse renegado, mas tampouco lhe dera a devida atenção ou, nem mesmo, a atenção que os filhos saudáveis tiveram. Jane sempre lhe chamara a atenção em relação a isso, fazendo críticas explícitas ao comportamento dos pais e, mais tarde, exaltando a maneira como a cunhada Eliza cuidara com amor de seu filho Hastings, que desde a infância sofria de convulsões e outras fraquezas de saúde. George nunca fora realmente considerado parte da família, e agora, na velhice, a vida cobrava da Sra. Austen aquilo que ela não fizera no passado. A melancolia tomava conta dela, mas era tarde, George estava morto. E ela temia perder mais uma criatura que saíra de seu ventre.

– Não há exagero algum, Srta. Jane Austen – falou o médico. – em se preocupar com quem se ama. E ainda que houvesse, seria um erro perdoável e até mesmo louvável.

O diagnóstico assustou a zelosa Cassandra.

– Receio que o estado de sua irmã seja grave – anunciou o homem de cabelos louros avermelhados e tez corada, sem romancear, afinal essa era sua função: dar más notícias. – Não poderia iludi-las em relação a isso, por outro lado, acredito em sua recuperação desde que se mude para melhores ares por algum tempo.

– Bath! – exclamou Cassandra. Jane amava esse lugar, apesar de ter se mudado para lá contra sua vontade anos antes. Visitá-lo faria bem não só ao corpo, mas também à alma. – Não consigo imaginar lugar melhor!

– Mas será perigoso enfrentarmos a estrada com ela neste estado? – perguntou a mãe.

– Não se as condições forem boas.

– Então, se é assim, providenciarei tudo. Se isso pode prolongar a vida de minha filha, que viajemos.

A decisão foi comunicada à doente, que acatou a ideia sem pestanejar e com um animo incondizente com seu estado físico, mas que mesmo assim impôs uma condição:

– Gostaria que James fosse conosco – segredou à irmã, que estranhou e até mesmo viu com olhos temerosos, tal pedido.

Passou pela sua cabeça que Jane estivesse apaixonada por ele, mas não conseguiu expor essa ideia. Era tão inapropriado... E seria constrangedor tocar no assunto, embora elas nunca houvessem tido segredos uma com a outra.

– Jane, sempre a apoiei em tudo, desde que éramos crianças, mas não posso deixar de dizer quão descabida é essa ideia de levar um laçao do outro gênero em uma viagem tão íntima conosco, três mulheres, uma viúva e duas solteiras.

– Você pretende se casar, Cassandra? – perguntou Jane desafiadora. Ele respondeu categoricamente que não.

– Nem eu, portanto, uma mancha em nossa reputação não traria nenhuma desgraça sobre nós.

A doença, muitas vezes intensifica a tenacidade já existente em alguns

seres, e assim, James, juntamente com as damas, seguiu rumo a Bath em busca da cura de uma delas.

– Tenho a intenção de concluir “Os Irmãos” por lá – disse a escritora pensando em seus planos.

Cassandra, sua confidente, achava que “Sanditon” seria um nome mais adequado à obra, e como sua opinião era muito importante, cogitava a ideia da mudança.

A estrada não prejudicou em nada o estado dela, inclusive teve considerável melhora durante o trajeto, talvez por um esforço de seu espírito reinando sobre o corpo. Tudo cooperava para que a viagem terminasse bem.

– Poderemos andar nas máquinas de banho – disse Jane animada. Nem parecia que o motivo da partida era sua enfermidade.

Quem não amava Bath? Aqueles que estavam preocupados com sua saúde, iam até lá para beber de suas águas borbulhantes que derramavam das fontes térmicas. Além do mais, muitas jovens solteiras iam até lá para fisgar um marido, afinal muitas pessoas perambulavam nas proximidades das casas de bomba e as chances de algumas delas serem cavalheiros cogitáveis eram altas.

– Foi nessa cidade que conheci seu pai – exclamou a Sra. Austen, saudosa.

Na diligência, porém, os viajantes foram submetidos a um trauma: enquanto a lua se firmava no céu e as rodas percorriam a estrada, ladrões apareceram em seu caminho. Eles pediram os objetos de valor, mas como não havia quase nada, se enfureceram.

– Oh, céus! Vão nos matar – disse a Senhora Austen, agora trêmula.

Aquela era a primeira vez em sua longa vida, que presenciava tal violência.

– Acalme-se, mamãe – pediu a filha mais velha, temendo que o estado da progenitora despertasse ainda mais a fúria dos homens desconhecidos.

Os bandidos falavam cada vez mais alto, pedindo joias, dinheiro, desacreditando que não havia nenhum deles ali. O condutor tentou argumentar, em vão.

– Abra aquele baú – disse um ladrão ao outro, que espalhou as roupas a procura de algo de valor.

A tensão era crescente, até que James, antes silente, fez uso de sua voz para acalmá-los.

Magicamente surtiu efeito e os homens foram embora, deixando-os assustados, porém intactos.

– Não creio que isso aconteceu conosco. Obrigada, James! – disse a Sra. Austen, mais calma. O jovem havia, com seu ato, despertado sua simpatia ou alimentado a que ela já tinha. – Como está, Jane?! Espero que essa situação tão traumática não afete sua saúde ou retarde sua melhora. Se esses malditos tiverem prejudicado minha filha, eu os amaldiçoo.

– Estou bem, mamãe, graças a James – respondeu ela pegando do chão as roupas espalhadas. Parecia estar perfeitamente bem fisicamente, inclusive sem resquícios da doença.

– Ainda bem, se é que posso usar essa expressão, que isso aconteceu há menos de uma hora e meia de nosso destino.

Cassandra estava espantada com o bom estado da irmã mediante os acontecimentos, e enviou a notícia ao médico assim que chegaram e se instalaram.

– Que aventura passamos para chegarmos até aqui – disse Jane. Ela parecia ter se divertido com a situação trágica e estava com a aparência bastante vivaz.

– É um belo lugar! – respondeu James que nunca tinha ido até lá. – Suponho que tenha valido a pena os percalços do caminho.

– Bath é uma de minhas inspirações, sempre arranjo uma maneira de colocar esta cidade em meus escritos. Senti muita falta daqui – contou a doente. – A propósito, gosta de ler, James? Nunca falamos sobre isso, sempre nos ocupamos com personalidades da vida real.

– Gosto sim, senhorita.

Então falaram sobre Addison, Swift e tantos outros escritores, mas, sobretudo, sobre Shakespeare.

– Gosto de sua dramaticidade, há nela uma profundidade admirável

sobre a natureza humana. O envenenamento de Romeu, no final do livro, é um retrato do que há de mais intenso em nós, animais racionais, ou nem tão racionais assim.

James se mostrou mais do que um amante da literatura. Poucas vezes a escritora vira alguém falar com tamanha paixão. Sentia-se em um espelho, pois se reconhecia nisso. Que criatura admirável era ele! Se o tivesse conhecido em outras circunstâncias e ele tivesse alguns anos a mais ou ela a menos, e um dos dois tivesse libras a mais, teria pensando com mais afinco no matrimônio; mas ela era melhor em criá-lo para suas personagens do que para si mesma.

Falando em personagens, a pena da escritora voltou a correr sobre o papel, e ela dividia seus pensamentos entre a propriedade de Sanditon e a cidade de Bath.

Nos primeiros dias de viagem, Jane, a irmã e a mãe, reencontraram seus conhecidos, que estranharam a razão de sua viagem, pois Jane parecia mais saudável inclusive do que as outras duas. Viveram momentos de muito divertimento, aparentemente, pois perante sua nova companhia, as demais pareciam sem graça para Jane.

– Pois então este laçao seduz até os ladrões – disse a Sra. Werner, uma amiga de Cassandra que vivia em Bath, quando ela lhe contou o episódio do assalto e também da amizade de James com a irmã. Ela queria desabafar a respeito disso.

Havia maledicência no comentário da Sra. Werner, mas nada que também não existisse na mente da própria Cassandra.

No final da semana, porém, Jane piorou levemente, mas tinha forças para conversar, desde que o assunto fosse interessante. James, cuja amizade tinha se tornado ainda mais importante nos novos ares, foi convidado a ter com ela para passar o tempo. A mãe e Cassandra não mais demonstraram desaprovação a essa relação, desde que não ocorresse na frente de terceiros.

Falaram um pouco mais sobre literatura e diversos outros temas. Jane sentia profunda afinidade com ele, e James já não era seu laçao, e sim seu amigo.

Estando ela restabelecida, a família pôde voltar a Winchester. Sua

irmã sentia-se extremamente aliviada, tal como a mãe. Ambas não conseguiam imaginar o mundo sem Jane.

Winchester era a capital do condado de Hampshire, e muito se assemelhava às cidadezinhas de ar bucólico descritas nos livros dela. Para Jane, não se comparava a Bath, mas tinha também seu charme.

Na primeira noite em sua casa, porém, ela dormiu um sono febril que se repetiu por diversas vezes.

– Devíamos ter ficado por lá – disse a Sra. Austen. – Mas não arriscaria uma nova viagem nessas condições. Quem sabe quando Jane melhorar novamente, não é?! Bath não sairá do lugar.

Assim sendo, em um momento de desespero, Cassandra pediu socorro a Mary Lloyd Austen, que se encontrava na cidade de Steventon. Mary atendeu ao pedido e se dirigiu a Winchester, onde ficou por algum tempo na companhia das três mulheres e do simpático lacaio.

– Irei preparar meu testamento – anunciou Jane sentada na cama.

Cassandra, que estava ao seu lado, teve um sobressalto. A irmã era sempre otimista, nunca falava a palavra temida: morte. E pretendia que assim continuasse.

– Não há necessidade disso – objetou ela. – Eu sou a mais velha de nós, é mais provável que seja necessário que eu faça o meu.

Mas a vontade de Jane foi cumprida naquele mês de abril:

“Eu, Jane Austen, da paróquia de Chawton, lego por meio deste testamento, meus últimos desejos. Deixo para minha querida irmã, Cassandra Elizabeth, tudo o que possuo e/ou tudo que possa vir a me ser adquirido daqui em diante, sujeito ao pagamento das despesas de meu funeral, e um legado de 50 libras para meu irmão Henry e 50 libras para Madame de Bigeon ^[4] – a serem pagos tão logo seja oportuno. E nomeio minha dita e cara irmã inventariante dos meus últimos desejos e testamento.”

Madame Bigeon era a governanta de Henry, um dos irmãos Austen, e amiga da família.

Durante a estadia de Mary, a saúde da escritora da família Austen

novamente melhorou e a presença da amiga se fez desnecessária. Porém, com uma nova piora, Mary retornou prontamente à casa das parentas.

Jane dedicou à escrita de um poema todas as forças que conseguia reunir em si naquele momento:

“Essas corridas, festividades e libertinagens
Com as quais envergonham a serenidade vizinha
Deixem que façam – encontrarão a maldição no prazer
Sigam para as corridas, eu prossigo com a chuva”

Algumas noites depois, Jane sonhou que prosseguia com a chuva. Voltou à infância com seus seis irmãos e com o falecido pai. Estava sentada à mesa do colégio onde o Sr. Austen lecionava, em meio a vários meninos disciplinados (ou nem tanto).

Depois viu os numerosos sobrinhos correndo à sua volta, e reviu todas as pessoas que passaram pela sua vida, incluindo aquelas que só existiam em sua alma, ou melhor, que haviam nascido na sua alma e ganhado o mundo para si.

Elizabeth Bennet estava sentada à sua cabeceira e lhe agradecia pela oportunidade de existir. Elinor e Marianne Dashwood conversavam com ela sobre a beleza inspiradora de sua amizade com Cassandra.

A Sra. Bennet agradeceu pelo final feliz de suas filhas.

– Meus pobres nervos agradecem, Srta. Jane!

A vaidosa Emma agradeceu, também, pela oportunidade de enxergar além de seus limitados horizontes, e prometeu ser mais cuidadosa ao tentar juntar um casal.

Catherine Morland, Fanny Price, Anne Elliot, com seus respectivos pares...

Tantos outros interessantes visitantes – alguns vindos das páginas dos pequenos contos escritos em sua juventude, e que foram considerados por Jane Austen como flertes enquanto os romances eram noivados – compareceram ao quarto naquela madrugada, que repentinamente se transformou em um baile, onde todos eles, criadora e criaturas, estavam reunidos.

No final da reunião, surgiu uma outra Emma, não aquela que dá nome ao famoso romance, mas Emma Watson^[5], de Os Watsons, e Charlotte Heywood, vinda de Sanditon, como duas intrusas. Eram obras inacabadas, e isso dava a elas certa condição de bastardas, embora fossem tão legítimas quanto os demais presentes. Elas tinham sido convidadas, e era seu direito um lugar à mesa do jantar.

– Olá, minha irmã homônima – disse Emma Woodhouse à outra.

As duas jovens, Charlotte e a protagonista de Sanditon, cobraram que a autora concluísse suas histórias, e o jantar terminou com uma promessa de que Jane terminaria.

– Vocês brilharão muito nas próximas páginas – garantiu ela. E então o brinde foi feito.

Depois disso, dançaram todos, tanto que suas pernas doeram.

Entretanto, pela manhã uma figura real surgiu em meio a trégua da febre. Era James em seu porte altivo e seus cabelos castanhos.

– Bom dia, James! – disse ela tentando em vão se ajeitar na cama. Ainda carregava resquícios do baile da noite anterior, suas pernas doíam como se tivesse dançado mais do que na vida inteira. – Que horas são?

Os desvarios vinham todos à sua mente como algo real, e levou alguns segundos para perceber que não eram. Era inapropriado que ele levasse o café da manhã em sua cama, mas isso importava agora?

– Bom dia, Srta. Jane, como se sente hoje?

Antes que ela respondesse, ele começou um discurso que a fez pensar ainda estar em um de seus sonhos da madrugada.

– Dia desses, contei à senhorita sobre minha admiração pelas histórias profundas.

Ela ouvia atenta e com interesse o que dizia, embora não se sentisse em condições de manter uma conversa nem mesmo com ele.

– O ser humano é muito vasto e complexo, não acha? Mas é demasiado interessante que os escritores, inclusive a senhorita, não deem atenção alguma aos serviços. Penso, por exemplo, em como a pobreza dos Bennet foi superestimada, pois haveria por trás deles, jovens cujas vidas

jamais teriam oportunidade alguma de se casar com um vizinho recém-chegado e de bons rendimentos. É uma lástima que vocês escritores sejam tão limitados.

Surpresa, Jane não conseguiu dizer nada. Até então acreditava ser admirada por aquele ser que quase venerava, e saber que lhe causava desprezo, fez enfraquecer sua alma, pois o corpo já estava fraco. Quis se desculpar com ele, pois sabia que tinha razão.

– Oh, James – conseguiu exclamar em voz fraca, mas foi interrompida pela continuidade do discurso dele.

– Eu, como simples laçao que sou, o que poderia fazer a não ser questionar em minha própria mente as injustiças? Porém, às vezes até nós recebemos a oportunidade de sermos protagonistas, ou talvez seja mais correto dizer: antagonistas, o que é melhor do que coadjuvante, ao meu ver. Acredito que não imaginava, Srta. Jane, que uma ou outra pequena dose de arsênico misturadas ao chá, é capaz de fazer um empregado qualquer, sentir-se em uma obra de Shakespeare.

– James! – exclamou ela incrédula.

Compreendendo que não havia coincidência alguma no fato de James ter chegado à sua vida junto à sua doença, Jane não lutou contra o destino, e expirou em 18 de julho de 1817. Suas últimas palavras foram: "Não quero nada mais que a morte^[6]"



ANA CATARINA

CONTAGEM REGRESSIVA: Três meses para Bath.

Rique enviou uma foto.

*– As veias do seu braço estão ficando saltadas.
Não é por nada não, mas você está com pinta de capitão.*

Tinha sonhado com ele naquela noite, mas prefiro não dar detalhes sobre o assunto, só posso adiantar que o sonho foi inspirado pelas imagens que ele me mandou na academia de crossfit. O corpo de Rique estava ficando definido como meus sentimentos por ele, e eu sentia tanta falta de apreciar sua beleza mais de perto...

Eu havia adorado a fanfic que Bel me enviara por e-mail. Amargo chá me surpreendeu. Apesar de já me sentir órfã do @Belfanfics, eu estava contente porque ela havia fechado essa etapa da sua vida com chave de ouro.

– Só não vai parar de escrever, né?!

– Claro que não.

Eu sem a escrita sou tipo goiabada sem queijo.

– Romeu sem Julieta.

– Sou eu assim sem você.

– Por que é que tem que ser assim?

– Se o meu desejo não tem fim?

*– Te quero a todo instante.
Nem mil alto-falantes,
vão poder falar por mim.*

**– *Só você para completar músicas comigo.
Te amo, sua idiota.***

No final de semana eu estava tão cansada que nem me levantei da cama quando meus irmãos entraram no meu quarto vestidos de caipiras e com bigodes de canetinha para contar o quanto a festa junina da escola foi divertida. Pelo menos eles trouxeram uma pamonha para mim, que logo esquentei no micro-ondas e devorei. Se tem algo que vale a pena no ano, além das comidas de Natal, é claro, são as comidas de junho e julho. Bel me ligou:

– E o Darcy, como está?

– É Jorge! Sabe de uma coisa? Isso de ser esnobada só funciona na ficção.

– Não acho. Minha mãe é frequentemente esnobada pelo meu padrasto, e quanto mais ele é estúpido, mais ela se apaixona. E se fosse só estupidez...

– Não fala assim da sua mãe. Ela tem dependência emocional, isso é algo sério. Não tem nada a ver com gostar de ser esnobada.

– Você vai fazer igual minha avó e dar uma de psicóloga?

– Não é isso. Só não acho que você deva julgá-la tanto, entende?

– Não, não entendo! Mas voltando a falar do Jorge, qual o problema dele?

– Um mauricinho de marca maior. Ele definitivamente não sabe viver em sociedade. Ou talvez ele só saiba viver em alta sociedade.

Naquele dia eu assinaria os papéis da escritura da casa que recebi de herança.

– Tá pronta? – minha mãe perguntou do outro lado da porta.

– Tô, sim! – respondi. Mas era mentira, eu sequer tinha começado a me arrumar, e o fiz com toda a pressa possível após dar um salto olímpico para fora da cama.

– Meu tio vai estar lá? – perguntei.

– Vai, sim.

Ele parecia ser um cara bacana e me disse para eu me aproximar da família que deveria chamar de minha. Eu sabia que não me sentiria à vontade no meio daquelas pessoas que tinham meu sangue, mas que eram estranhas para mim.

No final da reunião, que aconteceu no cartório, ele me entregou um molho de chaves e a escritura da casa que agora me pertencia.

– Obrigada! – eu disse.

– Foi bom te conhecer – ele concluiu.

Ter aquele papel nas mãos, ver meu nome escrito nele e saber o quanto ele significava, me deu uma sensação estranha de responsabilidade.

– Você sabe quantas pessoas no Brasil com menos de 35 anos têm casa própria? – perguntou minha mãe. – Não importa se ela está caindo aos pedaços, é sua e pronto.

Eu ri. Era bom passar alguns minutos sozinha com ela e vê-la tendo um pouquinho de senso de humor, ainda que fosse resolvendo burocracias. Eu sentia falta de quando éramos só nós duas, e disse isso a ela.

– Eu também sinto! – Manoela respondeu.

E aquele foi o melhor momento do dia.

– Você e o Rique estão bem?

– Agora sim.

– Antes não estavam?

– Não é isso, eu só... estava um pouco estremecida.

– Em que sentido?

Eu não queria desabafar com ela, até porque, se fosse revelar a profundidade dos meus medos, tocaria em um assunto que estragaria nosso momento mãe e filha: sua relação abusiva e violenta com meu padrasto.

– Besteira! – concluí.

– A distância não é fácil – ela continuou apesar da minha evasiva. – Mas aquilo que vale a pena, segue firme apesar disso.

Sabia que Manoela tinha razão, pelo menos naquele ponto.



Na segunda-feira, encontrei William por acaso na cantina da faculdade e me sentei ao seu lado enquanto comia uma coxinha vorazmente.

– Terminei de ler Razão e Sensibilidade – disse ele guardando o celular.

Eu sabia que, hoje em dia, deixar o celular de canto para conversar com alguém era a maior demonstração de educação que alguém poderia dar. Meu amigo era um *gentleman*, assim como Rique.

Will abriu a mochila e tirou o livro de lá de dentro. Meu coração palpitou ao ver o exemplar em perfeito estado, pois emprestar livros é um risco que se assume (nunca se sabe quando uma mancha de café voltará com eles, ou uma dobradura em alguma página), mas Will era muito cuidadoso e eu sabia disso.

– Já? – perguntei surpresa pelo ritmo de leitura acelerado para alguém que trabalhava e estudava.

Pensei em qual seria o próximo da lista e constatei que depois deste, havia lido Persuasão, mas que era Will que deveria escolher desta vez, afinal já não era tão novato assim na área.

Ele pegou um caderno dentro da mochila e disse que estava ficando maluco de tanto pensar no seu TCC. Ainda bem (ou não) que ainda faltavam alguns anos para eu passar por isso. Contei que tinha uma amiga que estava passando pelo mesmo. Bel e Will tinham algo em comum além da minha amizade.

– O que você tem que fazer?

– Tenho que criar um aplicativo inovador, mas sabe quando a criatividade foge?

– Inovador tipo um aplicativo de namoro para fãs de Jane Austen?

Ele olhou para mim de modo que percebi que havia levado a sério o

que eu falei, e me fazendo acreditar que eu havia tido um momento eureka diante dele.

– Era brincadeira! – disse imediatamente. – Ou não... – concluí quando notei que não era uma ideia tão ruim fazer um Tinder exclusivo para os fãs de Austen. – De qualquer forma, falei brincando, o mundo está saturado de aplicativos de relacionamentos, e já vi muita gente reclamar que conheceu a pessoa que quebrou seu coração em um deles.

– Esse não seria qualquer aplicativo – concluiu Will com os olhos brilhantes. – Jane Austen é muito popular, a obra dela não envelhece, e seus livros falam sobre o amor. Tem tudo a ver.

– Tem razão, mas nem todo mundo está disposto a ter um relacionamento à distância. É mais fácil conhecer alguém em festas ou no trabalho.

Ao dizer isso, me lembrei da frase recente da minha mãe, “A distância não é fácil, mas aquilo que vale a pena, segue firme apesar disso.”

– Se fosse tão simples conhecer alguém do modo tradicional – objetou Will. – as pessoas não procurariam os aplicativos. Além do mais, esses relacionamentos não são necessariamente à distância. Às vezes duas pessoas estão lado a lado e não se dão conta uma da outra, e o celular pode conectá-las.

Os alunos começaram a se dispersar da cantina, o que significava que a aula estava prestes a começar.

– Me ajuda nessa? – pediu ele enquanto se levantava. E então qualquer dúvida de que uma doideira dita da boca pra fora viraria tema de trabalho de conclusão de curso, se dissipou.

– Tá falando sério? – questionei por desencargo de consciência.

– Claro que sim! É genial.

Não tive como dizer não a Jane Austen.

Na sala, não consegui prestar atenção em nada que a professora dizia. Fiquei pensando no quão bizarra e inovadora era a ideia que tive, sem querer me gabar. Rabisquei nas últimas folhas do caderno como eu gostaria que tudo fosse. Até uma frase de efeito me passou pela cabeça:

“O que Jane Austen e tecnologia têm em comum? Eles estão unidos em um novo aplicativo. Baixe agora e encontre o cavalheiro ou a dama da sua vida.”,

Mal pude esperar para chegar em casa para finalmente contar a novidade a Rique e Bel, que ficaram exultantes.

A parceria com William me deu uma nova perspectiva sobre meu retorno ao Instagram. Não havia dúvidas de que os seguidores iriam pirar com isso como eu estava pirando.

E então, enquanto eu escovava os dentes, me veio um nome: Austenapp.



BEL

Meu chefe nos avisou que faria um happy hour na sexta-feira, lá mesmo no escritório, para comemorar seu aniversário. Me perguntei se ele não tinha amigos fora dali, pois parecia meio depressivo fazer a comemoração no ambiente de trabalho.

Tive que ficar por educação. Passar a hora do almoço com Jorge já não era muito agradável, e ainda ter que ficar nessa festinha na companhia dele, não parecia diferente. Eu queria meu quarto, minha cama e meu travesseiro.

Quando o horário do expediente terminou, nós descemos para o salão que ficava embaixo do escritório. O local estava decorado com bexigas azuis e fitinhas de papel crepom.

Eu estava tomando um refrigerante quando Jorge se aproximou e disse:

– Quantos anos o Almeida está fazendo?

– Eu sei lá! – respondi à pergunta sem jeito. Mas com um pouco de esforço, me lembrei que ele havia dito que estava fazendo cinquenta e nove. Tirei meus óculos do rosto e limpei as lentes na malha da blusa; era o que eu fazia quando me sentia acuada de alguma maneira. Mas por que eu estava me sentindo assim?

Jorge continuou próximo, e sua presença carregava algo artificial, como se ele quisesse me dizer alguma coisa e ao mesmo tempo não quisesse; eu disse a mim mesma que isso era coisa da minha imaginação fértil.

Me levantei para pegar alguns quitutes com a esperança de que quando voltasse, ele tivesse mudado de lugar. Porém, quando voltei, Jorge permanecia ali.

– Eu me lembro de você, da festa – ele disse finalmente.

“O quê?”, pensei.

– Da Lidianne? – perguntei como se eu fosse a milhares de festas e

conhecesse milhares de caras que logo em seguida vinham trabalhar no mesmo escritório que eu.

– Isso!

– Ah, que legal! Foi uma boa festa – concluí totalmente sem jeito.

Me levantei novamente, disfarçando que a intenção era pegar mais quitutes e indo me sentar o mais naturalmente possível em uma das cadeiras distantes. Parabenizei a mim mesma pelo fato de ter me dado ao trabalho de fingir para não magoar alguém que sempre foi rude comigo, literalmente desde o primeiro momento. Constatei que merecia um lugarzinho no céu por isso, quando fosse a hora, é claro.

Depois dos parabéns (regados àquela canção típica do “Bom Companheiro”), segui para o ponto de ônibus. Como o horário estava mais avançado do que o de costume, a rua estava deserta, e sozinha eu esperei a condução que me levaria para casa.

E esperei, e esperei...

O happy hour havia demorado muito mais do que o planejado, eu fiquei mais do que o devido e, pior, sem um real no bolso para pagar um Uber. Ligar para os meus pais estava fora de cogitação, pois àquela hora, o movimento da casa do Norte estava no ápice.

Era nisso que eu pensava quando um carro preto de vidros escuros parou rente à calçada, fazendo meu coração saltar de medo (apenas dois caras em uma moto seriam assustadores, ou uma barata, ou duas baratas em uma moto):

– Quer carona? – Jorge perguntou enquanto abria o vidro.

Eu fiquei parada feito um poste, pensando na melhor forma de dizer que “não”, embora no fundo quisesse dizer que “sim”. E no final foi o que acabei dizendo. Na hora do susto, havia esquecido que o carro era o mesmo que eu vira no dia da festa.

– Obrigada! – disse engolindo meu orgulho. Essa palavra se encaixava de modo ambíguo à situação. Eu estava dentro daquele carro obrigada pela situação.

Ele ligou o rádio em uma estação de MPB, onde tocava “Beija eu”, da

Marisa Monte, o que me deixou um pouco encabulada. Romantismo era algo que não cabia entre nós.

– Não precisava se incomodar. Vou te desviar do seu caminho.

Mas ele ignorou e continuou seguindo para o meu endereço, que estava marcado no GPS do seu Iphone. Constatei que meu celular devia ser bisneto do dele, mas eu havia escolhido gastar meu dinheiro extra comprando um notebook novo para que pudesse escrever confortavelmente. Prioridades.

– Não sou tão mau assim – Jorge concluiu ao parar o carro na frente da minha casa/restaurante Norte & Angi.

Isso me deixou intimidada, mas eu sabia que não fora proposital, afinal ele não podia imaginar que eu tinha uma mãe controladora e casamenteira.

– Tem razão, você não é – concordei.

– Você mora aqui?

– Lá em cima! – apontei com o dedo indicador encostando no vidro da janela do carro e me arrependendo no mesmo momento por medo de deixar marca. – O restaurante é da minha família.

Ele mudou de assunto de repente.

– Desculpe se tenho sido mal-educado nos últimos dias, é que é tudo novo pra mim, sabe?

Havia algo novo em seu olhar. Algo que até então eu não tinha visto.

– O que exatamente? - perguntei.

– A vida real. Eu tenho vergonha de falar, mas esse é meu primeiro emprego.

– Eu já imaginava.

– Meio que fui criado em uma redoma, não sei se você entende isso.

O fato de ele estar se abrindo comigo daquela forma inesperada, me deixou mais à vontade. Era como se o gelo tivesse sido quebrado.

– Acho que muitos de nós somos.

– Pois é! Mas eu fui um pouco mais. Pra mim está sendo um desafio

esse negócio de cumprir metas.

– Acordar cedo...

– Também – ele respondeu com um sorriso. Só então percebi o quão retinhos eram seus dentes. – Na verdade, acordar cedo nem tanto, porque aos sábados eu levanto com o sol para surfar.

Ele riu, e eu tive que rir também. Senso de humor era o que eu mais admirava nas pessoas.

Olhei para a sua mão que ainda tocava o volante, embora o carro estivesse desligado. Ela era linda e, subindo um pouco, notei que seu braço era mais forte do que eu pensava.

– O Almeida é um cara legal, mas um chefe que pega pesado – concluiu ele.

– É verdade – concordei tirando os olhos do braço de Jorge.

Ao olhar para o outro lado, notei que minha mãe estava na porta do restaurante, observando com as mãos na cintura, pronta para reclamar do carro parado à frente. Como os vidros eram escuros, ela não fazia ideia de que era eu quem estava lá dentro.

– Fazemos as “pazes”? – perguntei apressada. Depois daquela conversa rápida, me senti desarmada.

Jorge apertou minha mão, que eu havia estendido, e desci rapidamente, grata por não ter dado tempo de minha mãe solicitar que ele saísse da passagem do restaurante.

Pude ver o olhar dela se iluminando ao me ver sair do veículo preto e brilhante, tal como a Sra. Bennet teria olhado uma das filhas sair de alguma bela carruagem pertencente a um cavalheiro rico. Imaginei que para ela esse momento estivesse acontecendo em câmera lenta, como num filme.

– Quem era, Bel? – ela questionou.

– Um cara do trabalho.

– Hum... até que enfim! Não acredito.

– Também não acredito!

– Que está saindo com um cara do trabalho?

– Que você vê maldade em tudo. Antes que pergunte: meu ônibus não estava passando, eu não queria incomodar vocês e ele me ofereceu uma carona, foi só isso, tá bom? Foi só isso!

Segui rumo às escadas e fui direto para o meu quarto.



ANA CATARINA

O Austenapp se tornou real em tempo recorde.

Will trabalhou por alguns dias na programação do aplicativo (produção, compra de domínio, essas coisas) e agora ele já não era mais apenas uma ideia. Esse projeto era o misto do melhor do século XIX e do XXI.

Nós havíamos nos sentado para conversar sobre os detalhes, e eu lhe mostrei a página do meu caderno onde eu tinha rabiscado minhas ideias.

“O que Jane Austen e a tecnologia têm em comum? Eles estão unidos em um novo aplicativo: o Austenapp.” Will havia gostado da frase de efeito e também do nome. Para ele, Austenapp tinha a essência do aplicativo.

– Se eu não tivesse trauma de conhecer gente pela Internet, até iria baixar – disse minha madrinha quando contei a novidade a ela.

– O nosso app tem um diferencial, acho que vale a pena dar uma chance, não acha?

– Vou pensar no seu caso.

Com tantas adaptações cinematográficas, televisivas e teatrais para cada um de seus livros, além de inúmeras homenagens literárias, como as fanfics da Bel, Jane Austen é um dos maiores exemplos de musa de inesgotável inspiração. A despeito do tempo que se passou desde sua morte, seus diversos admiradores formam um verdadeiro exército. Há, de certa maneira, a ideia errônea de que esses "fãs clubes" sejam formados apenas por mulheres, e em idade madura, mas se engana quem pensa assim; os grupos, virtuais ou não, são formados também por jovens (olha eu aqui), e por homens (Rique era o melhor exemplo disso).

Agora fãs de Jane Austen poderiam se inscrever e testar suas combinações.

Mas como o Austenapp funcionava? Bem, para demonstrar que havia gostado de um perfil, bastava clicar na opção “chamar para dançar.” Se um perfil te procurasse e você não quisesse retribuir o interesse, era só clicar na

opção “tolerável”, e a pessoa entenderia a evasiva. Para solicitar amizade, existia a opção “convidar para um chá”. Ah, lá também havia como deixar depoimentos, em homenagem à saudosa rede social que deixou de existir.

Além do mais, nós havíamos decidido não restringi-lo apenas a um app de namoros, mas adicionar um chat onde amigos também pudessem conversar como que por mensagem de texto.

– Você acha que alguém vai baixar esse aplicativo, Will?

– Se somarmos o número de fãs de Jane Austen ao de pessoas procurando o amor, muitos *alguéns* irão baixar esse aplicativo.

No mais, a opção “amo ardentemente” levaria algum tempo para ser usada, mas torci que ao menos um casal apertasse esse botão dali a algum tempo. Eu estava tentando baixar as expectativas, mas queria mesmo é que as pessoas baixassem o Austenapp. A intenção era apenas que Will recebesse a aprovação da banca do TCC, entretanto, eu estava animada com a possibilidade do aplicativo ultrapassar as portas da faculdade.

O logotipo se tratava da silhueta clássica de Jane Austen (a mesma que eu tinha tatuado), mas segurando um celular. As duas imagens unidas tinham, cada uma, seu próprio simbolismo. A silhueta representava o passado, e o celular o presente. Ambos, juntos, simbolizavam o futuro. O layout, feito pelo Will, era alegre e colorido.

– ***Você gostou mesmo?***

Perguntei a Bel.

– ***É claro que sim!***

Está moderno, despojado. Eu adorei!

Fiz uma sessão de fotos para ajudar na divulgação. Fazia tanto tempo que não colocava anáguas, que demorei o dobro do tempo que costumava para me arrumar à caráter. Aproveitei para gravar um vídeo de trinta segundos.

“Olá, Janeites! Vim dizer que sobrevivi à vida real e trago uma super novidade.”, disse na frente da câmera.

Não foi um retorno à altura dos anos dourados do @EuJaneite. Poucas pessoas curtiram as fotos ou assistiram ao vídeo, mas ainda bem que o

aplicativo não dependia disso para vingar.

– Dei *enter* – disse Will. – Agora é só esperar entrar no ar.

Se eu já não tivesse dado o *match* ideal, com certeza também teria baixado.

#Austenapp.



ANA CATARINA

Já no sábado tive uma surpresa, na verdade muito mais do que isso: tive Rique. Eu tinha acabado de levantar e estava colocando meus livros para tomar um sol depois de tê-los limpadado com um paninho com álcool. Ele apareceu no início da tarde com uma pesada mochila nas costas, pronto para realizar meu desejo de abraçá-lo.

– O quê? – perguntei pulando também de surpresa em seus braços. Foi só isso que consegui dizer em seu colo.

No dia anterior, ele havia deixado no recém-nascido Austenapp, um depoimento intitulado “Quando me tornei Henry Tilney”, onde contava a história de como nos conhecemos. Se você quiser ler, vai ter que baixar o aplicativo.

O guarda da rua, que estava fazendo a ronda por causa de uma fanfarra escolar nos arredores, me olhou com censura e eu me contive, saindo daquela posição indevida.

– Vamos entrar? – perguntei. Ao meu namorado, não ao guarda, é claro.

Rique adentrou minha casa. Até então eu estava sozinha, minha mãe tinha saído com meus irmãos e o Marcelo estava no clube, para variar. Isso significava que tínhamos a casa só para nós.

– Cliquei na opção “amo ardentemente” e vim parar aqui – disse ele.
– Esse seu aplicativo é mesmo moderno, tem até tele transporte.

– Você é doido! – eu disse o beijando – E o trabalho? – perguntei me lembrando de que ele devia estar lá.

Rique trabalhava até nos feriados, e às vezes nos sábados. Eu me perguntava, assim como ele próprio, se valia a pena tudo isso por uma promoção, mas aí me lembrava de que, se ele fosse promovido, poderia escolher trabalhar na sede da sua empresa, que por acaso ficava em São Paulo, minha cidade.

Antes que ele pudesse responder, o joguei no sofá e me coloquei

delicadamente em cima dele. Daquele ângulo Rique ficava ainda mais bonito. Ele pareceu surpreso com meu gesto atrevido, e disse:

– Eu sou doido mesmo, mas por você.

Os lábios dele alcançaram os meus, e sua língua quente logo se entrelaçou à minha, me causando uma sensação de prazer físico que combinava perfeitamente com a alegria da minha mente. Eu podia sentir o calor do seu corpo emanando para o meu.

Até que percebi o quão indevido era o fato de eu estar desejando meu namorado em cima do sofá da sala da casa da minha família.

O levei para meu quarto, mas sem segundas intenções. Era a primeira vez que ele entrava ali. Quando viera conhecer minha casa, Rique ficara apenas na sala, como fazem os casais à moda antiga (nós éramos um), já no restante do tempo que ele passara comigo na minha cidade, ficamos na casa da minha madrinha, pois Marcelo não era o tipo de padrasto acolhedor e a simpatia da minha mãe, embora ela se esforçasse, não supria isso.

– É tudo tão... a sua cara – disse se referindo à decoração que já tinha visto em vídeo diversas vezes.

Ele pegou meu travesseiro, cuja fronha tinha a silhueta de Jane Austen bordada (presente de Bel).

– Você cabulou o trabalho? – perguntei.

– Ah, conhece uma lei trabalhista chamada compensação de horas? É por isso que estou ficando todo dia até um pouco mais tarde.

Só então compreendi o motivo de ele ter estado distante há algumas semanas: estava trabalhando mais para poder vir me ver. Me senti injusta por ter criado caraminholas na cabeça a seu respeito e dado atenção às coisas que tia Rubi dissera. Eu a admirava, mas não podia ter todas as verdades dela como absolutas.

– Isso significa que tenho quanto tempo com você?

– Quatro dias! O feriado todo.

Quatro dias inteiros pareceu ótimo aos meus olhos, embora soubesse que era pouco tempo para um coração apaixonado.

Servi suco natural para ele, feito com as acerolas do pé que tínhamos

no quintal.

– Pelas nuvens é tão pertinho – disse ele.

– Eu é que tô nas nuvens por você estar aqui.

Percebi que seria um porre ter que conviver no mesmo teto que Marcelo com Rique por perto, e o tanto de indiretas que teria que ouvir do babaca conservador, ah, e o pior seria ter que resistir a jogar as verdades na cara dele, o que culminaria em uma discussão deselegante que eu não queria ter na frente do meu namorado, embora ele já soubesse como era minha família. Dividi essa preocupação com Rique, e ele respondeu:

– Não se preocupe! Vou ficar no mesmo hotel em que fiquei da outra vez – respondeu. – É barato, confortável e perto de você. Não quero te causar problemas.

– Não é você quem causa os problemas. Na verdade, você me faz esquecer-los – eu o beijei novamente.

– Mesmo assim. Vou para o hotel.

Então de repente tive uma ideia que pareceu absurda, mas ao tempo genial:

– Nada disso – falei. – Sem condições de você vir me visitar e a gente ficar separado. Não tem chance alguma disso acontecer, entendeu?!

Em seguida, me levantei e peguei o molho de chaves velhas dentro da gaveta da minha escrivaninha.

– A gente vai ficar junto sim, mas não aqui.

Ele se levantou também, me puxou para mais perto e em seguida me girou, me encostando na parede. Sua respiração soprou em meu rosto.

– Para onde vai me levar, senhorita?

– Para algum jardim! – fiz a linha misteriosa. – É lá que as coisas boas acontecem nos livros clássicos ou de época.



BEL

CONTAGEM REGRESSIVA: um semestre para a entrega do TCC...

Férias. Eu estava de férias da faculdade. E tinha um feriado inteiro pela frente, livre do meu chefe e dos meus colegas de trabalho. Parecia bom demais para ser verdade.

Rique me acordou bem cedinho, dizendo que estava indo viajar. Eu o olhei com meus olhos semicerrados, tentando absorver as palavras, pois meu cérebro nunca funcionou bem pela manhã.

– Vai ser uma surpresa pra Catá – ele contou. – Quer ir comigo?

Havia sido uma surpresa para mim também.

– Você vai matá-la do coração.

– A intenção não é essa. Seria bem trágico, mas e aí, quer ir ou não?

– Querer eu quero, mas bem que você poderia ter me avisado antes. Preciso começar o TCC. Chega de procrastinar. Ela vai adorar a surpresa. Você é doido.

– Quer alguma coisa de São Paulo?

– Um livro novo, pode ser? – eu sabia que a cidade era cheia de livrarias e sebos.

Depois voltei a dormir e acabei tendo um sonho estranho com Jorge. Não que ele tivesse me convencido com seu jeito fofo. Sonhos são coisas do subconsciente e eu sabia disso. Não posso transcrevê-lo aqui, pois não me lembro (e juro, isso não é desculpa de quem se envergonha de ter tido um sonho erótico).

Quando acordei pra valer, estava decidida a ir visitar Lady Olga como sempre costumava fazer nesse dia.

Após me arrumar, meu celular vibrou, e eu achei que fosse uma mensagem de Rique avisando que tinha chegado bem em São Paulo,

mas ao invés disso, era uma mensagem de um número desconhecido.

– ***Bom feriado!***

Então constatei, ao olhar a foto do perfil, que o telefone pertencia a Jorge.

– ***Bom feriado!***

Foi o que respondi. E me perguntei como ou onde ele conseguira meu número. Pensei que talvez pudesse ter sido a Lidianne e fiquei de lhe chamar a atenção por isso.

– ***Peguei no sistema de cadastro de funcionários no servidor lá do escritório.***

Ele pareceu ter lido minha mente ao se justificar.

“Que abusado.”, pensei. “Cadê o profissionalismo?”

– ***Desculpa pelo abuso.***

Ok, esse garoto lia mesmo mentes! E não dava para negar, era bonito como um herói da Marvel em versões cinematográficas.

– ***Sem problemas!***

Respondi.

Ao descer, perguntei à minha mãe se ela gostaria de me acompanhar, mas como sempre, respondeu que estava muito ocupada com os preparativos para o almoço da casa do Norte, o que não era mentira, mas tampouco justificativa válida.

– Pra variar – eu disse.

– Está me criticando, Izabel? – ela colocou as mãos na cintura. Havia um pano de prato em seu ombro, o que tornava a cena tipicamente engraçada.

– Imagina.

Eu sabia que minha mãe evitava a presença de minha avó, e isso me deixava incomodada, pois me perguntava se ela gostaria que eu fizesse o mesmo com ela na velhice.

– Você deveria vir comigo. Meu pai se vira muito bem na cozinha.

Havia pontos da babá eletrônica que supervisionava minha avó em

todos os cômodos da nossa casa, e como o restaurante era uma extensão dela (e onde meus pais passavam a maior parte do tempo), era natural haver um ali também. Às vezes, enquanto cozinhava, minha mãe bisbilhotava um pouco do que Lady Olga estava fazendo, para a segurança dela.

– Pode ir, Cássia, eu dou conta – disse a voz dele vinda de lá de dentro.

Por vezes, a chamarei aqui pelo nome, afinal mães não são apenas mães, mas pessoas com nome próprio, e o da minha é Cássia.

– Viu?! – perguntei.

O negócio era da família do meu pai, logo fora ele quem ensinara os macetes da comida nordestina à minha mãe, que por sua vez havia nascido com um dom natural para a culinária. O casamento perfeito!

– Não gosto de vê-la daquele jeito.

– Ninguém gosta, mãe, mas é melhor do que não vê-la.

– Não me culpe, Bel.

– Não tô culpando, eu só acho que... ah, quer saber? Faz o que você quiser.

Peguei o ônibus para a casa da matriarca da nossa família logo depois de comprar o costumeiro frango de padaria e, ao chegar lá, bati à porta também como de costume. Lady Olga atendeu com o mesmo semblante de sempre, cordial, aérea e alegre por estar recebendo uma visita.

– Você me parece um tanto incomodada – disse ela. A doença não havia afetado sua sensibilidade, tampouco sua capacidade de percepção, na verdade, parecia até tê-las intensificado.

– De fato, estou – respondi. O motivo era a combinação entre o descaso de minha mãe para com ela e a pressão sobre mim.

– Se desejar desabafar comigo sobre esse sentimento, estou à disposição, querida! Nós, mais velhos, não sabemos tudo, mas estamos sempre prontos a dizer uma ou outra palavra sábia.

Decidi aceitar o convite oportuno.

– Obrigada! Tenho me sentido pressionada a... a fazer um enlace com algum cavalheiro – respondi de forma que ela compreendesse.

– Algum específico?

– Não exatamente.

– Bem, todas as mulheres passam por isso, o que é uma lástima. O matrimônio não deve ser uma obrigação, tampouco um negócio, mas apenas a disposição de duas almas afins a viver juntas uma vida inteira.

Me lembrei da frase de Jane Austen transcrita na minha última fanfic sobre qualquer coisa ser suportável ou preferível do que um casamento sem afeição. O mesmo valia para outros tipos de relacionamento.

A modernidade de Lady Olga me surpreendeu, e embora eu não estivesse exatamente sendo influenciada a me casar, o sentido era o mesmo. O ato de namorar alguém não deveria ser questão de status social, como queriam me fazer acreditar que era.

– Sugiro que ignore aqueles que querem selar o seu destino e ouça apenas a voz do seu próprio coração, pois é ele quem baterá em seu peito até o fim de seus dias.

No meio do nosso almoço, alguém bateu à porta, desviando minha atenção do prato de porcelana fina.

– Com licença – disse minha mãe segurando um embrulho que eu sabia que continha cocada cremosa, a sobremesa mais vendida no Norte & Angi. A receita, que continha coco, rapadura, leite de coco e polpa de outras frutas, fazia um sucesso estrondoso no restaurante. – Sei que é impolido de minha parte chegar no meio da refeição – ela ficava engraçada quando entrava nesse universo regencial, soava artificial e divertido; me dava vontade de rir.

– Cássia – minha avó respondeu, e seu rosto de iluminou ainda mais do que quando me viu. – Sua presença nunca é impolida, minha querida.

E eu lancei um olhar de agradecimento à minha mãe.

Mais tarde, quando já tínhamos retornado para casa e eu estava no meu quarto assistindo a um filme (uma das minhas coisas preferidas dos feriados), ela entrou.

– Elizabeth Taylor? – perguntou Cássia olhando para a tela.

Admirei que tivesse reconhecido.

– Uhum! Mulherzinhas é o nome do filme.

– Antigo, hein?!

– É de 1949.

– Uma relíquia. É baseado em um livro, não é?!

– Como sabe?

– Você só vê filmes baseados em livros.

– Claro que não. Eles são só os meus preferidos, mas não são os únicos que vejo.

Ela se sentou ao meu lado na cama.

– É sobre o quê?

– É sobre uma família de cinco mulheres que, quando o pai vai para a guerra, tem que sobreviver sem ele. Cada uma tem um talento, e uma delas, que é a minha preferida, gosta muito de escrever.

– Como você.

– É, como eu.

– Você ainda escreve?

– Escrevo, sim.

– Aquelas histórias... como é que chamam?

– Fanfics. É! A última coisa que escrevi foi uma fanfic.

Percebi que ela queria se aproximar de mim com algum objetivo certo, pois geralmente não se interessava por filmes antigos, tampouco pelo que eu escrevia na Internet.

– E aquele garoto?

“Sério que ela vai estragar isso?”, pensei. “Poxa, estávamos indo tão bem.”

– Que garoto? – perguntei sem desviar o olhar da tela.

– O do carro preto.

– O que tem ele?

– Vocês estão saindo?

– Mãe, não começa, por favor.

– O que foi, Izabel? O que há de errado com a minha pergunta?

– Não, nós não estamos saindo, tá bom? Posso ver o filme agora? – meu tom era ríspido.

Ela se levantou, mas antes de sair disse uma última coisa:

– Não tem nada de errado em ter um namoradinho, eu mesma, antes do seu pai, tive alguns.

E fechou a porta atrás de si.

Fiquei contente que ela não tivesse ficado para fazer revelações inapropriadas sobre seu histórico amoroso ou sexual. No mesmo momento, meu celular apitou.

– Boa noite, Bel!

E agora eu já tinha o remetente salvo na minha agenda. Era o Darcy, quer dizer, o Jorge.



ANA CATARINA

Rique ficou maravilhado com a chácara que minha avó deixou para mim. Seus olhos brilharam e antes mesmo de ele dizer, eu sabia o que havia se passado em sua cabeça.

– Melhor do que um jardim? – perguntei.

– Uma reforma e ela se transforma – ele disse, exatamente como pensei.

Me lembrei de um dia em que estávamos em uma livraria e ele comentou sobre sua paixão por casas velhas. Aquela foi a primeira vez que falamos sobre o amor.

– Olha todo esse quintal ao redor.

Havíamos feito uma viagem de três horas no ônibus que partia da rodoviária mais próxima, por sorte tinha passagens disponíveis.

Para entrar, peguei dentro da bolsa a chave grande que tinha um formato antigo e a segurei com firmeza. Ela era a entrada simbólica para dias maravilhosos. Estava um pouco enferrujada, então a girei na fechadura da porta de madeira umas três vezes antes de conseguir destrancar após um leve som. A entrada da casa era diretamente na cozinha, depois vinha a sala, o banheiro e os dormitórios. Do lado externo havia um segundo banheiro.

– Temos que arrumar um chaveiro nesse feriado – eu falei. – Para trocar essas chaves por outras mais modernas.

As paredes mofadas com tintura descascada e a falta de energia elétrica só tornavam o lugar mais encantador, ou talvez o encantamento estivesse em nossos corações por estarmos juntos e enxergarmos a beleza do passado.

– Eu devia ter falado com a sua mãe, ela vai ficar com uma má impressão de mim por ter te levado de casa assim.

– Fica tranquilo – disse. – A ideia foi minha. Não sou uma mocinha indefesa, e ela sabe disso.

“A indefesa é ela.”, pensei em dizer, mas calei.

– Já pensou em algum nome para a casa?

– Nome? – perguntei.

Sabia que os antigos costumavam dar nomes às suas propriedades, como Pemberley, Longbourn, Norland, mas não havia pensado em nenhum para a minha, acho que é porque não havia caído a ficha de que era minha, ou talvez porque nós não temos esse costume no nosso tempo, o que eu considerava uma pena.

– Nova Casa Velha? – eu disse. – Não parece tão bom, mas foi o que me veio à mente. Ela é nova para mim, mas de modo geral ela é velha, então Nova Casa Velha.

– Considero batizada então!

Para minha mãe eu havia deixado apenas uma mensagem. Mesmo que não admitisse para mim mesma, e muito menos pra ela, guardava um pouco de mágoa por ela ter me escondido a história do dinheiro e apoiado meu padrasto em tudo desde que se casara com ele. Mas naquele momento eles não importavam nem um pouco. Rique e eu estávamos ali, juntos por quatro dias inteiros, sem uma tela de computador ou quilômetros para nos separar. Parecia um sonho do qual eu não queria acordar. Em outros tempos eu seria uma desonra para minha família, esse era o lado bom de viver no século XXI.

Levamos travesseiros e lençóis, e por isso parecia que estávamos indo morar ali para sempre.

– Quem me dera! – ele exclamou.

No mercadinho mais próximo (*inho* mesmo, pois tinha apenas dois corredores com prateleiras baixas), compramos alguns produtos de limpeza pra tirar o cheiro de mofo. A faxina a quatro mãos foi feita em duas horas. Nós dois parecíamos casados enquanto deixávamos tudo brilhando, e aquela parecia ser a nossa casa. O céu estava alaranjado quando terminamos e deitamos na cama rangente na semiescuridão do quarto que um dia devia ter pertencido aos meus avós. Nós estávamos no nosso ponto geográfico de equilíbrio.

E que equilíbrio. Eu deitei em seu peito e ele fez carinho no meu cabelo, então percebi que estava deitada sozinha com um homem e só me dei

conta aí de que já era adulta. Notei também que estava com fome, pois além do pão com manteiga do café da manhã, só havia comido um pacote de batatas que dividi com ele no ônibus. Perto da rodoviária havia alguns restaurantes, mas no mercado nós também compramos algumas coisas para enganar o estômago.

– As coisas estão melhores no trabalho – disse mesmo sabendo que ele já sabia, pois já havíamos conversado sobre isso, e sobre tudo, pela Internet. Pessoalmente as palavras tinham sabor de novidade, por isso nós contamos um ao outro coisas que já sabíamos.

– Peguei o projeto de uma escola. Vou auxiliar meu chefe.

– Sei que será a escola mais bem planejada do mundo.

– E o Austenapp, hein?! Quem diria que o TCC do seu amigo daria tanto pano pra manga?!

– Nem me fale, acho que estou animada demais com isso, preciso trabalhar melhor as expectativas.

– Em pouco tempo já está sendo um sucesso. É inovador. Se a gente não tivesse se conhecido como se conheceu, é bem possível que tivéssemos nos encontrado por lá.

– Você é minha combinação mais perfeita – disse o beijando.

Mesmo que quiséssemos criar raízes naquela cama, ir jantar fora não era má ideia.

Quando nos levantamos com a intenção de fazer isso, Rique me puxou levemente pelo braço, me surpreendendo.

– Vamos dançar, senhorita?

– Não sei dançar, senhor!

– Eu te ensino.

Ele posicionou meu braço em seu ombro e me guiou por alguns passos. Senti meu corpo mais leve, como se deslizesse pelo piso recém-limpo do quarto. Embora eu não tivesse a mínima ideia do que estava fazendo, me deixei guiar. Bel sim era uma dançarina exemplar, e o dom era de família, pois Rique tinha a mesma capacidade de fazer movimentos simples parecerem belos, ainda que eu só estivesse vendo sua silhueta; uma linda

silhueta.

– Não está faltando nada? – perguntei.

– Espaço?

– Não, música.

Ele pegou o celular e colocou som de piano. Continuamos dançando por alguns minutos até a fome ficar incontrolável. Ele me ensinou algumas técnicas e apesar do pouco tempo de aula, eu senti que as dicas me ajudaram a dominar melhor meu corpo.

Como já havia escurecido, ligamos as lanternas dos nossos celulares para atravessar o terreno lamacento da Nova Casa Velha e encontrar a porteira.

Fomos andando até o restaurante, eram uns trinta minutos de caminhada. O lugar não era bem decorado e iluminado como o Norte & Angi, mas aconchegante e favorável ao clima romântico.

– O que você vai pedir? – Eu perguntei a Rique enquanto líamos o cardápio. – Você devia ter trazido uma marmita congelada para mim do Rio de Janeiro.

– A moqueca de camarão que você ama?

Pude sentir o cheiro imaginário invadir minhas narinas, e essa memória olfativa me levou ao dia em que nos conhecemos. Desejei que livros pudessem registrar perfumes, assim a experiência de leitura seria tão... completa. Não que já não fosse.

Acabamos pedindo nhoque de batatas, e o acompanhamento era arroz, fritas, farofa e salada (há coisa mais legal para se descrever do que comida?). Um dos garçons colocou uma vela na nossa mesa e a acendeu, deixando o ambiente ainda mais romântico.

Meu celular começou a tocar, era minha mãe. Péssima hora.

– Acho que ela e Marcelo foram passear com as crianças, porque só agora ela leu o recado que deixei no post it colado na geladeira – eu disse.

– É que lá na casa não tinha sinal. É melhor atender, amor.

– Não sei, não!

Mas minha maturidade concordou com Rique e eu atendi. Do outro lado da linha, minha mãe me perguntou se eu estava maluca por ter saído assim, sem planejar e, pior, sem avisar. Respondi calmamente que não, e o rancor falou alto quando constatei que estava perdendo segundos preciosos da presença de Rique para falar com uma mulher que passara o dia no shopping com os dois filhos mais novos e esquecera-se da existência da mais velha. Me senti infantil ao ter esse pensamento. Quantos anos eu tinha mesmo? Mais do que dava para contar nos dedos das mãos e dos pés.

– Fica tranquila, mãe! Eu estou bem, já tenho mais de vinte anos, lembra? – como se isso significasse alguma coisa.

Falei *tchau* e desliguei sem esperar que ela respondesse. O garçom tinha trazido o pedido e eu fiquei feliz ao constatar que vinha comida o bastante para saciar minha fome de duas refeições.

Enquanto comíamos, conversamos um pouco mais sobre tudo.

– Será que morar aqui é ruim? – perguntei.

– Eu não moraria em um restaurante.

Empurrei seu braço e ele derramou um pouco de arroz na mesa, mas logo retirou grão a grão com o guardanapo, como um cavalheiro.

– Tô brincando! Eu ia adorar viver aqui. Pode ter certeza de que quando você me pedir em casamento, eu vou aceitar. A gente faz aquela reforma na casa e pronto, temos nossos sete filhos.

– Bom saber! – respondi. – Mas sete é um pouco demais, não acha? Isso me tornaria uma espécie de Branca de Neve moderna.

Quando voltamos para a Nova Casa Velha, começamos a preparar as coisas para dormir. Havia dois colchões lá. Um seria meu e o outro dele.

– Um deles está bem mofado – eu disse enquanto o levantava um pouco para ver a situação; parecia um queijo fora da validade. – Mas esse outro aqui não está, então acho que podemos dividi-lo.

– Dividi-lo? – Rique perguntou.

– Sim, colocá-lo na cama de casal.

Fui para o banho frio, e isso não era nada legal já que a contraste do dia, a noite estava gélida, mas meu coração estava quentinho e era isso que

importava. Ele foi em seguida e nós demos graças que pelo menos e encanamento funcionava. Não seria nada romântico usar baldes para dar descarga.

Eu me deitei, agora para valer. Rique ainda estava no banho, e eu sozinha no escuro. De repente vi uma luz no corredor, e quando ela começou a se aproximar de mim, me assustei até ver o rosto dele sorrindo por trás dessa luz.

– Achei uma vela na cozinha.

– Você quer me matar do coração, é isso?! É a segunda vez que acendem uma vela para mim hoje, estou achando que sou uma santa. Se bem que... uma santa não se sentiria tão tentada quanto me sinto por você.

– A gente tem é que casar e vir morar aqui – ele voltou a falar de casamento, e eu nem comentei que já tinha imaginado a gente junto para sempre naquela casa.

Rique deixou a vela em cima do criado mudo, derretendo um pouco de sua cera para fixá-la. A cama rangeu quando ele se deitou ao meu lado, e meu coração também fez barulho. As perspectivas para aquela noite eram muito boas, e totalmente correspondidas quando nossos lábios foram se tocando até incendiar tudo. O leve peso de seu corpo em cima do meu, sua barba tocando meu pescoço. Um arrepio me percorreu inteira e eu suspirei. Rique sorriu ao perceber isso.

– Olha, eu não tô pronta para a última parte, tudo bem?

– Tudo tem seu tempo – concordou ele.

Nós já havíamos conversado sobre isso, mas nunca pessoalmente. Isso dava um tom diferente, mais adulto, à situação. Meu corpo estava cheio de expectativa, e foi difícil refreá-las.

– Ainda bem que você entende.

– Não faço mais do que a minha obrigação.

– Tem razão – respondi sorrindo.

Que bom que ele sabia disso.

– Seu corpo, suas regras.

- Exatamente! Mas nem todo mundo entende minha opção.
 - Querer esperar não te faz uma garota antiquada, te faz moderna o suficiente para saber que a escolha de fazer algo ou não, é totalmente sua.
 - Você é maravilhoso – concluí.
 - Por isso a gente se encaixa tão bem. Você também é maravilhosa.
- Ele apagou a vela com um sopro.
- Boa noite! – dissemos em coro.



- Bom dia! – Rique disse pela manhã.
- Se for como o dia de ontem, vai ser mais do que bom, vai ser ótimo— respondi.

Em nosso segundo dia ali, caminhamos com calma pela vizinhança, de braços dados. Percebi que não era só a chácara que herdara que tinha um ar envelhecido, e isso não era um defeito, ao menos não para mim. Ao lado dela havia um pequeno sítio, um lugar bastante simples, porém muito bem cuidado pela dona, uma senhora receptiva que ao nos ver passar por lá e elogiar a fofura de seu cavalo que pastava em frente à porteira, nos convidou a entrar. Esse sítio ficava no topo da ruazinha íngreme, do lado esquerdo.

Coisas que só acontecem no interior do interior. Na minha cidade, ninguém sonharia em chamar um desconhecido para entrar em sua casa, nem faria o contrário, entrar na casa de um desconhecido, a não ser que estivesse disposto a voltar sem um rim, ou dois; ou ainda: simplesmente não voltar.

Mas Rique e eu aceitamos o convite, e conhecemos o Belezura, bicho dócil e carinhoso, na medida do que é possível a um cavalo ser carinhoso, ele fechou os olhos quando eu deslizei a mão pela sua crina, isso era um sinal de que estava gostando. Ele, (Rique, não o cavalo) me contou que sabia montar.

- Você nunca me falou isso! – exclamei com a testa franzida.
- É sempre bom guardar uma ou outra surpresa para quem amamos.

Dona Eulália nos permitiu dar uma volta nele.

– Isso não vai deixá-lo estressado? – perguntou Rique.

Meu namorado adorava animais, e eu sabia que ele só não criava um grande número deles em casa por causa do restaurante dos pais.

– Ele vai é ficar contente – respondeu a dona.

Então meu namorado guiou, e eu fui sentada na frente enquanto Belezura contornava a casa galopando lentamente. Até parecia que ele sabia que eu estava com um pouco de medo. Também havia algumas galinhas por lá, e uma cadela idosa chamada Montana.

– Homenagem ao carro que meu marido tinha e amava – disse Dona Eulália – Inclusive a lata velha está ali na garagem, não consegui me desfazer dela. Minha filha diz que é apego ao passado, e acho que ela tem razão, o passado parece tão seguro e confortável, não acham?

Eu concordava plenamente com ela. O passado parecia seguro, confortável, quentinho como o abraço de quem a gente ama; mas eu sabia que ele também podia ser o contrário disso tudo.

Depois entramos para tomar um chá na cozinha de azulejos amarelados e floridos. Lá dentro havia um agradável cheiro de canela.

– Vocês são novos na cidade? Nunca os vi por aqui.

Contei a ela minha novela das seis da vida real, chamada “A Herança”.

– Você é neta da Hilda, então. A...– ela pareceu procurar o nome no fundo da sua mente. – Ana Catarina.

– A senhora conheceu minha avó? E sabe meu nome.

A verdade é que nosso contato aconteceu com tanta naturalidade que sequer havia me apresentado, por isso estranhei que ela soubesse como eu me chamava. Isso significava que minha família falava de mim, ou que em algum momento, ainda que único, havia falado.

Fiquei contente com a oportunidade de saber um pouco mais sobre aquela mulher misteriosa que me levava até ali, afinal de contas eu quase nada sabia a respeito da minha avó, e se estava passando um final de semana dos sonhos, devia isso a ela, ou melhor, à sua memória, já que ela não mais

habitava o mundo dos vivos.

– Nós éramos muito amigas, ela sempre vinha passar um tempo aqui nesta chácara que você herdou. Era uma espécie de refúgio para ela.

“Assim como está sendo para mim.”, pensei.

– A senhora também conheceu meu pai e meus tios?

– Não só conheci, mas ajudei sua avó a criá-los. Essa casa foi construída quando ela se casou. Seu pai e seus tios nasceram aqui, mas a família acabou se mudando para São Paulo alguns anos depois porque... – ela interrompeu a frase, deixando-a em suspenso. – A Hilda amava esse lugar – essa constatação não era uma continuação do tema anterior.

– E como ela era? – perguntei.

– Ah, ela era morena, tinha sangue indígena – começou falando da aparência. – Você tem alguma coisa dela. Não sei dizer o quê.

– Eu não a conheci. Quer dizer, a vi uma vez, mas era muito pequena, não me lembro.

– Sua avó era uma mulher muito infeliz no casamento – continuou Dona Eulália. – Ela era forte, mas no fundo era muito frágil também. E na nossa geração, o desquite – achei engraçado que ela usasse essa palavra ao invés de “divórcio. – não era comum, então ela preferiu suportar tudo pelo casamento. Até seus últimos dias lamentou por ter deixado o filho ir embora sem se despedir dele, lamentou muito mesmo. Ela costumava vir para cá, isso até adoecer, e ficava meses sem dar notícias ao seu avô. Pessoas fortes também têm suas fraquezas – disse ela. – Mas não significa que não sejam fortes.

– Isso não justifica – falei com ressentimento, porém reconheci a beleza de sua frase. Mudei logo de assunto ao perceber que tinha sido ríspida.

A dona da casa nos convidou para almoçar com ela e nós aceitamos. Montana, a cadelinha, ficou aos nossos pés esperando ossinhos. Já Dona Eulália, perguntou ao longo da refeição se iríamos voltar outras vezes. Eu contei que não pretendia vender a casa, e que desejava ir até lá sempre que possível. Ela se alegrou com isso.

– A casa está bem deteriorada – comentou ela.

– Gosto de coisas antigas, mas no futuro, quando tiver condições, talvez eu faça uma reforma.

– Sua avó também gostava muito de coisas antigas. Acho que é por isso que ela era minha amiga, eu sou antiga – respondeu com uma gargalhada.

Essa minha sina de pessoas que gostam de antiguidades...

Acabamos voltando a tocar naquele assunto. Muitos mistérios da minha família pairavam no ar, ou eu que estava fantasiando e vendo coisas onde não tinha, como acontecera quando conheci Rique. Talvez eu tivesse mais de Catherine Morland do que acreditava.

– Meu avô era um cara tão ruim assim? – perguntei. – Ele era do tipo que batia em mulher?

Caso a resposta fosse positiva, eu seria obrigada a constatar que minha sina não era só de estar cercada de pessoas que gostavam de antiguidades, mas de homens violentos também.

– Ele era cismado, cismado demais.

– Como assim cismado?

Rique apenas observava a conversa sem participar dela, isso demonstrava o respeito que ele tinha por aquilo que não tinha a ver com ele, qualidade que eu admirava nas pessoas.

– Vou te contar uma coisa que talvez eu não devesse falar – ela fez uma pausa, mas continuou em seguida. – Seu avô achava que teu pai não era filho dele, só porque se parecia com um amigo que ele tinha. Vê se pode uma coisa dessas! Passou a vida toda acreditando nisso.

– Isso é sério?

– É sim.

– Então foi por isso que ele rejeitou meu pai – isso fazia um pouco mais de sentido do que a possibilidade das minhas famílias serem uma versão brasileira dos Capuleto e dos Montecchio. – Mas esse amigo realmente se parecia com ele?

Dona Eulália se levantou e sumiu do nosso campo de visão, entrando em um dos cômodos da sua casa e retornando alguns minutos depois à nossa

presença.

– Olhe!

Ela colocou em minhas mãos um retrato envelhecido, tão amarelado que parecia que ia esfarelar. Porém, logo reconheci por ser muito parecido com um que costumava ficar na estante da nossa sala até minha mãe se casar com Marcelo. Depois disso, o objeto fora para uma caixa no topo do guarda-roupa dela.

– Meu pai? – perguntei.

Ela balançou a cabeça negativamente e eu compreendi que aquele era o tal amigo do meu avô. A semelhança era assustadora pelo que eu me lembrava. O cabelo, os traços, o semblante, até mesmo o porte.

– Ele era meu irmão – disse ela. – Mas antes que você dê um veredito em sua mente, eu digo que o pai de sua avó, meu padrinho, era também muito parecido com ele. A genética carrega muitas armadilhas.

“Um tanto Capitu, essa minha avó.” constatei. Finalmente entendi porque meu pai fora renegado. A vida não era só uma fanfic austeniana, mas machadiana também. Como Bel costumava dizer, a vida e a arte vivem em guerra para ver quem plagia melhor. Será que as dúvidas do meu avô eram realmente coisa da cabeça dele? Ela havia ou não o traído? Dona Eulália tinha predisposição a defender a falecida amiga, mas ela era realmente imparcial? Essa última pergunta me dissuadiu de perguntar a opinião dela.

– E essa desconfiança do seu avô? Coisa de livro – disse Rique quando ficamos sozinhos. – Será que ele tinha razão?

– Sei lá, viu?!

– É difícil mesmo de dizer. Nós não conhecemos nada da história além do que essa senhora contou.

– Aquele homem é simplesmente a cara do meu pai. Será que a minha avó tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada?

Rique sorriu.

Algo me dizia que a minha avó se parecia com minha mãe. Cortar relações com um filho era algo muito grave para se fazer por um marido. Isso me assustou, pois me perguntei se minha mãe escolheria o Marcelo a mim.

Agora fazia mais sentido que a família tivesse rompido os laços, isso não havia acontecido só pelo casamento do meu pai com a minha mãe, mas pelo fato do meu avô achar que ele era fruto de um adultério. De alguma forma egoísta isso me agradou, pois minha existência nada tinha a ver com o rompimento familiar.

À noite, quando nós fomos caminhar no centro da cidade, nos deparamos com uma feirinha onde se vendia de tudo, desde bijuterias a mudas de plantas. Ao redor das barracas, vendedores de cocada, pipoca, e afins, caminhavam com seus carrinhos deixando um cheiro agradável no ar.

– Essa cocada não chega aos pés da que a sua mãe faz – comentei.

– Nenhuma chega – ele concordou.

Ali, apesar de também ter indiscutivelmente cara de cidade pequena, vi traços da civilização moderna, porém em seu aspecto mais singelo e acolhedor.

Um chafariz e um pequeno palco circundavam a praça em frente a uma igreja azul e branca. Uma música tocava e algumas pessoas dançavam animadamente.

– O que será que tá acontecendo? – perguntei a Rique. – Será que eles são sempre animados assim?

E uma mulher que passava ao meu lado respondeu:

– Hoje é aniversário da cidade.

– Viemos no dia certo – constatamos.

A cidade estava em festa e meu coração também (que poético!). Em pensar que havia tanto tempo desejando viajar por milhas para conhecer certos lugares, quando havia um pedaço de terra tão bonito a poucas horas da minha casa. É aquele ditado sobre a grama do vizinho ser mais verde.

Comi um pacote de amendoim torrado, mas é claro que no meu estômago havia espaço para o jantar. Quando estávamos terminando de comer, uma chuvinha fina começou, e ao sairmos do restaurante, andamos sob ela sem guarda-chuva. Os pingos gélidos, a contraste da noite fresca, causavam uma sensação de prazer na minha pele.

– Vamos? – Rique perguntou enquanto passávamos novamente pelas

pessoas dançantes. – É uma oportunidade para treinar uns passos.

Eu aceitei, e não sei dizer ao certo quanto tempo ficamos dançando ali, mas quando voltamos para casa, meus pés já doíam.

Nos últimos dias na cidade, maratonamos alguns filmes baseados na obra de nossa fada madrinha pelo notebook de Rique (que havíamos carregado na tomada da casa de Dona Eulália). Tentamos analisar as atuações para fazer o “Austen Oscar”. De Orgulho e Preconceito de 1940 fomos para Razão e Sensibilidade de 1995, Emma de 1996 e assim por diante, mas na verdade, mal conseguimos prestar atenção na tela, pois os assuntos e principalmente a companhia eram ainda mais interessantes.

Como não gosto de despedidas, vou pular a parte em que o feriado acabou. Seria bom se ele tivesse emendado com o Natal, mas infelizmente não houve nenhum decreto presidencial em relação a isso.



ANA CATARINA

Essa meia semana com Rique me deu combustível para enfrentar qualquer coisa, inclusive a cara da minha mãe e do Marcelo quando cheguei em casa na terça à noite. Aliás, se fosse só a cara, estaria de ótimo tamanho.

Eles estavam juntos à mesa, como se soubessem o momento exato da minha chegada.

– Você fala ou falo eu, Manoela? – perguntou Marcelo.

– Ana Catarina, nós precisamos conversar – disse minha mãe tomando a iniciativa forçadamente e se levantando.

Eu até entendia que ela e eu tínhamos que falar sobre algumas coisas, mas percebi que aquele “nós” incluía seu marido, o que chegava a ser cômico. Nada podia tirar a minha paz, afinal eu estava em um estado de elevação quase espiritual, mas que adoraria regurgitar tudo que estava entalado há tempos, ah, eu adoraria.

– Não vou mencionar o quanto essa história de aplicativo é inapropriada para uma moça. Mas isso que você fez no final de semana foi... desrespeitoso – disse ele.

Larguei a bagagem ali mesmo no chão. Como Marcelo podia ser tão falso moralista e, pior, machista? Foi o que me perguntei. E também quem tinha contado a ele sobre o Austenapp. Mas então me lembrei que ele tinha redes sociais, ao contrário da minha mãe que era terminantemente proibida disso. Não que eu o tivesse no meu hall de amigos.

– Desrespeito uma jovem livre ir passear com o namorado? Pra mim desrespeito é um homem casado passar a noite na casa de "amigos" deixando a esposa sozinha em casa com filhos pequenos; ou esse cara casado pegar todo seu salário para pagar um clube caro, sem ajudar com um centavo em casa. Acorda, Marcelo, o homem da casa é a minha mãe, não você! Desde que comecei a trabalhar eu a ajudo com as contas, e antes disso, mesmo sem ajudar com grana eu fazia faxina, comida, lavava louça, buscava meus irmãos na escola para ajudar a minha mãe que sustenta a casa sozinha, mesmo tendo

um marido. Ela fica até tarde sentada na frente dessa máquina de costura. Não me diga o que eu devo ou não fazer com a minha vida. Me poupe!

Os dois ficaram silentes e espantados, e eu também tinha me surpreendido comigo mesma. Meu coração batia acelerado. Peguei minhas coisas e fui pro quarto enquanto eles absorviam o impacto. Minha mãe foi atrás de mim, mas avisei logo que não estava a fim de briga.

– Por que você fez isso? – ela perguntou enquanto se sentava na minha cama. – Você não era assim.

Minha esperança de que ela houvesse caído na real foi por água abaixo.

– Está falando da viagem?

– Não, das coisas que você falou agora.

– Fala sério, mãe!

– Você sabe que a crise afetou os clientes dele e é por isso, só por isso, que ele não tem mais trabalhado tanto quanto antes.

– Tanto quanto antes? E quando foi que ele trabalhou? Ele tem dois filhos pra cuidar, dois filhos que foram escolhas de vocês dois.

Havia uma coisa da qual às vezes eu nem me lembrava, e que já nem sequer tinha importância depois de tantos anos:

– O Júlio e o César não saíram da minha barriga, mas são nossos filhos de qualquer forma – disse minha mãe.

– Não estou dizendo que não são.

– Isso prova que o Marcelo não é ruim. Ele ama os gêmeos. Eles são nossos filhos do coração – disse ela. – E ama você também, apesar de tratá-lo tão mal.

Ah, claro! Tudo o que eu precisava para mudar de ideia era saber que Marcelo me amava. Esse parágrafo contém ironia.

– Você me interpretou errado. Aliás, esse nem é o tema aqui, ok? O fato dos gêmeos serem adotados é só um detalhe, e você está tentando inverter as coisas. Eu quis dizer que filhos são uma escolha, independentemente de como eles chegam até você. Foi uma escolha de vocês

dois, e só você está arcando com isso. Sério que não percebe? Ou está fingindo?

Foram os pais do Will que nos levaram até o orfanato naquela tarde, anos antes, quando me encantei por aquelas duas crianças de dois anos, tão iguais uma à outra. Eu era uma adolescente, e foi a primeira vez que estive em contato com pessoas tão desamparadas. Diferente dos livros, elas não tinham madrinhas ou tias ricas na casa de quem podiam se refugiar. Mas agora eu sabia que há alguns séculos as coisas não eram diferentes disso, apesar de ser uma admiradora do passado, tinha consciência de que o destino quase inevitável dos órfãos dos tempos antigos era se tornarem as sombras de quem tinha um lar. Minha mãe dissera que queria me dar apenas um irmão (e era para isso que ela havia colocado seu nome no cadastro de adoção), e não dois, mas eu sabia que ela também havia se apaixonado pelos gêmeos assim que colocara os olhos neles. Júlio e César eram filhos de uma amiga de Eleonora, irmã de Will; jovem demais, ela não quisera arcar com essa responsabilidade dobrada, e o destino os levara até nós, ou melhor, nos levara até eles.

– Eu ainda não vou embora dessa casa porque ela foi comprada com a ajuda do meu pai, tenho direito de morar aqui. Eu não posso arrumar um lugar pra viver agora, você sabe que com o que eu ganho não daria, mas assim que puder, eu saio. No feriado, conheci uma mulher que me contou sobre minha avó, disse que ela nunca se perdoou por ter deixado de falar com o filho por causa do marido, não caia no mesmo erro que ela. A partir de agora exijo que o Marcelo me respeite, e seria tão bom se você também se respeitasse, mãe...

O olhar dela era triste e por alguns momentos eu senti pena. Até me lembrar de que há minutos ela estava me crucificando. Certo! Eu precisava dar um rumo à minha vida. Isso me fez questionar se o sentido daquele dinheiro era mesmo a viagem, ou se eu deveria usá-lo para outra coisa como pagar o aluguel de um apartamento por uns meses, ou quem sabe vender a Nova Casa Velha que tanto havia gostado.

Mas então o celular apitou. Era Rique dizendo que chegara ao Rio de Janeiro. Minhas dúvidas se dissiparam ao pensar que em pouco tempo eu e ele estaríamos juntos na Inglaterra.

Me perguntei quantos capítulos faltavam para que nós dois estivéssemos em Bath.



BEL

Rique chegou de viagem muito animado. Segundo ele, a casa que Catá herdara era encantadora.

– Eu queria descobrir que sou a única herdeira de uma avó monarca que mora em Genovia. Vocês vão morar lá quando se casarem?

– Em Genovia? Nem sei onde fica isso.

– Não, na Nova Casa Velha. E Genovia é um reino europeu fictício. Você precisa ver uns filmes de princesa urgentemente!

Eu tinha adorado o nome que eles deram à propriedade.

– Bem que eu queria. Ficaria ótima com uma boa reforma.

– Aproveitaram bastante? Sem detalhes sexuais, por favor, isso seria traumatizante.

Ele me contou a descoberta sobre a avó de Catarina e o restante de suas aventuras na chácara.

– E você, fez o que no feriado?

– Fui visitar Lady Olga.

– Só isso?

– Ué! Não é o suficiente?

Eu também havia criado uma conta no Austenapp e, na verdade, não eram apenas essas duas coisas que eu tinha feito, só que não queria contar ao meu irmão sobre a última noite do meu feriado.

Mas para você eu posso contar:

Os fins de semana eram os dias em que a Casa do Norte mais bombava, afinal eram neles que as pessoas ficavam livres para se divertir e dançar, e na Norte & Angi, não havia só comida (da melhor qualidade, modéstia à parte), mas música e dança também. Em feriados isso se intensificava ainda mais, e nesses dias eu era convocada a ajudar minha mãe a servir as mesas como costumava fazer durante toda a adolescência.

– Leva essa feijoada para um na mesa 6 – ela pediu.

– Ok!

Equilibrei o prato e segui para a mesa indicada. Esse ato era como andar de bicicleta, não era passível de esquecimento. Ninguém se esquece como carregar uma bandeja.

– Com licença – eu disse.

– Toda! – respondeu o cliente.

Foi só depois de colocar o prato com as guarnições na mesa, que notei que era Jorge quem estava sentado ali. Eu não notara antes porque a garrafa de Coca cobria minha visão.

– Ah, oi! – exclamei sem dissimular minha surpresa.

“O que um garoto rico (ou ex-rico), acostumado com restaurantes chiques, está fazendo aqui no humilde estabelecimento da minha família?”, pensei.

– Então você também trabalha aqui.

Me senti uma heroína, daquele tipo que o marido se orgulharia e diria “eu não preciso disso, minha esposa tem dois empregos”, mas tudo o que respondi, foi:

– É que ajudo minha mãe quando tem muita gente. E como você pode ver, hoje é um dia desses.

Essa última frase eu havia dito também para que ele percebesse que eu precisava ir, afinal havia várias outras pessoas famintas esperando que eu levasse seus pratos e, se tinha algo que me comovia, era a espera pelo almoço ou pelo jantar.

– Conhece? – perguntou minha mãe.

Era claro que ela se recordava do rosto de Jorge, estava apenas se fazendo de desentendida.

– Colega de trabalho.

– Ah, é aquele que te trouxe?

– É, sim. Mas eu não convidei, não.

- Não haveria problema algum se tivesse convidado.
- Mas não convidei – retorqui tensa.
- De qualquer forma, leve uma sobremesa por conta da casa.
- Mãe! Achou dinheiro em árvore?
- Não.
- Leite condensado está caro.
- Só quero retribuir a gentileza. Ele te trouxe até aqui, nada mais educado da minha parte do que oferecer uma cortesia.
- Beleza! Mas deixe ele terminar de comer.
- Fique aí no salão – ela ordenou.
- Eu estava ajudando na cozinha – objetei.
- Sim, mas sempre tem que ter alguém observando se algum cliente chega ou precisa de alguma coisa.

Eu sabia que ela estava dizendo isso porque queria que eu ficasse no campo de visão de Jorge, e isso me deixava constrangida. Eu estava ali, parada no meio do salão feito um poste, com uma caneta e uma comanda na mão. Até que Jorge deu um aceno e eu percebi que estava me chamando.

- Está precisando de alguma coisa? – perguntei como faria com qualquer outro cliente que solicitasse meus serviços.
- A comida estava ótima. O tempero é incrível!
- Que bom que gostou! Meus pais fazem tudo com muito carinho.
- Dá pra perceber quando é feito com amor.
- Fico feliz que tenha gostado – repeti sem jeito.
- Foi aqui que você aprendeu a dançar?

Eu olhei para a pista de dança, seguindo o olhar dele, e me lembrei daquela noite desagradável na casa de Lidiane. Meu semblante fechou.

- Sim! – respondi secamente.
- Deixa eu te tirar para uma dança, então?

Antes que eu pudesse perguntar “hã?”, minha mãe disse:

– Vá, Bel! Mostre a ele o ritmo da casa.

Só ali percebi que ela estava ao meu lado, o que significava que eu estava encurralada.

– Desculpe! – respondi enquanto pegava a bandeja da mão de minha mãe, incitando-a a fazer o que ela queria que eu mesma fizesse: dançar com Jorge.

E foi exatamente isso que aconteceu. A Sra. Bennet dançou com Darcy e a Elizabeth aqui deu risada segurando a bandeja.

– Você me paga, Izabel – disse ela ao subir para casa.

Eu dei uma gargalhada.

– O feitiço virou contra o feiticeiro, mas e aí, achou que ele dança bem? – perguntei sarcástica.

– O garoto pisou no meu pé umas dez vezes. Ele queria era se aproximar de você. Aliás, não sei se percebeu, mas ele veio aqui apenas para isso, ou você acha que ele viria só para jantar sozinho? Um rapaz como ele tem a companhia que quiser, só que ele queria a sua. Tola!

– Sua comida é ótima, não se menospreze.

– Não se menospreze é o que eu te digo – respondeu ela. – Por que você é assim?

– Assim como?

– Você não sabe conversar, não sabe trocar ideias, ser agradável. Coloca obstáculos como um exame de baliza.

– Está me chamando de grossa? – perguntei.

Ela não respondeu e simplesmente saiu, me deixando sozinha e pensativa sobre os defeitos que atribuíra a mim. Na verdade, eu só havia retribuído o que Jorge fizera naquela noite na festa da Lidianne, tal como Lizzie retribuíra Darcy. A chamada Lei de Talião, que consiste no famoso “Olho por olho, dente por dente.” Mas eu não tinha pretensão de recriar a história de Orgulho e Preconceito na minha própria vida, até porque não queria ficar com Jorge no final.

Depois que minha mãe saiu, peguei o celular e num ímpeto, baixei o

Austenapp.

– Vamos ver se ela tem razão – disse a mim mesma. – Vamos ver se eu realmente não sei ser agradável quando quero.

Entretanto, antes de dar o meu primeiro “chamar para dançar” no aplicativo, o que correspondia a um *match*, tive um vislumbre sobre o tema do meu trabalho de conclusão de curso. Prioridades!



Já tinha passado da hora de ir ao oftalmologista novamente para saber se eu precisava aumentar o grau das lentes dos meus óculos. Era sempre minha mãe quem ia comigo, mas naquela tarde ela estava ocupada, pois um grupo de funcionários de um banco ia comemorar alguma coisa no restaurante.

– Não tem problema ir sozinha – afirmei.

– Então não deixe dilatarem suas vistas com aqueles colírios – ela pediu. – Senão você vai ter que andar pela cidade com os olhos embaçados e isso é perigoso. Já é establanada normalmente, imagine assim.

O clima ruim tinha se dissipado, embora eu ainda estivesse com certo rancor pelas críticas dela à minha personalidade forte.

– Pode deixar!

– E não minta para o médico, admita que fica horas no computador e nesse celular.

Foi antes da hora do almoço, mas após o café da manhã reforçado, que eu caminhei até o ponto de ônibus. A clínica ficava no centro. O ar condicionado do metrô estava ligado em temperatura baixa, e com os braços em torno do corpo cheguei ao meu destino, onde esperei alguns minutos para ser atendida.

– Tem mesmo que dilatar, moça? – perguntei.

Ela respondeu que sim, que era um procedimento necessário, e eu já sabia disso, afinal aquele não era meu primeiro exame de vista, nem o segundo, nem o terceiro. Enquanto eu estava sentada na sala de espera, ela

pingou as gotinhas nos meus olhos.

Com a vista embaçada entrei no consultório, onde passei pelo humilhante exame de tentar adivinhar as letras e número expostos naquela tela – era minha miopia quem tornava isso uma humilhação e também um jogo de adivinhação.

Depois desci para encomendar meus novos óculos, e aproveitei para escolher uma armação diferente e mais colorida: roxa. Eu adorava essa cor, era minha favorita desde criança. Amava suas variações: lilás, lavanda, púrpura... Os óculos eram parte de mim, e embora minha mãe apoiasse o uso de lentes, eu preferia meus bons e velhos artefatos que depois de tanto tempo eram parte também do meu estilo.

Quando ganhei a rua, porém, percebi o quanto o sol tornava a situação mais difícil. Eu mal conseguia abrir meus olhos. Mas era teimosa, e caminhei mesmo assim até a estação de metrô, aos trancos e barrancos. Me senti extremamente independente.

– Bel! – exclamou uma voz conhecida quando eu cruzava uma esquina.

Me virei para trás acreditando que a essa altura já estava me acostumado com a claridade do dia refletindo nos meus olhos.

– Oi, Jorge! – respondi educadamente.

“Ele está em todos os lugares agora? Não basta nas festas, no trabalho, no restaurante da minha família?”

– Tá tudo bem? – ele perguntou.

Então percebi que eu não tinha me acostumado coisa nenhuma à luz do sol. Mal conseguia abrir os olhos. Contei a ele que tinha ido fazer um exame de vista e por isso estava franzindo o olhar daquele jeito constrangedor.

– Você quer ajuda?

– Não precisa! Pode ir tranquilo.

– Eu vou pegar o metrô de qualquer jeito.

“Agora é só o que me faltava: ser a mocinha da história, aquela que precisa de um homem heroico para salvá-la de situações embaraçosas.”, pensei. Não! Isso definitivamente não fazia meu gênero. Eu precisava cortar

o mal pela raiz, ainda que para isso precisasse ser mal-educada.

– Você que sabe! – ele respondeu. – Vai para Santa Teresa?

– Uhum! – disse secamente. – E você?

– Eu não! – ele riu. – Vou para casa, moro em Botafogo.

– Perto da Lidianne?

– Não! Do outro lado do bairro, no limite com Copacabana.

Isso me fez pensar que talvez seu carro tivesse sido bloqueado como os outros bens da família.

– Meu carro está no lava-jato – mais uma vez achei que ele lesse pensamentos.

“Operação lava-jato?”, me perguntei. Mas logo entendi que o carro dele estava literalmente sendo lavado.

– Ah, sim! Bom... a gente se vê por aí.

– É, no trabalho.

– É! – respondi jogando a mão no ar como se dissesse “que cabeça, a minha”.

Desci pelas escadas rolantes e quando chegamos à plataforma, me despedi de Jorge me perguntando se minha mãe tinha razão sobre mim.



ANA CATARINA

– Finalmente vou começar meu TCC.

Disse Bel.

– Você encontrou o tema?

Até que enfim, hein?!

– Encontrei sim. Uffa!

Nem acredito.

*Agora só falta... é,
falta o principal: escrever.*

– E qual é o tema, afinal?

– Adivinha!

– Não faço ideia.

Fala, fala, fala.

Ela demorou mais de vinte minutos para responder e eu supus que tinha ido tomar banho. Enquanto esperava curiosa, me levantei, fui até o calendário que ficava pendurado na minha porta e nele fiz mais um risco. Eu estava um dia mais perto de Bath. Finalmente chegou a resposta de Bel, uma única palavra:

– Austenapp.

– É sério?!

Coloquei uma infinidade emojis de boca aberta.

– Sim!

*No feriado eu resolvi baixar e
fiquei maravilhada.*

*Aí de repente pensei,
e se eu fizer o trabalho sobre “Jane Austen na modernidade”?*

– *Espera... você baixou o Austenapp?*

– *Sim, mas calma aí,
foi só para fins de curiosidade.*

Continuamos conversando sobre o assunto e também sobre um encontro casual com o tal Jorge, até o sono bater.

Ao acordar, mais um dia se iniciou, e eu estava com força total e energias renovadas. Aproveitei a *vibe* boa para ir tomar café da manhã na casa da minha madrinha. Enquanto comia um pedaço do bolo que ela havia comprado no dia anterior, comentei que hoje deletaria a conta no Instagram, pois acreditava que era a hora certa de encerrar essa fase na minha vida e abrir espaço para coisas novas.

– Tem certeza? Não vai se arrepender?

– Não! – eu respondi sem saber para qual das perguntas era o meu “não” – Perdi muitos seguidores e não tenho mais tempo pra tirar fotos. Eu tô decidida – concluí para afirmar minha decisão para mim mesma. – Essa vida digital não serve mais para mim.

– E essas unhas, quando vai fazê-las? – ela perguntou desviando o assunto.

O curioso é que minhas unhas estavam feitas. Minha madrinha achava incabível que alguém andasse por aí até mesmo com um pequeno descascado no esmalte. Ela também me mostrou as novas maquiagens que tinham chegado – tia Rubi era revendedora de uma marca de cosméticos – e eu escolhi um pó compacto novo, pois o meu tinha acabado.

– Bom trabalho! – desejei ao sair.

Quando cheguei ao Pet Shop:

– Bom dia, Catarina. Dê uma varridinha na recepção – disse minha chefe que já estava a postos.

Eu peguei imediatamente a vassoura, e ainda estava varrendo quando o carteiro apareceu.

– Encomenda para Ana Catarina Guimarães – disse ele.

– Sou eu!

Deixei minha assinatura no local indicado enquanto procurava o nome do remetente. Tratava-se de um pacote de algum seguidor não identificado.

– Obrigada, moço!

Eu recebia minhas coisas ali, pois na minha casa corria o risco do meu padraço bisbilhoteiro abrir o envelope para xeretar, coisa que eu detestava. Não que eu comprasse drogas, explosivos ou qualquer outra coisa suspeita pela Internet.

Dentro deste pacote tinha uma singela toalhinha bordada à mão com as iniciais EJ de @EuJaneite, e as bordas eram feitas de crochê. Mas não havia o nome nem o endereço do remetente, e muito menos uma cartinha como costumavam ter os presentes dos seguidores, apenas um bilhete impresso onde dizia:

“Aguardando ansiosamente as próximas fotos.”

Claro que isso não se comparava às enormes quantidades de produtos de marcas caras que as blogueiras do ramo da beleza recebiam semanalmente em suas caixas postais, mas aquela pequena toalha significou muito para mim não pelo objeto em si, e sim pelo momento em que tinha chegado.

– ***Um anjo anônimo com a missão
de te fazer não deletar sua conta.***

Rique era contra minha despedida do Instagram.

– ***Foram anos de trabalho.
Além do mais, foi por lá que te conheci.***

Ele estava certo em sua afirmação. Havia sido anos muito trabalhosos na produção, nos trajes, na iluminação e retoque das fotografias. Coisas demais para simplesmente enviar para a lixeira.

– ***Foi você quem me enviou isso?***

– ***Não! Juro que não fui eu.***

E eu acreditei nele.

– *Tem alguém tentando impedi-la de deletar a conta.*

– *Seja quem for, conseguiu!*

Esse mimo me fez colocar o vestido mofado dentro da minha bolsa de trabalho no dia seguinte. Prometi a mim mesma que naquele dia eu faria a rebelde e tiraria algumas fotos nos fundos do Pet Shop quando todo mundo fosse embora. Aquele era meu dia de fechar as portas do estabelecimento.

Na hora do almoço, liguei para a Dona Eulália. Ela havia se oferecido para cuidar da Nova Casa Velha para mim e abri-la de vez em quando para que não ficasse mofada como estava quando entrei lá pela primeira vez.

– Não vai ser incômodo? – eu havia perguntado no dia em que estávamos indo embora da cidade.

– É claro que não, eu tenho um carinho muito especial por essa casa. Era muito triste vê-la abandonada, e se não cuidei dela antes é porque não tinha cópias das chaves.

Falando em chaves, nós havíamos trocado a fechadura enferrujada e o molho antigo por outros mais modernos com o chaveiro da região. Diante da minha situação financeira, aquilo era o máximo que eu podia fazer pela minha propriedade.

Depois de fechar o Pet Shop, eu tinha que buscar meus irmãos na escola, pois era dia da minha mãe ficar até mais tarde na confecção fazendo hora extra.

– Não se esqueça de escanear o comprovante de pagamento e enviar para o Jornal do Trem – pediu minha chefe.

Uma vez por semana nós anunciávamos nossos serviços em um pequeno jornal, e era eu quem cuidava desta parte. Aquela era minha última tarefa do dia, e quando o expediente terminou, fechei as portas e corri para os fundos para trocar de roupa rapidamente e me tornar a @EuJaneite.

Estava decidida, desde a hora que saíra de casa, a fazer uma *live*, e

comecei falando sobre a minha vida nos últimos tempos. Essa era a razão de ter escolhido meu local de trabalho como ambientação, não me importando se minha chefe por um acaso tivesse acesso ao vídeo, coisa que eu achava muito difícil. Eu gostava de falar, mais do que de posar para fotos.

– Você podia fazer um canal no YouTube – dissera Bel uma vez.

Mas eu não tinha essa pretensão. Pelo menos não por enquanto.

Também falei mais uma vez sobre o Austenapp e convidei novamente as pessoas a criarem uma conta lá. Quando dei por mim, percebi que havia me empolgado demais e que meus irmãos deviam estar me esperando na porta da escola como dois abandonados. E nem tinha como avisar minha mãe, pois o celular dela, que só fazia ou recebia ligações (como já disse, ela era proibida pelo meu padrasto de ter qualquer rede social, inclusive aplicativos de mensagens) tinha quebrado.

Talvez por instinto materno, me apressei, coloquei minhas coisas de volta na bolsa e peguei o primeiro ônibus que ia naquele sentido. As pessoas me olharam com estranheza, e eu me perguntei se havia alface no meu dente, mas logo me dissuadi disso, pois não havia comido alface no almoço.

Quando cheguei à pequena escola e adentrei o portão com a permissão do segurança parrudo, vi três crianças esperando no pátio. Duas delas eram meus irmãos, a terceira, que estava oposta a eles, eu não sabia quem era.

– Sai daqui! Você é uma Maria macho – essas palavras saíram da boca de uma criaturinha que tinha o mesmo sobrenome que eu, e a outra criatura, que compartilhava seus traços faciais, o imitou. Dupla dinâmica!

De repente me senti vendo à minha frente o Marcelo em miniatura, e pior, em dose dupla; como se eu estivesse bêbada. Não demorei muito a entender que a menina queria jogar a bola de papel com eles, mas foi desprezada por ser mulher. Me segurei para não bater neles com minha cinta imaginária. Me aproximei com uma expressão de fúria.

Passou pela minha cabeça fazê-los pedir desculpas a ela, mas achei que surtiria mais efeito dizer:

– Meus irmãos são assim mesmo, eles jogam tão mal que têm medo de jogar com alguém diferente. Desculpe, viu! Alguns garotos são assim,

covardes, mas nem todos, só alguns.

Ela sorriu, entendendo que eu estava do seu lado, e esse sorriso me encheu de esperança. Isso me fez pensar que muito provavelmente, no século XIX, as mulheres haviam passado pelo mesmo que aquela garota, e agora, tanto tempo depois, ainda não havíamos vencido isso.

– Valeu! – foi tudo o que ela disse, e eu pude ver a janelinha exposta entre seus dentes de leite.

Sorri de volta e em seguida pedi ao guarda para conversar com a diretora da escola.

– Ela já está indo embora – respondeu ele apontando para o relógio no próprio pulso.

– São só alguns minutinhos – insisti. – Vai ser rapidinho.

– Tudo bem! – o homem se deu por vencido.

Ele me levou até a sala bem decorada, passando por um corredor.

– Com licença! – pedi.

– Toda – disse a mulher de óculos, que já estava segurando a bolsa para indicar que estava prestes a sair.

Expliquei a ela a situação que estava havendo ali em seu colégio. Assumi o risco de ela me achar uma louca exagerada, e meus irmãos não sabiam onde enfiar a cara. Bem feito!

– Então você veio sugerir que eu puna seus irmãos por terem xingado uma garota, é isso? – ela me olhou dos pés à cabeça como se tivesse me achado uma louca conforme previ.

Quando algo faz parte de nós, passe o tempo que for, não perdemos o costume, pois eu nem havia percebido que:

– Estou vestida assim porque tenho um Instagram em homenagem a Jane Austen, a senhora sabe, a autora inglesa – expliquei. – e estava gravando um vídeo quando percebi que estava atrasada pra vir buscar as pestes, digo, meus irmãos.

– Acontece! – respondeu.

Super normal estar fantasiada de século XIX e perceber que se atrasou

para buscar os irmãos na escola. Mais normal ainda era andar de ônibus com aquela roupa.

Ela sorriu em assentimento, e agora que meus trajes estavam explicados:

– Gostaria de gravar um vídeo rápido comigo para o meu Instagram?

A diretora aceitou, para minha surpresa.

– Me deixa só passar um batonzinho. Ah, e um rímel.

Nós gravamos contando o episódio ocorrido. Posicionei a câmera em frente à mesa dela e, sentada, ela falou sobre esse e outros casos semelhantes de sua vida de educadora. Quando cheguei em casa, editei o vídeo e na legenda o nomeei como “Parece século XIX, mas é século XXI.”, e o subtítulo dizia “Estamos criando cavalheiros?”.

Troquei de roupa no banheiro da escola. Quando minha mãe chegou em casa depois de nós e eu contei a ela os acontecimentos da noite, Marcelo tirou satisfação comigo sobre o que fizera com seus filhos. Segundo ele, o que os meninos tinham feito era apenas uma brincadeira com uma colega, e futebol era esporte de garoto, sim.

– E por que você não foi buscá-los? Estava trabalhando ou assistindo TV? – perguntei.

Minha mãe me surpreendeu, desta vez para o bem, e disse na cara dele que ele está errado em acobertar o erro dos meninos, mas não me deu razão explicitamente.

– Temos que cuidar dos homens e mulheres do futuro – eu disse a ela. E me senti uma filósofa com essa constatação.

No dia seguinte, no meio do expediente, quando minha chefe não estava por perto, peguei o celular para checar os comentários do vídeo com a diretora. Muitos seguidores falavam do Austenapp, que parecia ser o assunto do momento, mas mesmo que o tema do vídeo fosse superimportante, um comentário nada favorável me chamou muito mais a atenção que qualquer outro.

"Você nunca fala de nenhuma autora brasileira. Puxa saco de gringo!"

Qualquer pessoa que frequenta a Internet, se expõe ao risco de ser

xingada desnecessariamente. Principalmente quando se tem um blog ou uma rede social popular, é natural não agradar a todo mundo na rede. Nem chocolate agrada, imagine eu que não sou tão gostosa.

Porém, era a primeira vez que me chamavam de puxa saco de gringo, e acho que isso mexeu comigo porque a carapuça serviu.



BEL

– *Então foi assim que me tornei fã.*

Contou meu novo amigo.

– *Confesso que quando o aplicativo surgiu, achei que só mulheres fossem baixar.*

Eu disse.

Esse é um trecho da minha primeira conversa no Austenapp. Criei minha conta por curiosidade, afinal ele era criação de minha melhor amiga, mas também no ímpeto de provar para mim mesma que minha mãe estava errada sobre mim. Não que me orgulhasse da necessidade de me afirmar, na verdade, eu queria não me importar com o que as pessoas diziam; mas eu me importava, infelizmente eu me importava, e o primeiro passo para mudar isso era aceitar a realidade. Para amenizar essa sensação de auto decepção, disse a mim mesma que isso era um experimento para o meu trabalho de conclusão de curso.

“Você não sabe conversar, não sabe trocar ideias, ser agradável...”, ela dissera, e eu mentalmente respondi depois “Vamos ver se não!”

Em meu perfil, escrevi poucas coisas sobre mim, e ao invés de colocar uma foto pessoal, coloquei uma da Keira Knightley ^[7] como Lizzie Bennet, que capturei no Google. O cavalheiro que estava conversando comigo utilizava uma foto do Matthew Macfadyen ^[8] como Darcy, coisa do destino. É claro que ambos sabíamos que aquelas imagens eram meramente ilustrativas, não éramos perfis *fakes*.

Foi após escrever mais de duas mil palavras do meu TCC em uma noite, que decidi pegar o celular para experimentar o aplicativo após a criação da conta.

O usuário chamado “I’m” e eu, conversamos sobre tudo, vida real, filmes e séries, música. Contei que amava música pop e black norte-americano, Britney Spears, Madonna, Akon, e ele disse que sua banda

preferida no mundo inteiro era Black Eyed Peas, e que aguardava ansioso a volta deles aos palcos, cantando “Where is the love?” e “Pump it”. A virada de cabelo da Fergie no clipe dessa última era inesquecível:

*“Pump it
Hut hut haaaa
And pump it – louder
Pump it – louder
Pump it – louder
Pump it – louder”*

*– Passei minha adolescência
assistindo os clipes deles.*

*– Eu também!
Quando chegava da escola
ligava a televisão direto na MTV.*

Supus que tivéssemos a mesma idade. Apesar da vasta conversa, pouco havíamos falado sobre nós mesmos. Nem mesmo o nome real dele eu sabia, e o assunto estava indo tão bem que não me interessava saber. A conversa estava fluindo de forma tão desinteressada e ao mesmo tempo tão interessante, que eu preferia não sair daquela zona confortável para algo banal onde trocaríamos fotos e marcaríamos um encontro pessoalmente para dar uns amassos. Não era isso que eu queria, e sabia que o “I’m” poderia inclusive não fazer meu tipo fisicamente falando, ou eu o dele. Eu sabia que não era o tipo de garota que fazia os caras caírem aos seus pés, e estava tranquila quanto a isso. Eu acho!

De forma estranha, me senti tão à vontade com ele que sem perceber me abri sobre o fim do @Belfanfics.

*– Você está certa de começar um caminho novo.
Jane Austen foi uma mulher que olhou para frente,
acho que esse é o melhor conselho que a história dela passa.*

*– É verdade!
Você tirou as palavras da minha boca,*

quer dizer, dos meus dedos.

É engraçado como conseguimos confiar em um rosto invisível do outro lado da tela. Às vezes, como parecia ser o caso, isso era bom, mas eu sabia que em muitas outras poderia ser um problema. Se eu contasse a Catarina sobre minha aventura na rede, ela iria se entusiasmar demais. Continuei conversando com meu amigo de rosto misterioso:

– Só não pare de escrever, se é o que você gosta.

– Não vou parar!

Eu coloquei os fones de ouvido para relembrar as canções do pop que havíamos citado há pouco.

– Você vai conseguir terminar o TCC e ter todo o tempo do mundo para começar algo novo.

– Como sabe da minha faculdade?

– Você falou.

Eu não me lembrava de ter dito nada sobre isso, até porque, como falei, pouco havia falado sobre minha própria vida, exceto sobre as fanfics, mas fiquei com preguiça de reler toda a conversa para confirmar isso. E ele não tinha porque mentir.

Conversamos mais, agora sobre seriados. Eu disse que meu maior fanatismo televisivo foi uma novela adolescente do México, que se passava em um colégio e tinha uma banda como protagonista. Já “I’m” disse que era fã de Smallville até hoje.

– Bom, tô indo nessa! Boa noite.

– Boa noite, prazer em conhecê-la.

Por algum motivo, senti que ele me conhecia de algum lugar. E esse lugar não era o Austenapp.



ANA CATARINA

Eu não havia tirado da cabeça aquele comentário que me chamava de “puxa saco de gringo”. Era certo que na minha estante, a grande maioria dos livros eram internacionais, e que os lugares que eu mais sonhava conhecer ficavam no exterior, ok... eu estava começando a achar que era mesmo uma vergonha para minha nação. Talvez, só talvez, eu tivesse dentro de mim uma vontadezinha de ter nascido inglesa.

Bem, pelo menos eu estava mais perto de Bath a cada dia.

Ao chegar em casa, peguei na minha prateleira a edição surrada de Dom Casmurro, já comprada de segunda ou terceira mão e lida na época da escola. Eu tinha marcado num *post it* minhas frases preferidas, que na época usava no Twitter.

"Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem."

"Capitu era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um Capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo."

Era meu livro nacional favorito, e agora que eu sabia a história da minha avó, pretendia relê-lo um dia. Eu adorava Machado quase tanto quanto Bel. Ela sim conhecia a literatura brasileira de cabo a rabo e havia escrito até mesmo uma fanfic chamada “Memórias Póstumas de Wickham”, anos antes.

Na hora do almoço, estava passeando pelas redes sociais quando vi a foto de uma garota da faculdade. Na imagem, ela estava no espelho enquanto esticava os lábios em um bico, com o celular na mão. Na legenda, a frase “Aqueles que me odeiam não vão me derrubar.”, Clarice Lispector.

Quase engasguei com o arroz quando li. Era óbvio que Clarice não havia dito aquela frase.

Depois do trabalho fui a um brechó, que para minha sorte ficava aberto até depois das cinco.



Matei a aula para fazer a sessão de fotos mais surpreendente da minha carreira no Instagram. Havia passado os últimos cinco dias me preparando para isso e pegando os trejeitos de alguém que não era Jane. Nas fotos daquele dia eu não era a @EuJaneite, e sim Clarice Lispector, um símbolo para o Brasil como Jane Austen era para a Inglaterra, embora ambas fossem completamente diferentes.

Em minha pesquisa, descobri que ela tinha sido jornalista, assim como eu queria ser. Seu nascimento na Ucrânia era considerado por ela um acidente de percurso, pois sua alma era brasileira.

Pela primeira vez em meses eu estava fotografando dentro da minha própria casa. O título da legenda da foto era “Clarice não disse”, e o objetivo era fazer, na postagem, uma listagem de expressões falsamente atribuídas a ela, isso de forma divertida, é claro.

Embora fotografar no estúdio da casa da minha madrinha fosse muito melhor, diante da falta de tempo, tirar as fotos no conforto do meu quarto era muito mais prático, pois depois era só colocar o pijama e ir dormir.

Pessoas atribuem a Clarice frases que ela não disse, pessoas conhecem seu rosto mesmo sem ter lido seus livros. Clarice é pop!



Mais uma vez minha mãe e Marcelo estavam discutindo, mas agora seus ânimos, quer dizer, o dele, estava mais exaltado do que o normal. O motivo:

– Eu cheguei tarde, Marcelo! Trabalhei o dia inteiro e fui buscar os meninos na escola.

– Eu também trabalhei o dia inteiro – eu o ouvi dizer que trabalhou? – Puxa vida, Manoela, você anda muito desleixada ultimamente, antes a comida estava sempre quentinha me esperando, e agora sou eu quem tem que esperar a comida. Você acha isso certo? – disse diminuindo o tom para se fazer de vítima. – Você mudou comigo. Antes tinha tanto zelo, tanto carinho por essa casa, por mim e pelos meninos. Parece que há alguém na sua vida.

Fala sério! Minha mãe mal tinha tempo para pentear os cabelos.

– O que está insinuando?

– Não estou insinuando nada, estou dizendo!

Era nítida sua artimanha, mas minha mãe caiu feito um patinho. De novo.

Ele queria que ela girasse em torno dele, e isso me deixava irritada. Discussões eram comuns lá em casa, mas normalmente elas não ultrapassavam as paredes como estava acontecendo dessa vez, não enquanto nós estávamos em casa. Isso era um mau sinal. Eu já tinha visto hematomas no corpo da minha mãe, mas como não tinha presenciado nenhuma agressão física, não podia afirmar categoricamente que a “queda da escada da confecção” era mentira.

Fez silêncio no ambiente, mas havia algo tenso na atmosfera e eu sabia do que se tratava. Quando cheguei na sala, vi Marcelo com as mãos no braço de minha mãe, como se quisesse impedi-la de sair dali. Entretanto, ela não queria fugir dele, antes quisesse; ela queria mesmo era ficar; apesar de tudo ela queria ficar.

– Larga ela! – eu ordenei.

Como eu detestava ficar brava! Pois sabia que ficava parecendo um cachorro da raça pintcher quando isso acontecia; cinquenta por cento ódio, cinquenta por cento tremedeira.

– Não se meta! – ele respondeu com um tom de voz semelhante ao do começo da discussão.

– Está tudo bem, Catarina – Manoela disse. Mas eu vi a marca vermelha dos dedos do troglodita em seu braço, e isso era a prova de que não, não estava tudo bem.

Meus irmãos, que estavam programados a não entrar nas discussões dos pais, apareceram apenas ao ouvir a minha voz, que havia soado como um alarme de que algo saíra do controle. Dali uma semana eles fariam aniversário, e estavam agindo feito dois anjos na expectativa de ganhar bons presentes.

A briga acabou ali. Como ser advogado de alguém que depõe contra si mesmo?! Direito foi uma das minhas opções de curso na época do vestibular, e naquele momento eu me senti grata por ter seguido para o jornalismo.

– *Eu já te disse para vir morar aqui.*

Disse minha madrinha depois que contei a última do casal abusivo do ano.

– *Tá tudo bem!*

Repeti as palavras de minha mãe.

– *Eu sou forte!*

Mas a verdade é que eu tinha medo de deixar Manoela ali sozinha. Porque ela não era forte.



O megalomaniaco do meu padrasto inventou de fazer a festa de aniversário dos gêmeos apesar da crise (financeira e sentimental). Tudo aconteceu na base da improvisação. Meus irmãos estavam vestidos com roupas iguais, coisa que eu detestava. A decoração consistia em duas bexigas azuis. E só!

Agora eu achava aquilo caído demais, mas na minha infância, sendo filha de mãe solo, nem isso tinha. Meus aniversários consistiam em bolo de padaria e refrigerante barato, mas olhando para trás, eu era feliz porque não era cercada de brigas e discussões.

Estava achando um saco ter que posar de família margarina quando na

verdade tudo o que eu queria era dar um soco (ou alguns) na cara do Marcelo.

Minha mãe não estava nada animada com essa festinha, e estava fazendo isso só para agradar o marido e tentar fazer parecer que estava tudo bem. As pessoas estavam começando a comentar sobre seu casamento, ela sabia disso e inclusive me culpava por uma possível fofoca por causa daquela noite.

– Não quer que eu encha mais bexigas? – perguntei com a intenção de levantar a bandeira branca.

– Não precisa, está tudo bem – ela deu uma piscadinha em agradecimento.

Tudo estava meio morto por lá, não parecia uma festa infantil, e parte disso se devia à energia pesada entre os pais dos aniversariantes. A animação falsa do Marcelo me incomodava, e eu dei graças quando ele saiu dizendo que ia comprar refrigerante (apesar de ainda ter três garrafas de Coca na geladeira, o que era o suficiente para o número pequeno de convidados).

– A gente precisa animar isso aqui – disse tia Rubi.

Ela colocou uma música para tocar e contagiou a todos, nos impulsionando a dançar, ou tentar dançar também, até que começou a parecer que estávamos numa festa de verdade. Por um momento, esqueci dos meus dramas familiares.

Peguei o celular para mandar uma mensagem para Rique.

***– No começo foi meio velório,
mas a tia Rubi animou as coisas
e agora tô me divertindo.***

Cantamos os “Parabéns”. Eu recebi o primeiro pedaço, que consistia no olho esquerdo e uma parte do nariz do Homem-Aranha.



Minha mãe e o Marcelo, depois da última briga, tiraram dinheiro não

sei de onde para fazer uma viagem *bate e volta* de final de semana, e deixaram seus rebentos com a tia Rubi e eu. Sempre falei dos meus irmãos como se eles fossem uma coisa só, mas na verdade eles eram Júlio e César, e ao contrário do que parecia, eram pessoas diferentes.

O Júlio se parecia com o pai nos modos, e isso me assustava.

– Vocês vão dormir no quarto da Catá – avisou minha madrinha. – e ela vai dormir comigo no meu.

Na casa dela eles eram diferentes do que eram em casa, pois utilizavam a educação que minha mãe lhes dera.

César sequer ouviu o que ela disse. Ele estava desenhando. Aliás, era isso o que mais amava fazer, e o que fazia quando o pai não estava por perto.

– O que é isso que você está fazendo? Nessa escola estão te ensinando a ser um...? – Marcelo costumava perguntar franzindo os olhos, sempre com cara de desdém quando via o filho com um lápis na mão, e embora sua influência fosse forte sobre o menino, César sabia que podia encontrar apoio em mim.

No meu quarto havia uma caixa de sapato cheia de lápis de cor e canetinhas, e quando ele queria desenhar, ia até a minha escrivaninha e a pegava na parte de baixo, sem falar nada. Quando terminava, a devolvia, também sempre sem nada dizer, mas tanto eu quanto ele sabíamos deste acordo que tínhamos um com o outro.

Esse dom vinha desde antes de ele aprender a escrever, e de lá para cá os rabiscos e bonecos palito evoluíam mês a mês.

– Que lindo! – eu disse quando olhei para a folha que ele apoiava no tapete da sala do apartamento.

A casa da tia Rubi era um pedaço da liberdade, todo mundo podia ser quem realmente era ali. O desenho se tratava de um cavalo marinho com vários peixes ao redor, e os traços deles eram muito elaborados para uma criança da idade de quem os fizera. – Você gosta mesmo de desenhar, hein?!

Ele balançou a cabeça afirmativamente e eu me lembrei de Edmund Blair Leighton, meu pintor preferido, que nascera séculos antes de eu nascer assim como boa parte das pessoas que admirava. Leighton gostava de retratar a história em suas pinturas, e cada tela dele parecia uma maneira de viajar no

tempo, meu esporte preferido.

Também me lembrei da minha mãe e dos *croquis* que ela costumava desenhar quando eu era uma criança maravilhada com seu talento. Os vestidos que ela criava eram sempre de noiva ou de festas de gala. Manoela tinha uma verdadeira paixão por casamentos, paixão essa que ela não levou ao altar, pois em seus dois enlases, havia se casado apenas no cartório, fato que a deixava frustrada. Eu e Bel tínhamos isso em comum: ambas éramos filhas de mães fissuradas por casamentos, cada uma à sua maneira. Quando comecei a me vestir com trajes do século XIX, ela ficou exultante, pois os modelos carregavam em si a magia dos vestidos nupciais, e era Manoela quem desenhava e costurava meus trajes da Era da Regência. Acho que meu irmão herdou dela o dom da arte.

– Quando eu crescer, não quero ser jogador de futebol, quero ser desenhista.

Compreendi então o tamanho da responsabilidade que tinha para com eles. Meus irmãos eram pequenos cavalheiros, e poderiam se tornar Wickhams ou Wentworths, tudo dependia dos adultos ao redor deles.

Eu passei as mãos pelos cabelos ondulados; raramente fazia algum carinho em um dos gêmeos, e por um momento isso pesou na minha consciência.

– Está contando os dias para a viagem a Bath, não é?! – minha madrinha perguntou.

– Tenho até rabiscado o calendário – respondi.

– Falando em viagem, a Sol comentou comigo sobre planos de ir ao Rio.

– Ela falou sobre isso comigo na última vez que fui vê-la. Eu tô super dentro!

Na semana anterior, eu havia ido ao campeonato de futebol da escola. Minha mãe estava trabalhando, mas o Marcelo foi e se sentou do outro lado da arquibancada, bem longe de mim, ainda bem. Ele tinha por futebol a mesma fissura que minha mãe tinha por matrimônio, e queria que pelo menos um dos filhos seguisse a carreira milionária.

Me surpreendi ao ver que a garota que eles estavam zoando aquele

dia, estava jogando entre os garotos. O nome dela era Sofia, e ela salvou com seu último gol, o time da derrota que seria causada pelo gol contra do César. Meu irmão era *um* perna de pau.

– Pô, não dá pra prestar mais atenção?! – ouvi o pai dele gritar.

E quando a Sofia fez o gol, meu irmão a agradeceu num cantinho da quadra por tê-lo salvado da crucificação.

O Instagram estava voltando a bombar e eu estava recuperando uma parte dos seguidores perdidos.

Havia chegado mais um pacote pelo correio. Desta vez um planner (que eu descobri que era um tipo elaborado de agenda) de uma papelaria virtual chamada Fani Papel (nada de remetente misterioso como da outra vez), que queria ser divulgada por mim. Há tempos nenhuma loja entrava em contato comigo para esses fins. As coisas estavam voltando para os eixos, e eu devia isso ao Austenapp.

A capa dele era a imagem de Jane Austen com óculos escuros modernos. Eu adorava escrever as ideias para o Instagram no papel, assim como Jane escrevia seus livros nele. Devia ser tão difícil para a pobrezinha criar histórias sem o Word.

Quem me enviou foi uma moça chamada Stefani, ela trabalhava sozinha em seu ateliê e, além do planner, me enviou uma longa carta cuja caligrafia era tão perfeita que me perguntei se era realmente feita à mão. A carta narrava sua história, história essa que era digna dos livros da minha autora favorita.



AVISO: Você pode ler a carta de Fani na íntegra no final desse livro.



BEL

Sair depois do trabalho não era algo comum para mim, que costumava ir sempre direto para a faculdade.

– Não faz mal matar aula uma vez na vida, né?! – eu disse a Jorge na hora do almoço (não façam isso em casa).

Sim! Eu, Izabel, chamei um cara para sair. E ele aceitou! Foi assim, de repente, enquanto nós almoçávamos não tão distantes um do outro como era de costume. O gelo tinha sido quebrado.

– Não quero te levar para o mau caminho – ele respondeu enquanto lavava a marmita vazia para depois guardá-la na bolsa. Parecia estar adquirindo melhores modos com a convivência em sociedade.

Ou talvez eu tivesse mudado minhas primeiras impressões sobre ele. Era esse o título inicial de Orgulho e Preconceito: Primeiras Impressões. Ou, ainda, eu apenas estava olhando para ele com um olhar mais benevolente, me afastando daquele “ódio à primeira vista” que pairava sobre nós desde a festa onde nos conhecemos. Havia compreendido que não gostava de Jorge pelo fato de ele ter ofendido minha vaidade naquela noite.

“A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam frequentemente usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho tem mais a ver com a opinião que temos de nós mesmos, e a vaidade, com o que desejamos que os outros pensem de nós.”, Orgulho e Preconceito.

– Você não está me levando para o mau caminho – concluí. “Mas minha mãe te acha um pedaço dele”, claro que essa última parte eu não disse. Para ser sincera, eu tinha que concordar com Cássia nesse ponto, Jorge era mesmo tentador.

– Hum... posso te fazer uma pergunta?

Supus que ele quisesse saber a razão do meu convite, já que nunca lhe dera abertura para uma amizade.

– Claro!

– Está me convidando por educação?

– Não! – respondi com sinceridade. – Claro que não!

Não sabia o que estava acontecendo comigo, mas estava começando a me sentir à vontade na presença dele de forma que nunca me sentira antes, ou melhor, de forma que eu só me sentia no Austenapp, teclando com o “I’m”. É, na verdade eu sabia sim o que estava acontecendo: eu havia descoberto o lado bom de um mauricinho, ou pelo menos suspeitava disso.



BEL

Almeida, nosso chefe, nos lançou um olhar estranho quando nos viu ir embora juntos do jornal. Eu havia passado um batom clarinho e escovado os dentes antes de sair, além de passar reparador de pontas nos cabelos. Ah, e por último borrifei um pouquinho do meu perfume.

Andamos lado a lado até o carro estacionado na rua debaixo. Jorge abriu a porta para que eu entrasse e depois contornou o veículo para adentrá-lo também.

– A gente trabalha junto o dia inteiro, mas você nunca me falou muito sobre você – disse ele após comprarmos os ingressos de um filme de ação, que definitivamente não era meu gênero favorito, mas que era o único com ingressos disponíveis de última hora.

– Não curto muito falar sobre mim – respondi.

– E por que não?

– Sei lá. Talvez por causa do meu interesse nas histórias dos outros. A sua, por exemplo, qual é a sua história?

– Minha história não é muito interessante.

– Claro que é! – disse sem tentar disfarçar que sabia sobre a situação de seus pais.

Achava natural ele se envergonhar, pois eu também me envergonharia em seu lugar, e isso era sinal de que ele tinha consciência dos erros da sua família.

– Seria mais interessante se certas coisas tivessem acontecido ao inverso.

– Que coisas?

– Eu nasci em família rica e nós ficamos pobres. O contrário é bem mais interessante, não é?!

– Com certeza é mais fácil se acostumar com a riqueza do que com a pobreza – concordei.

Jorge olhou para seu relógio de pulso.

– Vamos?

Enquanto eu me levantava para caminhar até a sala de cinema, ele abriu a mochila para apanhar os ingressos que havia guardado no bolso frontal dela, e eu pude ver, lá dentro, um livro cujo título era “Amor e Amizade”, uma história pouco conhecida da juventude de Jane Austen. O livro curto contava as desventuras amorosas de duas amigas. Ele fechou a mochila rapidamente, como se quisesse me impedir de ver o objeto dentro dela, e eu, perceptiva que era, não pude deixar de notar o gesto.

Jane Austen. Jorge lia Jane Austen. Meu Darcy lia Jane Austen. Jane Austen. Darcy. Jane Austen. Darcy. Eu queria repetir esses nomes mil vezes para fixar a ideia na minha mente. Não que eu estivesse totalmente surpresa com ela.

Então eu confirmei que os dois, “I’m” e Jorge, o mauricinho surfista e o cara inteligente e fã de Jane, eram a mesma pessoa. Isso me deixou exultante, pois eu não conseguia me imaginar ao lado de alguém que não apreciasse a leitura.

"A pessoa, seja um cavalheiro ou uma dama, que não tem prazer em um bom romance, deve ser intoleravelmente ignorante.", disse Austen. E às vezes eu concordava com ela.

Durante nossas várias conversas, “I’m” sempre deixava escapar que sabia algo sobre mim que eu não havia contado. Algo que Jorge, que trabalhava comigo todos os dias, com certeza sabia. Agora tudo fazia sentido.

Foi com as pernas bambas que entrei na sala e ocupei o assento. Nada disse sobre minha descoberta. Se ele queria se manter anônimo, que se mantivesse. Resolvi entrar na brincadeira *austeniana*. “Que os jogos comecem”, pensei.

Então, entre um e outro ato do filme, Jorge tocou levemente meu braço, descendo de forma sutil até minha mão. Eu percebi o gesto e me antecipei, segurando a mão dele que, por sua vez, entrelaçou os dedos nos meus. Sua pele era quente como o verão carioca, e me aquecia por dentro também.

Aquilo não estava nos meus planos, mas eu estava gostando do rumo

inesperado das coisas.

Foi ali, entre corridas de carros e trens voadores, que Lizzie e Darcy deram o primeiro beijo.



ANA CATARINA

Sol me ligou para perguntar se aquela viagem ao Rio estava de pé. Eu respondi que sim, e que nós duas tínhamos hospedagem gratuita no Norte & Angi de Santa Teresa, segundo proposta dos próprios donos.

– *Estou tão feliz que você vem. Vou preparar a moqueca e a cocada de sobremesa.*

Disse Cássia, minha sogra, por mensagem.

Eu (assim como meu estômago) estava extremamente animada, não só pela perspectiva de ver Rique e Bel, mas por estar indo com a minha avó. Em casa ouvi um comentário sobre "ter dinheiro para ficar viajando toda hora", e ignorei porque não devia satisfação nenhuma sobre o destino dos meus “rendimentos anuais”, que eram baixos, diga-se de passagem. Falando em passagem, isso era apenas o que eu gastaria, já que hospedagem e alimentação seriam por conta dos anfitriões.

– Vem com a gente, tia Rubi – convidei.

Entre uma unha e outra, ela respondeu:

– Eu até iria, se os meninos fossem com a gente.

Só então percebi que fui egoísta ao não pensar nos meus irmãos. Sequer passou pela minha cabeça levá-los para o Rio conosco. Às vezes me sentia meio relapsa com eles. Para tia Rubi, eu respondi que:

– Por mim tudo bem levá-los com a gente, mas só se a Manoela deixar.

Desde aquele episódio da escola, tia Rubi passou a ter os meninos como um projeto de vida, não que minha mãe não fosse uma boa mãe; ela era, mas não estava em condições de cuidar nem de si mesma, quanto mais de criar dois futuros cavalheiros.

Eu tinha medo de que as agressões continuassem e que evoluíssem a um nível mais alto e, pelo andar da carruagem, assim seria.

Minha madrinha falou com minha mãe sobre levá-los conosco, e ela

respondeu que iria pensar. Eu sabia que na verdade ela só precisava do aval do Marcelo, mas sabia também que ele iria aceitar, porque adorava se livrar dos filhos.

Estava tão animada que tudo ao meu redor estava bom. Até minha chefe elogiou meu semblante. O mês de julho estava terminando, ou seja, era época de frio no Brasil, mas isso não me desanimava, pelo contrário. O Rio de Janeiro era lindo, mesmo (e principalmente) se estivesse caindo neve, o que não era o caso. Pedi para sair mais cedo na sexta-feira, para conseguir pegar o ônibus das três da tarde e chegar lá ainda naquele dia.

– Quero pegar uma praia – disse Sol.

– E eu quero nadar – corroborou Júlio.

Meus irmãos só haviam ido à praia uma vez, e estavam quase surtando de tão eufóricos com a possibilidade de ver a maior piscina do mundo: o mar.

Com o aval da minha mãe de levá-los conosco, viajamos nós cinco.

– Mas cuidado com a água, não os deixem ir para o fundo – ela nos advertiu.

– Pode deixar – eu disse.

E minha madrinha retrucou:

– Eu sei cuidar de criança, tá bom?!

Seriam apenas dois dias, portanto levei somente minha mochila (mas a maior que tinha) e a bolsa de mão onde guardei lenços de papel, absorventes para caso um acidente menstrual acontecesse, balas de iogurte e afins. Sol sentou ao meu lado no ônibus, os meninos atrás de nós e a tia Rubi ao lado. Nós levamos vários pacotes de salgadinhos e batatinhas para comermos no caminho, e eu sabia que isso não duraria nem até a metade dele.

Na rodoviária Rique e Bel nos esperavam. Eu abracei os dois ao mesmo tempo, e queria ser um polvo para abraçar todo mundo que via, de tão feliz que estava.

– Esse lugar me traz boas recordações – eu disse a Rique.

O Rio de Janeiro continuava lindo.

“Não é a cidade mais bela do mundo, apenas o lugar mais belo do mundo para uma cidade”, disse Elizabeth Bishop^[9], uma poetisa americana que Bel havia estudado para a matéria de Literatura Estrangeira. Minha melhor amiga me mandara um trecho de um poema dela:

*“Sol forte, céu azul. O Rio transpira.
Praia apinhada de barracas. Nua,
passo apressado, você cruza a rua.”*

Quando desembarcara no Rio de Janeiro, Bishop pretendia ficar apenas por algumas semanas, mas acabou ficando por quinze anos. E eu queria fazer a mesma coisa.

– Bem-vindos ao restaurante Norte & Angi – Rique disse quando chegamos à porta alta.

O lugar continuava com a mesma aparência de antes, cheio de cores, as cores do nosso país, e também de aromas, os aromas do nosso país.

Eu amava não só o Norte & Angi, mas todo o bairro de Santa Teresa. Amava seu bondinho, seu charme, sua história. Em minha primeira ida ali, Bel me contara que Carmen Miranda tinha morado nesse bairro. Ah... e eu amava Carmen Miranda também.

Um filme passou em minha cabeça. Não fazia tanto tempo que eu havia pisado ali pela primeira vez, mas tanta coisa havia mudado desde então. Eu mesma havia mudado muito.

– Preciso reservar uma mesa? – perguntei.

– Meu coração já está reservado pra você – Rique respondeu.

Cássia estava tão animada em nos receber, quanto nós em visitá-la.

– Você tinha é que vir morar aqui, isso sim – ela disse, e se virou para Sol. – Ah, sua avó é tão jovem, muito prazer!

– Muito prazer e muito obrigada – respondeu Sol à anfitriã. – Sua casa e seu restaurante são muito bonitos.

– Elogie só depois que experimentar nossa comida – disse meu sogro.

Nos sentamos à uma das mesas, onde constatei que a promessa de Cássia sobre meu prato preferido tinha sido cumprida.

Quando terminamos a refeição:

– Seus irmãos são tão fofos e educados – disse ela.

– Longe dos pais eles são maravilhosos! – eu respondi, e realmente Júlio e César estavam sendo um exemplo de conduta. Não deixaram nem um grão de arroz no prato, não mexeram em nada na casa, etc.

Depois de conversarmos muito, subimos para descansar, afinal de contas estávamos exaustos por ter ficado tantas horas na estrada. Mas antes disso, Rique queria me mostrar seu escritório, que consistia em um cômodo vago da casa.

– Abre! – ele me disse entregando uma pasta preta quando já estávamos no pequeno cômodo.

Eu obedeci e vi desenhos de uma linda casa circundada por um terreno vasto. Ela estava diferente, mas eu a reconheci.

– É como a sua casa vai ficar – ele disse.

Eu o abracei, e os meninos, que deviam estar deitados, surgiram na porta, interrompendo nossa cena bonita. É isso que acontece quando se elogia crianças!

– Ah, você também desenha – disse o César adentrando o recinto.

Rique mostrou a ele seus esboços e projetos que eram guardados em pastas e mais pastas na estante do escritório. Cássia havia cedido o cômodo a ele como presente de aniversário no começo da faculdade.

– Mas eu só desenho casas. Já você desenha de tudo.

– Como você sabe?

– A Catá me contou.

Ele pegou um pacote de folhas e uma caixa de lápis e entregou a César.

– Obrigado! – disse meu irmão maravilhado. Seus olhos brilhavam.

Para não deixar Júlio com ciúmes, Rique pegou um carrinho que estava exposto em sua prateleira e deu a ele.

– Fica como presente do aniversário de vocês.

– Amanhã a gente vai *pra* praia, né?! – perguntou Júlio após agradecer.

– Eu já separei minha sunga – o outro gêmeo contou enquanto guardava a caixa de lápis na mochila.

– Vamos sim – respondi, e torci para que no outro dia o clima estivesse um pouco mais quente do que naquele.

Mas o sereno era reconfortante. Muito reconfortante. E foi com prazer que calcei minhas meias e o pijama quentinho após o banho.

Me acomodei no quarto de Bel. Mesmo que a gente se falasse sempre, pessoalmente era outra coisa. Havia muitas confidências a serem trocadas.

– Você devia é ir dormir com o seu Rique.

– Tá me expulsando daqui?

– Longe disso. Só acho que algumas oportunidades não devem ser desperdiçadas.

– Você não tem uma barba sexy, mas sua companhia também é muito agradável.

Estar tão perto dele me deu uma comichão. A vontade de atravessar as paredes era enorme.

O quarto de Bel estava idêntico à primeira vez que eu fora até ali. A estante abarrotada de livros, as prateleiras, o quadro que Lady Olga a presenteara pendurado acima da cama; menos as cortinas, que diferentes das que decoravam a janela da outra vez, tinham uma estampa floral que dava uma harmonia especial ao local. Havia também uma penteadeira no canto esquerdo, presente de sua mãe quando ela fizera dez anos. Bel se sentou em frente a ela e eu peguei uma escova de cabelo e a passei pelos fios de minha amiga tal como Jane Austen fazia com sua irmã Cassandra.

– Impressão minha ou você está romântica? – perguntei a ela.

– Eu?

– Sim.

– Por quê?

– “Algumas oportunidades não devem ser desperdiçadas.”. Bel, Bel!

Esperei alguns segundos.

– Tá bom! É difícil esconder algo de você.

– Fala!

– Beije o Jorge. Quer dizer, o Jorge me beijou, sei lá, nós nos beijamos.

– O quê? – ela tampou minha boca levemente, pois acho que fui um pouco expansiva na demonstração de surpresa até mesmo com a porta fechada.

– Nada demais.

– Como assim nada demais?

– Nada demais. A gente só se beijou, só isso.

– Bel, isso significa muito.

– Significaria no século XIX. Aliás, significaria que eu sou uma desfrutável, quase deflorada.

– Ah, não se faça de blasé. Deflorada é uma palavra horrível.

– Eu disse quase.

– E eu fiquei surpresa.

– Por eu ter pegado alguém? É... eu também fiquei.

– Não, não por isso. Conta aí como foi o beijo.

– O beijo foi bom... muito bom – ela me encarou. – Você não quer que eu descreva, né?!

– Não!

– Mas tem um detalhe que foi melhor que o beijo em si.

– Qual?

– O Jorge é o cara com quem tô conversando no Austenapp.

Eu sabia sobre suas conversas com o tal do “I’m”, e embora Bel tentasse diminuir perante mim o seu entusiasmo, eu sabia que ela estava animada com essas conversas.

– O que não tem foto própria nem coloca o nome? – perguntei.

– É o único com quem eu converso. Não sou praticante de *piriquetagem* virtual.

– Eu sei! Mas como você descobriu?

Ela me contou sobre sua aventura *austeniana*.

– Que doideira! – exclamei tentando entender a situação.

Foi a vez de ela dizer:

– Eu sei!

– Mas você acha que foi coincidência ou ele fez de propósito?

– Acho que foi meio a meio.

– E como ele reagiu quando soube que você descobriu?

– Ele não sabe!

– Você não contou que desvendou o segredo dele?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– E nem vai?

Bel repetiu o gesto.

– Não por enquanto.

– Se ele gosta de Jane Austen, eu concedo a mão da minha melhor amiga.

– Nem vem! Pretendo continuar solteira. Falando em relacionamentos, acho que você deveria ir beber uma água. Agora! – ela foi enfática.

– Por quê? – perguntei. – Pareço desidratada?

Obedeci e encontrei Rique na cozinha.

– Como ela sabia? – perguntei em tom baixo.

Ele deu de ombros e eu não resisti: o beijei ali, mesmo preocupada em não fazer estalos.

Sua boca estava fresca por causa da temperatura da água que ele estava bebendo, o que me causou um arrepio perigoso.

– Isso é inapropriado – dissemos juntos.

Coloquei o dedo sobre os lábios dele.

– Xiu!

E saí na ponta dos pés. Encontros noturnos na cozinha não pareciam muito respeitosos. Então voltei para o quarto.

Após *stalkearmos* o Jorge/Darcy/I'm, continuamos batendo papo até que peguei no sono e sonhei com Rique, quer dizer, sonhei que estava dormindo aninhada a ele em seu quarto pequeno e propício.

No outro dia, quando Bel abriu a janela, constatei que minhas preces foram atendidas, pois havia um sol brilhando lá fora, tímido, mas sol. E ele parecia uma promessa de desabrochar em sua plenitude, mais tarde.

Meus irmãos se animaram ainda mais. Coloquei meu vestido leve, popularmente chamado de saidinha de praia. Já tia Rubi e Sol trajavam seus maiôs. Bel estava com shorts jeans rasgados e Rique de bermudas.

Notei que as aulas de natação de Júlio e César surtiam efeito, pois eles, com a supervisão da minha madrinha, nadaram como dois peixinhos no mar calmo. Já eu, a irmã mais velha, vergonhosamente não sabia nadar.

Na praia, Bel e Sol conversavam como duas velhas amigas.

– Só que uma delas é nova – disse minha avó, espirituosa como Jane Austen. Ela adorava fazer piadas sobre si mesma. – O mundo é mais leve quando fazemos isso!

Não estava aquele calor típico do verão, mas o clima era apropriado para um sorvete.

– Se não tivéssemos tão pouco tempo, podia rolar aquela baladinha – concluiu Sol.

Eu e Rique caminhamos um pouco pela areia. Como não estava tão quente, dava para andar descalça sobre ela sem sentir estar andando em brasas. O horizonte parecia uma metáfora à nossa frente.

– Quero ver Lady Olga – eu falei.

Iríamos só nós dois. Lady Olga era mesmo uma Lady, mas a doença a impedia de se adaptar à presença de muita gente ao mesmo tempo. Às vezes eu me esquecia de que o que ela tinha era uma doença.

– Quer ir agora?

– Não, antes quero colocar meu vestido.

A vestimenta não era algo necessário (a imaginação dela trabalhava por si só), mas eu gostava de estar a caráter para vê-la, pois era como se eu fizesse parte de seu mundo. Era minha maneira de demonstrar respeito.

Quando voltamos ao quiosque onde o pessoal estava, vi que havia uma pessoa a mais entre meus conhecidos. Tratava-se de um rapaz bronzeado, que inclusive segurava uma prancha de surfe. Seus cabelos eram brilhantes. Bel o apresentou como Jorge e eu entendi que aquele era seu Darcy, pois o havíamos *stalkeado* na noite anterior.

Ele era realmente bonito.

– Coincidência ou você marcou com ele? – perguntei.

– Coincidência! Ele surfa todos os finais de semana pela manhã.

– A história de vocês é cheia de coincidências. O destino está conspirando.

Ela me deu um empurrão.

Fomos para casa sob os protestos das crianças. Por Júlio e César, comeríamos areia para que não fosse necessário sair da praia para lanche.

– Vocês preferem comer no restaurante ou em casa?

Todos votaram na opção “em casa”.

– Vou fazer hambúrguer *gourmet* – avisou Rique.

– O que é *gourmet*? – perguntou Júlio.

O chef do dia explicou o conceito.

– *Gourmet* é uma palavra que a gente usa para fingir que uma comida é chique.

Eu permaneci na cozinha como sua ajudante.

– É bem simples, você corta cebola em cubinhos e tenta não chorar. Depois mistura na carne moída, joga um pouco de sal e pimenta, ah, é um fio de azeite de dendê para não perder o costume.

Ele seguiu explicando passo a passo do modo de preparo.

– Assim você vai falir o McDonald’s.

– Depois do almoço nós vamos lá, tá bom?

Quando montamos hambúrgueres o suficiente para todos, comunicamos que daríamos uma saída sozinhos. Eu coloquei meu vestido, que viera amassado dentro da mochila e que eu havia trazido exclusivamente para essa ocasião.

Entrei no carro de Rique e liguei na rádio de MPB, onde tocava “Como nossos pais” na voz de Elis Regina:

*“Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais
Nossos ídolos
Ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém.”*

Seguimos para a casa de sua avó. Por dentro, a moradia era uma espécie de chalé inglês em miniatura, projetado por meu arquiteto favorito, que na época era um calouro na faculdade. Nós batemos à porta e Lady Olga nos atendeu.

– Vovó, a Srta. Guimarães veio visitá-la – disse ele.

– Oh, querida, me alegrei quando recebi sua carta dizendo que pretendia vir até nosso condado. Não enfrentou mau tempo na viagem? Os cavalos estavam realmente bem-dispostos para percorrer esse caminho tão rapidamente – disse ela se dirigindo a mim.

Eu já havia me acostumado ao fato de Lady Olga realmente acreditar estar vivendo no século XIX, seu universo paralelo. Isso soava fantástico,

mas na verdade era triste.

Ela nos recebeu sorridente e nos serviu o chá mate com biscoitos. O aroma da canela ficou registrado no meu paladar.

– Não posso deixar de elogiar seu lindo vestido – ela disse.

O modelo de mangas bufantes tinha sido desenhado e costurado por Manoela. Seu tecido era de um tom verde claro bem sutil, apropriado para uma jovem dama.

– Muito obrigada, a senhora também está muito elegante, como sempre.

Cada detalhe da casa dela era uma recordação do passado. O piso de linóleo, os vasos de cerâmica, os quadros. Lá não havia uma televisão, um telefone ou nem mesmo um micro-ondas. O fogão era a única coisa moderna, e fora introduzido à casa sob o pretexto de ser criação de um homem muito inteligente, que tinha a intenção de facilitar a vida daquelas que cuidam da alimentação de seu lar. Porém, há alguns meses Lady Olga recebia suas refeições diretamente do Norte & Angi, pelo fato de que Cássia não achava mais seguro que sua mãe continuasse cozinhando.

Eu sabia também que a babá eletrônica estava nos supervisionando, e isso me fez sentir em um reality show, coisa que definitivamente não combinava comigo, embora eu apreciasse câmeras.

Conversamos sobre o clima e sua instabilidade até que a anfitriã disse:

– Soube que a rainha foi deposta.

Levei alguns segundos para compreender a observação e olhei para Rique. Seu olhar me esclareceu que na verdade ela estava falando sobre a presidente.

– De fato, foi! – ele respondeu. – Um homem entrou em seu lugar, ainda que o país proteste contra isso até hoje.

– Um verdadeiro escândalo – concluí.

Como eu não gostava de despedidas, essa não foi diferente, até porque eu não sabia quando poderia voltar e, cada dia parecia mais precioso para a Lady. Nosso abraço durou mais do que os abraços sociais costumavam durar.

– A gente foi ver a vó – disse Rique para a mãe quando chegamos. Já

tinha escurecido, e o restante do pessoal havia ido ao cinema.

– Você viu como ela está, Catarina? Ela não aceita ajuda, e nós ficamos impotentes. Não sabemos o que fazer em relação a essa doença.

– Não tem o que fazer – disse.

Na verdade, não me sentia competente para discutir esse assunto, a única avó com quem eu havia convivido era extremamente moderna e saudável. Eu adorava Lady Olga tal como a conhecera, mas ao mesmo tempo, sentia um profundo aperto no peito por sua situação.

– A gente não pode trazê-la para morar conosco porque ela não aceita. Nem telefone quer ter. Vivemos com medo de que algo aconteça. Não tem ninguém mais teimoso do que minha mãe. Ah, olha a sua avó, tem a mesma idade que ela e está tão lúcida. Sempre falei para Bel, olhe para frente e não para trás.

Constatei que essa frase também servia para mim.

Por algum tempo, Lady Olga aceitou como dama de companhia uma moça que na verdade se tratava de uma cuidadora, mas quando essa moça se casou, a Lady dispensou seus serviços e não aceitou os de nenhuma outra. A babá eletrônica era a única coisa que confortava a família, mas todos sabiam que isso não era garantia de nada.

Enquanto conversávamos, Sol, Bel, tia Rubi e meus irmãos chegaram do cinema, esses últimos mais animados do que os demais.

– Gostaram do filme? – perguntei.

– Eu gostei! Mas gostei mais de jogar *pinball* – disse Júlio.

– E a gente andou um pouco na beira da praia.

Enquanto conversávamos na sala, fomos surpreendidos por algumas batidas na porta.

– Quem será a essa hora? – perguntou Bel.

Nós estávamos em tempos difíceis, e esse tipo de visita inesperada não era muito acalentador, principalmente diante do fato de que, para chegar até ali, era necessário passar pela porta do restaurante, que àquela hora já estava fechada.

– Vou ver com cuidado – disse Rique.

E as batidas continuaram até que ele abrisse a porta e a visitante adentrasse o ambiente, tomando para si todos os olhares.

Avaliei Lady Olga da cabeça aos pés e não compreendi o que estava acontecendo. Ela estava vestindo calças à la século XXI, e todo o restante de seu traje também era moderno, tal como o penteado, ou melhor, a ausência de um, pois seus cabelos estavam soltos. Parecia outra pessoa. Isso me deixou atordoadada.

– Vó! – exclamou Bel.

Rique a levou até o sofá. Ele era o único que parecia saber o que fazer, mas supus que só parecia mesmo.

– Vim visitar vocês, ué – disse ela em tom casual, usando de um vocabulário que eu nunca a tinha visto usar. – Não vão nos apresentar – agora olhava para os visitantes.

Eu olhei confusa para Rique e o olhar foi retribuído. Ele fez o que a avó pediu, apresentando aqueles que ela não conhecia.

– Muito prazer! – ela disse.

Compreendi que realmente, Olga, nesse momento, não era a Lady das antigas, mas simplesmente Olga. Entendi também que ela estava tendo uma crise de lucidez, e que não era a mulher que eu vira há alguns séculos, quer dizer, há algumas horas, mas a mulher antes do Alzheimer, aquela que eu não conhecera e que eu adoraria conhecer. Mas as circunstâncias não pareciam apropriadas para isso.

– Já começou a novela? – ela perguntou diante da televisão ligada na produção novelística das onze horas. – Engraçado, não conheço esses atores. São novos? Ah, o Tarcísio eu conheço. Mas que novela é essa?

Olga havia deixado de assistir TV quando entrara em seu universo paralelo, quando a Lady havia se apoderado dela excluindo de seu dia a dia todas as modernidades.

Ela puxou assunto com Sol, elogiando uma de suas tatuagens, e elas começaram a conversar naturalmente como duas colegas de classe. Olhando assim, eram até parecidas: duas mulheres da mesma geração. Inclusive, Olga

parecia um tanto mais jovem com aqueles trajes, e eu pude ver seus cabelos brancos sem a touca de tecido que costumava usar. Eles eram lisos e pareciam macios.

– Como está, Catá? – ela perguntou.

Respondi que estava bem e devolvi a pergunta. Só então percebi que seu cérebro não havia me apagado de suas memórias. Isso significava que Lady Olga ainda estava presente ali de alguma forma.

Meus irmãos estranharam a situação. Para eles, a recém-chegada estava normal, e na verdade, de certa forma estava.

De repente, ela disse que queria ir embora para sua casa. Todos tentaram convencê-la a ficar, em vão, pois tenacidade era seu sobrenome.

– Dorme aqui, vó – pediu Bel.

– Não, já assisti à novela com vocês, agora é hora de ir para minha casa.

Rique disse que a levaria de carro junto a mãe, mas no caminho desviou para o hospital. Era uma armadilha necessária para rendê-la. Nós ficamos apreensivos esperando por notícias.

– Será que ela vai voltar ao normal? – Bel perguntou.

Eu não sabia o que dizer, e enquanto esperávamos, procuramos informações sobre o assunto no Google. Nenhuma de nós sabia qual era o “normal”. Eu conheci uma Lady Olga que vivia no passado, então para mim aquele era o seu normal. Já Bel conheceu uma avó do século XXI. Havia um abismo grande entre essas duas que, no entanto, eram a mesma.

– Como ela está? – perguntei quando Rique chegou.

Cássia e o marido haviam ficado na casa da mãe/sogra para dormir com ela.

– Foi uma crise de lucidez, mesmo – nossas pesquisas haviam se confirmado. – Pode durar horas ou anos.

– Seria bom se durasse anos – disse Bel.

– Não dá pra saber – ele respondeu. E eu o abracei.

Minha avó e tia Rubi ficaram com os meninos no quarto. Bel, eu e

Rique, os três mosqueteiros, improvisamos nossas camas na sala para ficarmos conversando até mais tarde.

– Boa noite, Rique, boa noite, Bel – disseram meus irmãos, como os Teletubbies, enquanto iam para o quarto.

Os dois dias seguintes foram de apreensão sobre a saúde de Lady Olga, mas sobrou espaço para a diversão.

– A próxima vez que a gente se ver, vai ser na plataforma de embarque para Bath – eu disse a Rique no último dia. Mal podia esperar para vê-lo de novo.

E mais uma vez pulo a despedida.



BEL

– Bel, preciso falar com você – minha mãe me disse assim que as visitas foram embora.

A casa ficou vazia e eu me senti do mesmo modo. Enquanto havia risadas e brincadeiras nos cômodos, eu não precisava pensar na minha avó, e isso era bom. Muitas perguntas sobre ela pairavam sobre mim, todas sem resposta.

Podia imaginar o que Cássia queria dizer e, embora antes fosse totalmente contra a hipótese, diante do último acontecimento, tinha minhas dúvidas sobre isso.

– Diga! – pedi.

Nós duas estávamos sentadas em uma das mesas do restaurante, que ainda estava fechado.

– Eu estava pensando... sua avó precisa de ajuda. Ela precisa... realmente de ajuda.

A voz da minha mãe estava embargada. O que ela havia dito não era nenhuma novidade.

– Sei disso!

– E eu também preciso de ajuda, da *sua* ajuda, para decidir o que fazer. Não dá pra continuar assim. Ela sozinha naquela casa é algo tão perigoso.

– Concordo! Não dá mesmo.

– Temos três opções: trazê-la para morar conosco contra a vontade, um de nós ir viver lá, ou...

Eu sabia muito bem qual era a terceira opção: asilo.

Embora essa palavra significasse refúgio, abrigo, eu não conseguia enxergar as coisas assim.

– Essa opção me dói – disse minha mãe sem precisar dizer a palavra,

pois eu tinha compreendido. – Mas estou começando a cogitar isso. Não me julgue!

– Não vou te julgar.

Ela pareceu surpresa com a minha afirmação.

– Não?

Mas de repente me perguntei como pude sequer cogitar considerar a ideia.

– Não, isso não – respondi.

Cássia fez que não entendeu e Rique apareceu entre nós.

– Eu tenho a solução – disse ele.

Nós olhamos em sua direção, curiosas com o que ele tinha a dizer.

– Vou morar com Lady Olga – anunciou meu irmão.



O Austenapp estava fazendo tanto sucesso que Ana Catarina e William foram convidados a ir num programa de TV matinal. Ele foi exibido no horário em que eu estava trabalhando, mas consegui ver na Internet na hora no almoço, afinal eu não podia perder isso por nada.

– ***Não sei como eles chegaram até a gente.***

Ela dissera modestamente, assim que recebera o convite em seu e-mail, isso assim que voltara do Rio.

– ***O Austenapp está famoso, queridinha!
Agora você ultrapassou as barreiras da Internet.***

– ***Mas calma, não vai só a gente.***

***Irão vários outros criadores de aplicativos,
parece que esse será o tema do programa nesse dia.***

– ***Mesmo assim, é uma baita oportunidade***

***de divulgação pra vocês.
Austenapp vai para os trending topics.***

Catarina estava nervosa, porém animada, com sua primeira aparição na televisão. Estava também, é claro, trajada a caráter. Seu novo vestido era em tom de azul leve, e o restante da caracterização (maquiagem e cabelo) tinha sido feita pela produção do programa. Ela me contou que achou estranho ter várias pessoas em torno de si, maquiando e penteando, pois normalmente ela fazia tudo isso sozinha, no quarto que fazia de estúdio para suas fotos na casa de sua madrinha.

Estava acostumada às câmeras, quer dizer, com uma só, por isso aquela infinidade delas ao seu redor, segundo ela, causava uma sensação engraçada. Parecia estar num reality show, só que sem concorrer a um ou dois milhões de reais.

***– Eu não participaria de
um reality nem morta.***

Disse ela.

– Nem por uma boa grana?

– Nem por todo dinheiro do mundo.

Falar em rede nacional era muito diferente de falar para seu próprio público, por mais que ele fosse um número considerável, mas Catá se saiu muito bem.

– Como você começou a gostar de Jane Austen?

Ela se ajeitou no sofá para responder à pergunta com o microfone na mão.

– Eu estava passando pela parte de trás de um estádio de futebol com a minha madrinha quando uma moça me chamou. Ela disse que precisava entrar no estádio para assistir ao jogo, mas que eles não a deixaram entrar com sua mochila por questões de segurança. Nessa mochila havia um livro, e ela estava com pena de jogá-lo fora para poder entrar, pois tinha terminado de ler no caminho até ali e havia gostado muito. Então ela me deu o livro de presente. Era Orgulho e Preconceito. Não sei o que ela fez com o restante das

coisas que estavam em sua bolsa. Só sei que as regras de segurança de estádios de futebol mudaram a minha vida para sempre.

Eu achava o modo como Jane entrou na vida da minha amiga muito especial.

– E quando surgiu a ideia do seu canal? – perguntou a apresentadora Lourdes Bernardo, do programa matinal Encontro com, adivinhe... Lourdes Bernardo.

Ela narrou o momento em que, anos antes, na festa de aniversário à fantasia de sua madrinha, trajando um vestido alugado, fez uma sessão de fotos com seu celular que na época só tinha a câmera comum e não a frontal. Ali, em péssima resolução, nasceu o @EuJaneite, em uma rede social que ainda não era tão popular no nosso país. Também foi a madrinha quem deu a ela uma câmera profissional para dar andamento no projeto. Depois, minha amiga mandou um beijo para mim e outro para o Rique, o que me fez sentir importante.

– E o Austenapp, como surgiu? – perguntou Lourdes.

William contou então a história já narrada aqui, e depois foi a vez dos demais criadores de aplicativos presentes ali.

– Tá vendo o quê? – perguntou Jorge surgindo atrás de mim.

– Minha amiga na televisão.

– Que chique, ela é famosa?

– Ela é a criadora do Austenapp.

– Ah – concluiu ele surpreso.

Nós nunca tínhamos falado sobre o aplicativo, e Jorge nem suspeitava que eu sabia que era ele o meu Darcy. Eu queria saber até onde ele ia com essa brincadeira, mas esse não era o único motivo do meu silêncio: eu não queria acabar com minha relação com “I’m”, e quando eles se tornassem um só, era isso que aconteceria. Não que Jorge fosse ruim, pelo contrário... mas “I’m” era a melhor parte dele.

– Você conhece o aplicativo? – perguntei para provocar.

– Acho que vi um post seu falando dele.

– Já conheceu alguém pela Internet?

– Eu? Já, já sim. Mas prefiro pessoalmente – ele me deu um beijo rápido, temendo que alguém surgisse na copa. – Ah, esqueci de te perguntar, quer dar uma saída hoje?

– Não posso matar aula... de novo.

– Tem razão! Desculpa.

– Você também não deveria.

– E eu não vou. Tenho que terminar minha faculdade. Todos os dias escuto que sou a esperança da família.

– Eu sinto muito! – respondi.

– Eu também.

Embora não simpatizasse com a história do pai corrupto dele, eu sabia que Jorge não tinha culpa de nada. Pelo contrário. Ele parecia desejar seguir um rumo diferente.

– Tenho até vergonha de falar sobre essas coisas com você.

– Não precisa – eu disse. – Você não é culpado de nada.

– Não sou, mas é minha família, preciso fazer alguma coisa por eles.

Eu entendia como ele se sentia, pois me sentia da mesma forma em relação a Lady Olga. Rique havia levado suas mudanças para a casa dela no dia anterior. Segundo meu irmão, era mais confortável para ele – que não estudava e apenas trabalhava – mudar de casa assim, de repente, do que seria para mim que tinha dupla jornada.

– Mas, olha – eu disse a Jorge. – você não precisa também se sobrecarregar, sabe? Pensa no seu futuro, mas não se pressione por causa dos seus pais. Viva a sua vida!

Me levantei para lavar as mãos.

– Bel – ele chamou.

Me virei para fitá-lo.

– Você é a melhor garota que eu já conheci.



Foi com essas palavras que fui dormir na casa de Lady Olga junto com meu irmão, para ajudá-lo a arrumar algumas coisas que faltavam. Ela gostava quando eu ia até lá para pernoitar, e como eu não o fazia já há algum tempo, passei em casa para pegar algumas coisas. Meus pais não estavam, então mandei uma mensagem no grupo da nossa família avisando que eu estava saindo.

– Desculpe o horário – eu disse quando cheguei.

– O que é isso, minha querida?! – Você é bem-vinda a qualquer momento. Seu quarto está preparado, como sempre. As roupas de cama estão com o cheirinho que você gosta.

Apesar da doença, minha avó continuava tão caprichosa quanto costumava ser.

Antes de nós três tomarmos o chá da noite, subi para guardar minhas coisas e colocar o pijama. Ao sentar na cama, não resisti a dar uma olhada no celular para conferir as notificações antes de voltar à presença de minha avó. Acabei demorando mais do que previa, pois havia mensagens do Jorge para responder. Além do mais, um post levou a outro, que levou a outro e assim por diante; aquele ciclo vicioso da Internet.

Quando desci, ouvi uma voz lá embaixo, fazendo companhia à de Lady Olga em um diálogo, e não era a voz de Henrique.

– Izabel tem me preocupado – dizia a voz.

– Como uma moça tão exemplar pode causar preocupação?

– O jeito dela é muito... não consigo explicar com palavras.

– Independente? – perguntou Lady Olga.

– Sim! De certa forma sim.

– E o que pode haver de *preocupável* em sua independência?

Parecia que minha mãe era a dama do século XIX enquanto minha avó do século XXI. A inversão de papéis prosseguiu:

– Ela não se parece muito com o que sonhei para ela. Isso me assusta um pouco porque eu tinha tudo planejado na minha cabeça. Não que isso a desmereça, pelo contrário, acho que eu não sou, nem nunca fui capaz de imaginar alguém diferente de mim. A Izabel é melhor do que eu. Sempre quis ser mãe de uma menina, a senhora sabe. Quando soube que Henrique seria um menino, fiquei contente, é claro, e o amei. Sou orgulhosa dele. Mas quando soube que teria uma menina, senti que estaria completando minha realização. Peguei todas as nossas economias e comprei roupinhas e mais roupinhas cor de rosa, aproveitei cada momento da infância dela, e quando a adolescência chegou, esperei que ela me contasse sobre suas paixões, mas ela não o fez. Às vezes acho que ela tem vergonha de se abrir comigo. Izabel não é mais a minha bonequinha.

As palavras de minha mãe carregavam um misto de crítica e elogio, e eu constatei que mesmo me elogiando, ela me criticava e que, por outro lado, se me criticava também estava me elogiando.

Lady Olga, ao constatar que eu poderia ouvir aquela conversa, disse:

– Bonecas são feitas de pano, já seres humanos têm alma, personalidade.

Isso me fez lembrar da enorme safra de filmes de terror com bonecas cheias de personalidade maligna. Seria eu a Annabelle ou a noiva do Chuck?

– O que Izabel mais tem é personalidade, e sabe de uma coisa, mãe? Eu me orgulho dela tanto quanto me orgulharia se ela fosse a boneca com a qual sonhei.

Quando Cássia disse isso, eu despentei na escada. Ela tomou um susto ao me ver.

– Você estava aqui? – agora minha mãe olhou para Lady Olga. – Por que não me falou, mãe? Tomei um susto.

– Avisei no grupo – eu disse.

Cássia ficou sem jeito com a minha presença e não tocamos mais no assunto. Henrique estava na cozinha lavando a louça. Quando ela foi embora e nós íamos dormir, minha avó me disse:

– Você é muito especial, Bel!

E não foi a primeira vez no dia que eu escutei isso, mas ouvir da minha avó era ainda melhor do que ouvir do Darcy.



ANA CATARINA

Uma semana depois de estar em rede nacional, eu estava novamente na casa da minha madrinha. Íamos sair à noite para dirigir um pouco, afinal eu tinha meu projeto de ser uma dama de carruagem própria. Fui vestida a caráter, embora não fosse nada confortável dirigir debaixo daquelas anáguas e saíotes, mas queria fotografar a aula de direção com tia Rubi; as pessoas da Internet adoravam me ver fazendo coisas modernas com roupas de época, pois isso realizava suas fantasias surrealistas.

Nós duas escolhemos uma área pouco movimentada para treinar troca de marcha.

É claro que minha mãe diria que somos loucas de ir até lá na escuridão da noite, mas havia uma boate nas proximidades e muita ronda era feita por ali, de modo que não era lugar perigoso nem mesmo naquele horário. O máximo que poderia acontecer era a polícia me parar por estar dirigindo fantasiada, o que eu preciso confirmar no regulamento de trânsito se é crime ou não.

– Tudo certo para a viagem a Bath?

– Sim! Eu não vejo a hora de embarcar – mudei de assunto. – Queria tanto que a minha mãe desencantasse do Marcelo.

– Na hora certa as coisas se encaixam e a verdade aparece – tia Rubi disse. – Eu já disse que as portas da minha casa estão abertas pra você, quer dizer, a porta, né?! Porque só tem uma.

A mudança de Rique para a casa da avó havia me feito cogitar a possibilidade, mas não o suficiente para tomar uma decisão definitiva.

– Tenho medo.

– Medo de quê?

– De deixar a minha mãe sozinha.

Marcelo estava cada vez mais agressivo. Sempre que minha mãe chegava com ele em casa, trazia em seu braço ou em outras partes do corpo

algum hematoma. As desculpas eram sempre as mesmas, e agora a violência não respeitava mais as paredes da nossa casa (ou a infância dos meus irmãos), e as discussões eram em tom de voz cada vez mais alto. Antes eu achava que meu padrasto era apenas um mané, mas agora eu o via como ele realmente era: um monstro.

– E de subir com essa marcha, você não tem medo, não?!

Era no topo dessa subida que ficava a tal boate, e estávamos passando em frente a ela quando vimos uma briga acontecendo na porta. Conforme nos aproximamos percebi que conhecia uma das vozes alteradas.

– Parou por quê? – disse tia Rubi quando estacionei. Pelo visto ela não tinha percebido o mesmo que eu.

Peguei minha câmera da mão dela e alterei para a opção filmar. Levantei-a na direção do que estava acontecendo. Filmei Marcelo batendo e apanhando de um cara, ambos estavam nitidamente bêbados e davam a entender que o motivo da briga era a mulher do desconhecido. Em dado momento isso ficou claro, e a mulher surgiu dizendo que ele havia passado a mão nela. Os seguranças da boate tentaram espantar os três dali imparcialmente, mas Marcelo foi pra cima de um deles, que reagiu e rendeu o assediador.

– Vamos embora daqui! A gente já viu demais – disse minha madrinha. — Desliga essa câmera e apaga esse vídeo – havia um tom de autoridade em sua voz, o mesmo que ela costumava usar quando eu era criança. Mas esse tempo tinha ficado para trás. – Catarina, me escuta.

– Me leva em casa? – pedi a ela.

Uma viatura que já estava rondando a região, estacionou e os policiais saíram de dentro dela.

– O que você vai fazer com esse vídeo?

Ela só perguntou uma vez, pois confiava em mim apesar de achar que o melhor a ser feito era ignorar o acontecido e fingir que não tínhamos visto nada.

– Tá bom! Vamos para sua casa.

Seguimos para lá. Após ela para o carro na frente do portão, eu entrei

e chamei minha mãe para uma conversa definitiva.

– Você não ia dormir na Rubi, filha?

– É que aconteceu uma coisa que eu preciso te contar.

Essa conversa não era sobre Marcelo, nem sobre seu casamento, era sobre nós duas. E sobre meus irmãos.

– O que é isso no seu rosto? – perguntei quando ela acendeu a luz da sala.

O olho esquerdo de minha mãe estava roxo, e eu tentei me enganar sobre o que havia causado aquilo. Ela não respondeu, pois sabia que seria inútil dizer que batera o rosto na porta ou qualquer coisa assim diante da educação que ela havia me dado. Ali eu me dei conta de que minha mãe havia me criado para ser quem ela mesma não era.

Prometi para mim que aquela seria minha última tentativa. contei a ela o que havia acontecido naquela noite, sem imagens, apenas minha palavra.

– Você deve ter seus motivos para não gostar dele – disse ela secamente, trajada em seu pijama – Mas quem decide minha vida sou eu, Catarina. Você cresceu, tem seu emprego, sua faculdade, logo vai embora de casa, e eu vou ficar aqui, entendeu?!

Sua boca dizia uma coisa, mas seus hematomas diziam outra.

– Sério que você aguenta isso por medo de ficar sozinha, mãe?

Essa hipótese parecia maluquice para mim.

Minha mãe não respondeu, e apesar de ser uma decisão dura, concluí que minha parte estava feita e que havia chegado minha hora de ir embora.

– Eu te amo – disse Manoela. – Você não precisa ir – isso parecia um pedido para que eu ficasse. – Eu não posso te proibir, mas não acho certo sair da sua casa por uma bobagem dessas.

– Bobagem?

– Bobagem, sim. Essa é a sua casa, as suas coisas estão aqui. Não faz sentido você ir.

Eu ignorei. Era hora de pensar em mim e na minha sanidade mental.

– Não faz sentido, Catarina.

– Ela não vai pra qualquer lugar – minha madrinha intercedeu. – Ela vai para a minha casa.

– Essa aqui é a casa dela – ela repetiu. – e pode voltar para cá quando quiser.

– Não faço questão de dividir o teto com um cara que bate na mulher – respondi, e essa frase dita em voz alta fez o ato ganhar vida dolorosamente. – Nem com uma mulher que apanha calada.

– Catarina – minha madrinha me repreendeu.

– Você não deveria ser tão dura comigo.

– E você não deveria ser tão dura consigo mesma.

Quando estávamos saindo da minha casa, o celular dela tocou. Eu sabia que era o telefonema ao qual Marcelo tinha direito dentro da delegacia, já tinha visto isso nos filmes. Minha mãe atendeu apressada, e enquanto ela falava, nós fomos embora.

Agora eu tinha uma nova casa.



BEL

– Quero que conheça minha casa!

Eu quase engasguei com o biscoito de polvilho que estava comendo quando Jorge disse isso de forma tão natural quanto a luz do dia.

– Tô indo rápido demais? – ele me perguntou ao ver minha reação.

“É que tenho medo de encontrar a Lady Catherine.”, pensei, mas não foi isso que respondi.

– Não curto muito isso de me envolver com a família dos outros, sabe?

Conversar sobre o assunto – nós dois costumávamos desabafar um com o outro, eu a respeito da minha avó, ele sobre a relação conturbada com o pai corrupto – era diferente de frequentar a casa um do outro.

Ele fez uma expressão de dúvida diante da minha franqueza, e ao perceber que eu podia tê-lo magoado, tentei consertar:

– Não tenho muito traquejo social – justifiquei.

– Claro que tem. Você tem traquejo comigo.

Ele me beijou. Era bom sentir seus lábios quentes sobre os meus, e mais ainda sua mão segurando meu maxilar como se com isso quisesse segurar também o momento pelo máximo de tempo possível.

– Esse é um tipo diferente de traquejo.

– Meus pais não mordem. Eles não são perfeitos, mas quem é que é?!

– Os meus é que não.

– Então! Já que está acostumada com a imperfeição, que tal conhecer uma tão imperfeita quando a sua?

– Quando?

– No fim de semana.

No sábado, inventei um pretexto para minha mãe e me encontrei com Jorge duas ruas acima da minha casa. Ele estava me esperando em seu carro

lustroso.

– Você veio! – disse com um sorriso ao me ver.

Parecíamos estar nos encontrando para uma missão secreta.

– Achou que eu fosse te dar um bolo?

– Não é isso. Por que não quis que eu te buscasse na porta de casa?

– Minha mãe é meio... controladora. Ela ia se animar demais com o fato de você estar interessado em mim e já iria comprar meu vestido de casamento.

– Não seria nada mal!

Ele seguiu por alguns quilômetros até um condomínio de casas de luxo. Aquela era uma realidade bastante diferente da minha, e como curiosa que eu era, não considerava uma experiência ruim. O local era ainda mais luxuoso do que o condomínio de Lidiane, tinha um requinte a mais. A nata da sociedade carioca morava ali: um casal de atores de novelas, um cantor de sertanejo universitário de afinação duvidosa, uma blogueira fitness. Ah, e a família do político corrupto, que era quem eu, uma pobre estagiária filha de comerciantes (isso me encaixava na burguesia?), estava indo visitar.

– Bem-vinda ao meu mundo!

“Ele foi antipático comigo quando nos conhecemos, é bonito, tem um carro brilhante, mora em uma casa enorme e linda. Será que vai me levar a uma floresta e revelar que é um vampiro?”, me perguntei enquanto procurava algum sinal de mato naquele local. Mas tudo que encontrei foram os jardins muito bem carpidos que figuravam na frente das casas, um deles parecia ter sido esculpido pelo Edward Mãos de Tesoura.

Jorge colocou o carro na garagem e nós subimos para sua casa que do lado de fora, ostentava amplas janelas de vidro. Não parecia ter havido queda no padrão de vida após os escândalos de corrupção de seu pai, mas esperei ver o lado de dentro para constatar isso. Vai que a luz estivesse cortada e a geladeira vazia.

Sua mãe era uma madame simpática que nos esperava na sala de estar, e seus dentes eram tão brilhantes quanto os vidros presentes em todos os cantos da casa. Constatei que aquela era a família do brilho.

– Você é linda! – exclamou ela. – Toda rabiscada, adoro tatuagens.

Porém, eu sabia que não era o exato tipo de garota que ela esperava para seu filho, pois Jorge havia estudado nos melhores colégios, os mesmos que as patricinhas da cidade frequentaram. E ali estava eu, no lugar que deveria ser de alguma delas. Entretanto, essa visão me pareceu preconceituosa e antiquada demais, afinal não estávamos no século XVIII.

– E inteligente, mãe! – Jorge adicionou.

Corei, e em seguida ele contou minhas conquistas, que consistiam em um estágio e faculdade. “Pelo menos nunca roubei ninguém.”, pensei. Era difícil para mim, não ser crítica estando onde estava, e isso me causou arrependimento por ter aceitado o convite.

O sofá da sala era tão amplo que contornava todo o cômodo igualmente vasto. Na estante alta, a televisão que mais parecia uma tela de cinema estava exposta.

– O almoço será servido – disse ela enquanto segurava um telefone sem fio. Parecia estar organizando uma refeição grande e isso me assustou, pois eu havia dito a Jorge que seria apenas uma passadinha rápida e despretensiosa.

– Não, não vou poder ficar – respondi. – Infelizmente.

– O que, como assim? Pedi para prepararem um prato especial – Jorge fez cara de desapontado.

– É que tenho um compromisso com a minha avó.

– Que pena!

Percebi que era uma desfeita e tanto e tentei contornar a situação.

– Mas acho que posso me atrasar um pouco.

A expressão dele mudou.

– Enquanto põem a mesa, quer conhecer meu quarto?

Sua mãe não pareceu se importar, e eu estranhei isso, pois não estava acostumada com tanta liberdade. Subimos as escadas de madeira, os degraus eram largos e no topo do último deles, um corredor longo despontava. Nele havia algumas portas, Jorge entrou na primeira delas.

Seu quarto era extremamente arrumado e bem decorado. Ele se sentou na cama *king size* – isso me fez questionar se ele era espaçoso ou namorado, o que me deixou com ciúmes – e me puxou para seu colo. Me desvencilhei por estar estranhando o ambiente – e também enciumada. De repente desejei estar em Santa Teresa, com minha família de quem eu reclamava, mas que ao menos era honesta e havia conseguido tudo o que tinha com o próprio esforço.

– Está estranhando, não é?

– É que é tudo... diferente pra mim – eu estava em pé, de frente para ele. – Você traz muitas garotas aqui?

– Por que a pergunta?

– Sei lá!

– Fala!

– Já disse, sei lá! – soei ríspida e mais uma vez tentei consertar. – Minhoca da minha cabeça, deixa pra lá.

Jorge riu levemente.

– Está se sentindo estranha por causa da situação do meu pai?

Passei a mão nos cabelos dele e me sentei em seu colo.

– Sei que você não tem culpa – disse fazendo carinho em seu rosto.

Céus! Como ele era bonito.

– Que bom que sabe! É difícil pra mim.

– Confesso que me assustei com o tamanho da sua casa.

– É! Ela é grande e vazia.

Senti pena dele por isso, mas meu lado sarcástico e safadinho queria perguntar o que mais era grande ali. Porém, o romantismo de Jorge ganhou a corrida:

– Tô feliz porque você está aqui.

– Também tô feliz por estar aqui!

Isso não era mentira, e por um momento desejei que a casa inteira fosse seu quarto.

– Eu conheço seu mundo, agora você conhece o meu. É... as coisas estão dando certo pra nós.

– Falando nisso, nunca te perguntei. Naquela noite você foi ao restaurante por minha causa?

– É claro que sim! – ele respondeu com tom de “não é óbvio?”. – Pela feijoada é que não foi.

– Não estava boa?

– Estava ótima! Mas você está muito mais...

“Gostosa era a palavra?” Eu sorri com o elogio atrevido e coloquei minha mão por debaixo da camisa dele, tocando seu abdome definido e rijo feito pedra. Mas alguém bateu na porta interrompendo o momento. Jorge disse que era sinal de que o almoço estava posto. Fizemos o caminho de volta para a parte térrea da casa.

A sala de jantar possuía uma mesa gigantesca, e eu sequer consegui contar quantos lugares havia em torno dela. Na ponta, um homem estava sentado e eu o reconheci como sendo o patriarca da família. Ele estava trajado com roupas sociais.

Não consegui disfarçar minha antipatia por ele, que por sua vez sorriu para mim e me estendeu a mão, que fui obrigada pelas regras da sociedade a apertar. Jorge nos apresentou. A refeição aconteceu de maneira indigesta, pois os assuntos eram artificiais. Ali, me dei conta do quanto eu gostava das conversas atropeladas da minha família.

– Acho que preciso ir – eu disse ao ouvido de Jorge no final.

– Fique para a sobremesa!

Aceitei por educação, afinal quem está na chuva é para se molhar. Quando terminamos, ele me ofereceu um passeio pelo jardim.

– Já estou super atrasada, mesmo, tudo bem!

Nos livros clássicos e de época, jardins eram ambientes propícios para momentos indiscretos. Eu e Catarina sempre falávamos disso quando líamos o mesmo livro.

– Volto já! – ele disse. Eu fiquei ali, sozinha entre a sala de jantar e o jardim que ficava nos fundos da mansão.

Enquanto esperava, ouvi a voz do pai de Jorge falando no celular. Ele não sabia que eu estava ali e eu me perguntei se deveria dar uma *tossidinha* para dar sinal de vida, mas não o fiz.

– O dinheiro vai estar na mala. Amanhã às 8h da noite, na rua de trás do meu condomínio – pausa. – Sim, é seguro. A poeira abaixou. Não tem mais ninguém atrás de mim – pausa. – Pode confiar, caramba! – pausa. – Está bem, está bem. Posso confirmar então? – ele repetiu o dia e o horário.

– Amor! – exclamou Jorge me abraçando.

Me virei.

– Oi! Eu acho que vou deixar o jardim pra outro dia. Vamos embora?

Ele fez cara de decepção.

– Tá bom, mas que pena!



**– Seu amigo William
me adicionou no Facebook.**

Eu disse a Catá depois de ela me mandar um vídeo do Marcelo brigando no bar. Foi ela quem pediu para mudar de assunto, pois não queria mais falar da sua mãe e nem do padrasto, o que era compreensível.

**– Meu irmão é um cara muito
evoluído pra não ter ciúmes da amizade de vocês,
acho que peguei toda a possessividade
da nossa genética para mim.**

– Culpa do seu signo!

**Se eu fizesse o zodíaco de personagens de
Jane Austen, diria que o Darcy é de leão e a Lizzie
de escorpião, como você. Olha essas definições:**

LEÃO: O chefe. Metódico que é, precisa de ordem em sua vida. Gosta de limites. Tende a assumir tudo para si. É mandão, e isso pode torná-lo mais atraente.

ESCORPIÃO: O intenso. Muito enérgico e inteligente. Pode ser ciumento e/ou possessivo. Guarda rancor principalmente quando ferem sua vaidade.

*– Fala sério se essas descrições
não são a cara dos dois?*

– Jane Austen é de Sagitário, olha só:

SAGITÁRIO: O otimista. Possui um carisma muito marcante, por isso é ótimo para lidar com as pessoas, e é também bom companheiro. A sinceridade é o seu ponto chave. Mas, ao mesmo tempo em que age sempre com transparência, costuma exigir a mesma atitude de seus amados. Dono de uma mente muito aberta, livre e aventureira. Pode ter grande habilidade pra dança.

*– Li em uma biografia que ela era
excelente dançarina. Nem sei o signo do Jorge,
vou me lembrar de perguntar.
Eu diria que o Capitão Wentworth é
de gêmeos e a Anne Elliot é
definitivamente uma libriana perfeita. Olha isso:*

GÊMEOS: Adapta-se facilmente a qualquer tipo de ambiente ou pessoa. É capaz de compreender perfeitamente a complexidade das situações e por isso tem facilidade de perdoar após certo tempo.

LIBRA: Pode ser inconstante, intrigante, desanimar facilmente e levar mais em conta a opinião de terceiros do que sua própria.

– Me lembra de fazer um post sobre isso!

– Os seguidores vão adorar!

*– Enfim... Quanto ao Will,
não tem porque o Henrique ter ciúmes dele, além do mais,
ele é seguro de si.
Ainda bem que conheci um cara como ele, que enxerga as mulheres*

unicamente como seres humanos.

Falando nisso, te contei que o Will te achou bonita?

– Ah, é?! Não faz a Emma, viu?!

*Vai que ele gosta de você e você acha que
é de mim que ele está a fim. Mas de qualquer forma, é tarde, já
tenho combinação no Austenapp.*

Não que eu visse maldade entre a amizade de Catarina e Will pelo fato de eles serem de gêneros diferentes, até porque eu nem o conhecia, mas tinha uma certa desconfiança de que ele era secretamente apaixonado pela minha melhor amiga. Sempre que eu suspeitava disso em relação a alguém, acertava em cheio. Era claro que, caso fosse um caso desses, Catarina, que acreditava tanto nas pessoas, sequer suspeitaria.

– No Austenapp e na vida, né?

*– Eu não quero um relacionamento sério
como o de vocês.*

Nada contra, mas não é pra mim.

*– Você parece estar se envolvendo
com esse Darcy, Bel.*

– Claro que não!

Afirmar. Mas sabia que era mentira. Jorge estava mexendo com minha cabeça de forma que ninguém antes mexera.

*– A gente passa o dia junto no trabalho,
por isso falo bastante dele, só por isso.*

*– Desculpa a sinceridade,
mas nunca te vi assim.*

– Assim como?

*– Apaixonada.
Você está nitidamente apaixonada.*

– Quem disse que estou apaixonada?

A repetição da palavra dava um tom exagerado à conversa. Era assim que eu via a opinião de Catarina: um verdadeiro exagero. Não se pode nem falar muito sobre alguém, pensar demais nessa pessoa e seus olhos brilharem ao vê-la, sem ser considerado um apaixonado? É... talvez eu pudesse estar... aquela palavra que eu queria evitar.

– Dá pra notar.

***E não precisa ter vergonha disso,
eu também estou. Um monte de gente também está.***

– Mas eu não, eu não estou.

Ana Catarina sabia que não compensava insistir nisso, e mudou de assunto.

***– Ah, antes que eu esqueça,
falando no Will, ele vai pro Rio daqui alguns dias,
para participar de um congresso de mídia digital.***

– Vocês estão muito chiques!

– Não é?!

***Pensei que você e o Rique poderiam “cuidar dele”
como cuidaram de mim quando conheci o Rio.***

– Claro!

Fiquei alguns segundos pensando se deveria ou não contar a ela sobre a conversa que tinha ouvido. A visita à casa de Jorge havia mexido comigo; conhecer o mundo dele me deixara com uma sensação estranha de despertencimento. Essa minha mania de filosofar...

– Você tinha razão!

***Estou me envolvendo com o Darcy carioca.
Fui à casa dele hoje.***

***– “Dessa água não beberei.”,
disse você, e agora não só está bebendo
como se afogando nesse tsunami, né?!***

Narrei os pormenores da visita (incluindo os minutos de pegação no quarto dele) e depois sobre a conversa que escutei enquanto esperava para passear pelo jardim da mansão.

– Estou pensando seriamente em denunciá-lo.

– Para a polícia?

– Esqueceu que eu trabalho em um jornal de bairro?

– Ah, é! Eu que estudo jornalismo e você que trabalha em um jornal enquanto eu trabalho num Pet Shop.

– Tem um ex colega meu que era estagiário quando comecei lá, agora ele trabalha em um jornal de verdade. Eu pensei em passar a informação para ele.

– Você faria isso com o Jorge?

– Não é com o Jorge, é com um corrupto nojento.

– É que... o cara é pai dele e ele está sendo tão bacana com você. Sei lá! É estranho. Pensa se o pai dele é preso e ele descobre que foi você quem denunciou, isso estragaria a história de vocês.

– Você acha? Eu tô com uma bomba guardada. Isso me lembra da minha infância, quando brincava de batata quente e a bendita

*queimava bem na minha mão.
É como se eu tivesse que escolher
entre a boca deliciosa dele e a minha dignidade.*

As palavras de Catarina me fizeram refletir se deveria ou não fazer a denúncia, mas uma coisa era certa: eu estava fortemente inclinada a me apaixonar por Jorge. Se é que já não estava apaixonada!



ANA CATARINA

Eu estava curiosa para saber qual seria a decisão de Bel sobre o pai de Jorge. Torcia para que o romance dela desse certo, mas ao mesmo tempo torcia para que ela não deixasse de ser a garota corajosa de sempre, pois isso me inspirava a também ser uma. Embora eu tivesse tentado dissuadi-la de fazer a denúncia, depois, parando pra pensar, percebi que na verdade queria que ela jogasse a verdade no ventilador. E era isso que eu esperava dela.

No dia seguinte à minha saída de casa, passei lá para pegar o restante das minhas coisas e, do batente da porta, ouvi a voz de Sol vinda da sala. Ela estava conversando com minha mãe e nenhuma das duas ouviu o barulho da minha chave girando. Continuaram a conversar como se estivessem sozinhas. Já eu, tentei ser o mais silenciosa possível.

– A culpa é toda minha, mas vim reparar esse erro e colocar sua cabeça no lugar.

– Do que você está falando, mãe? Já tenho idade o suficiente para decidir por mim mesma. Do meu casamento cuido eu!

– Você não vê o que esse homem está fazendo com você? Ele está tirando seu brilho. Você tinha tantos sonhos, tantos planos.

– Não sei o que a Catarina te disse, mas o Marcelo é um ser humano como outro qualquer, que erra e acerta. Ele não é perfeito, mas é bom para mim e é isso que importa.

– Não, Manoela, não é isso que importa.

– O que é, então?

– O respeito. O respeito é o que importa – minha avó disse enfaticamente.

– Quando eu e o Marcelo nos conhecemos, eu tinha uma filha pequena, e ele me aceitou mesmo assim. Isso demonstra muito sobre o caráter dele. Mas não dá pra esperar que alguém seja só certos, as pessoas também erram. Eu erro, você erra. Então por que ele teria que ser perfeito?

– Agredir não é um simples erro, nem uma simples imperfeição.

Uma tensão se instalou no ambiente depois dessa frase.

– Casamentos não terminam porque as pessoas são imperfeitas – Manoela continuou após uma pausa, ignorando a última coisa dita pela minha avó.

– Casamentos terminam quando acaba o respeito.

Eu, cansada de ficar escondida ouvindo a conversa alheia, passei por elas na sala e cumprimentei Sol. O assunto acabou com a minha chegada, e de qualquer forma sabia que não daria em nada. Nem mesmo Manoela acreditava nas próprias palavras, ela estava apenas sustentando o teatro em que estava vivendo.

– Catá! – Sol disse surpresa ao me ver. Eu dei um beijo em seu rosto e fui fazer o que tinha ido fazer.

Manoela tentou me persuadir a voltar para casa, mas ambas sabíamos que o melhor era realmente eu ir embora.

– Se alimente direito! – ela pediu quando viu que não me convenceria a voltar.

Quando falei para os meus irmãos que estava indo viver com minha madrinha, as reações me surpreenderam. Mas eu não podia voltar atrás.

– E os meus lápis, quem vai esconder pra mim? – perguntou César.

– Vou deixar no lugar de sempre. Quando você quiser é só ir lá pegar.

– Você está indo embora por causa do meu pai? – perguntou o Júlio.

Tive que ser sincera e responder que sim.

– Ah, ele não é mau, ele só fica muito bravo às vezes. Todo mundo fica bravo.

– Ficar bravo é normal – concordei. – Mas bater não é. Vocês dois sabem disso, não sabem?!

Ambos balançaram a cabeça afirmativamente.

– Não vá embora por causa dele.

– Eu não estou indo embora para sempre, estou só indo ficar na casa

da tia Rubi. Vocês também podem ir lá ficar comigo sempre que quiserem. Menos quando tiverem escola.

Tia Rubi adorava quando os dois pestinhas iam para sua casa.

Eu abracei os dois ao mesmo tempo, e percebi o quanto ainda eram pequenos quando constatei que cabiam sem esforço nenhum num mesmo abraço.

Quando estava saindo, Sol me acompanhou até a casa da tia Rubi. Elas sim pareciam mãe e filha, desfrutando inclusive de personalidades parecidas. Uma parecia ter sido criada pela outra.

– Eu queria tanto que a Manoela acordasse pra vida.

– Ah, uma hora ela vai acordar – disse a tia Rubi, mas a gente sabia que provavelmente isso não era verdade. – Não custa ter esperança. Nem a Bela Adormecida dormiu para sempre.

– Ela acordou com o beijo do Príncipe. Não tô no momento de achar legal o ato de beijar uma mulher inconsciente – respondi.

– Eu nunca pensei que fosse dizer isso, mas ainda bem que você é diferente da sua mãe, Catá.

Assim que minha avó foi embora, fui para o meu (agora definitivo) quarto, para escrever um post chamado “O zodíaco dos personagens de Jane Austen”.



BEL

Empreiteiro Jorge Scadorwiski é flagrado entregando propina a deputado.

Foi lendo essa matéria no jornal que comecei meu dia, e não, eu não estava me sentindo culpada por ter passado a informação para meu colega jornalista, mas isso não significava que não estivesse com pena que isso respingasse no meu Darcy carioca. Só que por mais que gostasse de Jorge, eu não podia negar a mim mesma por causa dele. Bel tinha que continuar sendo Bel, com ou sem borboletas no estômago.

***– Eu tô muito, muito, muito orgulhosa de você. Mesmo!
Quando eu crescer, quero ser como você.***

***– Não fala assim,
ainda tô um pouco tensa com o que fiz.***

***– Eu imagino!
Por isso mesmo admiro a sua coragem.
Você é a Elizabeth Bennet perfeita pro nosso século.***

***– As coisas devem estar difíceis na casa do Jorge.
Coitado!***

– Está arrependida?

– Sinceramente? Não.

***– Pretende contar pra ele que foi você
quem passou a informação?***

– Sinceramente? Não.

***– Isso mesmo, Izabel Maria.
Antes de ser namorada dele, você era cidadã desse Brasil varonil.
Prioridades são prioridades.***

– Eu não estou namorando ninguém.

E continuaria assim caso ele soubesse do que fiz.

Mais tarde...

Teste: Qual herói de Jane Austen você é?

Enviei a “I’m/Darcy não assumido” o primeiro teste disponível no Austenapp. Ana Catarina e seu amigo estavam incrementando o aplicativo e deixando-o com mais opções para os fãs *austenianos*, incluindo eu.

I’m respondeu em alguns minutos com o print que dizia:

Você é o Sr. Darcy.

– E o meu teste deu Elizabeth Bennet.

De repente bateu uma vontade enorme de dizer “eu sei quem você é, vamos nos beijar um pouco mais até minha mão estar no seu abdome definido de novo?” Mas na verdade voltamos a falar sobre minhas fanfics.

– Qual a melhor que você já escreveu?

Eu adorava o interesse que ele tinha por quem eu era, e isso fugia das relações superficiais que tanto desprezava. Além do mais, na vida real ele era tão bonito quanto o próprio Matthew Macfadyen. Ana Catarina preferia Colin Firth ^[10] como Darcy, mas para mim aquilo transmitia o verdadeiro significado da expressão “tanto faz”.

– Gosto de todas elas.

Minhas histórias são como filhos pra mim.

Às vezes eu achava que minha mãe tinha predileção pelo meu irmão, mas sempre voltava atrás nessa opinião.

– Qual faz mais sucesso?

– As pessoas gostam de polêmica.

***Há alguns anos, eu escrevi uma história chamada
“Com orgulho, sem preconceito”.***

– Qual era o enredo?

Enviei um trecho para que ele mesmo lesse:

“– Frederick – disse Fitzwilliam Darcy, cavalheiro que anos antes havia sido rejeitado por Elizabeth Bennet, uma mulher que lhe despertara admiração por causa de sua personalidade fora dos padrões.

Essa recusa o fizera viajar alguns quilômetros de estrada boa e, em uma taberna pelo caminho, conhecer um outro cavalheiro que se encontrava em semelhante situação.

O Capitão Frederick Wentworth, a quem agora ele se dirigia, também havia conhecido o amor, e através dele sofrido quase que do mesmo modo a mágoa da decepção. Ambos consolaram um ao outro e juntos restauraram seus corações outrora partidos.

– Sim! – respondeu ele esperando que Darcy prosseguisse. E foi o que ele fez:

– Em vão tenho lutado comigo mesmo; nada consegui. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu o admiro e amo ardentemente, meu querido.

Wentworth sabia o quão indevidas eram as palavras de Darcy, mas correspondendo a elas, não se conteve e fez também sua revelação:

– Darcy, você trespassa minha alma. Sou metade agonia, metade esperança.”

***– Muitas pessoas gostaram dessa fanfic,
mas muitas outras me apedrejaram
dizendo que Jane teria se revirado no túmulo ao ler isso.
Eu não posso afirmar com certeza,
mas duvido que se ela vivesse no
nosso século, seria uma pessoa preconceituosa.
Muita gente se camufla no passado para
justificar os próprios preconceitos.***

***– Confesso que isso soou
estranho para mim num primeiro momento,***

*mas acho uma ideia muito original.
Eles ficam juntos no final? Eu espero que sim!*

– Vai ter que ler para saber!



O aniversário da minha mãe havia chegado.

Quando a data era minha, tudo que eu queria ganhar de presente era uns hambúrgueres e umas blusinhas, mas no ano anterior, minha família decidira fazer uma festa para mim. Só que eu não sabia dessa festa, e quando chegara do trabalho me deparara com todos eles dizendo "surpresa!" no salão do restaurante, e na mesa maior havia um bolo com o busto de Jane Austen desenhado em pasta americana. Já agora:

– A gente convidou seu colega do trabalho – disse minha mãe, a aniversariante do dia.

A comemoração seria feita em uma mesa reservada do Norte & Angi.

– O quê? Quem?

– O Jorge, oras.

– Mãe...

– O quê? Esse ano a festa é minha, Izabel. Eu convido quem eu quiser! Quando o aniversário for seu, você o desconvida, pode ser?

Fiquei incrédula com tamanha invasão de privacidade. Como ela sabia de Jorge? Eu era discreta e evitava até mesmo marcá-lo em publicações. Não que eu não gostasse da companhia dele, na verdade eu adorava, e como adorava... Mas daí a convidá-lo para uma festa familiar, já era um pouco demais. Tudo bem que eu havia ido até a casa dele, mas o contrário parecia inadmissível. Quer dizer, ele já conhecia o restaurante, entretanto, agora a situação era outra. Além do mais, eu ainda não tinha me acostumado a olhar para ele depois de passar a informação sobre a propina de seu pai.

– E aí, linda?! – exclamou Jorge ao adentrar o salão.

Estava especialmente bonito, com uma camiseta azul escura que sob a luz do restaurante, brilhava como seus olhos dando-lhe um aspecto mais formal e cavalheiresco.

– Você veio! – meu tom não era muito alegre.

Se o fato de minha mãe tê-lo convidado havia me deixado irritada, o fato de ele ter aceitado o convite havia me incomodado ainda mais. “Ele podia ter me perguntado antes”, pensei.

– Sua mãe convidou, e como adoro a comida daqui, não consegui recusar. Fiz mal?

Fiquei silente.

– Você está linda! – ele me deu um selinho, e há alguns metros pude ver os olhos da minha mãe brilhando.

– Ei! Aqui não – pedi.

– Por que não?

– Porque estamos na frente dos meus pais.

– Você não queria que eu viesse?

Isso me fez pensar se ele iria me tratar da mesma forma se soubesse o que eu havia feito com sua família, e senti uma pontinha de culpa por isso, sentimento que eu estava repelindo.

– Não é isso!

– Eu posso ir embora, se você quiser. É que as coisas estão meio chatas lá em casa, saiu uma notícia sobre meu pai nos jornais. Quando isso acontece é sempre uma bomba.

– Não, Jorge! Não quero que você vá embora.

Ao perceber que o havia magoado, beijei-lhe os lábios rapidamente e fui correspondida.

– Você não acha que está na hora de me assumir? – ele perguntou, e a minha vontade foi de gritar para os quatro cantos do mundo que estava apaixonada. Ana Catarina estava certa. Antes que eu dissesse que não estava pronta para dar esse passo, Rique desceu.

– Oi – disse ele se aproximando.

Eu balancei a cabeça sem jeito enquanto meu irmão cumprimentava Jorge. Não estava acostumada com essas situações, por isso minha vontade de assumir meu amor se transformou na de cavar um buraco na terra e desaparecer dentro dele.

– Seu irmão é simpático – Jorge disse.

– Ele é!

– Sua mãe também.

– Você falou com ela?

– Ela me chamou pelo Facebook. Achei bacana da parte dela.

“Eu não achei.”, pensei. A coisa só piorava!

Rique deu uma saidinha antes do jantar, e quando retornou, trouxe William consigo. Aquele era o dia de sua chegada ao Rio para a tal conferência, e eu pretendia cumprir o pedido de Catarina.

– Muito prazer! – me disse ele.

– Prazer! – respondi. – E seja bem-vindo!

– Não sabia que estava tendo festa, vou atrapalhar?

– Claro que não. É aniversário da minha mãe, tem um lugar pra você, senta aí – concluiu Rique.

– Como foi de viagem? – perguntei.

– Muito bem, graças a Deus!

William tinha um aspecto de simpatia latente, de modo que era impossível não simpatizar com ele à primeira vista. Ele era quase idêntico às fotos, só um pouco mais alto do que eu pensava.

Meu irmão o apresentou aos meus pais.

– Quem é? – perguntou meu quase namorado. Eu usava a palavra “quase” para me referir a Jorge em pensamento, pois ela amenizava o sentido da que vinha a seguir.

A presença do recém-chegado havia desviado um pouco da minha atenção da situação constrangedora.

– Um amigo da minha melhor amiga – respondi. – Ele vai ficar aqui em casa por dois dias.

– Ah, sim!

O restante do jantar correu bem. Cantamos os parabéns e minha mãe estava tão ocupada com os demais convidados que não teve tempo de me constranger mais. Quando me despedi de Jorge, ele disse ao pé do meu ouvido me causando um arrepio sutil e intenso ao mesmo tempo em que eu inalava seu perfume:

– Sonha comigo!

E não é que sonhei? No sonho, eu estava em um chalé como as casinhas mais pobres dos livros de Jane Austen. Tratava-se de um lugar bem pequeno, mas aconchegante. Pela janela eu podia ver o sol brilhando lá fora, e refletindo nos campos verdes. Apesar disso, não fazia aquele calor esturricante, e eu me sentia confortável debaixo dos panos no meu vestido.

O clima estava tão atraente que eu decidia abrir a porta para fazer uma caminhada pelas redondezas. Porém, não conseguia e notava que estava trancada ali naquele chalé. Então eu olhava pela janela e via um carro, não qualquer carro, mas o de Jorge, contrastando com tudo no sonho, inclusive comigo. Ele começava a buzinar freneticamente, e eu compreendia que meu lugar era no futuro, e não no passado. Eu entrava em desespero e minha garganta se fechava num amargor profundo. O carro ia embora, e só depois disso eu encontrava as chaves, tarde demais. Eu estava presa no passado. E Jorge estava a caminho do futuro. Sem mim.



BEL

O fim de semana de Will no Rio de Janeiro me trouxe uma incumbência que eu não podia recusar: a de ser sua guia turística. Digo que não podia recusar, pois, se tivesse que escolher um curso que não fosse Letras, eu teria escolhido Turismo.

– Não vou atrapalhar mesmo?

Eu simpatizei com o criador do Austenapp instantaneamente. Ele tinha cabelos que pareciam muito macios, não que isso dissesse algo sobre a personalidade de alguém. Disse a mim mesma que iria sondar seu interesse em Catarina, não por ciúmes pelo meu irmão nem nada do tipo, mas por simples curiosidade. Acho que já ficou claro quão curiosa eu sou!

– Não, não vai atrapalhar– respondi.

Não me lembro como, mas nós entramos no assunto “minhas fanfics” e antes que eu pudesse perceber, estava falando com ele sobre minhas questões existenciais.

– Eu me divertia com as histórias que escrevia, mas depois que comecei a trabalhar como estagiária de revisão em um jornal de bairro, foi como se uma venda tivesse sido retirada dos meus olhos, sabe?! Como diz o menininho que volta anestesiado do dentista naquele vídeo que viralizou “*This is real life?*”. Foi aí que eu vi os problemas reais do meu mundo. Isso tá soando meio depressivo, né?! Mas na verdade essas percepções vieram para o progresso. Quando estava pegando um ônibus lotado para voltar para casa, percebi que estava seguindo o caminho de Jane Austen, vivendo às sombras dela, como se ela estivesse viva no século XXI e tivesse pegado as rédeas da minha vida. Aí eu percebi que tudo que eu precisava era seguir o meu próprio rumo. Viver o destino de Izabel é o meu desafio agora. Por isso abandonei as fanfics.

Assim que terminei, me perguntei se ele me achava maluca por ter dito coisas tão profundas a um quase desconhecido, ou seria um quase conhecido? Era aquele mesmo dilema do copo meio cheio ou meio vazio. De

repente senti vergonha por ter me aberto assim, mas ela logo sumiu quando ele respondeu:

– Quando a Catá me emprestou Orgulho e Preconceito, achei engraçado que a história tivesse vinte e um personagens jovens e apenas um ou outro adulto de fato. Acho que isso demonstra o repúdio que a Jane tinha da vida adulta e o quanto ela é e torna a gente limitado. Talvez esse seja o dilema das suas fanfics: acho que você está se tornando adulta. Não que fanfic seja coisa de criança!

A colocação de Will me surpreendeu (eu literalmente arregalei os olhos) e fiquei feliz por não estar filosofando sozinha.

– É! – respondi espantada. – É isso mesmo! – parecia que ele tinha entrado no meu cérebro para dizer aquelas coisas.

– Não que eu ache que ser adulto seja uma sentença de morte.

– Eu também não.

– Mas que a vida de gente grande dá um baque, ah... dá.

– De tão popular que é, a Jane pôde ser combinada até com zumbis e vampiros, sereias, ela é pop, mais pop que a Madonna e o Michael Jackson.

– Sabe de uma coisa? – ele perguntou. – Eu gosto das adaptações.

– Eu também adoro! Mas me questionei como as pessoas que ganham a vida fantasiadas de Elvis Presley em Las Vegas, se sentem. Será que vivem os mesmos dilemas que eu e se perguntam "continuariam gostando de mim se eu não tivesse topete?". Assim como os autores clássicos tiveram sua função no registro da sua época, eu também passei a desejar ser da minha. E só poderia fazer isso se fosse independente e forte como aquelas mulheres que se escondiam por trás de pseudônimos masculinos para lançar suas histórias. Forte como a Jane foi.

– Eu não conheço as suas fanfics, mas aposto que são boas, dá pra perceber que você escreve bem pelo jeito que fala. Não dá para agradar a todos, mas eu aprendi com meus pais, que são missionários, que existem coisas na vida que somente nós podemos fazer, e mais ninguém.

Aquele papo estava sendo extremamente *cabeça* para uma primeira conversa, e eu realmente não sei como em poucos minutos chegamos até ali,

mas o fato de termos algo tão forte em comum (Jane Austen) justificava isso, afinal Will era o criador do Austenapp.

– Eu me perguntei: e se ninguém gostar de quem eu sou? Minha zona de conforto é me esconder atrás do que outra autora escreveu?

Mas eu sabia que mesmo sendo aclamada há séculos, na época em que viveu, Jane Austen não agradou a todos; os escritores Mark Twain ^[11] e Charlotte Brontë^[12], torciam o nariz para a obra da minha autora favorita.

“Eu não tenho o direito de criticar livros, e não o faço a não ser quando os detesto. Com frequência desejo criticar Jane Austen, mas seus livros me revoltam de tal maneira que sou incapaz de dissimular minha fúria perante o leitor de tal modo que me detenho sempre que tento começar. Sempre que leio Orgulho e Preconceito sinto vontade de desenterrá-la e golpeá-la no crânio com sua própria canela.”, essa crítica poderia ter saído dos teclados de um hater da Internet, mas saiu da pena de Mark Twain em uma carta endereçada a um amigo.

Já Charlotte, disse em uma carta endereçada a um editor de seus livros no ano de 1848:

“Eu não havia lido Orgulho e Preconceito até conhecer uma citação sua, então apanhei o livro. E o que eu achei? Um apurado retrato. Um retrato de tipos comuns; um jardim muito bem cuidado, cuidadosamente cercado por canteiros de bordas bem delineadas e delicadamente floridas; mas nenhum vislumbre de uma fisionomia brilhante e vívida, nem um lugar aberto, nenhum frescor, nenhum monte azulado, nenhum lago. Eu dificilmente gostaria de conviver com suas senhoras e cavalheiros (as personagens do livro), em suas elegantes, porém confinadas residências (...); A Srta. Austen foi apenas astuta e observadora.”

Talvez, com sua personalidade aparente e deliciosamente ácida, Jane diria hoje em dia: late mais alto, que daqui eu não te escuto (perdão pela referência). Opiniões divergentes e válidas à parte, eu concordava com Will sobre não ser possível agradar a todos, e mesmo o peso da rejeição de autores tão grandiosos, não tirou o brilho de Jane. Sua fama se espalhou aos quatro cantos do mundo, e não é apenas da cultura europeia/norte-americana que os romances sarcásticos dela fazem parte (e nós somos a prova viva disso), na África do Sul existe uma rua com o nome dela, assim como na Holanda,

tantos quilômetros distantes da Inglaterra.

– Em São Paulo também tem uma – disse Will.

– O quê? É sério?

– Sim! Fica na Zona Sul.

– Como eu não sabia disso?

Tomei nota mental de que quando fosse a São Paulo, teria que passar por essa rua, ainda que ela fosse uma ruazinha como outra qualquer. O fato de ter o nome da minha autora favorita, a tornava especial.

A mulher a quem homenageei em tantas histórias, foi inspiração para muitos Best Sellers da atualidade, como Meg Cabot de O diário da Princesa, que originou o filme que eu assisti repetidas vezes na Sessão da Tarde durante a adolescência, Stephenie Meyer de Crepúsculo, JK Rowling de Harry Potter, entre outros que estão fazendo a história do século XXI, assim como Jane fez do seu. Era minha hora de tentar fazer o mesmo.

– “O presente e a vida real são tão mais interessantes”, minha mãe sempre disse, para o desgosto de minha avó admiradora do passado. Hoje eu a entendo, apesar de não concordar com ela cem por cento. Acho que é possível ter as duas coisas, vida real e ficção, passado e presente.

Falando na minha mãe, enquanto tínhamos essa conversa intensa, ela adentrou a sala nos convidando para almoçar no restaurante. Só então me dei conta de que ela poderia estar escutando meu desabafo, e isso me deixou intimidada.

Depois do almoço, Rique, que havia dormido em nossa casa, deixou o turista sob meus cuidados e foi ao escritório onde trabalhava para entregar algumas plantas. Em seguida ele ia ficar com nossa avó para que ela não passasse o sábado sozinha. Sentia falta de esbarrar com meu irmão pelos corredores da nossa casa, mas sabia que sua mudança era por uma causa nobre.

Eu estava me acostumando com o fato de passar o dia com um semidesconhecido como tinha prometido à minha melhor amiga que faria (eu devia isso a ela), e a nossa conversa me deixou mais à vontade em relação a isso, de forma que eu não mais considerava aquela ideia um desafio entediante como achava que seria antes de conhecê-lo.

– Você quer ir ao congresso comigo? – Will perguntou.

– Sério?

– Bem... não vai ser o ápice da diversão da sua vida, mas também não acho que vá ser tão chato. Vou falar sobre o Austenapp.

Parecia uma ótima oportunidade para pescar informações úteis para o meu TCC.

– Tá bom! Vamos, e de lá te levo pra conhecer melhor minha cidade, ou um pouco dela.

Nós fomos ao tal congresso, que consistia em um grupo de pessoas com vasto conhecimento tecnológico falando para uma plateia igualmente conhecedora, exceto eu. Fiz muitas anotações no bloco de notas do celular enquanto os ouvia falar.

Quando o evento terminou, Will disse:

– Só um minutinho, eu já volto.

Ele caminhou até um senhor careca, que era um dos palestrantes, e que eu supus ser um empresário importante do ramo. Vi Will entregar uma folha a ele, e imaginei que fosse um currículo.

– Vida de recém-formado não é fácil! – exclamou ele. – A gente atira para todos os lados.

– Em breve saberei como é isso. Se tudo der certo!

De lá, nós fomos a Copacabana, onde eu mostrei a ele a estátua de Drummond feita de bronze.

– O Rio de Janeiro é lindo demais!

– Pois é! Apesar dos problemas, continua uma cidade maravilhosa. Você precisa conhecer o resto do meu bairro. Leu Dom Casmurro para o vestibular?

– Li, sim.

– Sabe por que a rua onde a Capitu morava se chamava Matacavalos?

– Por quê?

– Porque ela era cheia de barrancos que cansavam as patas dos animais. O bairro de Santa Teresa tem ruas bastante íngremes.

– Sério que o nome da rua era um trocadilho? – ele riu.

A companhia de Will era agradável, e nós conversávamos quando meu celular tocou, mas eu ignorei por estar ocupada sentindo a brisa fresca que vinha do mar e o sabor da água de coco gelada.

Foi apenas quando nós estávamos chegando em casa, que me lembrei que eu e Jorge tínhamos um cinema marcado e que era por isso que ele não parava de ligar.

– Ai, caramba! – exclamei colocando a mão na cabeça.

– O que foi? – Will perguntou.

– Eu tinha um compromisso e esqueci.

– Foi minha culpa?

– Não, claro que não. Eu que esqueci completamente que tinha marcado um cinema com meu namorado.

Aquela foi a primeira vez que falei a palavra “namorado” sem o “quase” a antecedendo, e foi só segundos depois de proferi-la, que notei que aquilo carregava um significado simbólico.

Agora era oficial, eu estava ferrada, digo, comprometida!



ANA CATARINA

No último mês eu havia treinado meu inglês, afinal não queria fazer feio quando chegasse a Bath, que estava mais perto do que nunca. O calendário do meu quarto já estava cheio de rabiscos.

Como fã de Jane Austen, me interessei pela língua a ponto de começar a aprender sozinha na adolescência, pois o verbo To Be ensinado no colégio todos os anos não era o bastante para quem queria ler livros clássicos no original. Na época, nós não tínhamos dinheiro para pagar um curso, mas tia Rubi, que já estava estabilizada com seu salão, fez minha matrícula e minha alegria.

– Muito obrigada, tia! – eu dissera.

– Muito obrigada, nada, garota, agora é “thank you”, entendeu? – ela respondera bem-humorada. Minha madrinha fazia jus à palavra que lhe dava título. Ela era uma fada na minha vida.

O Austenapp estava começando a ser aderido em outros países, o que aumentava muito as possibilidades de boas combinações acontecerem. Isso não era o suficiente para nos deixar milionários, nem mesmo ricos, mas eu e Will dividíamos o pouco que recebíamos. Cada centavo tinha um significado especial e ia para uma poupança.

– Você apagou aquele vídeo da sua câmera? – minha madrinha perguntou na manhã de sexta enquanto eu engolia apressadamente o pão com manteiga.

– Vídeo?

– Sim, o do Marcelo brigando no bar.

– Uma jornalista nunca destrói seu material, nunca se sabe quando irá precisar dele.

– O que você pretende?

Não respondi, apenas me despedi e fui para o Pet Shop, onde tive um dia igual aos demais daquela semana. À noite, chamei Bel no chat do

Austenapp:

– *Meu amigo chegou aí?*

– *Chegou, sim.*

– *Cuidem bem dele!*

Enquanto Will estava turistando no Rio de Janeiro, eu estava enfrentando um questionamento – ou vários.

– *Você teria coragem de fazer isso?*

Bel perguntou após encerrarmos o assunto “mãe casamenteira” (ela havia me contado que Cássia tivera a pachorra de convidar Jorge para seu aniversário, o que a deixara constrangida).

Eu compreendia Bel, mas ao mesmo tempo não compreendia. Se ela gostava do Jorge, por que criava tantos impedimentos para ficar com ele? Cheguei à conclusão de que ela sabotava a si mesma.

– *Não sei! Talvez!*

– *Não querendo colocar lenha na fogueira,
mas eu confesso que aplaudiria de pé.
Seria a coisa mais admirável a se fazer.*

– *E foi o que você fez há pouco tempo, né?!*

– *E não me arrependi!
Fazer o que é certo às vezes é o caminho mais difícil,
mas é recompensador também.*

No domingo, tia Rubi e eu nos vestimos para ir à igreja. Eu havia acordado munida de coragem. Nos dias posteriores à minha mudança para a sua casa, não pude deixar de observar o quanto ela era livre, sem submissões, completamente diferente da minha mãe; isso me fez questionar como eu queria ser quando crescesse, então me lembrei de que já havia crescido (em estatura não muito), e que agora era a hora de ser.

– Por que você não quis se casar até hoje? – perguntei curiosa. – Nem todas as pessoas são como o Marcelo.

– Relacionamento é ceder, Catá! – minha madrinha respondeu. –

Mesmo que as duas pessoas sejam legais uma com a outra, em algum momento alguém terá que abrir mão de algo e, na pior das hipóteses, de um sonho. Eu não quero abrir mão de nada, é por isso que não me caso.

Eu sabia que ela tinha razão, e esse questionamento me fez pensar que estava chegando o momento crucial de minha relação com Rique, momento em que um de nós teria que ceder e escolher: quem mudaria de cidade? Levando em consideração que agora ele estava morando com a avó, era provável que essa pessoa seria eu.

– Vamos? – ela perguntou na porta.

– Sim! – respondi confiante dentro do meu vestido preto modelo tubinho.

– Por que tão arrumada?

– Não é você que diz que uma mulher nunca está arrumada demais?

O celular de tia Rubi tocou e ela atendeu. Era uma cliente com horário especial do qual ela tinha se esquecido.

– Mudança de planos! – exclamou apressada. – Vou ter que ir ao salão, mas te dou uma carona.

Quando cheguei, caminhei em direção ao púlpito e pedi alguns minutos para dizer algumas palavras após um dos presentes recitar um versículo muito providencial sobre amizade:

"Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser comparados à sinceridade de sua fé.", Eclesiastes.

Ele me fez lembrar de Bel, seus conselhos e principalmente seu exemplo, e isso me deu ainda mais energia para fazer o que precisava ser feito.

O que isso tem a ver com o vídeo do Marcelo batendo em um cara no bar? Bom... era provável que minha mãe nunca me perdoasse por isso, mas eu o exibi em um data show.

Registrei com meus próprios olhos cada olhar abismado dos presentes sentados nos bancos que preenchiam o ambiente, incluindo o do meu padrasto, e por fim, disse:

– Não acredito que essa conduta permita que o irmão Marcelo permaneça na presidência diante dessas imagens – afirmei quando o vídeo terminou. – Como membro ativo dessa instituição, peço que ele seja destituído agora mesmo de seu cargo.

Não fiquei para ouvir os burburinhos. Enquanto eu saía pelo corredor em direção à porta, passando por Manoela, sussurrei:

– Me desculpe por isso! – concluí sem parar de caminhar para olhar nos olhos dela.

Porém, minhas desculpas não eram de arrependimento. Eu estava orgulhosa de mim mesma, e sabia que minha avó e Bel também ficariam, pois era o tipo de coisa que elas fariam. Tia Rubi me daria uma bronca quando nos encontrássemos em casa, mas também ficaria cheia de orgulho e eu sabia disso.

Foi com a sensação de dever cumprido que ganhei a rua, e o frescor do vento parecia me dar os parabéns.

– Você ficou louca, Catarina? – ouvi a voz do brutamontes perguntar após algumas dezenas de passos.

Não sei como ele chegou até ali antes de mim, parecia algo surreal, e tão estranho quanto era o fato de eu não ter notado que ele estava atrás de mim antes que dissesse algo. Olhei para trás.

– Por que eu estaria? – perguntei desafiadora.

Mas de repente senti medo. Minha garganta fechou e minha vontade era de correr. Não era como se minha coragem tivesse sumido, mas eu sabia o quão violento meu padrasto podia ser, e que ele havia demonstrado essa violência para com a esposa por coisa muito menor do que a que eu tinha feito minutos antes. Eu havia ferido seu ego, e sabia que para homens como ele, o ego era o calcanhar de Aquiles.

– Por que mostrou aquele vídeo para todo mundo? Você acabou com a minha reputação.

– Reputação? – percebi que aquela era a minha hora de falar tudo o que eu achava dele, o que estava engasgado na minha garganta. – Sua reputação é uma farsa e você é uma mentira. Uma mentira que bate na mulher e não sabe criar os próprios filhos. Mas é só com o que os outros vão

pensar que você se importa, não é?!

Quando eu disse isso, ele segurou meu braço e eu senti seus dedos afundarem sob minha pele.

– Me solta! – ordenei. E me concentrei para segurar as lágrimas dentro dos olhos. Ele parecia saber que me causava medo, e parecia ainda mais se divertir com esse fato.

– Marcelo! – ouvi uma voz chamar a alguns metros de distância de nós. – Deixe minha filha ir! – essa voz pertencia à minha mãe, e tinha um tom de firmeza que era novo para mim. – Largue-a agora, eu estou mandando.

Para minha surpresa, ele obedeceu ao comando, e eu, ainda com medo, segui em frente.



BEL

– Desculpa por não ter atendido você naquele dia – eu disse a Jorge quando cheguei ao trabalho na segunda-feira.

Era irônico que eu, que havia prometido a mim mesma nunca dar satisfação a homem nenhum, estava fazendo isso agora. Era mais ou menos como Catarina havia me dito, eu estava surfando no tsunami de águas que jurara nunca beber. Se bem que... a promessa era justamente não beber, eu não havia dito nada sobre surfar. E Jorge surfava também, mas não metaforicamente como eu. Assim sendo, surfaríamos juntos.

Acordei me sentindo bonita, talvez fosse meu cabelo que estivesse mais hidratado do que o normal, por isso postei uma selfie logo na primeira hora após acordar.

Dias antes, no sábado, depois de Will e eu chegarmos de Copacabana, Rique também chegara para nos fazer companhia e nós três decidimos passear pelas ladeiras do bairro de Santa Teresa. Enquanto passávamos pelos artesanatos, Will comprara lembranças para os pais e para a irmã que morava em Londres e que ele só veria no Natal. Nossa noite terminara em um outro restaurante, o que ferira o ego da minha mãe.

– Só te desculpo se a gente sair um pouquinho hoje – respondeu meu Darcy.

– Beleza! – concordei. Mas ao mesmo tempo me arrependi, pois eu não deveria faltar à aula naquela altura do campeonato. – Só porque estou te devendo uma saída, viu? Não se acostuma!

Na hora do almoço, ele não saía do celular, e isso me fez pensar que talvez estivesse conversando com alguma combinação nova no Austenapp, o que me provocou ciúmes. Então também abri o aplicativo, e lá estava ele, online.

– ***Você está linda hoje!***

Meu cavalheiro com a foto do Matthew Macfadyen havia me mandado.

Se ele queria jogar, então que o jogo continuasse.

– Aonde você quer ir? – perguntei fingindo que não sabia que ele estava mandando mensagens para mim. – Cinema?

– Não, cinema não. Quero te falar algumas coisas, só nós dois – isso não respondia à minha pergunta, na verdade só me fazia criar mais questões. O que ele queria me dizer? Será que queria falar que não estava pronto para entrar na vida de uma garota tão complicada? Ou será que ele iria me pedir em namoro?

Essa última hipótese abriu um leque de outras questões: eu estava pronta para aceitar? Ou ainda: eu estava pronta para recusar a proposta?

Voltei ao trabalho, e durante o restante do dia não pensei em outra coisa que não fosse o que Jorge queria me dizer e no que eu diria em resposta.

Quando finalmente o expediente acabou, entramos em seu carro preto e brilhante. Eu me perguntava onde ele arrumava tempo para lavar e polir o veículo com tanta frequência, pois este estava sempre impecável como o dono.

– Quero te levar a um lugar especial – ele disse com seus olhos também reluzentes.

– Lugar especial?

– Sim! Como você.

Isso era tão clichê! Me senti dentro de uma comédia romântica, gênero que eu considerava repetitivo, embora nada desprezível. “Provavelmente esse lugar era um lugar importante para ele na infância.”, pensei. Quase revirei os olhos ao constatar que eu estava me tornando o que mais temia: a garota apaixonada do filme.

Ele ligou o rádio após girar a chave na ignição e deu partida.

– Eu costumava vir aqui durante a minha infância – disse Jorge enquanto estacionava em frente a um parque fechado.

Segurei para não dar uma leve risada, não que estivesse achando graça da cara dele, apenas da situação pela qual eu nunca esperava passar. Senti calor e tirei minha jaqueta, deixando a blusa de manga cigana e tecido

jeans à mostra.

– Gosto da natureza ao redor daqui! – exclamou. – É especial pra mim, achei que poderia ser especial pra você também.

Meu coração aqueceu.

– Também gosto da natureza. Não que eu entenda muito de plantas. Meu irmão sim entende. Planta de arquitetura e planta mesmo, de mato e raiz. Acho que ele puxou à minha mãe, ela também adora plantar hortaliças. Na lavanderia lá de casa tem um jardim vertical feito com caixotes de feira – eu estava falando desenfreadamente para adiar o momento que parecia estar prestes a acontecer.

Jorge ficou em silêncio por alguns segundos, e quando finalmente o quebrou, disse:

– Eu preciso te dizer algumas coisas, Bel. Sei que não sou o cara perfeito. A minha vida está um turbilhão. A minha família é mais imperfeita do que o normal, e eu sei que você é do tipo de pessoa correta, com senso de justiça, inclusive é isso que eu mais admiro em você e foi justamente por isso que me encantei assim, por ser tão diferente daquilo que eu conheço.

Isso me fez lembrar da denúncia e me perguntar se Jorge realmente se importaria caso soubesse o que eu havia feito. Mas não, eu não queria estragar o momento contando isso a ele. Se fosse para fazer uma revelação, que fosse de algo bom.

– Espera – eu o cortei. Tomar a dianteira me dava a sensação de estar no controle, e me deixava mais confiante em relação ao que viria a seguir. – Também tenho algo pra te dizer.

Ele se ajeitou no banco, demonstrando curiosidade.

– O que foi?

– Eu me apaixonei pelas nossas conversas no Austenapp mais do que pelos seus beijos. Acho que está na hora da gente parar com esse joguinho. Sei que é você que conversa comigo por lá.

Ele pareceu não esperar que eu tomasse a frente das coisas. Eu continuei:

– Sei que tenho sido um pouco fria com você, e peço desculpas por

isso, é só o meu jeito, mas já faz algum tempo que descobri que era você.

– E eu que pensei que você não tivesse percebido. Pensei que... você não gostasse de mim.

– Por que você nunca falou?

– Eu fiquei sem jeito. Desde o começo você deixou claro que não queria nada sério, então fiquei com vergonha de parecer meloso demais e com medo de que você achasse que eu estava te perseguindo. Inclusive na minha casa você pareceu pouco à vontade, e no jantar de aniversário da sua mãe, incomodada com a proximidade, isso me fez pensar que talvez não estivesse na mesma *vibe* que eu. Mas, enfim... era isso que eu tinha pra te dizer – ele fez cara de aliviado. – Foi mais fácil do que pensei.

– Bobo! Não precisava ficar nervoso.

– Você me deixa assim!

Nós nos beijamos enquanto na rádio, tocava “Beija eu”, coincidentemente a mesma música que ouvimos na primeira vez que eu entrei naquele carro.

*“Beija eu!
Beija eu!
Beija eu, me beija
Deixa
O que seja ser...”*

Durante o beijo, senti a mão de Jorge invadindo lugares proibidos. Não que eu não o quisesse naquele momento, eu o queria mais do que nunca, mas não ali, dentro de um carro no meio do mato. Era demais mesmo para mim que não era nada, ou quase nada romântica.

– Ei... espera – disse me esquivando. Consegui esticar o braço e tatear o botão desligar do rádio.

– O que foi? – ele perguntou sem parar o que estava fazendo.

– Para, Jorge! – continuei. Meu rosto estava abafado por seu ombro e por isso a voz saiu também abafada.

– Eu gosto de você, você gosta de mim. Não tem porque parar.

– Isso não significa que eu queira fazer isso agora.

– Não existe momento melhor do que agora.

– Para! É sério.

Me perguntei se realmente tinha que explicar algo tão básico a alguém que eu acreditava ter o mínimo de inteligência para discernir um “sim” de um “não”.

– Você não gosta de mim?

– É claro que gosto, mas... – ele calou minha boca com um beijo.

Alguns segundos se passaram enquanto eu tentava me esquivar, e senti que o toque estava cada vez mais forte. Ele apertava o corpo contra o meu de modo que eu estava presa não pelo desejo que antes sentia – desejo que me fazia bem – mas pela força, e isso tinha justamente o efeito contrário.

– Jorge! – falei mais rispidamente. – Eu falei para parar. Eu não quero!

– Você vai acabar querendo, vai ver que sim! Só deixa acontecer. Relaxa, princesa!

Eu odiava que me chamassem de “princesa”, e ele nunca tinha feito isso até então, mas era o de menos naquele momento.

– Para! – repeti a palavra chave.

Mas ele não parou, e enquanto me beijava contra minha vontade, todas as ilusões foram por água abaixo. Jorge, ou “I’m” (eu já nem sabia mais como devia chamá-lo) não era meu Darcy, porque Darcy jamais faria o que ele estava fazendo comigo. Logo eu não era Elizabeth, pois embora ela tenha, de certa forma, caído no papo de Wickham, não tinha chegado ao ponto em que cheguei. A regra sobre primeiras impressões estarem erradas tinha lá suas exceções, e essa era uma delas.

É incrível como nossa opinião sobre as pessoas podem mudar drasticamente de um momento para o outro, tanto para o bem, quanto para o mal. Meu caso com Jorge era, infelizmente, a segunda opção. Ele havia se tornado um desconhecido para mim, e eu gostaria de ter mantido a cabeça fria para ter pensamentos sarcásticos como sempre tinha, mas minha cabeça estava fixa em arrumar uma forma de sair daquela situação. Falando em

“fria”, foi como se um balde de água nessa temperatura tivesse sido jogado sobre mim.

Foi reunindo toda minha coragem que eu disse:

– Se você não parar, eu vou gritar. Tô falando sério!

Só ali me dei conta do quanto aquele ambiente mal iluminado na frente de uma área arborizada era propício para que o pior se concretizasse, e um arrepio passou pela minha espinha. De repente me senti indefesa, talvez um sentimento parecido com o que Jane Austen sentiu quando o pai faleceu deixando três mulheres – a mãe, a irmã e ela – desamparadas pelo simples fato de serem mulheres em uma sociedade feita para homens; eu também me sentia assim naquele momento, com medo por ser mulher.

– Grita! – exclamou Jorge. Mesmo estando escuro ali, eu pude ver seus olhos me desafiando, e me senti estranha ao constatar que eram os mesmos olhos negros que eu admirava até poucos minutos; minha vontade agora era arrancá-los. – Se você não quisesse o mesmo que eu quero, não teria sequer entrado no meu carro e vindo até aqui comigo, nem aceitado conhecer minha casa, entrar no meu quarto, sair comigo. Vamos, pare de fazer doce, eu sei que você também quer. Vamos, vamos!

E então eu gritei!



Não me lembro de ter sentido tanta vergonha na vida, nem mesmo quando me esqueci de passar protetor solar ao ir ao apartamento de uma amiga cujo condomínio tinha piscina e voltei para casa com a marca dos óculos escuros e dos shorts. Mais do que envergonhada, eu me sentia humilhada, triste e destruída. A noite havia começado como uma comédia romântica, mas estava terminando como um filme de terror.

E a pergunta que não queria calar: como pude ser tão burra?

Após minha última negativa, Jorge me fez descer do carro e me deixou ali, sozinha naquele lugar desconhecido, mas não antes de rasgar a

manga da minha blusa com um puxão.

Eu sabia que havia chances de não acreditarem em mim caso eu pretendesse fazer uma denúncia, por isso, quando entrei em casa após uma epopeia, essa ideia não me passava mais pela cabeça. Reuni em mim todo o dom de atuação e fingi para meus pais que nada havia acontecido, jogando a jaqueta por cima da blusa rasgada e evitando olhar nos olhos deles. Fui direto para o quarto.

– *Você está aí?*

Ana Catarina não aparecia online, mas eu sabia que, caso ouvisse o celular apitar, poderia verificar a notificação e me responder. Eu precisava da minha melhor amiga mais do que nunca.

– *Agora estou!*

Senti um alívio no coração com a resposta dela.

**– *Aconteceu uma coisa horrível comigo.
Quer dizer, quase aconteceu.***

– *O que foi? Me conta!*

Narrei os detalhes da noite, do início romântico ao fim triste.

– *Que desgraçado! Não acredito que... eu queria matá-lo por ter feito isso com você. Quem esse imbecil pensa que é? Em pensar que eu apoiei o namoro de vocês desde o início, o defendi quando você o achava um embuste. Ah, meu Deus. Me desculpe!*

Ela colocou uma infinidade de emoticons de fúria e outra de lágrimas.

**– *Você não podia imaginar!
Como eu pude ser tão burra?***

– *Você não foi burra, Bel.*

A culpa não foi sua. Eu tô com tanto ódio.

Ele parecia ser legal aquele dia na praia. Não consigo acreditar nisso.

– *Não conta nada pro Rique, tá?*

– *Não faria isso!*

*– Eu deveria ter percebido.
Ele deu tantos sinais... eles sempre dão, não é?!
Nós é que fingimos não ver.
Nem acredito que eu entrei nesse
grupo de pessoas que se deixam enganar. Logo eu!*

– Ele machucou você?

*– Não, eu tô bem.
Quer dizer, eu tô péssima,
mas pelo menos o pior não aconteceu.*

– Você precisa denunciá-lo.

– Não!

– Sim! Você precisa.

Nesse ponto da conversa, me lembrei de que Jorge trabalhava comigo e que no dia seguinte eu teria que encontrá-lo e fingir que nada havia acontecido. Isso fez a sensação ruim aumentar, pois significava que o pesadelo continuaria se eu não abandonasse meu emprego.

– Não vai dar em nada, nunca dá.

*– Quando eu estava pensando em expor meu padrasto,
você me deu a maior força e disse que canalhas têm que se ferrar.
Você me inspirou a fazer algo corajoso, e não foi só dessa vez, Bel.
Você me inspira, e eu não espero nada menos de você.*

As palavras de Ana Catarina ecoaram na cabeça, e na manhã seguinte, avisei ao meu chefe que não iria trabalhar, pois tinha um compromisso pessoal inadiável.

– Ah... – disse ele ao telefone. – O estagiário de publicidade se demitiu há pouco e você não vem. É... acho que hoje esse escritório não anda.

Respirei aliviada com a demissão de Jorge, e em seguida liguei para o meu irmão para pedir sua companhia em uma tarefa que poderia ser inútil, mas ao mesmo tempo necessária. É irônico que algo possa ser essas duas coisas ao mesmo tempo, não é?!

Rique não largou minha mão um segundo sequer enquanto eu fazia a denúncia na delegacia.



Assédio é crime. Denuncie!

SEGUNDA
PARTE

PEMBERLEY HOTEL

“Quando uma jovem dama professa uma opinião diversa da de seus familiares, eis o prelúdio de algo pior. Ela começa dizendo estar determinada a pensar e agir por si mesma – e de repente tudo passa a desmoronar sobre ela”.

- Jane Austen



ANA CATARINA

Era hora de acordar! Setembro finalmente havia chegado.

No primeiro dia do mês coloquei a clássica música do Green Day para tocar e a escutei nos fones de ouvido repetidas vezes.

Rique e eu passamos nossas últimas conversas falando sobre a viagem e, agora que ela estava tão perto, os planos pareciam mais vivos. Ele já havia encomendado seus trajes de época com uma costureira, e eu também fiz a encomenda de dois novos vestidos com uma colega da minha mãe.

Antes era ela quem costurava minhas roupas e acessórios de época, e vez ou outra falava animadamente do desejo de estudar Moda. Manoela brilhava quando fazia o que amava, e era estranho pensar que sua vida poderia ter sido legal e divertida, e que ela tinha um talento totalmente oculto pela vida que ela mesma escolhera. A palavra que definia isso era: desperdício.

– Você precisa se despedir antes de viajar – disse minha madrinha.

Eu não queria enfrentar essa situação, mas senti em meu coração, por algum motivo que eu não consegui compreender, que era necessário ir até lá.

Eu sabia que minha mãe estava triste e frustrada com tudo que estava acontecendo, e que era assim que eu a encontraria quando fosse à minha (ex) casa (e esse era um dos motivos pelos quais eu queria evitá-la), mas naquela tarde específica, quando passei pela mesa da cozinha, vi algumas folhas espalhadas sobre ela, folhas onde lindos croquis estavam desenhados.

– Chegou uma carta para você – ela disse desviando o olhar dos desenhos.

César era tão parecido com ela que era difícil de acreditar que não tivesse saído de seu ventre.

– Obrigada! Vou avisar às pessoas que troquei de endereço.

– Não precisa disso, aqui sempre será sua casa. E você pode voltar quando quiser.

Mas eu não podia, e sabia disso. Não enquanto Marcelo estivesse lá.

O remetente do envelope que Manoela me entregou era Lady Olga. Nós nos correspondíamos através das cartas que ela escrevia com sua caligrafia perfeita, e que Rique colocava no correio (isso me fez tomar nota mental de lembrar a ele que agora deveria enviar para o endereço da minha madrinha). Li suas palavras com carinho e me emocionei dessa vez como nunca, por algum motivo que novamente não consegui compreender. Eu estava à flor da pele; devia ser a proximidade de um momento tão esperado.

“(…)

Não se esqueça, em circunstância alguma, de continuar sendo esta dama preciosa que naturalmente é.

Damas são aquelas que tomam as rédeas do próprio destino, contando apenas com a bênção de Deus e a coragem dada por Ele. E você, minha querida Ana Catarina, é indubitavelmente uma dama.

O mundo tem muito a receber com sua presença, e meu neto é um rapaz de muita sorte por ter o destino enlaçado ao teu.

Com amor,

De sua amiga e admiradora,

Lady Olga.”



***– O lugar de Bath que mais quero conhecer é o
Royal Crescent,
um edifício de arquitetura incrível.***

Disse a alma de arquiteto de Rique.

Em breve não precisaríamos mais do chat do Austenapp para nos falar, quer dizer, essa alegria duraria apenas alguns dias, mas não seriam quaisquer dias, seriam “os dias”.

*– O lugar de Bath que mais quero
conhecer é
... Bath.*

Respondi sabendo que amaria cada grão de poeira daquela cidade.

*– Sempre foi meu sonho ir para lá.
Lembra quando a gente
planejava nossa lua de mel dos sonhos?*

*– Claro que lembro!
E nós vamos voltar a Bath depois de nos casarmos.
Você está muito feliz com a viagem, não é?!
Eu tô contagiado daqui.*

*– Muito!
Eu estou nas nuvens, quer dizer,
vou estar nas nuvens no caminho.
Me dá um frio na barriga só de pensar.
Para você ver o tamanho da minha vontade de conhecer essa
cidade,
vou vencer até meu medo de altura por isso.*

Nosso destino ficava no sudoeste da [Inglaterra](#), localizado no [Condado de Somerset](#), a cerca de 120 milhas de Londres.

Fizemos um roteiro de passeios e reservamos um quarto em uma pousada pela Internet após dias e dias de pesquisa.

Enquanto esperava o dia da viagem chegar, eu refletia sobre a vida. A vida que tem machismo (como eu e Bel havíamos sentido na pele), mas que também tem cavalheirismo, que tem relações relâmpagos e também duradouras. A vida que tem pais como o meu padrasto, mas que também está repleta de Srs. Bennet que desejam acima de tudo a alegria de suas filhas, como o pai de Bel e Rique, que nunca dava a última palavra em casa, mas que amava sua família e cuidava dela.

Ah, a vida! A vida que é uma mistura de Jane Austen, Agatha Christie, Clarice Lispector (bailes, crimes e reflexões), e é isso que a torna tão

bela. Por melhor que seja cada uma dessas mulheres, a realidade fica tão mais interessante quando mistura todas elas, como um combo de hambúrguer, batata frita e refrigerante.

“Não poderia haver outros dois corações tão abertos, gostos tão parecidos, sentimentos tão uníssonos, expressões tão amorosas.”

Essa frase de Persuasão nos descrevia perfeitamente naquele momento (e em todos os outros). Era como se Rique e eu estivéssemos embarcando na nossa sonhada lua de mel.

Aproveitei para abrir o Google Maps e dar uma olhada em Bath por satélite. Nas fotos, a cidade parecia uma maquete do meu mundo dos sonhos.

No último domingo antes da viagem, William me pediu para matar as saudades da Inglaterra por ele. Ele costumava visitar a irmã e os parentes de seu pai uma vez por ano, e ela vinha duas vezes ao Brasil, no meio das férias de julho e no Natal. Seu nome era Eleonora, e ela era uma atriz de teatro que estava tentando começar uma carreira no cinema. Eu adoraria visitá-la em Londres e imaginava que ela tinha um apartamento despojado e decorado com imagens de pop art. Nora, como gostava de ser chamada, na minha pré-adolescência era uma inspiração para mim. Ela costumava usar cortes de cabelo repicados e roupas rasgadas naquela época, assim como um amontado de piercings.

– Eu fui muito feliz na Inglaterra – me contou a mãe deles, Marília, saudosa. — Mas acredito que se Deus nos faz nascer em determinado lugar, é porque temos uma bela missão nele, não acha?!

No meu próximo tempo livre, coloquei a carta resposta de Lady Olga no correio.

Quando chegou o grande dia, eu não me despedi direito da minha mãe. Ela estava com Marcelo e por isso apenas avisei que o dia da viagem tinha chegado.

– Vou te levar ao aeroporto – anunciou ela.

– Não precisa! – disse com convicção.

Ao contrário da última vez que viajei sem um “adulto responsável”, ela não me pediu para atender a todas as suas ligações independentemente do que estivesse fazendo, nem deu conselhos sobre segurança; apenas se

despediu e pediu para que eu ligasse quando chegasse na Inglaterra. Isso significava que eu havia crescido.

Já minha madrinha estava muito animada. Quase tanto quanto eu, e Sol também não parava de me dar conselhos sobre como me divertir loucamente.

– Eu, no seu lugar, iria para Vegas, pois o que acontece em Vegas, sempre fica em Vegas, mas cada um faz suas escolhas – disse ela em tom de brincadeira.

Cassinos e noites também não pareciam uma má ideia, mas eu preferia a romântica Bath.

– *Estou saindo de casa agora!*

Rique mandou emoticons de coração.

– *Até já, meu amor!*

Coloquei dois corações a mais do que ele e venci a competição.

Eu não havia me livrado da vontade de esganar o tal do Jorge pelo que ele fizera com minha amiga, mas conforme Bel melhorava, essa vontade se amenizava um pouco.

– *Divirta-se por mim!*

– *Te amo!*

**– *Também te amo tanto que
quero um sobrinho com a sua cara.***

Traz alguma coisa pra mim do Jane Austen Centre, hein?!

Eu havia arrumado metodicamente a minha mala, colocando os vestidos volumosos que usaria no festival e também meus pijamas, que seriam um alívio no final das noites. Pente para o cabelo, escovas de dente, maquiagem, tudo na nécesseire com estampa de zebra que minha madrinha me dera quando eu havia ido para o Rio de Janeiro tempos antes. Ah, e meu equipamento básico de fotografia: câmera + notebook + seus respectivos carregadores.

– Adoro arrumar malas! – disse tia Rubi enquanto me ajudava. – Pegou seu cartão de embarque?

– Está aqui junto com os documentos.

Eu nem acreditava que finalmente iria matar as saudades de Rique. Desde nosso intenso encontro na Nova Casa Velha, a saudade era ainda maior do que antes. Aqueles dois dias no Rio de Janeiro, depois disso, não foram o bastante para saciá-la, e só serviram de combustível para ela.

– Preservativo, viu?! – tia Rubi concluiu.

– Exatamente, eu sou muito jovem para ser bisavó – disse Sol.

– A gente não vai fazer nada.

– Tira fotos de tudo, tudo mesmo. Digo, não dos momentos íntimos, é claro, mas dos pontos turísticos. E me liga também. Não se esqueça de se alimentar direito.

– Não vou esquecer – garanti.

Ela agiu exatamente como minha mãe agiria se estivéssemos bem, e fiquei feliz de ter alguém para fazer o papel materno, afinal de contas, apesar de tudo, eu sentia falta de Manoela. Mas principalmente, eu sentia falta de quem ela poderia ser.

– Olha, eu sei que parece que agourei seu namoro algumas vezes, mas é meu jeito de ser, você sabe! Eu gosto muito do Rique, e tenho certeza que vocês vão ser muito felizes. Falando nisso, já não era para ele ter chegado?



O horário combinado estava se aproximando e nada daquela barba bem-feita aparecer no meu campo de visão. Isso, aliado ao fato de que era a primeira vez que eu iria voar, me deixou com náuseas. Em linha reta eu percorreria mais de nove mil e quatrocentos km durante quase doze horas de voo. Seria metade de um dia levitando a uma velocidade média de 800 km por hora até Londres, e rumo a Bath ainda haveria uma pequena viagem

sobre trilhos. Pensando assim, eu até parecia uma garota de exatas.

– Ele está demorando – disse tia Rubi.

Sol olhou no relógio.

– É! Ele realmente está.

Eu não disse nada, mas elas continuaram:

– Avião não espera, viu?!

Como se eu não soubesse disso. Podia jurar que o piloto e as comissárias aguardariam nossa presença ilustre, acontecesse o que acontecesse, para dar partida.

– Não é melhor ligar para ele?

Eu já havia tentado isso, é claro, mas em vão, pois caía direto na caixa postal.

– Pesquisa na Internet se houve algum acidente por aqui – tia Rubi disse. Se a intenção era me tranquilizar, falhou lindamente.

Sol pegou o celular.

– Não encontrei nada sobre. Aliás, para com isso, a menina está ficando nervosa, coitadinha. Não deve ter acontecido nada de mal com ele.

– Ai, me desculpa, Catá!

Droga de gastrite nervosa. Eu acreditava que Rique ia aparecer a qualquer momento por algum dos lados cheios de gente com malas, mas por que esse momento não chegava?



ANA CATARINA

Há momentos na vida que o nosso cérebro simplesmente apaga para nos proteger, e esse foi um deles. Tanto é que não me lembro de como fui parar dentro do avião rumo à Inglaterra. Sozinha. Tudo que sei é que minha madrinha não permitiu que eu ficasse plantada no aeroporto com cara de tacho esperando por Rique depois de ter ligado oitocentas vezes para ele. “Deve ter feito uma combinação no Austenapp e saiu com ela”, pensei, mas na realidade eu não acreditava nessa hipótese. Nenhum de nós dois era ciumento a esse ponto.

– Retiro tudo o que falei de bom sobre ele – disse tia Rubi – Não vou deixar que faça o que a sua mãe fez. Se você conheceu um namorado em uma viagem, nada impede que conheça outro nessa, e gringo, ainda por cima. Ouvi dizer que resta um solteiro na família Real, primo do Príncipe William. Parece que ele será um futuro Visconde. Imagine viajar plebeia e voltar Viscondessa.

– Rique não faria isso! – afirmei ignorando tudo o que ela disse depois da segunda frase.

Meu namorado não me deixaria plantada no aeroporto sem um bom motivo. Foi o que eu respondi, mas segundo ela isso não mudava os fatos de que o avião estava partindo rumo a Inglaterra e que eu perderia essa chance única. Eu não podia ir sem ele, precisava saber o que tinha acontecido, e me neguei até que Rique finalmente retornasse minha ligação:

“*Hello, it’s me!*”, diria Adele de forma melancólica. Essa era minha música preferida dela.

– Até que enfim! – exclamou Sol ansiosa enquanto eu atendia. Seu semblante se iluminou como seu nome.

– Amor, onde você tá?! – perguntei afoita.

– Pode ir sem mim, Catá! – disse Rique depois de avisar rapidamente e sem detalhes que não chegaria a tempo. Sua voz estava estranhamente calma, como se ele não compartilhasse do desespero que eu estava sentindo,

e isso, ao invés de me acalmar, me deixou mais tensa.

– Mas o que houve?

O *tum tum tum* do telefone foi a resposta. Paralisei. O que estava acontecendo, afinal? Minha madrinha buzinando coisas no meu ouvido só piorava a situação. Minha cabeça estava prestes a dar um nó de marinheiro.

– O que ele disse? – Sol perguntou.

Paralisada, não respondi.

– Catá? – continuou ela. – Catarina, responda!

– Ele não vai vir! – concluí por fim.

– Como assim não vai vir? Ele te deu um bolo, é isso? – tia Rubi conjecturou.

Colocar as coisas dessa forma não era exatamente um tipo de ajuda.

– Você não vai perder a viagem dos seus sonhos por causa de homem. Entendeu? Sua mãe fez isso e olha onde ela foi parar. Você não quer o mesmo para si, não é?! Reflita sobre isso.

– Chega, tia! – pedi exasperada.

Mas agora, no quase silêncio do avião, eu refleti, como ela havia pedido. Na poltrona vazia ao meu lado estava sentado um ponto de interrogação. Rique devia ter um motivo, algo que acontecera de última hora que o impedira de viajar comigo, um imprevisto grave que não deu tempo de contar, e agora, nas nuvens, eu percebi o quanto tinha sido egoísta em viajar sem ele. Minha mente estava tão ocupada com esses pensamentos que se esqueceu do medo de altura. Meu olhar ia de um passageiro a outro: um casal que talvez estivesse em lua de mel, um outro que eu não tinha certeza se era realmente um casal ou uma dupla de negócios, entre outros rostos que não significavam nada para mim.

Doze horas. Doze longas horas regadas a sono e milhares de perguntas. Quando me levantei da poltrona, minhas pernas estavam dormentes assim como eu.

Meus primeiros trinta minutos em Londres não foram como sonhei. Aproveitei o sinal do aeroporto para ligar para Rique. Nem liguei pra minha mãe ou minha madrinha, pois estava com os pobres nervos atacados pela

atitude de me colocar no voo sabendo que eu estava fragilizada. Agora, além disso estava também arrependida e perdida, e me lembrei de tempos antes, quando aguardava Bel me encontrar na rodoviária do Rio de Janeiro, completamente sem rumo; fora a primeira vez que eu vira minha amiga virtual pessoalmente. Mal sabia eu o tanto de coisas boas que estavam me esperando. Só que desta vez a pessoa que eu esperava ter ao meu lado estava a uma distância louca de mim, e por um motivo que eu desconhecia. Consegui, após muitas tentativas, finalmente falar com ele novamente.

– Rique! – falei sentindo as lágrimas na minha garganta.

– Catá! – Me disse ele com a mesma voz estranha de onze horas antes. Quase metade de um dia... tempo demais.

O nervosismo me fez apagar durante essas horas, e agora, novamente desperta, eu precisava saber:

– O que aconteceu, amor? Por que você não apareceu no aeroporto nem atendeu às ligações? Eu não queria viajar sem você, mas fiquei tão nervosa na hora e a minha madrinha me enfiou dentro do avião. Enfim... eu estou aqui em Londres. Me conta logo, o que houve?

Eram tantas as perguntas que eu não parava de fazê-las e nem dava chance para ele responder.

– Eu tô bem, amor! Só quero que saiba disso e que aproveite a sua viagem.

– Minha? Não era a *noossa* viagem?

Houve silêncio por alguns segundos, até que ele respondeu:

– Eu tive um problema no trabalho e tive que ficar. Me perdoe, mas não quis que adiasse por minha causa, esse é o seu sonho. Aproveite e não esqueça, eu te amo muito, Catarina. Não posso ser egoísta e te impedir de realizar um sonho por um problema meu. Espero que me perdoe por isso. Prometo que quando voltar, estarei te esperando!

Quase derrubei o celular. “Problemas no trabalho”. Quanta consideração, Henrique. Meus parabéns! Era difícil aceitar, mas tia Rubi tinha toda razão. Não tive forças para mais nada além de dizer:

– Não precisa estar lá, e também não precisa me ligar. Nunca mais,

ouviu? Nunca mais! – minha voz era ríspida e elevada, e alguém passou ao meu lado dizendo algo que depois supus ser “que louca!” ou alguma coisa do gênero.

Sem chã, segui até o bairro de Marylebone. A face mais famosa do local era o Madame Tussaud’s, museu que tinha uma coleção enorme de celebridades em cera (como por exemplo: Oprah Winfrey, Whitney Houston e até Shakespeare – queria eu também ser feita desse material, pois estátuas não sofrem por amor), e que ficava na extremidade Norte, na Marylebone Road, pertinho de um tal Regent’s Park que, apesar de agradável, não tirou de mim a sensação de melancolia.

Não, eu não sabia todos esses nomes de cor, nem teria cabeça para decorá-los, foi o motorista do Uber, um senhor baixinho de bigodes, que fez a vez de guia turístico, e ao passarmos em frente a esses locais, me dava algumas informações sobre eles. Ele era o primeiro inglês com quem eu tinha contato ali, e não parecia o estereótipo do londrino de semblante fechado, pelo contrário, era muito simpático. A vizinhança parecia discreta, mas cheia de elegância, com suas pequenas lojinhas de roupas e objetos de decoração, restaurantes graciosos e até um lugar que só vendia queijos. Isso me lembrou de Paris... não que eu conhecesse a cidade do amor. Aquele era um bairro tão tipicamente francês que é claro que não podia faltar um bistrô e um templo de livros. Meu verdadeiro destino era a estação de trem de Marylebone, e era para lá que o motorista estava guiando.

– Obrigada, senhor! – eu disse ao chegar.

– Tenha uma boa viagem, Lady!

Quando desembarquei ali, minha ficha começou a cair sobre estar em Londres. Não era da maneira que eu imaginava, mas não poderia ser ingrata, afinal eu estava onde desejava estar.

Na frente das catracas, um casal se despedia. Os dois tinham uma aparência despojada e os cabelos da mesma cor: azul. Combinavam até visualmente. Não sabia sua história, para onde estavam indo e nem porque estavam se despedindo, mas não consegui deixar de me identificar com eles, pois eu também havia acabado de me despedir de um amor; e por telefone.

Aaaaaah! Nem todos os “as” do mundo seriam o bastante para expressar a confusão que eu estava sentindo. Além disso, tudo ao meu redor

se resumia a casais e mais casais, será que eles não podiam ter empatia com meu estado e manter seu amor de forma discreta?

Já tinha comprado o ticket de embarque pela Internet, e apesar de estar num vagão, me sentia fora dos trilhos.

Não compartilhava da alegria da Fergie no clipe London Bridge que eu assistia nos tops 10 da MTV muitos anos antes, e nem o desprezo da Lily Allen na música LDN. Estava mais para Adele (ela era a trilha sonora da fossa em que eu me encontrava) em Someone Like you, com meu casaco preto, o vento frio batendo no rosto e a melancolia de um amor perdido.

A paisagem que via pela janela me inspirou a continuar vivendo, e reafirmei minha ideia de que os tempos antigos eram realmente melhores em alguns aspectos; sofrer em um trem é muito mais poético do que sofrer em um avião. O expresso (me senti em um livro da Agatha Christie) me transportou para o lugar mais lindo que já vi na vida.



BEL

Antes de Ana Catarina viajar...

– Tem certeza de que não quer falar sobre isso? – Rique me perguntou.

– Absoluta!

Sempre foi minha dificuldade falar sobre coisas dolorosas ou escrever sobre elas, por isso eu simplesmente as ignorava, ou tentava ao máximo fazê-lo. Também por isso, a maioria das minhas fanfics eram engraçadas ou divertidas, e até aquelas que tinham um enredo triste, tinham finais dignos de risadas. Talvez meu desafio fosse aprender a escrever sobre a dor.

– Eu queria matar aquele filho da... – meu irmão disse apertando o volante no carro estacionado na frente da delegacia.

– Não, Rique – intervi. – Não precisa de tanto.

– Claro que precisa. Olha o que ele fez com você.

– Estou bem! – afirmei.

– E eu estou com ódio.

– Eu também estou com ódio, e o pior, de mim mesma, mas vou ficar bem.

– Por que está com ódio de si mesma?

Não quis prolongar o assunto dizendo a ele que me culpava pela tamanha burrice que havia sido me envolver com alguém assim. Eu tinha me deixado levar pelo charme de alguém. Como disse a Catarina, Jorge deu sinais de ser quem era, eu que não quisera ver. Ele mostrou o próprio rosto no nosso primeiro encontro, quando me esnobou usando uma palavra bonita; ele invadiu meu espaço quando aceitou o convite da minha mãe para jantar sem me comunicar antes, me fazendo sentir vontade de cavar um buraco na terra.

Essas coisas pareciam pequenas, mas eram sinais de uma personalidade que agora eu enxergava com clareza. Pensando bem, eu até que tive sorte! Nossa trágica história poderia ter durado mais e causado mais estragos.

– Obrigada por ter vindo comigo – disse para encerrar o assunto.

– Não fiz mais do que a minha obrigação. Você não vai mesmo contar pra mãe e pro pai?

– Nem pensar – respondi.

– Por quê?

– Porque... não sei. É algo muito íntimo. E também não quero preocupá-los.

– Esse cara se demitiu mesmo, né?!

– Sim! Foi o que o meu chefe disse de manhã.

– Isso me deixa mais tranquilo.

– A mim também.

Eu não quis dizer que acreditava que talvez minha mãe, ou até mesmo meu pai, me culpassem pelo acontecido, afinal eu havia entrado no carro de Jorge por livre e espontânea vontade. Eu não podia criticá-los por isso, pois também me sentia culpada.

– Tudo bem, também não vou dizer nada então.

– Prefiro que eles não saibam. Valeu!

– Você ainda vai trabalhar hoje?

– Não, nem pensar. Mandeí mensagem dizendo que o compromisso atrasou e que não vai dar pra ir.

– Então que tal um bondinho? – ele perguntou.

– Como nos velhos tempos – dissemos quase juntos.

Era uma raridade ter uma tarde livre com o meu irmão em um dia útil. Constatei que era a primeira vez que ele faltava ao trabalho, e que era por minha causa, mas disso eu não senti culpa, pelo contrário, achava que Rique precisava de uma folguinha antes de viajar para Bath.

– Boa ideia!

Até porque eu precisava fazer algo para preencher o dia, pois se voltasse mais cedo, teria que inventar algo para justificar isso. Minha quota de mentiras e omissões estava preenchida. No dia anterior eu tinha usado todos os meus dons teatrais para disfarçar o acontecido ao chegar em casa, e com êxito.

Eu adorava os famosos bondes de Santa Teresa, que ligavam o centro da cidade ao bairro onde morávamos. Eles eram não apenas um meio de locomoção para moradores ou turistas que queriam visitar o local, mas uma atração da cidade, um verdadeiro cartão-postal do Rio de Janeiro. Como usava outros meios de transporte, já fazia algum tempo que eu não ia até lá.

Rique e eu esperamos quinze minutos até que o bonde amarelo inaugurado há mais de cento e vinte anos chegasse e, lá dentro, enquanto passeávamos sobre os trilhos, me lembrei da infância, quando acreditava que todas as pessoas eram boas ou podiam ser de alguma forma. Agora eu já não acreditava nisso.

Ao longo do trajeto, vimos os centros culturais, as casas antigas, as lojas de artesanato, além das lindas paisagens naturais. Em certo ponto, no meio do caminho, o Cristo Redentor abençoava a cidade.

No dia seguinte, a vida voltou à programação normal. Fui ao trabalho e depois à faculdade, mas não posso dizer que isso aconteceu sem certo medo de que Jorge aparecesse do nada com seus olhos brilhantes de maldade.

– Oi! – disse a Lidianne quando entrei na sala.

Eu tinha consciência de que ela não tinha a menor culpa do acontecido, apesar de ter me apresentado a ele de certa forma. Se pudesse voltar no tempo, não teria ido àquela festa, ou melhor, teria ido, mas não teria dado permissão para que Jorge entrasse na minha vida. Mas eu não podia voltar!

Lidianne ignorou minha saudação e baixou o olhar enquanto eu me sentava na carteira.

– O que foi? – perguntei franzindo o cenho. – O que aconteceu?

– Nada – ela respondeu secamente – Só não gosto de pessoas falsas...
–Lidianne fez uma pausa. – como você.

Senti o sangue ferver em minhas veias. Provavelmente o embuste

havia inventado alguma mentira sobre mim, e se ela queria acreditar, que assim fosse.

– Tudo bem – concluí. – E eu não gosto de pessoas fúteis... – copiei a pausa dela. – como você!

“Quem essa patricinha pensa que é?”, foi o que me perguntei.

Me virei para a frente, mas segundos depois peguei minha bolsa e fui me sentar em uma das carteiras vagas do outro lado da sala.



ANA CATARINA

Resolvi ceder aos conselhos de minha madrinha em relação a não desistir do meu sonho. Embora não entrasse na minha cabeça o que Rique tinha feito, não tive escolha senão enfrentar Bath. Era até pecado, além de ironia, falar nessa cidade como se fosse um sacrifício, principalmente quando eu havia desejado por anos da minha vida estar lá.

Às vezes, quando do quintal de casa via um avião passar, me imaginava nele, a caminho de onde eu estava agora. Mas a verdade é que tudo estava tão sem sabor, que eu me sentia em um lugar qualquer do mundo. Isso não se devia ao fato de estar sozinha, mas às circunstâncias estranhas em que as coisas haviam acontecido. Tudo parecia tão misterioso quanto o primeiro nome da Sra. Bennet, quer dizer, uma parte de mim queria acreditar haver um mistério enquanto a outra, mais racional, se esforçava para aceitar as palavras de Henrique.

Era irônico também, que a criadora do Austenapp estivesse passando por isso, assim como Jane Austen, que só escrevia finais com casamentos, ter falecido sem se casar. O ditado estava certo, em casa de ferreiro, o espeto era mesmo de pau.

Outro Uber, nem tão simpático quanto o primeiro, me levou da estação de trem de Bath até o local que eu havia reservado (na verdade nós, mas agora eu precisava aprender a pensar no singular). Meus olhos focalizaram em cada canto do caminho, e de tão absorta que estava nisso, me esqueci de fazer o mesmo com a câmera.

– Com licença! – eu disse ao jovem atendente após entrar na pousada.

Fiz meu check-in. O lugar consistia em um prédio acinzentado, cuja recepção era decorada com papel de parede floral e vasos preenchidos com flores de cerejeiras. Subi com a mala. A pousada era a mais simples que encontrara, e também a mais aconchegante. Rique e eu reservamos pela Internet um quarto de casal, e me entristeci ao me deparar com a cama para dois, mas tentei ser otimista pensando que teria mais espaço para me esparramar, o que não era nada mal depois de uma viagem longa. As paredes

tinham um tom creme que, iluminado pela luz amarelada, ganhava um aspecto romântico. Das janelas eu podia ver uma ruazinha calma com uma bifurcação onde um dos lados levava a um campo e o outro a uma segunda rua onde havia alguns hotéis maiores.

“E Elizabeth, em posse sobrenatural do domínio de sua cauda, salvou seu amado esposo das garras dos tubarões que os esperavam famintos no fundo do mar. E então se amaram para todo o sempre... ardentemente.”

Só que ao contrário de Lizzie, a sereia da fanfic, meu amor tinha afundado como o Titanic.

Tomei uma ducha e capotei, estava exausta com toda essa situação, apesar de ter dormido por boa parte do voo. O fuso horário também ajudou meu cansaço, pois eram quatro horas a mais do que meu corpo estava acostumado.

A cama era macia, assim como os travesseiros, que vestiam fronhas cor de carmim e que tinham borboletas bordadas delicadamente. Tudo ali era delicado. Não foi tão ruim assim dormir sozinha.

Quando acordei já era manhã, então tirei forças não sei de onde para decidir vestir meus trajes Austenianos para passear pelos pátios.

Ao abrir a mala, tive uma surpresa: minha mãe havia colocado nela um lindo chapéu lilás com amarelo, que combinava perfeitamente com um dos meus vestidos. Esse gesto singelo me fez recuperar a fé na nossa relação e pensar que ela não era tão ruim assim quanto eu estava acreditando nos últimos tempos. E eu precisava mesmo de um alento!

Dentro do chapéu havia uma folha, que desdobrei. Vi então um desenho deste mesmo chapéu, vestido na cabeça de uma moça parecida comigo. Sorri quando vi a assinatura em letra infantil: César. Era a obra de arte mais adorável que já tinha visto, e ele era igualmente o artista mais adorável que eu conhecia. Isso, aliado ao fato de estar tão longe, me fez sentir saudades de minha família. Respirei fundo e falei comigo mesma em voz autoritária (que lembrava a da minha madrinha):

– Tome vergonha nessa cara e seja feliz aqui!

Por alguns momentos me esqueci das circunstâncias da viagem, senti realmente estar vivendo um sonho e, para minha surpresa, essa segunda parte

se tornou um sentimento definitivo.

Desisti de passear de vestido, pois queria ficar confortável, por isso acabei optando pelos meus jeans, meu casaco xadrez e uma touca de lã preta que Sol me deu (não foi ela quem fez, ela não era esse tipo de avó “Dona Benta”).

– *Good morning!* – disse o recepcionista quando passei por ele para ganhar a rua.

O sotaque britânico era tão lindo e soava tão afrancesado, que desejei ter um pouco mais de tempo e dinheiro para conhecer a França, que estava tão perto.

Bath era como uma máquina do tempo, e isso era mágico pra mim.

Enquanto caminhava, passei em uma loja temática de Austen, onde tinha de tudo, desde blocos de notas a lençóis com estampa da silhueta de Jane, mas acabei escolhendo apenas um marcador de páginas personalizado e uma edição ilustrada em inglês de todas as cartas escritas por ela. Há indiscrição mais deliciosa do que ler a correspondência da sua autora preferida?

– Pode embrulhar para mim, por favor? – perguntei.

Aquela era minha lembrança para Bel. Na frente do caixa achei um cartão que dizia “*Thank you for being a friend*” e pedi para adicioná-lo à minha compra.

Admirei a prateleira de DVDs dos filmes inspirados nos livros dela e me lembrei do feriado em que Rique e eu maratonamos vários deles. Queria sair comprando tudo, consumismo parecia uma boa forma de preencher qualquer vazio. Pedi que o espírito de Becky Bloom saísse de mim.

Ao meu redor, pessoas interessantes de todos os lugares do mundo faziam parte do desfile que anualmente entrava para o livro dos recordes como o maior desfile de pessoas com roupas de época. Eu não podia reclamar, afinal estava onde sempre quisera. O ar inglês, a comida inglesa, até meu sofrimento parecia inglês. Ali, não era preciso saber para onde se estava indo, era só seguir o fluxo, tal como no Carnaval carioca.

Meu primeiro ímpeto natural foi conhecer o Jane Austen Centre, mas repeli a ideia por ter planejado isso com Rique por tantas vezes. Aquele seria

o nosso passeio, e fazê-lo só meu era como pôr o dedo na ferida. Falando nele, havia algumas ligações perdidas no meu celular, mas as ignorei.

Almocei e jantei no mesmo restaurante. Como havia pulado a primeira refeição do dia, estava faminta, e primeiro escolhi o tradicional peixe com fritas para depois experimentar o Cornish Pasty^[13], pastel típico na Inglaterra.

Tudo era tão mimoso. A louça onde fui servida parecia ter saído de uma casa de bonecas (isso me fez lembrar de Lady Olga) e a mulher que me atendeu, que pelo que entendi também era a gerente, me ajudou a exercitar meu inglês me fazendo um pouco de companhia e dizendo que gostava muito do Brasil.

– Vêm muitos brasileiros para cá?

– Sim! Os brasileiros amam Jane Austen.

– É, nós amamos – respondi com um sorriso. E constatei que não há no mundo povo mais onipresente do que o nosso.

Meu corpo já havia se acostumado com as horas de diferença, mas minhas pernas doíam de tanto caminhar. Liberar endorfina é bom para restaurar corações partidos, por isso eu não queria parar.

Nesse meio tempo filmei e fotografei tudo que era permitido, inclusive meu passeio à Bath Abbey (só a parte externa era permitida registrar), a igreja do centro que era exatamente como as catedrais narradas nos livros. Aliás, tudo era como nos livros. Prometi a mim que iria editar mais tarde e postar os vídeos no meu Instagram.

– *Que tal um especial “@EuJaneite na Terra da Rainha”?* – Bel havia sugerido alguns dias antes da viagem, e foi esse o título que coloquei nas fotos temáticas que estava preparando para os meus seguidores.

Mandei um vídeo pra ela, era uma forma de incluí-la nessa viagem, afinal por tantas vezes nós havíamos sonhado com isso juntas. Então, após o vídeo carregar, achei que seria uma boa ligar para falar um “oi”. E foi o que eu fiz:

– Oi?! – perguntou Bel secamente, e eu me questionei se era porque eu havia terminado com seu irmão. Motivos eu tive, e foi o que disse a ela em seguida.

– É, realmente, ficar chateada com o namorado porque não foi viajar com você pra ir ao velório da avó é um belo motivo. Depois eu que sou a narcisista – ela desligou na minha cara.

Izabel – desligou – na – minha – cara. Sim, coloquei todos esses tracinhos entre as palavras para demonstrar minha indignação com esse fato. Só depois percebi que:

“Espera! Ela disse que a avó morreu? Mas Rique não me contou nada disso.”. E fui direto ao Facebook para procurar por alguma publicação de luto. Nunca meus dedos foram tão ágeis ao entrar em um aplicativo.

Passei post a post, petrificada com a situação. As mãos trêmulas quase derrubaram o celular.

De repente compreendi tudo, e tudo fez sentido a partir do momento em que percebi que ele quisera me poupar e não estragar minha viagem. Aquela história de problemas no trabalho era só um pretexto. Rique havia pensado no meu sonho, e eu não sabia se queria abraçá-lo ou esganá-lo por isso.

Tentei ligar novamente para Bel e depois para ele, mas nenhum dos dois atendeu. Aflita voltei para a pousada e saudei o recepcionista com um sorriso triste.

Deitada em minha cama, com a cabeça sobre a fronha carmim com borboletas bordadas, chorei por Lady Olga.



BEL

– O cheiro de bolo, de chá... tudo isso se foi e no lugar ficou o *nunca mais*.

– Não existe *nunca mais* – disse Will.

Eu concordava com ele, e naquele momento isso era um alento. Acreditar que um dia eu e Lady Olga nos veríamos novamente me deixava mais confortável com tudo.

– Obrigada por ter vindo!

Sair da própria cidade para ir ao velório da minha avó que ele sequer conhecia foi um gesto muito bonito da parte dele, e demonstrava sua nobreza de caráter, restaurando assim parte da minha fé na humanidade (ou na parte masculina dela), tão recentemente perdida.

Era engraçado como eu me sentia à vontade expressando meus sentimentos para Will, pois havia assumido o posto de fortaleza da família, e isso estava absorvendo toda minha energia. Eu havia cuidado de todas as questões burocráticas do funeral e, cá entre nós, preferia enfrentar mil filas para tirar a segunda via do meu RG.

– Eu sei como é perder uma avó, também perdi a minha e sei o quanto dói. É como se a infância da gente tivesse ido junto.

– Valeu mesmo! – reforcei o agradecimento.

– Não precisa agradecer. Meus pais sempre dizem a importância de estar presente nesses momentos. Quando abri o Facebook e vi o post sobre o luto, decidi vir. Vocês me receberam tão bem naquele fim de semana. Que bom que cheguei a tempo.

Eu sabia que os pais dele eram missionários, e deviam ser excelentes pessoas, pois haviam criado um filho que tinha essa mesma qualidade. Tão diferente de certas pessoas... bem, não que eu estivesse comparando Will a Jorge, definitivamente não era adepta de comparações, e também não acreditava na supremacia do ditado “quem sai aos seus não degenera.”. Eu conhecia filhos ruins de pais ruins, filhos bons de pais bons, mas também

filhos ruins de pais bons e vice e versa.

Entretanto, ali, onde nós estávamos, meus pensamentos não tinham foco para devaneios desse tipo. Eu estava concentrada no meu luto.

Rique estava desolado, talvez mais do que eu. Não que meus sentimentos fossem menos intensos, mas nós tínhamos diferentes disposições de demonstração. Desde criança, meu irmão não conseguia esconder o que sentia. Ele era um garotinho intenso, contrariando a crença popular de que homem não chora, e se transformara num homem que sentia as coisas da mesma forma que antes, e que continuou não temendo demonstrar isso. Esse fato o tornava especial.

– Valeu por vir, cara! – ele disse ao nosso amigo. Seus olhos estavam inchados.

O funeral de Lady Olga estava repleto de pessoas que há anos não participavam de sua vida, mas que agora ironicamente participavam de sua morte. Fiz meu irmão prometer que, caso eu fizesse a passagem antes, ele expulsaria a bengaladas todos os curiosos presentes, um por um.

– Como aconteceu? – perguntou uma dessas pessoas.

– Ela dormiu e não acordou mais, simplesmente.

Havia sido uma morte tranquila, como a que a maioria das pessoas quer para si. No episódio daquele surto de lucidez, o médico havia dito à minha mãe que talvez Lady Olga estivesse declinando para a morte, e agora eu sabia que ele tinha razão. Porém, por mais esperado que fosse, continuava sendo inesperado; um paradoxo.

Quando eu e Will voltamos a ficar sozinhos, conversamos sobre um outro assunto que estava me tirando do eixo.

– Sério que seu irmão não contou pra Catarina?

– Pois é! Falei com ela agora no telefone e descobri que não, ele não contou. Não entendo como o Rique pôde fazer isso. Como estava no voo, ela não viu nenhuma publicação e só soube agora quando a gente se falou. E eu achando que ela era uma insensível por ter viajado sem sequer nos dar os pêsames. Fui tão injusta. Coitada!

Me arrependi de tê-la tratado mal no telefone. A perda me fez

valorizar de forma diferente as pessoas a quem amava, e no final da ligação, pedi perdão infinitamente à minha melhor amiga por ter pensado mal dela.

– O seu irmão deve ter agido por amor. Não quis estragar a viagem dela. É a viagem dos sonhos. Desde que Catá e eu éramos adolescentes ela comenta que quer conhecer essa cidade. O Henrique está visivelmente confuso com tudo isso. Ele parece ser um cara sensível, às vezes as pessoas mais sensíveis têm dificuldades em tomar decisões nessas horas e acabam se precipitando, eu falo por experiência própria, acho que sou um pouco como ele.

– Depois nós de humanas é que somos os sentimentais.

Era a primeira vez desde que encontrara minha avó desfalecida em sua cama, que eu fazia um gracejo.

Rique tinha ido dormir na nossa casa por causa dos preparativos da viagem – grande parte de suas coisas ainda estava lá – e eu pernoitara com Lady Olga em seu lugar. Talvez fosse providencial que eu estivesse perto dela em sua última noite na terra. Assim que a encontrara, ligara desesperada para os meus pais para pedir ajuda, mas era tarde demais, Lady Olga já tinha ido viver em um mundo onde os anjos usavam chapéus e sobrecasacas longas como os cavalheiros que ela admirava.

– A Catá gosta, quer dizer, gostava muito da minha avó – era estranho falar dela no passado, e parecia que para sempre seria. – Se eu soubesse que o Rique não tinha contado, teria eu mesma dito, afinal ela é como uma irmã pra mim. Eu estava tão ocupada cuidando do funeral, que deixei isso por conta dele. Ela deveria estar aqui, estaria sendo mais fácil pra mim e pra ele também. Que confusão! – coloquei a mão na cabeça.

Eu estava cansada daquele posto de fortaleza, queria ir logo para casa para poder sair dele enquanto deitava em posição fetal na esperança de voltar para o útero.

Eu estava chateada com Rique, mas diante das circunstâncias, não disse isso a ele para não fazê-lo sofrer mais. A quota de sofrimento já era grande demais para nossa família.

– Seu irmão agiu errado, mas foi tentando acertar. Minha irmã sempre faz isso.

– Não lembrava que você tinha uma irmã. A Catarina mencionou umas duas vezes, mas tinha esquecido.

– Ela mora em Londres e, se tem uma coisa que a Eleonora faz, é errar. Às vezes querendo acertar, às vezes querendo errar mesmo. As coisas vão se encaixar entre a Catá e o Rique.

– Assim espero – disse sem convicção. – Mas tenho minhas dúvidas.

– Como assim?

– Mentira nunca é o caminho. Ela só torna as coisas piores e afasta as pessoas. Bath está lá há séculos e séculos, minha avó só vai ser enterrada hoje, e ainda bem que é apenas uma vez, porque olha...

– Nesse caso foi uma omissão.

– Omissão é uma modalidade da mentira. Do modo “easy”, mas é. De mentirinha em mentirinha, a gente já chegou ao modo “hard” e nem percebeu.

Minha mãe tocou meu ombro para anunciar que a pior hora do dia havia chegado, e eu tentei focar nas palavras de Will: “Não existe *nunca mais*.”.



ANA CATARINA

Um novo dia se iniciou em Bath.

Eu continuava me sentindo confusa, mas agora também me sentia culpada, e a mistura dessas duas coisas não era nada agradável, ou será que minha culpa já estava embutida nessa confusão juntamente com a raiva, o amor e a piedade por Henrique?

Com o celular na mão, refletindo se deveria ligar (afinal eu havia tido uma super demonstração de que ele não fazia questão de me ter por perto), me vesti fazendo malabarismo. Ao terminar, fui tomar o café da manhã, quer dizer, tentar, porque meu estômago não aceitava nada além de água, acho que por necessidade de me hidratar pelas lágrimas que havia chorado pela morte de Lady Olga.

Isso era tão inacreditável, e embora os médicos tratassem como algo esperado, eu tinha sido pega de surpresa assim como Bel e o resto da família.

– Não acredito que você não sabia – ela me dissera ao telefone no dia anterior.

– É claro que não, se soubesse estaria aí – eu havia me justificado. – E você sabe muito bem disso, me conhece ou não?

– Tem razão, você estaria! – a ficha de Bel caíra finalmente. – Henrique vai *se ver* comigo!

– Não brigue com ele! Não por enquanto.

Mas não consegui sentir raiva dela por ter duvidado da minha amizade.

Ao sair da pousada, me encaminhei a Bath Central Library. Ah, como eu adorava bibliotecas, para mim elas eram os lugares mais mágicos do mundo, onde aventuras de todo o tipo podiam ser vividas. Se Jane Austen vivesse no século XXI, eu apostaria que seria uma bibliotecária (eu mesma também queria ser uma, imagine viver em meio aos livros e ainda receber por isso). Pensei em minha melhor amiga mais uma vez, ela era ainda mais apaixonada por bibliotecas do que eu, e para ela, visitar um lugar repleto de

livros era como uma terapia.

Enquanto folheava os livros antigos e novos, senti uma presença quase física próxima a mim.

Não, eu não acreditava em fantasmas, embora à noite, quando ia beber água na cozinha, corresse mais do que maratonista para chegar até o interruptor, mas me senti envolvida, naquele momento, em uma sensação de paz. Entre tantos volumes, meus olhos foram até o *A memoir of Jane Austen*, e minhas mãos os seguiram, fazendo o caminho até o centro da terceira prateleira e apanhando o exemplar da década de oitenta (o livro em si era muito mais antigo), cuja capa misturava uma imagem floral e um laço de fita desenhado.

“O túmulo se fechou sobre minha tia há mais de cinquenta e dois anos; e, durante este extenso tempo, nenhuma ideia de escrever sobre sua vida foi observada por qualquer membro da nossa família.”

Mas agora já fazia bem mais do que isso que o próprio autor da biografia morrera. Essas passagens falavam sobre a morte de Jane:

“Mais de meio século se passou desde que eu, o mais jovem daqueles em luto, compareci ao funeral de minha querida tia Jane na catedral de Winchester.”

Na lápide da tia, James Edward Austen Leight, o autor, mandou escrever um novo epitáfio (o anterior não citava seus livros, pois na época de sua morte, muitos ainda a desconheciam como verdadeira autora de suas obras publicadas sob o pseudônimo “A Lady”):

*“Jane Austen,
Conhecida por muitos por seus escritos,
querida para sua família
pelos variados encantos de seu caráter
e enobrecida pela sua fé e piedade cristãs.
Nascida em Steventon no condado de Hants em
16 de dezembro de 1775
e enterrada nessa catedral em*

18 de julho de 1817.

*Ela abriu a boca com sabedoria
e em sua língua estava a lei da bondade.”*

Mas por que então nesse momento eu a sentia tão viva e presente naquela biblioteca? Sinal de mediunidade? Ah, céus, eu esperava que não, pois achava que já tinha fantasmas demais (e reais) para lidar. Essa energia de vida me levou a pensar novamente em Lady Olga, que assim como Jane, permaneceria viva nos corações daqueles que a amavam, e eu me incluía nisso.

Ambas continuariam a existir em nós.

Quando voltei à pousada, em homenagem a elas coloquei meu vestido de dia e o chapéu que minha mãe fizera.

Minha tristeza não era só pelo desastre no meu namoro, mas por saber que nunca mais veria aquela velhinha de alma mais antiga ainda. Era irônico que eu tivesse notícia de sua morte ali, onde ela adoraria estar e onde esteve uma vez conforme me narrou em uma de suas cartas.

“Oh, Bath! Bath é um dos locais mais encantadores desta terra. Lá, vemos as alegrias dos jovens casais que caminham de braços dados pelas ruas, e isto, apesar de ocorrer em qualquer lugar do mundo, parece mais acentuado pela magia desta cidade.”

Lady Olga tinha toda a razão.

Novamente no quarto, liguei para minha madrinha.

– Adivinha quem está aqui! – ela disse depois que contei toda a história triste, sem culpá-la, pois não tinha forças para isso e também porque seria infantil da minha parte, afinal eu era adulta e responsável pelos meus atos.

Antes que eu arriscasse um palpite:

– Oi, filha! – disse minha mãe ao telefone. Sua voz estava mais viva do que o habitual.

– O que você está fazendo aí? – perguntei.

– Me separei! Mande o Marcelo embora de casa e vim passar o final

de semana com a Rubi. Trouxe as crianças comigo.

– Você o quê? – disse sem acreditar no que acabara de ouvir. – Como assim? – me passou pela cabeça que fosse uma pegadinha.

Eu estava ausente do Brasil há algumas horas e parecia que muita coisa havia mudado por lá.

– Quero que me perdoe por tudo, tá, filha?! Eu fui muito injusta com você, e não só dessa última vez, mas por muitas outras. Prometo que agora tudo vai dar certo. Eu estou livre!

– É sério mesmo? – perguntei incrédula. Era bom demais para ser verdade.

– Sim! É sério!

Depois dessa notícia aliviadora, perguntei:

– Mãe, meses atrás, quando a minha conta no Instagram estava parada porque eu não tirava fotos, alguém me mandou um pacote com uma toalhinha bordada à mão. Não tinha remetente, era você?

– Era sim! – respondeu ela. – Senti que você precisava de um empurrão para voltar a fazer o que amava, como eu estou tentando fazer agora.

Eu bem que havia desconfiado disso. Fora por causa de minha mãe que eu não havia deletado de vez o @EuJaneite da Internet. Eu era grata a ela por isso, e também pela sua coragem de acabar com aquele pesadelo que era seu casamento, o que eu sabia não ser uma escolha fácil para Manoela. Estava orgulhosa dela!

– Mas me conta, como foi que você decidiu mandá-lo embora?

Ela me contou os pormenores da última tentativa de agressão por parte dele, e eu senti o sangue ferver nas minhas veias. Mas meu corpo voltou à temperatura normal quando me lembrei de que tudo tinha acabado finalmente.

– Assim eu espero, viu?! – eu disse.

– Meus sentimentos pela avó do Henrique, sei que você gostava muito dela. Mas aproveite a cidade! Só se vive uma vez.

E eu segui seu conselho.

Dei uma volta pelos mesmos lugares do dia anterior e novamente fui parar na frente do Jane Austen Centre, tentando tomar coragem para entrar.

Mas entrei mesmo foi no café mais próximo, só porque queria me sentar. As opções lá eram: frutas secas, pão de gengibre, alguns tipos de bolos, amêndoas açucaradas, etc, tudo muito britânico.

Após pedir um cappuccino, peguei meu celular e entrei no Austenapp pela primeira vez ali, coisa que eu estava evitando por saber que encontraria mensagens de Rique, às quais não saberia responder, mas que acabei respondendo simplesmente com:

***– Eu sinto muito por Lady Olga.
Muito mesmo!***

***– Eu também.
Ainda não caiu minha ficha***

.

***– Nem a minha.
Nem consigo acreditar que não
chegará mais nenhuma carta dela pelo correio.***

– Mas e você, está bem?

– Na medida do possível!

– Me desculpe por ter feito o que fiz.

Meu celular descarregou antes que eu pudesse responder. Nervosa por ter sido interrompida e refletindo se deveria ir até a pousada para carregá-lo, eu comecei a bebericar o cappuccino para aliviar a ansiedade.

Em uma das mesas ao meu redor, havia duas moças conversando animadamente. Elas não eram turistas, e eu sabia disso porque estavam uniformizadas com camisetas de lojas da região. Prestei bastante atenção nelas, que pareciam amigas de longa data (cheguei a essa conclusão pelo modo como falavam uma com a outra), enquanto ouvia sua conversa.

– Eles estão entrevistando pessoas para participar desse reality – disse uma delas. – Parece que um dos participantes desistiu de última hora e eles precisam preencher a vaga com urgência.

– Prevejo gente se estapeando para conseguir uma chance. Sua mãe faria isso se estivesse em Bath.

A outra riu. Nenhuma delas parecia perceber minha bisbilhotice.

– Ela vai surtar quando eu contar, e até que minha mãe preenche os requisitos: conhecer a obra de Jane Austen, estar disponível para participar de atividades ao ar livre como andar a cavalo e fazer piqueniques. Ah, e lidar bem com câmeras. Não conheço mais ninguém que tenha essas três coisas.

– E como é que esse programa vai se chamar?

– Pemberley Hotel. Vai ser uma espécie de Big Brother Austeniano, sabe?!

– Isso é criativo!

A outra balançou a cabeça em concordância.

– É sim. Hoje em dia se faz reality show de tudo: comida, reforma de casas, dança, e agora vai ter um sobre Jane Austen. Era só o que faltava, mas não acho má ideia! Os participantes terão que viver nessa Pemberley fictícia com trajes a rigor, sem Internet, sem chuveiro elétrico, etc, enquanto participam de competições, e isso cercados por câmeras *O TEMPO INTEIRO* – ela enfatizou essa última expressão. – O prêmio em dinheiro é bom. À altura do sacrifício.

– Eu não conseguiria.

– Nem eu. Não consigo ficar sem meu celular. Tô fora, mas que quero assistir a todos os episódios, ah... eu quero!



BEL

Entrar na casa da minha avó pela primeira vez após sua partida não foi uma tarefa fácil. As paredes pareciam ocas, e quando entramos, elas rangeram para nós como se estivessem nos dando os pêsames. Às vezes, meu irmão vinha com umas teorias sobre casas terem vida e alma, teorias essas das quais eu ria, mas que agora cogitava serem reais.

– É tão estranho acreditar que ela se foi, não é?!

Rique se sentou no sofá. Nem nossa mãe nem nosso pai quiseram ir até lá conosco. Cássia se sentia culpada por ter sido ausente com Lady Olga nos últimos tempos, e meu pai simplesmente odiava atmosferas mórbidas; a personalidade dele era semelhante à do meu irmão.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar.”, disse um amigo da família utilizando a passagem de Eclesiastes, livro bíblico favorito da minha avó, durante o sepultamento. Eu estava no tempo de prantear, mas sabia que logo voltaria a dançar pela pista do Norte & Angi como antes, pois era assim que Lady Olga gostaria de me ver.

O homem havia terminado seu discurso dizendo: *“E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.”*, enquanto as pessoas se dispersavam para voltar para suas casas, exceto nós, que ficamos até o último instante.

Pedi para grafarem na lápide de minha avó uma de suas frases preferidas de Jane Austen, o que minha mãe achou uma excentricidade desnecessária, mas que por fim permitiu como sendo um desejo com o qual Lady Olga concordaria: *“Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade de tanto nos prepararmos para recebê-la. Por que então não agarrá-la toda de uma vez?”*

- Eu ainda não consigo acreditar.
- É como se uma parte da gente tivesse ido junto.

Eu me sentei ao lado dele. Quando nossa avó recebera o diagnóstico de Alzheimer, tempos antes, nós havíamos lido tudo o que estava disponível sobre o assunto na Internet e vimos todo tipo de vídeo, desde os feitos por médicos especialistas a familiares de pacientes, todos com dicas de como lidar com os portadores da doença. Certa vez, quando soube que um filme sobre o tema tinha sido indicado ao Oscar, corri para comprar o DVD e assisti-lo. Não me lembro de ter chorado tanto na vida quanto chorei com aquele final.

– Falou com a Catá? – perguntei a Rique. Minha vontade de socar a cara dele pelo que havia feito já tinha passado.

– A gente estava conversando no Austenapp, mas ela ficou offline de repente e não atendeu minha ligação. Acho que está com raiva de mim.

“Com razão, né?!”, pensei.

– O celular dela deve ter descarregado – concluí sabendo que Catarina não deixaria a raiva impedi-los de ter uma conversa.

– A gente está se desencontrando. Isso está me deixando nervoso.

– Desencontros fazem parte da vida.

– Será?

– A morte é um tipo de desencontro, não é?!

Ele balançou a cabeça em assentimento. Eu queria dar uma bronca nele por tamanha burrice que fora esconder a morte de Lady Olga de Catarina, mas estava tentando ser uma pessoa melhor para ir para um bom lugar quando chegasse a minha vez.

– Falar sobre esses assuntos por telefone é uma droga, vocês precisam conversar pessoalmente – eu havia ficado traumatizada com as relações virtuais, por isso a simples ideia de meu irmão e Catarina discutirem fatos tão importantes por mensagens de texto me deixava agoniada. Agora eu era uma entusiasta do olho no olho. – Esteja lá quando ela chegar. Não deixa isso passar!

– É o que eu vou fazer.

Mudamos novamente de assunto.

– Precisamos nos desfazer das coisas da vó.

Eu poderia adiar a tarefa, mas queria acabar logo com aquilo.

– Precisa ser agora?

– Não! – respondi. – Só que não é bom ficar guardando. Quer dizer... com algumas coisas eu vou querer ficar de recordação.

– Que tal a gente fazer uma doação?

– Acho uma boa ideia.

Subi para olhar os pertences pessoais de Lady Olga. Ela tinha muitos vestidos da Era da Regência, colares, chapéus. Tudo isso se adequava à sua fantasia, ao universo que ela havia criado ao redor de si. As coisas estavam bem organizadas, o que revelava que Rique havia herdado dela essa característica. Já eu, herdara somente o gosto por coisas antigas mesmo.

Me sentei na beira de sua cama antiquada, feita sob encomenda por um marceneiro competente. Olhei ao redor, tudo parecia tão cinza, tão vazio.

“Vai ser estranho viver num mundo sem Lady Olga.”, pensei. Rique entrou no quarto interrompendo meus pensamentos.

– Estava dando uma olhada na cozinha – disse ele. – Ela tinha muitas louças.

Os conjuntos de chá da minha avó eram todos de porcelana, e muitos haviam sido comprados antes do Alzheimer. Tudo de muito bom gosto.

– A mãe com certeza vai querer ficar com isso.

– É!

– E você, vai ficar com o quê?

– Quer saber? Não quero nada disso.

Exceto os livros, é claro, que em grande parte se tratavam de romances de época comprados em bancas de jornais, além das antigas edições de Jane Austen que nossa avó lia para nós na infância. Essas eram relíquias.

– Por que não?

– Não sei, não faz sentido. São apenas coisas. Só objetos. Ela mesma não está aqui, então são apenas coisas ocas. Lady Olga não é esses vestidos, nem esses colares ou chapéus. Tampouco as xícaras que a mãe vai guardar de recordação.

Rique balançou a cabeça. Ele concordava comigo.

– Vou arrumar as minhas coisas – disse ele por fim. – Agora que ela não está aqui, não faz sentido ficar. Vou voltar para a nossa casa!

Ao menos uma coisa boa naquele turbilhão.

– E continue tentando falar com a Catarina – concluí. – Vocês precisam se acertar logo!



ANA CATARINA

Adentrei a saleta azul onde havia uma bancada com três jurados pertencentes à produção de Pemberley Hotel. Um deles, o que estava sentado na ponta esquerda, era um homem baixo e roliço, careca, mas que tinha uma barba protuberante que revelava sua loirice. Eu tive a impressão de conhecê-lo de algum lugar, mas não me lembrava de onde. As outras duas eram mulheres: uma delas tinha cerca de sessenta anos, era morena e também baixinha; a outra era mais jovem, extremamente alta e magra, mesmo sentada dava para notar que era um pouco desajeitada, como se não conseguisse dominar seus longos membros superiores e inferiores; ela tinha traços finos desde os olhos até o queixo, passando pelo nariz e lábios, era ruiva e os cabelos eram curtinhos, sua pele era tão coberta de sardas que mal dava para ver a cor original. Os três deviam ser conhecedores de Jane Austen, mas e daí? Eu também era.

Como eu havia chegado até aquele grande trailer onde o logotipo da emissora estava desenhado, e que era circundado por algumas lonas altas que formavam uma tenda? Bom... havia perguntado descaradamente àquelas garotas do café onde estavam acontecendo as entrevistas das quais elas falavam tão animadamente.

– O local fica a três quadras da Universidade de Bath – dissera uma delas.

– Sabe onde é? – a outra perguntara prontamente, como que se oferecendo para me ajudar a encontrar o lugar caso eu não conhecesse.

Mas eu sabia mais ou menos onde ficava, pois já havia passado na frente da universidade com o Uber, quando descera na estação de trem ao chegar à cidade. Soube então que elas eram duas universitárias que tinham ido para Bath para estudar e que acabaram conseguindo emprego de meio período em lojas da região. Era o tipo de vida que eu sonhava para mim mesma anos antes, e que ainda sonhava. Quem sabe quando terminasse a faculdade não tomasse o mesmo rumo que elas junto a Bel?! Nós duas havíamos feito esse tipo de planos quando nos conhecemos. E agora solteira,

eu era livre para voar!

– Você vai até lá?

– Acho que sim! – eu havia respondido. – O que acham?

– Eu acho ótimo! – uma das meninas dissera com convicção.

– A fila está enorme! Mas nem todo mundo sabe do que se trata, acho que tem gente que pensa que eles estão distribuindo algum tipo de brinde.

Eu rira pela primeira vez na cidade, uma risada alta que me deixou constrangida até que as duas começaram a rir comigo.

Era estranho pedir conselhos a duas desconhecidas? Podia até ser, mas por algum motivo eu queria saber o que aquelas garotas achavam dessa loucura.

– Se você passar, vamos torcer por você.

– Qual é o seu nome?

– Catarina – foi o que respondi estendendo a mão que elas apertaram.

Depois fizeram sinal de hashtag com os dedos:

– #StayCatarina!

Então eu gargalhara.

Não que quisesse me candidatar, definitivamente essa não era minha intenção, mas seria um bom material para o @EuJaneite, afinal de contas, não era todos os dias que eu recebia a notícia de que fariam uma reality show em homenagem à minha autora preferida (eu achei a ideia muito, muito, muito original). E quando o programa estreasse, eu assistiria pensando em como fizera parte dessa história, ainda que um pouquinho. Eu diria à minha mãe enquanto apontava para a tela “Eu estive lá. Eu conheci os jurados.”

– Bem... pode se apresentar – disse o homem com um sotaque diferente. Ele era da França.

Nenhum dos três se demorou na apresentação de si mesmo, e isso trouxe uma aura de mistério à situação. Eles não precisavam falar de si, mas eu tinha que falar de mim para eles. Nem quando estive em um programa de televisão ao vivo me senti tão nervosa quanto naquele momento, mas reuni minha capacidade de oratória para dar o meu melhor.

Tia Rubi ficaria maluca se soubesse que eu estava num lugar assim. Ela era fanática por todo tipo de reality shows, desde os de confinamento até os de culinária, passando por um que reunia celebridades viciadas em drogas ilícitas. Mas seu preferido mesmo era um reality francês chamado “Guerra de Confetes”, por causa dele ela havia assinado um canal a cabo super caro para ver os confeitheiros criando suas obras de arte em forma de doce. Foi ao pensar nisso que me lembrei de onde conhecia o jurado de barba loira: ele era jurado também no “Guerra de Confetes”. Os produtores eram os mesmos de Pemberley Hotel.

“Tia Rubi vai ficar louca quando souber.”, pensei. Mas me contive.

Primeiro disse meu nome, depois o lugar de onde vim e o que costumava fazer da vida. Enquanto isso, me senti uma candidata a algum programa de calouros da TV, mas dei graças por não precisar exhibir tons de voz graves e agudos, tampouco afinação.

– Brasil? Uau! – exclamou uma das juradas, a morena. Seus olhos tinham o mesmo brilho que sua pele e notei o quanto suas roupas combinavam perfeitamente com tudo nela como se fizessem parte de seu corpo.

– E por que devemos escolher você?

Parei para pensar por alguns segundos. É... eu não tinha um bom motivo, nem sabia como vender meu peixe. “Porque estou aqui apenas para preencher o tempo, pois meu namorado, que deveria estar comigo, está lá no nosso país.” Ou “Porque eu quero contar pra minha família que fiz parte da história desse reality que sei que vai ser um sucesso.”, essa última coisa parecia puxa-saquismo demais. Então simplesmente:

– Vocês conhecem o Austenapp, o aplicativo? – perguntei.

– Eu ouvi falar – disse Marianne Gilbert, a ruiva que disse que preferia ser chamada de Marie. Quando ela abria a boca, sua aparência de desajeitada sumia completamente e dava lugar à de uma mulher que dominava todo o ambiente ao seu redor. Até mesmo eu me senti dominada.

– Eu o criei junto a um amigo. A ideia me veio em mente porque, para mim, Jane Austen está mais viva do que nunca. Acho que o conceito do Austenapp é o mesmo de Pemberley Hotel: unir Jane Austen ao século XXI.

Me senti um tanto pretensiosa usando de um trunfo para conseguir algo que na realidade eu nem queria. A verdade é que eu apenas havia me desafiado a me candidatar para, entre outras coisas, relatar a experiência no canal, mas não sabia sequer se tinha a mínima chance, afinal de contas era preferível que um britânico ficasse com a vaga. Meu inglês estava afiado por causa dos últimos meses de treino (claro que havia palavras que às vezes eu me esquecia), entretanto, eu não era uma nativa.

– Nós temos o seu contato – disse o homem por fim.

E só.

Esse é o tipo de coisa que se diz em uma entrevista de emprego, não em uma audição para um programa de televisão (se bem que aquela era minha primeira). Mas eu não esperava nada diferente, de qualquer forma.

– Obrigada! – respondi satisfeita.

E saí da saleta.



BEL

Já havia alguns dias que eu não abria meus e-mails. Tudo o que eu fazia na Internet desde a morte da minha avó era responder às mensagens de pêsames que colegas e parentes distantes estavam me enviando – eu não fazia questão disso, mas minha mãe sim, e por isso ficava no meu pé perguntando se eu tinha respondido, pois para ela o contrário denotaria falta de educação por parte da nossa família, algo intolerável – conversar com Will, que havia se tornado um amigo na hora da dor, e um pouco com Catarina, que parecia estar desintegrando da face da terra. Ok, essa última parte podia ser um pouco de exagero, mas estava difícil estabelecer uma conversa com ela diante das quedas de sinal. Ainda bem (para mim, e não para ela) que a viagem estava no final, e isso significava que em breve eu teria minha amiga de volta.

O meu emprego, mesmo que não fosse o dos sonhos, estava me ajudando a desanuviar os pensamentos. Duas coisas ruins haviam me acontecido nos últimos tempos, e eu estava aprendendo na marra a passar por isso sem deixar de ser a garota sarcástica de sempre.

– Meus sentimentos – disseram meus colegas de escritório. E eu agradei como agradecia a todos os pêsames, às condolências, aos sentimentos, etc.

Naquela manhã, ao passar pelas outras mesas até chegar à minha e ligar o computador, fui direto para o meu endereço eletrônico. As últimas mensagens eram de propagandas que deveriam estar na caixa de SPAM, mas no meio delas algo me chamou a atenção. Cliquei duas vezes, mas como o servidor estava lento, demorou alguns segundos para abrir a mensagem que dizia:

“Bom dia, Izabel!

Tivemos contato com suas fanfics disponíveis na Internet e ficamos encantados com sua escrita. Ela é divertida, cativante, e tem o frescor que buscamos. Estamos, porém, interessados em publicar algo originalmente seu. Uma história nova, com personagens originais.

Gostaríamos de deixar aqui esse convite, para caso tenha interesse em publicar conosco.

Qualquer dúvida, estamos à disposição.

Att,

(..)”

Li e reli várias vezes o conteúdo do e-mail para me certificar de que eu tinha entendido certo. Conhecia muito bem aquela editora, pois por muitas vezes havia namorado seus livros, que possuíam capas lindas, nas livrarias da cidade.

– Está tudo bem? – perguntou meu chefe.

Fechei a aba rapidamente, afinal eu não deveria estar lendo meus e-mails pessoais no trabalho.

– Está, está tudo bem – respondi.

– Eu sinto muito pela sua avó – disse ele.

– Obrigada!

Quando me vi sozinha novamente, tirei um print da tela e encaminhei para Catarina, mas ela não visualizou. “Deve estar se preparando para voltar para o Brasil”, pensei. Já Will não só estava online, como no mesmo momento me mandou uma mensagem.

– ***Como você está hoje?***

– ***Will, você não vai acreditar.***

Eu precisava contar para alguém, até mesmo para colocar as ideias no lugar, e como ele havia aparecido no meu caminho naquela hora, foi o escolhido.

– ***Em quê?***

– ***Uma editora de livros
entrou em contato comigo.
Você sabe que escrevo fanfics, né?!***

É claro que ele sabia, pois em sua primeira vinda ao Rio de Janeiro, havíamos conversado intensamente sobre elas na sala da minha casa. Eu havia falado do modo como me sentia como se estivesse falando com um amigo de anos e anos e não com um semidesconhecido como ele era para mim.

– Sei, sim.

Eu até dei uma olhadinha nelas.

– Você leu?

– Digamos que sim.

Fiquei curioso e gostei muito!

Eu sentia certa vergonha quando alguém do mundo real lia algo meu, pois era como se essa pessoa tivesse acesso a um pedaço da minha alma. Rique era terminantemente proibido de ler minhas fanfics, e Ana Catarina era a única permitida a isso, pois ela era minha leitora beta. Ela lia meus textos antes que eu jogasse na Internet. Suspeitava que meu irmão descumprisse sua promessa, mas como não tinha provas, eu não podia puni-lo.

– Então... eles me perguntaram se eu gostaria de publicar um livro original por eles.

Colocar em palavras fez com que eu compreendesse a grandeza daquilo. Teria que lutar muito para não me animar demais e sair jogando confetes nos meus colegas de trabalho.

– Isso é incrível!

Você merece, Bel.

Logo vai estar na parte de

“mais vendidos” das livrarias.

– Deus te ouça!

Mas e você, como está?

– Estou bem e

também tenho uma novidade.

– Qual?

*– Se lembra daquele cara
pra quem eu entreguei um currículo
durante a conferência?*

– Lembro, sim.

*– Ele me mandou um e-mail
dizendo que tem uma vaga na empresa dele.*

– Parabéns, Will!

– Sabe o que isso significa?

*– Que agora você
tem um emprego?*

Perguntei, e depois coloquei o emoji de mãozinhas para o alto que significava gratidão.

– Sim, e também que vou me mudar para o Rio.



– Rique! – eu disse em alto tom enquanto corria pelo corredor da nossa casa. Nossos pais, para variar, estavam no Norte & Angi, que só havia fechado as portas no dia do sepultamento da minha avó. Eu compreendia que para minha mãe, o trabalho estava sendo uma forma de terapia. Ela se distraía

enquanto cortava camarões, carne seca e dezenas de outros ingredientes dos pratos servidos, e isso não vinha de agora. Em qualquer momento de estresse da vida, era possível vê-la na cozinha, fazendo dos facões afiados seus instrumentos de relaxamento tal como um serial killer.

– O que foi? – meu irmão perguntou saindo de seu quarto.

Era bom tê-lo de volta em casa. Mesmo que Rique passasse a maior parte do tempo trabalhando, ele dava vida aos nossos cômodos.

– Uma editora me convidou para publicar um romance.

– Uma fanfic do seu site?

– Não! Um livro original, com personagens totalmente meus – falei atropeladamente. – O e-mail estava lá na minha caixa de entrada hoje de manhã. Quase dei um pulo da cadeira quando li.

– Você escreveu um livro original? Caramba! Não me conta nada da sua vida, mesmo, hein?! – ele me deu dois tapas leves no ombro.

E só ali me dei conta de que não, eu não havia escrito um livro original.



ANA CATARINA

Eu não estava ansiosa pelo contato da produção do programa, afinal de contas não era minha intenção ser aprovada. Não era, também, como o que eu havia sentido quando fizera minha primeira entrevista de emprego e aguardara impaciente e com o celular na mão pela resposta do recrutador.

Foi com a sensação de dever cumprido que saí da saleta azul. Eu estava contente por ter tido coragem de me expor daquela forma perante o trio de jurados. Isso me fez lembrar de um diálogo que havia tido com Bel na época que eu dera entrevista para aquele programa matinal:

– *Eu não participaria de um reality nem morta* – dissera.

E, de fato, apesar de me dar bem com câmeras, não conseguia me imaginar cercada por elas por um dia inteiro, e menos ainda por meses; assim como quem gosta de crianças, mas em seu primeiro choro, as devolve para o colo de suas mães. Me imaginar sendo televisionada vinte e quatro horas por dia soava como uma espécie de prisão.

– *Nem por uma boa grana?* – minha amiga me perguntara.

– *Nem por todo o dinheiro do mundo* – fora minha resposta final.

Claro que uma soma daquelas em dinheiro era de encher os olhos (e a conta bancária) de qualquer um. Seria o bastante para eu arrumar um lugar para morar na minha própria cidade, e o que mais eu poderia querer além disso? Ser independente nunca pareceu tão bom e necessário aos meus olhos.

Focar em algo que não fosse Rique ou a morte de Lady Olga era ótimo para manter a sanidade. Além do mais, havia as questões da minha família para pensar: minha mãe estava começando o longo processo de separação, e eu sabia que Marcelo não era do tipo de cara que aceitava com facilidade ser contrariado. Eu temia que ele se revoltasse contra ela, ou que ela sentisse saudades e voltasse atrás, fazendo todo o esforço ir por água abaixo. Ambas as possibilidades eram ruins, por isso eu tentei não me entusiasmar tanto com essa separação. Se bem que, era a primeira vez que acontecia algo do tipo entre eles, apesar de todas as brigas e agressões, o que

denotava que talvez minha mãe tivesse realmente despertado do seu sono de Bela Adormecida.

Eu estava passando pelo Royal Crescent, que era o local de Bath que Rique mais queria conhecer por conta de sua arquitetura. Eu fiquei tão encantada quanto sabia que ele ficaria ao olhar para a estrutura de quinhentos pés de comprimento, não por conta de sua altura, mas pela delicadeza de sua beleza. No século XVIII, o local havia sido a morada de um regente de concertos e sua família.

Lamentei que ele não estivesse ali, mas tentei afastar essa lamentação.

O Royal Victoria Park, que ficava ao lado do Royal Crescent, era o maior parque de Bath. Na época de Jane Austen ele era conhecido como "Crescent Fields", mas foi renomeado após a visita da rainha Vitória – aquela que cedeu seu nome à famosa Era Vitoriana – em 1830, para homenageá-la.

À Oeste eu podia ver um belo jardim botânico que foi utilizado como cenário na versão cinematográfica de “Persuasão” de 2007, na cena em que Anne Elliot e Lady Russell, sua madrinha, caminham sobre a pequena ponte antes de encontrarem Sir Walter Elliot e a Sra. Clay.

“No domingo fomos à Igreja duas vezes, e depois do culto da noite caminhamos um pouco pelos campos do Crescent, mas estava frio demais para ficarmos por muito tempo.”, disse Jane Austen em carta para sua irmã Cassandra em 12 de maio de 1801. Era bom pensar que ela havia percorrido o mesmo caminho que eu estava percorrendo agora, isso fazia sua presença parecer mais real.

Há pouco eu havia falado com minha madrinha, que havia me garantido que estava tudo bem com todos, e isso me tranquilizou. Já Sol disse que estava triste por Lady Olga, e eu compartilhava desse sentimento.

Porém, o sinal agora estava fraquejando, o que estava me deixando irritada. Era nisso que pensava quando o celular tocou.

– Alô! – eu disse em português.

Mas então a voz do outro lado da linha me respondeu no idioma local, e eu percebi, após alguns segundos, que só poderia ser por um motivo.

– Alô! – repetiu a voz diante do meu silêncio. – Ana Catarina? – meu nome soava engraçado falado com sotaque britânico.

– Desculpe! Pode falar.

– Nós gostaríamos de saber se você tem disponibilidade para vir até aqui agora. É o mesmo endereço da audição.

Olhei ao redor, as pessoas caminhavam em diferentes direções, trajando roupas de época ou modernas. Elas não olhavam para mim, mas eu as enxergava porque elas faziam parte de um dos momentos mais importantes da minha vida. Respondi:

– Estou indo!



BEL

Eu havia pegado no sono enquanto na tela da televisão passavam os créditos finais do meu filme preferido: As patricinhas de Beverly Hills, uma verdadeira obra prima da última década do século XX. Eu considerava essa a melhor recriação de qualquer livro de Jane Austen já feita, e simplesmente adorava o modo como os dilemas de Emma foram levados para a Califórnia ensolarada dos anos 90. Gostava também dos conjuntos de saia e blazer que a Alicia Silverstone usa no filme, e das frases que ela diz, por exemplo: *“Procurar um cara no colégio é tão inútil quanto buscar um significado profundo nos filmes com o Adam Sandler^[14]”*. Isso era tão universal quanto as frases da própria Jane, e mesmo quem já havia saído do colegial há anos, como eu, se identificava com isso.

Rique e eu, com a permissão da minha mãe, voltamos à casa da minha avó para começar a juntar as antigas coisas dela no dia anterior. Eu queria fazê-lo o mais rápido possível, e isso tinha esgotado minhas energias, apesar de não termos conseguido dar fim nem na metade das coisas. A tarefa foi mais difícil do que imaginávamos. Era estranho para mim, estar me livrando das coisas da minha avó como se elas fossem um fardo, mas era necessário. Eu reforcei na minha mente a ideia de que eram apenas coisas, simplesmente coisas.

– Você não vai querer mais nada mesmo? – Cássia me perguntou. – Eu já escolhi tudo o que quero.

Assim como previ, minha mãe pegou para si as louças e os livros de receita da minha avó.

– Não! Já guardei o que eu queria – isso consistia nos livros de ficção (ela torceu o nariz para isso, pois eles ocupariam bastante espaço no meu quarto) e em algumas bijuterias de camafeu; uma delas, inclusive, já estava pendurada em meu pescoço, dando um ar elegante ao meu visual simples do dia a dia.

As coisas que ocupavam mais espaço, como móveis e quadros, tinham ficado lá, intocadas.

– Bom dia! – disse minha mãe pela manhã enquanto abria as cortinas.

Geralmente eu acordava com o despertador, mas desde a morte da minha avó, há alguns dias, Cássia adquirira o hábito de me acordar. Parecia estar procurando ficar mais próxima a mim e essa era sua forma de fazê-lo.

– Bom dia! – respondi com os olhos semicerrados.

Depois de me arrumar, desci ao restaurante, que ainda estava fechado. Meus pais já estavam lá, organizando as coisas para o almoço. Quem não conhece a rotina de um restaurante, acredita que as pessoas que trabalham em um só ficam ocupadas na hora do almoço e do jantar, assim como pensam que os apresentadores de telejornal trabalham apenas uma hora por dia.

– Olha isso! – Cássia disse esticando a mão.

Olhei para a tela do celular dela, onde havia a foto de um anúncio de um concurso de restaurantes.

– O que é isso? – perguntei.

Ela explicou que esse concurso consistia no desafio de criar uma receita que misturasse duas culturas diferentes. Os restaurantes deveriam se inscrever até determinada data, e também em um dia específico, um chefe de cozinha/crítico gastronômico iria até o local para provar a receita e dar a devida nota. O estabelecimento vencedor ganharia uma reportagem na coluna de culinária de uma das maiores revistas do país, o que significava uma divulgação massiva.

– Vão participar? – perguntei. – Se ganharem, a gente vai bombar!

Eu imaginei o salão do restaurante abarrotado de pessoas e, em volta do quarteirão, uma fila enorme de gente disputando para poder entrar e se sentar em uma das nossas mesas. Ok... isso podia ser um pouco de exagero.

Minha mãe me serviu um prato de ovos mexidos. Eu agradei enquanto tomava um gole de suco.

– Não conheço muito bem a culinária de outros países – disse ela. – Meu ponto forte é a comida brasileira.

De fato, ela fazia a melhor feijoada do mundo de olhos fechados; eu não sabia que truque usava, mas a verdade é que eu podia comer essa feijoada sem precisar tirar um cochilo depois. Ela continuou:

– Lady Olga adorava a culinária inglesa, apesar de sua maior paixão ser frango de padaria, e como você ficou tão apegada a ela nos últimos anos, Bel, pensei que pudesse nos ajudar nesse desafio. Achei que poderíamos fazer isso juntos, pela memória dela e também pela nossa família.

– Sério? – perguntei surpresa. Eu sabia muito bem que ela poderia pesquisar na Internet, ou até mesmo utilizar seus conhecimentos televisivos, afinal de contas era uma entusiasta de programas culinários e tinha também uma enorme coleção de livros de receitas expostos na estante da nossa sala, coleção essa que havia aumentado no dia anterior, quando os livros que pertenciam a Lady Olga passaram a integrá-la.

– Você topa? – ela perguntou.

– Bom... eu não sou muito boa na cozinha, mas topo sim.

– Posso inscrever a gente, então? – meu pai perguntou surgindo na conversa.

– Pode!

– Vai pensando em alguma coisa.

– Pode deixar! – prometi.

Eu gostava de desafios, e gostava ainda mais de comer. Então, no caminho para o trabalho, fui refletindo sobre qual mistura gastronômica poderia ser feita para unir o Brasil à Inglaterra que minha avó admirava. Na minha vida, as duas nações já estavam unidas através da literatura, e agora minha mãe queria fazer o mesmo pelo paladar.

Quando eu ia visitar minha avó, ela costumava preparar um prato chamado *Cornish Pasty*, que era um assado recheado de carne, molho apimentado, batata, cebola e nabo. Como o próprio nome já diz, o salgado, que era uma espécie de pastel, surgiu na região da Cornualha^[15], e originalmente era recheado de carne de veado ou cordeiro, temperado com inúmeras especiarias e consumido exclusivamente pelos mais ricos da região. Esse era um prato tipicamente inglês e, ao fechar os olhos, pude sentir seu aroma invadir meu corpo. Que coisa maravilhosa é a memória olfativa!



ANA CATARINA

– É aqui que você vai morar pelos próximos oito meses – afirmou Marie, a jurada ruiva que parecia cada vez menos desajeitada aos meus olhos, e que também seria a apresentadora de Pemberley Hotel. – Essa será sua casa de agora em diante.

– É um lugar lindo! – exclamei maravilhada, ignorando as palavras dela. Como diria Sol “Entrou por um ouvido e saiu pelo outro.”. Tudo o que eu conseguia ouvir era o som do vento e dos nossos passos por aquela grama bem carpida.

Eu havia ido até o trailer da produção e, de lá, fui colocada dentro de um carro comum, onde fui levada até uma propriedade a cerca de trinta minutos de distância, ainda dentro da cidade de Bath. Já na ficção, Pemberley ficava localizada perto da cidade de Lambton, no condado de Derbyshire, a cerca de 150 milhas de onde estávamos.

Durante o caminho, observei a estradinha de terra pela janela e, ao chegar, constatei que se tratava da estrada para o século XIX.

De fato, o ambiente era a cópia perfeita de Pemberley, e tal recriação merecia ser chamada de pura arte. Isso me fez recordar do que Rique dissera uma vez: *“Ah, eu me encanto com os castelos, os chalés, as construções em geral, elas são uma metáfora para a vida, que também se constrói tijolo por tijolo, sabe?! O amor é como a arquitetura.”*. Eu concordava com ele.

– Alugamos a propriedade para o programa – explicou Marie.

Eu estava abismada, completamente abismada. Meu cérebro não tinha absorvido a pancada que era estar ali, por isso estava meio (ou completamente) aérea. Era como se eu tivesse entrado nas páginas de um livro, mergulhado nelas como um peixe.

– A Lady Catherine não vai sair de lá de dentro, não é? – perguntei repetindo a piada de quando Bel fora até a casa de Jorge.

E Marie sorriu.

Eu poderia tentar descrever o local, mas em um dos capítulos de

Orgulho e Preconceito, Jane Austen com certeza o fez melhor do que eu faria:

“O parque tinha paisagens muito variadas e era muito extenso. Entraram nele pela parte mais baixa e durante algum tempo rodaram através de um belo e vasto bosque.

Apesar da conversa animada que mantinha com os tios, Elizabeth viu e admirou todas as vistas e ambientes pitorescos. Durante meia milha foram subindo suavemente, até que se encontraram no topo de um morro bastante alto, onde o bosque terminava.

No outro lado do parque avistava-se imediatamente a casa de Pemberley, e a estrada, virando bruscamente, descia em direção a ela. Tratava-se de um imponente e belo edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma ou outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa corria um riacho que, represado, formava um pequeno lago. As suas margens não haviam sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth estava encantada. Nunca vira lugar tão bem prestigiado pela natureza. Ali, a sua beleza natural não fora ainda adulterada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos manifestavam a sua admiração; e naquela altura Elizabeth sentiu que ser proprietária de Pemberley significaria alguma coisa.

Desceram a colina, atravessaram a ponte e aproximaram-se de casa; e, enquanto a examinavam de perto, Elizabeth foi de novo tomada pelas suas apreensões quanto a um possível encontro com o dono da casa. Receava que a criada tivesse se enganado. Depois de pedirem para conhecer a casa, foram introduzidos ao hall; e, enquanto esperavam pela governanta, Elizabeth teve todo o tempo para se concentrar na propriedade em que se encontrava.”

– Desculpe – falei ao me lembrar de determinada expressão de Marie.
– Você disse que vou morar aqui pelos próximos oito meses?

Eu estava finalmente voltando à realidade, e que realidade!

– Sim!

– Eu... não entendi.

Ela sorriu como se dissesse “Ah, sua tolinha.”

– Você foi selecionada, Ana Catarina. Nós gostamos muito do seu

perfil, pois além de já fazer parte da comunidade austeniana, o fato de ser estrangeira revela o cosmopolitismo da obra de Jane. Sua brasilidade trará um frescor para a nossa edição e, sinceramente, a desistência da outra competidora parece ter sido providencial para sua entrada. É como se essa vaga tivesse sido feita para você! Sob medida.

Diante da explicação de Marie, eu me perguntei se tinham colocado álcool no meu chá inglês ao invés de leite. Fiquei alguns segundos silente, absorvendo a beleza da propriedade de Pemberley. Eu já achava Bath uma verdadeira máquina do tempo, mas aquilo ali superava todas as minhas expectativas; era mágico. Sem que eu falasse nada, ela prosseguiu:

– Bem... trouxemos o contrato para que você assine. Será necessário regularizar seu visto e essas questões burocráticas, afinal você veio inicialmente como turista. Mas não se preocupe, uma pessoa da nossa produção irá ajudá-la com isso.

Pelo visto, Marie era do tipo que não tinha tempo a perder.

– Eu vim para passar alguns dias apenas – disse.

– Agora você ficará oito meses – respondeu ela categoricamente. Apesar de tê-la conhecido há tão pouco tempo, sabia que ela tinha resposta para tudo.

Só ali, ao ouvi-la repetir a expressão “oito meses”, foi que caiu a minha ficha de que toda a minha vida seria alterada se eu dissesse “sim”. Minha faculdade, minha família (que precisava de mim especialmente agora), Bel, Rique, (que também precisava de mim especialmente agora) que há pouco era o amor da minha vida, mas que nesse momento era apenas uma lembrança doce de Carnaval – ou não.

– O programa vai começar quando? – questionei para saber quanto tempo eu teria para dar a resposta final.

Então percebi que minha brincadeira tinha ido muito longe. A intenção era tirar apenas algumas fotos nas entrevistas para o reality e ter uma história a mais para contar. Isso me fez pensar em como seria maravilhoso para o meu Instagram, tirar fotos ali em Pemberley (provavelmente seria meu ápice de curtidas), mas não tive a ousadia de pedir isso a Marie.

– Amanhã. E durará... você sabe, oito meses. Um reality show longo,

mais longo do que o habitual.

Amanhã. A-MA-NHÃ. A palavra ecoou na minha cabeça. Eu sabia do início imediato, mas não sabia que era tão imediato assim. Mas em que isso me afetaria? Em dias eu estaria em casa, assistindo a estreia no sofá ou esticada na minha cama, logo não faria diferença se começasse amanhã, depois ou dali um mês.

– Muito longo – concordei. Oito meses parecia tempo demais para alguém ficar sendo vigiado por câmeras.

– Preciso perguntar: você não vai desistir, não é?

Ela era persuasiva, e isso me fez pensar em como fora uma persuasão de tia Rubi que me levava até Bath. Também seria uma (agora de Marie) que me levaria até Pemberley?

– Como assim?

– Não sei. Não parece muito animada. A emissora investiu muito no projeto – ela olhou para a propriedade para demonstrar o quão caro fora o investimento; não era preciso palavras para expressar isso, as imagens falavam por si. – Ele não pode dar errado. Não quero pressioná-la.

“Imagina se quisesse”, pensei. Ela falava de modo firme e seguro, não me dando tempo para refletir.

– Realmente quer se tornar uma competidora?

Ao notar que eu estava hesitante, ela disse:

– Bem... se quiser dar um passeio por Pemberley para refletir, sinta-se à vontade como se fosse moradora daqui, afinal é isso que você será amanhã. Estarei na parte interna da casa. Me procure por lá quando decidir. Pense bem! Essa é uma chance única.



– Filha! Caramba, onde é que você estava? Estou tentando te ligar faz tempo.

“Estava em Pemberley, mãe.”, pensei em dizer, mas na verdade eu apenas respondi que:

– O sinal aqui está fraco – o que não era mentira.

– Estava quase ligando pra embaixada. Amanhã é o seu último dia aí, aproveite bem... Passeie bastante. Você já comeu alguma coisa hoje?

Enquanto ela dizia isso, uma ligação de Rique apareceu na tela:

– Mãe, eu te ligo daqui a pouco, tá bom?

Antes que ela pudesse responder, desliguei e aceitei a chamada dele rapidamente.

– Alô! – eu disse com a voz fraca.

– Tudo bem? – parecia que havia um estranho do outro lado da linha.

Tão poucos dias, mas tantas mudanças. A maior delas havia acontecido minutos antes.

– Tudo. E aí? Você está melhor?

– Vai demorar para eu me acostumar com a ausência dela – na segunda frase dele, já sentia que estava falando com o meu Rique de sempre, e isso me deixou mais à vontade.

– Eu também. É tão estranho, né?!

– É, sim, mas e aí, me conta, como está a viagem?

– Você não sabe – contei animada. – Fui ao Royal Crescent, é lindo. Tirei algumas fotos, vou te mandar depois pelo Austenapp.

– Vamos ter oportunidade de ir até lá juntos, e não vai demorar muito. Não precisa me mandar as fotos, amanhã você me mostra pessoalmente. Eu estarei no aeroporto, te esperando para conversarmos sobre tudo, sobre nós dois. A gente precisa conversar, e principalmente se abraçar.

“Nós dois” era uma expressão linda dita na voz dele.

– É, a gente precisa muito.

– Você não sabe o quanto eu tenho sentido sua falta, e o engraçado é que faz apenas alguns dias que você está em outro continente. Até parece que a gente se via todo dia. Olha, Catá, eu sinto muito pela burrada que fiz.

Prometo que amanhã estarei lá, esperando por você.

– Não precisa, Rique – falei juntando todas as minhas forças.

– Claro que precisa! Eu faço questão de estar lá quando você voltar.

Fechei os olhos e mais uma vez me esforcei para falar o que precisava ser dito.

– É que... eu não vou voltar! – exclamei finalmente.

Fez-se silêncio, e através dele percebi a grande distância geográfica que havia entre nós. A tecnologia era realmente uma invenção maravilhosa, em outros tempos uma carta minha para ele demoraria meses para chegar, e tanta coisa teria acontecido durante esse tempo. Enquanto nem Rique nem eu falávamos nada, eu ouvi os transeuntes conversando animadamente sobre as amenidades da vida, me distraindo por alguns segundos da conversa que eu mesma estava tendo. Nessa viagem, eu havia descoberto o quão divertido é prestar atenção nos outros quando se está sozinho.

Quando finalmente voltei a falar, expliquei os acontecimentos surpreendentes dos últimos dias.

– Espera aí, você tá falando sério que vão produzir esse reality?

– Tô, sim!

– Que incrível! – disse ele. – Literalmente.

– Pois é. Nem eu mesma estou acreditando ainda.

– Quando a Bel souber, ela vai surtar.

– Tô doida pra contar. É tão inacreditável. Você precisava ver o lugar, é a cópia perfeita de Pemberley. Eu mesma surtei, e pra falar a verdade ainda tô surtada.

– Você entrou na mansão ou só ficou do lado de fora?

– Eu entrei, mas fiquei apenas no hall. Não é permitido que eu entre até a estreia. Mas só por esse cômodo eu pude perceber que lá há uma mistura elegante de estilos arquitetônicos – eu havia aprendido muito sobre isso com ele. – O ambiente é decorado com algumas esculturas, murais e trabalhos em gesso. Tudo de muito bom gosto. Pena que não podia tirar foto, você ia adorar.

Nesse ponto, nossa conversa estava fluindo tão naturalmente que era como se nada tivesse acontecido de ruim entre nós e como se o programa não fosse uma separação. Ali, percebi o quanto eu desejava dividir tudo aquilo com ele, dividir não, compartilhar.

Mas fez-se silêncio novamente, e esse silêncio fez com que eu percebesse que aquela era uma conversa definitiva.

– Vou ter que te esperar, então – ele continuou. – Você disse oito meses, né?!

Pela terceira vez, juntei com esforço as ideias para que pudesse expressá-las do jeito certo, ou do jeito menos errado possível.

– Não, Rique. Eu não quero que você me espere.

As palavras saíram da minha garganta como se fossem lâminas.



BEL

Ao receber meu salário, aproveitei para ir à livraria. Eu estava merecendo um presente e, quem sabe, a leitura de um novo livro me inspirasse no meu próprio. Eu precisava começar logo minha primeira história original, para entregar algo bom aos editores.

Passeei entre as prateleiras de romances de CEOs poderosos até encontrar um livro contemporâneo que fizesse o meu estilo, e acabei escolhendo um romance policial, pois não estava no clima de nada muito romântico ou melancólico. Eu tinha minhas razões.

No caminho para casa já comecei a folhear e, ao chegar, me deparei com Rique.

– É, não tem jeito mesmo – meu irmão me disse.

– Não me diga que... – não consegui terminar a frase.

Ele simplesmente balançou a cabeça.

Eu não queria, ou pior, não podia acreditar nisso. Mais um luto à vista. “Vida, vai com calma aí.”, pensei.

Nós estávamos sentados nas escadas entre o restaurante e nossa casa, e sabíamos que a qualquer momento nossa mãe nos daria uma bronca por estarmos bloqueando a passagem. Isso me fazia lembrar da infância, quando costumávamos levar nossos cadernos da escola para fazer a lição de casa ali para que nossos pais pudessem nos dar atenção enquanto trabalhavam. De repente senti falta dessa época. Rique era um garotinho menor do que eu, apesar de ser mais velho. Em algum momento na puberdade, eu fiquei para trás enquanto ele continuou espichando e se tornando um belo exemplar de cavalheiro.

– Não fala assim – retorqui. – Todos os casais têm as suas crises. O pai e a mãe, por exemplo, já tiveram e continuam tendo as deles. Crise não significa ponto final. Crise é tipo... ponto e vírgula.

– Eu também queria acreditar nisso. Mas é melhor aceitar logo. Ana Catarina e eu não somos mais um casal.

A frase, dita dessa forma, me fez compreender essa realidade. Parecia que o autor tinha separado meu casal preferido do livro nos capítulos finais, sem páginas restantes o suficiente para uma reconciliação. Rique não fazia questão de disfarçar como estava se sentindo, ele era transparente demais para gastar suas energias na tarefa inútil que seria tentar esconder seus sentimentos.

– Eu tô bem triste – respondi impactada. – Shippo vocês pra caramba. É como se um pedaço de mim tivesse sido arrancado, mais um pedaço. Se a vida continuar assim, daqui a pouco vou desintegrar e quando a mãe for me acordar de manhã, vai perguntar “Cadê a Izabel?”, aí ela vai sair gritando pela casa, depois pelo restaurante, até chegar à rua, e ninguém, simplesmente ninguém vai saber onde estou, porque eu não vou estar em lugar algum.

A historinha cômica era minha maneira de tornar a conversa menos triste.

– Não faça isso. Acho que já perdi demais nos últimos dias.

– Eu também, mas não perdi as esperanças, e acho que você também não deve perder.

– É tudo tão estranho.

– Tô bem chateada com a Catarina. Tá certo que você vacilou, mas eu dei meu irmão a ela com tanto carinho e ela vai e me faz isso – eu realmente estava irritada. Parecia um pouco de insensibilidade da parte dela, não pela decisão em si, mas pelo modo como ela a anunciara ao meu irmão.

Um reality show sobre o universo de Jane Austen era simplesmente uma coisa incrível, e eu não a culpava por ter aceitado viver essa aventura. Uma hora antes, eu e ela havíamos passado quase sessenta minutos conversando sobre isso. Ela me narrara detalhes sobre o lugar e sobre como tudo acontecera, e eu ouvira como se estivesse escutando o relato de alguém que havia conhecido o Paraíso e voltado para contar a história. Pemberley Hotel era um sonho que estava ali para ser vivido por Catarina, mas não significava que para isso ela precisasse jogar a vida real no lixo, até porque, quando o sonho chegasse ao fim, era essa vida real que a estaria esperando aqui fora.

– Não sei como tudo isso aconteceu. Não sei em que momento a gente

se perdeu tanto – Rique continuou.

Percebi que meu irmão estava de coração partido, e disso eu entendia bem.

– Se vocês se perderam, se encontrem de novo.

Ele olhou para mim.

– Olha, eu não deveria te dar nenhum conselho, até porque sou péssima nisso, né?! Mas... eu vou dar mesmo assim: não desiste dela, Rique. É muito raro encontrar um sentimento verdadeiro hoje em dia, e acho que quem encontrou, não deveria desistir fácil dele.

– Você me dizendo isso?

– Pois é. Eu estou! Por que a surpresa?

– Você sempre pregou o “ser feliz sozinho”.

– Isso é para a minha vida. Além do mais, achar que se pode ser feliz sozinho não é ser contra o amor, muito pelo contrário.

– Ela simplesmente me anunciou que não me queria mais.

– Usou essas palavras? – eu sabia que Catarina jamais faria isso.

– Não exatamente.

Nesse momento, minha mãe surgiu.

– A gente já tá saindo – eu disse me levantando.

– Tá tudo bem? – ela perguntou. E eu me sentei novamente ao perceber que Cássia não estava com seu facão na mão.

– Uhum! Tenho que terminar de arrumar minhas roupas – Rique se levantou e eu fiquei ali com ela.

– O que está havendo?

– Nada – respondi.

Achava que era ele quem deveria contar sobre o término, mas acreditava que antes que isso fosse necessário, Rique e Catarina se acertariam e ninguém além de mim precisaria saber que em algum momento aqueles dois cabeças duras haviam sequer pensado em terminar.

– Certeza? – questionou ela desconfiada.

– Sim!

– Falando nisso, você não tem mais saído com o Jorge? Achei ele tão bonitinho e educado.

Senti um amargor invadir minha garganta ao ouvir aquele nome, e depois os elogios, tão equivocados elogios.

– Não, não tô! – exclamei. – Ah... – disse me lembrando da receita e aproveitando para mudar de assunto. – Tive uma ideia para o concurso culinário – falar de comida era bem mais agradável.

– Me conta, me conta tudo.

– Lembra que a Lady Olga fazia uns pasteizinhos ingleses?

– Sim! Você adorava.

– O nome disso na Inglaterra é *Cornish Pasty*.

Minha mãe repetiu a palavra com um sotaque engraçado, e eu contei a ela rapidamente sobre a história do prato que eu havia pesquisado na Internet.

– Por ser algo prático de se comer por não precisar de talheres, eles eram levados pelos garimpeiros para o fundo das minas, onde eram comidos como refeição principal. O recheio era de carne e cebola, mas aí eu pensei, por que não colocar algo mais brasileiro dentro?

– Corrupção? – Cássia perguntou, mostrando de quem eu havia herdado meu sarcasmo, e não, não era de Jane Austen.

– Isso não é monopólio nosso.

– O quê, então?

Contei a ela qual era minha ideia gastronômica genial.



ANA CATARINA

– Passaremos aqui amanhã para te buscar, ok?!

– Ok! – respondi a Marie, que estava dentro do carro.

A pergunta dela era quase a própria resposta, como se essa fosse sua forma de demonstrar estar no controle da situação. Como se precisasse de mais uma demonstração disso.

– Não precisa levar nada! – ela concluiu por fim. – Você terá um guarda-roupa novo em Pemberley. Um guarda-roupa de Lady.

Sem dizer mais nenhuma palavra, ela pediu ao motorista para dar partida e eu observei o carro ir embora. Um guarda-roupa repleto de peças novas não parecia má ideia.

Depois olhei para a pousada. Seria a última vez que eu entraria ali para passar uma noite antes que a maior aventura da minha vida começasse. Eu ainda não estava acreditando no que estava acontecendo, nem tinha plena certeza de que havia tomado a decisão certa (sequer sabia em que momento havia decidido isso). Eu apenas tinha permitido que a maré me levasse para o lado que o vento, por sua vez, a estava levando.

Logo após o meu “sim”, a produção havia dado início aos trâmites burocráticos. Minha estadia na Inglaterra seria uma longa temporada. Marie ficara muito feliz com a minha resposta. Ela era tão confiante, tão segura, e eu constatei que ela era o vento que levava a maré. Acho que a convivência com Bel me fez ficar boa com metáforas.

– Tô orgulhosa de você – minha madrinha disse ao telefone. Ela estava exultante e isso era perceptível através de seu tom de voz. – É uma atitude muito corajosa da sua parte.

– Eu também – respondi. – Também tô orgulhosa de mim.

Mas então por que eu continuava sentindo um buraco no peito? Por que esse orgulho todo não era capaz de preenchê-lo?

Tia Rubi quase surtou quando soube que eu havia conhecido Louis, o

jurado do “Guerra de Confetes” que também estava envolvido na produção de Pemberley Hotel.

– Eu amo realities, simplesmente amo, você sabe! Minha própria afilhada estar em um é um orgulho tão grande, eu vou torcer feito louca. Só não pare os estudos, viu?! A fama é passageira.

Quando ela disse isso, me passou pela cabeça que talvez em breve eu recebesse o rótulo de subcelebridade, afinal é isso que participantes de realities se tornam, ainda que futuramente possuam outras carreiras. O estigma fica para sempre, e eu queria me tornar uma jornalista no meu país. Mas então lembrei que Pemberley Hotel era uma aposta recente da emissora, e que havia grandes chances de não se tornar um programa tão conhecido assim, apesar de ter uma premissa genial.

– Não vou parar. Prometo! Assim que sair, eu volto pra faculdade.

Era estranha a sensação de estar abandonando os estudos, mas eu sabia que a universidade não sairia do lugar, pois ela era uma edificação, já a oportunidade que eu estava tendo agora, era absurda e absolutamente única. Prometi não só à minha madrinha, mas a mim mesma, que assim que voltasse ao Brasil, destrancaria minha matrícula (minha avó ficou responsável por trancá-la e pagar a última mensalidade, além de pedir demissão do Pet Shop por mim).

– Mas não precisa ter pressa para ser eliminada.

Isso me fez sentir certo medo de ser a primeira a sair, pois esse fato carregava em si um tom de humilhação. Se eu fosse a segunda participante a deixar Pemberley, já estaria satisfeita, mas Marie estava tão confiante em minha candidatura, que afirmava naturalmente que seriam oito meses. Me perguntei se isso era uma espécie de favoritismo, o que me assustou, pois causava a pressão de suprir as expectativas dela. Expectativas eram algo de que eu queria fugir! Havia criado tantas ao sonhar com uma viagem romântica, e nenhuma delas fora suprida.

Tia Rubi passou o telefone para os meus irmãos, e eu conversei um pouquinho com eles. Logo depois, ela pegou de volta:

– E o namoro? Por acaso foi pela morte da avó do Henrique que ele não foi viajar com você?

– Foi, sim!

– Coitadinho, e eu aqui o julgando. Como a gente se engana, não é?!

“Ah, agora você fala isso?”, pensei com certo rancor ao me lembrar de que eu só havia subido no avião por causa dela. Mas depois, constatei que se não fosse tia Rubi, eu não teria conhecido o lugar mais bonito que já vi: Pemberley Hotel.

– Como a minha mãe está? – eu havia desligado a última chamada apressada para conversar com Rique, e nem tivera tempo de perguntar como ela estava passando.

– Está bem, digo, bem mal.

– Nossa, que acalentador.

– Você sabe que sou sempre sincera, oras.

Essa era a qualidade que eu mais admirava na tia Rubi, pois eu sabia que independentemente de qualquer coisa, podia confiar nela. Ela continuou:

– Sua mãe é muito dependente do Marcelo, não será fácil se acostumar com a ausência dele, mas a parte mais difícil ela já fez, que foi mandá-lo embora.

Eu estava sentindo na pele o que era lidar com a ausência. Imaginar que nunca mais sentiria a barba de Rique roçando no meu pescoço, sua língua entrelaçando na minha, suas mãos na minha cintura. Ok, é melhor parar por aqui!

– Eu tenho medo – contei voltando ao assunto.

– De ficar confinada naquela mansão?

– Não, tô falando da minha mãe ainda. O Marcelo é um cara violento. Já a agrediu algumas vezes, não é do tipo que aceita levar um não como resposta. Você sabe como os caras assim são. Eles preenchem horas inteiras de jornais sensacionalistas todas as tardes com seus casos macabros.

– Fica tranquila. Não se preocupa com isso. Ele é como esses cachorros grandes, ele late, mas não morde.

Já eu, não tinha tanta certeza disso.

Mas uma outra certeza eu tinha: Pemberley esperava por mim.



BEL

– Tô tão orgulhosa de você! – eu disse a Catarina.

Estava em uma pracinha que ficava próxima ao escritório. Era meu horário de almoço e eu aproveitei para tomar um ar. Às vezes me cansava de ficar trancada dentro daquela sala ampla cheia de computadores, mas isso já estava perto de acabar.

– Também tô orgulhosa de você. Eu sempre soube que uma hora uma coisa dessas aconteceria.

Eu havia contado a ela minha grande novidade literária, e isso me fez compreender um pouco mais o acontecido. Era meu sonho publicar um livro só meu, mas eu sabia o quão difícil era, por isso me contentava com as leituras gratuitas da Internet.

– Quem diria que nós duas seguiríamos esses caminhos? – perguntei.

– Lembra de quando a gente se conheceu?

Claro que me lembrava. Eu, a autora que escrevia fanfics para si mesma, e ela, a menina que tinha um Instagram com pouquíssimos seguidores. Foi afinidade instantânea, de modo que Catarina se tornou minha primeira leitora e eu a primeira a curtir suas fotos religiosamente. Com o tempo, a divulgação e a ajuda de Rubi, Will e Manoela, que passou a caprichar nos vestidos regenciais que fazia para a filha, a rede social de Catarina se tornou muito seguida ao mesmo tempo em que meu número de leitores crescia.

– Duas adolescentes nerds viciadas em Jane Austen. Aliás, foi ela quem nos uniu.

– Sim!

– E agora ela está nos separando – eu disse.

– Como assim, Bel?

– Ah, você sabe... agora você vai fazer sua vida aí na Europa e as coisas vão mudar. Nada será como antes.

– Izabel Maria Sanches! Você é a minha melhor amiga e sempre, sempre será. Mesmo que a gente esteja longe agora, ou ainda que eu estivesse indo morar em Marte. Você é a minha Elizabeth e eu sou a sua Jane Bennet.

Me senti boba fazendo o papel de sentimental, mas por ser fora do usual, gostei de demonstrar meus sentimentos, coisa que raramente fazia. Eu sabia que as coisas estariam diferentes quando Catarina voltasse.

Rasgamos mais um pouquinho de seda e depois voltamos a falar do livro.

– Já começou a escrever?

– Ainda não.

– Tá esperando o quê?

– Terminar o semestre da faculdade, e a ideia vir.

– Mas você sempre teve tantas ideias.

– Pra fanfics, né?! É mais fácil mergulhar em um universo conhecido e amado, já criar tudo do zero parece tão assustador.

– Eu que o diga. Tô começando do zero aqui. Nem acredito que daqui algumas horas eu vou estar em Pemberley – o tom de voz dela não era muito animado, apesar dessa ideia parecer inconcebível quando se fala de Pemberley.

– Espera aí, não está feliz com isso?

– Estou feliz, mas assustada também.

– Você vai ser um sucesso, aliás, já é. Só o fato de estar aceitando viver a experiência, já significa muito.

– Eu quero ser sua primeira leitora.

– Se tudo der certo para nós duas, você ainda vai estar na disputa quando eu estiver escrevendo meu primeiro livro original.

– Está se desfazendo de mim?

– Não! Mas agradeça por eu ter te perdoado.

– Perdoado?

– É! Por você ter terminado com meu irmão por uma bobagem.

- Não foi bobagem, Bel.
- Ele só queria te proteger.
- Depois nos falamos. Tenho que ir! – ela cortou a conversa.

Eu sabia que aquela poderia ser a primeira de muitas vezes que minha amiga me deixaria no vácuo, afinal agora ela se tornaria uma celebridade internacional, e não só na Internet.



Quinze dias depois do e-mail da editora, eu ainda não havia começado a escrever o livro.

– É hoje que o William chega? – perguntou minha mãe na hora do almoço.

Desde a morte da minha avó, ela passara a exigir que toda a família estivesse em torno da mesa para almoçar aos sábados, o que para mim era bom, pois esse dia da semana tinha se tornado vazio com a ausência de Lady Olga. Agora eu não tinha mais compromissos nessa data, e precisava tentar enxergar o lado bom disso.

– É sim! – respondi.

– Eu e a Bel vamos buscá-lo no aeroporto – Rique contou.

– O apartamento que ele alugou está ajeitadinho? – perguntou meu pai.

O prédio onde Will ia morar pertencia à construtora onde meu irmão trabalhava, e ficava do outro lado da rua, bem em frente ao restaurante. Minha mãe era colega do porteiro de lá, que fazia alguns favores a nós quando, por exemplo, não estávamos disponíveis para receber correspondências.

– Está! E o preço também é ajeitadinho – concluiu Rique. – Isso é o mais importante.

– Isso é bom! Will parece um bom menino.

– Ele é um cara legal.

– Vocês dois precisam mesmo de amigos por perto agora – disse minha mãe. – Amigos novos!

Eu sabia a que ela se referia, e não era apenas à morte da nossa avó, mas ao término do namoro de Rique. Quanto a Jorge, ela nunca mais havia tocado no assunto, e isso era sinal de que estava se esquecendo dele. Ainda bem!

Já estava com saudades do frango assado que minha avó tanto adorava, e ao invés de jantar no restaurante, decidi que naquele dia iria até a padaria para comprar o frango e mais tarde matar a vontade do sabor nostálgico. Eu mal tinha acabado de almoçar, mas como a padaria fecharia, tinha que ir agora se quisesse pegá-la funcionando.

– Tô indo lá – disse no fim do almoço enquanto me levantava da mesa.

O frango não ficaria tão bom esquentado no micro-ondas, mas fazer o quê?!

Desci as escadas e ganhei a rua. Estava virando a esquina quando senti que havia uma presença me seguindo e, sem olhar para trás, prossegui o caminho acelerando o passo até alcançar meu destino. O coração acelerou na mesma medida. TUM-TUM-TUM!

“Me deixa em paz, me deixa em paz, me deixa em paz.”, pensava enquanto andava. Seria paranoia minha causada pelo trauma? Não, eu não podia estar enganada. “Coragem, Izabel!”. Precisava enfrentar os fatos para gritar ou correr se fosse necessário.

Só ali me virei, e vi que quem me seguia tinha quatro patas e um rabo. Isso me tranquilizou e fez minha respiração voltar ao ritmo normal. A criatura me olhou como se me cumprimentasse, e eu correspondi ao olhar simpático.

Fui para a fila, e o cãozinho se posicionou em frente ao forno onde os frangos giravam. Ele ficou ali, observando, observando, observando... e fazendo valer aquele ditado do qual não me lembro direito, mas que cita frango de padaria. Constatei que estava faminto.

Me aproximei dele e acarinhei seus pelos sujos.

– É, querido! Não me leve a mal, mas você está precisando de um banho – disse a ele em voz alta, e depois percebi que alguém olhou para mim nesse momento, como que estranhando que eu estivesse falando com um cachorro.

A alguns metros dali, havia uma casa de ração. Fui até lá e quando voltei trazendo um pacote, ele já não estava mais no mesmo lugar.

“Onde você se enfiou, amiguinho?”, me perguntei.

Diante da decepção, retornei à fila, que já havia diminuído, e após comprar o frango fui para casa.

– Seu amigo? – minha mãe perguntou na porta do restaurante.

Olhei para trás e vi o cachorrinho novamente.

– Danadinho! – exclamei em voz alta.

Ele me olhava com o mesmo olhar simpático de antes. Havia me seguido tão sorrateiramente que nem percebi sua presença no caminho de volta.

Subi até em casa, peguei duas tigelas, enchi uma de água e uma de ração e desci novamente.

– Leva para o outro lado da rua – pediu minha mãe.

Revirei os olhos, mas obedeci e observei meu novo amiguinho matar sua fome e sua sede. Minha mãe também atravessou a rua conosco.

– Ele me seguiu da padaria até aqui, acredita?

– Sério? É bonitinho, só está precisando de um banho, ou de alguns.

Meu sonho de infância era ter um animal de estimação, mas por morarmos em cima do restaurante, meus pais não o deixaram se realizar. Eu havia parado de insistir em torno dos dez anos.

– Você não está pensando em... – disse ela. – Não, não, não, nem pense nisso, Izabel! Tenho uma reputação a zelar. Imagina se alguém encontra um pelo na comida. Seria o nosso fim!

O cachorro olhou para ela ao ouvir isso, como se dissesse “Eu jamais faria isso, senhora.”

– Não foi você quem disse que a gente precisava de novos amigos? – perguntei usando de suas palavras contra ela própria.

– Amigos com pernas, não com patas – minha mãe retorquiu.



ANA CATARINA

– Pronta para a estreia? – Marie me perguntou logo após a assinatura do contrato. Eu tinha a impressão de que ela não tinha folga, pois além de ser a apresentadora, estava fazendo o trabalho de produtora do programa. Constatei que ela era uma *workaholic* enquanto largava a caneta tinteiro na mesa.

– Estou, sim! – respondi animada.

Mas não se engane, muitos outros sentimentos estavam contidos nessa animação.

– O nome Ana Catarina me lembra Anna Karenina, do livro de Tolstói.

– É, a minha mãe viu uma mulher lendo esse livro em um ônibus quando estava grávida. Ela gostou do nome e acabou adaptando para um jeito mais brasileiro.

– Catarina também é uma versão abasileirada de Katherine, não é?!

– Não deixa de ser – concordei.

Nós ficamos em silêncio e foi Marie quem voltou a falar.

– Será uma longa temporada.

– Será? – perguntei.

– Como assim?

– Eu posso ser eliminada logo no início.

– Não se começa nada sendo pessimista.

– É realista – objetei. – Não quero que coloque muita expectativa em mim.

– Não estou colocando, até porque minha obrigação é ser imparcial, mas como profissional que sou, tenho visão de mercado e consciência de que você é uma forte candidata.

– Você não é como aqueles caras safados que dizem a mesma coisa

para todas as garotas para fazê-las se sentir especiais, né?!

Ela riu.

– Não, não sou!

Compreendi que Marie não confiava no meu taco, mas no dela própria. E ela passava tanta confiança, que era difícil não confiar também. Eu estava prestes a me sentir a rainha do taco.

– Obrigada, mas só estou tentando ser racional.

– Não me agradeça, apenas viva o jogo como se realmente estivesse no século XIX. Os outros competidores, seus colegas de confinamento, chegarão às cinco. Nossa estreia será às oito da noite, ao vivo.

– Estou curiosa para conhecê-los.

Eu realmente estava, pois eles seriam minha companhia pelos próximos dias, ou semanas, ou meses. Várias perguntas passaram pela minha cabeça. “Será que eles são todos ingleses ricos que usam suéter por cima da camisa pólo? Será que vão gostar de mim? Será que vão me discriminar por ser brasileira e se surpreender ao ver que não uso um cocar em torno da cabeça?”

Marie se levantou da cadeira e foi até a cafeteira, onde colocou a cápsula de café extraforte.

– Aceita?

– Não – respondi.

Segundos depois, ela virou o copo de café de uma vez só, e eu me perguntei se não havia queimado a língua.

– Tomara que se formem casais. Casais dão audiência em realities shows. Falando nisso... nessa correria deixei de perguntar algo muito importante: você é solteira?

– Não! – respondi. – Sim!

Não havia caído minha ficha de que Rique e eu tínhamos terminado nosso relacionamento. Eu ainda não tinha me acostumado com o fato de que estava solteira, afinal de contas havia sido um relacionamento longo e que, além disso, tinha se rompido repentinamente, sem aviso prévio. Não era

como o casamento de minha mãe, que estava se deteriorando desde o início. Rique e eu parecíamos estar fortes como nunca quando de repente o fim aconteceu. Eu definitivamente não estava no clima de sair cantando “*All the single Ladies, oh, oh, oh, oh...*”

– Estou! – concluí por fim.

– Isso é bom, assim pode focar no trabalho.

– Eu não estou focando? – perguntei.

Não queria que Marie se tornasse uma espécie de Miranda Priestly, a chefe de O Diabo Veste Prada, por isso sabia que o melhor a fazer era responder à altura a qualquer investida sobre minha vida pessoal. Se bem que, naquele ponto, eu não tinha mais vida pessoal, ou melhor, o trabalho era minha vida pessoal. Realities são sobre isso, não são? Espera... eu podia chamar aquilo de trabalho?

– Está, sim. É que às vezes relacionamentos são um empecilho – ela parecia ter conhecimento de causa. – Por que hesitou ao responder?

Eu não sabia se devia me abrir com ela, mas Marie parecia estar me dando essa brecha e como eu precisava conversar, acabei dizendo:

– Eu terminei ontem.

– É sério?

– Uhum! Me desculpe se fui grossa com você agora, sério, mil perdões. Acho que fui muito ríspida, é que tudo está acontecendo tão rápido que estou confusa. E triste. E mais um pouco confusa.

Eu estava arrependida da minha grosseria.

– Tá tudo bem! E ele está na Inglaterra?

– Não, no Brasil.

– Você terminou por causa do programa, estou certa?

– Sim – eu não tinha certeza da minha resposta, na verdade estava mais inclinada a duvidar dela, mas achei melhor não aprofundar meus reais motivos.

– Corajoso da sua parte, revela muito comprometimento. Isso comprova que eu não estou errada em acreditar em você.

Mesmo que soubesse que as motivações eram mais profundas, me senti uma interesseira por ter deixado parecer que eu havia aberto mão de um amor por causa de um programa de televisão.

– Eu já fiz isso – revelou ela. – E não me arrependo.

– Já terminou um namoro por um trabalho?

– Por um trabalho não, por “o trabalho”.

– Pemberley Hotel?

– Sim!

– Você é a idealizadora do programa? – isso já havia passado pela minha cabeça.

Ela era tão apaixonada por cada detalhe, que tudo aquilo só podia ter saído de dentro dela.

– Sou, sim!

– Parabéns, é genial.

– Obrigada!

– Por que um reality tão longo? – perguntei. – A maioria dura apenas três meses por temporada.

Eu não era exatamente uma entusiasta de realities, mas assistia a alguns, vez ou outra, principalmente o “Guerra de Confetes” com minha madrinha.

– Porque tem a ver com Jane Austen. Você deve ter reparado que em todas as histórias dela, as personagens precisam de tempo para amadurecer. Lizzie Bennet, por exemplo, ficou um tempo sem ver o Darcy para finalmente aceitar a segunda proposta dele. Nós chegamos à conclusão de que é necessário um período de tempo para fazer os candidatos mostrarem o seu melhor para o público.

Isso fazia total sentido.

– Além disso, as locações não são baratas, você viu como a recriação de Pemberley é perfeita, e também perfeitamente cara. Nós alugamos essa propriedade que na realidade se chama Shelly Place, e que era um hotel há algum tempo, antes da crise, quando as pessoas tinham dinheiro para se

hospedar em coisas assim na Lua de Mel ou quando bem entendessem; acho que agora ninguém se casa mais, para não ter que custear o divórcio depois. Os donos só aceitaram assinar o contrato se fosse por no mínimo um ano. A decoração e adaptação foram totalmente pagas pela produção. Com um reality mais duradouro, teremos mais tempo para publicidade e para recuperar o dinheiro investido.

– Mas me conta sobre como você abriu mão de um amor pelo seu trabalho.

Queria saber mais sobre ela, até porque, era provável que não só Marie, mas muitas outras pessoas saberiam muitas coisas sobre mim nos próximos tempos (fossem dias, semanas ou meses). Nada mais justo do que um pouquinho de reciprocidade. Meu lado jornalista estava desperto.

– Eu estava namorando quando criei o projeto e mostrei à emissora de TV onde eu era âncora de um jornal. Na verdade, isso começou muitos anos antes – ela disse como se pedisse permissão para contar uma longa história.

– Conta – pedi curiosa. Eu queria realmente saber do início.

– Foi ainda na faculdade. Minha classe estava fazendo uma excursão por Derbyshire, um condado rural. No último dia do passeio, nossa professora nos levou para conhecer uma das locações de Orgulho e Preconceito, a versão de 2005. O palácio de Chatsworth pertencia aos Duques de Devonshire, cujo nome da família é Cavendish. William Cavendish foi o segundo esposo de Bess de Hardwick, e com ela teve duas filhas. A mansão contém uma coleção impecável de inestimáveis pinturas, móveis, desenhos de pintores que trabalharam antes de 1800, esculturas neoclássicas, entre outras artes. Os jardins de Chatsworth são um dos mais conhecidos do nosso país, e essa fama é muito merecida – ela parecia uma metralhadora de informações, e seus olhos brilhavam enquanto as dividia comigo. – Desculpe, acho que estou falando demais.

– Estou acompanhando, pode continuar.

– Há quem diga que Jane Austen tenha imaginado essa mansão quando descreveu Pemberley, e no livro, Elizabeth e seus tios visitam Chatsworth antes de visitar a morada de Darcy. Me encantei por aquele local ao imaginar que minha mocinha preferida da literatura havia

estado ali também.

Eu sabia o que ela estava sentindo, pois havia sentido o mesmo quando caminhei por certos lugares de Bath.

– Nunca tirei sua beleza da cabeça. Anos depois, eu já tinha me formado, já tinha emprego fixo, carreira estável e em ascensão. Morava em Londres e tinha um namorado. Ele era o cara dos meus sonhos, aquele que eu havia idealizado e que cabia, a seu modo, na minha vida perfeita, vida que eu finalmente tinha conquistado depois de muito estudo e muito trabalho. Bem... na verdade ele não era tão perfeito assim, mas era justamente isso que me encantava nele, pois sua imperfeição se destacava no meio da perfeição do resto, se destacava de um modo... – ela fez uma pausa para mudar o rumo da explicação, e isso me fez perceber que ainda gostava do tal namorado. – Quando surgiu a aprovação do meu projeto de transformar Pemberley em programa de televisão com pessoas reais, não tive escolha. Era Pemberley Hotel ou ele. O final da história você já sabe – ela olhou ao redor para demonstrar o desfecho.

– Londres não é tão longe daqui.

– 115 milhas – disse com exatidão.

– Vocês poderiam continuar se vendo.

– Mas não foi a distância. A grande questão foi o foco. As coisas precisam de foco para dar certo. Eu sabia que se continuasse namorando, teria que dividir minha atenção entre duas coisas. Então coloquei na balança para pesar o que era mais importante para mim, e constatei que meu trabalho e meu sonho estavam em primeiro lugar.

– Não sofreu?

Ela pareceu desconfortável com a pergunta.

– Desculpe! – disse quando percebi que havia tocado num ponto sensível. – Só acho que você não precisava escolher.

– Mas foi exatamente o que você também fez, não foi?

Só ali eu compreendi que sim, foi o que eu havia feito, embora no fundo houvesse outras questões envolvendo minhas escolhas.

– Nós somos mais parecidas do que eu pensava – concluiu Marie. –

Acho que foi por isso que simpatizei tanto com você. Se quiser um conselho, o que eu lhe dou é: deixe do lado de fora tudo o que está do lado de fora. Entre em Pemberley de mãos vazias, só assim poderá sair de Pemberley com as mãos cheias.

Ela se levantou. Era hora de ir.



BEL

Durante todo o tempo em que Rique não estava trabalhando (e que era pouco, pois ele havia se afundado em projetos e mais projetos para desanuviar os pensamentos das suas dores de amor), ajudava Will com as coisas da mudança. Mobilhar e decorar um apartamento não eram tarefas fáceis para se cumprir sozinho, e carregar caixas parecia uma terapia para meu irmão, tal como a culinária era para minha mãe e a escrita para mim.

– Com o tempo vai ficando com a minha cara – disse o novo morador do Rio de Janeiro.

Eu concordei, assim como os animais, as casas também ganham a cara do dono.

– Vocês assinaram na TV de vocês o canal a cabo onde vai passar Pemberley Hotel?

Não, nós não havíamos assinado, pois Catarina tinha se tornado um assunto proibido na frente do ex, embora meus pais e eu soubéssemos que ele *stalkeava* a vida dela no programa. É claro que eu não deixaria de prestigiá-la, por isso assistia sozinha pelo celular.

Eu também tinha sido encarregada de tomar conta das redes sociais de Catá durante sua estadia, e de subir a hashtag #StayCatarina. Will também tinha programado publicidade no Austenapp para fortalecer a popularidade da nossa amiga.

Na minha casa, o único reality show assistido era o “Guerra de Confetes”, que como o nome sugere, consistia na competição de confeitheiros entre si. Minha mãe era fissurada por esse programa e tirava dele diversas receitas de doces, incluindo um cupcake de banana que eu adorava.

Henrique não era do tipo de homem que passava a odiar a ex-namorada por causa do término. Ele era um cavalheiro, e eu sabia disso embora fosse a primeira vez que meu irmão tinha um relacionamento sério, mas por ser sensível demais, eu e minha família havíamos feito o trato de não mencioná-la na frente dele. Minha mãe estava quase tão triste quanto Rique,

pois para ela Catarina era a nora ideal, perfeita em todos os quesitos, exceto o de morar perto, quer dizer... na visão de Cássia, até isso era bom, pois significava que Rique não sairia tanto para jantar fora, coisa que ofendia sua vaidade de cozinheira. Meu pai também estava decepcionado, mas não com minha amiga, e sim com a atitude do meu irmão de esconder a morte da minha avó antes da viagem. Para ele aquela tinha sido uma atitude inadmissível por parte de seu filho, embora a intenção fosse boa.

– Então venham assistir aqui em casa nos finais de semana – Will convidou. Ele não sabia do nosso “trato de silêncio”, e para minha surpresa, meu irmão aceitou ao convite.

O lugar era pequeno, mas pela ausência de objetos, tinha aparência de ser maior do que realmente era. Isso me deu vontade de me livrar da maioria das coisas do meu quarto só para desfrutar da mesma sensação de liberdade.

– Beleza! – Rique respondeu.

E era mesmo uma ideia legal. Assistir acompanhada era muito mais interessante do que postar as opiniões na Internet e esperar os comentários para poder interagir.

– A gente pede pizza.

Pizza também era uma boa ideia. Quando meu irmão foi beber água, Will me perguntou:

– Bola fora?

– Acho que não. Ele pareceu tranquilo em relação a assistir ao programa.

– Não consigo acreditar que eles terminaram. Formavam um casal tão fofo. A Catarina sempre falava dele. Pareciam o casal perfeito.

– O que ela falava? – Rique perguntou surgindo na ponta da sala com o copo da mão.

Will se virou para ele.

– Ah... falava bem de você. Que você era o melhor arquiteto do Brasil e melhor namorado. Eu achava tão meloso, e até fingia colocar o dedo na garganta para irritá-la, aí ela dizia “Um dia você vai fazer o mesmo e eu vou rir de você.”. Torço pra vocês voltarem, cara!

As últimas frases de Will poderiam muito bem ter sido ditas por mim.

– Não vai acontecer – afirmou ele categoricamente. – A gente não vai voltar.

Mas meu irmão pareceu feliz ao saber que tinha sido amado, mesmo que agora acreditasse que não mais fosse.

No pequeno móvel que Will fazia de raque, havia um exemplar de 1984.

– Amo esse livro! – exclamei.

Eu o havia lido para um desafio de leitura baseado no meu seriado favorito. Esse desafio consistia em ler todos os livros lidos pela personagem principal ao longo das oito temporadas. Rory Gilmore era uma heroína para mim.

– Também tô gostando muito, tô na página cem.

– Tem tudo a ver com reality show. Se Pemberley Hotel existe, não devemos isso só a Orgulho e Preconceito, mas a esse livro também.

– “O Grande Irmão está de olho em você” – ele citou a frase célebre do livro.



– Bom dia! – disse minha mãe na manhã seguinte.

"Ela vai abrir as cortinas.", pensei. E foi exatamente o que fez. Já havia me acostumado com essa nova rotina e já não ativava mais o despertador do celular, pois agora tinha o despertador humano.

– Você pode faltar à aula hoje?

– Por quê? – perguntei. – Vão precisar de ajuda no restaurante? Minha própria mãe me incentivando a matar aula.

– É por uma boa causa. Programa em família.

Estranhei! Estávamos no meio da semana, que costumava ter menos

movimento do que nos fins, mas ainda assim o restaurante nunca fechava as portas, quer dizer, quase nunca, e esse quase consistia apenas no dia do funeral de Lady Olga e nos Natais e Anos Novos.

– Pode ou não? – insistiu.

– Acho que sim! – respondi ao constatar que eu nunca tinha faltado na matéria daquele dia.

Me levantei para me vestir para o trabalho.

– A gente te busca quando você sair, pode ser?

Balancei a cabeça afirmativamente e segui para o jornal.

Assim que o expediente terminou e eu desci para ir embora, vi o carro dos meus pais estacionado no meio fio. Rique estava no banco de trás, e minha mãe, que estava no volante, buzinou.

– Entra! – gritou ela.

Entrei no carro, onde todos estavam com a camisa do Botafogo.

– A gente vai ao jogo? – perguntei.

Meu pai respondeu jogando uma camiseta na minha direção.

– Veste aí! – disse ele.



ANA CATARINA

Mais uma vez eu estava no magnífico hall de Pemberley Hotel, só que agora havia ido de mala e cuia, metaforicamente, afinal não podíamos levar nossas roupas ou objetos pessoais para lá. Como Marie tinha dito, nós teríamos um novo guarda-roupa, e ele seria todo Georgiano.

Novamente olhei, agora com mais atenção, para os detalhes da decoração exemplar do local. Tudo era tão perfeito que parecia que eu havia não apenas viajado no tempo, mas também da realidade para a ficção; melhor dizendo, era como se eu tivesse adentrado as páginas de um livro.

Tive vontade de tocar os objetos ao meu redor, mas me contive como se estivesse em um museu. Obra de arte era para ser apreciada de longe.

Marie apresentou os dezesseis participantes do programa uns aos outros.

Ao contrário dos competidores da maioria dos realities shows, o time era composto por um grupo de pessoas de faixas etárias diferentes, mas Jane Austen nos unia de alguma forma.

– John, Lucas, Michael, Hempsey, outro John, David, Thomas e Edward. Esses são os cavalheiros – Marie disse. – A propriedade mais vigiada da Inglaterra lhes dá as boas-vindas!

Todos eles estavam trajados a caráter, ao contrário de nós, mulheres, que ainda estávamos à lá século XXI (eu tinha tirado meu vestido de época há pouco, pois acabara de gravar a chamada para o programa, chamada essa que o restante do pessoal havia gravado há algum tempo), e tinham um porte altivo, talvez por causa das roupas; eu sempre achei que sobrecasacas deixavam as pessoas mais elegantes e, algumas vezes, mais sexy.

John era um senhor de cerca de sessenta anos que tinha faces avermelhadas e bochechas protuberantes. Se fosse compará-lo fisicamente a algum personagem de Austen, seria o Sr. Bennet. Sua profissão era administrador de empresas.

Lucas era o mais jovem. Devia ter recém completados dezoito anos, e

o corpo era franzino, de modo que as calças apertadas delineavam suas coxas finas. Ele era descendente de indianos e seus traços transpareciam isso. Trabalhava com informática.

Michael também era de meia idade, mas sua estrutura alongada lhe dava um aspecto esportivo. Ele era físico. Físico mesmo, como Albert Einstein.

Hempsey era tão alto quanto. Sua pele negra realçava os olhos esverdeados. Ele tinha cerca de trinta anos e era empresário do ramo cosmético.

O outro John tinha essa mesma idade e um porte galante. Diferente de seu homônimo, ele parecia ser do tipo que apreciava esportes, pois os músculos do seu corpo apareciam sob as roupas. Os cabelos eram loiros e os olhos azuis, e quando disseram sua profissão, nadador, corroborei minha opinião. Supus que já tivesse feito trabalhos como modelo também, pois tinha perfil para isso. Ele era do tipo que não só ficava mais elegante em sobrecasacas, mas também mais sexy.

Já David tinha as madeixas e olhos escuros. Quanto ao porte, era quase tão sarado quanto John. Ele era professor de literatura.

Thomas tinha a minha idade. Ele era ruivo e baixinho, o que o deixava fofo aos meus olhos, porém essa imagem se dissipou quando ele se apresentou enaltecendo suas conquistas profissionais como o empresário mais jovem a ganhar um prêmio cujo nome não me lembro e não me faz falta lembrar.

Edward, o último a ser apresentado, tinha os cabelos um pouco mais longos, na cor castanha. De todos, eu o achei o mais bonito. Ele era professor também, mas de história.

Parecia um festival de homens. Então Marie continuou:

– As mulheres são: Ana Catarina, Camilla, Lily, Danielle, Ellen, Victoria, Alexia e Augusta.

– Muito prazer! – eu disse a cada uma com um beijo no rosto.

– Ela é brasileira – justificou Marie.

Só então me lembrei de que britânicos não dão um beijinho no rosto

de desconhecidos (ou dois, como Rique e Bel, cariocas, costumavam fazer) ao se cumprimentarem, e isso me deixou intimidada a ponto de não saber onde enfiar minha cara.

– Bom, agora vocês, garotas, terão uma aula com uma de nossas instrutoras. Quando voltarem ao hall, estarão vestidas tão elegantemente quanto os rapazes e, ao final, todos nós estaremos juntos novamente para nossa primeira refeição.



A instrutora era a mesma mulher que estava na bancada dos três jurados quando me candidatei, aquela morena baixinha e bem vestida. Essa característica continuava representada em seus trajes agora do século XIX. Ruth se apresentou novamente e disse:

– Bem... como vocês já sabem, irão dar adeus ao jeans. Sou formada em história da moda e darei pequenas lições sobre como vocês deverão se vestir aqui, o restante, aprenderão na prática, espero que tenham tempo para isso. Em seus respectivos quartos, encontrarão um armário com roupas exclusivamente suas. Cada uma terá também um quarto próprio para se vestir.

Eu olhei para todas as mulheres que estavam ao meu redor e com quem eu viveria uma aventura tão intensa. Queria que alguma delas fosse Bel. Não havia decorado seus nomes, e sabia que demoraria a decorar.

Camilla Kate tinha uma aparência alternativa, meio punk, meio gótica suave. Suas tatuagens vazavam pelas mangas da blusa de manga longa. Embora eu tivesse apenas uma, me identifiquei com ela. Como ela lembrava minha melhor amiga! Foi o que minha mente exclamou. E era DJ, o que me fez prestar mais atenção nela do que nas demais.

Lily tinha idade para ser sua mãe, e era uma mulher negra e alta, com lindos cabelos crespos e volumosos. Ela era cabeleireira como tia Rubi.

Danielle era uma loira baixinha e miúda de cerca de trinta anos. Sua

profissão era professora, e eu constatei que tínhamos um time grande de mestres entre nós.

Ellen era asiática e tinha os cabelos platinados. Era radialista.

Victoria tinha cerca de cinquenta anos. Ela tinha o corpo amplo, os cabelos longos em uma trança despojada e parecia estar animada com a experiência. Ela era dona de casa, viúva há dez anos de um marido que não parecia ter sido muito bom para ela.

Alexia era irmã gêmea de Danielle, e elas eram idênticas a não ser pelo corte de cabelo. O da segunda era longo, enquanto o desta era curto e desfiado, com uma franja que quase lhe cobria os olhos. Ambas trabalhavam juntas na empresa da família.

Augusta era uma mulher alta e espalhafatosa. Não era bonita nos traços, a meu ver, mas tinha porte de nobre e parecia simpática. Ela era uma socialite falida.

No cômodo onde estávamos, e que era chamado de quarto de vestir, havia um manequim nu, e em uma mesinha ao lado, algumas roupas que imaginei que seriam usadas para vesti-lo. Ruth começou a lição:

– Napoleão Bonaparte disse uma frase da qual gosto muito “A moda nos condena a muitos desatinos, o maior deles é nos tornarmos seus escravos.”, eu adoro esses desatinos – ela fez uma pausa. – Continuando... Os ornamentos drapeados vistos na antiga arte greco-romana serviram de inspiração para a moda da época de Jane Austen. Naquela época, ou melhor, na época que a partir de hoje (acostumem-se a falar dela no tempo presente) vocês irão viver, se usava bastante musselina, que é um tecido fino de algodão, e costumava-se dar preferência a tons claros e neutros ao invés de cores chamativas como se utiliza no século XXI. Os vestidos tinham cintura alta e as mangas passavam dos cotovelos. Apesar de a França ser a capital da moda, na Inglaterra se usava uma moda própria, pois aqui se considerava as roupas das mulheres francesas muito, digamos... ousadas. Imagine se eles vissem esse seu decote – disse ela simpaticamente para Victoria, que estava ao meu lado e que riu com o comentário. – continuando, vocês irão me assistir vestir esse manequim desde o início, ou seja, das roupas debaixo até o traje principal. Sugiro que prestem bastante atenção, pois farão todos os dias em si mesmas, o que farei aqui agora.

Ela deu dois passos para mais perto do manequim. Todas nós olhávamos atentamente para Ruth.

– A moça típica da época ficaria contente se tivesse que usar apenas calcinha e sutiã como nós, ou não usar, também como algumas de nós – ela deu uma risadinha – mas ao invés disso – Ruth apanhou a primeira peça. – ao acordar ela colocava sua *pantalone*, chamada vulgarmente de calçola, depois, suas meias-ligas, que serviam para segurar as meias “oficiais”. Então por cima, vestia sua *chemise*, ou camisola, como preferirem, que era seguida pelo espartilho. Depois as anáguas, que serviam para impedir que o vestido ficasse embolando nas pernas enquanto se andava, algo muito desconfortável. Enfim se colocava o traje principal, que de todos esses, era o único visto pela sociedade.

– Uau! – exclamaram todas.

E uma delas disse:

– Isso parece uma maratona!

Eu acreditava que estava acostumada com esse tipo de vestimenta por causa do Instagram, mas não fazia metade desse trabalho para tirar as fotos. Utilizava minhas próprias roupas íntimas, as anáguas por cima e o vestido principal. Algo como apresentar um telejornal de terno, mas de bermudas e chinelo embaixo da bancada.

O manequim estava perfeitamente vestido, mas Ruth tirou o último traje dele, deixando-o novamente “nu”.

– Aqui em Pemberley – continuou ela. – Vocês terão bastante espaço para caminhar. E que espaço! Para passear no campo, deverão utilizar um tipo específico de vestido chamado *open robe*. Trata-se desse modelo de vestido aberto, que era usado para passeios ao ar livre. Outra coisa essencial e que precisa ser usada ao sair de casa, é essa peça aqui – ela apanhou um casaquinho curto que tinha uma pequena cauda. – As mangas podem ser longas ou curtas, dependendo da temperatura do dia. Ah, e o *pelissée*, que é esse sobretudo – novamente ela apanhou uma peça na mesinha. – ajustado à silhueta do corpo, que pode ser usado para cavalgar (vocês terão aulas de hipismo). Ele tem o corte mais masculino, como podem ver. Em dias ensolarados ou não, se deve utilizar *bonnets*, as touquinhas tão famosas da

Era Georgiana. Caminhar segurando uma sombrinha, embora este não seja um item do vestuário, também carrega certa elegância e ajuda a compor o visual de uma dama.

– E nos bailes? – perguntou Lily. – Devemos utilizar algo específico?

– Boa pergunta, Lily! À noite, é indispensável que se use capas por cima dos vestidos. Além do mais, toda dama que se preza, sabe utilizar leques, luvas e, ah, não se pode esquecer das *reticules*, que são essas bolsinhas aqui, onde não cabe absolutamente nada dentro, mas que não são dispensáveis por isso. Compreenderam, moças?

Todas nós balançamos a cabeça afirmativamente. É... mas não seria tão fácil assim.



– Sejam bem-vindos a Pemberley Hotel – disse Louis, o senhor francês careca de barba loira que também estava presente como jurado na entrevista e de quem tia Rubi era fã.

Ruth havia finalizado sua lição falando sobre nossos cabelos e os penteados certos para cada ocasião. Eu sentiria falta de usar meus cabelos soltos e livres. O século XXI já estava começando a fazer falta.

Louis se apresentou como especialista em culinária Georgiana e citou sua experiência como tal.

– Em Emma, o Sr. Knightley chama a atenção da protagonista sobre sua mania de controlar a vida alheia. Ele lhe diz “*Convide-o para jantar, Emma. Ofereça-lhe o melhor peixe e o mais saboroso frango, mas deixe que ele escolha a própria esposa.*” É com essa citação que começo nosso primeiro jantar. Se alguém aqui acha que não consegue viver sem *fast-food*, fale agora ou cale-se para sempre.

Fez-se um silêncio estranho, onde uns olharam disfarçadamente para os outros.

Senti vontade de me manifestar, mas não o fiz. Só ali havia percebido

que meu estômago e minha boca teriam que compartilhar comigo dessa experiência. Adeus, batatas fritas, adeus hambúrgueres. A produção do programa definitivamente não estava de brincadeira e, apesar do nome ser Pemberley Hotel, ser hóspede não seria uma tarefa fácil. Mais cedo, Marie havia dito que não estávamos ali de férias, isso para nos dar um choque de realidade.

Estávamos todos sentados à grande mesa de jantar. A decoração do cômodo era tão impecável quanto a do hall de entrada, e apenas se sobressaía a ela por conta da própria mesa, que era um móvel de madeira tão brilhante como uma luz de *led* dos tempos atuais. Supus ser feita de jacarandá.

– Antes de tudo, vale mencionar que na Era Georgiana, o jantar era servido no meio da tarde, e com o passar dos anos, foi sendo servido em horários posteriores até chegarmos ao costume atual de fazer a última refeição do dia das sete às dez da noite, dependendo da rotina pessoal de cada um. Vocês precisarão perder esse hábito! – ele garantiu categoricamente.

Eu, que estava acostumada a jantar ainda depois desse horário limite, ao chegar da faculdade, imaginei meu estômago colando nas costas até o café da manhã do dia seguinte, mas ele prosseguiu:

– Acredito que todos compreendam que seremos fiéis a Era Georgiana, que foi um período da nossa história cuja designação tem origem nos reinados dos primeiros quatro dos Reis da [Casa de Hanover](#): [George I](#), [George II](#), [George III](#) e [George IV](#) entre 1714 e 1830, com o sub-período da [Regência](#) ou Era Regencial, em que George IV esteve como [Príncipe Regente](#) durante o tempo em que o pai esteve doente. No meio de tantos Georges, espero que não haja nenhum George Wickham entre nós – ele gracejou. – Bem, gastronomia também é história, mas vamos ao que interessa.

Eu me lembrei do Wickham de Bel, aquele filho da mãe.

Camilla comentou comigo:

– Se o filho do Príncipe William e da Kate Middleton assumir o trono, vamos voltar a Era Georgiana.

Tinha me esquecido que o nome daquele garotinho fofo, bisneto da Rainha Elizabeth, se chamava George.

– Passarei a vocês os horários de suas refeições, a começar pela primeira: a partir das 9h da manhã, tomarão o café da manhã. Esqueçam os cereais açucarados de caixinha que costumam comer.

“No meu caso, pão com manteiga.”, pensei.

– Mais tarde, das 11 às 15h, vocês farão um lanche, uma torta ou pedaço de frango. Sim, pedaço de frango. Se houver algum vegano entre nós, fique tranquilo, a torta pode ser feita com leite de soja e legumes. Após isso, será servido um chá, e por último a refeição principal, onde haverá fartura de carne de porco e carneiro, batatas ao molho de ervas, lagosta amanteigada, coelho ao curry.

“Coelho?”, isso me deu um arrepio. Pelo menos eu podia ficar com a parte do pé para ter sorte no jogo?

– Mas a refeição não se faz apenas do que nela se serve. A etiqueta também é muito importante. É necessário tomar cuidado ao passar uma travessa para os vizinhos. Ninguém é obrigado a comer todos os pratos servidos, mas na Era Georgiana, era polido que se comesse ao menos três das opções disponíveis à mesa. Há quem utilize esse costume ainda hoje.

Formiguinha que sou, eu estava curiosa para saber sobre as sobremesas.

– O ponto final da refeição acontece durante cerca de quinze minutos, sendo servidos: frutas da estação, sorvetes e grãos. Vocês estão prontos? – ele perguntou por fim.

Respondemos timidamente que sim, e a nossa primeira refeição Georgiana foi servida.



BEL

O Botafogo ganhou o jogo daquele dia para a alegria da minha família.

Agora estávamos eu, Will, Rique e um balde de pipoca, sentados no sofá de segunda mão comprado em um bazar, esperando a reprise da estreia de Pemberley Hotel.

“Dezesseis competidores e o desafio de ficar por oito meses sem energia elétrica, sinal de wi-fi ou micro-ondas, com um detalhe: supervisionados vinte e quatro horas por dia. Sejam bem-vindos a Pemberley Hotel.”, disse a apresentadora ruiva.

E depois, a chamada foi exibida ao som de uma canção animada ao piano, com as fotos de cada um dos competidores primeiro com trajes modernos e em seguida em trajes de época, em uma espécie de antes/depois. Catá foi a última, e eu sabia que isso se devia ao fato de que sua chegada tinha sido às pressas. Parecia coisa do destino a sua estada ali.

A seguir, cada um deles se apresentou falando um pouco da sua vida.

– Meu nome é Ana Catarina, eu sou estudante de jornalismo e criadora do Austenapp, um aplicativo de namoro, junto a um amigo. Ah, e sou brasileira.

Meu coração vibrou ao ver minha amiga, tão linda e elegante, falando aquele inglês perfeito diretamente da Inglaterra. Era tão surreal que parecia um sonho.

“A propriedade mais vigiada da Inglaterra”, esse era o slogan.

Olhei para Rique e notei que ele também estava orgulhoso. Meu irmão estava resoluto a não ter a figura de Catarina como algo temível a seus sentimentos ainda latentes, e isso denotava grande maturidade de sua personalidade. Maturidade que eu não sabia se teria também, o que tornava isso ainda mais admirável aos meus olhos.

– Ela tá ótima! – disse Will enquanto tirava uma foto na televisão para postar no Instagram.

– E está corajosa também – respondi. – Apesar de parecer diversão, isso é um desafio e tanto.

– Você teria coragem?

– Eu acho que não.

– Nem eu.

– Mas sabe o que é engraçado? A Catá dizia que também não tinha. Às vezes a gente descobre uma coragem que não sabia que tinha.

Falando em desafios, Will nos contou sobre o primeiro dia no trabalho novo em uma multinacional.

– Logo menos é a minha vez

– Vai sair do seu emprego?

– É estágio. Acaba quando a faculdade terminar.

– Você não pensa em ser efetivada?

– Acho que preciso de novos ares.

Não conseguia me imaginar trabalhando por mais um ano no jornal, mas por outro lado, tinha medo de começar em uma empresa nova, afinal eu estava muito acostumada com meu chefe, meus colegas e minha rotina. Dilemas da vida adulta!

Mais cedo – depois de eu ter colocado a ração e a água do cãozinho que ia se alimentar na frente do prédio do outro lado da rua – eu e minha mãe havíamos testado a nova receita de *Cornish Pasty* à brasileira. Ou tentado. Assim que acordara, eu havia descido para a cozinha do restaurante e colocado meu avental de cozinhar que há séculos não usava.

– Colocou a comida para o cachorro?

– Coloquei, sim!

– Está se apegando a ele.

– Eu queria trazer ele para cá, mas...

Esperei que ela desse algum sinal de aprovação. Isso era tudo o que eu precisava para levar o animalzinho para nossa casa. Sem seu aval eu não poderia fazê-lo. Jurei a mim mesma que quando morasse sozinha, levaria

todos os cães abandonados que visse para a minha casa.

– Ele ainda não passou lá para se alimentar, a ração está intacta.

– Daqui a pouco ele aparece – eu havia respondido com um pouco de preocupação, pois ele vivia nas ruas e muitas coisas podiam acontecer. Foi ao notar esse medo em mim que percebera também o quanto eu estava apegada, minha mãe tinha razão quanto a isso.

– Faz bastante tempo que a gente não cozinha junto – dissera ela.

Eu sabia que Cássia estava tentando uma aproximação por todos os lados, e eu me compadecia disso, mas minha sinceridade falava mais alto.

– Na verdade, nunca cozinhamos, né, mãe?! – havia perguntado sinceramente. – Eu só venho aqui pra buscar os pratos e ajudar a servir.

Ela não gostava que se intrometessem em sua cozinha (a não ser meu pai, que a dividia com ela), e nas poucas vezes em que eu havia tentado, saía escoraçada de lá.

– É que você é tão desajeitada, Bel. Não quebra nem ovos direito.

Eu havia batido o talher na pia, incomodada. Estava farta dessas pequenas frases que minha mãe dizia sem sequer pensar se poderia me machucar com elas.

– Você sempre me pondo para baixo.

Me sentira orgulhosa de mim mesma por ter dito isso. Na esmagadora maioria das vezes, eu simplesmente fingia que não me incomodava.

– O que eu disse de errado? – ela parecera assustada. Estava tão acostumada a ser daquele jeito, que não notava que estava errada.

– Faça sozinha, então.

– Como, se eu não tenho a receita?

Então eu deixara ali o papel onde havia anotado os ingredientes e o modo de preparo da minha invenção, torcendo para que quando ela fizesse, ficasse bom, pois caso contrário, isso iria ferir minha vaidade provando para minha mãe que eu era desajeitada até mesmo para criar uma receita. Ah, e tinha um defeito meu que ela ainda não conhecia, e que eu preferia esconder: o dedo podre, e isso era muito, muito pior do que não saber conversar ou

quebrar ovos.

Agora, na casa de Will, com o celular na mão recebi uma mensagem de uma mãe que não era a minha. Manoela havia criado uma conta no Austenapp, mas não para arrumar um namorado, e sim para usar o chat. Antes de se separar ela não tinha nenhuma rede social, pois era terminantemente proibida disso.

– Izabel! Como você está?

– Estou bem. E você?

– Já com saudade da minha filha.

Isso me fez lembrar de quando Ana Catarina reclamava de sua mãe e eu a defendia, e me perguntar “se caso alguém reclamasse de uma mãe como a minha, será que eu a defenderia também?” Era provável que a resposta fosse sim. A propriedade da dama vizinha é sempre mais suntuosa que a nossa.

Manoela me mandou um emoticon de fúria.

– O que houve?

Perguntei assustada.

– Desculpa! Cliquei no lugar errado.

Ainda tô aprendendo a mexer nisso aqui.

Nunca tive essas coxas.

– Coxas?

– Eu quis dizer “coisas”.

***Foi aquele negócio que corrigiu...
como se chama?***

– Corretor ortográfico.

Enviei emoticons de risada.

– A Rubi que me passou seu número.

– Está assistindo a estreia?

– Estou, sim.

*Nunca pensei que veria a Catá
em um negócio desses.*

*Eu não acreditei quando ela deu entrevista
para o “Encontro”, agora então...*

Com alguns minutos de conversa online, percebi que Manoela não havia me chamado para dizer nada específico. Ela parecia querer apenas uma nova amiga com quem conversar, e apesar de sermos totalmente diferentes, eu achei que também seria bom para mim, ter uma substituta para Catarina, que a essas horas devia estar em algum baile regencial, dançando com algum cavalheiro de calças apertadas que não era Henrique.



ANA CATARINA

– Oito meses inteiros sem chuveiro elétrico, wi-fi e afins – provocou Marie após o jantar, que tinha transcorrido bem.

Eu havia apreciado a comida e constatado que poderia me acostumar a ela. A sobremesa foi sorvete de frutas da estação, um clássico da Era Georgiana, e sua consistência estava deliciosa, apesar de um tanto diferente dos sorvetes atuais, que são mais cremosos.

Percebi que uma das funções de Marie dali para frente seria nos provocar, e sabia que ela faria isso muitas vezes ao longo do programa.

– Nós conseguiremos! – disse Lily, uma das minhas colegas de competição.

Todos pareciam estar no clima da época e dispostos a vencer as dificuldades de uma vida à moda antiga, e esse gás era contagiante.

Depois, quando nos encontrávamos mais afastadas do grupo, a apresentadora me disse:

– Já estou analisando os possíveis casais.

– Tem gente de todo tipo – comentei.

– O que você achou?

– Eu achei aquele John, o segundo, um pedaço do mau caminho, mas o Edward também é um gatinho.

Era difícil guardar todos aqueles nomes, mas registrei na mente que havia dois Johns, um jovem e um mais velho, e que o outro rapaz simpático tinha o nome do vampiro da saga Crepúsculo: Edward. Os dois eram uns amores, havia dado para perceber em pouco tempo de convivência.

– Você é das minhas. Ele é um gato. Aquela Danielle parece fazer o perfil dele.

– Do Edward ou do John?

– Do John. O Edward é gay.

– Ah, sim! – eu achava legal que houvesse diversidade em Pemberley.
– Pode ser que no tédio acabe surgindo um romance, mas é difícil prever – eu disse.

– Vamos ficar na torcida. Me lembre de falar para o pessoal do marketing para *shippá-los*.

– Boa ideia!

Eu me sentia estranha conversando de maneira tão à vontade com ela, afinal de contas, Marie tinha que ser imparcial, e se ela estava conosco ali durante aqueles momentos, com certeza não era para jogar conversa fora comigo. E também havia o fato de que nossa proximidade poderia suscitar a antipatia dos meus colegas de confinamento, como se eu fosse uma espécie de espiã ou algo do tipo. Isso me fez perguntar se ela estava satisfeita conosco, pois aquele era seu sonho. Por Pemberley Hotel ela havia aberto mão de um amor.

Novamente a apresentadora se uniu ao grupo. Camilla, a participante tatuada, me perguntou animadamente sobre o Brasil. Ela parecia ser do tipo cosmopolita, pois disse sonhar em conhecer minha terra.

– Amo a música brasileira, sou apaixonada por ela.

– Sério?

– Uhum! Já fiz várias mixagens na boate onde trabalho. Gosto muito da... – ela procurou o melhor jeito de pronunciar um nome pouco comum em seu país. – Cássia Eller.

– Sim, ela era ótima!

– Gosto também do Nando Reis. Sempre que ouço algo dele, corro para o Google para procurar a tradução. Suas letras são sempre tão belas!

– Eu achava que só tocava música eletrônica em boates.

É, eu não era uma conhecedora de baladas. Definitivamente não. Talvez agora, que era solteira, devesse colocar isso na minha lista de lugares para ir.

– Que nada! – corrigiu ela. – Toca de tudo! Eu sou apaixonada por música, é o que me move. Ah, e balada não é programa só de gente solteira, e sim de gente que gosta de dançar, simplesmente dançar – Camilla rodopiou

para demonstrar isso.

Ela era jovem, devia ser apenas alguns anos mais velha do que eu. Constatei que a gente se daria bem, pois desde a primeira conversa tivemos afinidade. Essa era uma palavra muito comum em realities: afinidade. Principalmente em dias de votação.

Respondi que, caso ela fosse ao Brasil, deveria obrigatoriamente almoçar em um restaurante chamado Norte & Angi, que fazia a melhor comida do Estado do Rio de Janeiro, quiçá do país.

– Há, naquela mesinha, um pequeno cartão onde consta o número do quarto de cada um. Desejo a todos uma excelente primeira noite sem checar as redes sociais antes de dormir – disse Marie.

Ficar sem Internet não parecia tão ruim. Mentira! Parecia, sim. Pior do que apenas ruim, parecia péssimo, terrível, horripilante. Mas principalmente pelo fato de estar longe da minha família. É claro que no contrato constava uma cláusula que dizia que caso algo acontecesse com alguém lá fora, nós seríamos avisados, o que me tranquilizava em relação ao fato de estar confinada.



Meus aposentos, onde cheguei após subir uma larga e majestosa escadaria, consistiam em um cômodo amplo e bem iluminado pela luz das velas dispostas em um belíssimo candelabro apoiado sobre o criado-mudo. A cama era grande, apesar de ser de solteiro, e tinha um mosquiteiro em cima (de enfeite, eu bem sabia, pois a produção não deixaria mosquitos entrarem).

O guarda-roupa ficava dentro do quarto de vestir e era uma espécie de closet cinematográfico, acoplado ao quarto. Assim que girei a maçaneta cor de bronze da porta alta que levava até ele, adentrei em um mundo de vestidos bem costurados, chapéus com enfeites delicados, sapatos, casacos, bolsinhas, luvas, sombrinhas (eu sabia que dali para frente passaria a enxergar o objeto como um traje de moda), e acessórios como broches, colares, anéis. Tudo para me tornar uma bela dama.

– Uau!!!!!!!!!!!! – exclamei em voz alta. Sim, com todos esses pontos de exclamação.

Voltei meu olhar para os vestidos. Toquei em um deles e senti a maciez do tecido esverdeado. O peguei nas mãos e o coloquei na frente do meu corpo enquanto olhava para o espelho emoldurado que ocupava toda a parede.

Experimentei meia dúzia de chapéus e sapatos diante dele.

Depois voltei para o quarto de dormir. A janela dava para os campos de Pemberley, e minha vontade era de ficar apreciando aquela vista por horas e horas, ainda que naquele momento o breu reinasse lá fora.

Mas me deitei e olhei para o teto. Em seguida dei uma risada. Era tão inacreditável estar ali. Se meus planos tivessem seguido seu curso, àquela hora eu estaria em casa, pronta para recomeçar minha rotina no Pet Shop e na faculdade. Isso me fez pensar que meus colegas de sala dariam pela minha falta e se perguntariam onde eu estava, provavelmente eles iriam me *stalkear* e veriam os posts que Bel faria na minha conta, divulgando minha participação no reality show.

Depois, imaginei a lua de mel de Elizabeth Darcy e o marido em um daqueles quartos tão propícios ao romantismo, e desejei que os tempos fossem mais permissivos para que Jane Austen pudesse ter escrito um longo capítulo para meu deleite e de tantos outros leitores ao redor do mundo. Porém, cheguei à conclusão de que a perfeição do livro se devia ao fato de que ela não subestimava a capacidade de imaginação daqueles que a liam, por isso sabia exatamente onde deveria parar. Ao pensar nisso, apaguei as velas com alguns sopros e agradei em voz alta pela oportunidade de estar ali.

Dormi um sono pesado em minha primeira noite no século XIX.

Quando acordei, a primeira coisa que fiz foi admirar a paisagem pela janela e sorrir ao constatar que tudo aquilo não tinha sido um sonho maluco de uma fanática. Era real! Pemberley era real!

Coloquei meus trajes a rigor e me admirei no espelho emoldurado. Os tecidos e os modelos das roupas fornecidas pela produção eram da melhor qualidade, mas não estavam acima das criações de minha mãe. Falando nisso, me perguntei se ela estaria bem, pois não devia estar sendo fácil a separação.

Eu tinha medo de que ela voltasse para o Marcelo e revivesse todo o pesadelo. Mas não devia me preocupar com isso agora, pois um mundo novo estava me aguardando naquela belíssima manhã.

– Catarina! – disse Ruth através da porta.

– Entre! – pedi.

– Não precisa de ajuda para se arrumar?

– Não, obrigada! Estou acostumada, eu me vestia assim em todas as fotos para o meu Instagram.

Pensei bem.

– Na verdade, o que acha desse? É apropriado?

– Você está ótima com este *open robe*.

– Suponho que com esse lindo dia, iremos passear ao ar livre – respondi para mostrar que tinha prestado atenção na aula.

– É claro que sim! Não se esqueça de sua touquinha ou da sombrinha. Daqui a meia hora estaremos aguardando a todos lá embaixo para o primeiro café da manhã.

Um cômodo também importante da nossa nova residência, era a biblioteca. Como todas as casas do século XIX que se prezassem, Pemberley Hotel dedicava uma de suas amplas salas às prateleiras de livros. Como eu ainda tinha meia hora até o café, resolvi desbravar o mundo que era a propriedade onde estava, até encontrar a porta que me levou à biblioteca.

Caminhar sozinha por aqueles corredores me deu uma sensação de liberdade.

Os exemplares eram compostos por edições da obra de Jane Austen (incluindo biografias e estudos de sua obra) e dos autores que ela costumava ler, mas também continha uma vasta coleção enciclopédica que se referia à história da Inglaterra, principalmente sobre a época que estávamos recriando; e também livros de receitas e manuais de etiqueta.

Foi ao folhear um desses exemplares, que notei que havia uma câmera bem em frente a mim, pregada em um ponto da estante alta de madeira. Foi então que me lembrei que estava em um reality show, e me perguntei se deveria sorrir, mas ao contrário disso, virei de costas. Do que adiantava?

Provavelmente também havia uma câmara do outro ângulo, ou várias. Parte da magia se foi.

Além dos livros, havia um sofá, uma poltrona e uma mesinha de estudos no canto esquerdo. Nessa mesinha havia um jornal figurativo da época, com notícias sobre embarcações marítimas de 1800.

- É aqui que você pretende passar boa parte do tempo, não é?! – Marie perguntou entrando no local.

Confirmei que sim. Embora os exemplares enciclopédicos não me interessassem, eu sabia que a biblioteca seria meu refúgio nos momentos tediosos.

– Só não deixe de socializar – concluiu ela. E saiu, me deixando sozinha com aquela infinidade de livros. Ah, e de câmeras.



BEL

A nova síndica do prédio de Will era uma mulher um pouco mais velha do que a minha mãe. Ela se chamava Susana e havia dado uma bela olhada para o traseiro do meu irmão quando entramos pela primeira vez ali. Isso me fez refletir sobre a brasilidade da bunda, e no quanto cada vez mais as mulheres se interessavam pelos traseiros masculinos. Não que isso me incluísse, é claro (ou não).

– Parece que vai chover – ela havia dito na ocasião.

Nós balançamos a cabeça afirmativamente por educação. Definitivamente não estava clima de chuva.

– E o seu namorado? – perguntou ela agora que eu estava sozinha. Pelo visto tinha se acostumado com nossas idas até ali.

– É meu irmão! – esclareci.

Acho que era o que ela queria ouvir, pois, observadora que era, notei um sorrisinho de satisfação no canto de sua boca.

– Já já ele vai chegar.

– Vou pedir para o porteiro deixá-lo subir direto.

– Obrigada! – eu disse.

E ia subindo quando:

– Você estuda Letras? – perguntou ela.

– Como sabe? – questioneei surpresa.

– Tem cara de quem gosta de ler. Acertei?

Estranhei a suposição acertada da desconhecida. Ou Susana era uma adivinha, ou era uma *stalker*, e eu sabia que a segunda opção era a mais provável.

– Acertou, sim. Eu estudo Letras.

Bati à porta do apartamento de Will algumas vezes, e quando ele finalmente abriu, estava trajando jeans e camiseta branca.

– Estava no banho – disse. – Por isso demorei.

E eu pude sentir o cheiro agradável exalando.

– Você usa o mesmo sabonete que eu uso desde a infância.

– Sério? Estava na promoção. Quem mora sozinho vive basicamente de promoção e cachorro quente. Não acredito que aqui no Rio vocês não colocam purê de batata. Senta aí!

Eu me sentei no sofá. A semana tinha sido corrida. Agora que estava concluindo o TCC sobre, adivinhe... Jane Austen, o tempo estava curto. Havia muita pesquisa a ser feita sobre as adaptações cinematográficas, televisivas e sua influência na tecnologia. Agora com o surgimento de Pemberley Hotel, eu tinha uma pauta a mais para trabalhar.

– Ah, falando em cachorro...

Quando Will disse isso, uma criatura saiu do quarto e veio apressada em direção a mim. Estava diferente, mas não pude deixar de reconhecer. Era o cãozinho que eu estava alimentando e que havia sumido nos últimos dias.

– Como você está lindo! – exclamei pegando-o no colo desajeitadamente. – O que está fazendo aqui?

Ele me respondeu com um olhar que parecia dizer “A vida me trouxe até aqui, querida.”

– Vocês já se conhecem? – Will perguntou.

– Eu que te pergunto, vocês já se conhecem?

– Ele estava lá fora comendo ração num potinho, percebi que não tinha dono e decidi adotar.

– É sério? – fiquei muito animada com o fato.

– Ontem o levei pra tomar as vacinas e aproveitei pra fazer um novo corte de cabelo nele, deixá-lo mais estiloso. Aquele corte estava muito sem personalidade.

– Que coincidência! – exclamei. – Era eu quem estava colocando a comida pra ele.

– Sério?

– Sim! Um dia desses ele me seguiu até a padaria e depois até em

casa. Queria levá-lo comigo, mas meus pais são contra por causa do restaurante.

– Caraca, que loucura! Então ele estava no seu destino.

– É! Ele estava – concordei.

Nós brincamos com ele por alguns minutos, jogando uma bolinha que Will havia comprado justamente para isso.

– Me ajuda a pensar em um nome?

De fato, não dava para chamá-lo de “cãozinho da padaria” para sempre.

– Hum... deixa eu ver.

– Que tal Darcy? – sugeriu Will.

Isso me trouxe más recordações.

– Não, Darcy não. Ele não tem cara de Darcy. Realmente ele não tem cara de Darcy.

Pensamos mais um pouco.

– E Austen? – eu disse.

O cachorro olhou para nós com os olhinhos semicerrados, e nós interpretamos isso como uma aprovação.

– Austen é perfeito! Cai como uma luva.

Eu adorava essa expressão e disse isso a Will, que começou a me contar sobre seu falecido cachorro:

– O nome dele era Trovão. Ele veio de Londres conosco. Era a mistura de uma pastora alemã com um poodle, coisa que deu muito certo. Trovão era tão calminho, mas mesmo assim alegrava a casa. Morreu aos dezesseis anos. Sinto a falta dele até hoje.

– Não quer colocar esse nome em homenagem a ele?

– Não! Acho que cada cachorro tem uma personalidade. O nome que escolhemos é perfeito.

Pronto! Austen estava batizado.

– Eu assei pão de queijo – disse Will algum tempo depois.

– Ah! – então lembrei que eu tinha trazido um pudim feito pela minha mãe, e estendi a sacola a ele.

– Não precisava.

– Precisava, sim.

Quando eu estava saindo, minha mãe havia dito que era falta de educação ir visitar os outros de mãos vazias, e por isso pegara, com o seu aval, um dos doces que ela tinha feito para servir no jantar.

Will levou a sacola para a cozinha e de lá falou:

– Vem cá.

Eu o segui, e encostada à pia, já que ele não tinha uma mesa, comi um pedaço do pudim da minha mãe em uma tigelinha que ele trouxera de São Paulo. O que eu mais gostava nesse pudim era a calda levemente caramelizada.

– Mas isso aqui é a melhor coisa do Brasil – disse ele se referindo ao pão de queijo.

– Eu diria que é a melhor depois do brigadeiro.

– Semana que vem a gente pode fazer brigadeiro. Você sabe?

– É a única coisa que sei fazer na cozinha.

Eu gostava da perspectiva de assistir Pemberley Hotel ali todos os sábados. Era uma rotina agradável passar a semana cansativa sabendo que no final teria uma noite divertida na presença do meu irmão e do meu novo amigo. Sentia falta de contar isso a Catarina, pois ela ficaria contente e orgulhosa por ter sido mentora de uma amizade, mas eu só poderia falar com ela novamente dali a meses, se tudo desse certo.

– O Rique tá demorando.

– Ele estava trabalhando hoje, mas já está vindo.

– Ah, sim! Já já o programa começa.

– Estava pensando, esse programa também serve como uma espécie de clínica de reabilitação para viciados em tecnologia. A Internet é uma dádiva, mas também uma maldição.

– Também acho. Eu ia surtar de abstinência.

– Eu, por exemplo, se usasse o tempo que fico fuçando as redes sociais dos outros para começar a escrever, talvez já estivesse na metade do livro, mas nem uma ideia eu tenho.

– Bom, eu sou de exatas, não entendo nada disso, mas diria que você deve escrever sobre aquilo que sabe.

– Jane Austen. Acho que já escrevi muito sobre ela, não é mesmo?! A lista de fanfics é enorme.

Naquela semana eu havia olhado meus arquivos antigos no computador e ficado abismada com a quantidade de coisas que já tinha escrito. Se fosse escrever título a título em um rolo de papel higiênico, gastaria ele todo.

– Então por que desta vez você não escreve sobre algo que já tenha vivido?

A pergunta de Will ecoou nos meus ouvidos. Eu poderia escrever sobre os poucos meses que farra que vivera anos antes, no final da adolescência, quando uma crise de identidade me assolou, mas não havia nada naquele tempo que merecesse um livro.

– Ou melhor, talvez você possa simplesmente usar algo que tenha vivido, ao invés de escrever só sobre isso, entende?

Sim, eu entendia. Constatei que Will poderia dar palestras de escrita criativa com esses conselhos.

Procurei no fundo da minha mente por algo que merecesse ser escrito, ou que precisasse ser. Foi quando Rique tocou a campainha – *trim trim* – que entendi que eu precisava escrever sobre o que acontecera entre mim e Jorge.



ANA CATARINA

A propriedade mais vigiada da Inglaterra era uma espécie de cárcere privado voluntário.

Lá estava eu, sentada em uma cadeira no hall de Pemberley Hotel, aprendendo a bordar com uma das candidatas, Victoria, que por sinal levava muito jeito para a coisa.

O passeio de mais cedo havia sido muito agradável, embora fazê-lo sozinha, dias antes, tivesse sido mais divertido.

– Você é mesmo criadora do aplicativo? – perguntou ela.

– Junto a um amigo meu, William, que nasceu aqui na Inglaterra.

– Eu sou viciada no Austenapp, simplesmente viciada – Victoria contou. – Ficava fazendo aqueles testes “Qual personagem de Jane Austen você seria?”, “Em qual propriedade dos livros de Jane Austen você viveria?”, e experimentando combinações. Conheci um gato por lá, nós saímos algumas vezes, mas acabou não dando certo. Eu estava pronta pra próxima quando me candidatei ao programa e fui aceita.

Fiquei lisonjeada ao saber disso.

– E como vai ser pra você ficar todos esses meses sem mexer na Internet?

– Boa pergunta. Acho que vou pirar, mas não deixa de ser um reality de resistência, não é? Então tenho que resistir se quiser o prêmio. E eu quero! Com esse dinheiro, posso levar o gato que quiser para passar umas férias no Havaí, ou até no Brasil, seu país.

Eu sabia que além da questão de resistir à falta das modernidades, a afinidade com outros membros da casa era algo essencial para a permanência ali, pois em todas as semanas haveria votações para eleger quem teria sua popularidade com o público testada, o famoso paredão, mas é claro que nós não chamávamos assim.

– Não podemos reclamar, há muita coisa a ser feita aqui em

Pemberley, não acha? Além do mais, é um lugar de sonho. Eu mesma sempre sonhei em me hospedar em um lugar assim, não exatamente nessa circunstância.

– Eu estou me sentindo dentro de um livro, e isso ameniza a falta que a tecnologia faz.

– Também estou me sentindo assim, só seria melhor se... – me interrompi.

– Se...

– Se as pessoas que sonharam esse sonho comigo também estivessem aqui.

As palavras saíram naturalmente. Eu sabia que o mais prudente a fazer era não falar nele (eu teria que transformar Rique em um Lorde Voldemort, aquele que não se diz o nome), até mesmo porque estava sendo televisionada e era possível que a produção usasse isso na edição do programa para dar audiência (apesar de simpatizar com Marie, não a considerava minha amiga, e mesmo que o fosse, ela própria havia deixado claro que o trabalho estava em primeiro lugar), mas não consegui resistir ao impulso de desabafar. Tudo era tão recente, e embora eu ainda estivesse anestesiada, começava a sentir os efeitos do término.

– Seu namorado?

– Ex-namorado. E a minha melhor amiga.

– Ah, não me diga que seu ex e sua melhor amiga te traíram juntos? Que filhos da mãe!

– Não – expliquei rindo. – Seria um incesto, eles são irmãos. Meu namoro acabou por outro motivo.

– Menos mal. Ou não?

– É, sim. Não houve discussão acalorada, apenas um fim calmo e silencioso.

– Acho esses os piores finais.

– Por que acha isso?

– Não sei, talvez seja meu jeito de ser, mas acho que as palavras não

ditas machucam mais do que xingamentos. Mas me conte, seu ex também é brasileiro?

O que ela disse até que fazia sentido, mas eu achava mais respeitoso terminar com palavras não ditas do que com xingamentos.

– É sim!

– Os homens brasileiros têm sex appeal.

– No Brasil nós chamamos isso de “borogodó” – eu falei a última palavra em português.

– Como?

– Bo-ro-go-dó – repeti de forma pausada. – é como nós chamamos o sex appeal.

Passei as mãos nos bolsos com a intenção de apanhar o celular e mostrar a ela uma foto de Rique, mas me lembrei que eu não tinha bolso. Nem celular.



Na quinta-feira, dia da primeira "Prova de Nobreza", Marie nos levou ao jardim e explicou qual seria o desafio da semana:

– Hoje, vocês ouvirão perguntas sobre a vida de Jane Austen. Aquele que responder primeiro e acertar, irá para a próxima rodada com um ponto a mais. Aquele que se propor a responder, mas errar, estará automaticamente eliminado.

Todos soltaram um “Ooooooh!”

– Acalmem-se! Eliminados da prova, não do programa.

Respiramos aliviados.

"Esse é o meu momento!", pensei, mas logo me bateu uma insegurança, pois meus concorrentes eram britânicos legítimos. O vencedor da prova teria uma espécie de liderança durante aquela semana em Pemberley. Em semanas alternadas, alguém seria eliminado definitivamente

do jogo, entretanto, havia no cronograma algumas exceções, afinal se semana sim, semana não, saísse alguém, no final de oito meses a casa estaria vazia. Essas exceções seriam na época de Natal e Ano Novo.

– As perguntas serão sobre sua vida pessoal e carreira. É uma prova de conhecimento, mas também de agilidade. Lembrando que o “Nobre” da semana, além de ficar imune à eliminação, deverá indicar alguém para o chalé. O chalé é o local para onde vão aqueles que terão a popularidade com o público testada. Durante os dias da votação, esses participantes não poderão pisar na casa, e receberão uma alimentação mais simples.

“O chalé é o paredão”, pensei. Mas eu não estava no Big Brother, embora a “Prova de Nobreza” fosse uma espécie de prova do líder.

Havia passado em frente ao chalé, que se tratava de um ambiente acolhedor e pequeno, infinitamente menor do que a mansão de Pemberley. Eu moraria lá tranquilamente, mas ali ele era considerado uma espécie de lugar pobre, como a casinha para onde as Dashwood vão ao ficarem falidas em Razão e Sensibilidade.

Na prova, fomos instruídos a ficar a alguns centímetros de distância um do outro. Recebemos também cada um, um pedaço de lenha rústica (objeto que demonstrava o estilo antiquado da prova, que em outros realities teria sido feita com monitores eletrônicos), e era essa espécie de bastão que teríamos que levantar para demonstrar que sabíamos a resposta.

Olhamos uns para os outros como se estivéssemos nos analisando como adversários pela primeira vez desde que chegamos.

– Vamos lá – começou Marie. – A primeira pergunta é... – ela fez uma pausa. –Estão prontos?!

Balançamos a cabeça em assentimento.

– Qual foi o primeiro título escolhido para Orgulho e Preconceito? Alternativa A: Preconceito e Orgulho; alternativa B: Os Bennet; alternativa C: Pemberley; alternativa D: Primeiras impressões.

“Nível fácil”, pensei. E em uma fração de segundo, levantei o bastão.

– Ana Catarina! – ela autorizou.

– Alternativa D: Primeiras impressões – respondi.

Aquela tinha sido por pouco, pois depois de mim muitas outras pessoas haviam levantado o bastão.

– Ponto. Ana Catarina deu a largada no jogo. Próxima! Jane Austen tinha o total de: Alternativa A: 5 irmãos e 1 irmã^[16]; alternativa B: 6 irmãos e 1 irmã; alternativa C: 4 irmãos e 2 irmãs; alternativa D: 6 irmãos e 1 irmã.

Embora eu soubesse que a resposta era alternativa A, Camilla foi mais ágil do que eu e pegou o ponto para si.

Outras perguntas foram feitas, e em algumas delas a agilidade se sobressaiu ao conhecimento. O John mais velho errou uma delas sobre a cidade de morte de Jane e foi eliminado da prova, assim como Victoria que não sabia com que idade a autora terminara de escrever Emma^[17]. Eu também não me lembrava dessa.

Depois Marie perguntou qual era o grau de parentesco entre Kate Middleton, a duquesa moderna de Cambridge, e Jane Austen. Até então eu não sabia que a esposa do Príncipe William e Jane eram primas de sabe-se lá que grau graças a seu ancestral em comum, um tal de Henry Percy, o segundo conde de Northumberland que viveu no século XV. Isso por si só já valia mais do que qualquer título de nobreza e estadia em um castelo.

– Quais livros de Jane Austen foram publicados após a sua morte? Alternativa A: Mansfield Park e Persuasão; alternativa B: Os Watsons e Razão e Sensibilidade; alternativa C: Orgulho e Preconceito e Sanditon; alternativa D: Persuasão e A Abadia de Northanger.

Mais uma vez consegui erguer o bastão primeiro. Aquele jogo mexia com a adrenalina, meu coração estava acelerado e minhas mãos suavam. Era uma sensação deliciosa e eu poderia ficar ali por horas.

– Alternativa D: Persuasão e A Abadia de Northanger.^[18]

Restamos apenas eu e Camilla, que estava muito afiada (ela estava se mostrando uma competidora e tanto), e a derradeira questão foi feita.

– O que Jane Austen costumava tomar com fins medicinais durante a doença que a matou? Alternativa A: ópio; alternativa B: glicose; alternativa C: ruibarbo^[19]; alternativa D: barbitúrico.

Camilla e eu nos entreolhamos e tudo pareceu estar em câmera lenta diante dos meus olhos. Era como o último pênalti de um jogo decisivo, não

que eu já tivesse jogado futebol.

– Alternativa D: barbitúrico – respondeu ela, que tinha sido mais ágil que eu.

– Resposta errada – disse Marie. – Ana Catarina, você é a primeira “Nobre” de Pemberley Hotel, meus parabéns!

Eu mal podia acreditar!



BEL

– O que é isso, Izabel? – minha mãe perguntou.

– Não é isso, é esse. O nome dele é Austen. Não lembra dele?

– Eu deveria?

– É aquele cachorro que me seguiu até aqui e que eu alimentei do outro lado da rua.

Ela fez uma expressão de surpresa.

– Aquele? – ela prolongou o som da primeira letra “e” para demonstrar o quanto estava pasma pela diferença.

– Sim! Ele está lindo, não está?

– Parece outro. Limpinho, tosado, dá até pra ver o rosto agora. Foi você quem fez isso?

– Foi o Will.

– Will te deu esse cachorro de presente?

Não sei de onde ela havia tirado essa suposição.

– Não! Nós vamos dividir a guarda dele. Ele ficará lá no apartamento na maior parte do tempo, mas em alguns dias ficará aqui comigo.

Guarda compartilhada parecia coisa de casal divorciado, e nós não éramos nenhuma das duas coisas, nem casal, nem divorciado, mas ainda assim dividiríamos Austen. Era uma ideia brilhante!

Expliquei a ela como as coisas seriam, e antes que minha mãe pudesse negar, Austen foi até ela, esticando as patinhas em seu colo como quem pedia um carinho. Cássia olhou temerosa para ele, e com muito cuidado passou a mão sobre seus pelos curtos, macios e irresistivelmente limpos.

– Ele não morde, mãe. Viveu sete anos nas ruas, está acostumado com as pessoas.

Esperei que ela esbravejasse ou que dissesse qualquer coisa.

– Tá! – foi a palavra final. Duas letras e um ponto de exclamação

eram o bastante para Austen e eu.



O teclado do meu computador já devia estar gasto uma semana depois daquela ida ao apartamento de Will. Minha primeira história original estava apenas começando a ser escrita, mas as ideias fervilhavam na minha cabeça. Definitivamente eu deveria esperar as aulas terminarem e a apresentação do TCC, porém, diante do momento eureka, não consegui me conter e deixei a prudência de lado. As palavras saíam dos meus dedos como pássaros almejando a liberdade.

– Bom dia! – disse Rique colocando o rosto no vão da porta. – Não vai levantar da cama?

Sempre gostei, e sei que não sou a única, de ficar na cama até mais tarde nos sábados, e depois da morte de Lady Olga, eu tinha um motivo a menos para me levantar, pois os sétimos dias das minhas semanas costumavam ser dela. Especialmente naquela manhã, minha mãe não viera me acordar.

Austen estava comigo, e quando meu irmão entrou no quarto, ele pulou em seu colo. Quando soube que agora eu era mãe de um cachorro, Rique ficou exultante e saiu pra comprar ossos de brinquedo para ele. Soube ali que ele seria um tio babão.

– Eu tô pensando em ir à casa da vó pra terminar de arrumar as coisas dela e fazer aquela doação que a gente estava pensando, vamos? – Rique perguntou enquanto tinha a face beijada por Austen, que já o adorava.

Me ajeitei na cama tirando o edredom de sobre minhas pernas.

– Vamos, sim!

Nós dois almoçamos no Norte & Angi antes de irmos. Entrar na casa de Lady Olga pela terceira vez após sua morte teve um efeito estranho sobre mim. O vazio permanecia ali, intacto como a casa deveria ficar, afinal não havia sentido em preservar as coisas dela sendo que ela mesma, que era o que

importava realmente, não estava mais lá.

– O Will está precisando de uma mesinha assim na cozinha dele, o que acha de oferecermos essa? – disse ao ter essa ideia.

– Não é muito antiquada para o apartamento dele?

– Acho que ele curte, sei lá. Vou tirar uma foto e perguntar.

Will aceitou a mesa e veio nos encontrar logo em seguida. Ele estava de folga no novo trabalho e chegou em poucos minutos.

– Quer conhecer a casa, cara? – perguntou meu irmão. – É bem Austeniana, aposto que não existe igual no Brasil.

Nós mostramos a ele todos os cômodos da casa da minha avó, e passar por eles com uma presença diferente, deu uma sensação nova de preenchimento, como se o ambiente não estivesse mais tão morto quanto parecia há pouco.

– Ela devia ser uma figura e tanto.

– E era. Antes do Alzheimer e depois também. A doença não tirou a essência dela, na verdade só acentuou.

Eu contei histórias de Lady Olga, e falar nela também teve um efeito bom, pois era uma forma de mantê-la viva. Prometi a mim mesma que se tivesse filhos, falaria sempre da minha avó para eles, e contaria as mesmas histórias que ela me contava quando eu era criança.

Mais tarde íamos assistir Pemberley Hotel na casa de Will.

– Você conhece algum carro? – ele perguntou. – Para transportar essa mesa.

Rique tinha em sua agenda o telefone de um colega do nosso pai que trabalhava com isso, e esse senhor se prontificou a ir até ali para pegar o móvel e levar até o apartamento.

Nós nos despedimos e eu e meu irmão seguimos para a nossa casa. Eu pretendia passar o restante do dia dançando no meu quarto e depois lendo um pouco até dar o horário de sair.

– Até mais tarde!

Ao passar pelo restaurante, que estava fechado por causa do horário

(estávamos entre o almoço e o jantar), minha mãe me chamou.

– Bel!

– Oi! – respondi.

– Venha aqui na cozinha rapidinho.

Eu a segui e, em cima da pia, dentro de uma tigela, havia alguns *Cornish Pasties*. Pela aparência e cheiro, soube que tinham acabado de sair do forno. Eles estavam douradinhos.

– O cheiro está ótimo! – exclamei.

– Experimenta!

Peguei um e senti que ela estava observando como se esperasse ansiosa pela minha primeira mordida. Fiz suspense.

– Vai! – pediu. – Morde logo.

Obedeci e não me arrependi. Eu estava orgulhosa da minha receita. Meu pastelzinho inglês à brasileira estava delicioso.

– Com recheio de vatapá, exatamente como você inventou. Coloquei camarão, pão, azeite de dendê, óleo de coco, pimenta picada, salsinha, coentro, e o toque de mestre: tomate verde. A mistura do Brasil com a Inglaterra ficou ótima. Você é um gênio!

Nós brasileiros e essa mania de deixar nossa marca nas comidas estrangeiras. Ah, se os asiáticos soubessem que comemos sushi com *cream cheese*, e os alemães, que colocamos até vinagrete no cachorro quente e o que mais a imaginação e a geladeira permitirem. E o que dizer da pizza com borda de catupiry?

Apesar de não duvidar que estivesse delicioso, afinal eu mesma havia experimentado, me perguntei se minha mãe estava falando sério. Eu sabia que se eu tivesse preparado com minhas próprias mãos, não teria ficado tão bom, ou talvez (e provavelmente), o cheiro na cozinha seria de queimado. Cássia levava jeito, ela tinha talento e ouvia isso quase que diariamente dos clientes satisfeitos, mas eu não havia herdado isso dela, nem o magnetismo e sorte com os homens. O fato em si não me incomodava, porém, incomodava a ela e conseqüentemente me fazia sentir um peixe fora da água.

Foi ali, na cozinha, que notei que eu apenas me aproximei de Jorge,

ou o deixei Jorge se aproximar de mim, por sentir que ele era minha única opção. É engraçado como até um simples pastel pode render uma reflexão digna de sessão de terapia.

– Quando o chefe de cozinha vem aqui provar? – perguntei para desviar dessas questões.

– Semana que vem.

– Acha que tem chance de ganhar?

– É claro que sim. Esse prato, com uma boa apresentação, será um sucesso.

– Não está falando isso pra me bajular, né?! O mérito não é meu, foi você quem fez tudo sozinha.

De repente, mais uma ideia me veio à mente. Eu estava tendo muitas delas nos últimos tempos.

– Mãe! – eu disse enquanto pegava mais um pastel inglês.

– Oi!

– O que acha da gente colocar essa receita no cardápio em homenagem a Lady Olga?

Qualquer maneira de lembrá-la era também uma forma de mantê-la viva.

– Acho uma excelente ideia. Mesmo que não ganhemos o concurso, essa receita significa muito para mim, não só pela sua avó, mas por você.

Senti que estávamos prestes a ter uma conversa sentimental, e isso fez eu me fechar em meu casco.

– Vou levar uns para o Rique. Ele vai gostar – disse vendo nisso um bom pretexto para me esquivar.

– Espera, Bel! Eu estava dizendo que essa receita foi importante para mim.

– Sair na revista seria ótimo para o restaurante, mesmo – comentei para desviar o foco.

– Não por isso?

– Como assim?

– É importante porque foi você quem inventou. Apaga aquilo que eu disse sobre você aquele dia – ela respirou fundo. – E em todos os outros dias.

Fiz um bico e balancei a cabeça afirmativamente. Aquilo não era um “claro, te desculpo, minha querida mãe.”, mas um “beleza!”, e embora não parecesse, significava muito.

Sem jeito, peguei a tigela e subi para levar os pastéis para o meu irmão.



ANA CATARINA

Um piquenique! Um piquenique com direito a toalha xadrez sobre o gramado e morangos frescos.

“A melhor fruta na Inglaterra (...) é prazeroso colhê-la para si mesmo. Pela manhã, incontestavelmente, é a melhor hora...”, disse Jane Austen sobre morangos em um de seus romances.

Eu concordava com ela, mas quando chegamos ao nosso destino, a hora já estava avançada e a manhã tinha chegado ao fim, dando lugar à beleza da tarde.

“Eles tiveram um dia muito bom em Box Hill. Sete milhas foram percorridas na expectativa de prazer, e cada corpo teve uma explosão de admiração ao chegar lá.”

O capítulo de Box Hill é um dos mais lembrados de Emma. Os piqueniques estavam se tornando cada vez mais populares na virada do século XIX, quando a sensibilidade romântica influenciou a tendência de comer ao ar livre como uma maneira de apreciar a natureza. E que natureza! Assim sendo, eu sabia que nós faríamos muitos deles em Pemberley Hotel. Isso me animava!

O ambiente era composto por bosques e pastagens, e oferecia uma vista espetacular da paisagem à nossa volta. Diante disso, parecia até loucura imaginar que não era real. Eu estava embarcando para valer nessa viagem para o passado.

– É como no meu filme preferido! – disse Camilla extasiada como eu.

– Qual?

– Em algum lugar do passado. É com o Christopher Reeve, o Superman da década de 70, sabe?

Tomei nota mental de assistir a esse filme quando tivesse um DVD ao meu alcance.

Nós, mulheres, estávamos segurando o cabo de nossa sombrinha com

uma mão, e com a outra carregávamos cestos de vime, onde estavam guardados os alimentos. Os cavalheiros levavam as cadeiras.

Minha mente me transportou para uma tarde em que Rique e eu improvisamos um piquenique no Parque do Ibirapuera, a diferença é que em São Paulo não havia câmeras nas rochas e, discretamente, sobre grama como havia ali. Naquela tarde, o sol sobre nós era o mesmo de agora que o frio do outono havia nos dado uma trégua, com exceção de algumas rajadas de ventos gélidos que sopravam vez ou outra em nossos rostos.

Me sentei sobre a toalha e Lily se sentou ao meu lado.

– Se eu não estivesse aqui, a essa hora estaria fazendo escova progressiva em alguém.

Isso me fez pensar sobre onde eu estaria se não estivesse ali.

– E eu marcando consultas para cachorros.

– Acho que foi um bom negócio me inscrever.

– Tenho certeza que foi – respondi.

Me deitei de barriga para cima, com o rosto para o sol. Desejei que óculos escuros fossem permitidos na época, mas não era nada mal ficar ali apreciando a natureza sem ter que me proteger dela.

De repente, senti o calor do sol esquentar meu corpo e arregacei os vestidos.

– Eu só queria estar na Califórnia – disse John. – Com um sol desses estaria nadando.

– Você gosta de nadar? – perguntei na falta do que dizer. Só então me lembrei de que essa era sua profissão.

John era um nadador londrino que vivia na terra do Tio Sam, por isso sua pele bronzeada e o porte atlético. Ele parecia um Ken surfista que eu tinha quando era criança, só que sem parafina no cabelo.

– Eu nem sei nadar – confessei.

– É sério?

– Sim. Não tem mar na minha cidade.

– Eu achava que o Brasil era um país tropical.

“Abençoado por Deus, e bonito por natureza...”

– E é! Mas a minha cidade especificamente é mais urbana.

Nós conversamos mais sobre o que sabíamos ou não fazer, até que Ruth, nossa instrutora da produção, me chamou a atenção sobre os modos. Eu estava com o vestido arregaçado até os joelhos, o que era inadmissível no século em que estávamos. Esse tipo de gesto gerava punição para o grupo como um todo; era uma forma da produção causar discórdia entre nós. Como me corrigi de imediato, não fui punida.

– Desculpe! – falei.

Ela deu uma piscadinha.

Realmente não era tão fácil assim ser uma moça à moda antiga.



Na tarde seguinte, enquanto eu lia na cadeira de balanço, John se aproximou. Levantei os olhos ao notar sua presença. Era um dia típico em Pemberley Hotel.

Ele disse que tinha saudades da água e me contou que as piscinas eram sua verdadeira casa. Fiquei curiosa sobre sua vida de nadador e, ele, animado com minha curiosidade, contou histórias sobre as competições que havia participado.

– Que tal um passeio de bote pelo lago? – perguntou após narrar sua última competição, onde ele havia conquistado a medalha de prata.

– Acho uma ótima ideia.

Até então, por algum motivo tínhamos desfrutado pouco do lago de Pemberley. Eu gostava de caminhar em torno dele e molhar os pés quando possível, mas o fazia com menos frequência do que gostaria; apesar de não saber nadar, minha vontade era mergulhar nele.

Nós caminhamos em sua direção num ímpeto. O restante do nosso grupo estava entretido com uma rodada de um jogo de cartas, e se negara a

nos acompanhar no passeio.

– É só mover os remos na direção que se deseja ir, não é? – perguntei.

– Sim! Segure o remo de forma que a distância entre cada mão seja igual à dos seus ombros. Procure centralizá-lo ao seu corpo para dar equilíbrio. Remar é uma atividade deliciosa. Depois dessa experiência, não vai mais querer parar – ele passou as informações de modo muito seguro, mas sem querer fazer parecer que eu era sua aluna e ele meu professor.

Quando chegamos ao ponto onde o bote estava ancorado, John desceu o pequeno degrau e adentrou-o, estendendo a mão para que eu fizesse o mesmo.

– Obrigada!

Em seguida, desamarrou a corda que o prendia à superfície.

O lago era raso e isso era perceptível; o fato me deixava mais tranquila enquanto flutuávamos contornando o campo. Essa era a palavra que descrevia a sensação: flutuando.

Constatei que muita gente pagaria fortunas para estar num lugar assim, e eu, sortuda, estava ali sem pagar nada. Quer dizer, a escolha que fiz tinha lá seu preço, mas não era em dinheiro.

– Como você começou a gostar de Jane Austen? – perguntei curiosa.

– Quando assisti à série da BBC de Orgulho e Preconceito – John respondeu. – Antes eu tinha ouvido falar dela na escola e até fingido que li alguns livros, quando na verdade só havia lido mesmo o resumo para fazer as provas. Minha namorada na época me deu um box de DVDs da série para a gente assistir junto, e eu me viciiei. Acabei assistindo os episódios sem ela.

– Isso é inadmissível! Se você começa uma série com alguém, não pode assistir sozinho.

– Eu sei! Nós acabamos terminando, mas não por isso. E você, como começou a gostar de Jane Austen?

Contei a ele a história do dia em que, passando na frente de um estádio de futebol, uma moça me presenteou com Orgulho e Preconceito.

– Sinto vontade de nadar nessas águas – contou ele.

– E por que não nada?

John me olhou com curiosidade, como se perguntasse a si mesmo se era uma boa ideia.

Minutos depois, ancorou novamente o bote, e à beira do lago, pediu licença para retirar parte de seus trajes para nadar.

– À vontade – respondi.

John parecia uma criança enquanto mergulhava nas águas frescas. Eu, sabendo quão inapropriado aquilo era para a época, caminhei de volta para casa deixando-o ali na companhia do lago de Pemberley. Meu novo amigo parecia um peixe de pernas torneadas.



Não havia ar condicionado em Pemberley Hotel. Nem chuveiro elétrico.

Ah, e uma privada com descarga faria tanta falta quanto um banho quente. No século XIX havia pequenos cômodos externos à casa principal, que costumavam ficar na parte de trás, onde tinha uma ou mais latrinas, sim, latrinas, essa parece uma palavra horrível, né?! Só não é pior do que o próprio objeto em si, que em palavras simples e sinceras, é feio que dói. Naquele tempo os banheiros ainda não existiam, e no lugar deles eram usados esses penicos de ferro grosso e pesado. Adeus, encanamento. Só ali percebi a importância de uma coisa tão banal.

O papel higiênico tal como conhecemos hoje em dia (já agradeceu por isso hoje?), só foi criado em 1880, junto com o desodorante, ou seja, nós ainda não tínhamos chegado.

Sobre “aqueles dias”, a produção permitiu que nós, meninas, usássemos absorventes modernos no lugar dos panos que se usava antigamente, e também deixou que todos, incluindo os rapazes, continuássemos a escovar os dentes com pasta, isso para não comprometer nossa saúde bucal (eles não queriam ser responsáveis por eventuais cáries),

mas essas eram as únicas tréguas concedidas. No mais, teríamos que aprender a usar as tais latrinas no anexo que ficava na parte de trás da mansão de Pemberley. Nem só de glamour viviam as damas e os cavalheiros, e sinceramente, não havia nada, absolutamente nada de glamoroso em se banhar com bacias de água fervida. Isso podia contribuir para o estresse, aumentando as chances de saírem brigas entre nós por causa dos nossos pobres nervos com abstinência de saneamento básico. Cada um era responsável por descartar os próprios excrementos. Mas vamos nos poupar desses detalhes.

Ferver água para tomar banho não era exatamente uma novidade para mim. Algumas vezes, quando o chuveiro de lá de casa queimava, a gente dava nosso jeito. Só que no frio outonal inglês, isso tinha um peso, quer dizer, uma temperatura diferente.

– Hoje entramos ao vivo – disse Marie logo cedo.

Ela costumava fazer rápidas visitas à casa ao longo do dia, e especificamente naquele, apareceu enquanto comíamos bolos e pãezinhos, torradas e bolo de frutas. Isso me fazia questionar se ela não tinha uma vida fora dali. Estava claro para mim que a resposta era um categórico *não*.

– Pode deixar! – respondemos.

Não havia como esquecer dos sábados, pois eram os dias mais animados. O restante da semana era um pouco entediante, tal como devia ser no século XIX. Não que caminhar ao ar livre fosse ruim, nada disso, mas nós ainda não tínhamos nos desacostumado das nossas tarefas normais: olhar as redes sociais, ouvir música nos fones de ouvido, olhar as redes sociais de novo, e de novo. Tudo isso, depois do terceiro dia, começou a vir à tona. Imagine o quanto as irmãs Bennet estavam enjoadas das caras umas das outras quando se casaram, devia ser por isso que a Sra. Bennet queria tanto se livrar delas. À noite eu havia refletido sobre a audiência, “Será que as pessoas estão gostando?”, pensei.

– Mas então, me fale mais sobre esse seu relacionamento – disse Victoria durante a tarde, enquanto caminhávamos com nossas sombrinhas pelos campos da propriedade – Fiquei curiosa.

– Não há muito o que dizer!

Eu não queria falar de Rique por conta do medo de exibirem isso no programa, mas ao mesmo tempo, me perguntava qual seria a reação dele ao ser mencionado. Será que ele ficaria emocionado? Ou será que sentiria raiva? Afinal eu havia terminado com ele e qualquer ser humano normal sentiria um pouquinho de chateação diante disso. Não tinha sido um pé na bunda, mas ainda assim, fora um término.

– Você ainda gosta desse rapaz, não é?!

Não tinha como titubear diante dessa pergunta.

– Gosto, sim – respondi com sinceridade.

– Por que terminaram?

– Escolhas – respondi sem ter certeza, na verdade, eu não tinha uma resposta concreta para isso. – Relacionamento é ceder.

Repeti o discurso que tia Rubi fizera tempos antes. Sentia saudades dela.

– Ontem, no piquenique, o John não parava de olhar para a sua boca enquanto você comia morangos.

– Deve ser porque eu me sujo toda enquanto como. Aposto que tinha morango até na minha testa.

Victoria não parecia fazer o tipo ciumenta (ela havia gostado bastante de John), e eu sabia que seu comentário não era repreensivo. Camilla nos alcançou na caminhada.

– Adoro suas tatuagens – eu disse.

Então ela explicou o significado de uma a uma. Camilla me lembrava Bel com seu jeito despojado. Ficava elegante com aqueles vestidos, pois a mistura criava uma visão exótica e fashion. A diversidade de pessoas estava enriquecendo a experiência, pois eu não conhecia nenhum nadador profissional ou nenhuma DJ antes de entrar ali.

Ainda não sabia quem indicaria ao chalé, mas com certeza não seria ela, nem Victoria ou o John mais jovem. Esse último, apesar de não estar no “grupinho” do qual eu fazia parte, era sempre muito simpático comigo, principalmente durante os jogos de cartas que inventávamos para animar nossas tardes e noites. Além disso, o passeio de bote nos aproximou.

– Precisamos urgentemente de um baile – disse Camilla. – Isso aqui anda muito, muito desanimado. Se está assim pra nós, imagine para quem está assistindo. Acho que as pessoas dormem no meio do programa. Falta música nessa propriedade! O que é um programa sem trilha sonora?

Ela era sincera e eu gostava disso.

– Adoro dançar – Victoria disse animada enquanto rodopiava. – Tá sentindo falta de uma balada, né?!

Era engraçado que, apesar de ela viver de balada, eu não via Camilla Kate como uma garota baladeira.

– Acho que a edição está focando em mostrar os nossos perrengues ao invés do lado glamoroso do século XIX. Bem que eles disseram que isso aqui não era uma colônia de férias.

– A mídia sempre alimentando o sadismo das pessoas. Elas preferem nos ver sofrer ao invés de nos ver dançar.

Victoria mudou de assunto. Ela realmente gostava de falar de amor. Esse era seu assunto preferido.

– E você, Camilla, namora?

– Não – ela respondeu. – Namorar é de comer?

Nós duas rimos, o humor inglês não era tão diferente do brasileiro, pois as meninas com quem eu estava convivendo viviam fazendo piadinhas que minha melhor amiga faria. Falando nela, eu sabia que se Bel estivesse ali, estaria utilizando até a última gota de seu sarcasmo.

– Meninas, o que é aquele John? E aquelas coxas? O que são aquelas coxas?

– Ele é gato mesmo – concordou Camilla.

– Gato? Ele é um deus grego! – ela realmente estava encantada com o porte físico dele. Victoria baixou o tom de voz. – Cá entre nós, aquelas calças justas deixam bem claro que ele é um GRANDE homem!

Eu tinha que concordar com Victoria. Esteticamente, John beirava a perfeição da sensualidade, e seus olhos davam-lhe um aspecto juvenil que afluía o lado maternal das pessoas. Quanto ao volume nas calças, eu não havia prestado atenção.

– Eu o pegaria no colo e levaria para casa – continuou ela. – Será que ele gosta de mulheres mais velhas?

– Acho o Edward muito mais sexy – objetou Camilla. – Ele tem aquela cara de nerd que, ah... – ela suspirou.

– São dois tipos de beleza – concordei. – E também o achei mais atraente.

– Se aproximem dele. Tirem no par ou ímpar, quem ganhar leva.

– Eu não! – respondi.

– E você, Camilla?

– Tomaria a iniciativa, mas só se ele desse algum sinal.

– Ele não vai dar!

As duas olharam para mim simultaneamente esperando uma explicação para a frase enfática.

– Ele é gay – contei.

– O quê? – Victoria perguntou expansivamente surpresa.

– Sério? – perguntou Camilla.

– Sim.

– Como você sabe?

Só ali me dei conta de que havia falado demais. Tinha sido Marie quem me revelara isso em uma conversa só nossa, mas não cabia a mim espalhar o fato. Eu nem mesmo sabia se Edward era assumido ou se queria manter isso com discrição durante o programa. Não que ele devesse se envergonhar disso, mas a vida era dele.

Um cabriolé passou por nós, me salvando da minha própria boca grande. Na carruagem de duas rodas estava John, que nos convidou gentilmente a subir em seu veículo. Aceitamos o convite e passeamos até o entardecer.



Marie anunciou que começaríamos a ter aulas de dança e etiqueta para festas, o que seria ótimo para ajudar a preencher o nosso tempo com alguma atividade útil. A produção estava fazendo o maior suspense em relação aos bailes, e isso era estratégico.

– Há algumas coisas que vocês precisam ter em mente antes de começarmos: cavalheiros não devem em hipótese alguma entrar em um salão de baile com botas ou bengalas, ouviram, meninos? Ninguém deve assobiar, bater palmas ou fazer qualquer barulho durante as danças, e isso vale para todos. Estalar os dedos durante os *reels*, é algo que deve ser evitado.

Ela esperou que esboçássemos alguma reação para que pudesse prosseguir nas lições.

– Duas mulheres não devem dançar juntas sem a permissão do mestre de cerimônias, nem dois homens; era assim naquela época e como nós a estamos recriando... Quando chegar ao salão de baile, cada mulher deve receber do mestre um cartão de dança com um número. A primeira recebe o cartão número 1 e assim por diante. Ela deverá deixá-lo em um local aparente. Se alguma mulher perder seu cartão de dança, deve solicitar outro. Qualquer pessoa que deixe o salão logo após a dança será considerada desrespeitosa para com seu parceiro. Isso demonstra falta de polidez. Durante a dança nenhum casal deve deixar a pista até que ela seja concluída. Qualquer casal que se levante depois de a dança ter começado deve permanecer ao fundo. Bom, mas essas são lições de etiqueta, o mais importante vocês aprenderão na prática.

– Quem será nosso professor? – perguntou Thomas.

– É professora – respondeu Marie. – E sou eu.

Todos nós ficamos surpresos, pois não sabíamos que ela tinha essa veia dançante.

– Meus pais tinham uma academia de dança – contou. – Mas vamos ao que interessa. Hoje vocês aprenderão a dançar o *reel*. *Reel* é uma dança escocesa popular de roda.

– Estou, portanto, decidida a lhe dizer que definitivamente não quero dançar o *reel*, e agora me despreze se desejar.

Todos os olhares presentes se voltaram para Camilla, que havia dito essa última e insolente frase.

– O que disse? – perguntou Marie franzindo o cenho.

– É Orgulho e Preconceito. Elizabeth Bennet disse isso a Darcy.

– Capítulo 10 – a apresentadora concluiu reafirmando seu amplo conhecimento já sabido por todos, afinal aquilo ali saíra de sua cabeça.

Sem perceber acabei gargalhando. Marie me lançou um olhar de repreensão e eu entendi que ela seria uma professora muito metódica.

– Damas, há algumas coisas que precisam saber sobre o uso dos leques. E cavalheiros, atenção, a vocês isso também interessa. Essas informações estão presentes em cartilhas disponíveis na biblioteca. Toçar a bochecha direita com um leque significa que sua resposta é sim, para a dança ou para o cortejo. Já toçar a bochecha esquerda com o leque significa que a resposta da dama é não, e diante disso, rapazes, não insistam, um bom cavalheiro sabe ouvir um “não” e aceitá-lo. Girar o leque com a mão esquerda quer dizer que está apenas observando ao redor. Girar o leque com a mão direita quer dizer “eu amo outro”. Abanar lentamente o leque significa “sou casada”. Abanar rapidamente o leque quer dizer “sou comprometida”. Colocar a alça do leque na boca é o pedido de um beijo (esse gesto é usado pelas mais esprevidadas). Leque na mão direita em frente ao seu rosto é igual a “siga-me”. Por fim, cruzá-lo sobre a bochecha é o mais romântico de todos e significa “eu te amo”. Mas vocês terão tempo para decorar tudo isso. Vamos à prática?



BEL

Susana, a síndica, estava mais uma vez na portaria quando cheguei para o próximo programa (essa frase soou estranha, né?!). Agora eu estava com meu irmão do lado, para a alegria dos olhos dela.

– Oi, Rique! – ela disse.

– Oi! – ele respondeu com seu sorriso moderado.

No elevador, eu falei:

– Rique? Que eu saiba seu nome é Henrique para desconhecidos. Foi isso mesmo que ouvi?

– Tá com ciúmes?

Não respondi.

– Aquela senhora simpática tem a idade da nossa mãe – justificou ele.

– Não que não seja bonita, só que eu duvido que a intenção dela seja a que você está pensando.

– Mas ela não é nossa mãe. E pelo visto está bem interessada em você, eu já tinha percebido na semana passada.

– Você acha?

– Por quê? Vai ficar vaidoso com isso?

Entramos no apartamento, e meu celular se conectou automaticamente no wi-fi de Will. Tinha mensagens da madrinha de Catarina no meu Austenapp. Cliquei para ler.

– *Como está, Bel?*

– *Estou bem. E vocês aí em SP?*

– *Bem! Já já vai começar o programa.*

Rubi enviou uma foto.

Na imagem, ela e os gêmeos sorriam na frente da televisão onde passava a chamada de Pemberley Hotel. Os irmãos da minha melhor amiga eram mesmo fofinhos, isso me fez perguntar a mim mesma como alguém havia tido a coragem de abandoná-los em um orfanato.

*– Também estamos prontos pra assistir.
A Catarina está arrasando.*

*– Tô muito orgulhosa dela.
Mas me conta, tem novidades?
Como o seu irmão está?*

*– O Rique tá sobrevivendo ao término,
embora não tenha sido fácil pra ele.*

Falei para alfinetar.

– Eu sei que não!

– Sabe?

Não que eu a culpasse pelo fim do namoro, mas sabia que Rubi havia colocado algumas caraminholas na cabeça de Catarina em relação ao meu irmão, caraminholas essas que não correspondiam à realidade.

– Você tem conversado com a Manoela?

– Tenho sim!

*– Que bom!
Está sendo importante para ela
uma amizade assim como a sua.
A geração de vocês tem a mente mais aberta,
que é exatamente o que ela precisa
nesse momento de separação.*

***Dê bons conselhos, quem sabe ela te ouça?!
Porque a mim, nunca ouviu.***

***– Está sendo importante pra mim também.
Sinto falta da Catá, e apesar dela
e a mãe serem quase que totalmente opostas,
a Manoela é muito legal.***

Manoela era a amiga virtual mais diferente de mim que eu já havia tido (com o passar das conversas, ela estava aprendendo a usar os emojis certos e a não ser tapeada pelo corretor ortográfico), não apenas em idade, mas em experiência de vida e personalidade. Estava sendo bom sair da minha zona de conforto, do meu mundinho fechado.

Deixei o celular de lado para voltar a assistir ao programa. O tal do John bonitão aparecia em um cabriolé, onde Catarina e suas amigas subiam para passear pelos belos campos de Pemberley. Eu sabia que ele era um candidato fortíssimo (como seus braços) devido ao enorme fã clube que sua beleza proporcionava. Muitas pessoas assistiam ao programa apenas para apreciar suas coxas torneadas e outras “*cositas más*”. Na Internet ele tinha se tornado muito popular, e além da beleza física, também parecia ser uma pessoa legal.

– Impressão minha ou isso tá meio desanimado? – perguntou Rique. E não era despeito, realmente faltava animação na propriedade de Lady Catherine. Eu torcia para o Sr. Collins aparecer por lá com uns Gogo Boys.

No final do programa, eu e Will fomos comprar um refrigerante. Meu irmão estava resfriado e preferiu ficar para não pegar vento até o mercado.

– Você conhece a mãe da Catá, né?! – perguntei retoricamente ao meu amigo no caminho.

– Convivi bastante com ela, desde criança.

– Nós temos conversado.

– Sobre o programa?

– Sobre a vida. Ela se separou, você sabe.

– Daquele marido babaca.

– Bota babaca nisso. Acredita que ele se recusou a sair de casa e ela teve que trocar as fechaduras?

– Bem a cara dele fazer isso. Ela deveria procurar a polícia para se proteger. Se ele era violento antes...

– Dei esse conselho, mas ela não aceita. Disse que ele nunca faria mal a ela por causa dos gêmeos. Eu não concordo com isso. Se ele batia nela, nada impede que faça algo mais.

– Vocês ficaram amigas?

– Preciso de uma substituta para Catarina pelos próximos meses.

– Qual é?! Não tô dando conta dessa nobre missão?

Passei a mão nos cabelos macios dele, bagunçando-os de brincadeira. Não costumava ter contato físico com meus amigos homens, mas com ele me sentia à vontade para fazer isso.

Will entrou no mercado e eu fiquei esperando do lado de fora do caixa. Ele pegou o refrigerante e foi para a fila, onde logo atrás havia alguns rapazes e uma garota. Um deles contornou o caixa para esperar os amigos do lado de fora. Quando a vez de Will chegou, ele se aproximou de mim para irmos embora.

– Casal café com leite – disse o sujeito próximo a nós.

Ouvi a risadinha dos seus amigos vinda de trás.

– O quê? – perguntei me virando.

– Casal café com leite – ele apontou para nós. – Vocês dois! Ele é o café e você o leite.

Eu sabia que aquela era uma referência preconceituosa em relação a mim e ao meu amigo. Foi então que o grupinho saiu da fila após passar as compras, e eu vi Jorge entre eles, o que me fez baixar o olhar e também a minha guarda.

– Está falando isso por causa da minha cor, imbecil? – perguntou Will.

– Ei, cara, abaixa essa bola, foi só uma brincadeira. Fica em casa com

esse mau humor aí. Com uma gatinha dessas do lado era pra estar mais bem-humorado.

– Brincadeira coisa nenhuma! – exclamou ele. – Racismo é crime. E limpe a sua boca para falar dela.

– Will. Tá tudo bem – disse pegando no braço dele e sentindo que meu amigo era mais musculoso do que eu supunha. Na verdade, nunca havia pensado nisso, e nem era um momento apropriado para tal constatação.

Eu não sabia onde enfiar a cara. Estava irritada com a situação, mas não conseguia reagir com medo de que Jorge dissesse algo para me constranger. Além do mais, nós éramos dois, eles eram cinco.

Um guarda do supermercado surgiu ao ver que a situação poderia sair do controle.

– Vamos, cara – Jorge puxou o amigo. Ele também pareceu desconfortável quando me viu, e isso me deixou aliviada. Nossos olhares se cruzaram e eu me perguntei como, em algum momento da vida, eu havia gostado daquela criatura mesquinha. Eu já não enxergava nenhum brilho em seus olhos, nem em seus cabelos; Jorge estava fosco para mim.

Entendi que era por isso que eu e Manoela nos demos bem, embora fossemos tão diferentes: ela também sofria da síndrome do dedo podre. Namorar *bad boys* só é legal nos filmes e séries. Na vida real não tem o mesmo glamour.

– Que ódio! – exclamei quando nos vimos sozinhos, Will e eu.

– Ódio é pouco. Você viu que tinha uma garota com eles? Como é que ela consegue andar com caras assim?

E se Will soubesse que aquela garota poderia ser eu?

– Você sempre passa por isso? – perguntei.

– Às vezes sim.

– Eu sinto muito! – falei. – Sinto muito mesmo. – e mais uma vez passei a mão em seus cabelos crespos e macios.

– Também sinto muito por você – ele respondeu.

E por um momento pensei que ele soubesse do que havia acontecido

entre Jorge e eu.

– Sente? – perguntei assustada.

– Não era fácil ser negro no século XIX, continua não sendo fácil ser negro no século XXI. Ser mulher é a mesma coisa. Não era fácil antes, continua não sendo fácil agora.

Will era mesmo um cavalheiro, e me lembrava meu irmão. Por mais que minha mãe e eu brigássemos, eu não podia deixar de reconhecer que ela fizera um ótimo trabalho, assim como a mãe do meu amigo.

– É verdade – concordei. – Não tá fácil pra ninguém!

E nós entramos pela portaria do prédio.



ANA CATARINA

Semanas depois...

“Então, após repetir um verso improvisado e igualmente adaptado para recomendar tanto equitação como franqueza: ande a cavalo onde puder; seja franca quando for capaz.”, disse Jane Austen em uma das histórias de sua juventude^[20]. Ela tinha razão em recomendar as duas coisas.

As aulas de equitação eram um momento esperado da nossa semana. Nós fomos divididos em quatro grupos com instrutores diferentes e, na primeira aula, o nosso nos falou um pouco sobre os traços da personalidade dos cavalos. O instrutor estava como nós, vestido a caráter.

– No século XIX – começou o Sr. Ashley, um homem de cerca de quarenta anos que ostentava fios longos de cabelos grisalhos. – A amizade entre o homem e o cavalo era como é hoje a cumplicidade entre cães e humanos. Os equinos são brincalhões, majestosos, fortes, curiosos, atentos, confiáveis, carinhosos. Mas como um cavalo pode ser tudo isso? Vocês devem estar se perguntando. E eu garanto que eles podem ser todas essas coisas. Sem os cavalos não existiria Orgulho e Preconceito.

Todos riram com a afirmação do instrutor, que era um cavalheiro muito simpático, apesar de seu caráter disciplinador.

– Duvidam? Sem eles o Sr. Darcy e o seu amigo Bingley não teriam chegado ao vilarejo das Bennet, afinal naquela época ainda não existiam carros. Nem a Elizabeth Bennet teria chegado a Pemberley. Quem vocês acham que puxavam as carruagens? O vento é que não era, senão elas se chamariam *balões*.

Ele falava de modo apaixonado, e parecia conhecedor não apenas dos animais, mas da obra de Jane Austen. Para confirmar essa sensação, ele recitou Mansfield Park com um tom de voz engraçado, fingindo ser uma personagem:

– *“É verdade. Sim, o querido velho pônei cinzento! Ah! Primo,*

quando eu me recordo do medo que sentia de montar, os temores que sentia ao ouvir falar que isso me faria bem – Oh! Como eu tremia quando os lábios de meu tio se abriam para falar de cavalos – e recordo o quanto você foi gentil e se esforçou para argumentar e aplacar meus medos, me convencer de que eu não demoraria para apreciar cavalgar. Como você estava certo, estou inclinada a ter esperanças de que você também tenha o dom da profecia” – ele parou para respirar. – Algo que os cavalos têm em comum com os cães é a lealdade. Porém, para desenvolver esse tipo de relacionamento é preciso muita dedicação e esforço, tal como nos outros tipos de relações. Você vai precisar dedicar horas do seu tempo ao seu cavalo e mostrar a ele que é alguém em quem pode confiar. Quando ganhar essa confiança, você terá o amigo mais verdadeiro que um dia poderia querer.

Eu havia me apaixonado por cavalos naquela tarde na casa de Dona Eulália, quando eu e Rique passeamos em torno da sua chácara montado no alazão. Por que para cada coisa que eu fazia ali, tinha uma lembrança dele? Um jogo de cartas, uma dança, um piquenique, um passeio, uma simples conversa.

– Hoje, vamos começar a estabelecer esse relacionamento. Ao longo do dia, tente passar um tempo no estábulo, deixando-o se acostumar a ter você por perto. Logo o verá começar a seguir os seus movimentos com os olhos e a cabeça, observando com curiosidade. Depois disso, converse com ele. Os animais, irracionais ou não, sabem quando alguém está os levando a sério. Seja paciente, mas firme e consistente, essa firmeza é necessária, pois o cavalo irá se deixar guiar por você, e só é possível se deixar guiar por quem passa confiança; isso também vale para a vida.

Ele tinha toda a razão. Confiança era a base não só da montaria, mas de todo tipo de relacionamento. Isso me levou novamente a Rique: fora a falta de confiança no meu discernimento que o fizera inventar aquela história mirabolante para me fazer viajar sozinha, e que nos levara rumo ao nosso fim.

– Evite fazer gestos bruscos e sons estridentes, mesmo antes de [montar o cavalo](#), para não assustá-lo ou desviar sua atenção. Encontre uma posição que lhe permita ter equilíbrio. Olhe sempre para a frente, para o local para onde se direciona e nunca para o chão ou para baixo. Segure as rédeas

conforme as indicações e com o devido cuidado. É importante que não o faça com extrema violência para não agitar o animal, porém, é importante também que ele sinta a sua força e os seus comandos – o Sr. Ashley colocou ênfase na próxima frase. – Com delicadeza!

Enquanto o instrutor falava, eu acariciava as crinas do cavalo escolhido para mim. Ele era alaranjado e tinha um aspecto manso que me deixava tranquila também. Seu nome era Larry.

– Ao longo da aula de equitação, procure adaptar-se ao movimento do cavalo, acompanhando-o da melhor forma possível. O mais importante é aprender a manter-se em cima dele de forma equilibrada, andando passo a passo e, eventualmente, trote a trote. Outros progressos, como aprender a galopar, ficarão para mais tarde, afinal, se tudo der certo, haverá tempo o bastante para isso. Bem... Vamos começar logo as aulas práticas.



Dias depois...

O tempo passava de forma diferente em Pemberley.

Nada de extraordinário (parece irônico dizer isso) ou digno de nota aconteceu durante o primeiro baile de Pemberley, porém, um novo baile era tudo o que nós queríamos para animar nossa semana tediosa. Pelo visto, a produção havia ofuscado o primeiro baile para criar em nós mais expectativa em relação ao segundo, e a técnica estava funcionando. As meninas e eu, tal como as personagens dos livros, nos juntamos no lado externo da propriedade para discutir nossos trajes e penteados para o fim de semana.

– Temos que estar impecáveis. Soube que virão cavalheiros de outras propriedades para nos fazer companhia. Northanger, Hartfield, Manfield Park, Longbourn.^[21] Estou animada para conhecê-los, espero que eles não venham com seus pares – disse Victoria.

Com o passar das semanas, ficamos tão acostumados com tudo

aquilo, que passamos a falar desse modo naturalmente. A abstinência de Internet havia causado uma desistência, o John mais velho havia pedido para sair, como nós dizemos no Brasil, mostrando que o vício cibernético não era um problema só de nossa geração. Agora havíamos ficado apenas com um John, o que fazia o coração de Victoria palpitar. Falando nela:

– O que acha desse? – perguntou.

– Acho lindo – me referia ao vestido que ela mostrara – mas apostaria nesse aqui para o baile – respondi pegando o outro modelo de seu armário.

– Realmente... você tem alma de dama. Não sei o que seria de mim sem você.

– Minha mãe é costureira, então eu entendo um pouco de moda.

Além da desistência, eu havia indicado Augusta ao chalé e ela foi eliminada. Minha justificativa foi a falta de afinidade, já que pouco havíamos conversado ao longo dos dias. Por outro lado, discussões acaloradas aconteceram entre Camilla e Alexia. Camilla havia sido a segunda “Nobre”, vencendo uma prova de carteador e indicando a outra, que perdeu para Lily, sendo eliminada também. A gêmea de Alexia, Danielle, foi logo em seguida, e depois Hempsey e Lucas. A mansão estava mais vazia e agora nós tínhamos uma noção básica do que agradava o público.

Voltando a falar sobre abstinência de Internet, ainda que apenas um participante tivesse desertado, nós sentíamos o efeito dela no dia a dia através do estresse causado pela sua falta. Isso aliado ao tédio e ao excesso de convivência aumentava as chances de mais discussões acontecerem.

– É como parar de fumar – disse Camilla.

– Você fuma lá fora? – perguntei.

– Não! Mas imagino que seja parecido.

E ela tinha razão. Mas por outro lado, isso era bom quando se tinha uma vista bela como a que tínhamos; estava funcionando quase como um retiro espiritual. Era essa vista que eu apreciava quando John se aproximou de mim.

– Uma bela manhã! – disse ele.

– Sim! – respondi me levantando. Eu estava pronta para dar um

passeio, e sua companhia não me dissuadiu disso embora ele fosse uma pessoa agradável.

Seguindo meu intento, fui ao estábulo e acariciei um dos cavalos conforme o professor aconselhara. Enquanto eu afagava a crina macia de Larry, me lembrei novamente daquela tarde na casa de Dona Eulália, quando andara a cavalo com Rique em torno da chácara dela. Me perguntei se ela ainda estaria cuidando da minha casa conforme o prometido, era uma gentileza e tanto da sua parte. Um filme passou pela minha cabeça. Rique e eu. Tantas conversas, tão poucos encontros, mas tanto amor. E tudo acabou tão de repente. Não fazia sentido.

– É, querido! – eu disse ao meu companheiro Larry. – O mundo não gira, ele capota.

Não costumava falar com animais, mas precisava dividir com alguém meus pensamentos. Eu sabia que a edição não teria interesse em me mostrar sozinha, falando em português com um cavalo. Ou será que teria?

Sentia falta do meu idioma, mas Camilla queria aprender algumas palavras, então eu começara a dar algumas lições para ela para que quando fosse ao Brasil, soubesse se comunicar ao menos um pouco. Tempo nós tínhamos para isso, e essa era uma boa forma de preenchê-lo quando não estávamos planejando nossos trajes para bailes.

– Vamos lá, palavras de saudação – eu havia dita a ela.

Explicara o que deveria ser dito ao chegar a algum lugar e como saudar alguém. Eu definitivamente não era boa professora, mas as músicas brasileiras que Camilla conhecia estavam me ajudando. No final da primeira semana de aula ela já conseguia formular algumas frases.

Agora, coloquei a cela no cavalo e montei, conforme Rique fizera e o Sr. Ashley me ensinara.

Após alguns minutos de caminhada, desci do animal dócil e me perguntei se não seria interessante aprender a guiar um cabriolé. Eu sabia que havia câmeras dentro dos meios de transporte também, mas me sentia livre em movimento.

– John – chamei.

Ele surgiu. A tarde ainda estava começando.

- Sim!
- Quero aprender a guiar. Me ajuda?
- É claro! Com prazer.

Fomos até o local onde o veículo era guardado. Ele subiu primeiro e me estendeu a mão na minha vez. Percebi que ela era macia, mas áspera, como a mão de um cavalheiro de bons rendimentos que não deixa de trabalhar apenas por ser rico. Na primeira vez que a tocara, naquele passeio de bote, não havia prestado atenção nisso.

– O grande mistério é lidar com o animal. E isso, pelo visto, a senhorita já sabe.

– Os animais escolhidos pela produção são muito dóceis, apenas isso. Não é mérito meu.

– Mas há também seu traquejo natural para com eles. De qualquer forma, vamos às lições.

– Está aprendendo a guiar cabriolés, Catarina? – perguntou Thomas, o ruivo, enquanto passávamos por ele, que fazia uma caminhada.

- Sim!
- Cuidado para não nos atropelar – ele riu.
- Isso foi uma piada machista? – perguntei a John, estupefata.
- Ignore! Não vale a pena responder. Thomas é uma mula de calças. Ops... desculpe, amigo, não quis ofendê-lo – ele disse ao cavalo.

Continuei com as rédeas nas mãos, mas olhei para trás pensando seriamente em responder à imbecilidade do nosso colega de confinamento.

– Ele é um idiota. Deixa para lá e se concentre no que está fazendo. Os verdadeiros cavalos são animais melhores que os humanos – nossos diálogos eram uma mistura do passado com o presente, e oscilava entre lá e cá.



- Aí estão eles – disse Camilla.

Victoria balançou a cabeça afirmativamente e eu e John nos aproximamos delas, que estavam sentadas no hall.

Era a quinta tarde consecutiva que saíamos para passear de cabriolé, e eu já me sentia mais confiante. O novo baile seria na noite seguinte. Finalmente o fim de semana estava chegando.

– Vou para os meus aposentos – disse John. E saiu do nosso campo de visão.

– Estão próximos, não é? – disse Victoria em tom baixo.

Eu ri de forma indevida para uma dama.

– Ciúmes de mim com John, Victoria?

– Não, é claro que não.

– Está, sim! – disse Camilla.

Cada vez mais ela me lembrava Bel. Talvez Sol, minha avó quase psicóloga, dissesse que isso se devia ao fato de eu desejar compartilhar aquela experiência com minha melhor amiga, e por isso a personificava em Camilla, mas eu realmente as achava parecidas.

– Eu e o John não temos nada a ver – respondi. – Absolutamente nada.

– Mas e ele, sabe disso?

– Edward tem a mais a ver comigo, mas ele é gay e, mesmo que não fosse, eu não estou disponível.

– Está solteira.

– Solteira e disponível não são sinônimos. Que tal uma festa do pijama mais tarde? – perguntei para mudar de assunto. – Um aquecimento para o baile de amanhã.

– De anáguas você quer dizer, né?! – objetou Victoria.

– Tem razão! Às vezes me esqueço.

– Eu topo! – disse Camilla. – Pode ser no meu quarto.

Mas o dia ainda estava apenas começando, e após o café da manhã, o pintor que costumava ir até Pemberley Hotel para retratar os participantes, viria. A modelo da semana era eu, e ainda bem que já estávamos nos últimos retoques. Nós posávamos à moda antiga, trajados elegantemente, sentados em

um banquinho com as mãos pendendo sobre o colo; a expressão séria como nas fotos de documento de identidade (naquela época era considerado vulgar sorrir para retratos, eles ficariam escandalizados com as nossas selfies).^[22]

– Obrigada! – eu disse ao final.

A aquarela tinha ficado muito fiel à realidade, exceto por alguns pontos nos traços, que eu sabia se tratar do estilo do artista. Em seguida ele disse que faria algumas finalizações e que em breve meu retrato estaria nas paredes de Pemberley como o de Darcy quando Lizzie conheceu a propriedade.

Durante a festa das anáguas, eu, Camilla e Victoria, nos reunimos no quarto da segunda para fazer um pouco de bagunça.

– Não vão acreditar – disse Camilla.

– Em quê?

– O machão do Thomas tem medo de palhaço. Eu o vi confessar isso no hall em uma conversa.

– Quem diria?! Logo ele que se julga tão corajoso e viril. Se bem que, isso na verdade não é um medo, é uma fobia.

– Sim, se chama coulrofobia. Muita gente tem!

– Viril é o John – objetou Victoria.

Ela realmente parecia estar vivendo uma paixão platônica por ele.

– John une o melhor das duas coisas: a sutileza e a virilidade – Camilla concordou. – Diferente do Thomas, que é um babaca machista, e de Edward, que tem uma beleza mais... moderna e masculinamente delicada. Mas agora que sei o ponto fraco de Thomas, na próxima piadinha, responderei à altura.



Uma coisa em que o século XIX não ficava devendo ao XXI, eram as revistas. Na época de Jane Austen, apesar de não existirem sites ou redes

sociais, havia essas publicações, que eram muito populares entre as moças, pois esse era seu modo de se inteirar sobre o mundo à sua volta. Nem sempre os boatos compartilhados nos bailes eram o bastante para saciar a curiosidade.

A produção de Pemberley Hotel havia recriado a mais famosa delas, chamada “The Lady’s Magazine.” Essa era uma das revistas de maior sucesso naquele tempo, e quinzenalmente recebíamos um exemplar novo, com conteúdo cuidadosamente escrito para nós. Era com ansiedade que esperávamos que ele chegasse para folhear suas páginas ásperas. É muito provável que Jane Austen tenha lido essa revista, e se ela não o fez, outra autora importante do século XIX sim. Em uma carta, Charlotte Brontë confessou ter sido leitora da “The Lady’s Magazine”.^[23]

Ela era considerada apropriada apenas para o uso e divertimento das damas e poderia ser comprada por seis centavos a cópia. Iniciada em agosto de 1770 pelo livreiro John Coote, de Londres, e pelo editor John Wehble, a revista era uma típica publicação georgiana que incluía gravuras coloridas, contos, notas sobre moda, padrões de bordado, conselhos, poesias, cartas das leitoras, artigos sobre as personalidades mais invejadas (condessas, baronesas e nobres em geral) partituras de músicas, ou seja, não era apenas uma espécie de tabloide pioneiro, mas também de entretenimento precioso para as jovens entediadas.

Na tarde seguinte à nossa festa de anáguas, o novo exemplar chegou, me deixando animada em tê-lo nas mãos.

Passei os olhos pela primeira matéria, que tinha sido retirada de uma publicação real de 1809:

ESTRATÉGIA DESCOBERTA: (Southampton, 4 de abril) – Um acontecimento deixou os habitantes de uma cidade de Hampshire muito agitados. Descobriu-se que uma jovem de vinte e três anos de idade, que herdará uma grande propriedade após a morte do pai, está grávida. Os pais, enraivecidos, exigiram saber quem tinha seduzido a filha, e ficaram atônitos quando ela respondeu que tinha sido sua camareira, Harriet. Harriet, então, foi chamada pelo pai da jovem e um exame foi feito. Descobriram, dessa forma, que a jovem, durante uma visita a uma amiga que vivia perto de Londres, conheceu um galante rapaz, que era um vendedor em uma livraria

circulante, e logo se apaixonou. Temendo a raiva de seu pai caso descobrisse o noivado (uma vez que o jovem era pobre), os dois tiveram a seguinte ideia: o rapaz se vestiria de mulher e acompanharia sua noiva para a casa dos pais dela, onde ele de fato permaneceu, até a descoberta do caso, como sendo uma camareira. O pai, contudo, já se reconciliou com o casal, e Harry (também conhecido como Harriet) está tão feliz quanto a riqueza e a beleza poderiam deixá-lo.

– Essa história daria um livro e tanto – eu disse a Camilla quando terminei de ler. Bel, se lesse o artigo, com certeza ficaria inspirada. Isso me fez questionar se ela tinha voltado a escrever e se seu livro estava caminhando bem. Eu era sua primeira leitora e fã número um.

Estávamos sentadas sobre uma toalha no jardim. Entre nós estava minha touquinha, que eu havia tirado por sentir calor.

Uma outra notícia dizia:

“FUGA DA HERDEIRA^[24]: no dia 31 de janeiro, a filha de um rico cavalheiro, da vizinhança de St. James’s Street, sumiu da casa de seu pai na manhã de terça-feira e supõe-se que tenha fugido com um oficial pertencente a um regimento da cavalaria. A moça, que tem vinte e três anos, não parece ter feito nenhum preparativo para a fuga. Ela saiu de casa normalmente, antes do café da manhã, mas sem uma criada para acompanhá-la. Não retornou, é claro, na hora costumeira, e sua ausência foi percebida com grande preocupação. Descobriram, contudo, durante aquela manhã, que uma carruagem ficou estacionada por duas horas em Berkeley Street, Picadilly, e que uma mulher com as mesmas características físicas foi vista ali na companhia de um cavalheiro. Não se teve nenhum sinal do casal, apenas descobriu-se que eles seguiram pela estrada de Bath. Parece que a moça e o rapaz trocaram cartas durante quinze dias em segredo. O jovem é um tenente no regimento dos Dragoons.”

– Tomara que não os encontrem e que eles sejam muito felizes – eu disse. E só segundos depois me lembrei de que aquilo não era real, pelo menos não no ano em que estávamos. Então me perguntei como teria sido o desfecho dessa história. Teriam eles voltado para a casa do pai dela ou continuado desaparecidos por anos e anos?

– Olha a página vinte e três – disse Camilla.

Eu obedeci.

“PEMBERLEY HOTEL: Veja como têm sido os dias dos habitantes de uma das principais propriedades da Inglaterra.”

Em seguida, a matéria narrava conversas dos participantes uns com os outros, conversas que deveriam ser confidenciais. Mencionavam, inclusive, minha proximidade com John. Eu tentei ignorar, pois sabia que aquilo fazia parte do jogo, mas não deixei de ficar um tanto incomodada.

Enquanto Camilla e eu liamos nossos exemplares lado a lado, vimos Lily e Victoria surgirem em nosso campo de visão, fazendo nossos olhares subirem alguns centímetros para fitá-las.

– Você disse isso sobre mim? – Victoria perguntou. – Não minta, Lily, está na revista.

Eu achei essa forma da produção nos colocar uns contra os outros a fim de conseguir audiência, genial, apesar de ardilosa. Pemberley Hotel era, definitivamente, um marco na história dos realities shows. Marie merecia os parabéns pela criatividade maléfica. Seria maldade dizer que ela era nossa Lady Catherine, a anfitriã?

– Minha frase está fora de contexto – justificou Lily.

– “Sem noção e desesperada pela atenção de um rapazote”, em que contexto isso é um elogio?

Elas discutiram e disseram palavras impublicáveis uma para a outra. O que uma fofoca não faz, não é?! Foi assim que Pemberley presenciou seu primeiro *barraco*, digo, sua primeira discussão acalorada.



BEL

O semestre tinha finalmente acabado. O TCC estava entregue e apresentado. Um trabalho longo sobre a importância de Jane Austen na modernidade. A banca elogiou bastante, e eu me senti envaidecida apesar de saber que era mais fácil ser elogiada pisando em solo conhecido. Poderia ter ousado, mas sabia que fazer o óbvio não deixava de ser, de certa forma, ousadia. Agora era só esperar as notas saírem no sistema, e embora dezembro não tivesse chegado, estávamos quase oficialmente de férias. Férias! Escrevi duas vezes para simples apreciação dessa belíssima palavra.

Estava orgulhosa de mim não apenas por isso, mas por todos os semestres que havia passado estudando. Foi com a sensação de dever cumprido que disse adeus à universidade, adeus não, até logo, pois em breve. teria que me preocupar com a pós graduação. Mas nisso eu pensaria depois. Como diria Jack, o estripador, vamos por partes.

A hora de me dedicar integralmente ao meu próprio livro havia chegado, e eu estava animada com isso. Naquele sábado, me empolguei tanto na escrita que acabei me atrasando para o programa semanal no apartamento de Will.

As coisas estavam ficando mais movimentadas em Pemberley Hotel. A produção estava criando provas e jogos divertidos, e os participantes interagindo entre si. Alguns até demais...

– Vamos? – Rique perguntou.

Levantei num pulo e coloquei as roupas mais confortáveis que tinha.

– Estamos indo, mãe – avisei.

– Com essa roupa? – ela perguntou me olhando de cima a baixo.

Eu estava com uma calça preta rasgada e uma camiseta justa de malha. Apesar da simplicidade dos trajes, estava me sentindo bonita naquela noite. O colar de corrente curta e pingente de camafeu adornava meu pescoço, me dando um ar vintage. Ele era um dos que pertenciam à minha avó.

– O que tem de errado?

– Te dou tantas roupas de presente, por que não usa uma delas hoje?

Vendo que a conversa estava desagradável, Rique me puxou e nós saímos pela porta.

– Não liga pra ela!

– Eu não ligo, já estou acostumada. Ela quer que eu coloque *scarpin* para atravessar a rua. Não faz sentido!

Parecia que Susana, a síndica, sabia exatamente a hora que nós íamos até lá, pois em todas as vezes ela estava a postos, como se estivesse esperando ansiosa pelo momento de dar uma olhadela no traseiro do meu irmão. Implicância minha?

– Boa noite! – ela disse em seu costumeiro modo excessivamente simpático.

– Boa noite! – Rique respondeu.

Eu apenas ignorei, pois como minha mãe costumava dizer, nossos santos não haviam cruzado, apesar das tentativas dela de ser educada comigo.

Quando entramos no apartamento de Will, um cheiro de queimado invadiu nossas narinas.

– Tá tudo bem? – perguntei empurrando a porta destrancada. E para nosso alívio, ele colocou o rosto para fora da cozinha e disse:

– Acho que não nasci pra fazer bolo.

Ele havia tentado reproduzir o bolo de fubá que sua mãe costumava fazer. Isso me fez constatar que sair da casa dos pais não era tarefa fácil e me perguntar se eu teria essa coragem. Era aquela velha história “ruim com eles, pior sem eles.”

– É, cara – respondeu Rique lhe dando um tapinha nas costas. – Eu também acho que você não nasceu pra isso.

– Então que tal uma pizza hoje?

Logo depois, nossa pizza estava a caminho.

– Aumenta um pouco o volume – pedi.

Pemberley Hotel estava começando e eu estava animada com o baile do episódio quando o interfone tocou e Will atendeu.

– Obrigada, dona Susana, estou indo.

“Ela é síndica ou porteira?”, perguntei a mim mesma. Estava mais para anfitriã do prédio, pois estava sempre disponível para nos receber de braços abertos (ou seriam as pernas?), quase que literalmente.

– Rique, vai lá pra mim? – Will pediu.

Meu irmão se levantou e caminhou até a porta, voltando logo depois com nosso jantar.

– O programa de hoje está mais divertido do que os primeiros.

– Também acho – concordei com um pouco de refrigerante na boca.

“A seguir: será que um casal está surgindo em Pemberley?”, disse a apresentadora. “Tirem suas próprias conclusões no próximo bloco.”

– Formação de casal – eu disse balançando a cabeça negativamente; o romantismo me incomodava desde... enfim. – Típico de reality show.

Esperamos o programa voltar do intervalo.

Então o VT rodou, e eu não pude deixar de notar que o semblante de Rique mudou ao ver Catarina dançando com John em todas as rodadas. Pelo visto, a produção estava sugerindo que eles eram o tal casal de Pemberley. Eu, ele e todos os leitores de Austen sabíamos o que significava a repetição excessiva de um par de dança, mas meu irmão nunca fora ciumento, coisa que admirava nele. Eu estava incomodada também.

Um clima estranho se fez na sala, e Will disse para quebrar isso:

– Eu pisaria no pé de todas essas meninas.

– Você não sabe dançar?

– Não. Você sabe?

– Sim! – respondi. – Não esqueça de que o restaurante onde eu cresci também tem seu salão de baile.

– Ah, é verdade! Falando nisso, faz tempo que não vou a um show, a gente podia ir.

– É, podia!

– Eles estão bem próximos, né?! – Rique disse ignorando nossa conversa paralela.

A tentativa de desviar o assunto tinha sido vã.

– Eles quem? – me fiz de desentendida.

– A Catarina e esse John aí.

– Ah...

Nós não respondemos e continuamos a falar de shows. Eu pesquisei na Internet os próximos que teriam nas redondezas, e vi que a Marisa Monte faria uma apresentação perto do Carnaval. Ainda faltavam alguns meses para isso, mas...

– Sou fã da Marisa tanto quanto sou fã da Jane Austen – eu disse. – Tipo, Jane nos livros e Marisa nos fones de ouvido.

– Vamos tentar comprar os ingressos? – Will perguntou olhando para Rique a fim de colocá-lo na conversa.

– Beleza!

Voltamos nossas atenções ao reality.

– Tá com ciúme? – perguntei ao meu irmão.

Não dava para ignorar para sempre os acontecimentos, e tratá-los com naturalidade era neutralizar os efeitos que teriam no coração por eles afetado.

Ah, a dor do amor! Eu simplesmente detestava a rima dessas duas palavras. Não havia nada mais clichê do que isso.

– Eu?

– É, da dança. Quer dizer, das danças.

– Nós sabemos o que significa repetir uma dança com o mesmo par por várias vezes seguidas, não é?! Significa romance.

– Claro que não. É só um baile. Pensa se todos os atores fossem namorar seus pares românticos. Isso não tem nada a ver.

“Brad e Angelina, Tarcísio e Glória, Miley Cyrus e Liam Hemsworth.”, está certo que esse primeiro já havia se divorciado, mas eu não

podia negar que tinha uma infinidade de exemplos que contradiziam minhas palavras. Rique pareceu ter lido meus pensamentos:

– Kristen Stewart e Robert Pattinson...

– Esses não acabaram bem! Definitivamente!

Não tinha como me esquecer do trágico final do meu shipp adolescente pós Crepúsculo. Na época eu adoraria ter consolado Robert.

– Pemberley Hotel não é um filme, nem uma novela. É um reality show, em bom português “programa de realidade”. Acertei Will? – ele disse em tom natural.

– Ah, cara, vou ser sincero. A Catarina ainda gosta de você, eu tenho certeza. Durante o tempo que vocês namoraram à distância, era nítido o quanto ela te amava e te respeitava mesmo estando longe, eu não acredito que tenha deixado de te amar assim, de repente. Sentimentos como esse não se dissolvem pela distância, até porque vocês estavam acostumados a ela.

Rique ficou nitidamente mexido com as palavras dele.

– De qualquer forma, não tenho direito de ter ciúmes, a gente não está mais junto e ela merece ser feliz. Com esse John, que parece ser legal, com qualquer outro ou sozinha.

Eu prossegui:

– Eu concordo! Não posso tomar partido de nada, afinal você é meu irmão e ela minha melhor amiga, e na verdade não existem dois lados, e sim apenas um: o lado de vocês dois.

– Quem é o melhor casal da ponte aérea Rio/São Paulo? – perguntou Will. – Nós precisamos de vocês para manter a fé no amor.

Eu fazia minhas as palavras dele.



Meu aniversário chegou.

Dessa vez eu não queria festa nem jantar especial. Não havia clima.

Por isso uma refeição com minha família seria o bastante para não deixar a data passar em branco. Na véspera, havia ganhado uma blusa da minha mãe, um livro do meu irmão, e do meu pai um bolo (quem é que não gosta de bolo?) sem velas.

– Parabéns! – disse Will pela manhã.

Às vezes, durante a semana, nós nos encontrávamos por acaso ao sair para trabalhar. Ele estava na frente do seu prédio e eu do outro lado da rua. Atravessei.

– Obrigada! Como você sabe?

– Tenho excelente memória... ela se chama Facebook.

– Idiota!

– Você está atrasada?

Olhei no relógio.

– Não, por quê?

– Me espera aqui rapidinho – disse fazendo sinal de “aguarde” com as mãos.

Ele subiu ao apartamento e minutos depois voltou com um embrulho em mãos.

– Seu presente – disse o estendendo a mim. – Eu ia te dar só no fim de semana, mas já que tô te vendo hoje.

– Não precisava! – exclamei surpresa.

Tocando no volume ainda embrulhado, acreditei se tratar de um livro de capa dura por causa do formato, e como estava curiosa para saber o título, abri ali na frente dele.

Tratava-se de um caderno personalizado com meu nome. Izabel Maria estava escrito na capa com uma caligrafia antiga e bem desenhada. Um marcador de fita pendia por entre as páginas e, em sua ponta, um pingente de camafeu que combinava com meu colar. A parte de dentro era revestida por um papel luminoso cor de bronze. Também na parte interna havia uma etiqueta da papelaria Fani Papel, uma lojinha virtual que já havia enviado produtos para Catarina.

– É lindo! – eu disse. – Muito, muito obrigada mesmo.

– Pensei que pudesse ser útil para a história original que está escrevendo.

Então agradei mais uma vez:

– Obrigada por se importar, Will!



ANA CATARINA

O fim de semana trouxe consigo o aguardado segundo baile.

As danças carregavam um tom de modernidade, talvez nos movimentos dos quadris dos cavalheiros e damas, o que seria incabível no século XIX. Tudo influência da dança moderna. Eu mesma sentia falta de um batidão, assim como Camilla, a DJ da turma.

Os pares foram sorteados e por coincidência em todas as rodadas John e eu caímos juntos. Se eu não estivesse sem a menor disposição romântica, diria que era coisa do destino.

Guardei na mente as regras de etiqueta de Marie.

– Você dança bem! – John disse.

– Obrigada! Tenho prestado bastante atenção nas aulas. Você também não dança mal.

– Mas antes daqui você já sabia, não?!

Marie me usava como par nas aulas para demonstrar aos outros determinados passos que não eram novos para mim. Meu professor? Rique. Novamente ele fazia parte das minhas lembranças. Me lembrei do conselho que Marie me dera pouco tempo antes – era pouco tempo mesmo? “Deixe do lado de fora tudo o que está do lado de fora. Entre em Pemberley de mãos vazias, só assim poderá sair de Pemberley com as mãos cheias.”, ela havia dito.

– Alguns passos, sim – respondi a John.

– Aprendeu com quem?

– Com meu namorado – ainda era difícil me referir a ele no passado. – Quer dizer, ex.

– Você sabe sambar?

Não era a primeira vez que me faziam essa pergunta ali. A resposta era sempre categórica.

– Infelizmente não! Sou uma vergonha para a minha nação.

– Se soubesse, pediria para me ensinar. Acho o samba uma dança linda, tão cheia de vivacidade.

Já a contra dança, que é o estilo em que os pares se posicionam em duas linhas opostas, tinha duração indeterminada, e acompanhava a canção que preenchia o ambiente.

Era engraçado que, apesar do que as pessoas ao redor diziam, eu não achava que John estivesse sendo galanteador comigo. Pelo contrário, acreditava que estávamos criando uma bela amizade sem segundas intenções, o que poderia ser um alento nos meses que ainda tínhamos em Pemberley Hotel, que a despeito de sua suntuosidade, não deixava de ser um desafio.

Os bailes eram essenciais para a sociedade da época que estávamos recriando, e não é à toa que tantos deles foram descritos nos livros de Jane Austen. Em uma época em que não havia Internet, os divertimentos eram visitar familiares ou vizinhos, jogar cartas ou, caso você fosse uma mulher, costurar e bordar. E por fim, em dias em que o clima permitia, fazer caminhada. Era por isso que os bailes eram aguardados com tanta expectativa pelas moças, pois, para as mais românticas delas, representavam mais do que simples diversão: eram o momento certo para garimpar bons maridos. Isso soa tão estranho, não é?! Como se homem fosse diamante para ser garimpado. Como diria Bel, “Deixo aqui minha risada: ha-ha-ha.”

“Gostar de dançar foi um certo passo para se apaixonar.”, Orgulho e Preconceito.

Naquela época, a dança e a paixão andavam lado a lado, ou melhor, dançavam lado a lado, pois era a mais perfeita ou a única oportunidade que essas jovens tinham para chamar a atenção de um bom partido, já que eram essas as únicas ocasiões em que elas podiam conversar e ter algum tipo de contato físico com alguém do sexo oposto sem ficarem mal faladas. Nada de conhecer alguém na faculdade ou no trabalho, afinal mulheres não estudavam em instituições e em sua maioria, não trabalhavam fora das próprias casas. A própria Jane Austen havia vivido momentos memoráveis de diversão em um baile. Foi em um deles que ela dançou com sua paixão de juventude, Tom Lefroy. No começo da faculdade, uma professora de literatura passou no data show da sala o filme “Amor e Inocência”^[25], que conta essa história de forma

ficcional. Eu simplesmente adorei ver Anne Hathaway como Jane Austen.

Mas para os rapazes, os bailes também eram uma boa oportunidade de ostentar suas suíças e vitórias profissionais a fim de se mostrarem possíveis bons maridos. Os jovens solteiros e em posse de boa, ou nem tão boa fortuna, iam à caça durante esses momentos.

A música continuou tocando. Camilla nos surpreendeu ao piano demonstrando muito talento. Ela não era apenas especialista em música eletrônica, sua paixão ia além.

– Eu sou apaixonada por pianos – disse. – Foi por causa de um deles que me tornei quem sou hoje – ela baixou o tom. – E essa é uma boa forma de fugir do chato do Thomas. Definitivamente não estou a fim de dançar com ele.

Logo fomos convidados a nos sentar à mesa.

Os convidados vindos das propriedades “vizinhas”, que na verdade eram figurantes contratados para fazer tudo parecer mais magnífico, chegaram em *fáetons*, que são carruagens altas de quatro rodas, leves e abertas, que possuem assentos paralelos dois a dois, uns de frente para os outros. Era mágico!

Vê-los chegando me deu uma sensação de satisfação, como se sua presença deixasse tudo real, ou mais real ainda. Foi ao observá-los, que notei um rosto conhecido entre eles.

– Eleonora – exclamei surpresa após franzir os olhos para me certificar de que estava vendo certo. Não podia ser uma miragem.

A irmã de Will sorriu para mim. Já fazia uns quatro anos que eu não a via, mas sabia que ela havia se tornado atriz em Londres como sempre sonhara, ou pelo menos estava tentando. Ela era mais velha do que nós, e levava uma vida um tanto livre; esse tinha sido o motivo pelo qual preferiu voltar ao país de origem, deixando os pais no Brasil e restringindo à família a visitas esporádicas de fim de ano. Às vezes eu desejava ter a coragem dela de ir embora. Realmente, ir é um gesto de coragem, mas ficar pode ser uma atitude ainda mais corajosa. Foi então que notei que eu, assim como ela, tinha ido embora.

– Oi! – Eleonora disse animada. – Sabia que você estaria aqui, tenho

te assistido, quase enlouqueci quando te vi na tela. Menina, que loucura!

Nós nos abraçamos. Nora estava radiante em trajes regenciais.

– Mas e você, o que está fazendo aqui?

– Consegui esse bico com uma amiga, a Marie.

– Conhece a Marie?

– Eu e o general, digo, ela, dividimos um apartamento na época da faculdade. Somos amigas há muitos anos, eu seria sua madrinha de casamento se... – ela cortou o assunto. – Aí surgiu essa oportunidade e ela me avisou. Sabe como é, né?! Não está fácil pra ninguém. Se bem que – ela olhou ao redor. – Não dá pra reclamar de estar em um lugar desses. Garota de sorte você!

– Que coincidência maluca!

– O mundo é um ovo... de codorna.

– Você tem notícias do pessoal? – perguntei curiosa.

– Meu irmão se mudou para o Rio.

– O quê? Sério?

Constatei que Bel e Rique, se eu os conhecia direito, estavam cuidando muito bem de Will. Era tão bom ter um elo com o mundo exterior. Eu queria segurar Nora ali para que ela nunca fosse embora.

– É, ele tem uns amigos cariocas mesmo, acho que são esses os nomes. Bel e Rique. Garota, você está ótima! Como está sua mãe, e seus irmãos? Eles cresceram?

Contei sobre os últimos acontecimentos da minha família.

– Mas seu padrasto os maltrata? – perguntou preocupada.

Eu não me lembrava de que ela gostasse tanto de crianças.

– Não! Com eles o Marcelo sempre foi tranquilo, o problema é com a minha mãe.

– Eles cresceram bastante, eu imagino. Devem estar lindos!

– Sim! Estão enormes. O Júlio é um pouquinho maior, acho que três centímetros. E o César gosta de desenhar.

Vê-la ali, naquela situação surreal, com aquelas roupas, naquele lugar, me fez dar uma risada. *Minha eu* pré-adolescente jamais imaginaria uma situação daquelas, por mais fértil que fosse sua imaginação.

– Parece que nós fumamos algo – disse Nora. – E não tô falando de tabaco e nicotina.

Conversamos mais sobre a vida lá fora e também em Pemberley, fazendo um apanhado geral dos acontecimentos dos últimos quatro anos.

– Agora me deixe voltar para o meu personagem, senão minha chefe me mata. Hoje eu sou uma dama vinda de Hartfield. Beijo. – ela fez o sinal de hashtag com os dedos. – #StayCatarina.

O baile continuou, mas após muitas rodadas, fizemos uma pausa para descansar as pernas.

– Você pode convidá-lo – eu disse a Victoria, que estava ao meu lado na mesa. Eu me referia a John, o parceiro de dança que ela desejava, mas que só caía comigo.

– Edward também é uma boa companhia na dança, mas gosta de rapazes.

– Ele arrasou na pista – concordou Camilla.

– E você arrasou no piano.

– Ah, achei estranho você e o John terem sido sorteados todas as vezes.

Eu não disse nada, mas mentalmente concordei com ela. Era realmente uma coincidência e tanto. Ou talvez não fosse tão coincidência assim. Victoria se levantou, indo à procura de seu pretendido.

– Hoje estou com vontade de quebrar as regras – Camilla continuou.

– Fazendo o quê?

– Vamos dançar, nós duas?

Ambas sabíamos que era contra as regras de etiqueta da época pessoas do mesmo sexo dançarem juntas, a não ser em casos extremos em que faltasse pares, o que não era o caso.

Eu aceitei ao convite, deixando as normas de lado, pois o que deveria

importar em um baile era a diversão ao invés de um monte de regras, e foi bem divertido dançar com Camilla. O restante do pessoal seguiu nosso exemplo; Victoria dançou com Lily, Edward dançou com John e assim por diante. Até os figurantes aderiram a essa moda.

Marie pareceu se divertir ao assistir à cena que o público também gostaria de ver, e enquanto ela tocava uma canção ao piano no lugar que pouco antes era de Camilla (a canção se chamava Robin Adair e era muito agradável aos ouvidos)^[26] Eleonora se aproximou e a tirou para dançar. Ela não era musculosa como John, mas dançava melhor do que ele.

No final da noite, vi minha ponte com o século XXI ir embora no majestoso *fáeton*.



BEL

– Vai passar o Natal em casa? – me perguntou Will.

Nós estávamos sentados a uma das mesas de canto do Norte & Angi. Tocava “Estou de volta pro meu aconchego” bem baixinho ao fundo. Minha mãe sempre deixa música ambiente, ela diz que a trilha sonora é um aspecto importante para a experiência gastronômica que é apreciar um bom prato. Segundo ela, que havia lido isso em um livro de autoajuda culinária – eu nem sabia que esse gênero existia –, dois sentidos combinados intensificam as reações.

– Sim! O Natal e o Ano Novo. E você, vai pra São Paulo?

– Pra Inglaterra. De volta pro meu aconchego... – ele citou a música.

– Ah, é. Esqueço que você é inglês. Você é tão brasileiro, não tem nenhum sotaque.

– Eu também me esqueço. Já faz tanto tempo que estou aqui. Ah, volto a tempo para o show da Marisa, é lógico. Vou ficar só alguns dias. Minha irmã não vem pra cá já faz um tempo, então se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé.

Quando a irmã de Will aparecera na tela da TV como figurante de Pemberley Hotel, nós havíamos ficado abismados com a coincidência, e eu especialmente com vontade de conhecê-la. Isso fora só no final do episódio do segundo baile, e nem mesmo Will sabia que ela estaria ali.

– Meus pais e eu estamos preocupados com a Eleonora.

– Por quê? Por ela não ter contado a vocês que estaria em Pemberley?

– Não por isso. A Nora raramente conta alguma coisa sobre sua vida maluca. Ela sempre foi meio cabeça de vento, mas de uns tempos pra cá, achamos que tem algo de mais errado com ela.

– Algo tipo o quê?

– Aí é que está. Não fazemos ideia.

O almoço dele foi servido e eu me levantei. Nunca gostei de almoçar

ou jantar ali com amigos, me sentia observada pelos meus pais, mas minha mãe havia trazido um prato para mim com polenta frita, o que era quase irresistível. Golpe baixo!

– HUUUU... o cheiro está ótimo.

– Almoça comigo – Will convidou.

– Não posso! Tenho que ir para casa para terminar um capítulo.

– Não se faz desfeita para visita – minha mãe disse. – e cliente também é visita, afinal esse restaurante é a nossa casa.

Me senti estranhamente pressionada, e me lembrei de quando Jorge fora até lá para jantar e ela o tratara com total simpatia e receptividade. Não que eu estivesse comparando os dois, mas sim as situações.

– Não posso, mãe! – respondi resoluta. Sabia muito bem que ela estava me jogando para cima de Will, como faria para qualquer criatura que tivesse um volume extra no meio das pernas. Pensar assim sobre a própria mãe era terrível.

Eu peguei meu prato e subi as escadas.

– Para que tanta grosseria? – disse ela no topo do último degrau.

– Para quê? Para ver se você percebe que eu não estou matando cachorro a grito – eu achava essa expressão ridícula, mas ela se encaixava na situação.

Caminhei até meu quarto e minha mãe me seguiu.

– Esse menino é um gatinho, ué! Eu não consigo entender você.

– O outro também era, não é?!

– Era sim. Nem sei por que não deu certo, eu dava o maior apoio. Você deve ter sido grosseira com ele como está sendo comigo agora, e o espantado por isso. Aposto!

Ela ficou calada, como se tivesse recebido uma revelação espiritual.

– Espera! Você gosta de garotas, filha? É por isso que... ah, como eu não percebi antes? Estava tão na cara. Desde sempre você repeliu minhas tentativas de te arrumar um namorado.

Dei uma gargalhada. Essa síndrome de Sra. Bennet às vezes soava

cômica, embora já tivesse acabado em tragédia.

– Não, mãe. Eu não gosto de garotas. Mas e se gostasse? Qual seria o problema?

Ela respirou aliviada, e eu também tive que respirar fundo e me conter. Porém, percebi que não precisava fazer isso.

– Qual foi a razão? Aquele garoto era um ótimo partido.

Eu concordava! Jorge ficaria ótimo partido ao meio e com as vísceras para fora. Deixei o instinto assassino de lado e corajosamente respondi:

– Não deu certo porque ele tentou me violentar – contei finalmente. E foi como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas.

– O quê? – o semblante dela mudou.

– Isso mesmo, mãe. O gatinho que você jogou pra cima de mim tentou me violentar.

– Como assim violentar, Izabel? Você me conta isso assim? Está inventando pra me machucar, é isso? Se for, está indo longe demais.

“Como ela pode pensar que eu inventaria isso?”, me perguntei.

– Se acha que tô mentindo, mãe, pergunte ao Rique. Ele foi comigo fazer o boletim de ocorrência.

Minha mãe se sentou na beirada da cama. Ela parecia precisar se apoiar em alguma coisa enquanto digeriria a informação. Eu também havia precisado naquela noite.

– Por que não me contou isso antes?

– Porque eu senti vergonha.

– Você não precisava sentir vergonha de nada. Ele... como foi isso? Ele te machucou? Ele tocou em você? Onde isso tudo aconteceu? Que dia foi? Por que não me contou antes?

– Eu sei disso – respondi ignorando as outras perguntas. – E também não preciso sentir vergonha de ser solteira. Não há nada de errado com isso, será que você não entende? Esse seu desespero para que eu não vire uma “solteirona” – enfatizei o final de aspas com os dedos. – acabou me fazendo entrar em um relacionamento que poderia ter até me matado, na pior das

hipóteses.

A culpa não era totalmente dela, eu havia cedido à pressão, mas ainda assim, Cássia tinha lá sua ponta de responsabilidade, não no acontecimento em si, mas no que levava a ele.

– Eu... – ela não sabia o que dizer. Isso era bom, pois minha mãe tinha sempre uma respostinha na ponta da língua.

– Muitas mulheres entram em um relacionamento assim por medo de estarem sozinhas. Não incentive isso. Você teve a sorte de ter achado meu pai, mas nem todas as pessoas serão tão felizes como você é, e nem todas as pessoas querem esse tipo de felicidade para si.

Fez-se silêncio entre nós, e o único som audível era o dos nossos pés batendo no piso. Tínhamos essa mania em comum, em situações de estresse, sapateávamos sentadas.

– Me desculpe, filha! – disse minha mãe. Ela já não parecia a pessoa de minutos antes, e isso significava que a revelação tinha surtido o efeito desejado, e que eu duvidava que surtiria.

– Eu desculpo, mas precisa me prometer que nunca mais fará isso. Caso contrário, eu vou ter que me afastar de você e ir embora.

– Isso quer dizer que sou uma droga?

– Não! – eu sorri sem ironia. – Quer dizer que você diz coisas que machucam, que aprisionam, entende?

– Eu prometo que vou melhorar. Ele machucou você? – repetiu.

– Fica tranquila. Eu tô bem. Foi um susto na hora, mas agora estou legal. Prefiro não falar sobre isso, ele saiu do trabalho e nós nunca mais nos vimos. Quer dizer, nos vimos um dia desses por acaso, nada demais.

– Você devia ter me contado assim que aconteceu.

Percebendo que o assunto estava esgotado, eu o encerrei.

– Vou comer – concluí levantando o prato. – E depois vou pedir desculpas pro Will, acho que fui grossa com ele.

– A culpa foi minha, eu te deixei irritada e causei a situação.

– Fica tranquila, ele vai entender. E... mãe, nós somos só amigos, não

fica vendo coisas onde não tem. Will é lindo, e é também um cara muito legal, só que nós somos apenas amigos – repeti enfatizando as duas últimas palavras. – Promete que fará o que pedi?

– Eu prometo! – foi a resposta dela.



ANA CATARINA

Quem será que passaria o Natal em casa?

Os dias de votação na casa eram sempre temidos pelos participantes, exceto por mim, que estava tranquila com a possibilidade de ser eliminada. Não que quisesse isso, pelo contrário, a cada semana a garra de continuar no programa aumentava, mas caso acontecesse, eu iria embora com a sensação de dever cumprido e com a consciência limpa por saber que tinha feito um bom jogo, afinal era isso que Pemberley Hotel era: um jogo.

– Já tenho meu voto! – exclamou Victoria.

– Eu também! – Camilla disse.

– O mesmo de sempre – fiz coro com ela.

Mas Victoria, diferente de nós, naquela semana votaria em Lily por causa da discussão pela intriga da revista. Ela era a nobre da semana, pois havia vencido a prova de carteador, e seu voto tinha o maior peso. A pessoa indicada por ela iria direto para o chalé e poderia ser eliminada.

Quando deu o horário, nós descemos e encontramos Marie no hall como costumávamos fazer nesses dias. Nós nos sentávamos no sofá. Por ordem alfabética dizíamos para quem ia nosso voto e dávamos a devida justificativa. Não havia confessionário como no Big Brother, então a votação era aberta, o que possibilitava ao público a chance de uma briga ao vivo.

– Vamos lá! – disse a apresentadora que trajava um belo vestido *rosé* que caía muito bem sobre sua pele. – Quem você indica, Victoria?

– Nessa semana eu indico a Lily – ela justificou seu voto explicando as razões que tinha, que consistiam nas palavras ditas pela outra a seu respeito.

– Então... Lily! O que você diz em sua defesa perante o público? – Marie perguntou.

– Eu votaria na Victoria, se ela não estivesse imune – disse Lily. – Pelo modo como ela se portou diante de um mal-entendido. Ela alterou a voz para mim, foi completamente mal-educada, me deixou constrangida e agora está usando seu poder como uma vingança totalmente equivocada.

– Ei, ei, ei! – Victoria objetou. – Vai dizer que eu não tive motivos?! Você me ofendeu, fez chacota comigo, apareceu na revista, ou a nota era mentirosa? Vamos, Lily, negue até onde puder. A sua máscara caiu.

– Eu uso máscara? Tem certeza disso? Porque pelo que me lembre, é você quem anda pelos cantos da mansão e pelos jardins fazendo fofocas.

Marie assistiu a discussão com um sorriso no canto dos lábios. Para ela, aquilo significava audiência.



Uma das coisas que mais me deixava encantada com o passado, era imaginar como eram as festividades natalinas. O frio europeu descrito nos livros contrastava com o clima quente do Brasil nessa época do ano e me fazia sonhar com a neve, afinal na Inglaterra já era inverno. A transição do outono para a estação mais gélida já tinha sido feita. Eu estava pronta para realizar meu sonho romântico de passar o aniversário de Cristo em frente a uma lareira ao invés de debaixo de um ventilador.

Na época de Jane Austen, quando as pessoas moravam distantes umas das outras e pegar a estrada não era tão simples, aproveitavam-se as datas festivas para se reunir e passar alguns dias na casa de amigos e parentes, coisa que se continuou fazendo com o passar do tempo. O Natal só foi decretado feriado na Inglaterra após 1834, dezessete anos depois da morte dela. Porém, naquele tempo as pessoas costumavam saudar umas às outras com desejos alegres e afetuosos de um bom ano, repletos de rituais, superstições e idas à igreja. Como nós não tinham parentes ali para visitar, eram essas outras coisas que nós faríamos em Pemberley Hotel, afinal de contas, para todos os efeitos estávamos vivendo no século XIX. E a cada dia eu acreditava mais nessa realidade.

A aproximação da data fez meu lado *Janeite* florescer e reler trechos dos romances à procura de menções natalinas para transcrever nos cartões que daria às pessoas mais próximas a mim. A atividade foi útil para ajudar a preencher o tempo e treinar minha caligrafia durante as tardes

excessivamente frias ou chuvosas em que não era seguro fazer caminhada. Seria a primeira vez que eu passaria o fim de ano longe da minha família, e isso me deixava melancólica.

“A verdade é que esta é a estação do ano mais adequada para as reuniões amistosas. No Natal todo mundo convida seus amigos e nós não nos preocupamos muito com o tempo, embora seja muito gélido. Estava nevando e fiquei preso na casa de um amigo por uma semana. Nada poderia ser mais agradável. Eu fui para permanecer por uma noite, e não pude sair por sete dias seguidos.”, Emma.

“Lembro-me de que no Natal passado, em ocasião de um pequeno baile no parque, ele dançou das oito horas da noite até às quatro da manhã, sem sentar-se uma única vez.”, essa passagem de Razão e Sensibilidade me encheu de esperança de que a produção nos presentearia com um baile na data.

“... Felizmente isto se deu justamente nas férias de Natal, de forma que Fanny pôde encontrar consolo junto ao primo Edmund; e ele lhe falou com tanta simpatia de William, das coisas formidáveis que ele faria em razão da profissão que abraçara, que finalmente ela se convenceu de que a separação só poderia lhe ser proveitosa. A amizade de Edmund por ela foi sempre sincera...”, Mansfield Park.

“Você é tão semelhante ao seu querido irmão, Catherine — continuou Isabella —, que eu me encantei por você desde o primeiro momento. Para mim é sempre assim, o primeiro momento decide tudo. No dia que Morland foi à nossa casa, no último Natal, no instante que o vi, meu coração era seu, irrevogavelmente.” A Abadia de Northanger me lembrava de Bel e Rique, e esse trecho eu transcrevi duas vezes, em dois cartões diferentes: um para ela e outro para ele. Porém, o segundo, assim que terminei de grafar a última palavra, rasguei, pois achava que Rique não desejaria recebê-lo. Ou será que desejaria? Natal era também época de perdão. Mas, espere! Eu não tinha feito nada para precisar ser perdoada, ou havia? Não, claro que não, o errado era ele. É... que o cartão ficasse para lá em pedacinhos, assim como meu coração havia ficado meses antes.

Em Orgulho e Preconceito, havia uma menção à troca de presentes:

“Na segunda-feira seguinte, a senhora Bennet teve a alegria de

receber seu irmão e sua cunhada, que iam costumeiramente passar o Natal em Longbourn. (...) Os primeiros momentos da chegada da senhora Gardiner se resumiram na distribuição dos presentes que trazia e na descrição da moda mais recente.”

Nós, em Pemberley, também planejávamos trocar lembranças, que poderiam conter toalhinhas bordadas ou outras coisas artesanais, como meus cartões, por exemplo.

– Não adianta – eu disse a Victoria. – Não levo jeito para trabalhos manuais.

– Esse ponto é muito simples. Você só precisa encaixar o dedo direito na agulha.

Ignorei a última frase e olhei para o horizonte. Estávamos na véspera do dia vinte e cinco de dezembro. O clima era frio, tomar banho era uma tarefa que requeria muitos esforços, mas que era necessária.

– O que foi? – perguntou ela.

Lily, sua quase inimiga, tinha sido eliminada, mas antes disso as duas fizeram as pazes e choraram nos braços uma da outra. Agora nós teríamos uma trégua e não pensaríamos em eliminação até a semana posterior ao Ano Novo.

– Estou pensando nas pessoas que estão lá fora.

– Também penso muito no meu filho. Ele deve estar orgulhoso por eu estar ficando tanto tempo sem Facebook.

– Você é tão viciada assim?

– Já o esqueci na escola por estar lendo comentários.

– Todo mundo adora ler comentários.

– A esse ponto?

– Tem razão. Acho que isso aqui está funcionando pra você como uma espécie de reabilitação, não é?!

– O que vocês vão fazer com o prêmio? – Camilla perguntou surgindo no nosso campo de visão.

Àquela altura do jogo já era permitido pensar nisso. Caso ganhasse,

talvez devesse usar o dinheiro para comprar um apartamento, mas nunca tinha refletido a fundo sobre o assunto.

– Sair de casa – respondi. – Ter independência. – disso eu tinha certeza, ser independente significava muito para mim.

– E vocês?

Camilla respirou fundo e olhou para o horizonte.

– Fundar minha própria boate e trabalhar para mim mesma. A Austenight é o sonho da minha vida.

– Eu adoro esse nome, Austenight.

Realmente era um nome brilhante para uma boate.

– É assim que se chamará minha casa noturna! Eu adoro o que faço e só quero que as pessoas também adorem. De certa forma também quero essa grana para ter independência. Digamos que meus pais não colocam muita fé em mim.

– Como assim?

– Eles veem minha profissão como uma diversão, algo que eu vá enjoar e largar a qualquer momento. Eles querem mesmo é que eu seja uma advogada como eles. Para isso, eu teria que investir minha energia, coisa que não estou disposta a fazer. Quando a gente estiver lá fora, vamos combinar de sair para dançar um pouco, quer dizer, muito.

– Eu aceito o convite – disse Victoria. – Vou balançar meu esqueleto até o último acorde do seu remix.

– E você, Victoria? – perguntei.

A sempre tão falante Victoria nunca tinha mencionado seus planos. Eu não sabia exatamente qual era seu objetivo de vida pós Pemberley.

– Conseguir um rumo – disse ela. – Eu me casei grávida muito jovem, e abandonei a faculdade. Meu casamento não foi dos melhores, na verdade, foi dos piores. Depois que fiquei viúva, não consegui recuperar o tempo perdido, entendem? Pemberley Hotel está sendo para mim como um recomeço, mas mais do que isso, está sendo também uma luz. Prometi a mim mesma que quando saísse, eu seria simplesmente Victoria.

– Gosto muito de “Simplesmente Victoria” – disse Camilla. – Parece título de comédia romântica, da melhor qualidade, é claro.

Entendi que nós três buscávamos, cada uma à sua maneira, a mesma coisa: independência.



– Feliz Natal! – dissemos uns aos outros.

No século XIX, ainda não havia o costume de decorar a casa com uma árvore. Porém, usava-se folhagens, ramos verdes e frutas como maçãs e laranjas que davam um cheiro agradável ao ambiente. Também era costume buscar o maior tronco de árvore da redondeza e arrastá-lo com pompa e circunstância para dentro da sala.

Era assim que estava nossa casa (já dava para chamar assim) naquele dia. Nunca antes, Pemberley parecera tão mágica para mim.

A lareira estava acesa, o que dava ao cômodo um aspecto aconchegante não só devido à temperatura provocada pelo fogo, mas pela iluminação alaranjada.

Meu desejo de que a produção nos apresentasse com um baile foi realizado, e os habitantes das outras propriedades, digo, os figurantes, compareceram à festa. Exceto Eleonora.

– Está procurando alguém? – Edward perguntou durante a contra dança.

– Uma atriz que veio da outra vez – respondi achando uma droga que minha amiga não estivesse ali. Eu queria tanto notícias de lá de fora. Quem sabe ele soubesse algo sobre Rique, o novo amigo de seu irmão. Isso seria burlar as regras?

– Uma de cabelos enrolados?

– Sim. Se lembra dela?

– Parece que não veio.

Me perguntei a razão de ela não estar ali, e constatei que deveria ser pelo fato de sua família ter vindo visitá-la na Inglaterra para passar o Natal. Esse era um costume deles.

– Você é muito observador – notei.

– Obrigado. A senhorita também.

– Por que diz isso?

Edward deu um sorriso leve e então entendi do que ele estava falando.

– Me desculpe, não foi minha intenção espalhar nenhum boato sobre você.

Ele demorou alguns passos para responder.

– Não é boato, é a realidade. Não tenho vergonha de quem sou.

– Tem toda a razão em não ter. Mas ainda assim, não me cabia dizer.

– Não se preocupe com isso.

– Isso me tranquiliza.

– As histórias de Austen são sobre amor, não são?! Então, não me considero à parte nisso, muito pelo contrário.

Edward era um cavalheiro, e eu lamentei que não tivesse convivido mais com ele durante o jogo. Mas ainda havia alguns meses pela frente para consertar isso.

Nas próximas danças, fui sorteada a dançar com John por quatro vezes consecutivas. Não que ele fosse um par desagradável, entretanto, era um fato muito estranho que não parecia obra do acaso. Quando fizemos um pequeno intervalo, não resisti e questionei Marie sobre isso; Victoria tinha aberto meus olhos.

– Ei – disse em tom baixo.

– O que foi?

– É coincidência?

– O quê? – ela se fez de desentendida.

– Você sabe do que estou falando, Marie.

– Não, não sei. Se você me dissesse, seria de grande valia!

– Das danças com John. Esse sorteio é realmente honesto ou é manipulado?

– O que está sugerindo? – pela primeira vez Marie me mostrou seu semblante irritado. Ela, que quase sempre era agradável e disposta a nos presentear com uma estadia deliciosa.

– Que você está tentando fazer parecer que seremos um casal, ou que já somos um.

Sua expressão ficou ainda mais sombria.

– Olha aqui, Catarina, você está em um programa de televisão – sua voz era áspera.

– Isso não te dá o direito de ser desonesta com o público – garanti orgulhosa da minha coragem em desafiá-la. – Reality show significa show de realidade, não de mentira.

– Para começar, você não entende nada de show business.

– E para terminar? – perguntei. Marie, apesar de jovem, passava a confiança de uma mãe e era isso que ela era em Pemberley Hotel: a matriarca.

– Para terminar, John é um homem e tanto. Eu no seu lugar, não perderia a oportunidade por causa de um ex-namorado que deve estar seguindo a vida lá fora com outras garotas, coisa que você também deveria fazer aqui dentro.

As palavras dela ecoaram (metaforicamente), mas seu som foi reprimido pela música, que recomeçou, e eu voltei aos braços de John.

– Está tudo bem? – ele perguntou ao perceber que eu estava impactada.

Assenti com a cabeça.

– Tem certeza?

– Uhum!

– Absoluta?

– Sim! – respondi áspera, mas logo me arrependi. – Desculpe!

– Imagine! Eu que peço desculpas se fui invasivo.

– Vou fazer uma pausa – concluí abandonando-o na pista.

Sabia que isso era contra as regras de etiqueta, mas realmente não estava no clima depois das palavras de Marie.

Logo fomos convidados para a ceia, momento muito esperado da noite, pois eu sabia que haveria geleia e pudim de ameixas para a sobremesa. Nada melhor do que doces para esquecer as dores do amor.



BEL

O restaurante fechou para a ceia de Natal, mas com a falta que eu sentia de Lady Olga, tive vontade de ouvir o barulho das vozes dos clientes animados, o som do baião no salão e o tilintar das panelas na cozinha. Mas estávamos nós quatro à mesa da nossa casa, e o único som era o da televisão da sala.

Desde que o Alzheimer começara a fazer companhia à minha avó, nós passamos a passar essa data na casa dela. Era nosso primeiro Natal, em tempos, na nossa casa, e era também nosso primeiro sem ela. Por outro lado, era o primeiro com Austen, o cão mais adorável que eu já tinha conhecido. Na hora da oração, minha mãe agradeceu por ele. Austen tinha definitivamente conquistado não só o meu coração, mas o de todos os integrantes da minha casa.

– Mais um pedaço? – meu pai perguntou.

O pernil estava delicioso, tanto que até esqueci das minhas aspirações veganas, que agora eram promessas para o ano que logo começaria.

– Sim! – respondi.

– Eu admiro isso em você. Não é como essas meninas que vão almoçar lá no restaurante, pedem um prato e deixam tudo intocado. Dá pena pelo desperdício.

Rique estava cabisbaixo e minha mãe tentou animá-lo, elogiando a salada de maionese que ele fizera. Na época em que estava escolhendo que faculdade fazer, ele cogitara cursar gastronomia. É... eu era a única lá em casa que não tinha o dom da culinária, mas a minha invenção me consolava, e falando nisso, faltava pouco para que o chefe fosse até o Norte & Angi para prová-la.

Meu celular apitou e eu ignorei. Meus pais me ensinaram, desde que o wi-fi se tornara algo comum nas casas brasileiras, que não se deve usar celular à mesa.

Só quando nos sentamos para assistir ao show do Roberto Carlos na

TV, é que li as mensagens de Will desejando uma boa ceia.

Ele havia postado fotos com sua irmã, marcando Londres como localização. De repente, me deu vontade de também estar longe do Rio de Janeiro. Quem sabe estar em Pemberley Hotel, sendo filmada vinte e quatro horas por dia, ou até mesmo em Londres com meu amigo. Se bem que... não, participar de realities não fazia meu gênero. Eu era esquentada demais e acabaria em confusão. Tomei nota mental de juntar dinheiro para minha primeira viagem internacional, pois nem passaporte eu tinha ainda.

Assim que os fogos de artifício pararam de explodir no céu e Austen se acalmou em meu colo, fui para o meu quarto, onde escrevi mais uma página do meu livro.

Feliz Natal, ou como diriam os ingleses “Merry Christmas”.



O Ano Novo passou de forma muito parecida. Nós quatro em torno da mesa.

Passei todo o recesso do trabalho dentro do quarto, escrevendo e sendo interrompida apenas pela minha mãe quando ela ia me levar um lanche de vez em quando.

– Você precisa voltar a dançar, nosso salão sente sua falta!

E ela tinha razão, eu precisava mesmo voltar a dançar. Fazia falta me sentir levitar sobre o salão, esse era um prazer inigualável.

– Que tal essa noite? Vou convencer o Rique a descer também.

Minha vida estava precisando de um pouco de música, quer dizer, meus fones de ouvido estavam sempre plugados no notebook enquanto eu escrevia, mas era de outro tipo de sensação que eu precisava: a sensação dos acordes entrando em meu corpo, me arrebatando.

Quando a noite chegou, tomei um banho longo e coloquei um vestido rodado, perfeito para dançar. Rique seria meu par, e quando deu a hora, ele

me esperou no fim da escada, como Jack do Titanic aguardava a Rose naquela cena épica.

Ao descer, constatei que a casa estava cheia, e entre os muitos presentes, reconheci Susana, a síndica do prédio do Will.

– Vocês aqui? – perguntou ela se aproximando da nossa mesa.

– Nós moramos aqui! – eu disse. Era óbvio que ela sabia disso, afinal morava do outro lado da rua.

Rique apontou para cima para demonstrar que nossa casa ficava na parte superior.

– Vocês são os donos? – Susana fez cara de surpresa.

– Nossos pais – corrigi.

– Que coincidência. Moro em Santa Teresa há anos e sempre ouvi falar desse restaurante, mas só agora decidi experimentar a feijoada daqui. Me mudei recentemente para aquele prédio – ela apontou para o edifício que ficava do outro lado da rua, como se nós não soubéssemos.

“Se mudou agora e já é síndica. Deve ter passado a perna em vários moradores antigos que queriam a vaga.”, pensei. “Com certeza é uma pessoa bem firme nas coisas que quer. E sei bem o que ela está querendo aqui.”

– Coincidência! – exclamei sarcástica.

– Nós também temos outros pratos – disse minha mãe surgindo com o cardápio em mãos. Ela parecia estar sempre a postos. Cássia era os olhos e os ouvidos do restaurante.

Eu sabia exatamente qual era o prato que a síndica queria devorar, e ele não estava no cardápio.

Susana então se sentou à nossa mesa, a convite de Rique, o que me deixou incomodada.

– Vocês se parecem – disse ela enquanto bebericava um gole de refrigerante.

– Você acha?

– Sim, o mesmo sorriso, os mesmos lábios, bonitos lábios, aliás.

Ela não podia ser mais direta, e eu admirava pessoas assim, que não

escondiam suas intenções nem tinham vergonha de lutar pelo que queriam, mas não adiantava, eu não ia com a cara daquela mulher, e sabia exatamente o motivo: eu estava com ciúmes por Catarina. Não conseguia imaginar meu irmão com nenhuma outra mulher no mundo. Catarina era minha melhor amiga e confidente, e eu estava acostumada com a perspectiva de tê-la na minha família como mãe de meus futuros sobrinhos, tal como Jane Austen admirava sua prima Eliza que acabara se tornando sua cunhada.

Não importava o quanto a síndica tentasse me agradar fazendo elogios que me incluíssem ou sendo cortês, ainda assim sua presença me incomodava como a do tal John, participante de Pemberley Hotel. Ela parecia sempre ter algum estratagema para se aproximar de nós.

Me levantei para ir ao banheiro.

– Ela é amiga de vocês? – minha mãe perguntou.

– Quer ser sua nora.

– Minha?

Voltei para a mesa sem responder.

– A dança é animada aqui – disse a intrusa.

– É sim! – Rique respondeu. – A música brasileira inspira a dança.

– Quer dançar? – ela perguntou.

Eu engoli a comida que estava mastigando. Era a última dos três a terminar de comer.

– Agora?

– Sim – Susana respondeu categórica.

– Dançar logo depois de comer? – objetei furiosa por estar perdendo meu par e também a paciência.

– Ah, somos jovens, fazemos a digestão rapidamente.

Rique se levantou, e eles seguiram juntos para a pista de dança.



ANA CATARINA

Aniversários não eram incomuns em Pemberley Hotel, diante do fato de haver no início do jogo uma grande quantidade de participantes, mais os instrutores de moda, alimentos, equitação, ah... e Marie, que transitava entre o século XIX e o XXI como se dirigisse a Ferrari de “De volta para o futuro”.

Para cada um dos aniversariantes preparávamos um bolo. E no “*Happy Birthday*” da nossa apresentadora não foi diferente. Eu ainda estava chateada com ela por causa da conversa do Natal, mas deixei de lado minha raiva por ela ter sido tão dura.

Fazer um bolo no século em que estávamos era uma verdadeira aventura. Além do preparo dos ingredientes, como lavar a manteiga em água de rosas, bater os ovos à mão por pelo menos meia hora até virar clara em neve, manipular o fermento de cerveja, ainda tínhamos que controlar o temperamental (literalmente) forno a lenha. O resultado final, porém, era sempre recompensador, embora o sabor sempre fosse superior à beleza do prato. Louis, o nosso especialista em culinária, supervisionava nossas alquimias pela cozinha de Pemberley assim como fazia no programa “Guerra de Confetes”. Ele sempre dizia sentir saudades da sua França e isso me dava vontade de conhecê-la.

Marie havia nascido no primeiro dia do ano.

Thomas se aproximou de mim enquanto eu passeava pelo jardim após a comemoração. Gostava de fazer isso sozinha, pois a natureza me deixava reflexiva. A presença dele me incomodou.

– Como está? – perguntou.

Eu sabia que sua intenção era combinar votos para evitar o chalé e uma possível eliminação. Ele era um jogador ardiloso, pois mesmo não sendo popular em Pemberley, sempre se livrava do chalé com seus truques desonestos. Ele era muito diferente de John e também de Edward, que estava se mostrando um fofo comigo.

– Bem! – respondi acelerando o passo.

Quando avistei Camilla, disse a ela:

– Thomas me importunou há pouco.

– A mim também. Ele queria combinar voto para evitar o chalé.

– Sabia que era isso.

– Pois é! A gente podia fazer uma brincadeirinha com ele.

– Como assim?

– Lembra que eu te disse que ele tem medo de palhaços?

– Lembro, sim.

– Podíamos fazer uma pegadinha como as desses programas de televisão que ninguém mais assiste, sabe?

– Isso seria... – eu não havia gostado da ideia.

– Estou farta de Thomas. Ele é insuportável.

– O que ele te falou pra te deixar assim?

– Ele disse “Ah, mas a mulher foi criada para ser dona de casa, não para dirigir cabriolés.”, é claro que eu respondi “Realmente, meu sonho sempre foi ser proprietária de vários imóveis.” E ele ficou sem resposta. Não consigo conviver sob o mesmo teto que uma pessoa assim, e já que não tenho escolha, que seja reagindo. Não é do meu feitio ficar calada, e não é porque estou no passado que irei fazê-lo.

– Não acredito que ele te disse isso!

Ela me lembrou Bel naquela situação da denúncia do pai de Jorge. Eu admirava pessoas assim, e por isso lutava para me tornar uma.

– E como exatamente você pretende fazer?

– Ainda não pensei nos detalhes, mas deixa comigo.

Fiquei um pouco insegura, afinal vingança não parecia algo muito nobre (sem trocadilho com a posição de liderança do jogo), mas minutos depois, quando eu estava lendo na parte externa da casa enquanto o sol se punha, Thomas se aproximou novamente.

– O bolo de mais cedo estava ótimo. Você ajudou a fazer?

– Todos nós ajudamos um pouco.

– Se tem uma qualidade que admiro nas mulheres, é a de saber cozinhar e cuidar da casa.

Até mesmo ao fazer um elogio ele era machista, e minha implicância com ele não era como a de Lizzie e Darcy, definitivamente não. Se meu coração já não estivesse inclinado ao amor, eu poderia ter me encantado por John, mas nunca por Thomas. O que eu sentia por sua presença era um verdadeiro incômodo. Ele me lembrava Marcelo. Era um saco pensar que até ali, um mundo de sonhos, havia gente assim. Ele conseguiu que Michael e David se aliassem a ele, mas ambos pareciam prestes a ser eliminados, pois não eram muito próximos dos demais, embora também não fossem desagradáveis como Thomas.

– Os rapazes também ajudaram – respondi. – Exceto você.

– Muito cavalheiresco da parte de meus colegas, mas minhas mãos foram feitas para tarefas masculinas, como pescar, guiar, tomar as rédeas de um cavalo...

“Que tal morrer em uma guerra?”, sugeri mentalmente. Nada mais masculino do que isso.

Revirei os olhos e acredito que ele tenha percebido.

– Você já tem um voto? – perguntou.

– Tenho, sim – concluí saindo. – Mas isso não é do seu interesse.

Em seguida fui atrás de Camilla.

– Ei! Aquilo que disse ainda está de pé?

Ela sorriu para mim.

– Sabia que podia contar com você nisso.

Na noite seguinte, Camilla tinha tudo no esquema. Eu não era fã de brincadeiras de mau gosto como aquelas, mas concordava que Thomas precisava de uma lição, principalmente se ela viesse de uma mulher, ou de três, como era o caso.

– Você segura a vela e eu bato três vezes na porta – disse ela.

– Isso realmente vai funcionar? – perguntei, pois o truque parecia infantil demais, digno da pré-escola: bater na porta e correr, fingindo não

haver ninguém. Mas era aí que vinha a parte principal.

– Vai funcionar, sim. Eu vou estar devidamente maquiada.

Sabia que ela teria que ter uma excelente capacidade de improvisação, pois a maquiagem no século XIX era um item precário.

Os principais pontos da maquiagem daquele tempo eram bochechas vermelhas em formato circular, triângulo inverso e lábios sempre igualmente avermelhados. As moças não contavam com a tecnologia dos batons que não vão parar na testa ao se fazer um lanche. Havia também o pó branco, que era muito utilizado, ele era chamado simplesmente de *blanc*, era feito de chumbo e tinha um aspecto seco.

Já os *rouges*, usados para dar o tom vermelhinho na pele, deixando as meninas com aparência mais saudável, eram feitos de enxofre e mercúrio e por sua vez também poderiam ser perigosos para a pele. Às vezes eles eram vendidos em folhas de crepom.

Havia também o pó facial, que era uma espécie um pouco mais sutil de *blanc*. Essa versão era feita de pó de arroz ou talco.

Victoria pegou o frasco do produto intitulado “Pear’s Almond Bloom”, cuja subscrição dizia “adere firmemente à face, dando uma tonalidade clara e delicada.” A marca foi a mais usada na época de Jane Austen, e a produção do programa havia recriado seus produtos para dar veracidade à experiência.

– Você vai passar toda essa farofa na sua cara? – perguntei a Camilla me referindo ao *blanc*. Quando estava a sós com ela e com Victoria, me sentia um pouco no século XXI, até mesmo no modo de falar.

– Vou me banhar nisso, praticamente. Serei a melhor palhaça que Pemberley já teve.

– Eu apostaria que você vai ser a primeira – Victoria disse. – E provavelmente a única. Acho que posso te ajudar com isso.

Para um olhar cintilante, as moças da época usavam um pó brilhante, uma espécie de iluminador^[27] feito de bismuto moído. Também era da marca “Pear’s Almond Bloom”. O rótulo dizia “dá um tom de perfeição ao rosto feminino.”

Mas na época, as moças também costumavam improvisar usando vinagre ou álcool destilado para colorir seus lábios. Para aquela aparência de gloss, usava-se uma marca chamada “Rose Save Lip”, que era a queridinha das garotas mais jovens.

É... talvez a beleza do século XIX não tenha sido tão natural assim. Enfim, quanto às palhaçadas de Camilla: com nossa ajuda e também de todos esses cosméticos, ela ficou tão assustadora que até mesmo eu, que não tinha medo de palhaços, fiquei amedrontada. Geralmente se usa maquiagem para ficar com uma boa aparência, mas aquele caso era o posto, a intenção era ficar assustadora.

– Você está a cara do Ronald McDonald. Eu até ia te pedir umas batatas fritas.

– Vamos lá mostrar ao Thomas que mulheres podem assustá-lo? – ela perguntou quando deu a hora.

Eu titubeei. Era provável que Bel, no meu lugar, estaria com Camilla nessa, mas eu me sentia estranha e com medo de que o público visse a brincadeira com maus olhos. A principal razão de me sentir assim, porém, era pena de Thomas. Não que ele merecesse, é claro!

– Acho que vou ficar! – disse por fim. – Vão vocês duas.

Camilla olhou para trás.

– Você é uma boa garota, Catarina – ela deu um tapinha em minhas costas de forma engraçada. – Tenho orgulho de você!

Eu as observei pela porta. Também tinha orgulho das minhas amigas.



Antes de narrar o desfecho do episódio “Garotas contra Thomas: A revanche”, vamos falar de coisa boa: John. Isso soou estranho para você?

– John apreciava bastante a sua companhia – disse Victoria.

– Você acha?

– É nítido para todo mundo.

– Eu também aprecio a dele.

– Também é nítido para todo mundo.

– Como assim?

– No começo você só conversava comigo e com a Camilla, agora vive andando por aí com ele. Fala sério, está encantada, não está?

– Nada a ver. Eu apenas recebi aulas de como guiar um cabriolé. Não teve nada demais! E também tenho conversado bastante com Edward desde o último baile, agora sempre que estou com John, estou com ele também. Ah, e eu conversei com a Marie sobre isso antes do aniversário dela. Deixei claro que não quero que nos usem dessa forma para conseguir audiência.

– Cuidado! – alertou Victoria.

– Cuidado?

– Sim! Marie pode implicar com você. Não bata de frente com ela. Se não quer passar uma impressão errada para o público, não dê vazão a isso.

Conforme a casa ficava vazia, os remanescentes se aproximavam um pouco mais.

– As pessoas daqui estão comentando sobre você e John – disse Camilla mais tarde.

Ergui meu corpo, que estava deitado sobre a toalha. Nós estávamos fazendo um pequeno piquenique a duas. Havíamos decidido de última hora, quando o clima que há dias estava frio, voltara a ficar favorável a passeios ao ar livre.

– É sério?

– Sim.

Não imaginava que o assunto estava rendendo na casa.

– Somos apenas colegas. Aqui dentro sentimos tanto tédio que uma conversa mediana já nos entretém. Não que John seja mediano, digo... suas conversas são muito legais.

– Sim, sei disso, até mesmo com a Alexia eu conversei nas primeiras semanas, antes de ela ser eliminada, e olha que lá fora ela é o tipo de pessoa de quem eu correria. Só estou te avisando porque você sabe como são os

realities, né?! Com o mínimo de chance de formação de um casal, eles fazem parecer que vocês irão se casar assim que o programa acabar.

– É verdade! Conversei com a Victoria mais cedo sobre isso. Não achei que o assunto já estivesse na boca do povo.

– Pois está!

A imagem lá fora era o reflexo do que acontecia dentro de Pemberley, então me perguntei como as pessoas estariam me vendo através da tela. O que minha mãe estaria achando de mim? Minha madrinha estaria orgulhosa? O que Bel, Will e Rique estariam pensando?

– Obrigada! – eu disse a Camilla em tom baixo. Realmente, a dica dela me fizera refletir sobre a imagem que meu (não) relacionamento com John estava passando para os espectadores.

– Isso aqui é mídia! – me lembrou ela. – Não podemos nos esquecer disso. A Marie é simpática e educada, mas nós sabemos muito bem que a audiência é o que importa para ela. *Show business*.

Sim, eu sabia disso. Falando em John, constatei que ele não morreria mais, pois assim que minha amiga se levantou, ele se sentou no lugar dela ao meu lado.

– Pensando na família?

– Sim – respondi. – Como sabe?

Além de bonito, John lia mentes. Na verdade, ele tinha era uma boa percepção, o que não significava pouco tendo em mente que ele era um homem (desculpem, rapazes!). Jane Austen diria que John era um jovem amável, talentoso e encantador, de uma beleza tão ofuscante que ninguém além das águias poderia encará-lo. ^[28]

– Porque eu também estava. Às vezes bate uma insegurança, não é?!

– Como assim?

Minha intenção era me afastar logo, para demonstrar que eu não queria passar uma imagem errada, mas senti que John queria conversar, e não consegui cumprir meu intento.

– Eu fico pensando... oito meses é tanto tempo! As coisas já devem estar diferentes do que deixamos lá fora. As pessoas devem estar seguindo

suas vidas enquanto nos assistem, tomando decisões, rumos que não tomariam se nós estivéssemos lá também – ele olhou para o horizonte. – Você entende?

– Entendo! Ô se entendo...

Era a terceira vez no dia que me faziam pensar em coisas em que minha própria mente não havia se ligado, e a perspectiva de que as pessoas seguissem seus rumos sem mim, afetava não apenas meu ego, mas principalmente meus sentimentos. Será que Rique se esqueceria de tudo o que vivemos? Será que me esqueceria? Isso soava egoísta, pois eu, embora não o tivesse esquecido, estava seguindo minha vida.

– Por que está dizendo isso? – perguntei a John. – Deixou alguém lá fora esperando por você?

– Não! Pelo contrário.

Não entendi a última frase, e ele prosseguiu:

– É que essa exposição toda pode mudar as nossas vidas para sempre. Não só em relação ao público, mas à nossa própria família. Pode ser que, quando sairmos daqui, encontremos um mundo diferente do que deixamos quando entramos. Quando a gente colocar os pés para fora é que vai ter consciência disso.

Fez-se silêncio naquela parte de Pemberley. Eu havia compreendido o que ele queria dizer, embora naquele momento não tivesse captado a essência dos pensamentos de John.

– E você? – ele perguntou.

– Eu o quê?

– Deixou alguém lá fora?

– Eu deixei sim, e penso bastante nessa mudança. Não estou mais com ele, e talvez por isso seja ainda mais assustador.

– Então você entende bem!

– Entendo melhor do que você imagina!

Me perguntei se deveria dizer o que estava passando pela minha cabeça. Os rumores sobre nós dois estavam me incomodando e embora

acreditasse que um cara como John nunca se interessaria por alguém como eu (lembrando que ele era um deus grego, e eu, uma simples mortal), constatee que colocar para fora podia ser uma boa para esclarecer as coisas. Tempos antes eu também não acreditava que alguém como Rique fosse olhar para mim, no entanto nós não só nos olhamos, como nos apaixonamos com reciprocidade.

– John! – comecei.

Ele tirou os olhos do gramado e os direcionou a mim.

– Estão falando que eu e você estamos próximos demais.

Esperei que ele entendesse a expressão “próximos demais”.

– Eu sei! E o que acha disso?

O próximo olhar que ele me lançou me fez perceber que eu havia dado uma conotação estranha à frase.

– Eu te acho um cara ótimo, mas não estou dando em cima de você. Quer dizer, não que você não seja bonito, você é, e não é pouco não, viu?! E é inteligente também – me arrependi de ter tocado no assunto, pois eu não sabia me expressar em relação a isso e só estava me enrolando mais ao tentar corrigir.

– Fica tranquila! – ele disse ao notar isso. – Nunca me passou pela cabeça que você estivesse. E obrigado pelos elogios!

Isso me deixou aliviada.

Mais uma vez ficamos calados, apenas olhando para o horizonte que representava o futuro, um futuro onde Pemberley seria um traço distante em um passado surreal. Nele, eu teria voltado para a faculdade, para o trabalho, para as calças jeans e hambúrgueres, mas será que esses seriam os únicos traços em comum com a vida de antes?

– Você é especial! – John exclamou.

Havia sinceridade em suas palavras e eu podia sentir isso emanando de cada letra.

– Você também é muito especial! – concluí.

E me levantei, pois Pemberley ainda era o meu presente. Em todos os

sentidos da palavra.



BEL

– Você é muito especial! – o cara sarado disse a Catarina. Disse não, exclamou, e de um jeito tão sincero que de onde eu estava, em outro continente, pude sentir isso emanando de cada letra.

E ela correspondeu ao elogio.

O começo do VT os mostrava um ao lado do outro observando o horizonte, e então depois os dois se elogiavam, terminando a cena romântica. Além dos elogios, nenhum diálogo foi exibido, o que deixava a cena mais romântica ainda. Duas pessoas em meio a um gramado bem verde, trocando elogios gratuitos repentinamente. Dava a entender que aquilo sucedia uma declaração de amor do tipo:

“– Eu estou a fim de você, John!

– E eu de você, Catarina!

– Vamos esperar o programa terminar para assumir nosso relacionamento?”

O público que shippava o casal Jorina (a mistura de John com Catarina) ficou em polvorosa. Mas eu shippava mesmo era o casal Catarique. O legal é que até nisso eles se encaixavam, pois seus apelidos não precisavam perder nenhuma letra para que fossem juntados em um ship. Já Jorina parecia nome de marca de cloreto de sódio, aquele negócio que se pinga no nariz quando se está gripado, para aliviar as vias nasais.

Foi um momento tenso na sala de Will. Rique ficou visivelmente mexido com a cena quase cinematográfica: um lindo homem de porte atlético usando roupas coladas, uma dama trajando um vestido campestre, e uma grande propriedade ao fundo.

– É, a fila anda, a catraca gira! – exclamou ele.

– Não acho que seja o caso, cara – objetou o dono da casa.

– Também não acho, mas esse negócio de relacionamentos não é da minha alçada – respondi.

Eu não sabia de que lado ficar, pois as atitudes de Catarina estavam me deixando confusa, tal como as de Rique, que aceitara dançar com Susana naquela noite. Antes eu acreditava que não existissem dois lados, só que agora o meu casal favorito parecia estar se dividindo e cada um indo para um rumo diferente; e não se tratava de distância física ou continental.

Até pensei em parar de assistir ao reality, mas Pemberley Hotel estava divertido. Eu gostava de ver as picuinhas entre os personagens, os jogos de cartas, piqueniques e bailes, e mesmo se minha amiga não fosse uma concorrente, eu acompanharia os episódios.

– Vou passar um fim de semana em São Paulo – disse Will para mudar de assunto. – Vocês podiam ir comigo!

Realmente, nós podíamos. Agora que o fardo da faculdade tinha terminado (em parte, pois ainda faltava a pós-graduação) eu tinha mais liberdade nos meus fins de semana. Tanta liberdade que não sabia o que fazer com eles, além de escrever, é claro.

– Aí vocês conhecem a minha família, o que acham?

– E vemos a Rubi e a Manoela – adicionei um motivo. – Tá aí, acho que vou aceitar o passeio.

– Que bom que vai passear um pouco, você fica muito enfurnada dentro de casa, Izabel – disse Cássia cinco dias depois.

– Ah, mãe, vai começar de novo?

– Não, não! – ela tampou a própria boca. – Prometo que vou fazer tudo direito dessa vez – concluiu fazendo o sinal de juramento com os dedos.

Arrumei minha mochila com coisas o suficiente para passar os dois próximos dias.

– O Henrique não quer ir com vocês?

– Não. Eu insisti, mas ele não quis.

– Não deve estar a fim de ver a família da ex depois que ela fez a fila andar em rede internacional.

– Será? Ah, e... Olha, antes que você crie caraminholas nessa sua cabeça, essa não é uma viagem romântica. Eu vou ficar no apartamento da tia da Catarina, no quarto que era dela.

– Eu não disse nada!

– Eu é que estou dizendo.

Me sentei sobre a mochila para que as coisas coubessem melhor.

– Mas você vai conhecer a família do Will, não vai?

– Vou, sim, ué!

– Leva um pote de cocada cremosa para eles.

– Pode deixar!

No dia seguinte, minha mãe colocou o pote dentro das minhas coisas após fazer diversas recomendações.

Então Will e eu seguimos viagem.



Há uma filosofia atribuída a Tolstoi, que diz que todas as histórias que existem, acontecem a partir de dois tipos de pontos de partida: um deles é alguém saindo em uma viagem; o outro é alguém chegando a uma viagem.

Eu concordava com ele. As histórias da minha autora favorita eram todas assim: Darcy e Bingley chegando ao vilarejo onde vivem as Bennet, Catherine Morland partindo para Bath, etc. Falando em Bath... lá estava Catarina, cujo relacionamento havia começado em uma viagem ao Rio e terminado em outra a Inglaterra.

E agora lá estava eu embarcando depois de tanto tempo sem sair da cidade. Nem me lembrava da sensação.

Mas nem tudo eram flores. Catá estava no chalé junto a John e Edward. Um dos três seria eliminado de Pemberley Hotel no dia seguinte. Eu torcia para que John voltasse para o mundo real de mala e cuia, pelo menos assim parariam de *shippá-lo* com Catarina. Fora isso, eu não tinha nada contra ele.

Rubi e Manoela estavam nos esperando na rodoviária. A primeira estava linda em um modelito longo e estampado, e a mãe de Catarina parecia

mais brilhante do que da última vez que eu a vira.

Em nossas conversas no Austenapp, ela desabafava comigo sobre as dificuldades da sua decisão de se separar, mas eu sabia que não contava para mim algumas coisas, como, por exemplo o episódio da troca de fechaduras que Rubi havia me contado. Em pouco tempo nos tornamos velhas amigas, e eu sabia que isso se devia à disposição de espírito dela em recomeçar a vida. Porém, eu sabia também que não era fácil fazer isso, principalmente naquela circunstância.

– Fizeram boa viagem? – a mãe de Will perguntou após se apresentar. Ela também estava no grupo que nos esperava chegar.

Marília tinha os olhos amendoados e os cabelos curtos e encaracolados. Seu tom de voz também fazia rima.

– Então você é a famosa Bel!

– Famosa? – perguntei.

Eu não era celebridade nem na época da escola, nem na faculdade e menos ainda no trabalho. A não ser que Marília lesse fanfics de Jane Austen na Internet, eu não tinha motivos para me considerar famosa.

– O Will fala muito de você.

Percebi que ele ficou tenso – mães e sua mania de constranger os filhos – e Rubi mudou de assunto.

– Por que seu irmão não veio?

– Ele tinha muito trabalho pra terminar – menti. Mas sabia que Rique ainda estava sensível a tudo que tinha a ver com a ex-namorada, e que era uma grande demonstração de força emocional assistir ao programa.

– Vamos sair bastante nesse fim de semana. Podemos copiar Pemberley Hotel e fazer um piquenique, o que acham?

No Brasil, ao contrário da Inglaterra, o calor não dava trégua, o que fazia sentido já que lá era inverno e aqui verão. Exceto pelos mosquitos, eu gostava dessa época do ano, apesar de ter que beber o dobro de água para poder me sentir minimamente hidratada.

– Eba, piquenique! – disse Júlio.

E eu percebi que ele e seu gêmeo estavam diferentes da última vez. Haviam crescido alguns centímetros desde sua ida ao Rio, e agora usavam diferentes cortes de cabelo, de forma que era mais fácil diferenciá-los.

– Cadê a Sol? – perguntei sentindo falta da avó da minha amiga.

– Está lá em casa – disse Rubi. – Ela vai dormir lá hoje. Aliás, vamos logo. Estão com fome?

No carro, passamos pelas ruas do centro. No rádio, tocava:

*“Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João.”*^[29]

Eu gostava da cidade, e por muitas vezes durante a faculdade, havia pensado em me mudar para lá quando me formasse, e não só porque parecia mais fácil conseguir um emprego em uma grande metrópole.

Peguei meu celular para ver se tinha chegado mensagem dos meus pais, e aproveitei para olhar o Instagram. Assim que o abri, dei de cara com um meme onde havia duas fotos. A da esquerda era de John e nela estava escrito “expectativa”. Já a da direita, onde estava escrito “realidade”, era de Thomas, o participante mais detestado pelo público de Pemberley Hotel. Eu quase morri de rir quando as garotas se fantasiaram de palhaças para assustá-lo, era o tipo de coisa que eu faria.

No apartamento, Sol nos esperava trajando uma camiseta com o rosto da neta. Ela me cumprimentou com um abraço e me mostrou sua nova tatuagem: uma âncora. Em seguida foi ao quarto e me trouxe um embrulho.

– Essa é a sua camiseta! Todos do fã clube devem usar amanhã, a gente assiste o programa ao vivo, todo mundo junto, e tira muitas fotos com a hashtag #staycatarina. Isso vai mandar boas energias a ela. Ela não pode sair nesse paredão, quer dizer, nesse chalé – disse Sol. – Eu quero vê-la ao menos na final.

Nós jantamos ali, e no final da noite Will e os pais foram para casa. Combinamos de nos encontrar todos logo cedo para o piquenique.

– Bom dia! – disse Rubi no dia seguinte.

– Bom dia! – respondi.

– Dormiu bem na cama da Catá?

Respondi que sim, pois tinha sido muito bom esticar o corpo após tantas horas de viagem. Ao me levantar, esbarrei em uma arara de roupas no corredor.

– Ai! – disse enquanto pegava um dos vestidos no chão. – Desculpa, eu sou um desastre.

– São os vestidos da Manoela.

Ela havia me contado que agora estava fazendo vestidos para vender e complementar a renda, e que a arara ficava ali porque Rubi os levava para o salão para oferecê-los às suas clientes.

– São lindos! – exclamei enquanto pegava um traje específico; um vestido leve e rodado com estampa de gatinhos. – Acho que vou comprar este aqui. É ótimo para dançar.

Que Austen não ficasse com ciúmes pela estampa felina!

– É a sua cara! Vou aproveitar o momento para perguntar uma coisa a você.

– Sim. Se eu souber responder...

– Eu estou achando que a Manoela está me escondendo alguma coisa que não sei o que é.

– Que coisa? Ah, que pergunta idiota.

– Bom... eu queria saber se ela te contou algo.

– Não, não me contou nada, eu acho. Do que exatamente você está suspeitando?

Ela olhou ao redor para verificar se alguém estava nos ouvindo.

– De que Manoela e Marcelo voltaram e ela está escondendo isso de nós.

Quando Rubi disse isso, Sol surgiu no corredor.

– O quê? A minha filha voltou com aquele crápula?

Crápula era a palavra ideal para descrever o ex (assim eu esperava) padraсто de Catarina.

– Calma, Sol! Não temos certeza ainda. É só uma suspeita minha. Eu

posso, e espero do fundo do coração, estar errada.

– Eu vou até a casa dela para ver se ele está lá.

– Não! Nós temos um piquenique agora, esqueceu? Vamos ao mercado comprar frutas e pães para fazer sanduíches, e logo depois partimos. Deixa pra resolver isso depois!



Eu poderia perguntar diretamente a Manoela se ela havia feito a grande besteira da qual suspeitávamos, mas se ela realmente estava escondendo isso, seria invasão da minha parte fazê-lo. O que eu tinha a ver com isso, afinal?

César havia levado seus lápis, canetinhas e folhas para o nosso passeio ao ar livre, e embora o parque onde estávamos não fosse tão belo quanto os campos de Pemberley, era um lindo lugar também. Um verdadeiro oásis em meio à selva de pedra que era São Paulo. A natureza, assim como as mulheres, ou melhor dizendo, as pessoas em geral, não merece ser comparada. A beleza dos cactos espinhosos não é menor que a da rosa, nem das violetas mais baratas da floricultura.

– Você tá assistindo o programa da minha irmã? – ele me perguntou enquanto desenhava.

– Tô, sim. E você?

– A gente também – respondeu o outro gêmeo.

Will havia trazido morangos, eu estava com vontade de comê-los desde que vira os candidatos comendo em Pemberley Hotel.

Ele se sentou ao meu lado.

– Observando? – perguntou.

– Uhum!

– O que exatamente?

Nesse momento, os gêmeos se sentaram ao nosso lado. O dia estava

ensolarado e muitas pessoas decidiram levar seus cães para passear.

– Por que não trouxe seu cachorro? – perguntou Júlio.

– Bem que eu queria ter trazido – respondi.

Austen teria feito a festa ali naquela grama e eu imaginava sua carinha de felicidade, mas minha mãe devia estar cuidando bem dele. Ela havia aprendido a amá-lo, e alguns dias antes eu havia me surpreendido ao vê-lo tirar uma soneca com ela no sofá. “Eu não quero ter um cachorro.”, disse imitando a voz dela. “Isso é inconcebível para uma dona de restaurante.”. E agora lá estava ela.

– Eu queria um animal – contou César. – Um gatinho, um hamster ou um cachorro.

– Pede para a sua mãe adotar um para você. Tem tantos dormindo na rua, sem ter onde morar.

– Meu pai não gosta de cachorro. Ele diz que faz sujeira e que não quer um na nossa casa.

Rubi estava de pé, encostada a uma árvore, e olhou para mim quando ele disse isso. Crianças e sua sinceridade...

– Você viu? Eu tinha razão.

No final da tarde, quando contornávamos o parque para ir embora a fim de assistir ao episódio, desacelerei o passo para ficar ao lado de Manoela. Afastadas do restante do pessoal, achei que era uma boa hora para conversar. Mas as palavras não saíram, afinal eu não tinha nada a ver com a vida dela e era apenas uma recente amiga virtual com quem ela desabafava seus problemas, e sem tanta confiança assim, pelo visto. Senti uma ponta de decepção com ela.

– Vocês vão embora amanhã?

– Sim, no começo da noite – respondi.

Manoela balançou a cabeça.

– Deveriam vir para ficar mais tempo.

– Nas próximas férias eu venho. Vi os vestidos na arara, escolhi um.

– Preciso te mostrar os croquis que estou fazendo. Olhar os vestidos

de Pemberley Hotel tem me inspirado muito. Eles são tão lindos!

Quando chegamos ao apartamento de Rubi, onde assistiríamos o episódio do programa como um fã clube de verdade, ela disse que tinha que ir para casa. Não pude deixar de notar o quanto aquilo era uma desfeita para conosco e também com Catarina, pois aquele poderia ser o último programa do qual ela participaria, pois ela estava no chalé após perder a Prova da Nobreza e ir para uma votação acirrada.

– Eu já volto – disse Rubi.

Eu sabia que ela ia segui-la para ver se Manoela se encontraria com Marcelo.

– Quer que eu vá? – perguntei sem esperar que ela fosse aceitar. Eu não sabia se realmente queria ir. – A gente volta antes do programa?

– Sim! Vamos! – ela respondeu agilmente como que me permitindo participar de uma cena de filme de ação.

Juntas, nós percorremos a rua de carro e esperamos Manoela entrar em casa para só depois tocar a campainha. Foi ela mesma quem atendeu a porta.

– Oi! – disse com cara de assustada.

– Oi!

Ela deixou a porta entreaberta, como se não quisesse que víssemos o que havia por trás dela.

– Posso entrar? – perguntou Rubi.

– Quem é, Manoela? – perguntou uma voz masculina saindo de dentro da casa. A voz era rude e áspera, exatamente como eu imaginava que era quando Catarina falava de seu padrasto.

Ela não respondeu, apenas saiu e fechou a porta atrás de si. No quintal, Rubi disse.

– Que vergonha!

Eu não sabia como reagir diante dessa situação. Claro que já tinha ouvido falar de diversos casos assim, mas tão perto de mim era a primeira vez. Manoela estava amarrada a uma relação infeliz por medo de ser mais

infeliz ainda fora dela.

– Essa é a minha vida, Rubi. Você não tem que controlar.

– Esse cara bate em você, Manoela. Como você quer que eu não me intrometa. Você é uma irmã para mim.

Fez-se silêncio.

– Manoela – eu disse o rompendo. – Por quê? – essa era a pergunta a ser feita.

– Eu sinto a falta dele, vocês não entendem?

Não, eu não entendia, e sabia que Rubi também não. Mas juntei em mim toda a capacidade de empatia para não ter um surto e dizer umas verdades para ela.

– Vamos conosco? Você fica no meu apartamento essa noite e depois vê o que faz da vida.

– Não, eu não vou. Aqui é a minha casa – havia lágrimas em seus olhos.

Houve mais um silêncio dramático.

– A sua filha teria vergonha de você se estivesse aqui fora – disse Rubi quando Marcelo surgiu na frente da porta chamando Manoela. – Que bom que ela não está!

Eram palavras duras e pesadas as dela, porém necessárias. Eu apenas lancei um olhar indefinido a Manoela.

Então nós voltamos para o apartamento, onde assistimos a uma triste eliminação em Pemberley Hotel.



ANA CATARINA

Eu sabia que seria indicada a passar a semana no chalé após uma discussão com Thomas, que era o Nobre da vez, e a perspectiva de ter minha popularidade com o público testada, não me assustava, nem a de ter que fazer as malas, quer dizer, os baús, e voltar à realidade.

Eu imaginava minha família reunida, e meus amigos também, com camisetas com o meu rosto estampado (era a cara da Sol fazer isso) torcendo para que eu ficasse no jogo. Meu único medo era decepcioná-los.

A discussão se passou durante uma tarde. Enquanto eu mesma me servia de chá, Thomas me pediu para servi-lo também, e eu o fiz de bom grado. Logo na sequência, solicitou que eu cortasse uma fatia de bolo para ele. Detalhe: a boleira estava exatamente no meio de nós, ou seja, a distância era a mesma para os dois e uma simples esticada de braço resolveria o problema.

– O senhor por acaso sente algum incômodo nas mãos? – perguntei.

– Por que a pergunta, senhorita?

– Porque precisa que eu o sirva, oras!

Já estava de saco cheio da folga dele. Não era a primeira vez que Thomas fazia algo desse tipo. Bem que ele merecia tomar outro susto daqueles, vendo novamente as palhaças de Pemberley na sua frente. Na ocasião ele quase borrara as calças.

– Não é o que uma dama faz? Servir um cavalheiro?

Eu não pude acreditar no que acabara de ouvir. Ou Thomas era preguiçoso a tal ponto ou ele simplesmente tinha começado a acreditar que realmente estávamos no século XIX. Todos estávamos embarcando na fantasia, mas não nesse sentido. Arregalei os olhos.

– Uma dama tem coisas mais importantes a fazer.

– Como o que, por exemplo, bordar?

– Dizer verdades a cavalheiros inúteis – respondi com o tom um

pouco mais elevado. – Como você!

Camilla entrou no meio da discussão que já estava acalorada, dizendo:

– Se o senhor se sente bem o suficiente para se alimentar, também poderá fatiar o bolo para si mesmo.

– Quanta insolência – retrucou ele. – Sua mão não cairia por fazer uma simples gentileza a alguém que lhe pediu um favor educadamente.

Eu arregalei os olhos novamente e chegou a passar pela minha cabeça que aquilo era uma brincadeira (de péssimo gosto, por sinal) da produção. Mas, na verdade, os produtores não eram chegados a pegadinhas (como Camilla era, por exemplo), e Thomas já havia dado indícios de sua babaquice crônica; inclusive ao discutir com Edward e mostrar a ele seu preconceito. Thomas era retrógrado e, por isso, viver há dois séculos lhe parecia tão agradável, como era também agradável para nós, mas por razões diferentes. Nós gostávamos da magia dos trajes, dos bailes, da apreciação da natureza; ele, gostava do passado por nele ser permitido subjugar pessoas. Ele só estava se aproveitando da situação para ser quem realmente era.

– Não irei fatiar nada! – concluí me levantando.

– Seus pais não lhe educaram direito, aposto.

Não ia responder à provocação, mas não me contive.

– Você que não tem educação alguma. Está sempre sendo desagradável com os outros, não percebe que aqui nessa casa ninguém gosta de você?

Agora foi ele quem arregalou os olhos.

– O importante é o público – respondeu ele.

Camilla e Victoria também se levantaram.

– Mexeu com uma, mexeu com todas – disseram elas.

Na sequência, John e Edward deixaram a mesa e nos seguiram.

– Esse cara é um sem noção – disse Edward, que também reclamou com a produção sobre a conduta indevida do participante. Entretanto, eles, por sua vez, alegaram que não tinham razões o bastante para expulsá-lo do jogo. Isso só poderia acontecer se houvesse uma agressão física.

Quando chegou o dia, confirmei que eu seria indicada ao chalé, e minhas companhias nele seriam meus amigos John e Edward. Isso me deixava de coração partido, pois eu apreciava a companhia de ambos. Edward e eu havíamos nos aproximado após aquela conversa sobre sua sexualidade e juntos fizemos muitos passeios a cavalo, e John e eu éramos parceiros de cabriolé.

– Já arrumou o baú? – perguntou Marie.

– Já, sim – respondi.

Minha mudança junto aos meus dois cavalheiros preferidos do reality, ocorreu de forma tranquila. Deixar a mansão de Pemberley para viver em uma propriedade tão menor por uma pequena temporada poderia parecer algo ruim, mas o chalé era tão acolhedor, que eu estava contente com a “mudança de ares”. Uso aspas porque ele ficava a apenas alguns metros da casa principal, era uma espécie de edícula.

Os cômodos tinham uma disposição retangular. O hall de entrada era pequeno, tal como a sala de jantar e a cozinha. Os três quartos disponíveis eram exatamente do mesmo tamanho, e também uma versão em miniatura dos nossos aposentos na casa principal.

Me ajeitei na cama também pequena, onde ao lado havia uma mesinha.

Eu moraria tranquilamente ali, até mesmo porque o chalé era ainda maior do que um apartamento comum e correspondia um pouco mais à minha realidade, da qual eu sentia falta. Isso me fez lembrar de Razão e Sensibilidade, quando as Dashwood, ao ficarem pobres, se mudam para uma casa um tanto menor chamada Barton Park.

– É o meu livro preferido de Austen – disse Marie após bater à porta e entrar.

– Você é a razão.

– Por que acha isso?

Porque a sensibilidade é que não era, mas eu não disse isso.

– Você me acha insensível? – será que ela leu meus pensamentos?

– Não, claro que não. Só te acho racional, e isso não é uma crítica,

pelo contrário. É uma característica da qual muita gente sente falta.

– Isso te inclui?

Refleti sobre a resposta e antes que a dissesse, ela continuou:

– Vou te deixar à vontade. Tenham uma boa estadia, e uma boa sorte também.

– Obrigada!

Assim que Marie se foi, me levantei da cama e caminhei até o hall, onde Edward e John já estavam.

– Jogar cartas? – perguntou o segundo, adivinhando que eu buscava algum divertimento.

– Eu aceito!

Nos sentamos à mesinha e distribuímos as cartas.

– Que jogo? – perguntou Edward.

Eu me lembrei de um trecho de minha atual releitura: Mansfield Park:

“À noite, de acordo com o que predeterminara, a Sra. Grant e sua irmã, depois de formarem as duplas para o jogo de whist, perceberam que ainda havia um número suficiente de pessoas para uma rodada de cartas, e porque não havia como todos discordarem, como costumava acontecer nessas ocasiões, logo decidiram jogar speculation; Lady Bertram se encontrou na situação crítica de precisar escolher entre os dois jogos e lhe pediram para puxar ou não uma carta para o whist. Ela hesitou. Felizmente Sir Thomas estava por perto.

“– O que devo escolher, Sir Thomas? whist ou speculation? O que vai me

divertir mais?

Depois de refletir por um momento, Sir Thomas recomendou speculation. Ele mesmo era jogador de whist e talvez sentisse que não seria muito divertido tê-la como parceira.”

– *Speculation* – eu disse. – Enjoei do whist.

Eles concordaram. Esse era meu jogo favorito desde a mudança para

Pemberley. Estar ali com os dois me fazia lembrar de quando meus parceiros de jogo eram Bel e Rique.

– Independente de quem ganhar, foi um prazer participar – disse John.

– Calma, nem começamos o jogo ainda.

– Não estou falando das cartas, e sim do programa, que também não deixa de ser um jogo. Mas, sinceramente, para mim, tem sido muito mais do que isso!

– Você não vai sair – disse Edward.

– Pode ser eu – eu disse. – Vocês dois devem ser muito populares. Além do mais, briguei com o Thomas, lembram? Se ele for querido pelo público, estou automaticamente fora. Serei carta fora do baralho, gostaram da metáfora?

John era bonito e carismático, e Edward também. Ambos tinham perfil de vencedores não só de programas de televisão, mas da vida.

O segundo continuou.

– Acho que serei eu, e se for, vai ter valido a pena por conhecer vocês. Ah, e duvido que o público goste do Thomas. Ele é insuportável. Deve ser considerado o vilão da edição, sabe aquele participante que sai com índice alto de rejeição?

– Acha que ele continua aqui por sorte?

– Sorte não! Jogo sujo. Thomas é um Wickham. O mundo está cheio deles.

Concordava com isso, infelizmente.

No dia seguinte, saí para caminhar sozinha em busca de adornos na natureza para nossa mesinha de jantar. Era muito mais simples decorar uma casa menor, e enquanto passeava pelo jardim, escolhia as melhores flores colocando-as na minha cestinha de vime. Imaginei se seria assim quando eu tivesse minha própria casa, onde moraria sozinha. Provavelmente eu encheria a cozinha de panelas antiaderentes ao invés de flores.

– São lindos! – disse Edward ao me ver colocar os narcisos na água.

– O jardim de Pemberley é abençoado.

– Todo esse lugar é. Não só o jardim, mas o lago, os campos, a mansão. E nós, principalmente nós.

Eu concordava com ele.

– Se eu sair, sairei feliz!

– Para com isso – disse me levantando. Ele fez meus olhos ficarem marejados. – Esse lugar não seria o mesmo sem você!

Quanto a mim, talvez fosse a hora de voltar à realidade de lá de fora, onde talvez minha mãe estivesse precisando da minha presença, e onde Rique (também talvez) já tivesse encontrado um novo amor.



Edward tinha razão. Ele foi o eliminado da quinzena em Pemberley Hotel. Pela primeira vez no programa, chorei por mais do que dez minutos seguidos, meu recorde até então, que havia acontecido em uma tarde em que senti saudades da minha família.

– Sua danadinha – disse Victoria. – Eu falei que você era popular.

Só então me liguei no que isso significava. Não tinha me dado conta até então.

John ficou desolado ao perder o melhor amigo, e encontrou consolo em Victoria (menos do que ela gostaria de dar), Camilla e também em mim.

No dia seguinte ao nosso retorno à mansão, Marie anunciou que assistiríamos a uma peça de teatro. Ficamos animados, afinal estávamos mesmo precisando de um divertimento que ocupasse nosso tempo agora que a casa estava um pouco mais vazia.

– Uma peça! – exclamou Victoria. – Será esplêndido.

– Baseada em uma obra de Shakespeare – continuou Marie.

– Qual delas? – perguntei. Eu torcia por Hamlet, que era minha tragédia preferida dele.

– Otelo, o Mouro de Veneza^[30] – contou ela.

Eu estava animada com isso tanto quanto sabia que as pessoas do passado ficavam. Naquele tempo, além dos nobres, os atores de teatro eram o único tipo de celebridade, diferente de hoje em dia.

Quando deu a hora, fomos levados à sala onde nunca tínhamos entrado até então. Lá dentro havia um palco amplo, e a arquibancada estava repleta de pessoas, as mesmas de sempre, que costumavam frequentar nossos bailes.

– Marie – eu disse em tom baixo. – Eleonora não veio?

– Eleonora é um caso perdido – ela respondeu. – Aquela criatura não tem um pinga de juízo. Eu desisto!

E pensei que talvez a irmã de Will fosse a sensibilidade.

As cortinas se abriram e logo nas primeiras cenas os atores mostraram a que vieram. Na segunda cena no quinto ato, porém, fiquei petrificada com a qualidade das atuações. Desdêmona, a protagonista, dormia em seu leito no castelo com uma candeia acesa, quando Otelo entrou e disse:

– Esta é a causa, minha alma. Oh! Esta é a causa! Não a nomearei, cândidas estrelas! Esta é a razão! Não quero derramar sangue, nem ferir-lhe a pele ainda mais alva do que neve e mais lisa que o alabastro. Mas é fatal que morra; do contrário, virá ainda a enganar mais outros homens. Apaga a luz! Depois... Apaga a luz! Se te apagar, ministro flamejante, poderei restituir-te a luz primeira, se vier a arrepender-me. Mas extinta que seja tua luz, ó tu, modelo primoroso da excelsa natureza! De onde o fogo trazer de Prometeu, para dar nova luz à tua chama? Se tua rosa colher, é-me impossível o vital crescimento restituir-lhe: fatal é que feneça. Vou aspirá-la no próprio galho. O hálito perfumado, que quase a convencer chegaste a própria justiça a espedaçar a sua espada! Mais um! Mais um! Se assim ficares, morta, quero tirar-te a vida, e, depois, amar-te. Mais outro; será o último; um tão doce jamais foi tão letal. Chorar preciso, lágrimas impiedosas; é celeste meu sofrimento, pois castiga ao que ama. Vai acordar!

Desdêmona, sobressaltada, perguntou:

– Quem está aí? Otelo?

E ele respondeu:

– Sim, Desdêmona!

– *Não vindes para o leito, meu senhor?*

– *Desdêmona, rezastes esta noite?*

– *Oh, decerto, senhor!*

– *Se vos lembrades de alguma falta não perdoada ainda pelo céu e sua graça, cuidai logo de tê-la redimida.*

– *Oh, meu senhor! Que pretendeis dizer com isso?*

– *Bem... fazei o que vos disse e sede breve. Passarei nesse em meio; não desejo trucidar-vos o espírito manchado. Não pelo céu! Não vos matarei a alma.*

– *O quê? Falais em matar?*

Desdêmona tinha medo e incredulidade na voz, e nós, na plateia, também sentimos ambas as coisas.

– *Sim, é isso mesmo!*

Então ela disse, em tom suplicante:

– *Pois que o céu tenha piedade de mim.*

Quando o desfecho aconteceu alguns atos depois, e as cortinas se fecharam, nós pudemos discutir sobre o que vimos enquanto nos levantávamos de nossas cadeiras na plateia.

– Otelo era um ciumento, machista.

Todos concordaram com isso.

– Ele achava que a Desdêmona era propriedade dele.

– E hoje em dia ainda há muitos homens assim.

Contei a elas a história da minha falecida avó, e também da minha mãe. Eu estava pensando muito nessa última nos dias mais recentes, seria um sinal de que ela estava precisando de mim?

– É, minhas queridas! Os anos passam, mas algumas coisas continuam iguais. Pobre Desdêmona!



BEL

No dia seguinte à decepção com Manoela:

– A gente podia aproveitar que você está aqui e fazer o cabelo. O que acha de voltar ao Rio de Janeiro repaginada? – me perguntou Rubi.

– Está tão ruim assim? – passei a mão pelos fios procurando por um ressecamento intolerável.

– Claro que não! Mas caso queira mudar o visual, aproveita que é de graça.

Eu não queria abusar da hospitalidade dela, porém...

– Bom, eu estava pensando em pintar as pontinhas de lilás.

– Adoro fazer cabelo colorido. Vamos lá? As unhas também, hein?!

Serviço completo. O colorido vai combinar com as suas tatuagens e te dar um ar alternativo – ela falou animadamente.

E logo após o café da manhã, me levou ao seu salão, que era decorado com muitas cores, tornando o ambiente alegre como o restaurante da minha família. Especificamente, um quadro de recifes e corais me chamou a atenção pela beleza da simplicidade do traço.

– Foi o César quem fez, na escola.

– Sério? Ele tem talento.

– Ele é um garoto de ouro, o Júlio também.

– Você tem ficado bastante com eles, né?!

– Sim! Descobri que levo jeito pra ser mãe. Foi bom pular a parte de ensinar a andar, falar e trocar fraldas.

O local estava fechado e só havia nós duas lá dentro.

– Senta aí! – ela disse apontando para um dos lavatórios.

Senti a água quente escorrer pelo meu couro cabeludo enquanto Rubi o massageava levemente.

– Isso é um salão ou um SPA? – perguntei de olhos fechados.

– Vou te contar um segredo já que você não é da área da beleza: uma boa

lavagem de cabelo às vezes é mais relaxante do que admirar o resultado final no espelho.

Parecia que todos os problemas da vida desapareciam enquanto seus dedos massageavam minha cabeça.

– Ficou muito legal! – disse Will ao ver meu novo visual quando voltamos ao apartamento.

Eu havia adorado também.

– Obrigada! Mérito da Rubi.

– Ela não fica ótima de lilás?

– Fica sim!

Todos olharam para mim e isso me deixou encabulada. Manoela estava ali como se nada tivesse acontecido na noite anterior.

– Você podia tirar umas fotos com meus vestidos para postar na minha página, né?! – ela perguntou. – Aliás, já curtiu?

– Curti, sim – respondi. – Mas não levo jeito pra modelo. A modelo aqui é a Rubi.

– Isso eu sou mesmo! – concordou ela. – Só que esse visual caprichado precisa ser registrado.

– Tá bom! – acabei aceitando tirar as fotos.

– Will é bom com a câmera – disse Manoela.

– Eu?

Ele pareceu tão encabulado quanto eu, mas nada se comparou ao momento em que, vestida com os trajes confeccionados por Manoela, posei em frente à parede branca do apartamento de Rubi, iluminada por uma das lâmpadas de Ana Catarina. Mais do que nunca, admirei a fotogenia dela, pois percebi que não era tão simples passar credibilidade para as lentes, que eram quase uma entidade com vontade própria, e que podiam ou não simpatizar com alguém.

Depois me lembrei que havia uma rua chamada Jane Austen em São Paulo.

– Será que ainda dá tempo da gente ir até lá? – perguntei a Will.

Ele respondeu que sim, mas que nós estávamos na região Leste da cidade e a rua ficava no lado Sul, o que significava que não era tão perto diante do fato de estarmos na maior metrópole do país. Mesmo assim fomos. Eu não queria ir embora da Terra da Garoa sem ir até lá.

“Jane Austen” era uma ruazinha como outra qualquer. Casas de classe média figuravam no lado esquerdo e também do direito. Alguns portões eram altos, outros mais baixos, uns mais velhos do que os outros, e algumas árvores despontavam em certos pontos da calçada, deixando folhas esparramadas pelo chão. Não havia nada de excepcional ali, mas seu nome a tornava especial.

– Não é exatamente um ponto turístico – eu disse. – Mas precisava vir aqui. Talvez eu faça o caminho inverso ao seu e venha morar em São Paulo daqui algum tempo. Devia ter trazido uns currículos.

– Quando cheguei, ainda criança, tudo que queria era ir embora, vivia fazendo birra por isso. Mas depois que acostumei, não quis mais sair, até me formar e conseguir trabalho no Rio. Do Brasil eu não saio por nada.

– Não tem vontade de voltar a morar na Inglaterra como sua irmã?

– Gosto da Inglaterra para passear, mas minha vida é aqui. Mal consigo me lembrar da vida em outro lugar. Minha família é brasileira, minha alma é brasileira. Gosto de dizer que nasci lá por acidente.

– Você é o primeiro inglês que eu conheço que diz isso, sabe por quê?

– Por quê?

– Porque você é o primeiro inglês que conheço.

Will riu e eu constatei que ele era muito generoso por rir de uma piada dessas, eu tinha melhores no meu estoque de “piadas sarcásticas elegantes”.

Demos duas voltas pelo quarteirão antes de voltar ao apartamento para nos despedir de São Paulo.

– Vocês são bem próximos, né?! – Rubi perguntou quando eu terminava de arrumar minha mochila. Por que parecia que eu estava voltando com o dobro de coisas que tinha levado?

Ruborizei. Sempre invejei as personagens de livros que dizem isso,

mas quando aconteceu comigo, percebi que ruborizar não era legal.

- Somos amigos – disse com ênfase na palavra “amigos”.
- Ninguém se apaixona por inimigo – concluiu ela.
- Infelizmente se apaixona sim – corrigi. – Infelizmente!



- Sério que ela voltou com ele?

– Pois é! Ainda bem que a Catarina não foi eliminada para ver a mãe fazendo isso. Minha vontade é bloqueá-la no Austenapp, mas não vou fazer isso.

Will e eu estávamos no ônibus voltando para casa.

– Não quero mais falar sobre esse assunto – eu disse. – Fiquei P da vida, mas apesar de tudo, não quero culpar a Manoela – coloquei um dos lados do fone no ouvido dele e o outro lado no meu. – Vamos ouvir uma musiquinha para dar trilha sonora à nossa longa volta pra casa.

Em algum momento, quando o celular estava tocando músicas aleatórias, eu dormi e acordei com a cabeça de Will caindo sobre meu ombro. Ele também havia dormido. Sem coragem de acordá-lo, deixei que continuasse.

Parecia tão natural, tão...

- Desculpa – ele disse ao despertar.

Mas ao cairmos novamente no sono, o gesto recíproco se repetiu até chegarmos ao nosso destino.



ANA CATARINA

– Temos uma surpresa para vocês – Marie anunciou.

Nós nos animamos, pois o tédio tomava conta dos nossos dias. Conforme a casa ficava vazia, as opções de lazer diminuía. Se bem que, as pessoas que realmente faziam parte do meu círculo social, exceto Edward, ainda estavam ali.

– Poderia ser uma hora de wi-fi, não é?

– Concordo! Ou um banho de chuveiro.

Mas não, infelizmente não era nenhuma das duas coisas.

– Vocês poderão escrever uma carta, uma única carta, para quem quiserem. Familiares, namorados, enfim... qualquer pessoa, mas apenas uma.

– Até que não é tão ruim – Victoria disse.

– Pois eu achei ótimo – concluí.

Saber que teria contato direto com a realidade me deu uma sensação boa.

Deram-nos papéis, pena e tinta, e cada um de nós foi para um canto da propriedade para escrever.

– Para quem enviará sua carta? – John perguntou.

– Para minha família – respondi.

Eu queria tanto ter notícias da minha mãe, que desejei que fosse o inverso, que nós pudéssemos receber uma carta ao invés de enviar uma. Seria muito mais útil, afinal nossas famílias sabiam como estávamos, ao contrário de nós, que vivíamos em uma dúvida cruel. O mundo podia ter sido tomado por Aliens, a Terceira Guerra Mundial podia ter começado, um manuscrito original de Jane Austen podia ter sido encontrado em algum canto remoto da Inglaterra, tudo sem que a gente soubesse.

Eu imaginava minha mãe linda e divorciada, seguindo sua vida livremente, mas temia que ela ainda estivesse amarrada àquele encosto que

um dia eu chamara de padraço. Era para ela que eu pretendia escrever, mas meus dedos disseram outra coisa.

“*Querido Rique*”, comecei.

As palavras, porém, não fluíram, e eu, irritada, decidi dar uma volta pelos campos de Pemberley Hotel, de cabriolé e sem ninguém mais no assento. O cavalo Larry estava bem-disposto, pois assim que me viu, se levantou como se quisesse mostrar que estava a fim de dar um passeio.

– Como tem passado, querido? Os últimos dias foram frios, por isso não vim te visitar. Vamos passear um pouco?

Amarrei-o ao carro e segui viagem. Tentei colocar as coisas na minha balança imaginária enquanto caminhávamos: Rique queria ter notícias minhas? Provavelmente não. Já minha família sim, portanto era para ela que eu deveria escrever, não para ele.

O ar fresco me fez bem às ideias assim como o trote ritmado de meu companheiro de viagem, e acabei me empolgando na caminhada, indo além do que a produção nos aconselhava a ir.

– Acha que devo escrever para o Rique? – perguntei em português. Animais são como os anjos, falam qualquer idioma.

Larry respondeu com um relincho suave.

– Obrigada por opinar de modo tão sensato! – agradei.

Pelo caminho, o alazão tropeçou em uma pedra, fazendo meu corpo ser jogado um pouco para frente. O animal tentou se equilibrar, em um gesto heroico, e eu pude perceber isso na fração de segundo entre o acontecimento e a grande queda: fui arremessada para fora do cabriolé.

– Ai, caramba! – exclamei no chão.

– Um pouco mais de cuidado, senhorita – disse-me uma voz simpática.

Levantei os olhos e vi uma mulher de traços finos e semblante tão simpático quanto a voz. Ela me estendeu a mão para que eu me levantasse.

– Sou mesmo muito descuidada – disse. – A pior parte é ter que dar razão ao imbecil do Thomas, que diz que mulheres não sabem guiar.

– Todos nós somos, inclusive aqueles que não o admitem. O descuido é uma condição humana. Quanto ao fato de mulheres não saberem guiar, repito a frase anterior: o descuido é uma condição humana, acomete homens e mulheres.

Já de pé, agora fui eu quem estendeu a mão a ela, que a apertou levemente.

– Catarina! – me apresentei.

Mas ela devia saber disso.

– Vinha pelo caminho pensando em questões da vida e não vi que havia uma pedra. Pelo visto o cavalo também não viu – passei a mão em suas crinas, Larry estava de pé e com um semblante bom. – Acho que ele também não se machucou. Foi só um susto.

– As questões da vida, às vezes, tornam o chão invisível.

– Nunca a vi por aqui – disse a ela.

– Eu vivo aqui.

– Vive?

– Sim! Vivo aqui há muitos anos.

– Anos?

– Muitos.

O diálogo parecia um jogo de pingue-pongue.

– Todavia, não é digno de uma dama ficar falando sobre si mesma a uma visitante. Se quiser, pode usar meus ouvidos para falar sobre o que a deixou tão atordoada a ponto de se acidentar.

Aceitei a oferta da misteriosa mulher cuja companhia me deixava à vontade como se eu a conhecesse há tempos, sem perguntar o porquê de ela ter me chamado de visitante. Sua aparência também me era familiar, embora eu não me recordasse de onde a conhecia.

– Eu pensava sobre meu relacionamento, digo... sobre o relacionamento do qual abri mão para ter um futuro.

– Abriu mão de um cavalheiro para ter um futuro?

A palavra *cavalheiro* ela havia adivinhado por conta própria.

– Sim!

– Esse cavalheiro a ameaçava de morte?

– Não, por quê?

– Por que então a estadia dele em sua vida a impediria de ter um futuro?

Eu nunca havia olhado por esse ângulo. Fazia sentido, muito sentido.

– A senhora...

– Senhorita – corrigiu ela.

– A senhorita não compreendeu bem. Eu e ele vivemos uma situação conturbada.

Contei os pormenores desse romance, desde que eu e Rique nos conhecemos naquele Carnaval carioca até a omissão que me fizera abrir mão dele. Não sei dizer quanto tempo levei para fazer essa narrativa, mas a fiz com riqueza de detalhes.

– Vejo que o jovem cavalheiro cometeu um deslize.

– Um deslize imperdoável.

– Foi tudo muito providencial, não acha? Mas é claro que não estou imputando ao Altíssimo as atitudes deste rapaz, creio no livre arbítrio. Ele realmente subestimou-a, e esse é um erro clássico.

– Concordo que seja!

– Mas, percebo também que a senhorita já estava sendo persuadida a isso desde antes do acontecimento fatídico.

– Sim! Tenho minha madrinha em altíssima conta, e sua opinião conta muito em minha vida.

Aquela parecia uma sessão de terapia, mas a conversa acontecia de modo tão natural, que eu não conseguia ter reservas com a recém-conhecida. Falávamos de maneira mais rebuscada, mas nem por isso menos natural, como se estivéssemos realmente no passado.

– Você acredita que possui duas opções, não é? Uma delas é continuar

amando quem ama, e a outra é ser uma mulher bem-sucedida.

– É, foi pensando nisso que rompi meu compromisso.

Só ali eu percebi com clareza minhas motivações. Até então, tudo estava misturado na minha cabeça. Era como se a queda tivesse colocado minhas ideias no lugar.

– Já parou para pensar que quando se aceita duas alternativas e escolhe entre uma delas por obrigação, não se está realmente escolhendo nada?

– Como assim?

– Você – reparei que foi a primeira vez que ela usou o pronome. – está no século XXI, não precisa fazer essa escolha! Você pode ter as duas coisas, ou pode ter apenas uma, ou pode ter essas duas coisas e mais alguma outra, compreende o que quero dizer? Você é a dama do próprio destino.

Me lembrei de Lady Olga e sua definição de dama:

“Damas são aquelas que tomam as rédeas do próprio destino, contando apenas com a bênção de Deus e a coragem dada por ele. E você, minha querida Ana Catarina, é indubitavelmente uma dama.”

Eu olhei para o céu que cobria Pemberley com nuvens cinzentas e ouvi o relinchar do cavalo Larry que parecia dizer “vamos embora, vai chover!”.

– Não aceite que o mundo te ofereça alternativas, faça as próprias – disse ela, e seguiu caminhando repentinamente sem se despedir.

– Ei, moça – chamei perplexa com sua partida repentina. – Não me disse seu nome.

Ela se virou lentamente, com uma elegância que eu nunca tinha visto.

– Jane, meu nome é Jane.

Mas antes que completasse com seu sobrenome, sua figura se apagou magicamente.



Quando acordei, estava deitada na cama da enfermaria, que era o único ponto moderno e sem câmeras ali em Pemberley. A barra do meu vestido estava dobrada até os joelhos.

– Você foi tão imprudente. Ir caminhar além do indicado, principalmente com a perspectiva da chuva – disse Marie. – Mas peço desculpas, também foi falha da produção. Esqueceram-se de demarcar com uma risca aquele ponto pedregulhoso, e não tinha ninguém de olho nas câmeras naquele momento. Você vai nos processar?

Havia uma atadura em minha cabeça, no local onde o impacto da batida foi maior. Assim que Marie disse isso, me lembrei do começo de Sanditon:

“Um cavalheiro e uma dama, viajando a negócios de Tunbridge à parte costeira de Sussex^[31] entre Hastings e Eastbourne, foram levados a deixar para trás a estrada principal e se aventurar por uma vereda escarpada, e ao tentarem uma íngreme subida, metade terrosa, metade arenosa, seu coche capotou.”

– Eu sei, eu sei! Fui uma irresponsável. O Thomas vai rir da minha cara quando a edição for ao ar. E não, não vou processar vocês!

– Obrigada! Fica tranquila, não vamos mostrar isso. Se acontecesse alguma coisa com você, seria um escândalo que destruiria o programa.

– É só com o programa que você se preocupa?

Lembrando que eu estava deitada em uma cama de uma enfermaria logo após sofrer um acidente que poderia ter me matado (sem exageros).

– Claro que não! Me preocupo com você também. Não sou apenas razão, como você disse.

Mudei de assunto.

– Larry está bem?

– Sim! Um veterinário já cuidou dele.

– Estou me sentindo a Jane Bennet no começo do livro, quando ela tem que se hospedar na casa do Bingley porque tomou chuva.

– Você está melhor mesmo?

– Sim! Acho que a febre passou, mas a cabeça ainda dói um pouco.

Ela passou os dedos levemente sobre a camada de esparadrapo e não sei mais o quê. Eu havia feito diversos exames para confirmar que a batida não causara nenhum dano, exames do século XXI, é claro.

– Catarina – disse Marie de repente.

– O que foi?

– Você...

– Eu...

– Vai abandonar o programa, não é?!

Fiz um suspense.

– Por que acha isso, Marie?

– Você disse isso enquanto estava delirando.

– O que mais eu disse? – perguntei preocupada.

– Disse “Volta, Jane. Me diga, devo abandonar o programa para ficar com Rique?”

– Falei isso? – perguntei engasgando com minha própria saliva.

– Disse sim. Quem é Jane?

Me senti envergonhada e ignorei a segunda pergunta.

– Fica tranquila, eu vou até o fim. Não vou desistir!

Marie pareceu aliviada com minha contundência.

– Vou perguntar ao doutor quando você pode voltar. Seus colegas foram avisados sobre o aconteceu. Camilla, Victoria e John estão preocupados com você.

– Marie – chamei quando ela se virou.

– Já parou para pensar que quando se aceita duas alternativas e escolhe entre uma delas, não está realmente escolhendo nada? – repeti as palavras de Jane.

– Como assim?

– Você está no século XXI, não precisa fazer essa escolha. Você pode ter as duas coisas, ou pode ter apenas uma, ou pode ter essas duas coisas e mais alguma outra, compreende o que quero dizer? Você é a dama do próprio destino.

Marie me olhou de forma estranha, como se eu ainda estivesse delirando. Mas quando compreendeu as palavras, seu semblante mudou.

– Você tem toda razão – concluiu ela.

– Aquele negócio das cartas ainda está de pé? – perguntei.

E desta vez ela me deu papel e caneta.



BEL

O Carnaval havia chegado. Eu tinha um carinho especial por essa época do ano. Há alguns carnavais, desfilava no bloquinho das Janeites do Rio e esse era o meu motivo para amar fevereiro. Adorava ver as pessoas fantasiadas, ainda que unicamente com a purpurina mais barata das papelarias.

– Você vem, né?! – perguntei a Rique.

Ele pareceu pensar se queria ou não participar da festa. Eu sabia que essa época lhe trazia recordações de Catarina, pois fora em um carnaval como aquele que o amor dos dois começara; entre purpurinas e sobrecasacas. Rique havia escrito sobre isso em seu depoimento no Austenapp.

– Você faz questão que eu vá?

– Faço!

Eu mesma separei os trajes do meu irmão e os deixei sobre a cama para que ele percebesse minha insistência.

Will nos acompanhou dessa vez. Foi sua primeira experiência carnavalesca e nós improvisamos um visual regencial para ele. Nos divertimos entre tambores e Jane Austen. Agora o ano tinha começado oficialmente no nosso país.

No dia seguinte, aconteceu a tão esperada visita daquele chefe ao Norte & Angi.

– Experimenta o tempero – minha mãe disse.

Obedeci.

– Pra mim está ótimo.

– Está bom de sal? Tem certeza? E se ele for hipertenso? – ela estava uma pilha.

– Está ótimo de sal – repeti.

O chefe era um homem alto e tatuado. Quando chegou, ele se sentou

na melhor mesa e, enquanto apoiava uma prancheta, experimentou o primeiro *Cornish Pasty à brasileira*.

Tentei ler suas expressões faciais, mas ele devia ter sido treinado para ser à prova desse tipo de leitura, pois não transpareceu nada. Constatei que poderia ter odiado ou amado, embora seu rosto não revelasse nenhum dos dois extremos.

Ele fez perguntas sobre a receita e minha mãe respondeu conforme havia treinado comigo infinitas vezes.

– Obrigado! – o homem disse ao sair. E mais nada.

Mais tarde, eu estava ajudando minha mãe a servir algumas mesas quando Susana chegou novamente para fazer uma refeição no nosso restaurante. Rique estava jantando após seu próprio turno como garçom – nós fazíamos revezamento – e ela se sentou à mesa com ele.

– Qual é a dela? – minha mãe perguntou.

– Ele!

Cássia fez que não entendeu.

– Virar cliente fiel é que não é. Posso ir comer também?

– Vai lá!

Me sentei junto a eles sem pedir licença. Não que minha intenção fosse frustrar os planos de Susana, mas eu não deixaria de me sentar com meu irmão só porque não apreciava a companhia dela, até mesmo porque aquela era praticamente a minha casa. Sem essa de “os incomodados que se mudem”, para mim, era o que causava incômodo que deveria sair do lugar.

– Bel! – exclamou a síndica. – Que honra sua companhia.

“Que coisa mais pedante de se dizer.”, pensei. Mas sorri educadamente, como minha mãe havia me ensinado na infância.

Enquanto o prato dela não chegava, observei a conversa.

– Você gosta de ler?

– Eu adoro – meu irmão respondeu. – Mas ultimamente quase não tenho lido por causa do trabalho.

– Eu também adoro. Minha autora preferida é Jane Austen.

“Ela *stalkeou* bastante.”, cheguei a essa conclusão ao ouvi-la dizer isso.

– Li todos os romances dela e algumas histórias da juventude.

“Deve ter pesquisado no Google quantos livros Jane Austen escreveu.”, rebati em pensamento.

– Minha avó era muito fã. Foi ela quem incentivou esse gosto em mim e na Bel.

Eu não gostei do fato dele ter mencionado nossa avó na conversa, pois isso dava um tom muito intimista a ela.

– Você é arquiteto, né?!

– Sou sim.

– É uma bela profissão. Meu filho está em dúvida entre arquitetura e engenharia civil. Eu nem sei a diferença, sinceramente. Qual é?

“Regra número um da sedução barata: demonstre interesse pelo que a pessoa pretendida faz e a faça falar sobre si mesma.”, para mim era nítido que Susana era fissurada pela arte de seduzir, e Rique era fissurado pelo trabalho. Essa junção poderia dar ponto para ela. Talvez eu devesse escrever um livro sobre suas técnicas de sedução.

– Bom... o arquiteto desenvolve os projetos de acordo com a funcionalidade, o conforto e a estética; a gente tem que pensar em tudo isso, como um sapato, por exemplo, não adianta ser apenas bonito se não sustentar o corpo, certo? No final do dia a pessoa estará elegante e cheia de dor não só nos pés, mas nas pernas, na coluna, no corpo inteiro. A gente organiza a construção ou a reforma de prédios como o que você mora, casas e imóveis em geral, fazendo a planta e determinando quais materiais vão ser usados na obra. O arquiteto tem que pensar em tudo, desde o uso do imóvel, a posição dos móveis, a iluminação e a ventilação, essas coisas. Já a tarefa do engenheiro civil é projetar, gerenciar e executar as obras, as construções e as reformas de casas, prédios, viadutos, barragens, ciclovias, estradas, etc. Ele acompanha todas as etapas da obra. O engenheiro garante a segurança, calcula os efeitos de mudanças de temperatura, vento e resistência do material usado.

– Uau! – ela exclamou. – Você é muito inteligente. Fala com tanta

propriedade. – Susana se virou para mim. – E você, Bel? Não me esqueci que estuda Letras.

– Pois é! – respondi secamente. – Na verdade não estudo mais. Acabei de me formar.

Nós jantamos os três juntos e eu fui a primeira a me levantar.

– Fique mais, Bel.

– Não posso – respondi. – Tenho que ajudar minha mãe.

Susana fez o mesmo que eu minutos depois, e ao ver que Rique saiu junto a ela, senti uma pontada no coração.

“Será o fim do casal *Catarique*?”, me perguntei. Em Pemberley, pelo menos, o casal *Jorina* não dava sinal de vida há alguns dias, o que me tranquilizava.

Os segui e fiquei na porta, questionando o que eu tinha feito para merecer ver meu casal favorito se dissipar de forma definitiva diante dos meus olhos.

– A noite foi muito agradável – disse Susana.

Eles estavam encostados na parede externa do restaurante e não conseguiam me ver, pois eu estava do lado de dentro.

– Uma pena que sua irmã não tenha comido a sobremesa conosco, gosto tanto dela.

– Bom... boa noite!

– A sua companhia é ótima.

Eu também não conseguia vê-los, apenas escutar o que estavam dizendo, e supus que aquele seria o momento em que ela tentaria chutar para o gol, ou melhor, beijar o meu irmão.

– Olha, Susana – disse Rique antes que eu ouvisse qualquer som irritante de lábios se tocando. – Eu tenho outra pessoa, quer dizer, na cabeça e no coração apenas, mas tenho. Ela já seguiu em frente, só que isso não significa que eu também queira fazer isso.

“Na *traaaaaaaaaaaaaave!*”, diria um narrador de futebol diante dessa cena.

Ouvir aquilo me encheu de esperança e fé no amor. Respirei aliviada, mas silenciosamente para que eles não percebessem minha bisbilhotice.

– Que bonitinho – continuou ela. – Devo ter passado uma imagem errada, eu não estava tentando nada com você. Sério! De verdade. Mesmo. – A negação era veemente.

– Eu sei. Só disse para deixar claro. Aparar as arestas. Coisa de arquiteto.

– Ou seria de engenheiro civil? – perguntou Susana para quebrar o gelo do fora que havia levado.

Segui para a cozinha para que Rique não percebesse nada, e logo depois o vi subir para casa.

Já lá em cima, depois de fecharmos o restaurante, nos reunimos na frente da televisão para ver um pedacinho do jornal da noite.

– O empreiteiro Jorge Scadorwiski foi condenado por corrupção ativa e lavagem de dinheiro – disse o jornalista.

– Jorge Scadorwiski Filho não é o nome daquele garoto? – minha mãe perguntou.

– Xiu! – pedi constrangida.

A matéria começou.

– Após o vídeo onde Jorge é visto entregando uma mala de dinheiro a um deputado, a situação do empresário se complicou...

Naquela noite fui me deitar orgulhosa, do meu irmão e de mim mesma. Quando eu estava desligando o celular após abastecer o Instagram de Catarina:

– Bom show amanhã! – Rique desejou.

– Boa noite, maninho!

– Maninho?



As pessoas pareciam finas, elegantes e sinceras ali. O verão estava no seu auge, e isso resplandecia nas expressões de ânimo. Eu havia perguntado a Rique se ele não queria ir conosco ao show, mas meu irmão estava viciado em suas edificações. A promoção que ele tanto queria parecia estar chegando, mas agora que Catarina e ele tinham terminado, não fazia sentido desejar se mudar para a sede paulistana da sua empresa. Ainda assim, Rique continuava trabalhando feito uma máquina, e eu entendia o que ele sentia ao ver sua energia se transformar em alguma coisa.

– Eu terminei o livro – contei a Will.

– Sério? Já? Você foi rápida.

– Sim! Passei as férias escrevendo, e relendo o que escrevi, e escrevendo mais, e relendo de novo, e de novo. Sei lá quantos por cento inspiração, e também sei lá quantos outros transpiração, acho que é mais ou menos isso.

– Thomas Edison – concluiu ele.

Há dois dias eu havia colocado o ponto final no meu primeiro livro original. Só depois disso o título me veio à mente e eu grafei duas palavras na primeira página que até ali estava vazia.

SEGUNDAS IMPRESSÕES

– Você nunca me disse qual era o tema dele.

Era dia de São Valentim, ou seja, Dia dos namorados na gringa, mas como a data só era comemorada no Brasil em junho, ignorei a infinidade de casais nas ruas e ali no show, até porque isso não me incomodava, pelo contrário, gostava de ver a felicidade ao meu redor. Will trajava jeans e camiseta branca, um clássico desde James Dean, e eu havia colocado o vestido que comprara de Manoela.

– Os ingressos estão aqui – eu disse. Os havia guardado em minha bolsa.

Entramos na casa de shows e, após alguns minutos, a cantora se

posicionou no palco sendo ovacionada em sua chegada. Logo depois, começou pelas canções mais recentes.

– A voz dela é tão linda – exclamei.

E reparei que havia uma quantidade grande de pessoas tirando *selfies* e filmando ao invés de aproveitar o momento. Isso era tão triste!

Até que ela começou a cantar “Beija eu”, e um filme passou pela minha cabeça. Eu adorava essa canção, e nada poderia maculá-la, porém não pude deixar de me lembrar de que era ela que tocava no rádio quando eu pegara a primeira carona com Jorge, e também aquela última e fatídica.

– Bel, tá tudo bem? – perguntou Will.

– Tá, sim – respondi com um sorriso.

– Certeza?

Quando ele fez essa pergunta, eu me lembrei de tudo que havíamos vivido juntos desde sua primeira vinda ao Rio. Eu já podia considerá-lo um amigo, e por isso confiava o suficiente nele para compartilhar o que eu estava sentindo e também essa história triste. Agora que tinha terminado o livro, me sentia pronta para verbalizar foneticamente também.

– Você repara nas pessoas, hein?! – ele poderia sequer ter notado minha emoção ao ouvir a canção, mas ao invés disso, olhou para mim, para quem eu era e para o que eu sentia; isso era o que eu mais admirava nele, não que quisesse que girasse em torno de mim, mas a generosidade me fazia admirá-lo. Um ótimo exemplo dela era a vez em que eu entrara em seu apartamento e me deparara com o cachorro que havia alimentado na rua, e que se tornara o nosso Austen. – Will, acho que quero te contar a experiência que inspirou meu livro.

– Conta! Tô curioso!

A música parou e a cantora começou a conversar com a plateia.

– É uma longa história, e não muito agradável. Certeza que quer ouvir?

– Não tem problema. Gosto de histórias longas, até queria que suas fanfics fossem maiores.

Eu comecei.

– Conheci um cara em uma festa. No começo ele parecia ser uma espécie de Darcy, pois era a mescla perfeita da rudeza com o cavalheirismo; como se ser rude fosse algo bom. Ele, por coincidência, começou a trabalhar comigo e nós nos aproximamos. Minha mãe, você viu como ela é, né?! Enfim, ela apoiou isso, me deu toda a força. Acontece que eu tinha criado uma conta no Austenapp, e falava também com um outro cara – fiz sinal de aspas na palavra *outro*. – Eu me dava muito bem com esse segundo, nossas conversas eram, quer dizer, pareciam ser sinceras e profundas, muito diferentes das trocas de mensagens superficiais que eu via minhas amigas de faculdade ter com os caras. Em uma noite, enquanto estávamos no cinema, descobri que meu colega de trabalho era o cara anônimo com quem eu conversava, os dois eram a mesma pessoa. Ele usava o nome de “I’m” no aplicativo, e a foto do Matthew Macfadyen de perfil. Eu me apaixonei pelas nossas conversas muito mais do que por quem ele era pessoalmente, e quando descobri isso, fiquei encantada. Apesar de não estar procurando um relacionamento, me deixei envolver por ele.

Fiz uma pausa e, durante esse tempo, ele não disse nada. Pulei detalhes e fui direto ao ponto:

– Em uma noite, esse cara tentou me violentar – resumi. Essa parte da história não merecia detalhes.

Will pareceu mais surpreso e mexido do que eu esperava, e eu constatei que ele era um cara bacana o bastante para desprezar o que Jorge havia feito comigo. Ele não disse nada até a próxima música começar, então percebi que assim como o pessoal das *selfies*, nós também estávamos perdendo um momento especial, conversando sobre algo desagradável, mas por algum motivo eu senti que aquela era uma conversa importante para mim, ou para nós, e que o cenário fazia parte disso.

– Bel, preciso te contar uma coisa.

– Diga!

– O “I’m” não era esse cara babaca que fez isso com você. O “I’m” era eu.



Como me surpreendi ao descobrir a identidade do cavalheiro com a foto do Matthew Macfadyen.

I'm, não era ninguém menos que William, um dos criadores do Austenapp. Bem que ele disse que gostava do Black Eyed Peas. Will.i.am^[32]. Eu jamais imaginaria esse trocadilho com o nome de um dos vocalistas da banda. Que jovem que cresceu nos anos 2000 não ouviu loucamente alguma música cantada por ele?

Como Jane Austen disse uma vez “*Basta proteger-se de um primeiro amor que não precisará temer um segundo.*” Eu não havia me protegido de um primeiro... não, aquilo que eu havia vivido com Jorge não era amor. Mas eu não sentia necessidade de temer Will.

“Ah, e o meu Will é tão bonito e charmoso quanto o ator de Orgulho e Preconceito versão 2005.”, pensei. Mas o pronome possessivo me assustou. A última vez que eu o tinha usado nesse sentido, as coisas não terminaram muito bem.

– Por que não me contou antes? – perguntei estupefata.

– Porque você simplesmente me bloqueou do aplicativo do nada. Achei que tivesse se cansado de conversar comigo. Estranhei sumir assim, as nossas conversas eram tão gostosas. Eu poderia ficar horas digitando com você, que não me cansava nunca, e de repente, quando eu decidi dizer quem era, você me bloqueou. A gente já tinha se conhecido pessoalmente e eu achei que você tinha feito isso porque começou a namorar aquele cara. Mas agora tudo faz sentido!

– Você devia ter me contado! – exclamei. – Definitivamente, realmente, e todos os outros “entes” da língua portuguesa.

– Sei disso.

– Que trocadilho – eu ri, e ele compartilhou do meu riso. – Foi genial! Will.i.am. Caramba!

– É, “ Eu sou Will”.

Mudei o foco do assunto, do elogio a uma confissão:

– Eu achei que você tivesse sido a fim da Catarina, acredita?

Agora foi ele quem riu.

– Claro que não! A Catá é tipo uma irmã pra mim. A gente cresceu junto. Sério que pensava isso?

– Uhum! Não que eu achasse que você queria furar o olho do Rique, até porque vocês são amigos, mas achei que já tivesse sentido algo por ela. Acho que confundi as coisas.

– É, você confundiu.

O barulho das vozes animadas da multidão lá fora não afetava nossa conversa. Era como se só nós dois estivéssemos aqui.

– O tempo inteiro eu pensei que você fosse o embuste que me assediou, e na verdade você era você, um amigo que admiro e que estava o tempo todo por perto.

– Eu não imaginava que você tivesse feito essa confusão. Outra coisa que me fez tentar desencanar de você, foi saber que estava ficando com outra pessoa. Eu fui ensinado a respeitar a relação dos outros, seja ela casamento, noivado, namoro, ou um rolo. Mas tudo que eu fiz foi tentar.

– Tentar?

– É, tentar, mas não consegui, Bel. Eu... não consegui desencanar de você. Quando percebi, eu já sabia seus gostos de cor, já sabia que sua série preferida é aquela que conta sobre uma filha que adora ler e uma mãe que trabalha em um hotel, e que você leu todos os mais de trezentos livros citados na série. E também o quanto ficou feliz quando anunciaram uma nova temporada dela depois de anos de cancelamento. Que você adora “As patricinhas de Beverly Hills” e que nunca tirou um passaporte.

Agora nós estávamos na beira da praia da Barra, uma paisagem linda e poética. Tínhamos caminhado lentamente até ali depois da saída do show. Não havia afobação em nós, nem pressa, embora nós dois quiséssemos, ou melhor, precisássemos falar e ouvir.

Quando adolescente, eu sonhava em conhecer a Europa, ver suas montanhas, seus castelos e catedrais, mas agora, naquele momento e naquele

lugar tantas vezes visto, percebi que o Brasil era tão lindo quanto.

– Eu gosto de você! – continuou Will.

– Também gosto de você! – eu respondi.



Que tipo de pessoa vai a uma biblioteca logo após receber uma declaração de amor inesperada? Eu respondo: o meu tipo.

Não sabendo como lidar com a revelação de Will, assim que nos separamos fui à biblioteca municipal. Era lá que eu gostava de espairecer e colocar as ideias do lugar. É, se tinha algo que eu precisava fazer, era colocar as ideias no lugar.

Eu havia terminado nossa conversa dizendo a ele que simplesmente não sabia o que dizer, e que se era assim, preferia não fazê-lo.

Os sentimentos em relação a ele estavam todos confusos, misturados, embaralhados e qualquer outro sinônimo.

Deixei minha bolsa no armário e girei a catraca, entrando no mundo mágico dos livros.

Caminhei entre as prateleiras admirando as coleções de exemplares, mas senti uma pontinha de dor no coração ao ver alguns vãos entre eles; talvez livros não devolvidos ou não repostos. Todo universo tem suas lacunas, ou seus buracos negros.

Ainda assim, havia beleza na biblioteca.

A última prateleira me chamou a atenção. Na parte mais alta dela havia uma edição antiga de um calhamaço que há muito eu desejava, mas não encontrava nas livrarias. Meus olhos brilhavam, e eu olhei ao redor para verificar se havia algum bibliotecário para me ajudar a apanhar o livro. Mas não havia.

Assim sendo, decidi fazer uso da minha autossuficiência e apoiei minha perna na prateleira galgando alguns “degraus” até que meu braço

pudesse alcançar o livro que eu queria. Minha mão tocou-o, mas antes que eu pudesse pegá-lo, senti um volume pesado cair sobre minha cabeça causando um impacto forte. Parte dos livros dessa prateleira foi derrubada em cima da minha cabeça como uma chuva de granizo.

Não consegui formular nenhum pensamento sarcástico nos segundos seguintes.

– Precisa de ajuda? – perguntou a bibliotecária.

“Ela deve ser nova aqui.”, pensei. Pois nunca a havia visto e como era frequentadora do local, conhecia os rostos dos funcionários e de alguns sabia até o nome. “Não preciso mais.”, respondi à pergunta para mim mesma. Se ela tivesse perguntando antes, provavelmente agora eu não estaria no chão.

A mulher me estendeu a mão para que eu me levantasse, os livros caídos eram pesados a ponto de me derrubarem.

– Fui tentar pegar um exemplar na prateleira de cima e acabei fazendo besteira – respondi.

– Está bem?

– Sim, obrigada!

Ela sorriu para mim como se não tivesse intenção de sair do corredor. Só havia nós duas ali, e parecia que em todo o restante da biblioteca também. O silêncio reinava, exceto pelas nossas vozes.

– Bibliotecas são o melhor lugar para espairer, na minha opinião.

– Concordo! Mesmo que não haja um motivo especial.

– No meu caso há – contei.

– Se quiser me contar qual é, sou toda ouvidos.

Diante de sua boa vontade, não me neguei a detalhar minha história à desconhecida, tal como havia detalhado a Will pouco antes, porém, para ela narrei o epílogo que havia acontecido após revelar ao meu amigo o acontecimento trágico. Um desfecho inesperado.

Seria mesmo o epílogo de uma velha história ou o prólogo de uma nova?

– Que coisa! – disse a bibliotecária quando terminei.

– Eu gosto bastante dele, a gente se dá tão bem. Mas gostar não é o suficiente para que as coisas deem certo.

– Tem toda a razão. Gostar é só o começo de tudo o que se pode criar a partir disso.

– Como assim criar?

– As pessoas se encaixam nas vidas umas das outras a partir do “gostar”, que pode se tornar amar. É a disposição que determina isso.

A conselheira amorosa estava certa, mas eu não sabia se isso se enquadrava na minha situação com Will. Havia outras questões em torno de nós.

– Jane Austen disse algo parecido – lembrei.

– Ela disse, foi?

– Sim. A questão é que: eu não sei se cabe alguém na minha vida agora. Entende?

– Explique-se.

– Estou começando uma carreira, tenho uma pós-graduação para fazer, trabalho para arrumar, é tanta coisa que, ah...

– Um relacionamento merece dedicação, tempo, investimento. Muitos não dão certo por falta de um desses itens, ou de todos eles. Porém, repito, se houver disposição (acredito que essa seja a palavra certa, disposição) as coisas se encaixam e fluem. Mas acho também que você não pode se deixar levar pela necessidade de estar em uma relação para cumprir o intento alheio. Já fez isso uma vez e viu que deu errado.

– O Will é meu amigo, mas sei que nas relações amorosas as coisas podem ser diferentes da amizade e isso me dá medo. Não quero me decepcionar novamente. Dessa vez seria um golpe profundo demais. Agora tenho algo a perder – revelei.

Esse era o ponto principal das minhas dúvidas. Eu havia desaprendido a confiar, Jorge tinha tirado isso de mim, ou pelo menos era assim que eu me sentia, incapaz de acreditar em uma nova história. Dar a outra face parecia algo evoluído demais para mim.

– Não tome um cavalheiro por todos os outros – respondeu ela.

– Cavalheiro? – perguntei.

Mas ela não respondeu à pergunta, e prosseguiu:

– As decepções acontecem, mas não são uma regra. Se fosse deixar de acreditar nas pessoas por causa de uma que te decepcionou, estaria dando a ela um poder maior do que realmente tem e por consequência, deixando-a escolher por você. Eu diria que a decepção é a exceção, embora possa haver várias delas por aí.

– Você tem toda razão – concordei.

– E você é uma mulher do século XXI. Se permitir que um mau homem a faça deixar de acreditar em todos os outros, estará imputando a ele as rédeas do seu destino.

Essa colocação me fez refletir e por alguns segundos esquecer de todo o resto. Quando dei por mim, a bibliotecária estava desaparecendo corredor adentro.

– Moça – chamei vendo sua silhueta elegante de costas. – Muito obrigada!

Ela se virou e deu um aceno de cabeça.

– Como você se chama? – perguntei ao lembrar que não tinha reparado em seu crachá.

– Jane – respondeu ela.

TERCEIRA PARTE

O LEGADO DE JANE AUSTEN

“Não suporto ouvi-lo falar assim, como um cavalheiro requintado, e como se todas as mulheres fossem damas delicadas ao invés de seres racionais. Nenhuma de nós espera ter águas calmas todos os dias”.

- Jane Austen



ANA CATARINA

Meses depois – Maio

Contagem regressiva para o século XXI...

A carta tinha sido enviada há alguns meses, e o meu encontro com Jane naquela tarde surreal fazia esse mesmo tempo. O ferimento na testa havia cicatrizado, e meus exames não denunciaram nenhuma sequela física do pequeno acidente, mas eu trazia comigo, no coração e na alma, os resquícios do desvario que me dera de presente a experiência mais transcendental da minha vida.

Os amigos de Thomas – Michael e David – tinham sido os eliminados mais recentes na sequência de Ellen, o que enfraqueceu o machista da casa.

Algum tempo após minha volta à mansão (eu tinha ficado um dia e meio de observação na enfermaria), Marie disse que tinha mais uma surpresa para nós, e essa surpresa era que recebíamos uma resposta às nossas correspondências enviadas. Ela trazia nas mãos um embrulho com as cartas dos familiares dos meus colegas de confinamento.

– Meu filho conseguiu um estágio – disse Victoria enquanto lia o papel. – Estou tão feliz por ele!

– Meus pais se mudaram de casa – Camilla contou. Ela havia ido para o chalé nas três últimas semanas, e voltado em todas elas, se mostrando uma candidata forte.

Mas não chegou nenhuma resposta de Rique à minha carta. Ele devia estar realmente com raiva de mim por conta de John.

– Não se importe com isso – Camilla me disse enquanto passava o braço em torno de mim ao perceber minha cara de decepção por ficar de mãos abanando quase que literalmente.

Apesar de estarmos separados, minhas imagens com meu colega de confinamento deveriam ter soado para Rique como uma traição em rede

internacional, e mesmo achando isso infantil, eu sabia que me sentiria da mesma forma no lugar dele. Senti uma ponta de inveja ao ver os outros lendo suas cartas, principalmente nessa reta final em que a família fazia tanta falta. Tudo era mais intenso nesse ponto do jogo, as alegrias e também os medos.

Mas sabe de uma coisa? Apesar disso, eu estava bem. Estava feliz em Pemberley como não estivera nos primeiros meses. Estava conseguindo aproveitar minha estadia naquele belo lugar com meus amigos divertidos, incluindo John. Isso me tornava uma egoísta? Eu acreditava que não.

Carregava um leve arrependimento: gostaria de ter enviado a carta para Izabel, tia Rubi ou minha mãe. Não que tivesse me arrependido das palavras em si que eu escrevera a Rique, mas ao menos Manoela, minha madrinha ou minha melhor amiga teriam me respondido, e eu sentia um aperto no coração por causa do que estaria acontecendo lá fora. Isso me tirava um pouco do eixo, porém, no mais, eu estava totalmente submersa no século XIX.

Saber que o tempo ali estava terminando me dava a certeza de que eu precisava aproveitar tudo o que podia. Estava prestes a completar um ano da minha decisão de ir a Bath. Lembrava exatamente do momento em que conversava com Bel pela Internet, o Austenapp ainda nem existia, e eu vira um anúncio do Jane Austen Festival. Tão pouco tempo havia se passado, e tanta coisa tinha acontecido.

Estava agora na biblioteca de Pemberley. Por meio dela eu havia aprendido muito mais sobre a época em que estava vivendo. Antes eu não fazia ideia de que as pessoas precisavam pagar impostos pela quantidade de janelas que tinham em suas propriedades, nem que criados homens também geravam impostos aos seus empregadores, ou que a embriaguez não era motivo para a anulação de um casamento, contanto que a pessoa soubesse o que estava fazendo, ou seja, era permitido se casar bêbado no século XIX.

Dessa vez estava relendo uma edição de Persuasão. A carta do Capitão Wentworth me deixou absorta:

"Não posso mais ouvir em silêncio.

Preciso lhe falar pelos meios que disponho no momento.

Você trespassa minha alma.

Sou metade agonia, metade esperança.

Não me diga que é muito tarde, que sentimentos tão preciosos foram-se para sempre.

Ofereço-me para você de novo, com um coração muito mais seu do que quando você quase o despedaçou há oito anos.

Não se atreva a dizer que o homem esquece mais rápido do que a mulher, que seu amor morre mais cedo.

Eu tenho amado somente a você, a mais ninguém.

Injusto posso ter sido, fraco e ressentido também, mas nunca inconstante.

Você, apenas você trouxe-me para Bath.

Faço planos pensando em você.

Ainda não percebeu? Terá você falhado em entender meus desejos?

Eu não teria esperado nem esses dez dias, se pudesse ter lido os seus sentimentos, como eu penso que você penetrou nos meus.

Quase não posso escrever. A todo instante ouço alguma coisa que me atordoa.

Você abaixa sua voz, mas eu posso distinguir seus tons mesmo quando perdido em meio a outros.

Boníssima e excelente criatura! Você nos faz justiça, deveras.

Creia nisso, mais fervoroso e constante.

Devo partir – incerto da minha sorte – mas voltarei ou seguirei o seu grupo, assim que possível.

Uma palavra, um olhar, serão o bastante para que eu decida, ir a sua casa, esta noite ou nunca.

F.W.”

Victoria surgiu, interrompendo minha leitura ao levantar um pouco a capa para verificar o que eu estava lendo.

– Para mim, a Anne e o Capitão foram dois bobões – disse ela.

– Por que acha isso?

– Simplesmente porque se afastaram por uma bobagem, não uma grande bobagem, mas uma pequena bobagem. Ela se deixou levar pelos outros, e ele, por sua vez, se ressentiu com isso quando um gesto de perdão poderia ter evitado uma separação tão grande. Isso se chama desperdício, de vida e de amor. Eu sou experiente, por isso no começo, quando me interessei

por John, não quis disfarçar. Bem... não rolou, eu segui em frente, porque Pemberley é bonita demais para ser desperdiçada, assim como o amor.

– Ambos tiveram seus motivos – eu disse justificando-os, talvez porque me identificava, mas concordava com o que ela havia dito.

Eram bons conselhos amorosos, ou talvez não fossem conselhos.

– Vamos fazer um brinde? – perguntou Victoria mudando de assunto.

– Com chá – respondi.

– Nada disso, um vinho! Precisamos comemorar.

– Não bebo, esqueceu?

– Até Jane Austen bebia, sua boba. Olha esse trecho – ela procurou pelas prateleiras um volume que reunia as correspondências de Jane, e após passar os dedos pelas páginas até encontrar uma que já estava demarcada com uma fita, leu para mim:

“Minha querida Cassandra,

Sua carta me surpreendeu nesta manhã; porém, não tem de quê, e eu lhe devo muito. Eu acho que bebi muito vinho na noite passada em Hurstbourne; não tenho outra explicação para o tremor em minhas mãos hoje. Você, por favor, não se incomode com qualquer diferença na escrita, portanto, atribuindo-as a esse erro. Seu desejo de falar comigo no domingo trará, talvez, uma descrição mais particular do baile do que você esperava, porque essa aqui tende a pensar muito mais nessas coisas na manhã seguinte do que quando o tempo as tenha tirado completamente da memória. Havia poucas mulheres bonitas, e as que estavam lá não eram lindas. Foi uma noite boa; Charles concordou, mas não sei a razão, a não ser a ausência da Srta. Terry, sobre quem a consciência dele o reprova de maneira a torná-lo perfeitamente indiferente, ter sido um alívio para ele. Houve somente doze danças, das quais eu dancei nove e as outras três só me faltaram por não ter um parceiro. Começamos às 22h, jantamos à 1h, e chegamos na Deane antes das cinco. Não havia mais que 50 pessoas no salão; poucas famílias do nosso lado do vilarejo, e não muitas do outro lado. Meus parceiros foram os dois Srs. Johns, Hooper, Holder e o muito prodigioso Sr. Matthew, com quem eu dancei por último e de quem eu gostei mais entre meu reduzido grupo.

Mary disse que eu estava muito bem ontem à noite. Eu usei o vestido

e o lenço da minha tia, e meu cabelo estava pelo menos arrumado, como eu queria. Vou agora parar de falar do baile, e em seguida me vestirei para o jantar. Tivemos um dia muito agradável na segunda em Ashe, nos sentamos às 14h para jantar na sala de estudos, já que a sala de jantar não estava habitável depois que uma tempestade derrubou a lareira. A Sra. Bramston falou bastante bobagem, o que os Srs. Bramston e Clerk pareceram gostar igualmente. Houve jogo de cartas e uma mesa de cassino, além de seis desconhecidos. Rice e Lucy fizeram amor, Robinson caiu no sono, James e Sra. Augusta se alternaram lendo o panfleto do Dr. Finnis sobre varíola bovina e eu presenteei a todos com a minha companhia alternadamente. Os três Digweeds vieram na terça-feira, e jogamos bilhar na venda. James Digweed deixou Hampshire hoje. Eu acho que ele está apaixonado por você, por que estava ansioso que você fosse aos bailes de Faversham, e também porque ele disse que os dois olmos teriam caído em razão de sua ausência. Não é ideia corajosa? Não tinha pensado nisso antes, mas ousou dizer que sim. Adeus; Charles manda os melhores desejos, e Edward os piores. Se você acha a distinção imprópria, leia você mesma. Ele vai escrever para você quando voltar a seu barco, e enquanto isso deseja que você me considere sua irmã querida,

J.A.”[\[33\]](#)

– Que carta ousada! – exclamei. – Nunca tinha lido essa.

– Acho que precisamos animar as coisas por aqui, o que acha? – sugeriu ela.

– Tô dentro – disse Camilla surgindo entre nós. Sua vaga já estava garantida na grande final. – O que você sugere?

Não sei em que momento compramos a ideia maluca de Victoria de colocarmos roupas masculinas.

– Não podemos ir embora daqui sem experimentar estar na pele, digo, nas calças, de um cavalheiro. Sabe aquela frase “Só se vive uma vez?”, nós devemos adaptá-la para a nossa realidade: “Só se vive em Pemberley uma vez.”.

Pouco depois eu estava em frente ao espelho, de meias longas, calças que deveriam estar justas, mas que em mim não ficavam assim; sobrecasaca e

um chapéu que cobria o volume dos meus cabelos. Se Ruth, nossa instrutora de moda, estivesse ali, ela não poderia ousar dizer que estávamos deselegantes. Eu me casaria comigo.

– Um completo cavalheiro! – disse Camilla rindo.

– Você também – retribuí a risada.

Por sua vez, John colocou roupas femininas, quer dizer, nós colocamos nele, e o maquiámos para finalizar a caracterização. Um pouquinho de *blanc* aqui, um pouquinho de *rouge* ali e... pronto.

– Que dama maravilhosa! – Victoria disse por fim.

Fizemos um baile invertido e improvisado.

– Já pararam para pensar que daqui a dois dias, um de nós estará lá fora? – perguntou Victoria quando Camilla dedilhou a última nota sobre o piano.

Eu sentiria falta de momentos assim.

– Ouvi dizer que Ruth está confeccionando nossos trajes para a final e que Louis está escolhendo quais quitutes serão servidos.

Só então me lembrei de que eu, Vic e John estávamos disputando nossas vagas na finalíssima da primeira temporada de Pemberley Hotel. Apenas um seria eliminado enquanto os outros dois fariam companhia a Camilla.

– Gostaria de dizer algumas palavras – disse John com um divertido tom solene.

Ele se encaminhou para o centro do ambiente, tendo todos os nossos olhares voltados para ele.

– Conviver com as senhoritas durante todos esses meses foi bárbaro. Agradeço a vocês, três mulheres tão diferentes, mas iguais em coragem, e que coragem!

Como ele ficava engraçado falando daquele jeito, mas eu sabia que as palavras eram sinceras. Nós éramos de fato corajosas por estarmos ali, e isso o incluía.

Quando deu a hora, no despedimos de Camilla, que era a única

competidora garantida e por isso dormiria na mansão.

De braços dados, Victoria, John e eu, caminhamos pelos campos de Pemberley na noite escura, de volta para o chalé que nos aguardava.



BEL

O Rio era de Janeiro. Em Pemberley já era maio. Mas vou continuar contando como foi meu fevereiro até chegar ao mês da final de Pemberley Hotel:

–Você demorou, Izabel! – disse minha mãe.

Rique estava no sofá, entre meu pai e ela.

“É que descobri que o Will, sim, o fofo do Will, era o cara com quem eu conversava no Austenapp, que eu achava que era o Jorge, o assediador. E depois encontrei Jane Austen.”, mas na verdade eu só disse que:

– Fui à biblioteca.

– Depois do show com Will?

– É!

– Você não cansa mesmo de ler. O que é esse galo na sua cabeça?

– Acidente literário – respondi.

– Vou colocar gelo nisso.

– Não precisa!

Mas talvez precisasse. Escondi deles que havia ficado inconsciente por alguns segundos na biblioteca, até me levantar e seguir para casa.

– Como é que foi isso, hein?!

Expliquei que alguns livros pesados haviam caído em cima da minha cabeça, mas que não tinha sido nada demais, e segui para o quarto. Eu precisava ficar sozinha para digerir tudo o que tinha acontecido em um único dia. Nunca havia alucinado na vida, aquela foi a primeira vez.

O sobrinho de Jane Austen, James Edward Austen-Leigh, descreveu sua tia como “*muito atraente*”. Ele disse: “*Sua figura era bastante alta e magra, seu passo suave e firme, e toda a sua aparência era saudável, expressiva e animada. Ela era uma morena clara, tinha bochechas*

arredondadas, boca e nariz pequenos e bem formados, brilhantes olhos castanhos e cabelo castanho formando cachos naturais”.

A bibliotecária era exatamente assim.

Já Caroline Austen, que era irmã de James Edward, escreveu que: “(...) Quanto à minha tia, pensando bem, seu rosto era alongado – tinha uma cor brilhante, mas não chegava a ser cor-de-rosa... seus cabelos eram castanhos escuros, formando cachos curtos em torno do rosto.”

E, parando para lembrar de seus traços, a mulher que eu vira também tinha um pouco disso. Será que o peso dos calhamaços tinha sido o bastante para soltar um dos meus parafusos?

Eu despertara no corredor e, ao perguntar ao bibliotecário sobre sua colega, Jane, ele disse que não havia nenhuma funcionária com esse nome ali.

O acontecimento surreal me fez lembrar de Manoela. Desde a viagem nós não nos falávamos, e eu percebi que era a hora de invadir sua privacidade e falar o que achava sobre o que ela estava fazendo com a própria vida. Já fazia tempo que eu não a via online no Austenapp, e uma coincidência aconteceu: enquanto eu pensava sobre isso, meu celular apitou.

– Oi, Bel!

– Oi! Como está?

– Melhor! Me separei e agora é pra valer.

– Hum... sério?

Eu não estava colocando fé nisso, mas não custava nada compartilhar com ela um pouco do que a mulher misteriosa tinha compartilhado comigo.

– Eu sei que não é fácil, quer dizer, nunca passei por isso, mas imagino que não seja fácil deixar pra trás uma vida inteira ao lado de alguém.

Mesmo não sendo fácil, você precisa tomar as rédeas da sua vida.

*– Realmente não é fácil,
mas cheguei ao meu limite.
Estou tão cansada de tudo!*

– Aconteceu algo? Digo, de novo?

Eu sabia que esse algo era uma nova agressão.

– O mesmo de sempre.

Me incomodou o modo como ela falou nisso como se fosse algo corriqueiro e normal, coisa que para mim não era.

*– Não seria o caso de você ir
passar uns dias na casa que a
Catá herdou da avó dela?
Lá é afastado e calmo, talvez
seja bom para você colocar a cabeça no lugar.*

*– Não, vou continuar aqui.
Tenho muitos vestidos para terminar,
e recebi minha primeira encomenda de
vestido de noiva, acredita?
Prometo que não vou abrir a porta para ele.
Se eu fizer isso a Rubi me mata,
e eu não posso me dar ao luxo de morrer, tenho dois filhos para
criar.*

– Como eles estão?

*– Na casa dela!
Os mandei para lá depois da última briga.*

Eu sabia que Rubi amava os gêmeos como se fossem seus próprios filhos.

***– E você tem toda razão, Bel.
Preciso tomar as rédeas da minha vida.***

Nossa conversa terminou assim, mas a última mensagem que recebi foi de Will, me desejando uma boa noite:

– Boa noite, “I’m” !

Foi o que respondi.



Foi também em fevereiro que a máscara de Thomas finalmente caiu perante os participantes, pois para o público isso já tinha acontecido há tempos, e foi em uma disputa com Camilla e John que eu o assisti ser eliminado. Senti alegria e alívio ao ver aquele insuportável ir embora de Pemberley Hotel. A expressão “vai tarde!” se encaixou perfeitamente naquele momento. A cara de humilhação que ele fez virou meme em todas as redes sociais, e eu havia cansado meus dedos de tanto votar para poder ver isso.

– Bem feito! – disse minha mãe por trás de mim.

– Você assiste, é?! – perguntei.

Eu já suspeitava disso, pois no celular dela havia o aplicativo do canal que exibia o programa.

– Dou uma bisbilhotada vez ou outra. Por que não foi pra casa do Will? – ela mudou de assunto.

– Quis ficar em casa hoje, fazia tempo que eu não passava um sábado à noite aqui.

Torci para que ela não me levasse para o restaurante para ajudá-la a servir os clientes. Eu realmente estava a fim de ficar no meu canto, ouvindo música romântica enquanto olhava o machista da Thomas ser massacrado na Internet por causa de sua eliminação com alto índice de rejeição.

– Tem muitos pedidos anotados? – perguntei.

– Tudo sob controle. Pode ficar aí!

Respirei aliviada quando ela bateu a porta atrás de si.

Novamente sozinha, cliquei no ícone do Austenapp e comecei a checar minhas mensagens antigas com "I'm". Foi engraçado relê-las sabendo a verdadeira identidade dele, e um pensamento de "como não percebi isso antes?" passou pela minha cabeça.

*– Antes de entrar para a faculdade,
fiz uns três testes vocacionais e
todos deram a mesma coisa: Letras.*

– *Estavam certos, não estavam?*

*– Bom... Não é que não estivessem,
mas quando cheguei na sala e
as primeiras semanas foram se passando,
tive a sensação de estar no lugar errado.
Eu esperava que fosse uma coisa,
mas na verdade era um pouco, quer dizer,
muito diferente. Ainda não estava preparada.*

– *Acho que a maioria das pessoas não está.
A gente aprende na marra e
é também na marra que se prepara pra tudo, ou quase tudo.*

– *Foi assim com você?*

– *Foi, sim!*

*– Reprovi em algumas matérias e
escondi isso da minha família por vergonha.
"A genial Izabel Maria tirando notas baixas?",*

*eu os imaginava dizendo.
Aí eu dava um jeito de ninguém descobrir.
Pensei em desistir por várias vezes,
mas aqui estou eu, quase me formando.*

Era interessante que em momento algum "I'm" mencionara que curso fazia, e eu também não havia perguntado, pois gostava de mantê-lo abstrato na minha mente, embora achasse que sabia quem ele era. Eu estava tão errada! Mas agora era diferente, "I'm" tinha um rosto, uma voz, um cheiro, – que por sinal era muito agradável – e eu sabia que ele era um programador recém-formado, divertido, engraçado, além de um inglês 95% brasileiro. Isso mudava tudo!

Austen estava deitado na sua caminha (era seu dia de ficar comigo), assistindo ao jornal que passava na televisão. Ele era o principal elo entre nós.

Após largar o celular, voltei a assistir os episódios atrasados de Pemberley Hotel, que estava entrando na reta final.



Três meses depois...

Com o término da faculdade, eu nunca mais tinha visto Lidiane. E depois da súbita falta de educação dela comigo no último semestre, pretendia que continuasse assim.

Porém, não podemos ter tudo o que desejamos.

Eu estava passeando com Austen por um parque de Botafogo; a vinda dele para a minha vida havia me dado fôlego para esse tipo de passeio. O dia estava fresco, mas havia algumas nuvens densas no céu, e eu havia levado sanduíches e água de coco de caixinha dentro da bolsa.

– Leve um guarda-chuva também – dissera minha mãe quando saí de casa. – Vi na previsão que vai chover.

Eu acatei o pedido, pois elas, a moça do tempo e minha mãe, não costumavam errar.

Era bom passear ao ar livre para colocar as ideias no lugar depois daquela conversa com Will/I'm.

Segurava na coleira de Austen quando avistei minha ex-colega de classe e, ao perceber que ela vinha na minha direção, baixei o olhar para não encará-la. Eu não sabia qual era o motivo exato de ela ter me tratado mal. Lidiane, apesar de patricinha, não era uma pessoa ruim. Desconfiava, na verdade sabia que tinha algo a ver com Jorge, mas não conseguia imaginar o que o crápula havia inventado sobre mim de tão grave para nos afastar, e sinceramente, já não me interessava saber.

– Bel! – disse ela.

Fingi surpresa e respondi secamente:

– Oi!

Lidiane me deu um beijo em cada lado do rosto, me deixando desconfortável.

– E aí, como foram as férias?

"Sério que ela vai fingir que nada aconteceu?", me perguntei. "Rica do jeito que é, deve estar passando essa vergonha toda no crédito."

Eu poderia ter dito que foram ótimas, que eu havia terminado meu primeiro livro original, adotado um cachorro, visto minha amiga continuar semana a semana no reality, mas disse apenas que:

– Boas!

– Ah, que bom! – ela olhou para baixo. – Não sabia que você tinha um cachorro.

– Não tinha. Adotei há pouco tempo.

Austen, ao perceber que estava sendo citado na conversa, cumprimentou-a com um cheiro nos pés e ao ser correspondido com um afago, colocou as patinhas sobre os joelhos de Lidiane. Constatei que ele tinha uma missão diplomática entre nós.

– Tá indo pra lá? – ela me perguntou olhando para o lado esquerdo do parque, direção para onde eu estava indo.

Estranhei, pois ela estava caminhando na direção oposta à minha quando nos encontramos.

– Vou com você – disse.

Tentei controlar minha expressão facial. Por que isso era tão difícil para mim?

– Beleza! – concluí com um sorriso amarelo. O parque era público, eu não podia impedi-la de ir para o lado que quisesse.

Seguimos andando juntas, o que me deixou constrangida.

– Conseguiu trabalho? – ela perguntou.

– Ainda não. E você?

– Também não. Na verdade ainda tô pensando no que vou fazer da vida a partir de agora.

– Eu também!

Pelo menos tínhamos algo em comum, e não eram os milhões na conta (nem a futilidade). Houve silêncio entre nós.

– Queria te pedir desculpas por ter sido estúpida com você nos últimos meses de faculdade.

Reuni em mim toda a educação dada tão carinhosamente pela minha mãe.

– Não precisa pedir desculpas. A gente só se afastou. Ninguém é obrigado a conviver com ninguém. Isso vale para você e também para mim.

– Não foi bem assim, você sabe que não. Eu me deixei levar pelo Jorge.

– Sabia que era isso! Ele deve ter inventado várias coisas sobre mim.

– Inventou, sim! É só há pouco tempo eu soube que eram mentiras de um cara babaca.

– E bota babaca nisso, mas você, hein?! Tinha que acreditar?

– Nós crescemos juntos, e ele é bastante convincente, você sabe disso, não sabe?!

– Ô se sei! Mas mesmo assim, as pessoas têm que ter opinião própria – usei meu tom áspero de voz.

Agora eu tinha voltado a ser a garota insolente de sempre. Fez-se

silêncio novamente entre nós e eu me arrependi da última frase. Dessa vez o silêncio foi quebrado por um trovão que ressoou no céu.

– É, minha mãe tinha razão – eu disse. – Vai cair um pé d’água.

– Quer dar uma passadinha lá em casa?

Estranhei o convite. Lidiane parecia estar querendo me dizer alguma coisa específica, mas me convenci de que era só impressão minha, afinal eu tinha o hábito de imaginar coisas que não correspondiam à realidade, isso estava mais do que provado.

– Não, acho que vou embora – respondi.

Ela insistiu:

– Por favor, é aqui pertinho. Lembra? E é melhor do que tomar um banho de chuva e pegar uma gripe. A gente conversa enquanto espera o temporal passar.

Eu não era muito boa em geografia, mas me lembrava, sim, que a casa dela ficava nas redondezas.

Olhei para Austen para demonstrar que não seria educado ir até a casa dela com um cachorro, ou melhor, usando-o como pretexto para minha recusa.

– Ele é bem-vindo também!

Acabei cedendo pela curiosidade. Ao chegarmos à porta da mansão, tive um *flashback* da noite em que, meses antes, eu havia ido ali pela primeira vez. As coisas ficavam diferentes à luz natural do dia, sem as lâmpadas piscantes da festa e sem o som do bate estaca comandado pelo DJ.

– Vamos lá pra cima? – ela me perguntou enquanto me puxava pelo braço.

Supus que ela não queria que os pais ouvissem nossa conversa, e a confidencialidade me deixava mais curiosa sobre seu conteúdo.

– Tá bom!

Subimos as escadas e entramos no quarto amplo que, para minha surpresa, tinha menos cor de rosa do que eu imaginava.

– Você quer comer alguma coisa? Uns biscoitinhos ou umas torradas

com patê de atum?

– Não, obrigada. Mas, e aí – fui direto ao ponto. – O que te fez perceber que estava errada sobre mim?

Ela se sentou na beira da cama alta, e eu olhei para a estante que figurava no canto esquerdo do cômodo. Ela estava vazia, exceto por alguns livros didáticos que reconheci como sendo leituras obrigatórias da faculdade. Porém, meus olhos saltaram para um volume fino intitulado: Amor e amizade, de Jane Austen.

O apanhei por curiosidade e abri. Na primeira página, havia uma dedicatória:

“Para a amiga mais linda e com a pele mais macia de Botafogo.

De: Jorge.”

Isso significava que aquele era o livro que estava na mochila dele naquela noite em que fomos ao cinema, livro esse que tinha me feito acreditar erroneamente que Jorge era “I’m”. O subtítulo do livro era: enganada na amizade e traída no amor.

– Vocês dois...? – perguntei estupefata.

Agora tudo fazia sentido: Jorge não estava lendo Amor e Amizade, ele simplesmente comprara um exemplar para presentear Lidiane que, por sua vez, naquela mesma época precisava estudar a obra de Jane Austen por causa da faculdade.

– Não, não enquanto vocês estavam juntos.

De qualquer forma, o que eu havia tido com ele não fora amor, e também, se fosse para concorrer a algo, que fosse a uma vaga de medicina em uma universidade federal.

– Ah, tá! Porque pelo que me lembro, foi você quem me jogou pra cima dele. Não fez a Emma, fez?

– Emma?

Ela não entendeu a referência, pois não tinha lido o livro.

– É algum tipo de gíria gay, tipo “fazer a egípcia”?

– Deixa pra lá. Você não imagina o mal-entendido que esse livrinho

causou na minha vida. Enfim... me conta! Você disse “não enquanto vocês estavam juntos”...

Agora eu estava mais curiosa do que nunca.

– Quando você e o Jorge “terminaram”, ele me disse que você o tinha traído com um tal de Will que veio de São Paulo para passar o fim de semana na sua casa.

– Ele te disse que esse foi o motivo?

– Disse, sim. E eu fiquei P da vida com você, afinal apresentei os dois e me sentia meio responsável pelo lance de vocês. Hoje sei que essa foi só mais uma das mentiras dele.

A história estava ficando interessante.

– Quais foram as outras?

– Me vi na obrigação de ouvir as reclamações dele, e como tenho um fraco por homens de coração partido, nós acabamos ficando. No começo o Jorge fez eu me perguntar por que não havia dado uma chance a ele antes. Ele era atencioso, carinhoso, incrível. O cara dos sonhos.

Ela fez uma pausa e eu percebi que as coisas estavam indo para um caminho dramático. A pessoa que ela estava descrevendo era o Jorge que eu conhecera, e se tinha acabado mal para mim, supus que tivesse acabado da mesma forma para ela, até porque, caso contrário, eu não estaria ali, no quarto de Lidiane.

– E quando foi que você acordou? – perguntei.

– Quando fiquei grávida.

Olhei para a barriga dela procurando por alguma protuberância.

– Parabéns! – disse sem saber se aquela era a palavra certa. – Que venha com muita saúde.

Imaginei um quarto coberto de coisas de crochê, sapatinhos, macacões, toalhinhas e brinquedos para recém-nascidos, daqueles que se pendura no berço e faz sons de ninar. Soube que seria uma criança amada, ainda que tivesse sido concebida sem planos.

– Não vai vir! – ela respondeu secamente. – Não estou mais

esperando o bebê.

– Poxa! Eu sinto muito.

Vi que uma lágrima estava despontando no cantinho do olho direito dela e constatei que se fosse uma personagem de algum livro de Jane Austen, Lidiane seria Lydia Bennet.

Lydia é ousada, imprudente e mimada. Ela também é fútil e paqueradora. Foge com Wickham sem se importar com as possíveis repercussões, que consistem na ruína social e miséria de toda sua família. Elizabeth a vê como "vaidosa, ignorante, ociosa e absolutamente descontrolada". Ela pode ser tudo isso, mas agora eu começava a ter uma visão um pouco mais benéfica dessa personagem tão desprezada: Lydia tinha, antes de tudo, excesso de fé nos homens. Ao fugir com Wickham, eu duvido que ela acreditasse que ele era um embuste, ao contrário disso, devia pensar que ele era um cavalheiro digno que a faria feliz com um pouquinho mais de aventura do que o habitual.

– O que houve com o seu bebê? – perguntei.

– Quando fiz o teste, contei para o Jorge assustada, pois não tinha sido planejado, (a gente estava junto há pouco tempo e os dois sem trabalho) mas também feliz porque a gente estava se curtindo e eu achava que se ele era um namorado tão bom, também seria um pai legal. Logo nas primeiras horas eu comecei a me acostumar com a ideia, e consegui imaginar a gente encaixando uma criança na nossa vida. Foi então que ele disse que não seria pai, e que se eu quisesse assumir essa responsabilidade, que o fizesse sozinha.

– Que imbecil!

– Eu gostava muito dele, e relevei porque sabia da situação que sua família estava passando. Você viu que o pai dele foi preso de forma definitiva depois de um flagrante com uma mala?

Senti uma ponta de orgulho, mas disfarcei.

Eu estava farta das pessoas passando a mão na cabeça de homens sem caráter, e estava farta também deles usarem históricos familiares difíceis e conturbados como pretexto para isso.

– Soube, sim. Bem feito!

– Pois é. O Jorge estava estranho desde essa prisão, e andando com uns caras mais estranhos ainda.

“Os caras que estavam com ele no mercado.”, constatei.

– Enfim... eu esperei que ele se acostumasse à ideia também, mas os dias foram passando e isso não aconteceu. Por fim, decidi chamá-lo para uma conversa séria, e disse a ele que eu não tinha feito a criança sozinha e que ele tinha que estar ao meu lado nisso.

– E ele?

– Ele reagiu mal.

– Mal como?

– Disse que não podia ter certeza de que era filho dele, o que me deixou muito, muito brava— ela fez uma pausa. — E por fim me convenceu a tirar a criança.

As últimas palavras saíram da boca dela de forma cortante, e isso era nítido até para mim, que estava de fora.

– Não era o que eu queria fazer, mas eu senti tanto medo. Ele disse que caso eu quisesse esse filho, teria que sumir da vida dele para sempre. Estava tão desamparada. Sabia que meus pais me matariam se soubessem, afinal eles investiram tanto em mim desde que nasci e eu não retribuí em nada. O sonho deles era ter uma filha como você, estudiosa e inteligente, eu não sou nada disso e para piorar estava com uma criança na barriga. Uma criança sem pai.

Senti certo lisonjeio com o elogio.

– Eles sabem?

– Depois que fui parar no hospital por causa das complicações, eles souberam. Fiquei na UTI por alguns dias. Minha mãe foi atrás do Jorge para tirar satisfação, mesmo que eu tenha dito que a escolha foi minha (o que não deixa de ser verdade), ela é bem esquentada e quase explodiu de raiva quando soube, mas não conseguiu sequer falar com ele, pois ele está preso assim como o pai. Sinceramente, diante da fúria da minha mãe, é mais seguro para a vida dele estar em uma cadeia.

– O Jorge, preso?

Era muita informação para mim.

– Ele se juntou com uns amigos, esses que te falei que são estranhos, e assaltou um banco na Zona Norte. Como agora não é mais rico, não tem os benefícios que teria se ainda fosse. Acho que vai passar um bom tempo lá.

Se a conversa fosse online, eu colocaria vários emoticons com expressão de choque, pois era assim que eu estava: chocada.

A chuva caía lá fora, e Austen estava deitado sobre o tapete felpudo de Lidiane, absorto com um brinquedo que ela lhe dera, e nem aí para a nossa conversa.

– Você está bem? Caramba! Não imaginava que...

– Agora estou melhor.

Me sentei na cama e me permiti cair, olhando para o teto.

– Tô passada com essa história toda! – eu não conseguia me expressar com a elegância necessária para uma situação delicada como aquela. Era melhor com a palavra escrita do que com a falada.

– Você acha que consegue me desculpar?

– Não tem o que desculpar.

– Tem, sim. Eu fui ridícula com você.

– Ele tentou me violentar – confessei cortando a fala dela.

– É sério?

– Uhum. E sabe o que é pior agora que tudo passou? Que se eu tivesse te contado, você não teria passado por isso.

– Ele machucou você?

– Não! Fisicamente não. Eu tô bem, de corpo e agora de alma também.

– Não posso dizer o mesmo de mim, mas Bel, me perdoa por ter te apresentado esse cara.

– Me perdoa por não ter te contado o que aconteceu comigo quando terminamos. Você não teria caído na lábria dele.

Me levantei percebendo que era hora de ir.

– Às vezes, uma frase que dizemos tem o poder de evitar muita coisa – concluí.

– Às vezes, um sinal que percebemos também tem esse poder – ela disse por fim.

Nunca na vida eu ouvira algo tão racional vindo de Lidiane.



Estava passando na frente da portaria do prédio de Will quando, mais uma vez, avistei Susana.

Havia passado o fim de semana refletindo sobre a história de Lidiane. Uma coisa nela havia me deixado aliviada: Jorge estava preso.

– Oi! – disse Susana, que também estava de passagem. Carregava uma sacola ecológica (um ato louvável de sua parte em relação ao meio ambiente, não posso negar). – Vou à feira aproveitar que está tudo fresquinho, quer ir comigo?

Como respondi com um aceno negativo, ela seguiu em frente com o sorriso simpático que não me convencia.

O carteiro vinha caminhando na direção do prédio.

– É Izabel, não é? – ele me perguntou. Como entregava cartas ali na região há anos, eu o conhecia de vista, até porque, quando comprava livros em promoções na Internet, era ele quem eu esperava ansiosamente. Meu coração acelerava quando ele se aproximava, mas juro que não era paixão.

– Sim – respondi desacelerando o passo.

– Há um tempo, deixei aqui no prédio um pacote para o seu irmão. O restaurante estava fechado e como não havia ninguém em casa, eu deixei com o porteiro daqui, conforme a sua mãe pediu que fizesse caso fosse algo importante. O remetente era da Inglaterra e pensei que como podia ser algo sério, era melhor não levar de volta comigo nem deixar jogado na caixinha.

– Da Inglaterra?

Estranhei que Rique não tivesse me dito nada sobre isso. Passou pela minha cabeça que o porteiro podia ter se esquecido de entregar alguma carta que provavelmente era de Catarina – ela era a única pessoa que conhecíamos fora do país – e era essa a razão do meu irmão não ter me dito nada, afinal ele mesmo não sabia.

– Tem certeza de que era para ele? – perguntei pensando que poderia ser algo para Will, vindo de sua irmã que vivia em Londres.

– Tenho, sim! O porteiro não entregou?

– Vou confirmar – respondi. – Muito obrigada!

– Oi! – eu disse o chamando enquanto me aproximava da cabine. – O senhor por acaso se lembra de ter recebido uma carta destinada ao meu irmão? É o Henrique do restaurante – aponte para o Norte & Angi.

– Ah, filho da Cássia, né?! – perguntou ele pela fresta do portão.

– Isso!

– Recebi, sim. Faz quase um mês. Entreguei para Dona Susana – ele diminuiu o tom de voz. – Ela disse que ia entregar porque era amiga dele.

Havia certa malícia na última frase dita, o que denotava que não era só eu que via as verdadeiras intenções dela.

– Susana! – exclamei.

Sem nem agradecer, saí apressada rumo à feira, que era a mesma onde minha mãe comprava as verduras e os legumes para as refeições do restaurante e onde eu eventualmente comia pastel com caldo de cana.

De barraca em barraca, procurei por Susana, até encontrá-la naquela que vendia tomates.

– Bel – ela disse ao me ver. Um sorriso nasceu em seus lábios. – Esses tomates aqui estão bonitos, leve alguns, eu recomendo – ela deu uma piscadela para o homem da barraca, e eu compreendi a dimensão de seu prazer pelo flerte. – Ótimos para fazer aquela vinagrete que combina com um churrasco.

Constatei que Susana era a Lady Susan da nossa história.

“É certo que minha vaidade me leva a crer que o tenho a meu

alcance. Consegui que seja sensível ao meu poder e agora posso desfrutar do prazer de triunfar sobre uma mente predisposta a não gostar de mim e cheia de preconceitos com minhas ações passadas.”, esse é um trecho da novelinha que carrega o nome da maior vilã de Austen, na minha opinião, e que parecia se encaixar nos pensamentos da síndica também vilanesca.

– Não vim pra comprar tomates, vim pra procurar você. Eu quero saber se por acaso se esqueceu de devolver, digo, de entregar uma carta que era destinada ao meu irmão. O remetente é uma moça chamada Ana Catarina.

O semblante da interceptadora de cartas se modificou.

– Não foi extraviada? – ela perguntou com o olhar baixo. Parecia querer evitar meus olhos. – A Inglaterra é muito longe!

Eu não havia mencionado o lugar de onde vinha a carta. Susana se enroscou na própria teia.

– Não, não foi. E tenho certeza de que se procurar em suas coisas, achará, embora não se lembre – eu estava usando de todo meu recato para com ela, e também do meu sarcasmo. – Deve dar muito trabalho ser síndica de um prédio, não é?! A cabeça deve ficar sobrecarregada com os problemas dos moradores, nada mais normal do que se esquecer de uma coisinha ou outra, mas tenho certeza de que irá se lembrar!

Susana fixou o olhar nos tomates.

– Hein?! – perguntei. – Faça um esforço.

Alguns minutos depois, estávamos no corredor do apartamento dela. Susana abriu a porta apenas o suficiente para que ela pudesse entrar.

– Por favor, espere aqui – disse se virando. – Vou conferir nas minhas coisas, quem sabe não encontro o que você procura?!

Aquilo era praticamente uma confissão de culpa. Eu obedeci e fiquei aguardando. Alguém de nós tinha que ser educado, afinal.

“Que mulher ardilosa.” pensei. “Mesmo Rique tendo dado um fora nela, ela não desistiu. E tem uma grande diferença entre saber o que se quer e ser mau caráter passando por cima dos outros para consegui-lo.”

Como ela começou a demorar, a pouca paciência que eu tinha se esgotou e eu empurrei levemente a porta para chamá-la. Vai que ela era mais

maluca do que eu achava e fugisse pela sacada como nos filmes.

– Susana! – exclamei.

Foi ali, ao pronunciar a última sílaba, que para minha surpresa vi pôsteres de Pemberley Hotel estampados nas paredes de sua sala.

– O que é isso? – falei em voz alta.

Susana surgiu vinda do quarto.

– Pedi para esperar lá fora.

Seu semblante estava o oposto do que estivera minutos antes, quando nós nos encontramos na feira, e carregava um misto de susto, medo e choque. Meu cérebro demorou para assimilar o que eu tinha visto.

– Desculpa, eu... – estava sem reação. – O que são esses pôsteres?

Então compreendi tudo.

– Você é fã da Catarina?

– Sim. Eu amo Pemberley Hotel, simplesmente amo desde a estreia. Ela é minha candidata favorita – Susana fez o sinal de hashtag com os dedos – Sou do time #staycatarina. A propósito, eu estou muito aflita. Ela não pode deixar Pemberley essa semana. Estou votando feito louca para tê-la na final com Camilla e John ou Victoria. Você tem votado, Bel? Ela não pode morrer na praia. Catarina não pode ser eliminada nessa reta final!

“Não estou entendendo mais nada.”, pensei. Mas de repente uma ideia passou pela minha cabeça:

– Foi por isso que você interceptou a carta? Por ser fã de Catarina?

– Sim! Quando vi que no pacote havia uma carta da minha estrela, fiquei encantada e dei um jeito de pegá-la para mim.

– Quis pegar meu irmão para você também? – perguntei tentando juntar as peças do quebra-cabeça chamado Susana.

– Claro que não! Eu só quis me aproximar de vocês. Sabia que eram o namorado e a melhor amiga da Catarina, por isso fiquei tão apaixonada pela ideia de me aproximar dos dois. Você pensou que eu estava flertando com seu irmão?

– E não estava?

– Mas é claro que não. Sou muito bem casada, o que não me impede de sonhar com um John daqueles, que inclusive é meu segundo candidato preferido. Ele é maravilhoso, não acha?! Aliás, tudo em Pemberley é perfeito: os bailes, os piqueniques, as caminhadas e os jantares. Eu não roubaria o namorado dela, e sim aquele guarda-roupa georgiano esplêndido que a produção dá aos participantes.

Olhei novamente para a sala coberta de itens que remetiam a Pemberley Hotel. Uma almofada com a foto dos dezesseis participantes, os pôsteres que foram a primeira coisa que vi, uma caneca em cima da estante. Era tudo tão... surreal.

A vida, assim como os livros de Jane Austen, era uma comédia de costumes. Sim, esse era o gênero ideal, comédia de costumes. Susana retratava um número enorme de pessoas que colocavam outras pessoas em pedestais, e isso me incluía.

Conhecia histórias de pessoas que guardavam ossos de coxas de frango comidas pelos seus ídolos, guardanapos usados ou ainda que fuçavam o lixo à procura de qualquer objeto que contivesse fluídos corporais da pessoa admirada, mas nunca imaginei que fosse ver algo semelhante tão de perto, embora o gesto de Susana não tivesse chegado a esse nível de falta de higiene.

– Você não podia ter feito isso. Roubar a carta foi...

– Errado, eu sei. Peço desculpas! Não queria prejudicar a Catarina. Por isso eu nem mesmo a abri, apenas guardei para mim como recordação. Pensei em dizer algo ao Henrique, mas não tive coragem, pois quando dei por mim, já estava enrolada com isso.

– Não sei o que está escrito nela. Deve ser algo importante. Definitivamente você não podia ter feito isso – repeti como uma mãe dando sermão no filho.

– Me desculpa! Você nunca foi fã de ninguém?

Quando Susana disse isso, uma melodia ao piano tocou em minha cabeça. Me vi criança, deitada na cama de Lady Olga ouvindo histórias de Jane Austen, encantada. Depois adolescente, passeando pelos corredores da biblioteca da escola com um romance nas mãos e chegando em casa

apressada para escrever minhas fanfics. E então, até uma data mais recente, também em uma biblioteca, quando livros pesados caíram em minha cabeça e me fizeram delirar... ou não; eu não tinha certeza sobre isso.

– Sim, eu já fui – respondi. – Já fui muito fã de alguém, e ainda sou!



– Henrique – eu disse entrando no quarto dele sem bater e arriscando encontrar meu irmão nu com a mão no bolso.

Estava afoita demais para precauções. Os capítulos recentes foram repletos de revelações, e eu não tinha absorvido todas elas ainda.

– O que foi?

Eu não respondi, apenas estendi a carta de Catarina para ele.

– O que é isso?

– Leia e depois te conto a coisa maluca que me aconteceu agora. Sério, foi algo digno da fanfic mais bizarra do mundo. Depois disso tô até pensando em escrever uma nova sobre isso. Foi tão *nonsense*, como diriam os ingleses. Leia logo para eu poder te contar. Vai! – eu estava ansiosa.

Meu irmão obedeceu e abriu o envelope amarelado, tirando de dentro dele uma folha um pouco mais escura.

“Querido Rique,

Queria começar essa carta dizendo que sinto saudades, e na verdade eu sinto. Bem... acho que sem perceber, acabei começando assim, não é?!

(...)”

Então, quando ele estava absorto na leitura, o deixei sozinho no quarto. Aquele era um momento de Catarina e dele.



ANA CATARINA

Maio havia chegado, e com ele a perspectiva do tão próximo fim.

John, Camilla e eu. Só havíamos restado nós em Pemberley Hotel. E agora disputávamos uma final emocionante onde nós três poderíamos sair vencedores. Na verdade, o mais interessante em participar de um reality show era ter a certeza de que mesmo que eu não recebesse o prêmio propriamente dito, já era uma campeã. Não importava se a medalha fosse de ouro, prata ou bronze, e isso é uma metáfora, pois a produção não nos daria medalha alguma.

A tarefa de ter passado tantos meses sem aquilo que eu estava acostumada, me tornava vencedora. Não estou falando apenas de chuveiro elétrico, Internet e calças, mas da minha família e das pessoas que eu amava.

Nos últimos dias, a produção havia isolado várias partes da propriedade para produzir a decoração da grande final. Pela janela nós vimos pessoas carregando mesas, cadeiras, vasos, tudo para enfeitar os campos para a grande noite. Marie coordenava tudo metodicamente, como uma mãe prepara a festa de debutante de sua única filha.

Naquela tarde, eu havia ido ao estábulo para me despedir do cavalo Larry, com quem eu havia vivido momentos tão memoráveis, incluindo o dia em que ele tropeçara no caminho pedregulhoso e me arremessara para fora do coche, resultando em algo surreal.

– Vou sentir sua falta, Larry! – eu disse. – Me lembrarei de cada trote que demos juntos por esses campos. Muito obrigada por ter feito parte de meses tão lindos! Nunca me esquecerei de você, amigo!

Ele relinchou calmamente e eu passei as mãos pelas suas crinas macias. Chorei na frente dele. Apesar do passar dos meses, eu continuava fraca para despedidas. Larry provavelmente estaria ali na próxima temporada, e se tornaria amigo de algum participante que, assim como eu, viveria coisas majestosas em Pemberley.

Agora, enquanto vestia meu último traje de dama do século XIX,

refleti sobre minha trajetória até ali. Fazia oito meses que eu estava vivendo em Pemberley, oito meses desde que saíra de casa para passar alguns dias na Inglaterra com meu namorado e decidira não voltar. Eu havia me acostumado com aquela realidade de maneira intensa.

– Esse é o vestido mais lindo que já usei aqui! – eu disse a Ruth, nossa querida mentora fashion. – Você caprichou dessa vez. De novo!

O traje era roxo, um tom ousado para a época (onde costumava-se usar cores mais sóbrias), e marcava a transição que faríamos naquela noite.

Mais cedo, Camilla havia comparado isso a uma espécie de nascimento. Segundo ela, nós sairíamos do útero quentinho que era Pemberley para deslizar para o mundo frio lá de fora. Seria difícil cortar o cordão umbilical.

– Sua máscara – respondeu Ruth me entregando o adorno que cobria meus olhos.

Ela amarrou-o em torno da minha cabeça com o laço de cetim que pendia do material macio e coberto de purpurina.

– Você deve estar orgulhosa, não é, Ruth?

Ela sorriu.

– Admito que sim! Lá fora, muitas pessoas estão aderindo tendências da Era Georgiana no visual.

– Sério?

– Sim! Tenho recebido mensagens de muitos proprietários de lojas dizendo que a busca por touquinhas aumentou.

Isso me fez constatar que Pemberley Hotel era uma febre.

– Como estão as coisas lá embaixo? – perguntei a ela.

– A decoração é a mais surpreendente que já vi desde que pisei aqui. Não fui só eu quem caprichou.

Ruth deixou meu quarto de vestir, pois havia outros dois candidatos que precisavam dela para estar elegantes naquela noite importante. Eu estava curiosa para saber o que encontraria depois das escadas.

– Você está linda – disse Marie surgindo ao espelho. –

Independentemente de quem vencer, vocês quatro são campeões, incluso Victoria nisso, pois ela era uma candidata muito forte. O público os ama, não preciso nem dizer. Vocês souberam lidar tão bem com a falta de modernidades, eu mesma não sei se conseguiria.

Victoria havia feito muita falta nas últimas duas semanas. No lugar do seu jeito irreverente havia ficado um buraco difícil de preencher com jogos de cartas.

– Às vezes, eu dizia “nasci no século errado”, mas sabe de uma coisa, Marie? Apesar de ter amado cada dia que passei aqui, não trocaria toda a evolução que o mundo teve por isso.

– Eu imaginava que você chegaria a essa conclusão no final.

– Eu já te agradei?

– Pelo quê?

– Por ter me escolhido entre tantas pessoas que dariam um braço... ok, talvez um dedo, ou uma unha, por estar no meu lugar. Tô brincando, foi muito divertido estar aqui, na verdade foi muito mais do que isso, mas não sou boa o suficiente com as palavras para poder explicar.

– Ainda é! – ela parecia estar querendo conter a emoção – pois não acabou. Faltam algumas horas. *Carpe diem!* Aproveite! Essa noite promete muitas surpresas para você e para os outros também.

Marie se encaminhou para a porta. Algumas horas era todo o tempo que eu tinha para me agarrar à minha realidade atual. Como diria Jane Austen: “Por que não agarrá-la toda de uma vez?”

– Ah, Catarina – disse se virando. – Não precisa agradecer. Eu que tenho que dizer obrigada, o meu sonho não seria a mesma coisa sem você. E me desculpe por qualquer coisa que a edição tenha denotado a seu respeito.

Achei bonito ela mencionar a palavra “sonho”. Agora, Pemberley Hotel já não era mais um sonho só dela, mas de três participantes, ou melhor, de dezesseis e sabe-se lá quantas pessoas do público fiel que nos acompanhava semana a semana.

– Eu já esqueci isso! – respondi. – Não sou de guardar rancor e, ainda que fosse, antes mesmo de errar você já tinha se redimido me trazendo para

cá.



O tão esperado baile de máscaras onde o campeão seria coroado estava chegando.

“Sr. Jack e Srta. Alice convidam...”

Dizia o papel timbrado. O baile era uma homenagem a uma das histórias da juventude de Jane Austen. [\[34\]](#)

“Não espero da minha esposa nada além do que minha esposa irá encontrar em mim... perfeição.”, essa era minha frase preferida dessa história escrita pela Jane adolescente; ela era tão jovem quando escreveu sobre Alice, seu amado Charles Adams e Lady Williams. Jack e Alice se passa em uma festa à fantasia em Pammydiddle, onde, pouco a pouco, a verdadeira identidade dos convidados vai sendo revelada.

Eu gostava da ideia de um baile de máscaras para fechar com chave de ouro a temporada. Em Pemberley Hotel, metaforicamente as máscaras dos participantes também foram caindo uma a uma diante do público e de nós mesmos.

Ainda havia tempo para que eu passeasse pelos corredores da propriedade e admirasse os retratos dos participantes eternizados nas paredes. Parei por alguns segundos a mais no meu próprio. Lá estava eu, como Monalisa com seu sorriso sutil e quase imperceptível. Para sempre!

Novamente a palavra “sonho” fez parte do momento, mas agora com outro sentido, pois de tão real que era, eu me sentia dentro de um.

Em pensar que havia entrado ali apenas com o intuito de não ser a primeira eliminada. E agora lá estava eu: uma finalista.

Assim que deu a hora, me encaminhei ao topo da escada, onde Camilla, que trajava um lindo vestido esverdeado, me esperava para descermos juntas, de braços dados a John, que estava no meio de nós. Cada degrau era uma lembrança diferente: um piquenique, uma dança, um passeio

de cabriolé ou a cavalo, um café da manhã, uma eliminação, um passeio de bote em torno do lago.

– Estão prontas, senhoritas? – perguntou John.

– Sim, senhor! – respondemos em uníssono.

Caminhamos ritmadamente até o salão de baile.

– É a última vez que fazemos esse caminho – disse ele enquanto entrávamos no ambiente aquecido pela música.

Pemberley Hotel estava mais bela do que nunca. A decoração possuía um aspecto lúdico especial devido ao tema do baile.

Em um volume encontrado na biblioteca, eu havia lido que os *masquerade*, ou bailes de máscaras, tiveram origem nos carnavais italianos dos séculos XV e XVI, e quem os levara a Inglaterra fora um conde suíço chamado John James Heidegger, que havia participado da corte italiana no começo dos anos 1700. No período da Regência estes bailes eram considerados não apenas inapropriados, mas também vulgares, tanto para homens quanto para mulheres decentes, o que não significava que não fossem frequentados por eles; aquela velha história do proibido ser mais gostoso; e que delícia eles deviam ser!

Fanny Knight, sobrinha de Jane Austen, deixou registrada em uma carta, sua desventura em um *masquerade*:

“Após a sobremesa, tia Louisa, que era a única pessoa que conhecia os personagens, levou um a um para fora da sala, os fantasiou e os colocou em quartos separados, para finalmente vestir-se. Depois fomos todos levados para a biblioteca onde desempenhamos nossos diferentes papéis. Papai e os pequenos abaixo de Lizzy, não sabiam de nada, e foi tão bem organizado que nenhum dos personagens se conheciam. Tia Louisa e L.Deeds eram Dominos; F.Cage, Frederica Flirt (e ela atuou muito bem); M. Deeds, Orange Woman; mamãe, Pastora; eu, Cartomante; Edward; Henry, Watchman,^[35] William, Harlequin; as máscaras eram medonhas o suficiente para matar qualquer um de rir [...]”

Os convidados das outras propriedades estavam lá presentes, muito bem vestidos e animados, nos parabenizando pelas conquistas. Com um aceno de cabeça, cumprimentamos a todos.

Assim que chegamos, Louis, meu chefe de cozinha preferido de Pemberley, pediu alguns minutos da nossa atenção para anunciar que no mês seguinte começaria o “Guerra de Confetes”, o amado reality show de tia Rubi do qual ele era jurado desde a primeira temporada, há muitos anos.

– Voltarei para a minha Paris com a sensação de dever cumprido. Muito obrigado a todos vocês pela hospitalidade em Pemberley!

– Obrigada a você, Louis, pelos quitutes e por enriquecer nossa propriedade e nossos meses com sua presença – disse Marie. Ela se virou para a câmera frontal – E não se esqueçam, hein?! Mês que vem começará o “Guerra de Confetes”, diretamente de Paris. Não percam! – Marie fez uma pausa. – Ruth, nossa querida instrutora de vestimenta, gostaria de dizer algo?

Ruth estava visivelmente emocionada e fez um discurso sobre sua paixão pela moda do passado e sobre o que Pemberley Hotel significou para ela.

– Esse programa foi um marco na minha carreira – concluiu enquanto era aplaudida por todos os presentes.

Nossos colegas eliminados de confinamento também estavam ali, o que nos fez lembrar do nosso primeiro momento na propriedade, quando, cheios de expectativas e também assustados, pisamos no século XIX. Sorri para Edward e Lily, pois tinha sentido a falta deles nos bailes seguintes às suas eliminações. A viagem no tempo havia valido a pena, mas agora a hora de fazer o caminho inverso estava chegando, e eu levaria tanta coisa boa do passado para o presente... Meu baú estava cheio de memórias.

O Sr. Ashley, nosso instrutor de equitação, e também seus outros colegas instrutores, passeavam pelo salão elegantemente com suas sobrecasacas. Eu diferi meu professor dos outros por conta do cabelo grisalho que saía por trás das orelhas onde o laço da máscara estava amarrado.

– Eu acho que você vai ganhar – disse Victoria quando me sentei ao lado dela.

– Eu aposto no John. Mas e aí, voltou a ler comentários lá fora?

Ela riu.

– Sabe que não?! Esse tempo aqui me deixou com menos necessidade de Internet. Pemberley Hotel me mostrou o valor das coisas mais simples.

Quando estava aqui dentro eu já tinha percebido isso, mas lá fora pude utilizar na prática o que aprendi.

– Tomara que o mesmo aconteça comigo.

– Aproveite muito a sua família, porque quando você sair daqui, campeã ou não, vai perceber que mais do que nunca é ela quem vale a pena.

A música invadiu meus ouvidos e as passadas ritmadas dos pés dos que a dançavam também. Logo o Sr. Ashley surgiu à nossa frente e convidou Victoria para uma dança.

– Gostaria de dançar, senhorita? – perguntou ele lhe estendendo a mão.

– Com licença – ela me disse. Seu olho piscou por trás da máscara. – Não posso recusar esse convite.

Os observei deslizar. O instrutor do nosso grupo levava tanto jeito na pista quanto no estábulo. Um verdadeiro pé de valsa, quer dizer, de contra dança.

Camilla, John e eu, estávamos de braços dados quando chegamos à pista.

– Hoje vou me acabar de tanto dançar – disse Camilla.

Todos tinham um par a postos, inclusive eu.

– Me concede essa dança? – perguntou o cavalheiro mascarado que me aguardava do lado esquerdo da pista. O som do piano estava mais alto que o habitual, e sua voz estava abafada por ele.

– É claro! – respondi.

Nos posicionamos um de frente para o outro e enquanto eu deixava o ritmo adentrar meu corpo, concluí que aquela seria uma última dança. Como se já não estivesse nostálgica o bastante!

“A última dança”, parecia título de filme dramático. Um bom título, inclusive.

Aquele ritmo era tão natural para mim, e eu deslizei leve por sobre a pista, levitando, e levitando, e levitando... A barra do meu vestido quase tocava o chão, e esse “quase” fazia parte da obra de arte em forma de vestido

que Ruth havia produzido.

Uma música inteira tinha sido tocada quando:

– O quê? – perguntei ao constatar que aqueles eram os passos de Rique. Como não percebi isso antes? Definitivamente não tinha a ver com esquecimento, pois aquela presença era inesquecível para mim.

Então meu mundo parou.

– Surpresa! – ele disse retirando a máscara e seguindo o ritmo dos meus movimentos.

– O quê? – repeti. – Como você veio parar aqui?

Eu não podia acreditar que o cavalheiro que usava uma máscara que representava o sol e seus raios era Henrique. [\[36\]](#)

– Sou um morador de Northanger, esqueceu? Fui convidado para o baile de Pemberley pelos anfitriões. Não me dará as boas-vindas?

Ele estava impecavelmente vestido a caráter, assim como todos ao nosso redor, e eu constatei que ele era mais bonito do que era possível me lembrar. Minhas memórias não faziam jus à realidade.

– Você também entrou na máquina do tempo?

– Entrei, mas para te buscar e te trazer de volta para o futuro, ou para o presente. Mas não vim de Ferrari, e sim de carruagem.

– Achei que você me odiasse!

– E eu achei que tivesse me esquecido!

– Eu não te esqueci!

– E eu não te odeio – ele disse. – Eu te amo!

Essas três últimas palavras tiveram um efeito mais prazeroso do que uma tarde passeando de bote pelo nosso lago.

Meu ex – ou atual – namorado, colocou um envelope em minha mão e eu o abri sem saber do que se tratava.

– O que é isso? – perguntei.

Eu estava absolutamente pasma com aquela situação. Meu coração batia ainda mais acelerado do que minutos antes da dança começar, e minhas

mãos suavam e tremiam, passando uma adrenalina gostosa para o restante do meu corpo.

Antes de começar a ler, disse:

– A sua avó, eu não acredito que... – já há oito meses ela não estava na Terra, mas eu não podia esquecê-la, afinal eu estava vivendo em um mundo que era dela.

Mesmo tendo-a visto apenas três vezes, a considerava uma grande amiga por causa de nossas correspondências nos últimos meses de sua vida. Além do mais, minha identificação com Lady Olga nos unira em uma amizade pouco convencional e muito intensa.

Rique tocou meu rosto e isso me causou um arrepio. Ele desamarrou as fitas que prendiam minha máscara ao rosto e eu me senti livre, demonstrando isso com um sorriso espontâneo.

– Um dia antes ela recebeu sua última carta – contou ele.

E isso me aliviou, mas percebi que conversar sobre isso dançando não era nada respeitoso ou apropriado. Até mesmo porque, estávamos ao vivo na televisão para diversos países fãs de Jane Austen, incluindo o meu, e era exposição demais discutir a relação assim.

– Essa era minha surpresa para você nessa noite – disse Marie surgindo próxima a nós. – E também minha forma de me desculpar, mas daqui a pouco vocês conversam. O grande momento chegou!

– Vá com ela – disse Rique. – Eu estarei te esperando, minha campeã.

– Vamos! – concordei com Marie. Devolvi a carta a Rique, curiosa sobre seu conteúdo, e segui em frente.

Mais uma sensação nova invadiu meu corpo; era novidade demais para tão pouco tempo. Aquele era o momento mais decisivo do programa, e isso carregava um misto de emoções que, unido à presença de Rique, gerou em mim um rebuliço.

Marie nos levou até o hall, onde haveria a revelação do vencedor de Pemberley Hotel – 1º temporada. Eu sabia que éramos um sucesso, pois no início era simplesmente Pemberley Hotel e agora havia a perspectiva de uma temporada nova. Isso me causou um pouco de ciúmes, pois aquele local havia

se tornado minha casa, e era difícil imaginá-lo sendo morada de tantos outros desconhecidos, como viria a ser. Se eu fosse muito, mas muito rica, compraria aquela propriedade e faria dela minha casa de férias. Daria bailes como aquele para toda a minha família.

– Minhas mãos estão suando – disse John.

– As minhas também – respondi.

Camilla era a mais calma de todas.

– Não se engane, é só por fora. Por dentro eu estou... ah, esqueci a palavra.

– Nervosa? – perguntei.

Ela balançou a cabeça. Devia realmente estar muito nervosa para esquecer uma palavra tão simples.

Nós três nos sentamos no sofá. Marie começou o discurso da vitória:

– Nós adoramos conhecer vocês – ela falou pausadamente, para aumentar a emoção da expectativa. – Quando os entrevistamos em meio a tantos candidatos, sentimos que havia algo de especial em cada um, e nós estávamos certos. Vocês mostraram a nós a possibilidade de uma vida sem a Internet, uma vida onde as relações se destrincham ao ar livre, sem a superficialidade das redes sociais. Vocês agiram com coragem ao deixar suas famílias, amigos ou namorados lá fora para mergulhar em um passado desafiador.

Quando ela disse essa última parte, percebi que o discurso também se aplicava à apresentadora e não só aos participantes. Marie estava discursando para nós e para si mesma.

– Todos os dezesseis selecionados nos mostraram isso, mas vocês, em especial, trouxeram para o público o valor da amizade e da cumplicidade. Foi por esse motivo que chegaram até aqui.

Ela começou a fazer uma breve retrospectiva dos eliminados, e eu vi que havia uma lágrima no canto do olho da racional Marie.

– O primeiro a deixar a casa foi nosso querido John Millmans, em uma desistência que abriu a temporada de eliminações; depois dele saíram: Augusta, Alexia e sua irmã gêmea, Danielle, respectivamente, Hempsey,

Lucas, Lily, Edward, Michael, David, Ellen, Thomas e por último Victoria. Cada um deles possui uma estrelinha na nossa calçada da fama, que consiste nos quadros aquarelados das paredes dos corredores de Pemberley. Cada um deles, também, escreveu sua própria história. Alguns foram muito amados, outros um tanto odiados, e também há aqueles que foram um pouco das duas coisas, bem... na verdade, acho que todos foram as duas coisas, e deram sua contribuição para os capítulos do livro que foi o nosso programa, livro esse cujos personagens são dignos dos romances de Jane Austen. Os personagens são vocês. De tão reais, vocês parecem literatura da melhor qualidade.

Marie fez uma pausa. Que honra era fazer parte desse livro! Agora eu compreendia o porquê de os batimentos cardíacos dos finalistas de realities acelerarem tanto.

– A gente é do cace... – Camilla disse ao meu ouvido.

– E agora cá estou eu diante dos três remanescentes – concluiu Marie.

–

O vencedor da primeira temporada de Pemberley Hotel é...

Nós nos abraçamos, o que não foi nada confortável, pois acabei puxando um pedaço do vestido de Camilla, e John do meu.

– É, os abraços ficaram mais práticos com o passar dos séculos – constatamos.



– Imagine o sexo – comentou a desinibida Victoria no salão. – Até retirar essas anáguas, a animação teria acabado, se é que vocês me entendem.

Eu estava satisfeita e feliz coma vitória de Camilla, pois foi mais que merecida. O anúncio feito por Marie, minha apresentadora preferida do mundo, foi cheio de emoções. Eu havia ficado em segundo lugar e John em terceiro.

– Eu não estou acreditando! – disse nossa campeã.

– Você mereceu – nós dissemos a ela. – Agora trate de investir na boate Austenight, pois eu faço questão de ir até lá para dançar quando você abrir.

– Farei isso! Talvez no Rio de Janeiro, o que acham? Dizem que os cariocas amam dançar.

– E também amam Jane Austen – constatei. De cariocas eu entendia bem.

Era uma ótima ideia!

Quase não acreditei ao ver Bel ao lado de Rique na parte externa de Pemberley quando saí de braços dados com meus novos amigos. Registrei com os olhos a cena que mesclava o século XIX e o XXI. Rique era o único deles trajado a rigor, os demais usavam jeans e jaqueta.

– Que saudades! – exclamei ao abraçar minha amiga. Sentir o cheirinho de Bel era tão acolhedor. Ela tinha me feito tanta falta.

Então percebi que o fato de Camilla ter vencido, tornava Bel um pouco campeã, também, pois aos meus olhos as duas tinham muito em comum. Uma me lembrava a outra.

Só depois vi Will.

– Você é vencedora! – disse ele me abraçando também.

– Ah, que saudade! Como vai o nosso Austenapp?

– Está bombando!

Peguei meu celular (que sensação estranha tive ao notar que mal sabia como segurá-lo depois de tantos meses) para conversar com minha mãe e minha madrinha, e também para ouvir a voz dos meus irmãos. Sentia muita saudade daqueles pestinhas. Eu havia guardado no coração as palavras de Victoria sobre a importância da família. Foi com sofreguidão que toquei os números na tela.

– Preciso aprender tudo de novo – disse a meus amigos. – Desaprender foi mais difícil.

Minha mãe atendeu a ligação de primeira, eu sabia que ela estava com o celular na mão aguardando ansiosa.

– Filha, tô tão orgulhosa de você! Você conseguiu ficar todo esse tempo sem Internet, eu nem acredito. A Sol tá aqui e a Rubi também, estamos comendo coxinha em sua homenagem, para comemorar.

– E você ficou todo esse tempo sem o Marcelo. Isso também é uma vitória e tanto.

Ela não respondeu e isso me causou a sensação de que as coisas não tinham sido exatamente assim, mas não foi o bastante para acabar com a minha animação que vinha da alegria que eu estava sentindo.



Depois disso, tudo que eu precisava (além do principal, que era um banho de chuveiro elétrico), era conversar com Rique. E essa não era uma necessidade só minha. Nós dois precisávamos colocar as coisas em pratos limpos. Falando em pratos, no jantar havíamos nos deliciado com o maior banquete já presenciado em Pemberley.

No final da noite, quando a maioria dos hóspedes já tinha subido para os quartos de Pemberley Hotel (os familiares dos vencedores e os participantes eliminados passariam a noite ali), percebi que era a melhor hora para ter aquela conversa tão esperada.

– Esse lugar é mais mágico ainda pessoalmente – disse ele.

Eu me sentia como uma anfitriã recebendo uma visita mais que especial em minha casa. Por tantas vezes eu havia desejado que ele estivesse ali comigo, e agora Rique estava, em carne, osso e músculos na medida certa. Ah, e principalmente: com seu coração, que era o músculo que eu mais gostava nele.

– Naquele dia, você não devia ter escondido a verdade de mim. Por que fez isso? – perguntei depois que nos sentamos à mesa de chá onde eu passara boa parte das tardes dos últimos meses.

– Eu quis te poupar, não quis estragar a sua viagem, sei o quanto sonhou com isso por tanto tempo. Não achei justo que desperdiçasse essa

chance de conhecer o lugar dos seus sonhos – ele olhou ao redor para demonstrar a grandiosidade do que eu havia realizado.

– Não gostei do que fez! Você foi irracional ao tentar agir com cabeça e me poupar disso, e eu fiquei como a insensível da história quando queria ter agido com o coração e vivido aquele momento ruim com você, aliás, com vocês, a Bel é muito importante para mim também. Gostava muito da sua avó, você sabe, gostaria de ter ido ao velório dela. Haveria outras oportunidades para viajar, Rique, mas de me despedir de Lady Olga não, nem de ficar do seu lado naquele momento difícil. É sério, eu te amo, mas nunca mais me esconda nada assim, entendeu? Essa deveria ser uma escolha minha. Deixe que eu decida o que quero fazer a partir de agora.

A frase “a partir de agora” denotava a existência de um futuro para nós, e proferi-las me confirmou essa certeza. Rique sorriu ao compartilhar desse sentimento.

– Agora eu sei o quanto errei ao deixar você pensar mal de mim. Também percebi que não tenho direito de escolher por você. Irracional e Insensível é um título bem Jane Austen para nossa *fanfic* da vida real.

Eu sorri levemente.

– Me perdoe, Catá! Eu estava, quer dizer, estou e vou ficar por muito tempo, abalado com a perda da minha avó, você sabe a importância de Lady Olga para mim. Eu não podia deixar os meus pais nesse momento, e não consegui permitir que você abrisse mão do seu sonho. Fiz uma escolha errada, uma escolha que não era minha.

– Eu tenho o direito de abrir mão do que quiser – respondi. – mas você está perdoado, afinal de contas, eu estou aqui por causa dessa sua omissão, não é?!

– Não! – ele discordou. – Você está aqui porque escolheu e porque é capaz.

Então eu percebi que ele havia aprendido a lição.

– Nesse tempo todo lá fora, eu não consegui desistir de você. Se dissesse que não me quer mais, eu aceitaria e não forçaria a barra, respeitaria sua decisão, mas seria com muita dor no peito.

– Não é o caso! – respondi.

E ele sorriu. Depois, Rique estendeu a mim novamente a carta, e eu a apanhei, abrindo logo em seguida. Me pus finalmente a ler.

Ele parecia ansioso enquanto eu colocava meus olhos sobre sua caligrafia perfeita, vinda de suas mãos das quais eu sentia falta de ter sobre minha cintura enquanto nos abraçávamos e nos beijávamos.

“Meu amor,

Não posso suportar a ideia de viver minha vida sem você. Sei que o que fiz parecia sem perdão, mas quis apenas poupá-la e deixá-la seguir seu sonho, por mais que me doesse. A intenção não apaga as consequências, mas ameniza a culpa.

Você, somente você, me trouxe a Bath, essa banheira do tamanho de uma cidade, onde me afogo de amor.

Eu a admiro desde a primeira vez que a vi em foto, mas foi ao vê-la pessoalmente que meu coração disparou e eu não tive dúvidas em relação à natureza dos meus sentimentos. Fomos unidos por uma paixão em comum e nem a distância pôde nos separar. Sei como você estava aflita pelos problemas de sua família, e que essa viagem era para você um oásis. Foi por isso que quis te poupar. No meio deste turbilhão, não quis jogar uma bomba na sua vida.

Durante os oito meses que se passaram desde nossa separação, estive lutando em vão contra meus sentimentos. Nada consegui!

Não sou o escritor da minha família, por isso, me perdoe se as palavras soarem confusas; minha irmã tomou todo o dom para si.

Fui tolo, subestimei aquela a quem mais admiro. Você é forte o bastante para escolher o próprio caminho. Neste ponto, deixarei de ser um cavalheiro do século XIX e agirei feito um homem do século XXI.

Ofereço-me a você de novo. Espero que me aceite em sua vida.

Eu te amo! E gostaria de saber se deseja ser minha noiva.

Seu admirador assumido,

Henrique”

– O quê? – perguntei me sentindo Anne Elliot com a carta de Frederick Wentworth nas mãos.

Isso me fez lembrar do dia recente em que eu estava na biblioteca de Pemberley, relendo a história desse casal, quando Victoria dissera que achava que eles haviam se separado por uma besteira. Eu não havia concordado com ela, e hoje, mais do que nunca, discordava de que os fatos que os levaram à separação eram fúteis. Ambos precisavam de tempo.

– Sabe o que acho? Que Anne e o Capitão precisavam daqueles anos para amadurecer. Eles não teriam sido tão felizes juntos se tivessem se casado logo no início da paixão. O tempo os tornou melhores um para o outro, o tempo os preparou um para o outro.

Então percebi que se tempos antes eu era Catherine Morland, agora eu era a mocinha de Persuasão, que se deixou levar por conselhos de uma madrinha (Tia Rubi = Lady Russell, mas a primeira era menos maquiavélica, eu tinha que admitir) e quase permitiu que o seu grande amor lhe escapasse. Sorte a minha que oito anos não haviam se passado, apenas oito meses, número que revelava uma baita coincidência.

Oito divertidos meses dos quais eu não abriria mão por um relacionamento. E nem precisaria!

– É claro que quero ser sua noiva! – respondi. E então me dei conta do que isso significava.

Noiva: substantivo feminino; mulher que mantém compromisso de casamento; prometida.

Sabia que os noivados de hoje em dia não eram como os de antigamente, e nós levaríamos um tempo até estarmos sob o mesmo teto (onde haveria wi-fi e um chuveiro), mas não podia apressar as coisas, então dei um rumo diferente à minha história, pois, por mais que parecesse, eu não estava num livro de Jane Austen. Sem medo de quebrar o clima, disse isso a ele:

– Meu amor, eu te amo, você sabe, mas não precisamos ter pressa alguma. Quero terminar a faculdade e ter um bom emprego, construir minha própria vida para poder uni-la à que você construir também, para transformar as duas em uma vida só, uma vida nossa. Entende? Até lá quero ficar com você sem rótulos ou títulos.

– Eu entendo. Iremos planejar uma vida juntos, me desculpe por ser

tão apressado, deixei o desejo falar mais alto, mas respeito sua decisão.

Eu gostava daquela expressão “sua decisão”. E gostava também da boca de Rique bem perto da minha.



BEL

– Nem acredito que estou em Bath! – eu disse a Will.

Era a realização de um sonho que antes parecia distante até que eu conseguisse um emprego estável, e que de repente se tornara tão tangível; a vida e seus presentes. Mal pude acreditar quando a produção nos convidou a ir até ali para fazer uma surpresa a Catarina. Rápida como uma raposa, tirei meu passaporte e embarquei na minha primeira viagem internacional, não sem antes ver minha mãe surtar com a notícia.

– Dá tempo de eu sair para comprar um casaco novo para você? Amanhã cedinho eu vou dar uma passada em uma loja que adoro. Vou comprar uns cachecóis também. Você vai aparecer na televisão?

Horas depois ela surgiu com duas sacolas cheias de roupas de frio: dois casacos, um vermelho, que era o que eu estava usando, e um mostarda. Três cachecóis, um gorro e dois pares de luvas. Em um primeiro momento, achei que eu ficaria parecendo um boneco de neve, mas quando experimentei, me senti elegante como uma mulher do tipo que segura um copo da Sttarbucks em uma mão e o celular na outra, enquanto, trajando um sobretudo, entra em um táxi na cidade de Nova Iorque, sempre atrasada para os compromissos profissionais. Era esse o futuro que eu queria para mim, acho que eu já disse isso aqui, né?! A diferença é que ao invés de estar no país da Estátua da Liberdade, eu estava no do Big Ben, e se me permite um trocadilho infame, estava muito “Ben”, obrigada!

Agora em Pemberley, fechei os olhos e deixei os outros sentidos trabalharem sozinhos por alguns segundos. Tudo era ainda mais perfeito do que parecia ser na televisão, pois tinha algumas dimensões a mais. Era como se eu tivesse mergulhado nas páginas não só de Orgulho e Preconceito, mas de todo o universo Austen, e isso por si só, era o bastante para fazer meu coração acelerar.

Catá e Rique deviam estar tendo uma *DR* importante, da qual eu esperava que eles voltassem resolvidos e juntos, mas caso não acontecesse, eu sabia que ela continuaria sendo minha melhor amiga e ele meu irmão; isso

me confortava.

A noite estava sendo animada. Eu havia conversado com Victoria e Camilla Kate, a DJ vencedora de Pemberley Hotel e suas respectivas famílias. Até John não me causou antipatia, na verdade eu havia gostado dele durante a meia hora de conversa que tivemos. Pessoalmente ele era ainda mais bonito, isso justificava o furor que causava no público feminino, mas John não era apenas um rostinho bonito como eu julgara ser, ele parecia muito sensato e bom de diálogo. Eu e meus julgamentos errados. Primeiras impressões...

– Nem acredito no quão esse lugar é igual ao modo como Pemberley é descrito no livro – eu disse a Will. – Me senti exatamente como a Elizabeth se sentiu ao pisar aqui pela primeira vez.

– A produção fez um trabalho primoroso de decoração. E passar a noite aqui vai ser espetacular. Você já foi ao quarto onde vai dormir?

– Ainda não! Ah, falando nisso, fiz uma lista dos lugares que quero conhecer em Bath. Espero que dê tempo!

No caminho para lá, havíamos passado por Londres e tivemos duas horas para conhecer alguns lugares, incluindo o Madame Tussaud's, um museu de cera. Pelas redondezas eu conseguira encontrar as lembrancinhas certas para meus pais. A irmã de Will, Eleonora, fora junto conosco. Ela era bastante descolada e se eu pudesse defini-la com uma expressão, essa seria “espírito livre”.

– Gostei de você, garota! – ela dissera. – Tenho a impressão de que vamos nos dar bem.

Eu concordara com ela e naquele momento me perguntara como seria ser sua cunhada. Eu já tinha sido a irmã do namorado de alguém, mas nunca a namorada do irmão de alguém.

– Ei! – Will perguntou. – Você quer dançar?

Não precisava perguntar duas vezes. Muitos pares ao nosso redor estavam aproveitando a música de Pemberley.

Ele tocou devagar em minha cintura, como que pedindo permissão para fazê-lo. Para mim, não havia nada mais sexy do que um pedido de permissão.

– Tudo bem! – eu disse baixinho, consentindo.

Will me puxou para mais perto.

“Ok! Eu não esperava tanto.”. Suas mãos eram firmes e ao mesmo tempo leves. Não que eu já tivesse conjecturado sobre isso, mas ele parecia ter a famosa “pegada”.

Will era bom naquilo – eu ainda estou falando da dança.

Mudando de assunto, agora, uma brisa fresca soprou em meu rosto, e ao mesmo tempo, Will tocou no tema que precisava ser tocado. A mansão de Pemberley era a paisagem que dava cenário a isso. Os últimos meses tinham sido estranhos entre nós, embora nossa amizade não tivesse se dissolvido totalmente após aquela revelação.

– O erro que eu cometi foi parecido com o erro que o seu irmão cometeu com a Catarina.

Will tinha razão.

– Sim. Vocês omitiram coisas de nós – não havia raiva em meu tom de voz, pois aquele lugar não permitia sentimentos ruins em quem nele estivesse. Em mim só cabia gratidão. Gratidão porque eu estava em um lugar de sonhos, e porque a editora havia aprovado meu livro original, “Segundas Impressões”.

– E você acha que Rique merece perdão?

Eu sabia que Will queria saber se eu o tinha perdoado, e eu respondi:

– Eu não estou com raiva de você. Realmente não estou. Eu só me afastei um pouco porque precisava de tempo para colocar a cabeça no lugar e não agir pensando com o coração. Às vezes, um pouco de distância é algo necessário, acho que a Catá e o Rique são um caso desses também.

Ele balançou a cabeça em assentimento, e voltou a falar de nós.

– Ainda bem, porque eu tenho me culpado por isso.

– Você não precisa se culpar, sério! Foi um erro seu, um grande erro ter escondido sua identidade de mim. Falar teria evitado o mal-entendido – eu sorri. – Mas passou e, além do mais, eu entendo sua insegurança.

– Eu achei que você iria romper a amizade se soubesse que eu era o

“I’m”. É até infantil da minha parte dizer isso.

– É infantil sentir isso, mas dizer o que se sente é demonstração de maturidade. Não sei como não notei que você era você, acho que meu grau de miopia não me permitiu enxergar.

– Miopia é a dificuldade de enxergar de longe, não é?! Acho que no caso o que você não viu estava bem perto, como a gente está agora.

Olhei para ele, tão belo, tão inteligente e legal. Essas três coisas unidas só podiam terminar em uma coisa: beijo.

E foi exatamente o que fiz. Com Pemberley como pano de fundo, eu beijei Will.



ANA CATARINA

No dia seguinte, Rique e eu caminhamos de braços dados pela praia de calça jeans e blusa de lã, como dois jovens do século XXI, e enquanto isso observamos alguns veleiros ancorados. A brisa fria em nossos rostos era a prova de que o mundo podia mudar, mas que a natureza unia as eras, pois o mesmo céu que testemunhou amores séculos antes, agora testemunhava o nosso.

Era estranhamente confortável estar dentro de calças de novo, mas vez ou outra eu me pegava segurando a saia do meu vestido imaginário. Era por esses pequenos detalhes que eu percebia o quanto havia entrado no século XIX, ou o quanto o século XIX havia entrado em mim.

Logo depois, encontramos com Will, que dormiu até um pouco mais tarde, e por fim com Bel, que foi dar um passeio na própria companhia. Finalmente entramos no Austen Centre. Mesmo não podendo tirar fotos dentro do pequeno museu, registrei tudo na minha mente, que era a melhor câmera. Falando em fotos, olhar o Instagram depois de tanto tempo foi assustador por me fazer constatar que Pemberley Hotel havia tomado proporções gigantescas.

– Que bom que esperei para fazer isso junto com você! – exclamei. – Desde o começo esse era o nosso passeio.

– E agora cá estamos nós! – ele entrelaçou seus dedos nos meus.

Lá dentro, vimos a Jane Austen Waxwork^[37], que é uma estátua de cera em tamanho humano. A única imagem existente da autora que nos levara até ali, é uma pequena [aquarela](#)^[38] pintada por sua irmã Cassandra, reconhecida como uma "tentativa fracassada" e descrita por sua sobrinha como "terrivelmente diferente" de sua tia Jane.

– Uau! – exclamou Bel. – A mão de escrever fanfic chega a tremer.

– Escreva! Ah, não, agora esqueço que você é uma autora de livros originais. Isso é tão chique!

Depois andamos às margens do Rio Avon, onde não havia mais a Old

Bridge descrita em Persuasão, e observei os patinhos ingleses em sua enorme piscina. Ainda sobrou um tempinho para andar pelo Roman Baths e ver a marca que os romanos deixaram na cidade. Também fizemos um passeio de aluguel em uma carruagem do tipo Landau. O condutor era um senhor rechonchudo e muito simpático que nos disse:

– *What a beautiful couples.*

Eu concordava com ele. Nós quatro formávamos dois belos casais.

Bel e eu havíamos dormido no mesmo quarto em Pemberley Hotel na noite anterior, o quarto onde eu passara os últimos meses. Depois de caminharmos pelos corredores da casa e admirar a vista da janela por alguns minutos, ela me fizera um relatório sobre os últimos meses lá fora. Fiquei surpresa ao descobrir que Will, e não Jorge (aquele embuste) era o Darcy dela. Eu *shippava* esse casal! Que tal Willbel? Ou seria melhor Izaliam? Eu preferia a primeira opção.

– Ele errou em omitir isso de mim, mas eu perdoei.

– E vocês se beijaram... – constatei.

Mas ela cortara o assunto ali, e antes de pegar no sono, eu me perguntei o que minha amiga reservava para o coração apaixonado de William. Izabel era uma caixinha de surpresas. Caixinha de surpresas também era uma tal de Susana, uma síndica fanática por Pemberley Hotel. Eu desejei conhecê-la, dar um abraço nela e dizer “eu sei como é ser fã de algo ou de alguém.”

– É! Lá fora muitas coisas também aconteceram, né?!O século XXI não ficou devendo nada ao século XIX em termos de novidades – concluí. – Você deveria escrever um livro com a nossa história.

– Eu o chamaria de “Austenapp” – ela pensou por alguns segundos. – E o subtítulo seria “Um Darcy para chamar de meu”. Você bem que podia escrevê-lo comigo, que tal capítulos alternados?

– Ótima ideia!

Depois refleti sobre o divórcio da minha mãe, em um outro dia eu gostaria de saber dele, mas não agora.

Essa foi minha última noite em Pemberley, e passá-la ao lado da

minha amiga foi muito divertido.



Mais tarde, haveria uma coletiva de imprensa para os participantes de Pemberley Hotel.

Chegamos um pouco atrasados, o que mostrou que precisávamos aprender com os britânicos a ter pontualidade. Nem mesmo os últimos oito meses foram o bastante para me ensinar isso. Já havia anoitecido quando entramos no salão amplo, e Marie foi a primeira pessoa a me ver e me levar para o camarim onde deveria encontrar meus colegas de confinamento.

– Você fica linda de calças – disse Victoria ao me ver. – Valoriza sua bunda.

Camilla estava muito estilosa em um vestido com estampa de discos e meias quadriculadas. Nós nos abraçamos como se fizesse dois séculos que não nos víamos e, de fato, a última vez que havíamos nos visto, estávamos no século XIX.

Nessa coletiva, nós falamos sobre os últimos meses e sobre nosso futuro. John falou sobre o fim de sua carreira como nadador e o sonho de começar uma nova, agora como treinador de jovens nadadores. Camilla reafirmou que investiria o prêmio na boate Austenight e citou sua vontade de ir viver no Rio de Janeiro. Já eu...

– Pretende prosseguir com o seu trabalho fotográfico no Instagram? – me perguntaram.

– Creio que seja hora de parar – anunciei. – Serei Janeite para sempre, para sempre mesmo, mas acho que agora é hora de tentar algo novo.

Eu ainda não sabia o que era esse “algo”, entretanto, fosse o que fosse, era para ele que eu seguiria a partir de agora.



BEL

Em nosso último dia na cidade, pedi a Will para ficarmos a sós. Foi na praça que ficava em torno da Abadia de Bath que isso aconteceu. Naquela época do ano não havia tanto movimento como costumava haver em setembro por causa do Festival, então nós tínhamos uma relativa privacidade em meio aos pássaros que rodeavam o ambiente.

A construção fica cercada por um emaranhado de ruas. A Abadia foi fundada no século VII e reconstruída no século XVI, e contém memoriais de guerra para a população local além de monumentos de figuras notáveis na forma de placas de parede, de chão e vitrais comemorativos. A frente oeste possui esculturas de anjos subindo para o céu em duas escadas de pedra. Eu havia lido na Internet que lá dentro cabia mais de 1200 pessoas bem acomodadas nos bancos longos de madeira. A Abadia é muito mais velha do que a própria Inglaterra, e é feita de pedra em tom de caramelo.

– Tenho uma coisa para te dizer – eu comecei.

Depois do nosso beijo, quer dizer, dos nossos beijos, não tínhamos ficado sozinhos mais. Isso gerava em mim certa curiosidade sobre como seria quando acontecesse. Os lábios de Will haviam ficado selados nos meus de uma forma que eu desconhecia até então. Tinha sido mágico como se nossos corpos estivessem tão conectados quanto nossas mentes.

– Eu imagino o que seja – ele disse em resposta.

– Você imagina?

– Sim!

Interrompemos o assunto para entrar na abadia. Lá dentro, os delicados vitrais me chamaram a atenção. O teto é um exemplo de abóboda de leque, que segundo o que Rique me dissera uma vez, é um estilo gótico de se produzir tetos, nos quais estruturas curvadas irradiam para fora, justamente semelhante ao efeito de um leque. Nas paredes, muitas pedras homenageiam soldados mortos.

Ao entrar ali, me lembrei automaticamente da Catedral da Sé^[39], que

eu havia conhecido na primeira vez que fora a São Paulo.

De volta à praça externa, após eu riscar a abadia da minha lista de lugares para conhecer, nós dois retomamos o assunto do ponto exato de onde paramos.

– Olha, Will... desde que soube que você era o meu Darcy, quer dizer, que você era o “I’m” do aplicativo, eu percebi que estava pensando em você mais do que devia. Mas aí procurei na minha mente e percebi outra coisa: antes disso, eu já gostava de você. Gostava de ficar conversando sobre séries, filmes, livros, de aprender com você. Nós temos um filho em comum, eu não deixaria qualquer pessoa ser pai do meu filho. Bem... na verdade foi você quem me deixou ser mãe do Austen, e eu te agradeço por isso!

– Você é uma mãe e tanto.

Imaginei o que Austen estaria fazendo naquele momento. Talvez brincando de pegar a bolinha com meus pais ou dormindo sobre o tapete da sala.

– E você é um pai e tanto. Aliás, você é ótimo em tudo – me senti constrangida pela minha própria frase. – Digo, em tudo que conheço de você.

“Deve ser bom literalmente em tudo, se aquilo que dizem sobre o beijo ser um termômetro estiver certo.”

Ele sorriu e assentiu com a cabeça, como se soubesse o rumo que a conversa tomaria, e disse:

– Eu nunca acreditei nesses relacionamentos que começam pela Internet, sempre achei muito superficial algo que começa com fotos, que não tem aquilo do “olho no olho”. Quando a Catarina falava do Henrique, eu achava legal, mas ao mesmo tempo estranho. Eu pensava “como eles são felizes se vendo quase raramente?”. Coloquei na cabeça que eles eram um caso à parte, uma exceção à regra. Criei a conta no Austenapp por pura curiosidade, para saber mais sobre meu próprio trabalho, como um laboratório mesmo, com o objetivo de saber onde precisava melhorar para atender melhor a quem baixasse. Eu não esperava que fosse aprender tanto com um aplicativo, e não imaginava também que fosse aprender tanto com você, menos ainda que fosse me apaixonar assim. Muita gente pensa como eu pensava, que a Internet torna as relações fúteis, mas hoje eu vejo que não é a

Internet nem a distância que torna um relacionamento superficial, e sim a falta de interesse das pessoas umas pelas outras. Eu me interessei por você nas nossas conversas, e a cada assunto novo que surgia, eu só queria prolongar e saber mais sobre você, descobrir você. Desculpa, acho que estou falando demais.

– Não, não, você não está.

Eu poderia ouvi-lo por horas a fio caso ele não se importasse em voltar para o Brasil com a voz rouca. Era tão bom ver seus lábios se movendo, dizendo palavras doces. Doces como ele.

Fiquei em silêncio. Eu o admirava. Mais do que isso, havia aprendido a amá-lo como ser humano. E era esse o tipo de amor que eu sabia que valia a pena na vida, independente do que houvesse em torno disso.

– Mas não é o meu momento para viver um relacionamento – concluí.

Se eu não tivesse certeza disso, as palavras teriam doído, pois eu gostava de Will, e como gostava. O balde de água fria sobre nós dois era algo necessário, e logo nossos corpos, antes aquecidos pela paixão, se acostuariam à temperatura dela.

Às vezes, as coisas não têm o desfecho que a gente espera, não é?! Isso não significa que a história termine mal para as partes envolvidas.

– Eu já imaginava!

Ele não pareceu surpreso, e terminou a nossa conversa dizendo:

– Eu sempre quis que uma heroína de Austen terminasse o livro sozinha. Bel, você é uma heroína, com ou sem um Darcy!



ANA CATARINA

É claro que eu não podia me despedir de Bath sem dizer um até logo também aos meus novos amigos. Nós nos reunimos em um restaurante para um jantar de despedida, mas eu sabia que essa palavra não se encaixava em nosso intento. O que vivemos juntos não permitia que saíssemos das vidas uns dos outros de forma definitiva, e mesmo que eu fosse para um continente diferente, guardaria sua amizade para sempre; os livros de Jane Austen não são sobre amor e amizade?! Pois a nossa ultrapassaria os séculos, e isso não era uma metáfora.

– Seu namorado é um gato – disse Victoria ao meu ouvido.

– Ele é sim!

– E essa barba, menina?! Aproveita, viu?!

É claro que eu pretendia ouvir seus conselhos. E pretendia também comer todo tipo de especiarias inglesas antes de voltar para o bom e velho arroz com feijão.

– Preciso te mostrar uma coisa!

Victoria pegou o celular e após desbloqueá-lo, abriu o ícone do Austenapp.

– Olha isso! – ela disse.

Então eu li a seguinte mensagem:

– *Durante todos esses meses prestei atenção em você.*

Me encantei pela sua vivacidade,

mas por questões profissionais

não pude demonstrar o suficiente.

Só que agora que o programa acabou,
não há impedimentos para isso, não é?!

Vamos começar do zero?

Muito prazer, Giles!

A foto do Sr. Ashley, cujo primeiro nome era Giles, estampava o chat.

– Você e ele estão...

– Somos uma combinação no aplicativo – disse ela. – Engraçado, não é?! Ele estava o tempo todo perto de mim e eu não o notei. Não somos um casal ainda, e se não chegarmos a ser, está tudo bem. Isso foi um tapa na minha cara. Eu só tinha olhos para o John e não enxerguei que outros olhos estavam sobre mim.

Nosso instrutor de equitação era um solteirão convicto à lá George Clooney, mas eu não conseguia imaginar uma combinação melhor para Victoria dentre as pessoas de Pemberley, no aplicativo ou fora dele. O Sr. Ashley era um homem apaixonado pelo que fazia, e quem ama tanto um animal como ele amava os cavalos, devia carregar muitas outras coisas boas dentro de si.

– E você já pensou no que fará da vida daqui pra frente? – perguntei.

– Ainda vou descobrir – ela respondeu com um sorriso. – Não dizem que a vida começa aos cinquenta? Então, eu estou apenas começando.

– E em boa companhia – constatei.

– Ah! Eu nem te contei – disse Bel que estava sentada do meu outro lado. Me virei para ela. – Minha mãe e eu criamos uma receita que mistura um pastelzinho inglês com a comida brasileira, você precisa provar quando for ao Norte & Angi.

Eu estava com saudades do restaurante.

Enquanto olhávamos o cardápio, John e Edward surgiram de mãos dadas e nossos olhares se voltaram todos para eles. Mais uma surpresa!

– Eu sempre desconfiei – disse.

– Eu não – respondeu Victoria. – Mas perder para o Edward eu aceito!

– Vocês ficam lindos juntos – a campeã, Camilla, disse.

– Obrigado! – Edward agradeceu olhando para John, que pegou em sua mão.

Todos concordavam que o verdadeiro casal de Pemberley Hotel, depois de Lizzie e Darcy, é claro, era lindo. Os dois cumpririam lindamente o legado de Orgulho e Preconceito, ou como dizia o título de uma das fanfics

da Bel, com orgulho, mas sem preconceito.

Marie foi a última a chegar, e também trouxe seu par.

– Damas e cavalheiros, esse é o Devon, meu namorado – ela olhou diretamente para mim, dando uma piscadela, e eu soube que aquele conselho da Jane Austen, ou da minha alucinação (que fosse!), havia dado certo para ela. Marie não precisava escolher entre o amor e o trabalho, ela podia ter as duas coisas. E lá estava nossa apresentadora com as duas coisas: o sucesso de Pemberley Hotel e o namorado.

Falando em sucesso:

– Prevejo sua boate bombando – disse Victoria a Camilla. – Vamos brindar? Ao Austenapp da Catarina, e ao Austenight da Camilla.

No final da refeição, Marie disse:

– Proponho um segundo brinde: a Jane Austen, ao século XIX, e também ao século XXI.

Levantamos nossos copos cheios de Coca Cola. Que falta um refrigerante havia feito!



Depois de nossa última noite em Pemberley Hotel, eu havia voltado para a pousada onde me hospedara quando chegara a Bath para passar meus últimos dias ali. É claro que eu pretendia voltar mais vezes, mas minha terra estava chamando. Eu precisava ir embora.

– Aquela Victoria é uma comédia – Bel disse.

– Ela é! Me diverti muito com ela nesses últimos meses.

– O Edward e o John formam um casal lindo, e em pensar que eu tinha ranço de um deles por achar que estava dando em cima de você.

– Por um momento também cheguei a pensar. A gente se engana muito.

– Sou a prova viva disso – concluiu ela. E em seguida foi para o

banheiro.

Fiquei ali em uma das camas, e de repente senti que uma pedrinha havia invadido o quarto. Fui até a janela para ver o que era e vi Rique me encarando lá embaixo. Pedra na janela era um método tão à moda antiga para chamar a atenção de uma garota! Fiz sinal de “espera aí” com a mão e desci para encontrá-lo.

– Passei uma loção cara na minha barba – ele disse. – Vai ser um desperdício se você não a cheirar.

Eu me aproximei, me lembrando do conselho de Victoria, e encostei meu nariz em seu rosto. Estávamos do lado de fora da pousada, a noite agradável era uma boa companhia.

– Senti saudades do seu cheiro – eu deslizei para sua boca. – Do seu beijo.

Rique segurou levemente meu maxilar, e me afastando alguns centímetros, me olhou direto nos olhos.

– Eu te amo! – nós falamos em coro. E rimos.

– Estamos em sintonia!

– Isso é o melhor do século – disse ele.

– Isso o quê, a sintonia?

– A gente poder estar aqui, juntos, tão perto um do outro.

Sua energia me perpassava. Eu o beijei e ele correspondeu. Só ali me dei conta de como sentia saudades de seus lábios pressionando os meus.

– No século XIX isso não seria possível – concluí.

– Então viva o século XXI! – Rique disse por fim levantando o braço e fingindo que estava segurando uma taça.

– Viva! – respondi ao brinde imaginário. Eu já havia brindado outras duas vezes na noite e brindaria não só a terceira, como a quarta, a quinta... afinal motivos não faltavam.

Ele sorriu.

– A Bel contou sobre a minha mãe – quebrei o clima.

Apesar de toda a alegria que eu estava sentindo, Manoela me preocupava.

– Não a julgue. Já ficou claro que o sentimento que ela tem pelo Marcelo é tóxico. Isso é uma doença, a gente não pode culpar alguém por estar doente.

– Não vou julgar! Sei que ela precisa de ajuda, mas apesar de tudo, espero que essa separação seja definitiva dessa vez.

– E será!

Olhei para o horizonte. Nele, havia aquela bifurcação onde um dos lados levava a um campo e o outro a uma rua onde havia alguns hotéis. Me lembrei de quando olhara aquela paisagem pela primeira vez. Haviam mudado as estações (agora era primavera) e ao contrário da música, muita coisa também tinha mudado junto com elas.

– Tenho medo, Rique! – confessei.

– Medo de quê?

Eu não sabia como, ou não conseguia colocar em palavras o que temia, mas sabia exatamente qual era meu medo em relação à minha mãe.

– Mau pressentimento! – coloquei a mão no coração para indicar de onde vinha a sensação. – Mas sabe de uma coisa? Lavo minhas mãos.

Nós nos abraçamos e eu compreendi o quão bom era um sentimento assim: livre, com respeito e admiração, sem amarras. Que fosse para sempre daquela forma, e se não fosse, que também não fosse de jeito nenhum.

– Aí estão vocês – disse Bel. Ela estava com os cabelos molhados.

– Vem cá, terceira mosqueteira.

– Eles na verdade eram quatro – Will surgiu pela porta e se juntou a nós.

No dia seguinte nos despedimos da Inglaterra.



NÓS DUAS

– Catarina!

– Estou aqui na sala, tia! – respondi.

A perda de Lady Olga não havia me deixado acostumada a perder alguém (alguma perda nos deixa?), mas me colocou em conformidade diante daquilo que antes eu nem conhecia. Entretanto, a partida de Manoela causou em mim a sensação contrária, a de inconformidade.

Tia Rubi me abraçou.

Eu quase não me lembrava do meu pai, então também não me lembrava da dor que sentira com sua morte. Era criança demais, por isso pequena para entender que nunca mais o veria, e quando finalmente me dera conta disso, eu já tinha me acostumado com sua ausência a ponto de nem me lembrar mais do seu rosto. Todavia, meu pai não era apenas um rosto. Aquele porta-retratos que a minha mãe guardava dele era um tipo de lembrete para mim. Só que agora era diferente. E não há muito que eu possa dizer sobre isso.

Há coisas que não merecem ser detalhadas.

Lady Olga havia cumprido seu intento na vida, vivido plenamente, criado seus filhos, conhecido seus netos e a namorada de um deles, que era eu, mas Manoela não. Minha mãe era e seria para sempre uma interrupção.

Segurei a pasta de croquis dela nas mãos. Ela desenhava muito bem, o traço era elegante e até eu que não entendia de desenhos de moda, compreendia a qualidade das suas roupas. Ruth, que era especialista no assunto, ficaria admirada ao vê-los.

Isso me fez enxergar Manoela ali, sentada na mesinha da máquina de costura como eu havia visto por tantas e tantas vezes desde que me entendia por gente, sempre entretida com o próprio trabalho, pois dele dependia o nosso sustento. Quando pequena, eu entendia que uma boneca ou outra que desejava ganhar de presente, dependia de um vestido ou um par de calças ficarem prontos a tempo. Seus olhos estavam baixos, focados, mas

sonhadores. Sua imagem logo desapareceu como poeira no vento, entretanto, a máquina de costura ficou ali. Vazia. Apenas um objeto sem vida.

– Há muitos desenhos de vestidos de noiva – disse tia Rubi. – Ela adorava casamentos. Desde adolescente.

– São lindos! – exclamei.

– Realmente são!

Tia Rubi se pôs a contar histórias de sua juventude com minha mãe, e assim se passaram alguns minutos entre anedotas de duas adolescentes dos anos 80.

Havia algo na renda, no corte, nos modelos, que deixava impossível não perceber a elegância dos vestidos. Para mim, eles poderiam muito bem estar figurando em desfiles de moda de noivas parisienses.

– Vai querer guardar isso para você? – perguntou Sol.

Balancei a cabeça como resposta. Era isso que havia sobrado, afinal.

Muitas encomendas tinham sido entregues antes de... enfim, muitas noivas entrariam na igreja trajando as roupas feitas por Manoela com todo o cuidado, muitas delas ligaram no telefone da nossa casa, perguntando se a notícia dada em um jornal de fim de tarde era real. Nas vezes em que atendi, respondi que sim, a notícia era real. Manoela era mais uma das muitas que apareceriam naquele mesmo jornal, naquela mesma semana, pelo mesmo motivo. Ao bater o telefone no gancho pela última vez, eu imaginei essas mulheres caminhando com os modelos produzidos por ela em direção ao altar, o que me causou uma sensação de alento. O som da marcha nupcial seria a trilha sonora disso.

Mas ela já não estava ali para fazer aqueles desenhos se tornarem costuras.



– Não, vou continuar aqui. Tenho muitos vestidos para terminar, e

recebi minha primeira encomenda de vestido de noiva. Prometo que não vou abrir a porta para ele. Se eu fizer isso a Rubi me mata, e eu não posso me dar ao luxo de morrer, tenho dois filhos para criar.

Enquanto Catarina olhava a pasta de desenhos da mãe, eu relia minhas mensagens de Austenapp com Manoela. Uma sensação de culpa invadiu meu peito e eu quis correr para fora, mas resolvi ficar; lá dentro havia quem precisasse de mim, e se eu sentia que não havia feito o bastante por Manoela, que agora fizesse pela sua filha.

Mas eu poderia mesmo ter feito mais por ela? O que eu poderia ter feito para impedir seu desfecho? Talvez eu colocasse sobre mim um fardo pesado de heroína, como se para sê-lo precisasse fazer mais do que já fazia.

– Obrigada por estar aqui, Bel – disse Sol.

Assenti com a cabeça. Ela parecia uma fortaleza. Isso era bom, mas também podia ser ruim, pois às vezes tudo o que queremos é nos dar ao luxo de sermos fracos, o que é difícil quando todos à nossa volta acham que somos fortes.

– Sua presença é muito importante para todos nós.

– Sei o que estão sentindo, senti o mesmo há não muito tempo – agora eu estava revivendo tudo, a mesma sensação de perda, só que com uma revolta nova.

Era irônico o modo como fomos pegos de surpresa por uma tragédia tão anunciada.

A partida de minha avó ainda estava fresca em mim apesar do passar dos meses, mas não havia sido uma doença que levara a mãe de minha amiga, e sim o fato de ser mulher. Manoela havia ido embora por ser mulher, assim como Jane Austen tivera que publicar seus primeiros livros sob pseudônimo, ou jovens damas tinham que se casar com homens muito mais velhos, mais ricos e portadores de títulos de nobreza para assegurar sua estabilidade financeira.

Foi assim... em uma noite calma na cidade, que Manoela se foi. Ela, que gostava tanto de casamentos, perdeu sua vida por causa de um, ou seria para um?

Ironicamente também, a maioria de seus desenhos era de vestidos de

noiva.

Os séculos passaram, as invenções surgiram, as roupas perderam tecido, mas continuou sendo difícil ser mulher.

E a nós, que ficamos, cabe a tarefa de continuar tentando.

– Vamos? – perguntou minha amiga. – Já separei as coisas que quero levar comigo.

Assenti com a cabeça.

Catarina entrelaçou o braço no meu, e juntas, nós caminhamos para mais uma tentativa.



BEL

Algum tempo depois...

O lançamento do meu próprio livro estava sendo um sucesso!

Catarina e Rique foram juntos me prestigiar, e Will estava com eles. O casal Catarique estava mais vivo do que nunca. Meus pais, tia Rubi, Sol e os irmãos de Catá vieram de São Paulo exclusivamente para isso. A vida estava, com dificuldade, continuando.

Susana, a síndica não mais odiada por mim, também estava presente, e ao pegar meu autógrafo, mencionou que havia lido uma notícia sobre a segunda temporada de Pemberley Hotel.

– Vou me inscrever – disse ela animada. – Quem sabe eles não selecionam mais uma brasileira?

E eu torci para que seu sonho se realizasse como o meu estava se realizando.

Muitos dos leitores da @Belfanfics, também estavam lá para me prestigiar no evento de Segundas Impressões, preenchendo o ambiente com suas vozes animadas.

– Qual seu nome? – perguntei a uma moça baixa de cabelos encaracolados. Seus olhos eram amendoados.

Eu estava sentada a uma mesinha redonda de vidro fosco. Meu livro estava exposto em um suporte enquanto eu segurava com firmeza minha caneta de estimação. Ao lado da minha mão, uma garrafa de água, afinal o evento duraria algumas horas e eu precisava ser uma escritora hidratada.

– Fani – respondeu ela. – Pode dedicar para mim?

– É claro! Fani da papelaria Fani Papel?

– Sim!

– Adoro seu trabalho. Você é demais! – elogiei.

Eu conhecia a história daquela garota, e sabia que ela se misturava a um universo do qual eu também fazia parte.

– E eu o seu! Adorava as fanfics, e sei que o livro original é tão bom quanto.

Sentir uma história escrita por mim, ali impressa, fazendo companhia às histórias de outros autores talentosos nas prateleiras das livrarias; ter a certeza de estar deixando um legado, mesmo que pequeno; olhar para trás e ver as mulheres fortes que fizeram história, continuou me inspirando, e eu sabia que continuaria para sempre.

O que mais me encantava nos livros de Jane Austen era a sensação de espelho que eles causam na gente que está lendo. Quem não conhece uma mãe que quer empurrar a filha para um cara bonito e rico? Ou um casal que implica um com o outro até assumir o que sente? Tá, você pode não conhecer nenhum dos dois, – eu conheço, e como! – mas sem dúvidas já viu por aí na vida real, alguma semelhança com as criações dela.

Eu mesma, Izabel, já estive na pele de uma personagem nem tão querida, Isabella Thorpe, de A Abadia de Northanger (você pode conferir isso no depoimento que Rique deixou no Austenapp quando o aplicativo foi lançado), quando minha amiga virtual veio me visitar em um Carnaval. Depois vivi uma Elizabeth Bennet às avessas, fazendo confusão como Emma fez. Talvez em algum momento eu tivesse me sentido como Charlotte Lucas, como Kitty Bennet ou alguma outra personagem cuja história não foi contada.

É tão incrível como a literatura tem o dom de unir e eternizar coisas e pessoas. Sem ela a história morreria, e o mundo seria como a protagonista daquele filme que passava na Sessão da Tarde, "Como se fosse a primeira vez" e teria que reaprender tudo de novo, a cada século. É... aquela frase do meu filme favorito – As Patricinhas de Beverly Hills – sobre os filmes de Adam Sandler, estava errada.

Eu estava feliz pela quantidade de autógrafos que havia dado com minha caneta tinteiro, e quando só meus amigos mais próximos sobraram dentro da livraria, eu entreguei a cada um deles um envelope.

– É sério? – Catá me perguntou ao analisar cada linha do convite preto e branco.

Eu havia escolhido cores sóbrias, pois as achava mais elegantes para a circunstância.

A expressão de minha amiga mudou totalmente ao olhar para o papel, e ela tinha razão de estar surpresa.

– É sim!

– Como você não me contou isso antes, Izabel? Eu não tô acreditando que... ah, caramba. Eu não acredito! Por que não me contou antes? Hein?! Eu sou sua melhor amiga. Melhores amigas são sempre as primeiras a saber sobre essas coisas, depois do cavalheiro pretendido, é claro!

– Quisemos fazer uma surpresa. Você vai ser madrinha junto ao Rique. Quero os dois no altar!

Mas uma última leitora surgiu para garantir seu exemplar de Segundas Impressões, e quando ela se aproximou da mesa, reconheci seu rosto. Era a bibliotecária.

– Você conhece aquela mulher? – Catarina perguntou.

– Por que, você também a conhece?



Me senti linda caminhando pelo salão do Norte & Angi com aquele vestido branco. Excentricamente linda. Rubi havia feito minha maquiagem. Uma sombra acobreada cintilante adornava minhas pálpebras e, logo acima, um rímel potente alongava meus cílios. Ainda bem que tudo isso era feito de material não tóxico, diferente das maquiagens antigas. Ah, a evolução!

TAM-TAM-TAMTAM. TAM-TAM- TAMTAM... Um grupo de sanfoneiros amigos da família tocava a marcha nupcial.

Apenas os amigos e familiares mais próximos tinham recebido o convite, por se tratar de uma cerimônia íntima, a despeito do que minha mãe

queria. Por ela, faríamos uma festa para o bairro de Santa Teresa inteiro.

Mas que outro lugar senão o Norte & Angi eu poderia escolher para ambientar um momento tão especial na vida de uma mulher?

Os quitutes? É claro que não podiam faltar os pasteizinhos de Lady Olga com recheio à brasileira, pois por causa deles o restaurante dos meus pais havia aparecido na coluna de culinária da maior revista do país; sim nós ganhamos aquele concurso e minha mãe reconheceu que eu não era uma lástima na cozinha, pelo menos na teoria.

– Bel é a noiva mais estilosa que já vi na vida – a ouvi dizer quando eu descia as escadas.

Ela desejava que meu vestido fosse mais exagerado, mas a palavra final tinha que ser a minha. “Nada de cauda, isso é coisa de sereia.”, eu havia dito.

Os olhares se voltaram para mim e eu me senti uma estrela de cinema.

Meu pai concluiu com:

– Nossa filha é uma menina muito especial!

– Sempre sonhei em vê-la se casando, mas nunca imaginei que seria assim. Estou emocionada!

– E eu nunca imaginei que fosse acontecer! – respondeu ele, e isso não era uma crítica. Eu mesma concordava com essa frase.

Os floristas eram Júlio e César. O buquê em minhas mãos era feito de flores de cerejeiras artificiais, e combinava com meu traje moderno e delicado, porém inspirado na moda do século XIX, que Manoela tinha desenhado antes de partir. Nada de véu, isso não fazia meu gênero, apenas uma guirlanda delicada em torno da minha cabeça. Minha amiga havia usado o dinheiro do Austenapp para produzir uma coleção de vestidos desenhados pela sua mãe, uma linda homenagem. A coleção se chamava Orgulho e Sensibilidade.

– Cheguei a esse nome porque aprendi a ter orgulho de mim, não orgulho no sentido de vaidade, mas no sentido de não abrir mão de quem sou pelos outros. E a palavra sensibilidade veio do fato de que esse amor próprio, que vem do orgulho, não nos torna insensível ao outro ou ao amor, romântico

ou não. Manoela merece isso!

Isso que ela havia dito combinava perfeitamente com o que Jane Austen, ou seu delírio, dissera a ela em Bath.

– Uma vez, Will disse que sempre quis que uma das heroínas de Austen terminasse sozinha, e eu compartilhava dessa vontade, mas não posso negar que é um clássico ter um final com casamento, não acha? E já que você e o Rique não vão se casar agora, eu pensei que poderia me adiantar – eu havia falado a Catarina quando estávamos nos arrumando no quarto. – Para não quebrar a tradição.

Ela, minha madrinha de casamento, estava igualmente elegante em seu vestido rosê. Nós duas havíamos nos arrumado juntas, longe de SPAs ou salões de beleza conceituados.

Quando o celebrante, que era a própria Rubi, a pessoa ideal para isso, fez aquelas perguntas de praxe no altar, eu respondi:

– Sim, eu aceito Izabel como minha legítima esposa!

Casar comigo mesma era uma delícia, e para isso não precisava de noivo, apenas de uma noiva, que era eu.

Uma excêntrica escritora iniciante que praticava o auto matrimônio, era isso que eu era.

– Eu me aceito! – repeti sabendo que essas três palavras são tão lindas quanto “Eu te amo”.

FIM

Em memória de Lady Olga e a todos aqueles que perderam alguém querido para o Alzheimer.

Em memória de Manoela e a todos aqueles que perderam algo por ser mulher.

CAPÍTULOS EXTRAS

AVISO: O capítulo a seguir consiste na carta de uma seguidora do Instagram de Ana Catarina, a mesma que possui uma papelaria e que foi ao evento de lançamento do livro da Bel para pegar um autógrafo. Aproveite mais uma história de uma Janeite!

CAPÍTULO EXTRA 1

FANI

ATENÇÃO: Este capítulo pode conter spoilers do romance Mansfield Park.

“Há cerca de trinta anos, a Srta. Maria Ward, de Huntingdon, com um dote de apenas sete mil libras, teve a sorte de conquistar o Sr. Thomas Bertram, de Mansfield Park, no condado de Northampton, e com isso elevar-se ao status de nobreza como esposa de um baronete, com todos os confortos e benefícios de uma bela propriedade e alta renda.”

- Mansfield Park



“Querida @EuJaneite,

É com gratidão que te envio esse presente que espero que alegre seu dia, pois em muitos momentos suas fotos foram o presente que alegrou os meus. É maravilhoso como pessoas que não conhecemos, ou melhor, que conhecemos da tela, fazem parte das nossas vidas como se estivessem ao lado da gente. Espero também que nas páginas do presente que estou enviando, você possa anotar muitas grandes ideias para sessões de fotos e postagens. O tempo passa, o papel fica.

Ah, antes de começar, quero te parabenizar pelo aplicativo. O Austenapp é ótimo até mesmo para quem quer simplesmente fazer amigos, como eu. O dono do Facebook que se cuide!

Agora vou compartilhar com você um pouco da história da minha vida. Espero não te aborrecer com uma narrativa longa. Qualquer semelhança com uma certa obra de uma certa autora, eu juro que é mera (e

incrível) coincidência.

Há mais de vinte anos, a senhorita Maria Flores teve a sorte de conquistar João Sanches, jovem herdeiro de uma mansão situada no bairro dos Jardins, região nobre de São Paulo.

Suas duas irmãs mais novas, as senhoritas Laura e Francis Flores, também se beneficiaram desta ascensão, embora não houvessem tido a mesma sorte que a mais velha.

Laura se apaixonou por um amigo de João Sanches que morava no mesmo bairro, mas em um apartamento um tanto menor, e que tinha uma condição um pouco menos favorável, porém, que era, ainda assim, um bom partido. Os benefícios de Francis, a mais jovem, duraram pouco, pois ela se apaixonou por um rapaz morador da periferia e com ele se casou às pressas após engravidar em plena adolescência. As irmãs não apoiaram essa decisão, julgando-a inconsequente, precipitada, sem juízo e tudo mais que o valha, e por quase doze anos, mesmo que morassem na mesma cidade, não se cruzaram nem mesmo uma única vez.

Porém, esse jejum foi quebrado por uma ligação de Francis pedindo ajuda para cuidar de seus filhos, que eram cinco. O marido, com quem ela havia sido muito feliz e que tinha sido um ótimo homem em vida (a despeito das pragas que as irmãs lhe rogaram), havia falecido, e ela não hesitou em pedir socorro quando constatou que não daria conta de sua numerosa família sozinha. Na ligação, ela pediu perdão por ter desprezado os conselhos das irmãs (embora não se arrependesse disso), e as outras duas, apesar de tocadas com esse drama, não deixaram de pensar na célebre frase “eu te avisei”.

Maria, que já tinha seus três filhos para cuidar, não pôde deixar de se comover com a situação da irmã, e juntamente a Laura, que tinha apenas um, decidiu adotar um dos sobrinhos. Seria uma boca a menos para Francis alimentar sozinha, isso iria aliviar seu fardo. Além do mais, a indicou para trabalhar na empresa de um dos amigos de seu esposo.

Mas nem tudo era generosidade em Maria, e como diz a citação do romance Mansfield Park: "O egoísmo deve ser sempre perdoado, porque não há nenhuma esperança de cura."

Passou-lhe pela cabeça que talvez a companhia de uma criança de outro meio pudesse influenciar os primos, por isso, escolher a menina Stefani pareceu o mais acertado, afinal meninas têm uma tendência menor à delinquência, e como ela era a mais velha dos cinco, haveria de precisar de menos atenções. Maria não tomou essa decisão sem antes consultar o marido, até mesmo porque nada fazia sem antes pedir sua permissão.

Como Laura tinha apenas um filho, o natural seria que ela ficasse com a sobrinha em sua casa, e foi isso que Maria pensou que aconteceria, mas a primeira alegou que, pelo fato do esposo estar se sentindo muito indisposto ultimamente, o barulho de uma nova criança não seria saudável (ainda que essa criança não estivesse mais na fase de ruídos sem motivo, e era, inclusive, bastante calada), mas que assim que ele estivesse recuperado, não hesitaria em levar a menina para morar com eles.

A menina escolhida era eu, e aos doze anos fui levada para a casa dos meus tios. Lá, minhas primas Mariana e Julia, ambas um pouco mais velhas do que eu, esperavam ansiosas pela minha chegada, afinal eu era, para elas, a prima desconhecida. O primeiro olhar que lançaram sobre mim foi de desdém, pois elas nunca tinham visto uma pré-adolescente com roupas de criança como as que eu estava vestindo por serem algumas das poucas que tinha. Lá também estava presente meu primo Tom, filho único de minha tia Laura, que não morava na mansão situada no Condomínio do Parque com os outros, mas que gostava de perambular por lá e bagunçar a decoração da minha outra tia.

Alguns dias depois da mudança, meu segundo primo, Eduardo, de quatorze anos, que tinha ido fazer um intercâmbio no Canadá, voltou para casa e encontrou lá uma nova moradora.

– Filho – anunciou sua mãe. – Essa é sua prima, Fani!

Ao contrário dos demais, ele não me olhou com desdém, mas eu percebi que havia sentido certa curiosidade por minha presença. Edu, como todos o chamavam já tinha ouvido falar de minha mãe, sua tia rebelde, mas não a conhecia, e nem a mim ou aos meus irmãos, o que explicava seu susto, afinal aquela era a casa dele.

Sua mãe explicou os acontecimentos que me levaram até lá.

– Bem-vinda! – ele disse por fim. E eu agradeci.

Minha adaptação à mansão, como é de se supor, não foi fácil. Minhas tias, por mais que desejassem estar praticando um ato de benevolência, queriam me moldar a seu bel prazer como quiseram fazer com minha mãe tanto tempo antes. Vez ou outra, eu ouvia comentários que me comparavam às minhas primas. Edu, que implicava com as irmãs, pedia que eu não me importasse com isso, pois ser diferente de Mariana e Julia era uma coisa boa. Eu, mesmo não querendo pensar mal daqueles que me estenderam a mão, concordava com ele.

Realmente, elas eram meninas muito vaidosas. Já eu, impulsionada por minha condição e também por uma disposição de personalidade, não tinha essa característica, nem mesmo depois da renovação que minha tia fez em meu guarda-roupa.

– Esses vestidos que você usava não eram apropriados para a sua idade, você já é quase uma adolescente, deve se vestir como uma mocinha.

Desde criança eu era muito estudiosa, e essa característica se intensificou para aproveitar a oportunidade que eu havia recebido de estudar em um bom colégio e retribuir através das boas notas o que minhas tias estavam fazendo por mim – esse foi o último conselho que minha mãe deu quando saí de casa. Assim não me sentiria um fardo tão pesado. Por conhecer bem a pobreza, eu sabia o valor do que estava recebendo.

Sentia falta dos meus irmãos e também da minha mãe, e sentia muito por eles não terem as mesmas oportunidades que eu estava tendo, mas me resignava acreditando que estar ali era o melhor para todos, e que no dia em que eu voltasse para casa, daria a eles uma vida melhor.

Sempre me encontrava com minha verdadeira família nos fins de semana, e às vezes meu primo Edu, com quem tive afinidade instantânea, me acompanhava até minha antiga casa que consistia em alguns cômodos que, somados, não davam o tamanho da sala da mansão onde agora eu vivia.

Conforme os anos foram passando, meu modo desajeitado, motivo de risada por parte das minhas primas, se amenizava pouco a pouco. Uma vez, na frente delas, uma madame amiga de uma das minhas tias me disse:

– Você é muito bonita, menina! Essa sua pele negra e os cabelos

volumosos lhe dão um brilho original que suas primas não têm.

Agradei ao elogio, e vi Mariana e Julia se roerem de inveja (elas pareciam as irmãs da Cinderela, só que bonitas). Isso me fez rir por dentro, mas apenas por dentro mesmo, porque sabia que se externasse aquilo, estaria sendo ingrata com suas mães.

– Estudando? – perguntou Mariana na noite seguinte.

– Sim!

Ela queria saber que produto eu usava nos cabelos para que eles ficassem brilhantes. Mas essa não era uma das minhas preocupações na vida.

Eu gostava mesmo era de estudar escrevendo com canetas coloridas em meus cadernos encapados por mim mesma, e de manter a caligrafia milimetricamente perfeita sobre a linha. Na escola, os professores elogiavam meu capricho que refletia nas notas do boletim, e eu me orgulhava disso por saber estar seguindo o conselho da minha mãe.

– Que caderno lindo, onde você comprou? – uma colega de classe me perguntou certa manhã.

– Eu mesma fiz – respondi.

– Faz um pra mim? Quanto fica?

– Eu não faço pra vender.

– Ah, que pena. Queria encomendar um.

Quando me perguntaram isso pela primeira vez, eu achei engraçado que alguém quisesse pagar por algo que fazia com tanta facilidade.

– Esse pessoal tem dinheiro sobrando mesmo – pensei.

Personalizar meu material era como uma terapia para mim.

– Espera aí – pensei novamente como se tivesse tido uma ideia genial.

– Terapia se paga.

A partir de então, comecei a ganhar meu próprio dinheiro, ou alguns trocados, como era mais correto dizer. Mas o que mais recebi foi prática e técnica, até que as vendas saíram da minha sala de aula e ganharam os corredores da escola. As alunas populares do terceiro ano começaram a se

interessar em comprar os cadernos personalizados por mim. No começo do próximo ano letivo, eu vendi mais agendas e cadernos do que tomei na feira. Parte do que recebi, usei para comprar presentes para os meus irmãos.

– Fique aqui até o domingo – minha mãe costumava pedir com frequência.

– Não posso! – eu respondia. – Preciso estudar.

– No final de semana?

Fazia parte da minha personalidade essa necessidade de ter tudo sob controle por acreditar que a miséria da minha família se devia ao fato dos meus pais não terem planejado nada. Aquela velha frase “amor não enche barriga” ou “amor só enche barriga durante nove meses” se encaixava aqui. Pensava em meu futuro, anotava minhas metas. Queria controlar minha própria vida e tinha verdadeiro trauma do oposto. Não queria passar pelo que minha mãe havia passado. Essa necessidade me tornou uma adolescente reservada e um pouco neurótica.

– Estudando pra prova? – perguntou meu primo em uma das muitas tardes que eu passava no jardim da mansão no Condomínio do Parque. Eu gostava de estudar ao ar livre, com o sol iluminando os livros e cadernos, clareando minha mente.

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Para variar, né?! – ele se sentou na grama ao meu lado – Muitas encomendas?

– Bastante.

Edu e eu éramos confidentes. Enquanto os outros três jovens da família iam às baladas mais caras da Avenida Paulista, nós preferíamos uma boa conversa e alguns episódios das nossas séries preferidas. Mas eu tinha predileção pelos momentos em que ele me contava sobre seus meses no exterior, e eu anotava no papel com minha letra milimetricamente perfeita, os passos que teria que dar para também ter essa sonhada experiência:

1 – Arrumar um trabalho;

2 – Juntar dinheiro;

3 – Aprender inglês para viajar o mundo.

O terceiro passo começou a ser dado quando eu tinha quatorze anos e meus tios me matricularam em um curso junto às minhas primas.

– Está gostando, filha? – perguntou Francis, minha mãe.

Eu afirmei que sim, e ela se pôs a tecer elogios ao sobrinho Eduardo por estar me ajudando com o idioma de Shakespeare, afinal ele era fluente (e uma das pessoas mais inteligentes que eu conhecia).

– Eu sei que sou seu sobrinho preferido, tia! – disse Edu.

E de fato era. Eu sabia que minha mãe sentia minha falta, e que pensava seriamente em me trazer de volta. O que a dissuadia disso eram as oportunidades que minhas tias me davam, e a presença de Edu era um bálsamo para ela, que vivia com o coração nas mãos. Minha mãe sentia culpa por ter me separado dos meus irmãos, e não posso dizer que eu mesma nunca a culpei por isso, mas sempre que pensava nas dificuldades que ela teve, a desculpava. É como diz a frase de um livro do qual gosto muito, O Grande Gatsby: “Sempre que tiver vontade de criticar alguém, lembre-se de que nem todo mundo teve as oportunidades que você teve.”

Foi com esse livro que aprendi a gostar de literatura, e depois, Edu me apresentou com um exemplar de Mansfield Park no meu aniversário.

Ele mesmo não havia lido a história, e escolheu por causa da capa, mas quando comecei, fiquei tão assustada com as semelhanças com a minha vida, que deixei o livro guardado. Era como se um autor do passado tivesse acesso a uma história do presente, que para ele era o futuro. Aquilo era tão surreal, tão mágico, que me assustou profundamente. Parecia magia! Fanny Price era quase igual a mim, quase...

– Terminou o livro que te dei? – perguntou Edu algum tempo depois.

– Sim! – respondi. Mas era mentira.

Eu havia comprado os outros livros da autora e devorado todos eles, mas Mansfield Park era uma leitura inacabada.

– Gostou?

Balancei a cabeça afirmativamente. Nunca tinha mentido para Edu antes.

Foi através de Jane Austen que me tornei também leitora de fanfics

de Jane Austen. Meu perfil favorito era o @Belfanfics, e minha história preferida da Bel era “Memórias póstumas de Wickham.”.

Certa vez, quando eu e ele estávamos assistindo a um dos seriados que costumávamos assistir, eu me levantei para pegar mais pipoca e ouvi uma conversa que me deixou atordoada:

– Não se esqueça que eles só se conheceram depois de pré-adolescentes, não foram criados como primos desde cedo. A convivência pode fazer nascer algum sentimento – disse meu tio, esposo de minha tia Maria e pai de Edu. – Não é seguro manter dois jovens assim, na mesma casa. Nós sabemos como é o fogo da juventude.

Minha tia Maria respondeu que isso já havia lhe passado pela cabeça, mas que achava que eu era sem graça demais perto das outras moças do nível social de Edu, que o que havia entre nós era apenas amizade e assim seria para sempre.

João não dizia isso por preconceito social, pelo contrário, por ter nascido com muito dinheiro, o valioso papel não significava nada magnífico para ele. Acontece que sua família era supersticiosa em relação a namoro entre primos.

Aquela conversa teve um efeito esquisito sobre mim, pois eu nunca havia pensado em Edu com a maldade que aqueles dois adultos estavam nos atribuindo.

– Tantas meninas bonitas estudaram com ele, inclusive as estrangeiras – respondeu minha tia sem saber que eu a estava escutando. — Edu e Fani nunca serão mais do que amigos!

Ao ouvi-la dizer isso, compreendi que todos os meus esforços para tentar fazer parte daquele mundo através dos estudos eram em vão. Eu não fazia parte daquilo e jamais faria, não importava o quão inteligente me tornasse, jamais seria como eles.

Porém, seu marido não pensava assim, e decidiu que o correto seria enviar o filho a um novo intercâmbio. Eduardo já contava agora dezenove anos, mas mesmo podendo decidir por si, foi persuadido a aceitar passar seis meses agora na ensolarada Califórnia. A notícia foi dada em uma tarde tranquila, interrompendo mais um episódio de nossa série preferida.

– Sério? – perguntei contente por ele, mas triste por mim. Me senti egoísta.

Nossa despedida carregou um misto de sentimentos confusos por natureza. Eu, que sabia das motivações de meu tio e nada dissera a Edu, guardei comigo esse segredo que havia rompido em mim um pedaço da minha inocência.

– Vou te mandar mensagem todo dia – ele disse a mim.

– E manda foto de tudo – pedi.

Eu sonhava em também viajar um dia, quando fosse uma mulher estabilizada na vida. Então não precisaria viver dos favores da mansão do Condomínio do Parque.

No ano seguinte à partida de meu primo para o exterior, eu também tive um novo destino: fui devolvida à casa de minha mãe, mas não com essa palavra, é claro. Minha tia não explicou os reais motivos causadores disso, disse apenas que eu, já agora com dezessete anos, formada no colégio e bastante prendada, tinha idade o bastante para ajudar minha mãe com meus irmãos menores. Eu concordava com isso, pois não fazia mais sentido estar ali sem Edu. Aquele havia sido um ano estranho sem a presença dele, que era tão familiar para mim.

– O lugar dos filhos é sempre ao lado dos pais. Acredito que nós já fizemos todo o bem que podíamos a você, e que tenha chegado a hora de voltar para o lugar de onde veio.

– Sou muito grata por tudo que fizeram por mim – respondi com sinceridade.

– Você pode vim sempre que quiser para nos visitar – disse ela por fim.

E assim voltei ao lugar de onde vim.

Mesmo que visse sempre minha mãe, estar em casa com ela era esquisito. Não que tivesse se acostumado ao luxo e agora desprezasse minha origem, mas apesar de tudo, a mansão tinha se tornado, pelo bem ou pelo mal, o meu lar.

– Tão bom tê-la de volta – disse ela. – Você já é uma moça, e muito

bem instruída, não vai seguir o mesmo rumo que eu, isso me alegra.

Porém, mesmo feliz por poder desfrutar do crescimento dos meus irmãos menores, ainda estava triste pela situação repentina. Não gostava de nada fora dos planos, sabia que iria sair da casa de meus tios um dia, e também que isso não demoraria muito para acontecer, mas planejava isso para dali a alguns meses, quando tivesse arrumado um trabalho.

Eu havia conseguido uma vaga na Universidade Federal graças aos meus métodos de estudos. Em meu íntimo, sentia que minha tia estava com certa raiva dessa minha conquista, pois minhas primas não haviam conseguido o mesmo. Mariana e Julia, para desgosto da mãe, estavam seguindo o rumo da tia Francis, minha mãe, ambas namorando rapazes de nível social inferior, o que para ela era inadmissível. E logo agora minha afinidade com as duas tinha crescido. Ambas estavam muito mais humildes do que anos antes, quando eu as conhecera.

Mas o principal motivo do meu sofrimento era sentir falta de Edu, de nossas conversas, risadas, tardes em frente a TV, etc.

No segundo dia em meu antigo lar, entediada depois de levar meus irmãos à escola e depois de enviar currículos para vários sites de empresas, eu olhava uma sessão de fotos da @EuJaneite quando tive uma ideia: vender meus produtos personalizados na Internet. Se as meninas da escola queriam, outras pessoas também poderiam querer, pensei.

E mãos à obra...

Em pouco tempo, eu tinha meu primeiro produto original, que se tratava de uma agenda personalizada, dividida em sessões: trabalho, estudos, vida pessoal. Tudo tão organizado como sua criadora. Nesse mesmo dia nasceu a papelaria Fani Papel, loja virtual de sucesso na Internet.

– Vem ver meu site, mãe – chamei no dia da inauguração online. Os produtos tinham sido feitos com todo o amor do mundo.

– Edu vai ficar orgulhoso – disse ela.

– Verdade – respondi.

– Você sente a falta dele, não é?!

– Bastante! – respondi.

Então me lembrei do livro que ele me dera tempos antes: Mansfield Park. Eu nunca havia lido até o final, e sentia que havia chegado a hora de tomar coragem para isso.

Foi ao ler o desfecho da história de Fanny Price e de seu primo Edmund, que compreendi coisas que antes não ousaria compreender sobre mim mesma e sobre Edu.

E não demorou muito para chegar o dia em que ele bateu à minha porta dizendo que tinha voltado de viagem por também sentir saudades minhas, e fazendo a declaração de amor há algum tempo guardada.

– Passando na frente da livraria do aeroporto, quando eu estava embarcando, comprei um exemplar daquele livro que te dei, mas só fui lê-lo há algumas semanas.

– Você leu o final?

– Li, sim. E ele me fez perceber que não faz sentido ficar longe de você, Fani – concluiu Edu.

Foi ali que aprendi a enxergar a beleza do inesperado.

Com amor,

De sua fã,

Stefani.”

CAPÍTULO EXTRA 2

RIQUE

Depoimento disponível no aplicativo Austenapp

“Quando me tornei Henry Tilney e conheci minha Catherine Morland”

Vou aproveitar o aplicativo para contar um pouco da minha história de amor com a minha namorada, Catarina. Daria para escrever um livro inteiro sobre isso (narrar histórias é com a minha irmã, não comigo), mas como o limite do app é de 4 mil palavras, vou contar resumidamente como nós nos conhecemos.

Ninguém que tivesse visto Ana Catarina ao nascer teria imaginado que ela iria se tornar uma celebridade virtual, até porque nos anos 90, década em que ela foi concebida, as redes sociais ainda não existiam.

Na época em que nossos olhares se cruzaram pela primeira vez, eu tinha acabado de me formar na faculdade de arquitetura, mas continuava trabalhando na rodoviária. Quando há muitas pessoas que desconhecem um mesmo lugar (esse lugar era o Rio de Janeiro), o guardinha, que no caso era eu, é um indivíduo muito solicitado e, em alta temporada, até disputado a tapa (às vezes literalmente) pelos transeuntes. Mas ao contrário da maioria dos passantes perdidos naquela véspera de Carnaval, uma certa moça não me pediu informação alguma, pois sequer sabia que estava do lado errado da plataforma. Eu a avisei mesmo assim, afinal esse era o meu trabalho.

– Aqui, por favor – eu disse por fim, indicando o lugar onde ela deveria aguardar.

Ela apoiava a mala e a mochila no chão, e parecia esperar alguém que não chegava. Impaciente, agradeceu meu aviso com um sorriso doce e dizendo apenas duas palavras:

– Obrigada, moço!

Quando voltei, minutos depois, ao mesmo lugar, ela já tinha ido embora. Com certeza a pessoa a quem esperava tinha chegado para buscá-la. O fato é que ela não era para mim uma completa estranha, eu já a conhecia da tela do celular porque curti suas fotos em estilo regencial. Eu faço parte do grupo reduzido de homens que se assumem fãs de Jane Austen; isso torna, aos olhos preconceituosos de alguns, minha sexualidade duvidosa, mas eu sempre tive certeza de que algum dia encontraria a dama da minha vida, que não usaria anáguas e vestidos volumosos, mas provavelmente jeans e camiseta. Me perguntei o que a menina do @EuJaneite tinha vindo fazer na minha cidade em pleno Carnaval.

– Henrique, está procurando alguém? – perguntou Luca, meu colega, quando eu procurava a garota no lugar onde a tinha deixado pouco antes.

– Não! – respondi voltando ao meu posto. – Não tô procurando nada. Mas eu estava, sim.

– E aí, vai fazer o que no Carnaval? – continuou ele.

– Vou sair num bloquinho.

– Ah, é?! Qual?

– O bloquinho de Jane Austen.

– Austin? É daquele filme do agente Austin Power? – Luca estava falando sério.

Eu apenas ri e me encaminhei para os guichês, onde havia muitas pessoas procurando por informação. Não era o emprego dos meus sonhos, mas pelo menos ali eu me sentia útil, e isso era melhor do que ficar em casa esperando impacientemente pela resposta de alguma empresa de arquitetura como dezenas de colegas meus.

Naquele mesmo dia, quando cheguei em casa pensando na garota, encontrei uma visitante sentada à mesa com meus pais e minha irmã.

– Rique! – exclamou minha mãe. – Que bom que chegou.

Minha casa ficava em cima do restaurante da família. Para ilustrar melhor o ambiente, vou contar como meu falecido avô paterno construiu nosso negócio:

Imigrante nordestino, ele veio para o Rio de Janeiro com a esposa na

década de 60, ainda sem filhos, para construir a vida em um novo lugar:

A única pessoa que ele conhecia na cidade maravilhosa era um amigo que era dono de um prédio em Santa Teresa, onde funcionava um salão de baile. Esse amigo devia certa quantia ao meu avô, (foi também para perseguir essa dívida que ele havia viajado). Após várias cobranças e tentativas frustradas, meu avô foi pago, mas não com dinheiro, e sim com o tal prédio. Nele, um homem havia flagrado sua esposa dançando com o amante e a assassinado exatamente ali. É claro que a tragédia afetou a boa fama do local, e o dono teve que encerrar as atividades do salão que alegrava os fins de semanas cariocas. A solução para ele foi pagar meu avô com a única coisa que tinha e refazer a vida.

– Eu avisei que dinheiro não se empresta – dissera minha avó Ângela, a quem todos chamavam carinhosamente de Angi, várias e várias vezes.

– Mas, meu bem, essa é a solução para os nossos problemas. Pelo menos teremos onde morar.

– Isso lá é solução? Um prédio onde aconteceu um crime. É mais problema, isso sim. – continuara ela.

– Dinheiro ele não terá para nos pagar. É o prédio ou nada – rebatera meu avô. – Fazemos uma reforma e tudo vai dar certo, podemos até começar um negócio aqui e ninguém vai se lembrar desse crime. Reformamos e deixamos tudo com outra cara.

– Negócio? Nesse salão mal-assombrado? E reforma com que dinheiro? Não temos como comprar nem mesmo uma lata de tinta.

Meu avô gostava de desafios e se encantou com as inúmeras possibilidades que poderia dar ao salão vazio. Para agradar minha avó, a homenageou colocando seu nome no restaurante: Norte & Angi. Depois disso ela nunca mais reclamou, pelo contrário, escrevia orgulhosa às amigas que havia deixado em sua cidade, contando que tinha um restaurante com seu nome.

Foi lá que seus filhos nasceram.

Alguns anos depois de se casar com a minha mãe, meu pai comprou a parte dos meus tios no restaurante e ele passou a ser nosso.

Voltando à nossa história de Carnaval: Bel, a minha irmã, andava

esquisita nos últimos tempos, quer dizer, desde a segunda metade do ensino médio, anos antes. Não parecia mais nem um pouco a menina bacana que brincava comigo quando a gente era criança. Eu não sabia mais das coisas que ela gostava, nem mais quem eram seus amigos, e fiquei surpreso quando, naquela noite, a visitante se virou. Ela estava sentada de costas para a porta por onde entrei, e eu pude ver seu rosto: era a mesma garota perdida na rodoviária. A mesma garota que me deixou desconcertado por já conhecê-la, e agora lá estava ela na minha sala de jantar, comendo uma moqueca de camarão cujo cheiro eu podia sentir das escadas.

Logo entendi que a pessoa que ela esperava na plataforma era Izabel, e a garota me foi apresentada. Ela pareceu me reconhecer também, afinal nossos olhares haviam se cruzado por alguns segundos, mas não mencionou o fato.

– Essa é a Ana Catarina, ela vai passar o Carnaval aqui conosco, e vai ficar também mais uns quinze dias.

– Bem-vinda! – eu disse.

Depois de ser devidamente apresentado, perguntei se ela estava gostando da cidade, mas antes que ela respondesse, minha irmã me deu uma patada:

– Ela nem teve tempo de conhecer nada ainda, Henrique.

Antes, Bel e eu dividíamos as coisas, mais do que irmãos, éramos amigos, e agora eu sequer sabia que ela era amiga da menina do @EuJaneite, nem que iria hospedá-la em nossa humilde residência. Não é todos os dias que se chega em casa e se depara com uma celebridade virtual.

Minha mãe lançou um olhar de reprovação para minha irmã e eu coloquei uma quantidade da cheirosa moqueca no meu prato.

– Antes de ser o restaurante que é hoje, aqui funcionava um salão de baile – contou ela.

– A Bel me disse – respondeu a visitante.

– E uma mulher morreu aqui – concluiu minha irmã. Pelo visto essa parte a turista não sabia.

Percebi que talvez Bel, mesmo sem querer, tivesse deixado sua amiga

assustada, pois Catarina fez uma expressão de susto ao ouvir a revelação. Mas depois, sozinho, me perguntei se teria sido realmente sem querer ou se ela tinha feito de propósito, porém, acabei me negando a acreditar que minha doce irmãzinha seria capaz de uma coisa dessas.

– A sua irmã pelo visto não sabe ser anfitriã – minha mãe me disse na mesma noite enquanto lavávamos a louça. – Largou a menina sozinha na sala e foi para o computador, não sei por que a convidou se era para agir assim. A coitadinha é tão educada e tímida, parece a própria Bel há algum tempo. Dê uma atenção a ela, se puder.

– Eu?

– É, você, oras.

É uma verdade universalmente conhecida que o irmão mais velho sempre paga o pato, mesmo que haja apenas um ano e cinco meses de diferença, como era o nosso caso.

Quando o dia do bloquinho chegou para misturar Jane Austen, tambores e purpurinas, eu estava no corredor e Ana Catarina apareceu vestida com seus trajes regenciais.

– Desculpa, te assustei? – perguntei ao ver que ela se sobressaltou com minha presença.

– É, um pouco.

– Achou que eu fosse um espírito?

– O espírito da mulher assassinada aqui.

– Ah, isso foi há muitas décadas, acho que já deu tempo de ela desapegar do lugar e se tornar um espírito viajado. Ela pode estar em Paris, na Inglaterra, ou até mesmo aqui no Rio, só que na praia. Não acha?

Catarina riu. Eu sabia que ela havia ficado à vontade comigo assim como eu ficava com ela, apesar do pouco tempo de convivência. Constatei que seríamos amigos.

– Você tem o mesmo humor ácido da Bel – disse ela. – Engraçado, eu acho que esse sarcasmo pega, porque desde que me tornei amiga dela, também ando um pouco assim.

Pedi licença e fui para o meu quarto, para me vestir a rigor. Quando

nos vimos novamente, ela disse:

– Mentira! Você também vem?

Eu estava com uma sobrecasaca longa de cor sóbria. Por baixo, uma camisa com babados nos punhos e nos colarinhos. Minhas calças eram justas e iam até acima dos joelhos, se encontrando com as meias longas. Se meus colegas de trabalho me vissem, diriam que eu estava ridículo, e eu teria que concordar com eles.

– Sim. – eu respondi. – Também sou fã. – E contei como tudo começou.

– A Bel tinha me contado sobre isso, sinto muito pela doença da sua avó, ela só não tinha me contado que você também curtia Jane Austen.

– Sim! Sou um *Janeite* do sexo masculino.

Minha irmã chegou, trajando o vestido mais elegante que eu já tinha visto. Eu havia escutado minha mãe falar quão caro havia sido aquilo, e que decerto Bel queria impressionar alguém, só não sabíamos quem. Ana Catarina a elogiou, e eu concordei com os elogios dela, Bel estava uma verdadeira dama da alta sociedade.

– Vamos? – ela perguntou.

No metrô, nós fomos menos olhados do que esperávamos. Era Carnaval e tinha muitas outras pessoas fantasiadas, e isso incluía um cara vestido de carneiro, o que roubou a cena. Não tinha pra ninguém!

– Isso aqui é muito animado – Catarina me disse em alto tom, pois a marchinha cobria nossas vozes.

Agora estávamos na rua, no meio do aglomerado de pessoas.

– Em São Paulo não é assim? – perguntei.

– O Carnaval do Rio tem um charme especial. E eu nunca tinha desfilado antes.

– *Nunquinha?*

Ela negou com a cabeça.

O pessoal do bloco era leitor assíduo de Austen, mas também havia muitos penetras que seguiam o fluxo apenas para observar nossos trajes mais

de perto e festejar conosco.

– Haja desodorante, hein?! – perguntou um deles. – Ficar com essa roupa quente nesse calor.

Ana Catarina sorriu, e eu notei como ela ficava bonita quando achava algo engraçado, e também o quão fácil era fazê-la rir, pois mesmo eu, que não levava jeito para piadas, havia arrancado uma risada dela mais cedo com uma piada boba.

– Se divertiram? – minha mãe perguntou quando voltamos para casa.

– Muito! – respondeu Bel, que não tinha saído de perto de um grupo de arruaceiros o tempo inteiro. – Mãe, amanhã vou sair com um colega meu.

– A Ana Catarina vai com você?

– Vai, é claro!

– Tudo bem, então! Só volte cedo.

Mas no dia seguinte, Bel me pediu um favor:

– Você pode levar a Catá pra passear?

– Eu? Por quê?

Ela explicou que iria a um encontro, e que não poderia levar a amiga junto porque ela atrapalharia.

– Atrapalharia? – fiquei assustado ao pensar sobre o conteúdo desse tal encontro, afinal Bel era minha irmã mais nova e para sempre seria.

– Não tem como deixar isso pra daqui uns dez dias, por acaso o cara vai desintegrar?

– Não, não dá – Bel respondeu.

Porém, acabei me compadecendo da visitante e aceitando ser seu guia turístico.

– Se você quiser – eu disse a ela. – Pode ir comigo na casa da minha avó ao invés de segurar vela, o que acha?

Ana Catarina deu de ombros, mas não com desdém do meu convite, e sim para demonstrar que estava insatisfeita com as atitudes de Izabel. Ela era educada demais para dizer isso com palavras, por isso esperou que eu

compreendesse seu gesto singelo, e eu compreendi.

– Só se quiser – continuei.

– Acho que vou gostar de conhecer a famosa Lady Olga.

Então a levei para conhecer a causadora do meu gosto por Jane Austen, e por um motivo especial as duas se adoraram. Minha avó era a responsável não só por isso, mas por eu ser quem era, ela era uma mulher muito especial para mim. O chá da tarde foi agradável, pois Catá em momento algum olhou para minha avó como se ela fosse uma aberração.

– Eu gostei tanto dela – disse minha nova amiga.

– E ela de você. Sabe o motivo, né?!

As duas haviam se dado muito bem, e apesar de Ana Catarina não estar familiarizada com a doença, agiu com muita naturalidade diante da situação.

Bel já estava em casa quando nós dois chegamos.

– Como foi o encontro? – perguntei.

– Foi beleza! – ela respondeu sem mudar a expressão fácil. E eu soube que não tinha sido tão bom assim.

– Certeza?

– Por que não seria?

– Calma, só perguntei. Crise de pós-adolescência?

– Me deixa, Rique! Prefiro chamar de crise universitária, pode ser?

Depois eu as levei para conhecer algumas livrarias, o que foi bom para estreitar nossa amizade que estava começando, mas que já era muito intensa. Ver Ana Catarina caminhando entre as prateleiras de livros, tão encantada, me encantava também.

– Vou levar este aqui – ela disse me mostrando o livro escolhido, que tinha o título “Histórias da Casa Velha da Ponte”.

– Eu adoro casas velhas – respondi. – Elas me enchem de perspectiva sobre as suas possibilidades. Casas velhas possuem histórias.

Bel observava atenta nossa conversa, sem nada dizer.

– Vou levar este – ela mostrou um exemplar de Edgar Allan Poe.

Para encurtar a história: os dias da viagem de Ana Catarina na minha casa foram passando e, durante eles, nossa amizade começou a ser construída, tal como um edifício.

– Por que você escolheu arquitetura? – me perguntou ela em uma tarde em que almoçávamos no restaurante da minha família.

Ana Catarina tinha me contado que iria começar a faculdade de jornalismo no mês seguinte, e eu não imaginava nenhum curso que fosse mais a cara dela.

– Ah, eu me encanto com os castelos, os chalés, as construções em geral, elas são uma metáfora para a vida, que também se constrói tijolo por tijolo, sabe?! O amor é como a arquitetura – juro que isso não foi uma cantada.

– Uau! Que poético.

Foi assim que falamos sobre o amor pela primeira vez. Ela me perguntou se eu já havia tido uma namorada, e eu revelei que em meus vinte e poucos anos só tivera breves encontros do acaso.

– E você? – perguntei.

– Eu?

– Sim.

– Eu beijei um cara uma vez. E só.

– Ah.

– Deve estar surpreso, né?! Na minha idade as pessoas já ultrapassaram bastante essa conta, e já beijaram mais bocas do que se dá pra contar nos dedos das mãos e dos pés.

– Não te acho esquisita por ser diferente da maioria, acho apenas especial.

Eu já a admirava quando a via pela tela, e agora que a conhecia pessoalmente, não tinha dúvidas de que estava mais do que interessado na sua amizade, eu estava me apaixonando pela sua personalidade. Era como se a gente tivesse sido feito do mesmo tipo de material, como diria a Cathy de O

Morro dos Ventos Uivantes, e sabia que em mais algum tempo de convivência, eu poderia me assumir perdidamente apaixonado por Ana Catarina.

Tudo estava acontecendo tão rápido, mas como disse Jane Austen:

“Não é o tempo nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição. Sete anos seriam insuficientes para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais que suficientes para outras.”

– Você tá a fim da Catá, é?! – Bel percebeu.

– Não. Eu só... gostei bastante da companhia dela, só isso. Ninguém se apaixona em dias.

Eu tinha em mente essa verdade que era provada em meus livros favoritos. Não era um entusiasta de amor à primeira vista.

– Talvez esteja te faltando atitude – disse ela, ignorando minha resposta evasiva.

– Atitude?

Esperei os conselhos de minha irmã mais nova e rebelde.

– É, você é cavalheiro demais, sei lá. Por isso ela não percebe. Acho que você deveria fazer algo logo, porque depois que ela for embora, duvido que vá conquistá-la pela internet.

Isso me fez refletir, mas decidi manter nossa amizade da maneira que estava.

Em uma noite chuvosa de verão, vi Catarina sentada no sofá da nossa sala, lendo o recém-comprado exemplar de Bel das histórias de Poe. Ela parecia entretida com alguma história de terror.

– A Queda da Casa de Usher – contou. – Fala sobre uma casa mal-assombrada.

– Sugestivo – respondi.

Eu esperava que ela não achasse que a nossa casa era como a de Usher.

Dias depois, estava na rodoviária quando:

– Não faz sentido você ir embora agora, Catá – ouvi uma voz

conhecida dizer.

Saí de meu posto seguindo essa voz, que pertencia à minha irmã, e fui encontrá-la a poucos metros, junto a Ana Catarina, que carregava a mala com a qual viera. Não me manifestei, apenas as observei discutir. Não estavam alteradas a ponto de precisarem ser separadas, mas era visível que havia emoção em ambas.

– Não sei por que você me convidou para vir te visitar, desde que cheguei você só me destrata. Parece que não queria que eu viesse. Não foi fácil convencer a minha mãe a me deixar passar tantos dias longe de casa, sabia?

– Isso não é verdade! – Bel não parecia ter uma resposta além daquela.

As duas ficaram em silêncio por alguns segundos, o que deu uma dramaticidade à cena.

– É verdade, sim. Toda a sua família percebe. Se não fosse seu irmão, minha viagem teria sido um fiasco. Sinceramente, Bel... você não é a garota que eu conheci na Internet, eu me enganei muito com você.

Ana Catarina seguiu em frente, deixando Izabel parada no meio dos passantes. Nenhuma das duas notou que eu estava assistindo à discussão, e decidi seguir Catá.

– Oi! – eu disse. Ela estava na fila do guichê, esperando para trocar sua passagem, cuja data era para dali a alguns dias para um embarque imediato.

– Você!

– É! Eu.

Ela balançou a cabeça afirmativamente como quem não sabia o que dizer.

– Você não ia embora só daqui a três dias?

– Resolvi antecipar.

E eu decidi contar a verdade:

– Eu vi a discussão.

– Sério? Não queria que tivesse visto, foi tão vergonhosa.

– Não foi culpa sua. Ah, e obrigado pela parte que me tocou, sobre a viagem não ter sido um fiasco por minha causa.

Ela sorriu.

– Eu não tenho sangue de barata, apesar de parecer que sim, e acabei me cansando. Olha que sou uma pessoa paciente. Na Internet a Bel era tão legal, e nós conversamos por bastante tempo antes de decidirmos nos conhecer pessoalmente, sabe?

– O que ela fez de tão grave a ponto de te deixar assim?

– Desculpa falar dela assim, sei que ela é sua irmã, mas hoje ela me levou pra sair e me deixou lá, plantada, sozinha, e quando vi, já tinha escurecido. Liguei para ela, que disse que tinha ido dar uma volta com o resto do pessoal e me esquecido. Eu nem sabia onde estava, não tinha dinheiro no bolso e fiquei morrendo de medo. Me senti tão mal com isso! Poxa, não sou o Macaulay Culkin que é deixado para trás e vai viver altas aventuras na Sessão da Tarde.

Eu ri. Ela era engraçada e isso me fazia lembrar de Bel. Talvez elas fossem mais parecidas do que achavam.

– Posso te dizer uma coisa?

– Claro!

– A Bel não é essa garota nojentinha que você encontrou aqui, ela é a menina legal que conheceu na Internet.

– Então essa com quem acabei de discutir era uma impostora que entrou no lugar dela?!

– Você tem razão! – Bel exclamou surgindo à nossa frente. – Eu sou uma impostora.

Sua presença causou um impacto dramático na cena.

– O quê?

– Preciso que me desculpe por isso!

– Não tenho do que te desculpar. Você não tinha a menor obrigação comigo. Eu que sou uma boba sentimental!

– Eu queria me mostrar para você, só isso.

Nós dois ficamos surpresos com a revelação, e curiosos com o que a minha irmã tinha pra falar em sua defesa. Bel continuou:

– Você tem muitos seguidores, é linda, um monte de gente curte as suas fotos enquanto só meia dúzia curte as minhas. Eu te adoro. Quando você chegou, me senti insegura com a minha vidinha idiota, a única coisa que faço é servir mesas no restaurante dos meus pais. Você é minha melhor amiga, e eu não tenho muitos amigos além de você. Sabe aquele cara do bloquinho?! Ele me chamou pra sair aquele dia em que vocês foram visitar Lady Olga, e eu fui, mas ele queria mesmo é que eu o apresentasse a você.

– Como assim? Você fez tudo isso pra me impressionar? – Catarina estava tão surpresa quanto eu.

– Sim! E o pior de tudo é que me sinto uma idiota agora.

– Meninas – eu disse intervindo. – Quer dizer, Bel – me virei para minha irmã. – A sua vida não é idiota. Você tem um trabalho lá no restaurante, muitos clientes elogiam você. Também tem a faculdade. E principalmente o que você mais ama fazer: as fanfics. A Catá é boa em tirar fotos, eu mesmo a sigo no Instagram faz tempo – olhei para ela, que pareceu surpresa com o fato, pois nós nunca tínhamos falado sobre isso. – Você pode não ter tantas curtidas nas fotos, mas ela não escreve como você. O brilho do outro não apaga o seu. Esse negócio de competição feminina é uma coisa que os babacas, como esse cara do bloquinho, inventaram para jogar garotas como vocês umas contra as outras para elevarem os egos deles.

– Você tem toda razão. Catá... volta pra casa com a gente?

Resumindo: as duas fizeram as pazes, e Ana Catarina deu a Izabel uma segunda chance para se mostrar a garota amável que ela realmente era (e que voltou a ser após a crise de identidade).

Depois que a viagem acabou, nós continuamos conversando online e criamos uma amizade virtual.

Porém, alguns meses se passaram e eu confirmei minha paixão. Decidi, então, seguir os conselhos de minha irmã e enviar um e-mail a ela, para o endereço que deixava na descrição do perfil. Estilo correio elegante, anonimamente. Disse que era seu Henry Tilney na esperança de que ela

compreendesse que era eu, Henrique, e percebesse a coincidência dos nomes.

Mas ela não percebeu, e nos dias seguintes foi como se nada tivesse acontecido. Catarina nem fazia ideia que eu estava interessado nela, e essa falta de percepção até que fazia sentido, porque assim como as mocinhas dos livros de Jane Austen que não sabem o que causam nos corações dos cavalheiros ao seu redor, ela desconhecia os próprios encantos.

Até que fui à cidade dela para passar alguns dias, e quando nos despedíamos, eu a chamei de Catherine Morland.

– Você...

– Sim, eu sou o cara que te mandou aquele e-mail!

Foi assim que me tornei seu Henry Tilney.

“A amizade é decerto o melhor bálsamo contra as dores da decepção amorosa.”, por ironia do destino, nosso caso foi o contrário.

Se você gostou da minha história de amor com a minha Catarina, deixe a sua curtida aí embaixo.



POST SCRIPTUM: O restante dessa história de amor você já conhece.

RECEITA DE
CORNISH PASTY
À BRASILEIRA

Espero que a receitinha da Bel para o concurso da revista tenha te feito salivar. Com essa esperança, eu, Katherine – a autora deste livro e verdadeira criadora da receita – decidi deixá-la aqui para que, caso tenha vontade, você possa se deliciar. Compartilhe com seus amigos!

Ingredientes para a massa

450 gramas de farinha de trigo
2 colheres de chá de fermento em pó
1 colher de sal
125 gramas de manteiga (pode usar margarina mesmo se não tiver)
sem sal
2 gemas de ovo
125 ml de água fria.

Ingredientes para o recheio

1/2 kg de camarão descascado e lavado, sem cabeça e rabo
2 cebolas médias
2 tomates
Leite de coco
Azeite de dendê
1 cheiro verde picado
10 pães
2 pimentas cheirosas
Sal e pimenta (malagueta ou murupi) a gosto.

Modo de preparo da massa

Coloque a farinha de trigo, o fermento, sal, manteiga e as gemas de ovos em um processador de alimentos até que a mistura forme migalhas.

Lentamente, adicione a água até obter uma bola de massa. Embrulhe a massa no plástico aderente e deixe descansar na geladeira por uma hora.

Modo de preparo do recheio

Refogue o camarão com 3 colheres de dendê junto com a cebola, o tomate, cheiro verde e pimenta cheirosa, reserve.

Bata no liquidificador os pães com água. Para cada 2 pães, 1 copo de água.

Despeje o pão batido em uma panela e leve ao fogo.

Deixe ferver, mexendo sempre, ele começará a engrossar.

Conforme isso acontecer, adicione o restante do dendê.

Acrescente o camarão refogado.

Adicione o sal e pimenta, mexendo sempre para não grudar no fundo da panela. É importante que tenha consistência.

Quando estiver quase pronto misture o leite de coco e retire do fogo.

Conclusão

Pincele a massa por fora com ovo batido. Adicione o recheio e feche pastel por pastel. Em seguida, coloque-os no forno por cerca de 50 minutos, até que a massa esteja crocante e douradinha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pride and prejudice, Jane Austen.
Sense and Sensibility, Jane Austen.
Persuasion, Jane Austen.
Northanger Abbey, Jane Austen.
Emma, Jane Austen.
Mansfield Park, Jane Austen.
Letters of Jane Austen, Jane Austen.
Amor e Amizade, Jane Austen.
A memoir of Jane Austen, James Edward Austen Leight.
Jane Austen: uma vida revelada, Catherine Reef.
Dom Casmurro, Machado de Assis.
Poems, Elizabeth Bishop
Otelo, Shakespeare
Jack & Alice, Jane Austen.

AGRADECIMENTOS

A lista não ficará compatível ao tamanho da minha gratidão por esse livro. Não mesmo! De verdade! Pois, para isso, eu precisaria de mais seiscentas páginas, e duvido que qualquer leitor tenha paciência para isso.

Antes de tudo, agradeço a Deus por ter me inspirado essa história e me dado condições para escrevê-la. Foi um processo longo e de muita pesquisa sobre a Era Georgiana e Jane Austen. Sou extremamente grata por cada dia que passei com Catarina e Bel.

A Mara Sop, que foi a primeira beta desse livro, isso em uma época em que ele era tão pequenininho que nem poderia ser chamado de romance.

A Tamires de Carvalho, por ter lido Austenapp em uma fase intermediária. Sua visão foi muito importante para os rumos tomados.

A Roberta Ouriques, pelo trabalho do seu blog Romances Históricos, que trouxe informações muito importantes para as minhas pesquisas.

À minha revisora maravilhosa, Aisha Andris, por deixar seu olhar importantíssimo sobre essa obra.

A cada leitor e blogueiro que, ao ter notícia do lançamento, compartilhou a boa nova me ajudando a arrebanhar mais ovelhas para a comunidade Austenapp. Espero que em pouco tempo sejamos muitos.

E é claro, um agradecimento especialíssimo ao legado de Jane Austen.

[1] Jane Austen produziu suas histórias entre o final do século XVIII e começo do XIX, mas como as publicou apenas neste segundo, é sempre ele que será mencionado aqui como referência.

[2] 1765 – 1843. Foi uma amiga da família Austen. Após sua morte, ficou conhecida como colecionadora de receitas culinárias. Austen considerou Martha como uma segunda irmã, como sua carta datada de 13 de outubro de 1808, escrita a Cassandra, mostra: *"Com que verdadeira simpatia nossos sentimentos são compartilhados por Martha (...) ela é a amiga e irmã em qualquer circunstância."* Ela também foi mencionada diretamente em um poema de Jane Austen. Quando a irmã de Martha, Mary, se casou com James Austen em 17 de Janeiro de 1797, a Sra. Austen escreveu: *"Diga a Martha que ela também vai se tornar minha filha."* Martha Lloyd foi uma das primeiras leitoras de Orgulho e Preconceito.

[3] A Sra. Austen também se chamava Cassandra. Naquela época, era comum as matriarcas presentear uma de suas filhas com o próprio nome, assim como os pais ainda costumam fazer hoje em dia com seus filhos homens.

[4] Há poucos registros sobre a figura misteriosa de Madame Bigeon, tão querida por Jane Austen.

[5] Coincidentemente o mesmo nome da atriz que interpretou Hermione na série de filmes Harry Potter.

Jane Austen começou a escrever Os Watsons em 1803 e provavelmente abandonou o manuscrito em 1805 com a morte de seu pai.

[6] NOTA DA NARRADORA: Os trechos das cartas de Jane para Cassandra transcritos na fanfic, são reais, assim como o fato mencionado sobre o Sr. e Sra. Austen terem se conhecido na cidade de Bath, e também a passagem sobre os furtos da tia de Jane. Suas biografias afirmam que a autora realmente estava decidida a vencer a doença e se manter firme na Terra. O testamento de Jane mencionado no conto é verdadeiro, tal como seu endereço na College Street, suas últimas palavras, a existência de George – o irmão com necessidades especiais – a dedicatória em Emma ao Príncipe Regente, o noivado relâmpago de Jane e o nem tão rápido assim de sua irmã Cassandra.

[7] É uma atriz e modelo britânica muito conhecida por sua atuação em filmes adaptados de livros clássicos, entre eles “Orgulho e Preconceito”, versão de 2005.

[8] É um ator britânico.

[9] Nascida em 1911 e falecida em 1979, Bishop é considerada uma das mais importantes poetisas da língua inglesa.

[10] É um ator britânico que interpretou o Sr. Darcy na série de 1995.

[11] Foi um autor norte americano nascido em 1835 e falecido em 1910. Entre suas obras, se destacam “As aventuras de Huckleberry Finn” e “Tom Sawyer”

[12] Foi uma autora inglesa nascida em 1816, um ano antes da morte de Jane Austen, e falecida em 1855. Era irmã de Emily e Anne Brontë, autoras de O Morro dos Ventos Uivantes e Agnes Grey, respectivamente.

[13]

[14] NOTA DA NARRADORA: Nada contra o Adam Sandler.

[15] É um condado situado no sudoeste de uma península da [Inglaterra](#), [Reino Unido](#), e que é relacionado historicamente com a região homônima da [Cornualha](#), [França](#).

[16] Eram eles: Henry Thomas Austen, Edward Austen, Francis Austen, Charles Austen, James Austen, George Austen e, é claro, Cassandra Austen.

[17] Jane Austen terminou de escrever Emma aos 39 anos, em 1815.

[18] Os Watsons e Sanditon, as obras inacabadas, assim como a Juvenilia, também foram publicadas apenas postumamente. Uma curiosidade: um manuscrito raro de Os Watsons foi leiloadado em Londres no ano de 2011 pelo valor estipulado de 300.000 libras, uma biblioteca da Universidade de Oxford foi a compradora. Porém, no ano de 1915, durante a Primeira Guerra Mundial, William Austen-Leigh, sobrinho de Jane, já havia leiloadado quinze páginas desse manuscrito para ajudar uma Cruz Vermelha. O lote foi arrematado e uma década depois comprado por um banqueiro. A maior parte do manuscrito permaneceu com a família, que em 1978 a vendeu para uma fundação.

[19] Trata-se de uma planta comestível mais usada para fins fitoterápicos. No fim de 1816, ano em que a autora adoeceu, disse à sua irmã, Cassandra: “Escrever me parece impossível, com a cabeça cheia de quartos de carneiro e doses de ruibarbo”.

[20] Título da história “Carta Primeira – De uma mãe para sua amiga”. Pode ser encontrada na Juvenilia da autora.

[21] Propriedades principais dos livros A Abadia de Northanger, Emma, o homônimo Mansfield Park e Orgulho e Preconceito.

[22] Segundo Nicholas Jeeves, autor de um artigo sobre retratos no século XVII, “era algo bem estabelecido que quem sorria abertamente, na vida e na arte, era apenas o pobre, o libidinoso, o bêbado, o inocente e o que trabalha para entreter a outros”, ou seja, quem não era nenhuma dessas coisas, deveria manter os lábios cerrados ao posar. Sorrir se tornou comum apenas no século XX.

[23] O ano da carta é 1840.

[24] Publicado na revista em fevereiro de 1807. Não foi encontrado registro sobre o desfecho do caso.

[25] Filme de 2007.

[26] Composta por Caroline Keppel, que foi a primeira escritora teatral profissional inglesa, o que merece um grande reconhecimento, porque em um tempo onde mulheres não possuíam tantos direitos, ela se tornou famosa e influente. A canção “Robin Adair” é tocada por Jane Fairfax no livro Emma.

[27] O iluminador se chamava “Pear’s Almond Bloom of roses” e era uma febre entre as moças da época.

[28] Referência a uma passagem do conto Jack & Alice. Jane Austen utiliza essas mesmas palavras para descrever o belo Charles Adams.

[29] Trecho da música “Sampa”, de Caetano Veloso e David Byrne.

[30] A peça foi escrita por volta do ano de 1603. A história gira em torno de quatro [personagens](#): Otelo, que é um general [mouro](#) que serve o reino de Veneza, sua [esposa](#) Desdêmona, seu tenente Cássio, e seu suboficial, o maquiavélico Iago. Por conta dos temas fortes: racismo, [ciúmes](#), [traição](#), continua sendo uma obra muito atual.

[31] A viagem de coche que dá o pontapé inicial na obra Sanditon, é de cerca 35 a 40 milhas.

[32] É um [rapper](#), [compositor](#), [cantor](#), [ator](#), [DJ](#) e [produtor musical](#) [norte-americano](#). Will.i.am é um dos fundadores do [Black Eyed Peas](#). Seu nome é um trocadilho que significa “Eu sou Will”.

[33] A carta é datada do ano de 1800.

[34] Jack & Alice é um conto que foi escrito por uma Jane Austen quase debutante, aos 15 anos de idade. De leitura fluida e divertida, o texto mostra que a irreverência, o sarcasmo e a ironia acompanhavam Jane desde então. A obra pode ser encontrada em sua Juvenilia, que é o compilado de seus escritos de juventude.

[35] Personagens de bailes de máscaras.

[36] Mais uma referência a Jack & Alice. No conto, o personagem Charles utiliza uma máscara de Sol durante o baile em que Alice se apaixona por ele.

[37] [O Jane Austen Centre](#) alega ter recorrido a técnicas forenses e relatos de testemunhas oculares para criar uma imagem mais próxima da autora de Orgulho e Preconceito. A estátua demorou três anos para ser criada, com a artista forense Melissa Dring tomando como ponto de partida o esboço feito pela irmã de Austen, Cassandra.

[38] Cassandra Austen não era uma pintora profissional, e fez uma mistura de esboço e aquarela do busto da irmã Jane por volta do ano de 1810. Mais de meio século depois, quando o sobrinho James Edward Austen-Leigh escreveu a biografia da autora, foi encomendada uma ilustração baseada na aquarela de Cassandra para o livro. A nova imagem, feita no estilo pontilhado, difere muito da original no que se refere ao acabamento.

[39] A Catedral Metropolitana de São Paulo, que fica no coração da cidade, é considerada o quarto maior templo [neogótico](#) do mundo. Ela foi criada em 1591.